



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

RAFAHEL JEAN PARINTINS LIMA

**A CONSTRUÇÃO TEXTUAL E SOCIOCOGNITIVA DO
RACISMO NOS (DES)ALINHAMENTOS À *HASHTAG*
#SOMOSTODOSMACACOS**

**CAMPINAS
2019**

RAFAHEL JEAN PARINTINS LIMA

**A CONSTRUÇÃO TEXTUAL E SOCIOCOGNITIVA DO RACISMO NOS
(DES)ALINHAMENTOS À *HASHTAG* #SOMOSTODOSMACACOS**

**Tese de doutorado apresentada ao Instituto
de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título
de Doutor em Linguística.**

Orientadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato

**Este exemplar corresponde à versão final da
Tese defendida pelo aluno Rafahel Jean
Parintins Lima e orientada pela Profa. Dra.
Edwiges Maria Morato.**

**CAMPINAS
2019**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

P218c Parintins Lima, Rafahel Jean, 1987-
A construção textual e sociocognitiva do racismo nos (des)alinhamentos à hashtag #SomosTodosMacacos / Rafahel Jean Parintins Lima. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Edwiges Maria Morato.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Racismo. 2. Antirracismo. 3. Intertextualidade. 4. Referência (Linguística).
I. Morato, Edwiges Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The textual and sociocognitive construction of racism in the (dis)alignments to the hashtag #SomosTodosMacacos

Palavras-chave em inglês:

Racism

Anti-racism

Intertextuality

Reference (Linguistics)

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutor em Linguística

Banca examinadora:

Edwiges Maria Morato [Orientador]

Kassandra da Silva Muniz

Lucia Helena Oliveira Silva

Lucilene Reginaldo

Anna Christina Bentes da Silva

Data de defesa: 29-08-2019

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-0128-3068>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7676055251109350>



BANCA EXAMINADORA:

Edwiges Maria Morato

Kassandra da Silva Muniz

Lucia Helena Oliveira Silva

Lucilene Reginaldo

Anna Christina Bentes da Silva

**IEL/UNICAMP
2019**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

“Tendo o campo de batalha delimitado, entrei na luta”.

Peles negras, máscaras brancas, Frantz Fanon

DEDICATÓRIA

Para meus familiares

AGRADECIMENTOS

A presente tese de doutorado não teria sido produzida sem a colaboração e o apoio de determinadas instituições e pessoas, a quem minha família e eu agradecemos profundamente, pela importância que tiveram no período da minha graduação na UFPa e no mestrado e doutorado na UNICAMP.

A Nita e Raimundo, meus pais, que criaram minhas irmãs, meus irmãos e eu em meio às dificuldades que o mundo oferece a pessoas de origem humilde e “cabuca”, mas também em meio às alegrias que a vida perto dos “garapés” nos oferece; a minhas irmãs Raika e Raquel e a meus irmãos, Geovan, Ney e Nerinho;

A meus amigos e colegas:

Carlinhos, esse moço tão especial, Célia e Toninho (pelo grande apoio, carinho, disponibilidade e por serem minha família em Campinas);

Emília Oliveira, Carla Leão (as duas, pelo compartilhamento de planos, de grandes ideias e de cafés);

Elder Willott, Flávio Ferraresi, Jackline Lopes;

Jaqueline Camargo (especialmente pelas sugestões, mas também pelos abraços fortes), Fernanda Carriel, Mônica Clavico, Natalia Nascimento, Felipe Bernardo (por me ouvirem e me apoiarem bastante, de diferentes formas, possibilitando parte da minha sobrevivência simbólica em Campinas);

Narcleyre;

Kátia Sartori, José Freitas e Kelly Cristina;

Quelli Foleiss, Moisés Donizete, Suelen Moraes, Flávio Rodrigo, Marta Menezes, Mônica Menezes, William Lima, Marcela Franco, Eliana Martiniano (Ellen), Bia Trevisan, Shirley Cristina, Rogério Bourdignon, Elaine Oliveira, Irineu Júnior, Camila Neves, Antonio Martiniano (Tché), Roberta Rezende, Eliciany Miranda (Any), Carina Victor (Adelaide), Sofia Victor, Tinna Santos, Guilherme Oliveira, Alexsandro Freitas (Aleh), Guilherme Eugênio, Marcos Santos;

A meus colegas e amigos da pós-graduação do IEL: Natália Ferrari, Juliana Calligaris, Erik Martins, Rafaely Cruz, Cláudio Vasconcellos, Felipe Xavier, Rafaela Mariano, Ana Cecília Accetturi, Maria Eduarda, Flávio Benayon, Ricardo Bezerra, Beatriz Ferreira Silva, Camille Miranda, Felipe Nascimento, José Tonezzi, Bruno de Jesus, Sérgio Casimiro e, principalmente, Nathalia Freitas;

Aos membros da Frente Pró-Cotas da Unicamp, do GT Cotas Pós IEL e do GT Antifraude, com quem participei das lutas por cotas na graduação e na pós-graduação da Unicamp;

Aos membros de coletivos pró-cotas na pós-graduação da Unicamp, principalmente Stefany Izidio, Maurício Nascimento, Sidélia Silva (pela leitura atenta de parte do texto e pelas instigantes sugestões), Robson Sampaio, Milena Oliveira e Pedro Almeida, pelo importante compartilhamento de experiências e de ideias relativas às questões raciais;

Aos membros do Grupo de Estudos Africanos em Geografia, Matheus Gusmão e Jamaa Tendaji Bakari, que me recomendaram o livro de Carlos Moore;

Ao Núcleo de Consciência Negra da Unicamp, pelo protagonismo na conquista da política de cotas raciais e de processo seletivo indígena nessa Universidade;

A todas as pessoas que ontem ou hoje dedica(ra)m sua vida à luta para que outras/os trabalhadoras/es possam ter melhores, ainda que não ideais, condições de vida, para seguir lutando, como sempre, pela conquista de liberdades democráticas ainda não plenamente estabelecidas e constantemente ameaçadas;

Aos membros do Grupo de Pesquisa COGITES-Cognição, Interação e Significação;

Aos participantes do Centro de Convivência de Afásicos, por tantas trocas realizadas;

À Professora Doutora Edwiges Morato: pelas importantes e inúmeras contribuições para este trabalho e para minha formação, pelo interesse, pela perspicácia, pela humanidade e pela generosidade acadêmicas demonstradas na orientação da pesquisa de doutorado e em muitas atividades acadêmicas das quais tive oportunidade de participar com ela desde 2012. Grande parte do espírito científico e intelectual deste trabalho está ancorada nas reflexões e ideias tecidas em seus textos acadêmicos, em conversas, em reuniões e em sala de aula;

À Professora Doutora Anna Christina Bentes: pelas muitas intervenções teóricas diretas e indiretas no meu percurso científico durante a participação nas disciplinas de Pós-graduação em Linguística que realizei. Novamente também agradeço pelo trabalho realizado na orientação no Mestrado. Seu interesse nas relações entre linguagem e sociedade é uma inspiração teórica e analítica para a minha vida intelectual e, com certeza, seguirá sendo;

Às Professoras membros da Banca de Qualificação, Dra. Edwiges Maria Morato (Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas-IEL/UNICAMP), Dra. Lúcia Helena Silva (Universidade Estadual Paulista-UNESP/Assis), Dra. Anna Christina Bentes (Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas-IEL/UNICAMP): pelas importantes sugestões em um momento fundamental do desenvolvimento da tese;

Às Professoras membros titulares da Comissão Examinadora de defesa de tese de doutorado, Dra. Edwiges Morato (Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas-IEL/UNICAMP), Dra. Kassandra Muniz (Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP), Dra. Lúcia Helena Silva (Universidade Estadual Paulista-UNESP-Assis), Dra. Lucilene Reginaldo (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas-IFCH/UNICAMP) e Dra. Anna Christina Bentes (Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas-IEL/UNICAMP): pelas fundamentais contribuições, questionamentos, discussões e reflexões compartilhadas;

Aos Professores membros suplentes da Comissão Examinadora de defesa de tese de doutorado, Dr. Erik Miletta Martins (UFRN), Dr. Sávio Machado Cavalcante (IFCH/UNICAMP) e Dra. Zilda Gaspar Oliveira de Aquino (FFLCH/USP), pela disposição, pelo comprometimento, pelo interesse científico e intelectual em discutir o trabalho e participar das discussões suscitadas;

As eventuais inadequações são de responsabilidade do autor;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento da pesquisa na forma de bolsa de pós-graduação, sem a qual eu não poderia ter me dedicado integralmente aos cursos de Mestrado e de Doutorado em Linguística no IEL-UNICAMP. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001;

Aos funcionários e estagiários da Secretaria de Pós-graduação do IEL-UNICAMP;

Aos Professores pesquisadores do racismo e do antirracismo e ativistas negros de dentro e de fora da Linguística e da academia, com quem aprendi muitas coisas lendo ou ouvindo;

A todas/os que, de alguma forma, me ajuda(ra)m ou me acompanha(ra)m na caminhada acadêmica até aqui e no caminho que se apresenta à frente.

RESUMO

O objetivo desta tese de doutorado é identificar e discutir a construção textual e sociocognitiva do racismo e do antirracismo em artigos de opinião sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos, por meio da análise de formas intertextuais e de mobilizações do *frame* Racismo realizadas por expressões referenciais e por predicções verbais. A publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos foi realizada pelo jogador brasileiro de futebol Neymar Junior, em abril de 2014, em reação a um ato racista sofrido pelo lateral Daniel Alves durante uma partida na Espanha. Do ponto de vista teórico, esta tese se insere na abordagem sociocognitivo-interacional da Linguística Textual, que entende o texto como evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (BEAUGRANDE, 1997; MARCUSCHI, 2008; KOCH, 2004). Discutimos aqui estudos internacionais do campo textual/discursivo do racismo e do antirracismo (VAN DIJK, 2009; 2015; 2015b; WHITEHEAD, 2018; DICK & WIRTZ, 2011; entre outros), bem como estudos sócio-históricos sobre o tema (MUNANGA, 1999; 2003; BETHENCOURT, 2018 [2016], além de outros trabalhos). Para discutir aspectos textuais e contextuais relacionados à análise dos artigos de opinião e à criação e publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos por determinados atores sociais, consideramos também determinadas teorizações linguístico-antropológicas de Hanks (2008) e da Sociologia da Prática de Bourdieu (1989; 1996 [1994]; 1997 [1996]) sobre os atores, os campos e as lutas em torno de representações de objetos sociais. O *corpus* analisado é composto por 10 artigos de opinião publicados em jornais, revistas e portais de notícia de relevância nacional motivados contextualmente pela publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos. O pressuposto geral da presente tese é o de que os artigos de opinião intertextualmente relacionados à *hashtag* constroem tendencialmente determinadas representações textuais e sociocognitivas do racismo. Para compreender como se dá essa construção, adotamos como categoria sociocognitiva de análise a noção de *frame* a partir de uma perspectiva dinâmica e discursiva (CROFT & CRUSE, 2004; MIRANDA & BERNARDO, 2013; MORATO & BENTES, 2013; MORATO *et al.*, 2017). Como categorias textuais de análise, adotamos especialmente as formas intertextuais, as expressões referenciais e as predicções verbais. Os resultados indicam, na mobilização do *frame* Racismo e na construção intertextual da *hashtag* #SomosTodosMacacos, a tendência de focalização da construção referencial do racismo como processo ou objeto social e das suas vítimas como grupo racialmente oprimido. Argumentamos que essa forma produtiva de construção textual e sociocognitiva do racismo consiste em uma prática antirracista diferencialista que pressupõe a necessidade de salientar textualmente a materialidade social do racismo, da opressão e do sofrimento de determinados grupos raciais na reação a eventos racistas como o ato sofrido pelo jogador Daniel Alves e na reação a ações (anti)racistas, como a *hashtag* #SomosTodosMacacos.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Antirracismo. Intertextualidade. Referência (Linguística). Frames (Linguística).

ABSTRACT

The aim of this doctoral thesis is identifying and discussing the textual and sociocognitive construction of racism and anti-racism in opinion articles on the #SomosTodosMacacos hashtag by means of the analysis of intertextual forms and mobilizations of Racism frame carried out by referential expressions and by verbal predications. The #SomosTodosMacacos hashtag has been published by the Brazilian soccer player Neymar Junior in April 27, 2014, as a reaction to a racist act suffered by his teammate Daniel Alves during a match in Spain. From the theoretical point of view, this study is part of the interactional-sociocognitive approach of Text Linguistics, which understands text as a communicative event, to which linguistic, cognitive, and social actions converge (BEAUGRANDE, 1997; MARCUSCHI, 2008; KOCH, 2004). In this thesis we also discuss international text/discourse studies about racism and anti-racism (VAN DIJK, 2009; 2015; 2015b; WHITEHEAD, 2018; DICK & WIRTZ, 2011; among others) as well as socio-historical studies about the theme (MUNANGA, 1999; 2003; BETHENCOURT, 2018 [2016], among others). In order to discuss text and context aspects related to the corpus and to the creation and publication of the #SomosTodosMacacos hashtag by certain social actors, we also consider some linguistic-anthropological theorizations by Hanks (2008) and by Bourdieu's Sociology of Practice (1989; 1996 [1994]; 1997 [1996]) on social actors, fields, and fights on the representation of social objects. The corpus analyzed here is composed of 10 opinion articles published in newspapers, magazines, and webportals of national relevance contextually motivated by the publication of the #SomosTodosMacacos hashtag. The general presupposition of this thesis is that the opinion articles intertextually related to the hashtag tendentially construct certain textual and sociocognitive representations of racism. In order to understand how that construction works, we adopt the notion of frame as a sociocognitive category of analysis from a dynamic and discursive perspective (CROFT & CRUSE, 2004; MIRANDA & BERNARDO, 2013; MORATO & BENTES, 2013; MORATO et al., 2017). As text categories of analysis, we especially adopt the intertextual forms, the referential expressions and the verbal predications. Results indicate in the mobilization of the Racism frame and in the intertextual construction of the #SomosTodosMacacos hashtag, the tendency to focus on the referential construction of racism as a social process and on their victims as racially oppressed groups. We argue that this productive form of textual and sociocognitive construction of racism consists of a differentialist anti-racist practice that assumes the need to textually emphasize the social materiality of racism, oppression, and suffering of certain racial groups in reaction to racist events such as the one suffered by the soccer player Daniel Alves and to (anti) racist actions like the #SomosTodosMacacos hashtag.

KEY WORDS: Racism. Anti-racism. Intertextuality. Reference (Linguistics). Frames (Linguistics).

Lista de Figuras

Figura 1 Estados brasileiros onde mais se fez menção à #SomosTodosMacacos entre 26/04/2014 e 22/05/2014 (Fonte: <i>Google Trends</i> . Acesso em 14 nov. 2018).....	20
Figura 2 Principais temas relacionados à menção de "Somos todos macacos" entre 26/04/2014 e 31/05/2014 (fonte: <i>Google Trends</i> . Acesso em 14 nov. 2018)	21
Figura 3 Principais temáticas relacionadas a "Somos todos iguais" no período entre 26/04/2014 e 06/05/2014 no Brasil (Fonte: <i>Google Trends</i> . Acesso em 14 nov. 2018)	90
Figura 4 Esquematização do processo de expansão/ampliação gradual do sentido das <i>hashtags</i> #JeSuis (Fonte: DE COCK & PIZARRO PEDRAZA, 2018, p. 205)	93
Figura 5 Relações intertextuais entre o intertexto “Somos todos iguais”, “Somos todos N” e as formas intertextuais do <i>corpus</i>	100
Figura 6 Postagem I de NJ na rede social Instagram em 27/04/2014	109
Figura 7 Postagem III de NJ com a <i>hashtag</i> “#SomosTodosMacacos” em 28/04/2014 (Foto: El Economista).....	111
Figura 8 Uso da #SomosTodosMacacos na rede social Twitter na semana de seu lançamento segundo a R18 (publicado em 05/05/2014).....	113
Figura 9 Imagem promocional de venda da camisa da grife UseHuck	114
Figura 10 Uso do enunciado “Somos todos iguais” na Internet ao longo dos últimos 5 anos (fonte: <i>Google Trends</i> . Acesso em 14 nov. 2018)	115
Figura 11 Interesse pela #SomosTodosMacacos na Internet entre 26/04/2014 a 31/05/2014 (fonte: <i>Google Trends</i> . Acesso em 14 nov. 2018)	148
Figura 12 Países que mais mencionaram a #SomosTodosMacacos entre 26/04/2014 e 31/05/2014 (fonte: <i>Google Trends</i> . Acesso em 14 nov. 2018).....	149
Figura 13 Índices de expressões referenciais e de predicções verbais em cada texto do <i>corpus</i>	169
Figura 14 Índice de mobilizações de EFs em torno dos EFs Racismo e Reação_ao_racismo em cada texto do <i>corpus</i> por meio de expressões referenciais	272
Figura 15 Índice de mobilizações de EFs em torno dos EFs Racismo e Reação_ao_racismo em cada texto do <i>corpus</i> por meio de predicções verbais.....	272
Figura 16 Índice de mobilização de EFs do <i>frame</i> Racismo no <i>corpus</i> por meio de expressões referenciais	274
Figura 17 Índices de expressões referenciais ligadas a <i>negros/afrodescendentes/africanos</i> no <i>corpus</i>	275
Figura 18 Índice de mobilização de EFs do <i>frame</i> Racismo no <i>corpus</i> por meio de predicções verbais	276
Figura 19 Índice de mobilizações de EFs do <i>frame</i> Racismo por meio de expressões referenciais e de predicções verbais	280
Figura 20 (Des)alinhamentos à #SomosTodosMacacos no <i>corpus</i>	282
Figura 21 Formas intertextuais à #SomosTodosMacacos no <i>corpus</i>	282
Figura 22 Relação entre formas intertextuais e (des)alinhamentos no <i>corpus</i>	283

Lista de Quadros

Quadro 1 Contextos e ano de emergência dos enunciados <i>Somos Todos-N</i>	96
Quadro 2 (Des)alinhamentos, atos textuais descritivos e normativos e práticas sociais associadas ao igualitarismo e ao diferencialismo	118
Quadro 3 Figuratividade/literalidade dos atos textuais/discursivos descritivos associados a <i>ser macaco</i>	118
Quadro 4 Organização dos artigos de opinião do <i>corpus</i>	151
Quadro 5 Composição de sexo/gênero e de raça/cor dos autores dos artigos de opinião do <i>corpus</i> ...	152
Quadro 6 Descrição do <i>frame</i> Racismo.....	164
Quadro 7 Relação entre (des)alinhamentos e formas intertextuais associadas ao igualitarismo e ao diferencialismo	170
Quadro 8 Ações textuais-sociocognitivas em relação a EFs do <i>frame</i> Racismo e a <i>frames</i> associados no <i>corpus</i>	172
Quadro 9 Definição de <i>frames</i> relevantes no <i>corpus</i>	172
Quadro 10 Formas intertextuais de “Somos todos macacos” do texto 1	173
Quadro 11 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 1 orientadas e construtoras de EFs do <i>frame</i> Racismo	176
Quadro 12 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do <i>frame</i> Racismo no texto 1	178
Quadro 13 Formas intertextuais de “Somos todos macacos” do texto 2.....	181
Quadro 14 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 2 orientadas e construtoras de EFs do <i>frame</i> Racismo	186
Quadro 15 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do <i>frame</i> Racismo no texto 2.....	187
Quadro 16 Formas intertextuais de "Somos todos macacos" do texto 3	191
Quadro 17 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 3 orientadas e construtoras de EFs do <i>frame</i> Racismo	195
Quadro 18 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do <i>frame</i> Racismo no texto 3.....	197
Quadro 19 Formas intertextuais de "Somos todos macacos" encontradas no texto 4.....	201
Quadro 20 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 4 orientadas e construtoras de EFs do <i>frame</i> Racismo	203
Quadro 21 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do <i>frame</i> Racismo no texto 4.....	205
Quadro 22 Formas intertextuais de “Somos todos macacos” encontradas no texto 5.....	209
Quadro 23 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 5 orientadas e construtoras de EFs do <i>frame</i> Racismo	214
Quadro 24 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do <i>frame</i> Racismo no texto 5.....	216
Quadro 25 Formas intertextuais de "Somos todos macacos" encontradas no texto 6.....	220
Quadro 26 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 6 orientadas e construtoras de EFs do <i>frame</i> Racismo	222
Quadro 27 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do <i>frame</i> Racismo no texto 6.....	224
Quadro 28 Formas intertextuais de “Somos todos macacos” encontradas no texto 7.....	228
Quadro 29 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 7 orientadas e construtoras de EFs do <i>frame</i> Racismo	231

Quadro 30 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do <i>frame</i> Racismo no texto 7.....	232
Quadro 31 Formas intertextuais encontradas no texto 8	237
Quadro 32 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 8 orientadas e construtoras de EFs do <i>frame</i> Racismo	239
Quadro 33 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do <i>frame</i> Racismo no texto 8.....	241
Quadro 34 Formas intertextuais de “Somos todos macacos” encontradas no texto 9.....	246
Quadro 35 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 9 orientadas e construtoras de EFs do <i>frame</i> Racismo	254
Quadro 36 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do <i>frame</i> Racismo no texto 9.....	256
Quadro 37 Formas intertextuais de “Somos todos macacos” encontradas no texto 10.....	259
Quadro 38 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 10 orientadas e construtoras de EFs do <i>frame</i> Racismo	262
Quadro 39 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do <i>frame</i> Racismo no texto 10.....	263

Lista de Abreviaturas e Siglas

DA – Daniel Alves
LH – Luciano Huck
NJ – Neymar Junior
T1 – Texto 1
T2 – Texto 2
T3 – Texto 3
T4 – Texto 4
T5 – Texto 5
T6 – Texto 6
T7 – Texto 7
T8 – Texto 8
T9 – Texto 9
T10 – Texto 10

SUMÁRIO

Introdução	18
Capítulo I – Estudos textuais/discursivos sobre o racismo e o antirracismo.....	39
Capítulo II – Estudos sócio-históricos da noção de racismo	54
2.1. Aspectos históricos nacionais da representação do negro	75
2.2. Estudos sócio-históricos do anti/não racismo	80
Capítulo III – Contextualizações e sentidos da <i>hashtag</i> #SomosTodosMacacos.....	87
3.1. O intertexto “Somos todos iguais”	87
3.2. Os intertextos <i>Somos Todos N</i>	91
3.3. Contextos mais relevantes e publicação da <i>hashtag</i> #SomosTodosMacacos.....	100
3.3.1. A representação do negro como macaco no ato racista contra DA.....	102
3.3.2. O igualitarismo na reação de NJ.....	108
3.4. Sentidos da <i>hashtag</i> #SomosTodosMacacos.....	115
3.5. Primeiras reações à <i>hashtag</i> #SomosTodosMacacos	120
Capítulo IV – A abordagem sociocognitivo-interacional do texto: categorias de análise.....	127
4.1. Categorias textuais	129
4.1.1. Expressões referenciais	129
4.1.2. Predicações verbais	131
4.2. Formas intertextuais	132
4.2.1. Citação.....	135
4.2.2. <i>Détournement</i>	136
4.2.3. Retomada.....	137
4.2.4. Alusão	137
4.3. Categoria sociocognitiva	139
4.3.1. <i>Frame</i>	139
Capítulo V – Metodologia.....	146
5.1. Critérios de seleção de textos do <i>corpus</i>	146
5.1.1. Características do <i>corpus</i>	147
5.2. Metodologia de análise.....	158
5.2.1. Descrição e identificação da mobilização textual do <i>frame</i> Racismo	159
5.2.2. Delineamento do <i>frame</i> Racismo	161
Capítulo VI – Construções intertextuais da <i>hashtag</i> #SomosTodosMacacos e mobilizações do <i>frame</i> Racismo no <i>corpus</i>	168
6.1. Texto 1: <i>Somos todos macacos</i>	173
6.1.1. Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 1.....	173

6.1.2.	Mobilizações do <i>frame</i> Racismo por meio de construções textuais no texto 1.....	175
6.2.	Texto 2: <i>#Somos Todos Macacos Coisa Nenhuma</i>	180
6.2.1.	Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 2.....	180
6.2.2.	Mobilizações do <i>frame</i> Racismo por meio de construções textuais no texto 2.....	185
6.3.	Texto 3: <i>Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!</i>	190
6.3.1.	Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 3.....	190
6.3.2.	Mobilizações do <i>frame</i> Racismo por meio de construções textuais no texto 3.....	194
6.4.	Texto 4: <i>Não somos macacos</i>	200
6.4.1.	Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 4.....	200
6.4.2.	Mobilizações do <i>frame</i> Racismo por meio de construções textuais no texto 4.....	203
6.5.	Texto 5: <i>#somostodosbananas</i>	209
6.5.1.	Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 5.....	209
6.5.2.	Mobilizações do <i>frame</i> Racismo por meio de construções textuais no texto 5.....	213
6.6.	Texto 6: <i>Somos todos humanos</i>	219
6.6.1.	Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 6.....	219
6.6.2.	Mobilizações do <i>frame</i> Racismo por meio de construções textuais no texto 6.....	221
6.7.	Texto 7: <i>Somos todos macacos</i>	228
6.7.1.	Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 7.....	228
6.7.2.	Mobilizações do <i>frame</i> Racismo por meio de construções textuais no texto 7.....	230
6.8.	Texto 8: <i>Somos todos macacos?</i>	236
6.8.1.	Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 8.....	236
6.8.2.	Mobilizações do <i>frame</i> Racismo por meio de construções textuais no texto 8.....	239
6.9.	Texto 9: <i>A bananização do racismo</i>	245
6.9.1.	Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 9.....	245
6.9.2.	Mobilizações do <i>frame</i> Racismo por meio de construções textuais no texto 9.....	253
6.10.	Texto 10: <i>Racismo não</i>	259
6.10.1.	Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 10.....	259
6.10.2.	Mobilizações do <i>frame</i> Racismo por meio de construções textuais no texto 10.....	261

Capítulo VII – Discussão de resultados: a dimensão textual/discursiva e sociocognitiva do racismo e do antirracismo no <i>corpus</i>	270
7.1. A representação do racismo no <i>corpus</i>	270
7.2. A (des)legitimação da <i>hashtag</i> #SomosTodosMacacos no <i>corpus</i>	278
7.2.1. Normatividade não racista e práticas textuais/discursivas de (des)legitimação	279
7.2.2. Antirracismo e (des)alinhamentos à <i>hashtag</i> #SomosTodosMacacos	281
7.2.3. Antirracismo e caráter reflexivo das práticas textuais/discursivas.....	285
Considerações finais.....	291
Referências	320
Apêndice	337
Anexos.....	374

Introdução

“A carne mais barata do mercado é a carne negra
Que fez e faz história
Segurando esse país no braço”

Canção *A Carne*, de Seu Jorge, Ulises Capelleti, Marcelo Fontes do Nascimento, cantada por Elza Soares

A presente tese de doutorado tem o objetivo principal de identificar e discutir a construção textual e sociocognitiva do racismo e do antirracismo em artigos de opinião contextualmente motivados e intertextualmente relacionados à publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos realizada pelo jogador brasileiro de futebol Neymar Junior em 27 de abril de 2014 nas redes sociais. Como o racismo contemporâneo tem sido predicado como “implícito”, “sutil”, “velado”, “encoberto” etc., é relevante a análise de expedientes textuais e sociocognitivos presentes nesses artigos de opinião, que consistem em textos que expressam uma reação a (um evento de) racismo, a fim de identificar as formas como ele é representado nesses textos, a partir de determinado tipo de anti/não racismo. Essas análises são aqui realizadas baseando-se empiricamente nas formas intertextuais que têm como escopo a *hashtag* #SomosTodosMacacos e nas mobilizações textuais do *frame* Racismo, por meio de expressões referenciais e predicções verbais. Essas análises são discutidas também sob a luz da dimensão sócio-histórica do racismo e do antirracismo.

O *corpus* da pesquisa compõe-se de 10 artigos de opinião, constituindo-se, assim, de textos da modalidade escrita publicamente disponíveis. A escolha de artigos de opinião como dados de análise se deve ao entendimento de que a construção textual de pontos de vista (como os anti/não racistas) é, em gêneros argumentativos como os artigos de opinião, feita de forma especial em comparação a outros tipos e gêneros de texto, o que permite a observação empírica de ações textuais e de conhecimentos perspectivados mobilizados na forma do *frame* Racismo em relação à *hashtag* #SomosTodosMacacos e aos sentidos a ela atribuídos. As práticas textuais/discursivas públicas constituintes desse gênero podem ser um importante *locus* de identificação de construções textuais e sociocognitivas associadas a determinada forma de representação anti/não racista do racismo. Artigos de opinião não foram os únicos gêneros textuais públicos a focalizarem a *hashtag* #SomosTodosMacacos em 2014; porém, analisamos esses textos porque, além de serem altamente argumentativos e planejados, possuem a característica de terem sido produzidos por autores especialistas em seu campo social de atuação.

Focalizamos, como dados de pesquisa, textos públicos pertencentes ao gênero artigo de opinião porque também pressupomos que a (re)construção sociocognitiva do sentido

de objetos/processos sociais como o racismo se dá, pelo menos parcialmente, por meio de algum tipo de permanência ou transformação coletiva dos enquadres interpretativos do objeto em questão, quando essa (re)construção é possível de ser compartilhada por um grande e/ou importante setor da comunidade na qual esses “novos” ou “velhos” sentidos sociais circulam. Assim, dados de textos públicos são importantes “documentos” dessas (re)construções sociocognitivas de sentidos (cf. KOCH, 2004, p. 220), entendidos principalmente como enquadramentos interpretativos que guiam e são guiados por ações textuais e sociocognitivas.

Os principais eventos e ações envolvidas na publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos são:

- (i) A ação racista de torcedores contra o jogador brasileiro Daniel Alves (doravante DA) no jogo entre Barcelona e Villarreal ao lhe jogarem bananas, no dia 27 de abril de 2014;
- (ii) A reação de DA em campo ao comer a banana jogada pelos torcedores do Villarreal;
- (iii) As publicações de Neymar Junior (doravante NJ) com a *hashtag* #SomosTodosMacacos, no mesmo dia.

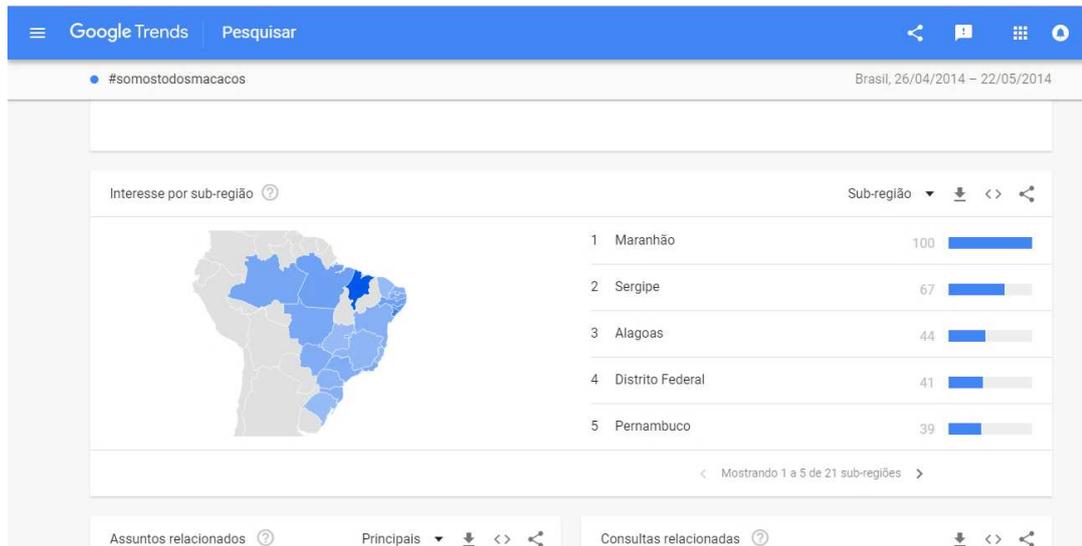
A nosso ver, a presente investigação, ao tomar como objeto as representações de racismo e de antirracismo, pode nos dar indícios sociocognitivos dos conhecimentos dos autores dos textos do *corpus* sobre o racismo em meados de 2014 e de parte do estado da luta simbólica entre os que têm interesse num ou noutro modo de representação do racismo (cf. BOURDIEU, 1997). A noção de representação, nesse sentido, não é a de mero espelhamento da realidade, pois corresponde às construções nas quais está em jogo “[...] o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão” (categorização, classificação, dicotomização e/ou tipologização) dos objetos e sentidos sociais “que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo [...]” (BOURDIEU, 1997, p. 112)¹.

A relevância social/sociocognitiva do contexto de racismo da *hashtag* #SomosTodosMacacos pode ser indicada pelo interesse que um dos estados com mais negros no Brasil, o Maranhão, apresentou por essa *hashtag* na Internet, no período próximo a quando ela foi publicada, conforme indicam as informações na figura a seguir, gerada por meio da

¹ O texto aqui citado de Bourdieu (1997) consiste em uma tradução do francês para o português de Portugal.

ferramenta *online Google Trends*. Ao pesquisar nessa ferramenta sobre o interesse que a *hashtag* despertou nos diferentes estados brasileiros, obtivemos os seguintes dados²:

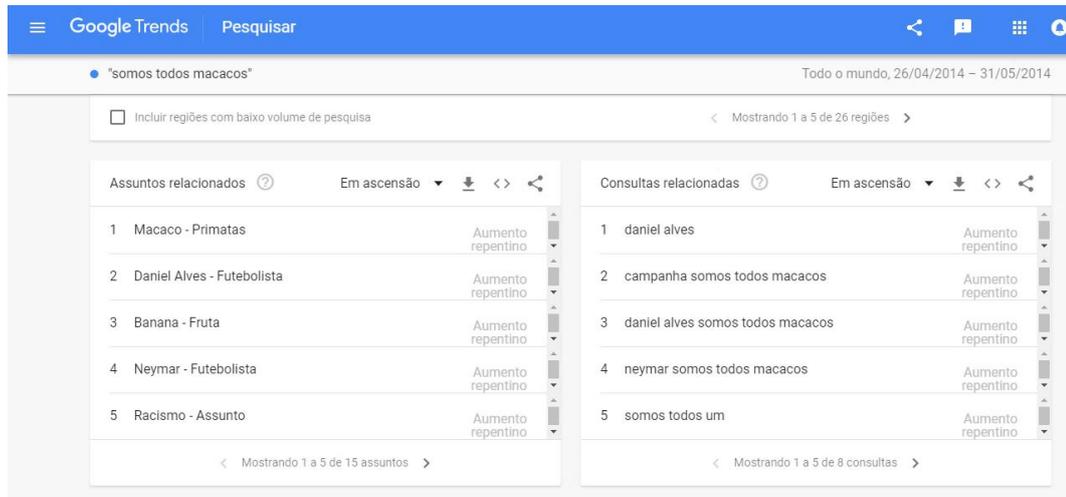
Figura 1 Estados brasileiros onde mais se fez menção à #SomosTodosMacacos entre 26/04/2014 e 22/05/2014 (Fonte: Google Trends. Acesso em 14 nov. 2018)



A relação entre a publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos e outros contextos (além do de racismo) dos quais ela participa pode ser indicado na figura a seguir, também por meio de um levantamento feito na ferramenta *online Google Trends*. Aqui observamos a relação dessa publicação, na época, com contextos/temas nomeados na figura como “Macacos-Primatas” (contexto biológico evocado em relação à categoria *macaco*), “Daniel Alves-futebolista”, “Banana-Fruta”, “Neymar-Futebolista” e “Racismo-Assunto”. As consultas relacionadas à menção da *hashtag* na Internet foram, ainda segundo a figura, “daniel alves”, “campanha somos todos macacos” e “daniel alves somos todos macacos”:

² Ao mesmo tempo em que o Maranhão aparece na figura 1 como o estado que mais apresentou interesse no uso da *hashtag*, outros estados com forte expressão negra em sua população não demonstraram interesse semelhante. O Maranhão é o terceiro estado com mais pessoas negras do Brasil (76,2% da população: 66,5% pardos e 9,7% pretos), atrás do Pará (76,7%: 69,5% pardos e 7,2% pretos) e da Bahia (76,3%: 59,2% pardos e 17,1% pretos) (IBGE, 2011); no entanto, nem o Pará, nem a Bahia aparecem na figura dentre os 5 estados que mais utilizaram a *hashtag*.

Figura 2 Principais temas relacionados à menção de "Somos todos macacos" entre 26/04/2014 e 31/05/2014 (fonte: Google Trends. Acesso em 14 nov. 2018)



A complexidade textual, semiótica e sociocognitiva do evento racista contra DA e das publicações de NJ, além de nos terem despertado o interesse para a contribuição sociocognitiva das ações textuais/discursivas nela envolvidas, também nos colocaram desafios investigativos, dentre os quais está o da investigação empírica, que deve considerar as ações e eventos responsivamente produzidos.

A construção do sentido e o conhecimento sobre os eventos em questão se deram fortemente por meio do tratamento desses eventos como “fato jornalístico” no gênero notícia (televisiva ou impressa) em jornais e programas televisivos, que, por vezes, (re)publicaram na Internet esse “fato”, seja por meio de textos escritos, seja por meio de textos multimodais. Uma vez publicadas as primeiras notícias, os usuários da Internet e os leitores de jornais e de revistas (re)produziram, como geralmente ocorre, de forma mais ou menos pública, textos, informativos ou não, que atualizaram, por sua vez, referencial e intertextualmente os eventos em questão.

Como dissemos, o objetivo geral desta pesquisa é o de identificar e discutir, pautados em estudos sócio-históricos e textuais/discursivos, as representações de racismo e de antirracismo em artigos de opinião contextualmente motivados pela publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos realizada pelo jogador brasileiro de futebol Neymar Junior em abril de 2014 nas redes sociais. Como objetivos específicos, temos os seguintes:

- (i) Discutir os aspectos contextuais envolvidos na publicação do intertexto #SomosTodosMacacos;

- (ii) Analisar as construções linguísticas e sociocognitivas envolvidas na representação do negro como macaco, no(s) sentido(s) do intertexto “Somos todos macacos” e na sua relação com o racismo;
- (iii) Identificar e discutir tendências de representação do racismo e de anti/não racismo nos artigos de opinião analisados por meio da análise de construções textuais³, considerando os atores e os campos sociais envolvidos;
- (iv) Discutir o papel de construções textuais na indicação do anti/não racismo e na representação de racismo nos textos;
- (v) Apontar questões e desafios teóricos na investigação da relação entre Linguagem & Racismo nos estudos do texto/discurso relacionados com as análises empreendidas na tese.

O pressuposto geral da pesquisa é o de que determinadas construções sociocognitivas do racismo e construções textuais de alinhamento (afiliação) a determinada forma de anti/não racismo podem ser indicadas pela análise de formas textuais e sociocognitivas no *corpus* em questão. Assim, as construções textuais relacionadas intertextual e referencialmente à postagem da *hashtag* #SomosTodosMacacos podem ser tomadas como índices do anti/não racismo e da representação do racismo pelos atores sociais envolvidos na produção dos artigos de opinião analisados e ser também, assim, indícios do estado da luta das representações (BOURDIEU, 1997) sobre o racismo no Brasil e/ou fora do Brasil. Temos também como pressuposto da pesquisa o de que a análise da relação entre o anti/não racismo, as representações do racismo no *corpus* e os atores sociais (autores de determinadas ocupações e instituições da imprensa) envolvidos na produção dos artigos de opinião, por possuírem determinadas trajetórias e pertencerem a determinados campos sociais e categorizações raciais, é também relevante para a compreensão da luta de representações na qual estão envolvidos.

A principal pergunta teórica da pesquisa é:

- O que a análise textual e sociocognitiva de artigos de opinião sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos pode indicar sobre as representações do racismo e do antirracismo adotadas por atores socialmente relevantes no Brasil em abril de 2014?

³ Utilizamos, nesta tese, a expressão “construção textual” em dois sentidos: como correspondente, em termos mais linguísticos, a uma forma referencial ou, em termos mais discursivos, como processo de elaboração linguística de sentido no texto ou entre textos.

Relativamente ao *corpus* de artigos de opinião, temos como pressupostos textuais e sociocognitivos os seguintes:

- (a) Ao estabelecerem relações intertextuais com a *hashtag* #SomosTodosMacacos, as formas intertextuais realizam ações textuais em relação a esse intertexto ou a outros enunciadores (como os ligados a sentidos e a objetos sociais de diferentes naturezas, como igualdade social, diferença racial, racismo etc.), de modo a indicar determinadas formas de anti/não racismo;
- (b) Ao construírem textualmente determinados referentes e ao constituírem cadeias referenciais, construções textuais mobilizam o *frame* Racismo (MORATO & BENTES, 2013; MORATO *et al.*, 2017), de modo a indicar determinadas formas de representação do racismo.

A principal hipótese teórica desta pesquisa é a de que racismo e anti/não racismo são, nos artigos de opinião analisados, representados de modo a indicar uma heterogeneidade sociocognitiva pautada em “tipos” distinguíveis de racismo e de anti/não racismo que dialogam com teorizações realizadas principalmente por Munanga (1999) e Costa (2006) sobre esses processos sociais: o (anti)racismo igualitarista/universalista e o diferencialista, a serem discutidos no capítulo I.

Os objetivos e pressupostos anteriormente apontados engendraram, em parte, os desafios investigativos que se colocaram no desenvolvimento da pesquisa: no estudo sobre o racismo e do anti/não racismo, dada a alta variedade de perspectivas teóricas das pesquisas sobre racismo (maior do que sobre anti/não racismo), a grande quantidade de teorizações e de controvérsias decorrentes do interesse acadêmico que o tema desperta mundialmente; o delineamento do *frame* Racismo; e o tratamento e a análise dos dados, a serem descritos no capítulo de Metodologia (com base em estudos sobre práticas textuais/discursivas e sobre relações entre processos textuais e sociocognitivos, como Miranda & Bernardo [2013], Morato & Bentes [2013], Vereza [2013], Morato [2010; 2017], Morato *et al.* [2012, 2017], Bentes & Ferrari [2011], Martins [2015], Ferrari [2018], Lima [2014], entre outros). Essa metodologia foi delineada em uma interface entre estudos do campo das Ciências Sociais e estudos linguísticos e sociocognitivos do texto/discurso, seguindo a atual agenda de investigação interdisciplinar do racismo e do antirracismo (BARRETO *et al.*, 2017).

Como pergunta empírica principal, formulamos a seguinte questão: como o racismo pode ser representado por determinadas mobilizações textuais do *frame* Racismo e pelo uso de formas intertextuais que conectam essas mobilizações a diferentes contextos do

intertexto #SomosTodosMacacos? A principal hipótese empírica da pesquisa é a de que os usos de formas intertextuais são estratégias que indiciam textualmente determinados pontos de vista em relação ao intertexto #SomosTodosMacacos e que a mobilização textual do *frame* Racismo por construções textuais nos artigos de opinião sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos indica a presença de formas de representação de perspectivas por determinados tipos de não racismo. Essas formas correspondem a ações textuais/discursivas responsivas a outros enunciadores, tais como representações sociais, racismo/antirracismo, sentidos e intertextos anteriormente produzidos.

Tomar o objetivo geral de pesquisa e as perguntas teóricas e empíricas apresentadas deram vida a um empreendimento teoricamente amparado no entendimento de que as construções textuais são social/sociocognitivamente situadas e motivadas (MORATO, 2017). Seguindo uma abordagem sociocognitiva e interacional do texto, entendemos, em linhas gerais, que não há “possibilidades integrais de conteúdos cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos” (MORATO, 1996, p. 18).

Realizada no campo da Linguística Textual, esta pesquisa fundamenta-se no estudo da relação entre processos linguísticos-textuais e (socio)cognitivos⁴. A abordagem textual que aqui se toma é concebida em uma perspectiva sociocognitivo-interacional das práticas linguísticas (SALOMÃO, 1999, 2005; KOCH, 2002; KOCH, MORATO & BENTES, 2005; MARCUSCHI, 2007b; MIRANDA, 1999; FALCONE, 2008; MORATO & BENTES, 2013; BENTES, MARIANO & ACCETTURI, 2015; MORATO, 2016; 2017; BENTES, FERREIRA-SILVA & ACCETTURI, 2017), em que o texto é entendido como um lugar de atuação na vida social, por vezes servindo como lugar de disputa simbólica entre atores sociais (BENTES & REZENDE, 2017). Nesse sentido, entendemos que o texto pode estar vinculado às relações entre práticas textuais/discursivas, objetos e sentidos sociais (MORATO & BENTES, 2017, p. 15), como os sentidos sociais de racismo. Diz Morato (2017):

Ao definirem texto, Beaugrande e Dressler afirmavam, já no início dos anos 1980, que ele é originado por uma multiplicidade de operações cognitivas inter-relacionadas, “um documento de procedimentos de decisão, seleção e combinação” (1981, p.37).

⁴ Segundo Morato (2017, p. 395), “Uma das interfaces recentes e mais promissoras da LT [Linguística Textual] é com o estudo sociocognitivo do texto, como apontado por Marcuschi na virada do milênio (MARCUSCHI, 2003) e explicitado de forma sistemática em seus trabalhos (MARCUSCHI, 2002, 2008, 2007) e nos de Ingedore Koch (2002, 2004, 2008). Essa perspectiva não apenas a faz receber influência dos estudos cognitivos da linguagem, como contribuir com eles, como destacam Salomão (2003), Morato (2016), Morato et al. (2012, 2017), Bentes (2010), Cavalcante et al. (2010), Vereza (2017), dentre outros”.

[...] Por seu turno, ao concordar com a definição de texto de Beaugrande (1997, p.10 *apud* Marcuschi 1999, p.14), isto é, um “sistema real de escolhas realizadas no uso de uma dada língua que por sua vez seria um sistema virtual de escolhas possíveis”, Marcuschi define tal sistema “como um domínio ativador de espaços cognitivos, sendo que o sentido (sistema real) seria precisamente uma conexão específica de um espaço determinado”. A cognição, desse modo, não apenas é concebida em termos de uso e de prática, ela é *situada* e “modelar”, isto é, constitui-se como formas e construtos organizados de representação da realidade, contextual e socioculturalmente definidos ou ancorados. (MORATO, 2017, p. 395)

Dessa forma, o texto pode ser visto como um lugar para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (BEAUGRANDE, 1997). Processos, ações e construções sociocognitivas medeiam ou regulam a relação entre linguagem, texto, processos e relações sociais (VAN DIJK, 2015), bem como a linguagem e o texto medeiam ou regulam a relação entre os processos, ações e construções sociocognitivas e as relações e processos sociais, como o racismo.

Dentre os construtos linguístico-sociocognitivos que organizam os conhecimentos e experiências em meio a práticas sociais situadas (MORATO, 2007), encontramos a noção de *frame* (FILLMORE, 1982, 1985). Essa noção, sobre a qual discutiremos de forma mais aprofundada no capítulo IV, foi selecionada na presente pesquisa como categoria de análise das representações de racismo mobilizadas ou construídas linguística e textualmente. Adotamos, nesta pesquisa, uma abordagem dinâmica e discursiva de *frame* (CROFT & CRUSE, 2004; MIRANDA & BERNARDO, 2013; MORATO, 2010; MORATO & BENTES, 2013; MORATO *et al.*, 2017), conforme discutiremos também no capítulo IV.

Tomamos a noção de *frame* (noção sobre a qual discorreremos também no capítulo IV), no presente trabalho, como “um complexo domínio de experiências emoldurado” nas formas de agir dos atores sociais, podendo indicar determinadas perspectivas sociais (MIRANDA & BERNARDO, 2013, p. 83), nesse caso, na forma da textualização escrita em textos argumentativos voluntariamente publicados pelos atores sociais em meio a um debate sobre racismo. Analisamos também as formas intertextuais porque elas, enquanto formas de intertextualidade *stricto sensu* (como veremos no capítulo III), são, a nosso ver, indícios das relações do texto corrente com o intertexto #SomosTodosMacacos, sinalizando (re)construções do sentido da *hashtag* e conectando linguisticamente os contextos (tomados como) relevantes nos artigos de opinião e as ações de textualização realizadas pelas construções textuais nesses artigos. Uma primeira observação dos textos nos chamou a atenção para a produtividade das formas intertextuais no *corpus* (em alguns textos mais do que em outros), como veremos, principalmente nos próprios títulos dos

artigos de opinião, levando-nos a desenvolver uma das hipóteses de que os usos de formas intertextuais são estratégias textuais/discursivas que evocam determinados pontos de vista em relação ao intertexto #SomosTodosMacacos.

A interação verbal e não verbal entre torcedores e jogadores de futebol é, particularmente no contexto aqui contemplado, o *locus* e a situação na qual o racismo pode emergir enquanto ato, vindo principalmente da torcida, separada espacialmente do espetáculo do jogo, que se desenrola no campo de forma não totalmente alheia aos presentes. Nesse caso, os atos semióticos racistas não fazem diretamente parte do domínio do futebol, mas do domínio sócio-simbólico do racismo, utilizado na situação futebolística como estratégia de constrangimento no processo competitivo, que, assim, não depende apenas das habilidades dos jogadores e dos técnicos.

A publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos por NJ e a reação a ela na forma de textos públicos, como os artigos de opinião, assumiram a forma também pública de uma reação não racista, ao construírem textualmente o desalinhamento (a não afiliação) à ação racista dos torcedores do Villarreal contra DA. Entendemos que a assunção do carácter (anti ou não) racista de uma ação pública envolve construções simbólicas importantes. Assim, para Bourdieu, nas práticas sociais, o que é dito como real ou objetivo é “objeto de *representações mentais*, quer dizer, de actos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos [...]” (BOURDIEU, 1997, p. 212).

Particularmente em relação ao antirracismo, interessamo-nos por ele enquanto uma das lutas simbólicas:

[...] em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer colectivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das reações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto económicas como simbólicas; ou, se se prefere, a conservação ou a transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objectivas ou intencionais) da identidade social. (BOURDIEU, 1997, p. 124)

Podemos dizer, assim, que as produções textuais públicas nos campos jornalístico e midiático, como as aqui analisadas, podem “contribuir para produzir” discursiva e performativamente o que é descrito ou designado pelo atores ocupantes de posições sociais nesses campos (BOURDIEU, 1997, p. 112), como determinadas formas de conceber o racismo e de assumir um antirracismo. A noção de discurso aqui assumida se enquadra em uma perspectiva de base sociocognitiva, entendido, como em Morato & Bentes (2017), como “[...] um conjunto de práticas linguísticas que mantém e promove certas relações sociais”

(GARAY, ÍÑINGUEZ & MARTINEZ, 2005, p. 110-111). A investigação, nesse caso, gira em torno do interesse em:

[...] como os próprios atores sociais elaboram suas interações sociais e verbais a partir de perspectivas variáveis e diversas do mundo social, considerando que a ‘orientação do discurso para funções específicas é uma indicação de seu caráter construtivo’ (Garay, Íñiguez & Martinez, 2005, p. 111) (MORATO & BENTES, 2018, p. 14).

Particularmente quanto à relevância da cognição (social) no estudo da relação entre texto/discurso e movimentos sociais, van Dijk (2017b) identifica que, de forma geral, ainda há um caminho teórico que precisa ser percorrido nesse campo:

[...] apesar da grande relevância empírica e teórica da cognição como base para as práticas sociais, para a mobilização, para o protesto e para a ação coletiva, bem como para muitos tipos de movimentos discursivos, uma teoria e uma análise cognitivas sistemáticas dos movimentos sociais ainda permanecem na agenda. (VAN DIJK, 2017b, p. 177)

Ao explorar a hipótese de que os artigos de opinião sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos carregam uma heterogeneidade sociocognitiva pautada em “tipos” distinguíveis de racismo e de anti/não racismo, aceitamos, no campo empírico, o desafio de investigar as relações entre linguagem, cognição (social) e (anti/não) racismo (cf. VAN DIJK, 2015c), a partir da abordagem sociocognitivo-interacional da Linguística Textual e de estudos sócio-históricos e textuais/discursivos do (anti/não) racismo. Esse desafio é coerente com os principais fundamentos teóricos desses estudos textuais/discursivos segundo os quais, conforme veremos, o racismo, o sentido do racismo e os processos de racialização são vistos como flexíveis e situacionalmente contingentes (WHITEHEAD, 2018, p. 8).

Os estudos das relações entre Linguagem & Racismo, com perspectivas teóricas diversas, têm sido realizados internacionalmente com um interesse cada vez maior. A variedade dos fundamentos teóricos desses estudos das relações entre Linguagem & Racismo impõe o desafio de compreender justamente as diferenças e aproximações teórico-metodológicas entre as abordagens adotadas. Com base nos objetivos da pesquisa e nas características do *corpus* constituído, consideramos, neste trabalho, as investigações empreendidas no campo dos estudos textuais/discursivos na Linguística e das Ciências Sociais.

Em relação ao campo de estudo das relações raciais, com o qual a presente tese dialoga, tem sido fundamental para a compreensão sociológica do racismo no Brasil. Segundo Reginaldo (2018), no entanto, têm aparecido cada vez mais o interesse em uma História Social do racismo. Assim, distinguir as formas de conceber o racismo e os referentes sócio-

históricos que a categoria abarca e delimita é uma tarefa científica feita ainda a ser mais bem enfrentada pelas Ciências Humanas e Sociais. Esperamos que esta tese, do campo da Linguística, colabore de alguma forma, para essa tarefa científica e política fundamental e interdisciplinar de compreensão e de enfrentamento do “racismo”, a partir de determinadas formas de entender essa categoria como “ferramenta” sociocognitiva e política e, ao mesmo tempo, categoria de ação de determinadas práticas textuais/discursivas (DICK & WIRTZ, 2011).

É necessário considerar que, referindo-se a um conjunto de processos e/ou práticas sociais, a categoria “racismo”, como outras de caráter e relevância sócio-histórica, é geralmente (tomada como) conhecida pelo cidadão comum e pelos cientistas e intelectuais em suas teorizações sobre ela, o que acusa sua relativa estabilidade sociocognitiva e histórica. No entanto, a categoria “racismo”, que tem origem branca e europeia (como o seu referente no mundo), pode abranger, a partir de diferentes perspectivas sociais ou teóricas, diferentes tipos de sofrimentos provocados por um povo contra outro (tomado como) exógeno ou por um povo contra um grupo deste. Isso acusa, por sua vez, sua instabilidade sociocognitiva histórica. Nesse sentido, o escopo do termo deve sempre ser contingenciado, principalmente se adotamos o racismo como categoria analítica.

Assim, consideramos as principais teorizações sobre o racismo e as formas de concebê-lo, mas, em decorrência do posicionamento teórico que assumimos perante a realidade social que o contexto empírico deste trabalho evoca para os brasileiros, bem como as abordagens teóricas sociais brasileiras sobre o tema (por exemplo, HASENBALG, 2005 [1980]; GUIMARÃES, 2009 [1999]; MUNANGA, 1999), a necessidade de foco teórico e a natureza do objeto empírico aqui estudado (textos publicados por brasileiros, a maioria negros, no Brasil, sobre um evento racista sofrido por um jogador negro brasileiro, Daniel Alves, e a publicação de uma *hashtag* em apoio a ele, por outro jogador também negro e brasileiro, Neymar Junior), focalizamos o racismo, conforme discutiremos de forma mais aprofundada nos capítulos I, II e IV, como um sistema de dominação baseado na desigualdade racial entre negros e brancos (em termos de tendências socioeconômicas e acesso a bens e serviços socioculturais), no preconceito, nas práticas discriminatórias contra aqueles e no privilégio racial destes (MUNANGA, 1999, 2003, 2006).

Os estudos das relações entre Linguagem & Racismo têm recebido importantes contribuições do estudo do discurso racista (VAN DIJK, 1988; 1989; 2009; 2015; 2015b; dentre outras obras do autor), do discurso racial ou sobre raça (*race talk*) (ALIM, RICKFORD & BALL, 2016; GOODMAN, 2014; WALSH, 2007; POLLOCK, 2004; VAN DEN BERG *et*

al., 2003) e sobre as relações entre linguagem, texto/discurso e racialização (WHITEHEAD, 2018; ENNSER-KANANEN, JÄNTTI & LEPPÄNEN, 2017; ROSA & FLORES, 2017; ROSA, 2016; FLORES & ROSA, 2015; DICK & WIRTZ, 2011), estudando raça como categoria sociocultural incorporada em práticas interativas, orientando explícita ou implicitamente essas práticas ao naturalizarem categorizações e hierarquizações raciais.

Embora esse quadro esteja se transformando rapidamente, há poucos estudos textuais/discursivos em língua portuguesa, baseados em análise linguística empírica, sobre a relação entre Linguagem & Racismo (podemos citar, no entanto, os estudos de Paiva [1998], Puente [2014], Mendes [2016], Vereza & Puente [2017], Muniz [2009; 2016], Pimenta [2019], entre outros), comparativamente à quantidade de estudos em língua inglesa em diferentes áreas das Ciências Humanas interessadas nos fenômenos da linguagem, principalmente a Linguística. Dentre estes, podemos apontar Whitehead (2018), Ennserr-Kananen, Jäntti & Leppänen (2017), Rosa & Flores (2017), Rosa (2016), Alim, Rickford & Ball (2016), Flores & Rosa (2015), Alim & Smitherman (2012), Dick & Wirtz (2011), Jiwani (2006), Walsh (2007), Pollock (2004), van den Berg *et al.* (2003), van Dijk (1988; 1989; 2009), dentre outros⁵.

Considerando as complexas e relevantes questões semióticas, linguísticas, (socio)cognitivas e históricas envolvidas no racismo e no antirracismo enquanto fenômenos sociais de interesse linguístico, a pouca quantidade de estudos em língua portuguesa na Linguística brasileira e o ainda baixo reconhecimento do estudo de questões étnico-raciais nas Universidades (MUNIZ, 2016) nessa área pode ser sintomática do “silêncio” social em que esse tema geralmente incorre (cf. GUIMARÃES, 2009 [1999]) à revelia de ser amplamente investigado em diversas searas das Ciências Humanas e à revelia da influência africana e indígena na formação do povo e da cultura considerada brasileira, sendo, pelo menos desde 2003, reconhecida em nível federal, por meio das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Indígena no Ensino Fundamental e Médio⁶.

⁵ Importantes estudiosos do texto/discurso e do racismo, Teun van Dijk e Antonio M. Bañón Hernández, assim, como outros pesquisadores, inclusive da América Latina, também escrevem em língua espanhola.

⁶ O texto da Lei de 2008, mais atual, é o seguinte:

“Art. 1o O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

‘Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

Existe já, no entanto, um conjunto de estudos sobre o racismo da/na (publicação da) *hashtag* #SomosTodosMacacos, principalmente nas áreas da Comunicação e da Semiótica (e também o estudo de Pimenta [2019] no campo linguístico), que geralmente entendem a *hashtag* como racista ou como reprodutora do “discurso de mestiçagem” ligado ao mito da democracia racial (PIRES & WEBER, 2018; SANTANA, BONINI & PRADOS, 2017; BRAGA & SANTOS, 2016; PRADO & AQUINO, 2015; MOTA & ALMEIDA, 2015; CAMPOS & MACHADO, 2014; SANTOS, 2014; MAINIERI & MENDONÇA, 2014). Os estudos da área de Comunicação e de Semiótica não apresentam, evidentemente, o interesse central de estudar a dimensão linguística ou linguístico-textual da publicação da *hashtag* e da sua repercussão na forma de textos.

O enunciado “Somos todos macacos” é uma forma intertextual que tem como escopo os intertextos do tipo *Somos todos N* e, potencialmente, como veremos, o intertexto “Somos todos iguais”. Do ponto de vista de sua organização linguística, o *N* (nome), nesses intertextos, é geralmente um nome próprio (exemplos: “Somos todos Guarani-Kaiowá”, “Somos todos Complexo”, “Somos todos Paris” etc., a serem comentados no capítulo III). A maioria desses intertextos surgiu como reação, pelo menos desde 2009, a acontecimentos que atingiram principalmente negros, imigrantes e/ou indígenas e que, assim, podem ser considerados, em sua maioria, como sendo contextualizados pelo racismo. Nesse sentido, a análise de textos referencial e intertextualmente relacionados à *hashtag* #SomosTodosMacacos, que remete intertextualmente ao intertexto “Somos todos iguais” e a textos do tipo *Somos todos N*, é um empreendimento investigativo bastante relevante para o estudo textual da representação ou construção sociocognitiva do racismo e do anti/não racismo.

O presente empreendimento investigativo justifica-se, em primeiro lugar, pela relevância hodierna da temática do racismo no cenário científico e político nacional e internacional. No Brasil, esse objeto “interessa por sua persistência histórica como contradição e problema” (AZEVEDO apud COSTA, 2006, p. 151). Tanto nacional quanto internacionalmente, os estudos do racismo já têm uma história teórico-política diversificada e bastante fundamentada (BARRETO *et al.*, 2017; COSTA, 2006), talvez consistindo, embora com “rupturas epistemológicas fundamentais”, “na área de estudos mais consistente e consolidada de todas as ciências sociais brasileiras” (COSTA, 2006, p. 152).

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em 26 jun. 2019.

No Brasil, além disso, temos observado, o interesse cada vez maior de linguistas nas diferentes interrelações entre linguagem e construções e processos sociais amplos, como raça e racismo. Vale dizer, nesse sentido, que esse empreendimento científico exige uma arbitragem interdisciplinar, uma vez que o estudo das relações raciais “nasceu e se mantém interdisciplinar, mesmo depois da acelerada especialização por que passaram as ciências humanas brasileiras ao longo dos anos 1970 e 1980” (COSTA, 2006, p. 153).

O racismo, processo social aqui tematizado, é um fenômeno complexo que se expressa e se aloca em diferentes campos da vida social: no trabalho, na escola, na rua, em casa etc. Embora ele deva ser investigado com a ajuda de delimitações geográficas e sócio-históricas (REGINALDO, 2018), ele também deve ser observado nas relações entre as diferentes regiões geográficas.

O Brasil consiste em uma delimitação político-geográfica que serviu como destino diaspórico de africanos escravizados pela colonização europeia. Essa região testemunhou a escravização, o genocídio e a catequização de indígenas, recebeu uma massa de africanos escravizados e é o país que mais possui negros fora da África (FONTOURA, 2018) – negros que historicamente “seguram o país no braço”, para lembrar a letra da canção da epígrafe – e continua, ao mesmo tempo, sendo um dos países mais desiguais do ponto de vista social e racial (GUIMARÃES, 2009 [1999]; HASENBALG, 2005 [1980]). Contrariando o mito da democracia racial, o racismo existe no Brasil, conforme reconhece a maioria dos brasileiros (COSTA, 2006; BARRETO *et al.*, 2017; FERREIRA, 2016). No decorrer da História brasileira, no entanto, e desde o início do processo de escravização em massa, os negros/africanos nunca deixaram de resistir à escravização e ao racismo de diferentes formas, muito antes de existir a categoria “antirracismo”.

Hoje, há diversos estudos internacionais, em diferentes campos, que postulam a existência tanto de um “novo racismo” quanto de uma “normatividade não racista” a ele relacionado (como Machado [2000]; Edwards [2003], Benwell [2012] e Jiwani & Richardson [2011]). No Brasil, a sociologia e a historiografia tem há muito chamado a atenção para o caráter apaziguador das formas com que as relações raciais são caracterizadas pelo mito da democracia racial e pelo “discurso da mestiçagem” a ele relacionado, conformando um racismo igualitarista (MUNANGA, 1999). Esse racismo diferiria do que ocorre(u) em regiões como os Estados Unidos e a África do Sul, baseadas na segregação racial, um racismo diferencialista (MUNANGA, 1999). A nosso ver, o alegado caráter “implícito” do racismo brasileiro e das novas formas de racismo fora do Brasil, se diferenciam em tempo e em espaço

(REGINALDO, 2018), mas têm em comum a possibilidade de enfatizar a linguagem como lugar de tensão social/sociocognitiva.

Assim, o “racismo novo” e a “normatividade não racista” internacionais podem estar relacionadas em parte com o mito nacional da existência de uma democracia racial, segundo a qual o País foi e ainda é, em certa medida, considerado um lugar privilegiado de miscigenação racial e de boa convivência entre as raças (GUIMARÃES, 2002; MOURA, 1988; FERNANDES, 1978): um paraíso não só tropical, mas também racial. Não é muito difícil, no entanto, ao se usar uma lupa analítica, verificar que, ainda que o Brasil seja bastante negro, em diferentes aspectos (por exemplo, na sua identidade nacional tal como é representada, nos seus símbolos identitários, na autodeclaração e na pele de mais da metade dos brasileiros), ele também é fortemente racista (COSTA, 2006), de forma mais explícita ou mais implícita, nos diferentes campos das atividades sociais. A identificação da permanência e do recrudescimento do racismo ocorre também, cada vez mais, em outras regiões do mundo. Recentemente, a filósofa e ativista negra Angela Davis declarou, em entrevista na Espanha, que “o racismo voltou a ser explícito”⁷.

As teses da “normatividade não racista” e da implicitude ou explicitude do racismo estão em jogo quando notamos que o futebol, como as redes sociais (PERRINO, 2017) e a universidade (quando se discutem as políticas antirracistas que reconhecem as diferenças e as desigualdades raciais), parecem ser espaços sociais em que o racismo produtivamente emerge de modo explícito, admitindo-se ou não a hegemonia do não racismo em outros espaços sociais onde a normatividade não racista poderia constranger as práticas explicitamente racistas. A possibilidade de ascensão social de negros no futebol ou na Universidade, por exemplo, pode ser, assim, “gatilhos” relevantes do racismo (explícito), bem como, inversamente, o racismo (explícito) pode ser utilizado para rebaixar simbólica ou materialmente o negro para as condições sociais de vulnerabilidade a que historicamente vem sendo assujeitado (HASENBALG, 2005 [1980]) como parte de um “mecanismo de barragem” (MOURA, 1988).

A esfera do futebol é aquela na qual ocorre o evento racista contextualizador dos artigos de opinião aqui analisados. Assim, as relações entre futebol e raça merecem também atenção nesta introdução. Parte importante da construção de uma identidade nacional, o futebol tem sido, no Brasil, um espaço bastante ocupado pela população negra e de origem

⁷ A entrevista com Angela Davis está disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/25/cultura/1540468443_420474.html. Acesso em 01 jun. 2019.

pobre, ainda que de forma limitada⁸, colocando essas pessoas diante da oportunidade de sonhar com a resolução ou a amenização de determinadas formas de opressão social sofridas e concretizar uma eventual visibilidade futura, ainda que apenas alguns poucos possam de fato consegui-lo.

O futebol tem sido também um esporte que participa principalmente da formação social dos meninos negros brasileiros (FARIA, 2009; BANDEIRA, 2010), incentivados desde cedo a “jogar bola”. Em contextos sociais de menor perspectiva de seguir com a educação formal, as muitas brincadeiras improvisadas de “peladas”, como são conhecidas as partidas amadoras nas praças e ruas das periferias brasileiras, podem ser o início das oportunidades de se profissionalizar no esporte, de ascender socialmente de alguma forma e de apaziguar determinadas formas de suscetibilidade social (CARVALHO, 2018).

O tema do racismo no futebol tem sido explorado por vários artigos jornalísticos (por exemplo, NEHER, 2014; PIRES, 2017) e científicos (por exemplo, SILVA & VOTRE, 2006, 2007). Por serem espaços de sucesso profissional e financeiro para poucos, esses esportistas negros sofrem investidas racistas por conta de o futebol ser um esporte de grande competição e de envolver grandes transações comerciais e atores sociais nem sempre preocupados com o bem-estar dos jogadores ou árbitros, que atuam diretamente com a prática futebolística.

São inúmeros eventos racistas desde o início da história do futebol contra jogadores e árbitros negros. Em 2014, particularmente, ano de Copa do Mundo de Futebol no Brasil, alguns eventos racistas se destacaram em partidas do esporte⁹. Segundo o Observatório contra a Discriminação Racial no Futebol¹⁰, criado por Marcelo Carvalho, foram 20 registros em 2014 no Brasil, ano de criação do Observatório: “O número aumentou em 2015: 35. Houve uma queda em 2016, com 25 casos. Mas o que parecia um avanço não se repetiu. Só até o dia 17 de julho deste ano [2017] já foram registrados 35 casos - 40% a mais do que todo o ano passado”. Segundo Lobão (2017):

[O] debate sobre esse tipo de intolerância nos gramados e arquibancadas ganhou espaço [em 2014] quando as câmeras de TV registraram situações em diversos jogos de ofensas contra vários jogadores. No mesmo ano foi criado o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, uma iniciativa

⁸ Um resumo da história racial do futebol brasileiro pode ser lida em Carvalho (2018), criador do Observatório contra a Discriminação Racial no Futebol. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/o-negro-no-futebol-brasileiro-insercao-e-racismo-170018678.html>. Acesso em 04 jul. 2018.

⁹ Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/discriminacao-racial-no-futebol-2017-ja-tem-mais-casos-do-que-todo-o-ano-de-2016.ghtml>. Acesso em 04 jul. 2018.

¹⁰ Disponível em: observatorioracialfutebol.com.br. Acesso em 04 jul. 2018.

com o objetivo de monitorar e denunciar casos de racismo no futebol brasileiro¹¹. (LOBÃO, 2017, s/p)

Era bastante relevante, portanto, naquela época, 2014, a promoção da campanha de conscientização *#Copa sem racismo*, do Governo Federal, então presidido por Dilma Rousseff, do PT (Partido dos Trabalhadores). Vale notar que o uso da *hashtag* no nome da campanha já apontava também o domínio das redes sociais virtuais como um importante campo de atuação dessa e de outras campanhas contra o racismo.

Alguns dos casos de racismo contra jogadores e árbitros negros em 2014 merecem destaque. Em fevereiro de 2014, o volante Tinga foi vítima do racismo de torcedores da equipe peruana Real Garcilaso durante uma partida de futebol. Quando o jogador tocava na bola, os torcedores emitiam sons à guisa de imitar macacos. Na ocasião, o clube peruano foi punido pela Conmebol (Confederação Sul-americana de Futebol) em U\$ 12 mil (então R\$ 27,8 mil)¹². Em 5 de março, o árbitro Márcio Chagas da Silva foi chamado de macaco por torcedores do Esportivo em Bento Gonçalves (RS). Os torcedores também deixaram bananas em seu carro, que, além disso, foi depredado. Como punição, o Esportivo perdeu 9 pontos e seis mandos de campo¹³ no campeonato gaúcho, além de ter sido multado em R\$30 mil.

No dia seguinte, o volante Arouca, do Santos Futebol Clube, foi também xingado de macaco pela torcida do Mogi Mirim no Campeonato Paulista. Como punição, o time teve seu estádio fechado pelo período correspondente a uma partida e foi multado em R\$50 mil. No mesmo mês, na final do Campeonato Gaúcho, o zagueiro Paulão, do Internacional, também foi chamado de macaco. Sua reação dentro de campo foi aplaudir ironicamente a ação do torcedor racista, que fugiu após ser procurado.

O xingamento de “macaco” é o mais comum dos ataques racistas contra negros no futebol, geralmente feito no contexto competitivo desse esporte (FERREIRA, 2016). Até o início de 2016, no futebol, nenhum dos eventos racistas citados, que se baseiam na representação racista do negro como macaco, ganhou tanta repercussão no Brasil quanto dois outros. O mais recente deles envolveu o jogador Aranha e ocorreu no segundo semestre de 2014, e outro, foco desta tese, ocorreu antes em abril do mesmo ano, envolvendo o jogador Daniel Alves. Em 28 de agosto de 2014, o goleiro Aranha do Santos Futebol Clube foi

¹¹ O Observatório disponibiliza na Internet os Relatórios Anuais da Discriminação Racial no futebol. Esses relatórios estão disponíveis em: <http://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>. Acesso em: 04 jul. 2018.

¹² Notícia disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/08/1507695-em-2014-outros-casos-de-racismo-ganharam-repercussao.shtml>. Acesso em 05 ago. 2017.

¹³ Mandos de campo são partidas jogadas no estádio da própria equipe de futebol.

chamado de “macaco” e de “preto fedido” por torcedores do Grêmio. Câmeras de emissoras de TV identificaram uma torcedora como uma das pessoas que atacaram verbalmente o goleiro. Ela e outros torcedores foram detidos por injúria racial, que consiste em crime definido pelo artigo 140 do Código Penal¹⁴.

Esse evento racista envolve ações e processos de (atribuição de) intencionalidade e de “vitimização” importantes de serem lembrados no contexto da presente tese de doutorado. Segundo notícias publicadas em 2017, a torcedora condenada por racismo contra o jogador Aranha responde ao processo em liberdade condicional e foi submetida à condenação pública em decorrência de exposição midiática, de acordo com o que relata seu advogado em entrevistas concedidas para a imprensa: ela saiu das redes sociais, chegou a mudar de emprego e de casa (teve sua casa incendiada), de aparência (para não ser reconhecida nas ruas ou por repórteres), sofre de depressão e se isola no ambiente doméstico. Segundo o advogado, a torcedora não teria cometido “um ato racista. Ela disse aquilo [chamar o jogador negro de macaco] no calor da emoção”. O racismo, nesse caso, é, ironicamente, como uma força expressiva que, fazendo parte da personalidade do indivíduo, pode não ser controlada, por interferência do estado emocional em um jogo competitivo (cf. FERREIRA, 2016); ao mesmo tempo, o advogado, nessa declaração, implícita uma concepção mais psicológica de intencionalidade, que seria relativamente independente dos sentidos mais estabilizados construídos pelo texto racista produzido por ela (chamar o jogador negro de macaco). A torcedora (e, em consequência, outros torcedores, que realizaram o mesmo ato) teria, assim, menor ou nenhuma responsabilidade pelo que disse. A cobertura midiática da situação da torcedora depois de ser processada por injúria racial se alinha à construção da torcedora como vítima da possível violência simbólica antirracista: “tão vítima quanto o [jogador] Aranha”, como declarou seu advogado à imprensa¹⁵.

O segundo evento racista com grande repercussão ocorreu na Espanha, na cidade de Villarreal, quando o jogador brasileiro Daniel Alves jogava pelo Barcelona contra o Villarreal, no dia 27 de abril de 2014, no estádio El Madrigal. Torcedores do Villarreal jogaram-lhe bananas. Daniel pegou a banana jogada, descascou-a e a comeu, antes de cobrar um escanteio. Esse evento foi, nos dias seguintes, amplamente noticiado por jornais e revistas internacionais.

¹⁴ A injúria racial, definida pelo artigo 140 do Código Penal, parágrafo terceiro, consiste em um crime contra a honra; uma ofensa contra alguém com base em sua cor, crença, etnia ou condição enquanto idoso ou pessoa com deficiência.

¹⁵ Disponível em: <https://esportes.r7.com/futebol/torcedora-do-gremio-que-insultou-aranha-em-2014-vive-no-anonimato-23102017>. Acesso em 05 jul. 2017.

O jogador brasileiro mais celebrado pela mídia nesse período e ainda hoje é Neymar da Silva Santos Júnior. Neymar realizou postagens (publicação de fotografias legendadas) em apoio a Daniel Alves, nas quais publicou a *hashtag* #SomosTodosMacacos. Descobriu-se, posteriormente, que a publicação de Neymar Junior havia sido agenciada por uma empresa de publicidade. Emergiram então textos, como artigos de opinião, sobre esses eventos, que tematizaram ou evocaram intertextualmente a *hashtag* #SomosTodosMacacos, apresentando pontos de vista sobre diferentes aspectos semióticos e contextuais da *hashtag*, como a sua relação com o racismo e o antirracismo.

O “caso Daniel Alves” de racismo consiste, segundo Araújo (2014, s/p), em um dos eventos racistas que “mancharam diversos jogos de futebol no Brasil, ou até mesmo fora das nossas fronteiras, mas envolvendo jogadores brasileiros” em 2014. O “caso” é considerado um dos 14 eventos racistas mais comentados do ano de 2014, segundo reportagem de Araújo (2014) publicada no portal de notícias da ONG Instituto da Mulher Negra *Geledés*. A reportagem relata que “Os casos do goleiro Aranha, do lateral Daniel Alves e do volante Tinga foram apenas alguns dos mais ilustrativos de um problema que ganha destaque quando envolve uma paixão nacional (neste caso, o futebol)” (ARAÚJO, 2014, s/p).

O “caso Daniel Alves” e a publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos que se seguiu ao ato racista sofrido pelo lateral motivam o interesse pela realização desta tese de doutorado por conta da sua complexidade social, textual e sociocognitiva, que abre possibilidades de investigações linguístico-textuais em relação ao modo como se relacionam e circulam socialmente os sentidos (anti)racistas construídos intra e intertextualmente; por conta da inserção da possibilidade de discussão das formas transnacionais contemporâneas do racismo nas regiões historicamente colonizadas e colonizadoras; e por conta da inserção dos atores sociais nos campos midiático e político envolvidos.

Embora a “campanha Somos todos macacos” seja hoje vista, por vezes, como de pouca importância, por já ter sido amplamente rejeitada, a reação vigorosa que se seguiu à sua publicação, predominantemente crítica, em artigos de opinião de figuras públicas em veículos de comunicação relevantes, indica que a *hashtag* #SomosTodosMacacos e seus contextos tiveram ou ganharam uma relevância à época que nos chama a atenção e que, a nosso ver, pode ser visitado de um ponto de vista linguístico-textual, informados por uma dimensão sócio-histórica de interesse hodierno.

Em relação à organização desta tese, ela está organizada da seguinte maneira: pela Introdução, seguida de 07 capítulos, pelas Considerações Finais, pelas Referências, pelo

Apêndice e pelos Anexos. O Capítulo I apresenta os principais estudos textuais/discursivos sobre o racismo e o antirracismo, com foco nos estudos em língua inglesa e portuguesa. O objetivo é compreender as principais linhas de investigação nesse campo, os principais achados, linhas e temas de sua agenda científica mínima, bem como identificar como esses estudos dialogam com a investigação internacional da representação do racismo e do antirracismo.

O Capítulo II apresenta uma discussão sócio-histórica em torno das noções de raça e de racismo. Nele, relatamos os principais elementos históricos das categorias de raça e de racismo, com o objetivo de apontar o caráter e a relevância fortemente histórica de aspectos simbólicos envolvidos na construção sociocognitiva do racismo e do antirracismo no *corpus* de artigos de opinião sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos. Assim, esse capítulo se concentra em estudos sócio-históricos do racismo, dando-nos uma contextualização histórica das construções simbólicas relacionadas aos processos históricos do racismo.

O Capítulo III apresenta a contextualização da publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos. Na primeira seção, comentamos sobre a relação dessa *hashtag* com o intertexto “Somos todos iguais”. Na segunda seção, com os intertextos *Somos todos N*. Na terceira, identificamos os principais contextos da *hashtag* e suas relações com as representações do negro como macaco e com o igualitarismo realizadas ou evocadas na reação de DA e na reação de NJ. Na seção 4, analisamos o intertexto “Somos todos macacos”. Na seção 5, apresentamos parte da reação a essa publicação, por meio da apresentação de títulos noticiosos e postagens de redes sociais por atores sociais de relevância. Assim, podemos contextualizar as reações empreendidas pelos artigos de opinião, mais ou menos próximas às presentes nesses outros textos ou gêneros.

No Capítulo IV, apresentamos o quadro teórico no campo da Linguística Textual da pesquisa. Nesse capítulo, discutiremos os processos de referenciação, intertextualidade e mobilização textual de *frames*. No Capítulo V, apresentamos a metodologia delineada para a pesquisa e para a análise, apresentando os critérios de seleção dos artigos de opinião e suas principais características, bem como o delineamento da descrição e a exemplificação da identificação do *frame* Racismo. No Capítulo VI, realizamos as análises dos textos do *corpus* e, no Capítulo VII, realizamos a discussão dos resultados das análises, defendendo a ideia de que (i) o *corpus* indica determinadas tendências de representação do racismo, qual seja a de um “racismo de vítimas”, que, como explicaremos, pode ser contextualizado por um tipo de antirracismo diferencialista; que (ii) as ações textuais/discursivas analisadas no *corpus* consistem em práticas de (des)legitimação de determinadas formas de representação do

racismo, permitindo que possamos discutir não apenas uma tendência contemporânea situada dessa representação como também relacioná-la à convergência a uma perspectivação (GRAUMANN, 1993; SANDIG, 1996; LIMA, 2014) negra antirracista. Apresentaremos, depois desse capítulo, as Considerações Finais da tese, onde recapitulamos os resultados da pesquisa e os discutimos, identificando temáticas e desafios para uma agenda no campo dos estudos sobre Linguagem & Racismo. Por fim, apresentamos as Referências do trabalho.

Para concluir esta Introdução, é necessário considerar que categorizaremos textualmente, ao longo desta tese, a “#SomosTodosMacacos” como “*hashtag*” quando estivermos tomando como perspectiva sua emergência como tal nas postagens de NJ. No empreendimento analítico a ser realizado, no entanto, vamos referi-la também de outras formas, uma vez que essa expressão não emerge sempre da mesma maneira do ponto de vista linguístico-textual. Usaremos as seguintes categorizações: “enunciado”, uma vez que estejamos enfatizando o caráter linguístico da expressão; “texto” ou “cotexto”, uma vez que estejamos considerando o ponto de vista de que a *hashtag* #SomosTodosMacacos faz parte da legenda das imagens publicadas por NJ; “intertexto”, quando estivermos enfatizando a sua emergência intertextual nos artigos de opinião do *corpus*; e “predicação verbal”, quando considerarmos a existência de um referente não previamente determinado, mas implicado e predicado pelo uso verbal da primeira pessoa do plural “Somos todos macacos”.

Capítulo I – Estudos textuais/discursivos sobre o racismo e o antirracismo

Tony Lip: “Você deveria ter visto aquele lugar, Dee. Estava cheio de estátuas e de todo tipo de porcarias de adereços. E ele estava sentado em cima de um maldito trono vestido como o rei dos coelhos da selva.

Dolores Vallelonga: “Ele é negro?”

Diálogo do casal Tony Lip e Dolores Vallelonga sobre o pianista Don Shirley como personagens no filme *The Green Book*

Como anunciamos na Introdução, os estudos de Linguagem & Racismo, embora com menor intensidade e com perspectivas teóricas diversas, têm sido realizados internacionalmente com um interesse cada vez maior. Com base nos objetivos da pesquisa, nas características do *corpus* constituído e na contribuição das abordagens textuais/discursivas para a compreensão do “uso da linguagem na construção, manutenção, legitimação”, “subversão ou resistência a ideologias e estruturas sociais raciais e/ou racistas” (WHITEHEAD, 2018, p. 1), consideramos neste capítulo principalmente as investigações empreendidas no campo dos estudos textuais/discursivos da Linguística e em estudos interdisciplinares em que os aspectos textuais/discursivos são categorias teórico-analíticas importantes. No entanto, como os estudos textuais/discursivos do racismo e do antirracismo vicejam mais no exterior e menos na Linguística brasileira, eles acabam observando o racismo a partir do ponto de vista histórico-cultural das regiões em que ou em torno das quais são produzidos. Por essa razão, a forma como se desenvolveu historicamente o racismo no Brasil não é focalizada na discussão que realizamos neste capítulo sobre os estudos textuais/discursivos (discutimos o racismo no Brasil no capítulo II). No entanto, as formas como ele se desenvolveu fora do País não estão totalmente apartadas do chamado racismo “à brasileira”.

O racismo hodierno é em muitas regiões predicado como “sutil”, “implícito”, “novo”, “cordial”, “velado” etc. Fundamental para essa discussão é a postulação de um *continuum* entre explicitude/implicitude do racismo contemporâneo (JIWANI & RICHARDSON, 2011): haveria, em um extremo, um racismo explícito e, em outro extremo, um racismo implícito – de outra forma, sutil. Segundo determinado sentido de explicitude/implicitude do racismo, ligados à formulação ou escamoteação verbais da violência racista, poderíamos constatar as torpezas ou desvendar as suas sutilezas adentrando o reino da linguagem e identificando a forma como o racismo é nela “reproduzido”, inclusive em muitos textos que se apresentam como antirracistas. Nesse caso, a nosso ver, esse sentido de explicitude/implicitude diz respeito a um racismo linguisticamente (não) declarado.

Outro sentido de explicitude/implicitude do racismo, no entanto, liga-se a aspectos não necessariamente verbais relacionados à pressuposição do sofrimento social exposto nos itens abaixo.

- (i) O racismo impõe sofrimento a indivíduos, coletividades e/ou povos negros;
- (ii) Esse sofrimento incomoda não apenas as vítimas do racismo, mas também os que se colocam empaticamente no lugar dessas vítimas, ainda que de formas, níveis ou intensidades diferentes delas;
- (iii) Para as vítimas do racismo e para os que são empáticos com elas, o racismo deve diminuir ou acabar, em decorrência dos aspectos apontados nos itens acima;
- (iv) Esse sofrimento persiste, embora de forma mitigada.

Se o racismo se torna sutil na contemporaneidade, ele é capaz de permanecer nela causando um incômodo/sofrimento social agora diferente. Ainda segundo a tese do racismo sutil, a explicitação do racismo se daria prototipicamente por meio de regimes políticos em que o sofrimento causado à população negra é a escravização, o genocídio e a segregação racial.

Nesse caso, o racismo, por ser sutil, não é mais tomado como um regime sociopolítico. Passa a ser emblematicamente (embora não unicamente) tomado em seu caráter psicológico, atitude, prática interpessoal ou evento. Mesmo dentro dessas práticas, no entanto, o racismo pode ser mais ou menos explicitado, passando pelos xingamentos, por exemplo. As ações verbais e não verbais seriam ainda fundamentais para a permanência desse racismo implícito (por não ser um regime sociopolítico), mas potencialmente explícito (por meio de ações verbais ou não verbais).

Há alguns questionamentos contra a hipótese do racismo “sutil” ou “novo racismo” (LEACH, 2005), dentre os quais, temos que:

- (i) Se a relação entre linguagem e implicitude é forte (como sugerem, por exemplo, Koch [2002], Marcuschi [2007b] e Hanks [2008])¹⁶, não haveria

¹⁶ Nesse caso, a questão da explicitude/implicitude do racismo na linguagem provavelmente não coincide com a da explicitude/implicitude *da linguagem*. Segundo Marcuschi (2007b), a implicitude, mais do que a explicitude, faz parte do modo de ser da linguagem em uso. Para ele, explicitar é “*oferecer uma formulação discursiva de tal modo que contenha em si as condições de interpretabilidade adequada ou pretendida*”, “dizer de forma *interpretável* a partir das condições presentes (ou inferíveis) no universo discursivo em andamento, seja ele no formato do discurso oral ou escrito. Explicitar equivaleria a criar *condições de acesso*” (MARCUSHI, 2007b, p.

sentido em dizer que houve ou pode haver racismo explícito por meio da linguagem, apenas racismo implícito;

- (ii) A hipótese da sutileza do novo racismo tende a postular que não há mais grandes “tragédias” sociais racistas institucionalizadas (a identificação do racismo estrutural (ALMEIDA, 2016), no entanto, tem de certa forma relativizado essa hipótese).

Estudos históricos de diferentes perspectivas (como Moore (2007) e Bethencourt [2018/2016]) indicam, além disso, a existência do racismo anteriormente à sua institucionalização na escravidão africana para as Américas, antes dos séculos XV e XVI, quando não se costumava chamar de “sutis” esses períodos não escravistas/segregacionistas e quando o que chamamos hoje de racismo não configurava necessariamente um regime político.

Considerando essa discussão, no entanto, entendemos que um ganho da hipótese do “racismo sutil” ou do “novo racismo” na linguagem é chamar a atenção, por exemplo, para os aspectos linguísticos da existência do racismo, fazendo se aprofundarem os estudos de Linguagem & Racismo. Assim, nesse momento, é necessário relocalizar esses estudos em um mundo em que o racismo é mais explícito ou mais implícito linguística ou socialmente a depender do que se entende por explicitude e implicitude e dos processos e das práticas sociais nas/por meios das quais o racismo é posto em funcionamento, principalmente se consideramos um possível recrudescimento contemporâneo da sua explicitude verbal e não verbal (BUCHOLTZ, 2018).

Baseados em uma revisão bibliográfica, vale salientar aqui alguns trabalhos brasileiros que lidam com a noção de raça e que podem dialogar com uma perspectiva textual/discursiva, como é o caso de um conjunto de trabalhos sobre metáforas raciais (PAIVA, 1998; MENDES, 2016; VEREZA & PUENTE, 2017), no campo da Linguística Cognitiva.

Paiva (1998) e Vereza & Puente (2017) exploram o que a primeira autora chama de “metáforas negras”, que consistem no mapeamento metafórico da escuridão, da cor preta dos objetos, da cor negra da pele e de fenômenos similares. A tese de Paiva (1998) é a de que esses fenômenos ligados a cores ou imagens de cor escura são geralmente conceptualizados por meio de atributos negativos e, por isso, essa conceptualização poderia ser considerada

40, grifos do autor). Além disso, a implicação, por sua vez, pode depender de conhecimentos mútuos e, portanto, de especificidades culturais desses conhecimentos (MARCUSCHI, 2007b).

como racista, principalmente ao ser direcionada à cor das pessoas negras¹⁷. O estudo de Vereza & Puente (2017), no entanto, procura mostrar que a conceptualização das cores ou imagens escuras como coisas negativas se deve à corporificação das experiências (verbais e não verbais) com essas imagens ou ambientes escuros (podemos citar, por exemplo, a dificuldade de andar no escuro, o uso das expressões “tenebroso”, “obscuro” etc. ou a categorização da Idade Média como “Idade das Trevas”) e que essa conceptualização corporificada é eventualmente direcionada com uma motivação racista às pessoas negras.

A nosso ver, estão em discussão nesses estudos as formas de representação racista do negro e as próprias estratégias simbólicas antirracistas, como a projeção/instauração ou não da metáfora ESCURIDÃO É MAL (VEREZA & PUENTE, 2017) nas práticas textuais/discursivas “politicamente corretas”; por exemplo, no uso ou não do adjetivo “claro” e do advérbio “claramente” como articulador textual. Nesse caso, a claridade promovida pela luz ou por cores esbranquiçadas é metaforicamente relacionada ao sentido positivo do bom entendimento de ideias, ligado à racionalidade humana.

O trabalho de Mendes (2016), por sua vez, discute a dimensão linguístico-conceptual da metáfora PESSOA AFRODESCENDENTE É MACACO. Em resumo, essa metáfora, segundo a autora, nasce historicamente das classificações raciais científicas¹⁸ realizadas pelo menos até o século XIX. Nesse sentido, os afrodescendentes seriam representados, por meio dessa metáfora, de forma negativa por sua categorização como um animal; portanto, pouco dotado das capacidades sociocognitivas tipicamente humanas. Esse trabalho é de particular interesse para esta tese por discutir, em determinado ponto, a representação do negro como macaco evocada na *hashtag* #SomosTodosMacacos. No caso do trabalho de Mendes (2016), está em questão também a representação do negro/afrodescendente no campo do “discurso racista”.

É importante que os estudos linguísticos do racismo no Brasil dialoguem com as perspectivas construídas fora do País, a fim de que se possam compreender melhor as similaridades e as especificidades da relação entre Linguagem & Racismo em determinado

¹⁷ Ver, por exemplo, Moore (2007) ou as expressões racistas listadas pelo portal *Universa*, disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/21/10-expressoes-racistas-que-deveriamos-tirar-do-nosso-vocabulario.htm>. Acesso em 22 abr. 2019.

¹⁸ Por meio da predicação nominal “científico” atribuída às classificações, categorias e hierarquias produzidas pelo racismo e pela eugenia europeias do século XIX e da década de 30, não estamos dizendo que elas são cientificamente legítimas, mas apenas que foram produzidas no campo social científico. Evitamos, aqui, o uso do termo “pseudocientífico”, que, embora descreva essas classificações, também dão a entender que o racismo que elas produziram está restrito à produção científica do século XIX na Europa (STEPAN, 2005 [1991]): estudos que classificam e hierarquizam grupos humanos, muitas das vezes com pressupostos e efeitos possivelmente eugênicos, seguem emergindo, ainda que de forma não sistemática, no campo científico pós-século XIX e pós-década de 30, dentro e fora da Europa (GOULD, 1991 [1981], STEPAN, 2005 [1991]).

espaço geográfico e a influência das especificidades do racismo nessas regiões na própria forma como essa relação é investigada. A principal vertente internacional do estudo textual/discursivo da relação entre Linguagem & Racismo tem sido a Análise Crítica do Discurso (ACD) e os Estudos do Discurso. Sobre a primeira área, baseados em Whitehead (2018), podemos dizer que as abordagens textuais/discursivas da ACD têm como principais fundamentos teórico-metodológicos:

- (i) O compartilhamento de uma visão da linguagem como um “veículo das ações e práticas sociais e como elemento constitutivo das ações, eventos e situações que elas descrevem, mais do que meramente um meio de transferir informação”¹⁹ (WHITEHEAD, 2018, p. 1);
- (ii) O interesse pelos efeitos do “uso da linguagem em formas particulares, em contextos particulares” e foco “em instâncias reais do uso da linguagem”, provendo alternativas metodológicas “qualitativas, contingentes e sensíveis a contexto”²⁰ (WHITEHEAD, 2018, p. 1).

Segundo Whitehead (2018), que se interessa pela intersecção entre interação social e raça/etnia, as abordagens textuais/discursivas:

[...] facilitaram formas de dissolução das dicotomias tradicionais “macro versus micro”, promovendo recursos para a consideração das maneiras com que as estruturas “macro” tornam-se observáveis em e são reproduzidas ou resistem através de usos da linguagem no nível “micro”. (WHITEHEAD, 2018, p. 1)²¹

O estudo dos quadros sociais mais amplos ou “macro” do racismo acaba sendo mais explorado, quando comparado com o dos aspectos mais locais ou “micro”, ainda que

¹⁹ “Despite the debates around these and other questions, discourse analytic approaches generally share in common a view of language as a vehicle for social practices and actions, and a constitutive feature of the actions, events, and situations it describes, rather than merely a means of transferring information (see, e.g., Fairclough & Wodak, 1997; Potter & Wetherell, 1987). As such, analysis is concerned not with the truth or falsity of texts or utterances, nor with their face-value content, but rather with what is accomplished by using language in particular ways, in particular contexts. Discursive approaches also focus on actual instances of language use, in contrast to the use of invented or hypothetical examples commonly used by many linguists (cf. Heritage, 1984; Potter & Wetherell, 1987), while providing qualitative, contingent and context-sensitive alternatives to quantitative, causal, and aggregated models of language use that had historically dominated social scientific research on language use (Harré, 2001)”. Todas as traduções foram realizadas pelo autor, exceto quando informarmos o contrário. A partir deste ponto, serão acompanhadas de nota de rodapé com o texto original.

²⁰ Ver texto original em inglês na nota anterior.

²¹ “[...] Discursive approaches also focus on actual instances of language use, in contrast to the use of invented or hypothetical examples commonly used by many linguists (cf. Heritage, 1984; Potter & Wetherell, 1987), while providing qualitative, contingent and context-sensitive alternatives to quantitative, causal, and aggregated models of language use that had historically dominated social scientific research on language use (Harré, 2001). These shifts facilitated ways of dissolving traditional “macro versus micro” dichotomies, providing resources for consideration of the ways in which “macro” structures become observable in, and are reproduced or resisted through uses of language at the “micro” level.”

estes costumem ser tematizados pelos autores, como vimos. Os aspectos mais locais do racismo costumam ser mais explorados, na verdade, pelos estudos do antirracismo, o que indica que o antirracismo é geralmente mais concebido como ligado a práticas e a ações sociais locais, uma vez que não é, como o racismo, um sistema social (VAN DIJK, 2015b). Entendemos que a análise das práticas de linguagem racistas ou antirracistas, que se realizam na forma de textos (KOCH, 2002, 2004), exige uma visão sociocognitivo-interacional, envolvendo aspectos interacionais e sociocognitivos mais “macro” e mais “micro” (VAN DIJK, 2012; 2015b).

Um dos autores mais reconhecidos no campo do estudo sociocognitivo da relação entre linguagem/discurso e racismo é Teun van Dijk. Segundo o autor, que é do campo dos Estudos do Discurso (onde mais viceja a caracterização linguística e sociocognitiva do “discurso racista”), a cognição medeia a relação entre linguagem e sociedade (VAN DIJK, 2014, 2015c) e, assim, o racismo, “nos termos da relação triangular entre discurso, cognição e sociedade” (VAN DIJK, 2015c, p. 76)²², é compreendido como:

[U]m sistema social complexo de dominação social reproduzida por práticas sociais discriminatórias cotidianas (incluindo o discurso) com base em modelos mentais pessoais e também de controle etnicamente enviesados e preconceitos e ideologias socialmente compartilhadas [...].²³ (VAN DIJK, 2015b, p. 477).

Esse sistema, segundo van Dijk (2012), é composto por um “subsistema social” e um “subsistema cognitivo”. O subsistema social diz respeito a “práticas sociais de discriminação no (micro) nível local, e por relações de abuso de poder por grupos, organizações e instituições dominantes em um (macro) nível de análise” (VAN DIJK, 2012, p. 134). O subsistema cognitivo, no qual “o discurso também desempenha um papel fundamental” (VAN DIJK, 2012, p. 135), diz respeito a “uma base mental que consiste em modelos tendenciosos de interações e eventos étnicos, que, por sua vez, encontram-se enraizados em preconceitos e ideologias racistas”; diz respeito a uma “cognição social racista (preconceitos, ideologias racistas) que sustenta práticas racistas (discriminação)”²⁴ (VAN DIJK, 2015, p. 76). Nesse caso, o discurso racista “é uma das práticas racistas

²² “[...] in terms of the triangular relation between discourse, cognition and society”.

²³ “a complex system of social domination reproduced by everyday discriminatory social practices (including discourse) based on, as well as controlling, ethnically biased personal mental models and socially shared prejudices and ideologies, as explained in Section 1.”

²⁴ “[...] racist social cognition (prejudices, racist ideologies) underlying racist practices (discrimination)”.

discriminatórias e ao mesmo tempo a maior fonte da aquisição e da reprodução de preconceitos e ideologias racistas”²⁵ (VAN DIJK, 2009, p. 76).

Esses subsistemas são implementados e reproduzidos cotidianamente nos níveis micro e macrosociais em/por formas específicas de prática e interação racistas, levando à discriminação. “Esse sistema de dominação ou desigualdade, bem como suas práticas discriminatórias, são baseados em e legitimados por um sistema subjacente e socialmente compartilhado de ideologia racista [...]” (VAN DIJK, 2015c, p. 59). Essa teorização de van Dijk colabora com uma visão sociocognitiva ampla de como funciona o racismo em termos de discurso e de cognição social.

É importante observar que outros autores traçam questionamentos em relação a alguns aspectos importantes dos Estudos do Discurso e dos estudos da ACD. Segundo Machado (2000), por exemplo, a teorização de van Dijk sobre o racismo tende a vê-lo como um sistema complexo de dominação do qual dificilmente se pode escapar. Assim, o próprio antirracismo seria difícil de ser teorizado ou analisado a partir dessa concepção de racismo. Mais recentemente, van Dijk tem realizado discussões acerca da natureza do antirracismo, entendido como um conjunto de práticas discursivas e sociais/sociocognitivas. Entendemos que essa discussão vandijkiana sobre o racismo enquanto um sistema e o antirracismo enquanto um conjunto de práticas sociais diz respeito à própria concepção de usuário da linguagem ou de ator social envolvida na teorização de van Dijk, atribuindo a estes mais ou menos agentividade/passividade (e, portanto, ocasionalmente, mais ou menos responsabilidade e intencionalidade) na dinâmica do funcionamento social do racismo e do antirracismo.

Um questionamento semelhante ao de Machado (2000) sobre a natureza das ações e das práticas dos atores sociais racistas ou antirracistas é levantado também em relação à ACD. Segundo Whitehead (2018), a ACD é problematizada porque teria como características teóricas as seguintes:

- (i) “[T]ratar as pessoas como receptores passivos, em vez de produtores ativos (e, portanto, moralmente responsáveis) de discursos raciais, assumindo, mais do que empiricamente examinando, os impactos do discurso da elite sobre usos da

²⁵ “Racist discourse is one of the discriminatory racist practices, and at the same time the major source of the acquisition and reproduction of racist prejudices and ideologies”.

linguagem em ambientes cotidianos (Verkuyten, 1998)”²⁶ (WHITEHEAD, 2018, p. 8);²⁷

- (ii) “[A]ssumir que o racismo como objeto de investigação pode ser definido *a priori* e que instâncias dele podem ser identificadas sem problemas nos textos examinados, de modo que ‘o racismo e os processos de racialização são vistos como flexíveis’ e situacionalmente contingente, mas o significado do racismo não (Verkuyten, 1998, p. 149)”²⁸ (WHITEHEAD, 2018, p. 8);
- (iii) Não considerar que “a reprodução interacional das categorias raciais e étnicas constitui um importante objeto de estudo, independentemente do exame do discurso especificamente racista”²⁹ (WHITEHEAD, 2018, p. 8).

Do ponto de vista específico dos estudos textuais/discursivos de racismo e de antirracismo, a reflexão apresentada chama a atenção para a operacionalidade das categorias de raça em textos não explicitamente racistas. A partir dessa reflexão sobre a abordagem da ACD também podemos chamar a atenção para uma concepção dos indivíduos ou usuários da linguagem como atores sociais (BENTES & REZENDE, 2017) e o caráter contingente, situado, emergente, mas também incorporado (HANKS, 2008) dessas interações e das representações do racismo. Essa concepção salienta, a nosso ver, o caráter dinâmico dos processos sócio-históricos envolvidos na relação entre texto/discurso e racismo (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]), abrindo a possibilidade de discutir sobre as práticas racistas e antirracistas e sobre as relações entre as forças sociais envolvidas no tratamento social dado às pessoas socialmente “indesejáveis” – para usar a expressão de Gould (1991 [1981]).

²⁶ “the “top down” focus and assumptions of these studies have also been criticized for their tendency to treat people as passive recipients rather than active (and thus morally accountable) producers of racial discourses, while assuming rather than empirically examining the impacts of elite discourse on uses of language in everyday settings (Verkuyten, 1998). This also relates to a tendency to assume that racism as an object of inquiry can be defined *a priori* and that instances of it can be unproblematically identified in the texts being examined, such that “[r]acism and processes of racialisation are seen as flexible and situationally contingent, but the meaning of racism is not” (Verkuyten, 1998, p. 149), and analysts’ definitions of racism are privileged over participants’ own orientations and understandings (McKenzie, 2003; Verkuyten, 1998). [...]”

Moreover, as Whitehead and Lerner (2009, p. 614) note, although “racist discourse is certainly a crucial object of study, such discourse depends upon the availability of the racial categorization of persons as a resource”, and the social organization of racial categories “underpins not just racist discourse, but also any other form of discourse in which race is used, including anti-racist discourse” (Whitehead & Lerner, 2009, p. 614). As such, the interactional reproduction of racial and ethnic categories constitutes an important object of study, independently of the examination of specifically racist discourse.”

²⁷ Em relação ao item (i), podemos dizer que pelo menos Fairclough (2001 [1992]) é uma exceção. Nessa obra, o autor desenvolve uma reflexão ampla sobre concepções teóricas do discurso e do racismo, salientando o aspecto social dinâmico dessas noções.

²⁸ Ver nota anterior.

²⁹ Ver nota anterior.

A noção sociocognitiva de contexto é também relevante nesse quadro teórico, sem a qual não se pode ir muito longe na compreensão das relações macro e micro na análise de construções sociocognitivas de racismo e antirracismo. A concepção do contexto como uma construção sociocognitiva intersubjetiva e situada adotada por van Dijk (2012 [2008]), dentre outros autores, é de relevância nesse campo. Embora não formulada no campo dos estudos do racismo ou do antirracismo, a teorização de Hanks (2008) sobre contexto e práticas sociais também é fundamental, principalmente por delinear os aspectos emergentes e incorporados das práticas de linguagem. Esses processos estabelecem uma relação mais orgânica e dinâmica entre ações textuais/discursivas locais e os quadros sócio-históricos.

Uma das principais contribuições dos estudos textuais/discursivos (e de outros estudos, como o do campo psicossocial [MACHADO, 2000]) tem sido a reflexão sobre o caráter do racismo e do antirracismo contemporâneo por meio da observação de situações interativas de usos da linguagem guiados sociocognitivamente pela categoria de raça (o que tem sido chamado de *race talk* ou de discurso racializado). Esses estudos contribuem para a compreensão da propagação/estabilidade sócio-histórica e sociocognitiva do racismo na contemporaneidade. A tese de uma nova “ordem” (não) racista também está presente em muitos autores vindos de diferentes disciplinas e searas teóricas textuais/discursivas. Tais “racismos” são nomeados e definidos de diferentes formas: “racismo cultural” (BLAUT, 1992), “novo racismo” (*new racism*) (BARKER, 1981; MACHADO, 2000), racismo “sutil”, “velado” etc. De uma forma geral, podemos dizer que esses tipos de racismo teriam como característica principal a sua não explicitação, nas instituições e/ou no campo interpessoal.

Segundo Whitehead (2018), o estudo do “novo racismo”, particularmente, está relacionado com a constatação de que o racismo explícito, declarado, teria se tornado, particularmente após a Segunda Guerra Mundial, “amplamente inaceitável e associado principalmente a elementos marginais extremos que operam fora das normas sociais tradicionais” (WHITEHEAD, 2018) e, no lugar dele, o racismo emergiria “em formas encobertas ou sutis”, em que a negação de ser racista (elemento importante da construção do não racismo) aparece como uma característica central:

Isso levou à extensa literatura sobre características discursivas das negações do racismo (Augoustinos & Every, 2007a, 2007b, 2010; Van Dijk, 1992, 1993), com análises de fenômenos relacionados incluindo a substituição de discursos biológicos de raça por discursos culturais (Durrheim & Dixon, 2000; Wetherell & Potter, 1992), dilemas ideológicos em relação à raça (Billig, 1988; Billig, et al., 1988), características retóricas do discurso racial (Billig, 1988, 1991; Verkuyten, de Jong & Masson, 1994) e ideologias raciais modernas, como o “racismo cego a cor” (*color-blind racism*)

(Bonilla-Silva, 2006; Carr, 1997) também sendo proeminentes. (WHITEHEAD, 2018, p. 21-22)

No entanto, como já destacamos, no campo dos estudos textuais/discursivos do racismo, são levantados questionamentos acerca do quanto realmente seriam “novas” as estratégias textuais/discursivas do “novo racismo”. Whitehead (2018) cita a discussão de Leach (2005), que realiza duas reflexões importantes sobre o caráter relativamente “antigo” do “novo” racismo: “o discurso racista flagrante não era mais prevalente antes da igualdade racial *de jure* do que em tempos mais recentes” e “negações de racismo e formas sutis de discurso racista eram predominantes no discurso institucional e cotidiano muitas décadas antes de se tornarem objetos de atenção científica social” (WHITEHEAD, 2018, p. 21-22). Whitehead (2018) e Leach (2005) avaliam, assim, que, “pode haver mais continuidade histórica nos discursos raciais do que os estudos baseados nas teorias do ‘novo racismo’ tipicamente assumem”³⁰ (WHITEHEAD, 2018, p. 21-22).

Estudos resenhados por Whitehead (2018) sobre textos e interações orais na Internet, bem como o estudo de Perrino (2017), indicam que no ambiente das redes sociais, por exemplo, o racismo tende a aparecer de forma verbalmente explícita (PERRINO, 2017), sendo um desses “elementos marginais extremos que operam fora das normas sociais tradicionais” (WHITEHEAD, 2018, p. 21-22). Esses estudos enfatizam:

[...] as maneiras pelas quais o relativo anonimato proporcionado pela Internet incita o uso irrestrito de expressões racistas do tipo que se supunha ter se tornado menos prevalente por conta das normas antirracistas contemporâneas discutidas acima (ver, por exemplo, Coffey & Woolworth, 2004; Steinfeldt *et al.*, 2010). (WHITEHEAD, 2018, p. 17)³¹

³⁰ “A central theme in much of the early discursively oriented research on race and racism was that of “the new racism” (Barker, 1981), which is rooted in observations of the ways in which crude or blatant (“old-fashioned”) racism has, relatively recently (particularly post-World War II), become broadly socially unacceptable and associated mainly with extreme fringe elements who operate outside of mainstream social norms. However, rather than disappearing altogether in the face of these normative shifts, racism is seen to emerge in covert or subtle and more sophisticated forms, with denial as a central feature. This has led to extensive literature on discursive features of denials of racism (Augoustinos & Every, 2007a, 2007b, 2010; Van Dijk, 1992, 1993), with analyses of related phenomena including the replacement of biological discourses of race with cultural discourses (Durrheim & Dixon, 2000; Wetherell & Potter, 1992) ideological dilemmas with respect to race (Billig, 1988; Billig, et al., 1988), rhetorical features of racial discourse (Billig, 1988, 1991; Verkuyten, de Jong, & Masson, 1994), and modern racial ideologies such as “color-blind racism” (Bonilla-Silva, 2006; Carr, 1997) also being prominent. While the literature in these areas has been enduring and cumulative, questions have been raised about how “new” the discursive features associated with “new racism” actually are. For example, Leach (2005) argues that blatant racist discourse was no more prevalent before *de jure* racial equality than it is in more recent times, and that denials of racism and subtle forms of racist discourse were prevalent in both institutional and everyday discourse for many decades before they became objects of social scientific attention. There may thus be more historical continuity in racial discourses than studies grounded in theories of “new racism” typically assume (Leach, 2005)”.

³¹ “[...] the ways in which the relative anonymity afforded by the Internet provides for unrestrained expressions of racism of the sort that had been assumed to have become less prevalent as a result of the contemporary anti-racist norms discussed above (see, e.g., Coffey & Woolworth, 2004; Steinfeldt *et al.*, 2010). These studies have thus considered the use of online platforms to propagate crudely racist discourses, whether directly, through the

Esses estudos relativizam também a tese de um “novo racismo”, uma vez que este não estaria necessariamente em funcionamento em determinadas práticas das redes sociais da Internet. No entanto, não deixa de ser relevante, a nosso ver, o estudo do “novo racismo” no uso (não) racista de estratégias textual-interativas que, operando a partir da categoria de raça, pressupõem a expectativa de que o interlocutor ou leitor pode entender a construção textual do falante como racista (BENWELL, 2012) e, assim, evitar essa construção. Esses achados, tal como relatados por Benwell (2012) abaixo, têm lançado luz sobre a natureza textual/discursiva e sociocognitiva do racismo e do antirracismo:

Estudos influentes do discurso sobre raça e imigração de um conjunto de contextos escritos e orais, públicos e privados (Billig, 2001; Bonilla-Silva and Forman, 2000; Rapley, 1998; Van Den Berg et al., 2003; Van Dijk, 1991, 1992; Wetherell e Potter, 1992) têm tendido a focalizar falantes e escritores brancos e séries de estratégias retóricas que antecipam a perspectiva de que as crenças deles (sobre imigração, desigualdade, etc.) tendem a ser entendidas como racistas (devido a sua apresentação negativa das qualidades ou ações de grupos étnicos particulares), e que além disso se estabelece a sua negação, seja explícita ou implicitamente. Essas estratégias retóricas são desenhadas para oferecer suporte razoável para perspectivas tomadas como racistas evitarem a imputação de que o que os motiva é um preconceito irracional e baseado na raça, considerando um clima social em que ‘lugares-comuns de preconceito... [sic] têm sido removidos do diálogo ou do pensamento público’ (Billig, 1996: 217). (BENWELL, 2002, p. 363)

A incorporação da categoria de raça nas interações sociais costuma ser investigada também nos estudos textuais/discursivos do chamado discurso racial (*race talk*) (ALIM, RICKFORD & BALL, 2016; WALSH, 2007; POLLOCK, 2004; VAN DEN BERG *et al.*, 2003) e das relações entre linguagem, texto/discurso e racialização (ENNSER-KANANEN, JÄNTTI & LEPPÄNEN, 2017; ROSA & FLORES, 2017; ROSA, 2016; FLORES & ROSA, 2015; DICK & WIRTZ, 2011). Dick & Wirtz (2011) definem os “discursos racializantes” como sendo “o uso real da linguagem (escrita ou falada) que classifica pessoas, coisas, lugares e práticas em categorias sociais marcadas como inerentemente perigosas e como Outro” (DICK & WIRTZ, 2011, p. E2).

O interesse principal desses estudos são as práticas racializantes “encobertas”, isto é, implícitas, de modo a compreender os efeitos dessas práticas ao se perpetuarem sem que se explicitem como tal (DICK & WIRTZ, 2011). A nosso ver, o foco na racialização tende a pressupor que esse processo é um elemento central do racismo (DICK & WIRTZ, 2011), ao

coordinated rhetoric of far-right political organizations and hate groups (e.g., Atton, 2006; Daniels, 2009a) or individual contributions to news sites and other online forums (e.g., Cleland, 2013; Erjavec & Kovačič, 2012), as well as more indirectly under the guise of humor, on sites devoted to the sharing of racist jokes (e.g., Billig, 2001; Weaver, 2011).”

racializar certos grupos humanos mais do que outros, como na construção de que apenas à pessoa negra poderia ser atribuída uma raça, por exemplo. Embora a tese da racialização como elemento central do racismo seja cientificamente instigante, ela aponta, a nosso ver, aos pesquisadores a necessidade de uma melhor delimitação das categorias envolvidas, racismo e racialização, nesses estudos, uma vez que, como vimos, os atores políticos que lutam contra o racismo costumam adotar, de forma antirracista, determinada racialização local, explícita e estratégica (MUNIZ, 2009), ao reconhecer as diferenças e a desigualdade raciais. Assim, trata-se de usos antirracistas da racialização, não apenas racistas.

Uma das “estratégias” de “naturalização da raça” seria, de acordo com os estudos do discurso racializado, por exemplo, a construção de tópicos não diretamente vinculados a raça (como crime, poluição, polidez etc.). Segundo Dick e Wirtz (2011), essas tematizações deslocam:

a atenção do participante de como esses tópicos podem também substituir e produzir pessoas racializadas. A negabilidade plausível criada por encobrimento é de interesse particular neste momento em que as ideologias de raça “cegas a cor” (*‘color-blind’ race ideologies*) tornam crescentemente difícil falar plenamente sobre as formas com que as práticas racializantes criam e justificam as iniquidades sociais, do racismo ambiental à política de imigração [...], mesmo neste tempo que muitos chamaram “pós-racial”.³² (DICK & WIRTZ, 2011, p. E2)

Um dos processos textuais/discursivos de interesse do estudo dos discursos racializantes é a intertextualidade (a interdiscursividade, para Dick & Wirtz [2011]), como a que envolve a circulação dos textos em diferentes esferas de comunicação. Esse interesse decorre do entendimento de que a categoria de raça não apenas é incorporada nas práticas textuais/discursivas como também se propaga de alguma forma por meio de textos nas diferentes esferas sociais. De acordo com Dick & Wirtz (2011, p. E7), os processos de entextualização e contextualização (BAUMAN & BRIGGS, 1990) seriam fundamentais nessa circulação de sentidos e envolveriam, por exemplo, a construção de atemporalidade e de universalidade na construção da naturalização das diferenças raciais.

³² “Denotationally explicit racializing discourses are of obvious significance. But we are particularly interested in covert discourses because they allow for racializing practices to continue decade after decade behind a mask of plausible deniability, making it possible to turn an eye from inexcusable disparities in access to material and ideological resources between racially marked and unmarked groups. Indeed, the racializing effects of these discourses are often not immediately available to metadiscursive awareness, as they frequently are constructed through talk and writing about other topics, such as crime, pollution, politeness, and religion (to take examples from this issue). This refraction displaces participant attention from how these topics can also stand in for, and produce, racialized people. The plausible deniability created by covertness is of particular concern in this moment in which “colorblind” race ideologies make it increasingly difficult to speak plainly about the ways racializing practices create and justify social inequities, from environmental racism to the policing of immigrants (see Blanton, Dick, and Urciuoli, this issue). Thus, as the articles in this issue make evident, race continues to matter, even in this time that many have called “postracial.”

Além da ACD e dos estudos do discurso racializado, uma terceira vertente de estudos textuais/discursivos importante de ser frisada nesta seção é a recente Raciolinguística (*Raciolinguistics*) (ALIM, BALL & RICKFORD, 2016; ROSA & FLORES, 2017; ROSA, 2016; FLORES & ROSA, 2015;). Como lembram Alim, Ball & Rickford (2016), autores da obra *Raciolinguistics*, as relações entre linguagem e racismo já possuem uma história importante na Antropologia Linguística (por exemplo, Boas [1940]) e na Sociolinguística (por exemplo, Smitherman [1977; 2000]). No entanto, para os autores, é apenas recentemente que tem havido um esforço coletivo organizado de teorizar raça e etnia no e através do estudo interdisciplinar da linguagem, encarando “o papel central que a linguagem desempenha na racialização e na relevância duradoura da raça e do racismo nas vidas das Pessoas de Cor”³³ (ALIM, BALL & RICKFORD, 2016). A proposta da Raciolinguística é fundamentalmente estudar as relações recíprocas entre linguagem e raça, observando como aquela “realiza” esta e vice-versa (uma abordagem performativa presente na maioria dos estudos textuais/discursivos, como vimos) e considerando que esses campos das relações humanas seriam centrais um para o outro.

Notamos que há um empreendimento teórico nos estudos textuais/discursivos fora do Brasil pautado na ênfase na categoria de raça como relevante para as trocas verbais e não verbais e *vice versa*, ênfase que pressupõe, segundo a hipótese do racismo novo, que essa relevância da raça não era antes tão cientificamente relevante. No caso do racismo brasileiro, no entanto, podemos dizer que essa relevância é ainda mais necessária de ser enfatizada, uma vez que, após o fim da escravização de negros/africanos, a emergência do racismo foi pautada quase que imediatamente (do ponto de vista do tempo histórico) pelo mito da democracia racial e pelo “discurso da mestiçagem”, e não pela segregação, por exemplo, como nos Estados Unidos e na África do Sul (cf. REGINALDO, 2018), não havendo tanto sentido, assim, em falar de um “novo” racismo, e sim (com distanciamento histórico necessário) de um racismo bastante sutil, implícito, “à brasileira”.

Nesse sentido, há no Brasil a construção textual/discursiva e sociocognitiva do racismo (brasileiro) como implícito (verbal e não verbalmente), caracterizado pelo mito da democracia racial e pelo “discurso da mestiçagem” e do igualitarismo (MUNANGA, 1999), ao mesmo tempo que práticas sócio-históricas ocorrentes no País, como o racialismo e a eugenia (STEPAN, 2005 [1991]), apenas para citar alguns, dão testemunho de processos sociais racistas fortemente explícitos (também verbal e não verbalmente).

³³ “the central role that language plays in racialization and on the enduring relevance of race and racism in the lives of People of Color”

Como vimos, os estudos textuais/discursivos, por meio de arbitragens interdisciplinares, podem colaborar para lançar luz sobre o caráter implícito/explicito do racismo brasileiro na linguagem e na sociedade e suas relações com o(s) “racismo(s) externo(s)” do(s) qual(is) se diferencia, mas não se aparta. Entendemos que a Linguística Textual não apenas dialoga fortemente com os fundamentos epistemológicos das vertentes textuais/discursivas internacionais do racismo aqui apresentados, como também pode contribuir, a partir de uma abordagem sociocognitivo-interacional, para o estudo das construções, ações e práticas textuais/discursivas do racismo e do antirracismo, particularmente do/no Brasil, como na presente investigação. Podemos dizer que tanto o racismo como o antirracismo, focos do nosso estudo, orientam-se por enquadres sociocognitivo-interacionais de raça, compreensão esta parcialmente devedora dos empreendimentos teóricos textual/discursivos.

O diálogo internacional com os estudos textuais/discursivos do racismo e do antirracismo, portanto, é de fundamental importância para este estudo, uma vez que os textos aqui analisados atuam responsivamente e participam de contextos que envolvem construções sociocognitivas de racismo e de antirracismo, incluindo a criação e a publicação do (inter)texto “Somos todos macacos” enquanto uma reação ao racismo sofrido pelo jogador de futebol DA na Europa.

Podemos notar que na maioria dos estudos textuais/discursivos de raça, que ora discutimos, o foco tem sido o papel da linguagem nos processos de racialização, vistos como processos que possuem uma face semiótica e textual/discursiva de construção performativa de raça e de identificação/diferenciação racial. Esse recorte teórico (que tematiza mais a categoria de raça do que [a de] racismo) pode sugerir ou que o racismo não tem relação com a racialização ou, ao contrário, que ele é um efeito desse processo, sendo mantido socialmente por meio da colaboração fundamental entre eles. Essa hipótese, presente também nas críticas à Análise Crítica do Discurso (WHITEHEAD, 2018), se pauta, a nosso ver, na postulação de uma relativa independência entre “a reprodução interacional das categorias raciais e étnicas” e o “discurso especificamente racista” (WHITEHEAD, 2018, p. 8). A nosso ver, essa hipótese (do racismo como baseado na construção do sentido de racialização/diferenciação racial) possui um veio igualitarista, como pretendemos mostrar no capítulo seguinte, com a caracterização do igualitarismo. Nesse sentido, uma perspectiva sócio-histórica pode ser bastante produtiva para estudar linguagem e raça para além da agenda no estudo estrito da racialização, percebendo as relações entre esses processos de racialização, a circulação social de sentidos textual/discursivamente construídos, determinadas concepções de racismo e de

antirracismo e processos sócio-históricos de conformação das desigualdades raciais, os quais procuramos discutir no capítulo a seguir.

Capítulo II – Estudos sócio-históricos da noção de racismo

“Não é um tabu voltar para buscar algo de que você esqueceu mais cedo”

Provérbio ligado ao símbolo Adinkra  Sankofa do povo Akan³⁴

Como dissemos na Introdução desta tese de doutorado, ao explorar a hipótese de que os artigos de opinião sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos carregam uma heterogeneidade sociocognitiva no que diz respeito a “tipos” distinguíveis de racismo e de anti/não racismo, aceitamos, no campo empírico, o desafio de investigar as relações entre linguagem, cognição social e (anti/não) racismo (cf. VAN DIJK, 2015c), a partir, como vimos, da abordagem sociocognitivo-interacional da Linguística Textual e de estudos sócio-históricos e textuais/discursivos do (anti/não) racismo.

Neste trabalho, como também já mencionamos, analisamos linguisticamente representações de racismo em textos por meio de mobilizações textuais do *frame* Racismo. Essa análise exige a identificação desse *frame* e, assim, exige também o seu delineamento, considerando seu caráter de construto sociocognitivo estabilizado. Esse delineamento se pauta, por sua vez, em parte, em um conhecimento sócio-histórico sobre as formas de concepção do racismo, constituindo-se, assim, em uma tarefa importante do desafio de investigação (das representações) do racismo: destrinçar, para os fins desta tese e por razões teórico-metodológicas, diferentes concepções (sócio-historicamente complexas) do racismo.

Assim, neste capítulo, por meio de uma breve discussão sócio-histórica, apresentamos tendências gerais de formas de concepção do racismo em diferentes teorizações sobre ele. Ao discutir esses trabalhos, assumimos algumas de suas formulações sobre a História do racismo, a representação do negro e as formas de antirracismo. Como dissemos, a discussão aqui apresentada colaborará para justificar as decisões teórico-metodológicas no delineamento do *frame* Racismo. Além disso, a discussão colabora para a compreensão do campo do antirracismo, uma vez que diferentes formas de concepção do racismo pode apontar para diferentes formas de seu enfrentamento.

Chamamos a atenção para a constante presença, nessa História, do racismo contra os africanos e seus descendentes negros, principalmente durante e depois da escravização em massa desse grupo na colonização realizada pela Europa, principalmente no século XVI, de forma que esse se apresenta como um aspecto importante para entender os escopos da ação do racismo, principalmente nas Américas e na África do Sul. Em jogo nessa História, seguindo

³⁴ “Os Akan são um grupo étnico localizado na África Ocidental, região que compreende, atualmente, os países de Gana, Burkina Faso e Togo” (CARMO, 2016, p. 50).

Bourdieu (1997), está uma importante e incessante luta simbólica histórica de representações em torno do que sejam raça e racismo (e o que eles não são), por um princípio de “di-visão”, isto é, de distinção entre categorias – nesse caso, raciais –, que se desenrola no campo cotidiano, político e científico.

Seguindo a postulação das historiadoras Reginaldo (2018) e, de forma similar, de Lara (2007) e de Mattos (2005), o racismo é um fenômeno histórica e geograficamente delimitado. Assim, adotamos aqui determinada forma de concebê-lo, a partir de uma delimitação histórico-geográfica ligada à natureza dos dados aqui analisados: artigos de opinião produzidos e publicados no Brasil. Assim, consideramos o racismo no período histórico contemporâneo nesse País, o Brasil, seguindo Reginaldo (2018) e as autoras acima citadas.

No entanto, reconhecemos que há outras formas de concepção teórica e prática do racismo. Por meio da revisão bibliográfica realizada no âmbito desta pesquisa, identificamos como tendências relevantes, mas não necessariamente excludentes, as seguintes concepções não racistas de racismo (contra negros/africanos)³⁵:

- (i) Racismo como preconceito contra negros/africanos originado da diferenciação biológica e/ou cultural entre as raças branca e negra;
- (ii) Racismo como ideologia burguesa contra negros/africanos, surgindo da acumulação primitiva, da colonização e da escravização destes protagonizadas pela burguesia em desenvolvimento;
- (iii) Racismo como preconceito e discriminação contra a população negra das ex-colônias europeias, como do Brasil (por meio, por exemplo, de teorias científicas racistas), a partir do pós-Abolição na segunda metade do século XIX.

No campo teórico, a nosso ver, de forma não necessariamente assumida, a primeira forma de concepção do racismo, *mutatis mutandis*, pode ser encontrada em Moore (2007); a segunda pode ser depreendida do marxismo de Moura (1988); e a terceira, mais adotada na presente tese de doutorado, em Fernandes (1978) e, de forma diferente, em Munanga (2003), conforme explicaremos adiante. Interessa-nos aqui mais especificamente a concepção de Moore (2007) e de Munanga (2003).

³⁵ Como discutiremos neste capítulo, o racismo nem sempre é concebido como voltado contra a população negra/africana. Bethencourt (2018 [2016]), por exemplo, o concebe como projeto político aliado a ações discriminatórias contra determinada ascendência étnica.

A hipótese de Moore (2007) é a de que o racismo (entendido como um processo cultural de inferiorização e destruição de pessoas de pele negra) tem suas origens mesmo na “ocorrência, em épocas longínquas, de graves conflitos entre povos melanodérmicos [de pele negra] e leucodérmicos [de pele branca]” na Europa, no Oriente Médio e na Ásia Meridional, após a diferenciação racial entre 4 mil e 12 mil anos a. C. decorrente de mutações genéticas adaptáveis a regiões menos tropicais que áreas da África (MOORE, 2007, p. 48-51). Como as diferenças morfofenotípicas constituem-se em “forma mais básica de identificação intra e extra-espécies, por serem realidades objetivas do mundo animal” (“A forma e os traços faciais de um animal são a primeira e mais evidente linha de demarcação que permite sua identificação”) (MOORE, 2007, p. 37) e como, até então, a humanidade era apenas melanodérmica, “naqueles períodos longínquos, caso houvesse contestação pela posse de territórios com as populações já racialmente diferenciadas, essa ubiquidade de populações autóctones de pele negra se constituiria na mais óbvia referência demarcatória para diferenciar oponentes” (MOORE, 2007, p. 49).

Os principais registros escritos da antiguidade do racismo na forma de negrofobia encontram-se, demonstra o autor, na Bíblia, de origem judaica, nos textos védicos, incluindo o *Rig Veda*, nos textos fundadores do Zoroastrismo persa (*Zend Avestra*) e no Alcorão (MOORE, 2007, p. 50). Posteriormente, o desprezo pelos povos de pele negra se encontra com uma base histórica intelectual e moral de sustentação do racismo, de herança greco-romana, transmitida para os árabes (na escravidão racial no mundo árabe pelo menos desde o século VII até o XIV) e, depois, para os europeus (nas colonizações): a necessidade político-econômica da escravização em massa para a geração de excedente de produção e o *status* negativo dos que não eram considerados parte de determinada sociedade (MOORE, 2007).

Munanga (2003), por sua vez, postula que, como fenômeno social, o racismo (entendido como a atribuição de características psicossociais negativas às pessoas de pele negra) nasce propriamente no discurso científico sobre a divisão dos seres humanos em raças. Assim, o racismo teria surgido junto com a noção de raça forjada no campo científico. Embora já anteriormente existissem “discursos” racializantes de superioridade na relação entre as raças, eles seriam mais heterogêneos do que o “discurso” empreendido pelo racismo científico, quando “faz-se [*sic*] intervir caracteres biológicos como justificativa de tal ou tal comportamento” (MUNANGA, 2003, s/p).

O racismo científico se pautava “na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural”, tendo como base ideológica a “tendência que consiste em considerar que as

características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências [*sic*] diretas de suas características físicas ou biológicas” (MUNANGA, 2003, p. 7-8). Pautava-se também na “[...] ideia de que as capacidades intelectuais e a cultura se transmitem de forma hereditária e desigual de acordo com as raças” (MACHADO, 2000, p. 11), tendo como “indicador principal, embora não exclusivo, a cor da pele, com o branco europeu do norte a ocupar o topo da hierarquia” (MACHADO, 2000, p. 11). Tal doutrina científica sobre a diversidade humana foi “amplamente partilhada no campo intelectual e científico europeu” do século XIX (MACHADO, 2000, p. 11). É assim que o racismo teria relações históricas e simbólicas com diferentes regimes simbólicos outrora existentes, como o racismo científico do século XIX, bem como com as ideologias então predominantes, como o naturalismo e o darwinismo social.

A nosso ver, a concepção de racismo adotada por Munanga (2003) é coerente com sua visão de que existem dois tipos gerais de racismo e de antirracismo: o racismo e o antirracismo igualitaristas e o racismo e antirracismo diferencialista. Essa distinção se pauta nas formas como o racismo emergiu principalmente nas ex-colônias europeias, como Brasil, Estados Unidos e África do Sul. Essa é a concepção mais historiograficamente aceita do racismo brasileiro. Por essa razão, e por fazer uma diferenciação também teoricamente relevante do antirracismo entre igualitarismo/universalismo e diferencialismo, vamos explorá-las mais detidamente neste trabalho³⁶.

A categoria de raça é principalmente europeia. A sua história remete ao italiano *razza*, que, por sua vez, tem sua origem no termo latino *ratio*, que significa “sorte, categoria, espécie” (MUNANGA, 2003). Nesse sentido, a naturalização da racialização (enquanto categorização) estaria presente na origem mesmo do termo. Mais especificamente na Idade Média europeia, no século XV, raça, segundo Munanga (2003), evocava as noções de linhagem, classe, sangue e origem, que justificavam simbolicamente o poder político estabelecido e guiavam as demais práticas sociopolíticas (MUNANGA, 2003). Diferenciavam-se “racialmente”, por exemplo, na França medieval, os descendentes dos francos e a plebe descendente dos gauleses. Munanga (2003) relata, conforme a citação a seguir, algumas bases históricas dessas primeiras formas de racialização, isto é, de representação sócio-simbólica de determinados grupos ou categorias sociais:

³⁶ No entanto, uma questão em torno dessa forma de conceber o racismo é que ela, em termos breves, assume que o racismo sucede historicamente a escravização de negros/africanos, o que, a nosso ver, pode dificultar um tratamento analítico mais geral da forma como é tratado o negro/africano tanto na condição de cidadão de segunda classe então emergente quanto na anterior, de escravizado e, em diferentes graus, insurgente.

Como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e especial [*sic*]. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, ipso facto, possuem algumas características físicas em comum.

[...] Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que si [*sic*] identificava com os Francos, de origem germânica em oposição ao Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se considerava [*sic*] como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. Percebe-se como o conceitos [*sic*] de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes. (MUNANGA, 2003, s/p)

A noção de raça tem efeitos materiais e simbólicos importantes na relação entre os povos e em outros campos sociais, não apenas no científico, mas também no que é tomado como real e existente no cotidiano. Bourdieu postula que:

Toda a tomada de posição que aspire à ‘objetividade’ acerca da existência actual e potencial, real ou previsível, de uma região, de uma etnia ou de uma classe social e, por esse meio, acerca da *pretensão à instituição* que se afirma nas *representações* “partidárias”, constitui um certificado de *realismo* ou um veredicto de *utopismo* o qual contribui para determinar as probabilidades objectivas que tem esta entidade social de ter acesso à existência. (BOURDIEU, 1997, p. 119)

De volta ao século XV na Europa, vemos que circula o discurso religioso do mito dos descendentes amaldiçoados de Cam (ou Ham, em outras versões) (cf. MUNANGA, 2003; MOORE, 2007; HARRIS, 2010; BETHENCOURT, 2018 [2016]). Nesse sentido, o racismo ganha protagonismo nesse campo religioso:

Segundo o nono capítulo da Gênese, o patriarca Noé, depois de conduzir por muito tempo sua arca nas águas do dilúvio, encontrou finalmente um oásis. Estendeu sua tenda para descansar, com seus três filhos. Depois de tomar algumas taças de vinho, ele se deitara numa posição indecente. Cam, ao encontrar seu pai naquela postura fez, junto aos seus irmãos Jafé e Sem, comentários desrespeitosos sobre o pai. Foi assim que Noé, ao ser informado pelos dois filhos descontentes da risada não linzongeira [*sic*] de Cam, amaldiçoou este último, dizendo: seus filhos serão os últimos a ser escravizados pelos filhos de seus irmãos. (MUNANGA, 2003, s/p)

Segundo conta esse mito, Cam era, dos três irmãos, aquele com a pele mais escura³⁷.

³⁷ Segundo Moore (2007), “na versão judaica, a maldição diz respeito à escravidão e não à cor da pele e se abate em Canaã, o mais jovem filho de Cam e não sobre seus outros filhos, entre os quais Kush, presumido ancestral dos negros. A lógica da história é clara e transparente: os escravizados dos Israelitas eram os cananitas, seus

Posteriormente, o campo científico segue com movimentações importantes para a história da ideia de raça. Com o desenvolvimento das ciências naturais,

[...] o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné conhecido em Português como Lineu (1707-1778), o uso[u] para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada.

[...] Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. (MUNANGA, 2003)

Assim, no decorrer da História europeia, “raça” passará por vários sentidos e concepções constringidas pelas mudanças políticas, econômicas e sócio-simbólicas. A categoria “racismo”, por sua vez, surge bem depois de “raça”. Segundo Rodrigues (2012), foi usado pela primeira vez em francês (“racisme”) em 1902 na Revista *Revue Blanche* em um artigo assinado por A. Maybon. Carregaria, assim, já na sua origem, europeia, a indicação de um distanciamento ou desalinhamento (não afiliação) ao fenômeno sócio-histórico referido. A delimitação de um processo social negativamente valorado indica um “amadurecimento” e reflexividade parciais por parte dos agentes históricos desse processo, os brancos europeus ocidentais, até o início do século XX, acerca das relações simbólicas e políticas entre os povos europeus e não europeus. O ato de nomear o racismo de “racismo” (dentro do enquadre sócio-histórico e sociocognitivo em que essa nomeação foi realizada) permitiu também, a nosso ver, a relativa estabilidade sociocognitiva dessa categoria, não pela ocorrência da nomeação *per se*, mas, dentre outros processos, pelas práticas textuais/discursivas de nomeá-lo como tal e pela formação sócio-histórica de enquadres que permitiram essas práticas. A emergência do nome indica um processo linguístico e sócio-histórico de delimitação de uma realidade; por isso, trata-se de um processo de caráter construtivo/performativo no sentido sócio-histórico (STEPAN, 2005 [1991]) e no sentido textual/discursivo e sociocognitivo (MONDADA & DUBOIS, 2003 [1995]; KOCH, 2004; MORATO & BENTES, 2018).

Usar a categoria “racismo”, portanto, responde à relativa estabilidade sociocognitiva dessa categoria, mas permite, ao mesmo tempo, que ela seja utilizada de forma “reificada” (cf. GOULD [1991 [1981]]), isto é, sem que suas complexidades empíricas, sócio-históricas e textuais/discursivas (terminológicas, por exemplo) sejam necessariamente

parentes próximos. Daí a maldição de Canaã, uma justificativa religiosa (de outro modo, ideológica), para legitimar sua escravização. Os escravizados árabes não eram cananitas, mas sim negros cuja maldição compreendia tanto a cor da pele quanto a escravização, que passou a ser um peso de sua hereditariedade (LEWIS, 1982, P. 67)” (MOORE, 2007, p. 86-87).

consideradas. A categoria “racismo”, por outro lado, tem remetido, a diferentes interpretações e fenômenos sócio-históricos, o que acusa também sua relativa instabilidade sociocognitiva.

Ainda hoje, o racismo e seus escopos são objeto de discussão. Ainda em 2016, por exemplo, Bethencourt (2018 [2016]), (re)define o racismo como preconceitos étnicos (que existem pelo menos desde a Antiguidade greco-romana) particularmente associados a práticas discriminatórias e motivado por projetos políticos. Na Europa, ele teria se dado desde pelo menos a Idade Média. Para o autor, portanto, o racismo surgiu antes mesmo de ter sido formulada a categoria de raça a partir do século XV e, evidentemente, antes mesmo de ter surgido a categoria “racismo”, aparentemente no mundo latino.

Por outro lado, se concebemos o racismo como aquele que surgiu a partir do campo científico no século XIX, temos também que considerar as relações estabelecidas entre fenotipia branca/negra e traços psicológicos já na Antiguidade Greco-romana pelo que se chamou à época de Fisiognomia, que colaborou para o estabelecimento da noção também greco-romana de “escravo por natureza” (MOORE, 2007), ainda que, naquela época, não houvesse a instituição científica europeia do século XIX.

Considerando as postulações de Moore (2007), Munanga (2003) e Bethencourt (2018 [2016]), claro está que há diferenças importantes nas concepções de racismo adotadas e em relação aos momentos históricos em que ele teria surgido. Além disso, mesmo que se tome uma ou outra forma de concepção do racismo (contra qualquer povo inferiorizado ou apenas contra os povos negros antes ou junto com a escravização de africanos para as Américas e da biologização das raças), considera-se, tanto para um autor, como para outro, que a categoria “racismo” historicamente vai ganhando novos contornos mais ou menos estabilizados, relativamente a diferentes projetos políticos racializados. Assim, segundo Munanga (2003), por exemplo, chegaram a haver tendências importantes da abrangência da categoria “racismo”. O deslocamento mais importante dessas bases ocorre:

[...] a partir de 1948, com a implantação do *apartheid* na África do sul. O *apartheid* (palavra do Afrikans), [*sic*] foi oficialmente definido como um projeto político de desenvolvimento separado, baseado no respeito das diferenças étnicas ou culturais dos povos sul africanos. Um projeto, [*sic*] certamente fundamentado no multiculturalismo política e ideologicamente manipulado. Observa-se também que é em nome do respeito das diferenças e da identidade cultural de cada povo que o racismo se reformula e se mantém nos países da Europa ocidental contra os imigrantes dos países árabes, africanos e outros dos países do Terceiro mundo, a partir dos anos 80. Já no fim do século passado e início deste século, o racismo não precisa mais do conceito de raça no sentido biológico para decretar a existência das diferenças insuperáveis entre grupos estereótipos. (MUNANGA, 2003, s/p)

A relativa desnecessidade do sentido biológico do racismo, no entanto, não impede que esse sentido permaneça de alguma maneira. Na verdade, o apagamento do sentido biológico, que marca determinada fase dos estudos raciais brasileiros, por exemplo, que criticavam fortemente, entre os anos 30 e 60, o “discurso da mestiçagem”, levou a entender as classificações e hierarquias raciais estritamente como “construções culturais, adscrições embutidas nos valores professados e nas próprias estruturas de distribuição das oportunidades sociais” e a explicá-las com base nas “relações sociais” (COSTA, 2006, p. 153). No entanto, em uma fase posterior dos estudos raciais brasileiros, evidencia-se novamente o sentido biologista do racismo, mas com novos matizes:

[...] a importância das adscrições raciais na determinação das hierarquias sociais, revelando como as classificações culturais, incorporadas pelos atores sociais, favorecem sistematicamente a ascensão social das pessoas de pele clara e daquilo que se entende serem traços físicos europeus, e detrimento dos grupos de pele escura. (COSTA, 2006, p. 154)

Essa relevância social dos traços físicos/fenotípicos indica que a “interpenetração, até os dias atuais, entre os discursos políticos e das ciências naturais” (COSTA, 2006, p. 133) na História da raça e do racismo é, na verdade, recorrente. Munanga (2003), por exemplo, relata:

A concepção do racismo baseada na vertente biológica começa a mudar a partir dos anos 70, graças aos progressos realizados nas ciências biológicas (genética humana, bioquímica, biologia molecular) e que fizeram desacreditar na realidade científica da raça. Assiste-se então ao deslocamento do eixo central do racismo e ao surgimento de formas derivadas tais como racismo contra mulheres, contra jovens, contra homossexuais, contra pobres, contra burgueses, contra militares *etc.* Trata-se aqui de um racismo por analogia ou metaforização, resultante da biologização de um conjunto de indivíduos pertencendo a uma mesma categoria social. É como se essa categoria social racializada (biologizada) fosse portadora de um estigma corporal. Temos nesse caso o uso popular do conceito de racismo, qualificando de racismo qualquer atitude ou comportamento de rejeição e de injustiça social. (MUNANGA, 2003, s/p)

Entendemos que a historiadora Reginaldo (2018) realiza uma formulação importante para esta tese sobre a contextualização histórica da raça e do racismo, sem adotar uma concepção de racismo semelhante à de Munanga (2003), baseada principalmente, como vimos, no papel do “discurso” científico (biológico), nem a concepção semelhante à de Bethencourt (2018 [2016]), mais ligada a preconceito e discriminação a ascendências étnicas. A historiadora discute resumidamente as principais linhas de reflexão dos estudos históricos sobre raça e racismo, representações e práticas sociais historicamente forjadas contra determinado(s) grupo(s) racializado(s):

Embora muito já se saiba sobre a história das teorias raciais, pesquisas recentes têm chamado a atenção para outra dimensão histórica que envolve o tema, notadamente, a história social do racismo. Em termos mais gerais, a emergência das classificações raciais e do próprio racismo como fenômeno histórico tem sido objeto de investigação e reflexão por parte de vários pesquisadores. Ainda que o objeto seja comum, há interpretações distintas sobre o fenômeno. Nesse sentido, o reconhecimento da “emergência” e operacionalidade desses conceitos traça uma primeira linha divisória entre os estudiosos. Alguns reconhecem os marcadores raciais e práticas de discriminação neles fundadas desde a Idade Média, ou mesmo desde a Antiguidade, advogando a existência do “racismo antes da ideia de raça”. Muitos historiadores, no entanto, defendem que a ideia de raça e, por conseguinte, as práticas de discriminação com base nesta suposta hierarquia natural, é um fenômeno mais recente, filho da modernidade, ainda que não haja concordância no interio[r] deste grupo quanto ao início do fenômeno da racialização. Compartilho da perspectiva que reconhece o racismo como um fenômeno historicamente determinado, absolutamente vinculado às transformações e às novas configurações sociais que emergem após a escravização em massa dos africanos e, sobretudo, sua inserção nas sociedades europeias e do Novo Mundo.

Essa perspectiva histórica é crucial para entendermos, por exemplo, como práticas distintas, em diferentes sociedades, ao longo do século XIX, produziram efeitos semelhantes nos termos da racialização. Assim, [...] é certo que, no Brasil, a constituição de uma sociedade marcada pela desigualdade racial prescindiu de um aparato legal que explicitamente limitou a cidadania de pessoas negras, como ocorreu nos Estados Unidos. (REGINALDO, 2018, s/p)

Baseados nessa reflexão de Reginaldo (2018) e em autores que a historiadora cita (LARA, 2007; ZUÑIGA, 1999), entendemos que, embora possamos dizer, de fato, que determinada forma do que podemos chamar amplamente de “racismo” tenha uma história que antecede não apenas o racismo científico e mesmo a escravização em massa de africanos (como defende o historiador Bethencourt [2018 (2016)], por exemplo, mas também Sweet [1997 apud REGINALDO, 2018]), entendemos que, no Brasil, ainda que ele incorpore elementos sócio-políticos e simbólicos da história dos “racismos” em sentido amplo (por exemplo, o “racismo étnico” contra os indígenas que vivem no território nacional), ele assume particularmente a forma de opressão social contra negros, enquanto um grupo racializado por sua origem (a África) e pela cor da pele e escravizado durante a colonização europeia (cf. MATTOS, 2005).

Considerando essa perspectivação histórica, entendemos que o eurocentrismo e a consideração das características físicas são elementos importantes do racismo no Brasil (compreensão que leva Munanga (2003) a conceber a ampliação histórica do escopo do racismo na década de 1970 como um processo de metaforização e biologização [enquanto um tipo de racialização] de outros grupos sociais estigmatizados, conforme citação anterior do

autor³⁸). Também é um elemento importante para o contexto brasileiro, conforme assinala Reginaldo (2018), a ausência “de um aparato legal que explicitamente limitou a cidadania de pessoas negras, como ocorreu nos Estados Unidos” (REGINALDO, 2018, s/p)³⁹. Vale ressaltar, no entanto, que essa compreensão do racismo no Brasil não rejeita as suas formas variadas de representação e de ação em outras nações e mesmo dentro do próprio País.

Baseando-nos também em van Dijk (2012), pesquisador do discurso racista, e no breve relato acima sobre a história e os escopos das categorias de “raça” e de “racismo”, podemos assumir que o racismo consiste em uma organização ou um sistema de dominação. Assim, além de discriminação psicossocial e interpessoal baseada no acesso visual a diferenças físicas marcadoras da origem africana⁴⁰, o racismo também tem natureza sócio-política, histórica e simbólica (VAN DIJK, 2012; MACHADO, 2000) que impõe processos de genocídio, de aprisionamento e de carência social a determinados grupos raciais em relação ao acesso a bens e à satisfação de necessidades que as instituições estatais normalmente provêm à população não negra.

Seguindo essa compreensão, Feagin (2006), por exemplo, afirma que o racismo é *sistêmico*, e Almeida (2016) o considera *estrutural*. Com essas formas de predicação do racismo, ambos os autores estão preocupados em concebê-lo como uma característica importante da organização das sociedades, principalmente daquelas historicamente colonizadas por nações europeias. Estariam, nesse caso, envolvidas no racismo, a política econômica e (a falta de) políticas sociais, ações estatais etc., que atingem determinada população racialmente categorizada e estigmatizada. Fazem parte desse sistema os processos simbólicos envolvidos no racismo, que teriam por função social última naturalizar (BONILLA-SILVA, 2006) a condição social de vida desses grupos.

De acordo com Munanga (2003), embora o racismo como *regime político* já não exista nas sociedades contemporâneas (uma vez que a história tenha testemunhado o fim da escravidão moderna, do racismo nazista e da segregação racial da África do Sul e dos Estados

³⁸ Esse tipo de racialização pode ser encontrada na própria lei de criminalização do racismo de 1940, em que é considerada injúria racial a ofensa baseada tanto em cor da pele e etnia quanto condição de idoso e de deficiência. A criminalização dos atos de violência e de discriminação contra homossexuais e transexuais como crimes similares de racismo também costuma ser levantada em discussões de propostas legislativas por diferentes grupos ideológicos (ver, por exemplo, notícia disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/supremo-decide-criminalizar-homofobia-como-forma-de-racismo>. Acesso em 17 jun. 2019).

³⁹ Um apoio legal importante, no entanto, contra o racismo no Brasil é a sua criminalização em 1940 (na verdade, a criminalização da injúria racial) e em 1989 (criminalização do racismo). Mesmo assim, a definição de injúria racial e de racismo nessas leis e a sua efetivação tem sido alvo de críticas.

⁴⁰ Reconhecem-se também, em determinadas comunidades, diferenças sociolinguísticas (portanto, não apenas diferenças físicas) de acordo com categorizações raciais, conforme corroboram os estudos de Wright (2017; 2018; 2018b), Alim & Smitherman (2012) e Smitherman (1977), do Inglês Negro (*Black English*) estadunidense.

Unidos), permanece seu caráter institucional. Assim, Munanga (2003), que estuda as relações raciais brasileiras, afirma:

Depois da supressão das leis do *apartheid* na África do sul, não existe mais, em nenhuma parte do mundo, um racismo institucionalizado e explícito [no sentido de regime político]. O que significa que os Estados Unidos, a África do Sul e os países da Europa ocidental se encontram todos hoje no mesmo pé de igualdade com o Brasil, caracterizado por um racismo de fato e implícito, as [sic] vezes sutil (salvo a violência policial que nunca foi sutil). Os americanos evoluíram relativamente em relação ao Brasil, pois além da supressão das leis segregacionistas no Sul, eles implantaram e incrementaram as políticas de “ação afirmativa”, cujos resultados na ascensão sócio-econômica dos afro-americanos são inegáveis. Os sul africanos [sic] evoluíram também, pois colocaram fim às leis do *apartheid* e estão hoje no caminho de construção de sua democracia, que eles definem como uma democracia “não racial”. (MUNANGA, 2003, s/p, colchetes nossos)

Em termos de legislação, temos, de fato, no Brasil, leis antirracistas como a que torna crime a injúria racial, de acordo com o artigo 140, parágrafo 3º, do Código Penal (1940) (com última redação dada pela Lei nº 10.741, de 2003). Além disso, o racismo é criminalizado por meio da Lei 7.716 de 1989. Também conquistamos a criação da Lei 10.639, de 2003, do ensino escolar de Cultura e História Afrobrasileira, bem como do Estatuto da Igualdade Racial, em 2010 (Lei 12.288), e a Lei 12.711, de cotas nas instituições federais, em 2012.

No entanto, embora os processos histórico-políticos relatados por Munanga (2003, 2006) sejam de fato importantes, há quem rediscuta se o racismo hoje realmente seja ou continue sendo sutil ou implícito. Um desses importantes atores sociais é a ativista e filósofa estadunidense Angela Davis, que, em entrevista ao jornal *El País*, em Madrid, em outubro de 2018, afirma que “o racismo voltou a ser violento e explícito”⁴¹. O próprio reconhecimento de Munanga (2003) de que a violência policial, principalmente contra as pessoas negras, nunca foi sutil no Brasil indica a necessidade de uma discussão mais aprofundada no caráter implícito/sutil ou explícito do racismo hoje, tanto no Brasil quanto em outros países.

O racismo como aspecto da política estatal se apresenta por meio dos diferentes tipos de violência que atingem os negros. Vale notar que o racismo opera também fortemente em uma dimensão simbólica. Ainda seguindo formulações de van Dijk (2012), consideramos que são fundamentais para a manutenção do racismo as interações sociais conectadas a formas simbólicas de construção sociocognitiva de determinados grupos racializados segundo algum aspecto (nacionalidade, cor da pele, etnia, cultura, região de origem, casta etc.).

⁴¹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/25/cultura/1540468443_420474.html. Acesso em 21 jul. 2019.

Assim, podemos dizer que o racismo é também um conjunto de práticas sociais, simbólicas e institucionais sócio-historicamente construídas que atingem grupos racializados e inferiorizados por meio de preconceito, discriminação, morte, humilhação, violência, pobreza etc. Uma das funções dessas práticas simbólicas é, segundo Bonilla-Silva (2006), a naturalização da precariedade de vida desses grupos. Tais práticas simbólicas seriam constituídas pela categoria sociocultural de raça, que guiaria as categorizações direta ou indiretamente raciais dirigidas aos referidos grupos, como *pretos, feios, pobres, criminosos* etc. Nesse sentido, há uma via de mão dupla entre a institucionalização e a “reprodução” simbólica cotidiana do racismo.

Um aspecto importante da materialização do racismo nas relações sociais é enfatizado por teorizações de base psicossocial, nas quais van Dijk (2012) também se fundamenta teoricamente. Nesse sentido, racismo operaria enquanto uma relação principalmente intergrupala. Essas teorizações tendem a pressupor (mas não a explicitar ou a analisar) fortemente o processo sócio-histórico de diferenciação dos grupos racializados. São teorizações já clássicas no campo da Psicologia Social, que postulam que o racismo teria a mesma base psicossocial de outras formas de opressão, preconceito ou discriminação: o estudo das interações entre os grupos raciais, que motivaria o favoritismo intragrupal e a depreciação extragrupal (TAJFEL, 1974, 1981, 1982; AEBISCHER & OBERLÉ, 1998; VALA, BRITO & LOPES, 1999; VAN DIJK, 2012).

Essas teorizações tendem a não aprofundar os aspectos sócio-históricos das relações intergrupais raciais. De fato, o racismo pode ser esquematizado, conforme essas teorizações, como uma ação *sobre* grupos raciais estigmatizados que o *sofrem* ou como a relação (de autofavorecimento e heterodepreciação) entre grupos raciais diferentes, relação esta nem sempre entendida como sócio-historicamente desigual, mas como uma forma de relação intergrupala, provavelmente pela falta de uma análise que considere precisamente a construção sócio-histórica dessas desigualdades e hierarquias, por meio das quais, por exemplo, há não apenas a autovalorização e a hetero-desvalorização, mas também a valorização do branco e a desvalorização do negro (IANNI, 2004 [1972]). Em outro veio teórico: as pessoas europeias/eurodescendentes/brancas usufruem historicamente de privilégios sociais (por não sofrerem racismo e não terem sofrido processos sistemáticos de escravização/colonização) e as pessoas africanas/afrodescendentes/negras não (GIROUX, 1999 [1997]). Entendemos, assim, que a questão sobre quais grupos e quais as especificidades sócio-históricas desses grupos envolvidos nessas relações psicossociais é importante para o

campo dos estudos do racismo, do antirracismo e para o campo do ativismo político, conforme discutimos acima.

Ao compreender as desigualdades e hierarquias raciais como construções sócio-históricas, entendemos que elas se baseiam em categorias raciais, “distinções baseadas em complexas convenções e práticas discriminatórias” que “foram constantemente renegociadas e experimentadas de diversas formas nos distintos períodos históricos”, conformando um sistema de representações que “cria os objetos da diferença” (STEPAN, 2005 [1991], p. 19).

As diferentes formas sócio-históricas de concepção das noções de raça e de racismo implicam determinado eixo de racialização de grupos humanos. Segundo Jiwani & Richardson (2011), “as últimas décadas têm testemunhado um racismo crescente em forma e em frequência, recontextualizando e reciclando velhas formas de racismo para alvejar novos grupos racializados”⁴² (JIWANI & RICHARDSON, 2011, p. 242). Um dos principais aspectos do racismo são as formas simbólicas de construção sociocognitiva de determinados grupos racializados como inferiores em contraposição a um grupo (também racializado, mas) socialmente privilegiado ou considerado superior segundo algum aspecto (nacionalidade, cor da pele, etnia etc.). Porém, a depender de quem são os alvos considerados, temos diferentes “vítimas do racismo” a partir dessas práticas.

Portanto, simbólica e historicamente falando, essas vítimas não são apresentadas como únicas: judeus, africanos/afrodescendentes, árabes, ciganos ou estrangeiros etc. podem ser racializados (considerados, em algum sentido, “raças”, geralmente por processos sócio-simbólicos de algum nível de biologização das diferenças físicas ou culturais, embora o “discurso biológico” não seja mais considerado o grande mobilizador do racismo de hoje [BARRETO *et al.*, 2017]). A racialização pode ser baseada em práticas estereotipadas de pressuposições, inferências ou indiciabilidade sociais (HANKS, 2008), em que os grupos racializados se tornam vítimas de racismo em determinado tempo e lugar⁴³. Esse elemento (a vítima ou alvo do racismo) caracteriza e identifica a variação do que se considera e se pratica como racismo em diferentes realidades históricas e geográficas, embora essa variação geralmente obedeça à tendência histórica de os europeus e eurodescendentes brancos serem

⁴² “[...] the last few decades have witnessed increasing racism, in form and frequency, recontextualizing and recycling older forms of racism to target new(ly) racialized groups”.

⁴³ A leitura dos seguintes exemplos de notícias ilustra essa variedade de “vítimas do racismo”: diferentes grupos racializados e estigmatizados estão envolvidos nos eventos por elas relatados: “Suecos se unem contra racismo em classificação para as oitavas” (disponível em: <https://www.geledes.org.br/suecos-se-unem-contra-racismo-em-classificacao-para-as-oitavas/>), “A cabeçada de Zidane: uma história de honra e de racismo” (disponível em: <http://noblat.oglobo.globo.com/artigos/noticia/2006/07/a-cabecada-de-zidane-uma-historia-de-honra-racismo-39116.html>), “Rixa entre Zidane e Materazzi inquieta organizações anti-racistas” (disponível em: <https://esporte.uol.com.br/copa/2006/ultnot/franca/2006/07/10/ult33u56448.jhtm>). Acessos em 15 fev. 2019.

tomados como étnico-racialmente privilegiados, dominantes, superiores etc., em relação aos negros/africanos e afrodescendentes.

A racialização da nacionalidade tem sido a base da chamada *xenofobia*, isto é, as políticas e atitudes de discriminação e de preconceito contra pessoas estrangeiras ou, mais especificamente, imigrantes. Fora do Brasil, o racismo é, de fato, bastante estudado como xenofobia (cf. VAN DIJK, 2012; RICHARDSON & WODAK, 2009). Esse tipo de racialização pode se conectar a outros tipos, como a racialização pela etnia e pela cor da pele, isso porque estes podem ser elementos ou associações da origem africana, que, para os europeus, também são *outlanders*.

Nos países europeus, os grupos alvejados pelo racismo, nos usos da categoria “racismo”, tendem a ser os imigrantes não europeus (VAN DIJK, 2012); nos Estados Unidos, as pessoas de pele negra e seus descendentes e os imigrantes não estadunidenses, como os mexicanos e os latino-americanos. No Brasil, o racismo é amplamente reconhecido (ainda que com possíveis controvérsias) como voltado contra as pessoas de pele negra (preta ou parda) afrodescendentes, mas também vemos, por meio de outro posto de observação, atitudes racistas contra indígenas e imigrantes bolivianos, que se expressam no trabalho escravo, por exemplo, e contra haitianos, conjugando, por vezes, as duas formas de racismo: xenofobia e “colorismo”/ “pigmentocracia”⁴⁴. Nas regiões do Sul e do Sudeste do Brasil, os migrantes do Norte do País (Regiões Norte, Centro-Oeste e principalmente Nordeste) geralmente também sofrem um tipo de xenofobia. Nesse caso, a xenofobia também se fundamenta no regionalismo, na construção de diferenças regionais e culturais.

Segundo o pesquisador do discurso Teun van Dijk (1988, 1989), que tende a pesquisar o racismo como “xenofobia”, por estudar principalmente o contexto europeu, “o racismo se espalhou mais desde a Segunda Guerra Mundial, especialmente nos anos 1970 e 1980”⁴⁵ (VAN DIJK, 1988, p. 149). O autor relata o processo histórico que engendrou esse racismo:

A escassez de mão-de-obra no desenvolvimento econômico pós-guerra na maioria dos países da Europa Ocidental levou, em primeiro lugar, ao emprego de trabalhadores da Espanha, de Portugal e da Itália e depois da Turquia, de Marrocos e de outros países mediterrâneos. Ao mesmo tempo, a independência das primeiras colônias da Inglaterra, da França, da Bélgica e dos Países Baixos gerou ampla emigração para as metrópoles. Enquanto houve trabalho suficiente, a imigração de trabalhadores estrangeiros do Sul

⁴⁴ Embora haja pouquíssimos estudos sobre “colorismo” no Brasil, estas são categorias já utilizadas nas práticas de ativistas antirracistas. Utilizamos este termo aqui, bem como “pigmentocracia”, como uma forma de nominalizar a concepção de racismo como pautado fundamentalmente na indiciabilidade racial da cor da pele e de outras características físicas.

⁴⁵ “[...] racism has become more widespread since World War II, especially in the 1970s and the 1980s”.

da Europa recebeu relativamente pouca atenção. Os ‘trabalhadores convidados’ foram geralmente apenas ignorados, hospedados em pensões e, acima de tudo, imaginava-se que eles simplesmente retornariam a seus países (Hammar 1985). Enquanto isso foi de fato o caso de grandes grupos de trabalhadores italianos e espanhóis, aqueles grupos que os substituíram no fim dos anos 1960 e no início dos anos 1970, como os trabalhadores turcos, permaneceram, apesar do desemprego crescente. Para os cidadãos das primeiras colônias, a imigração teve um caráter mais permanente desde o começo. Ela foi inicialmente facilitada pelo fato de que a maioria deles carregava passaportes da metrópole, embora vários países, especialmente Bretanha, logo aprovaram leis que barraram a imigração ilimitada do alémmar, ou seja, de cidadãos negros. (VAN DIJK, 1988, p. 149-150)⁴⁶

Nesse contexto de buscas ou disputas por postos de trabalho, opiniões conservadoras e racistas de determinados partidos políticos também colaboraram para a expansão do racismo europeu, baseadas na ideia racial de que “estrangeiros devem retornar para onde vieram porque cores e culturas não devem se misturar” (VAN DIJK, 1988, p. 150)⁴⁷, além de outras. Essas opiniões são sustentadas pela elite intelectual e socioeconômica branca e pelo público em geral (VAN DIJK, 1989).

Nos continentes americanos, mas também em outras regiões, a prática do “racismo” entendido como etnocentrismo, e, portanto, baseado principalmente na noção de etnia, por sua vez, atinge principalmente os povos originários (indígenas) vítimas históricas de genocídio, epidemias, escravidão etc. Nesse caso, a origem do etnocentrismo relaciona-se principalmente com o processo de colonização dos continentes americanos.

Em relação à noção de etnia, Munanga (2003) diz que ela consiste em determinado “grupo cultural” e em uma “categoria que constitui um lexical [*sic*] mais aceitável que a raça (falar politicamente correto)” (MUNANGA, 2003, s/p), corresponderia a “um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território” (MUNANGA, 2003, s/p). Para o autor, “[e]nquanto o racismo clássico se alimenta na noção de raça [morfo-biológica], o racismo novo se alimenta

⁴⁶ “Labor shortages in the post-war economic development of most countries in Western Europe led first to the employment of workers from Spain, Portugal, and Italy and later of Turks, Moroccans, and other Mediterraneans. At the same time, the independence of former colonies of England, France, Belgium, and the Netherlands spawned widespread emigration to the metropolitan centers. As long as there was enough work, the immigration of foreign workers from Southern Europe received relatively little attention. the ‘guest workers’ were often simply ignored, housed in shabby pensions and, above all, they were expected to eventually return to their own countries (Hammar 1985). Whereas this was indeed the case for large groups of Italian and Spanish workers, those groups who took their place in the late 1960s and early 1970s, such as the Turkish workers, remained, despite growing unemployment. For the citizens of former colonies, immigration had a more permanent character from the outset. It was initially facilitated by the fact the most of them carried metropolitan passports, although several countries especially Britain, soon passed laws that blocked unlimited immigration of their overseas, i. e., Black citizens”.

⁴⁷ “Foreigners should return to where they came from because colors or cultures should not be mixed”.

na noção de etnia [sócio-cultural, histórica e psicológica]” (MUNANGA, 2003, s/p). Assim, a noção de etnia funciona frequentemente como um eufemismo erudito “para substituir a noção de ‘raça’”, presente na prática social (BOURDIEU, 1997, p. 112). Munanga (2003) também tem um entendimento semelhante ao de Bourdieu (1997), quando diz que a utilização do conceito de etnia se liga a processos de eufemização de uma “fala politicamente correta” sobre as questões raciais:

[...] Alguns, [muitos pesquisadores] fogem [*sic*] do conceito de raça e o substituem pelo conceito de etnia considerado como um lexical mais cômodo que o de raça, em termos de “fala politicamente correta”. Essa substituição não muda nada à realidade do racismo, pois não destruí [*sic*] a relação hierarquizada entre culturas diferentes que é um dos componentes do racismo. (MUNANGA, 2003, s/p)

A noção de etnia, no entanto, pode ser bastante funcional para pesquisadores que concebem o racismo como um fenômeno histórico de escopo mais amplo (não voltado apenas contra africanos e afrodescendentes, por exemplo) ou que estudam as hierarquias étnicas em geral. Os pesquisadores estadunidenses Dick & Wirtz (2011) afirmam, por exemplo:

[...] não defendemos que a noção de raça é universal. Na verdade, em outros tempos e espaços, hierarquias étnicas, por exemplo, possuem funções similares às das hierarquias raciais. Dito isto, podemos postular que estudos etnograficamente fundamentados de racialização podem permitir comparações transculturais produtivas de diferenciação social (DICK & WIRTZ, 2011, p. E3)⁴⁸.

Mesmo tendo formulado esse arrazoado, Dick & Wirtz (2011) reconhecem que, de fato, a categoria de “etnia”, assim como as de “diversidade” e “multiculturalismo”, pode funcionar como “modos polidos de evitar o peso político de ‘raça’”, além de “obscurecerem as consequências sociais das formas opressivas de diferença social”, por ser usada como intercambiável com a categoria de “raça” (DICK & WIRTZ, 2011, p. E4)⁴⁹. Munanga (2003) defende que a noção de raça é, para a maioria dos pesquisadores brasileiros que estudam as relações étnico-raciais usada “não mais para afirmar sua realidade biológica”, mas para:

[...] explicar o racismo, na medida em que este fenômeno continua a se basear em crença na existência das raças hierarquizadas, raças fictícias ainda resistentes nas representações mentais e no imaginário coletivo de todos os povos e sociedades contemporâneas. (MUNANGA, 2003, s/p).

⁴⁸ “[...] we do not claim that race is universal. To be sure, in other times and places, ethnic hierarchies, for example, serve functions similar to those of racial hierarchies. That said, we do posit that ethnographically grounded studies of racialization can allow for productive cross-cultural comparisons of social differentiation”.

⁴⁹ “Tracked across time, the fluidity and even interchangeability of racial and ethnic categories is apparent (Sacks 1994; Roediger 1991). This fluidity can obscure the social consequences of oppressive forms of social difference”.

O caráter “colorista”⁵⁰ (GLENN, 2009) ou “pigmentocrático” (NASCIMENTO, 2015)⁵¹ do racismo, por sua vez, basear-se-ia na cor da pele e nas suas diferentes tonalidades. Nesse caso, as pessoas são classificadas e hierarquizadas a partir desse eixo de racialização, em que as de pele mais clara são mais socialmente valorizadas do que as pessoas de pele mais escura (WILDER, 2008). Embora haja poucos estudos brasileiros sobre o “colorismo”, entendemos que a questão da cor da pele e das características físicas persiste como uma das questões fundamentais na discussão sobre o racismo no Brasil (ver, por exemplo, estudos sobre os estereótipos do branco, do “mulato” e do negro, em Ianni [2004 (1972)]).

Emblematicamente, as classificações raciais foram feitas a partir desse eixo de categorização, o da cor da pele. Haveria, entre nós, desde pelo menos as classificações raciais europeias mais influentes, os povos “brancos”, os “negros” e os “amarelos” (MUNANGA, 2003; BETHENCOURT, 2018 [2016]). Para Guimarães (2009 [1999]), a categoria de cor consiste em:

[...] um tipo de carisma [valor] baseado na aparência física de um indivíduo, e dá a medida, em geral, da sua distância ou proximidade dos grupos raciais. Não se trata, apenas, de uma escala de valores estéticos, mas também de uma escala de valor intelectual e moral. Nos Estados Unidos e na África do Sul, opera mais no plano individual que grupal, principalmente entre os negros americanos. No Brasil, opera no plano individual e coletivo (o censo brasileiro coleta a cor das pessoas para formar ‘grupos de cor’) e é a forma dominante para demarcar fronteiras, tanto entre grupos, quanto no interior destes. O carisma de ‘raça’, no Brasil, raramente é evocado de modo direto pelos brancos, que preferem utilizar a cor ou a etnia, sendo evocado, via de regra, pelos negros. (GUIMARÃES, 2009 [1999], p. 224).

Segundo Guimarães (2009 [1999]), até a década de 1970, no Brasil, a noção de raça estava mais arraigada aos aspectos racialistas e de ascendência da noção, o que levava os pesquisadores a relacioná-la com os regimes de segregação racial, como o que ocorreu nos Estados Unidos (GUIMARÃES, 2009 [1999]). Isso levava também a concluir que, no Brasil, o racismo era, na verdade, um preconceito de cor, de marca (e não de raça), isto é, um preconceito baseado nas características físicas, como a cor da pele, uma vez que aqui não havia segregação racial. Foi apenas a partir década de 70 que a diferença entre Raça e Cor começou a ser relativizada no campo acadêmico, ainda que se pudesse notar que, de fato, há diferenças entre o racismo estadunidense e o brasileiro, por exemplo, e que aqui a questão da cor é de fato importante, como diz Guimarães (2009 [1999]) na citação acima. Assim, estudos

⁵⁰ O termo colorismo (GLENN, 2009) teria sido usado pela primeira vez pela escritora Alice Walker (1982).

⁵¹ Segundo Nascimento (2015), há uma considerável tradição no estudo do caráter pigmentocrático do racismo. A autora cita as seguintes obras: Caliver (1933), Woodson (1934), Reuter (1918), James & Harris (1993) e Craig (2002).

sociológicos da década de 70 foram desfazendo a suposta separação entre raça e cor e foram recuperando o “caráter racial” da cor da pele e do preconceito de cor, apontando diversas dimensões da discriminação e da desigualdade racial no Brasil (HASENBALG, 2005 [1980]).

O “critério” ou “linha de cor” já era considerado relevante nas primeiras terminologias raciais de tal forma que podemos dizer que as pessoas negras e seus descendentes são as vítimas emblemáticas do racismo internacionalmente, principalmente nas nações que foram colonizadas pelos europeus brancos. Considerando Inikori (2010), podemos dizer que as primeiras ocorrências conhecidas desse racismo remontam a períodos anteriores à escravização de africanos para as Américas no século XV, compreendendo a relação de diáspora forçada e de escravização principalmente de populações de habitantes da África Subsaariana, também conhecida como África Negra (INIKORI, 2010)⁵², mas também de negros não necessariamente nascidos africanos, que possivelmente realizaram diásporas anteriores, forçadas ou não, como os “negrilhos” (denominação reducionista europeia para um conjunto de povos negros do sudeste asiático) e os “aborígenes australianos” / “australianos indígenas” (denominação europeia para um conjunto de povos que habita(va)m a atual Austrália). Nesses processos e em processos anteriores a eles (MOORE, 2007; BETHENCOURT, 2018 [2016]), a cor da pele foi utilizada como forma de estigmatizar essas populações. Tanto Bethencourt (2018 [2016]) quanto Inikori (2010) afirmam que a questão da cor da pele ganha, no entanto, outra dimensão com a escravização de africanos para as Américas, no século XVI.

A relevância histórica da linha de cor também pode ser apontada nos processos de branqueamento ou embranquecimento. Esses processos consistem, por exemplo, em atitudes e políticas que reforçam a relevância da questão racial da cor da pele, principalmente no Brasil, nos EUA, na África do Sul e na Austrália (onde várias crianças mestiças foram raptadas (a chamada “geração perdida” ou “roubada”) para que nelas fosse incutida uma educação europeia e onde se desejava criar uma “Austrália Branca”). No Brasil, o processo de imigração de europeus ficou conhecido como uma política de embranquecimento ou branqueamento. Nesse caso, a cor escura e as pessoas que a possuem acabam sendo rejeitadas

⁵² Nas palavras de Harris (2010), “O périplo do Mar da Eritreia, escrito por volta do ano de 50 a.C., mostra-nos que já se exportavam escravos do Chifre da África, e não há porque pensar que este foi o primeiro exemplo de tráfico negreiro” (HARRIS, 2010, p. 153). No entanto, “a partir do século VII, com o advento do Islã, um processo de unificação cultural instaurou-se na zona do Oceano Índico e do Mar Vermelho. Algumas cidades costeiras da África Oriental foram islamizadas, e os muçulmanos desempenharam um papel cada vez mais determinante no âmbito comercial, inclusive no que tange ao tráfico de escravos” (HARRIS, 2010, p. 153). Assim, este período histórico seria importante para um processo relevante de escravização de africanos. Outro período tão e provavelmente mais historicamente importante é a colonização das Américas e da África desde pelo menos o século XV (HARRIS, 2010).

por serem associadas a características socialmente negativas, como sujeira, imoralidade, pecado etc., como se atesta nas expressões “preto de alma branca” e nas categorizações ofensivas “preto feio”, “preto ladrão” ou “preto metido”. Nesse sentido, um aspecto muito importante do racismo é a pressuposição, inferência ou indicialidade social (HANKS, 2008) que relaciona estereotipicamente características psicológicas ou culturais a características físicas, enquanto aspectos imediatamente visíveis na copresença, ou de outros tipos de características, como a origem geográfica declarada ou inferida e a variedade sociolinguística, como nos Estados Unidos.

Assim, entendemos que a cor da pele acabou se tornando o principal estigma (GOFFMAN, 1963) da população negra em muitos países e um elemento altamente relevante nos processos históricos de classificação racial, o que não tem impedido situações sociais de controvérsia, como a que envolve, mais atualmente, a aceitação ou não da heteroidentificação racial de base fenotípica⁵³ na implementação de políticas afirmativas voltadas para negros, para além do uso da autodeclaração (além da própria discussão nacional recente sobre as ações afirmativas).

Em 1980, os não brancos brasileiros foram inquiridos pelos pesquisadores do IBGE sobre sua Raça/Cor. O resultado dessa pesquisa foi o total de 136 (cento e trinta e seis) respostas diferentes, o que, pelo menos em 1908, demonstrava “como o brasileiro foge da sua realidade étnica, da sua identidade, procurando, através de simbolismos de fuga, situar-se o mais próximo possível do modelo tido como superior” (MOURA, 1988, p. 63)⁵⁴.

Ainda que, de fato, a realidade brasileira possa ser considerada de mestiçagem, em parte em decorrência de uma história de práticas textuais/discursivas que a favoreceram e a valorizaram, as múltiplas autocategorizações raciais dos pretos e dos pardos indicam um processo de “fuga” do estigma da categorização negra:

[P]or mecanismos alienadores, a ideologia da elite dominadora introjetou em vastas camadas de não-brancos os seus valores fundamentais. Significa, também, que a nossa realidade étnica, ao contrário do que se diz, não iguala pela miscigenação, mas, pelo contrário, diferencia, hierarquiza e inferioriza socialmente de tal maneira que esses não-brancos procuram criar uma realidade simbólica onde se refugiam, tentando escapar da inferiorização que

⁵³ Podem ser consultadas as seguintes referências bibliográficas com diferentes visões sobre a heteroidentificação racial, atestando os processos de identificação como arenas de disputas (MUNIZ, 2009). O primeiro, Guimarães (2005), apresenta um posicionamento contra processos de heteroidentificação em políticas afirmativas e o segundo, Dias & Júnior (2018), consiste em um livro organizado com textos que discutem a implementação de processos de heteroidentificação em processos seletivos.

⁵⁴ No Censo do IBGE de 2000, os autodeclarados pretos ou pardos correspondiam a 44,7% da população brasileira. Em 2010, esse índice aumentou para 50,7% (disponível em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf. Acesso em 1 dez. 2016).

a sua cor expressa nesse tipo de sociedade. Nessa fuga simbólica, eles desejam compensar-se da discriminação social e racial de que são vítimas no processo de interação com as camadas *brancas* dominantes que projetaram uma sociedade democrática *para eles*, criando, por outro lado, uma ideologia escamoteadora capaz de encobrir as condições reais sob as quais os contatos interétnicos se realizam no Brasil. (MOURA, 1988, p. 63-64)

Esse processo simbólico sobre o qual dissertou Moura (1988) relaciona-se com o mito da democracia racial, outra importante característica do racismo “à brasileira”, geralmente definido como a tendência de escamotear o racismo no Brasil. Isso ocorreria nas publicações científicas, na literatura, na mídia; enfim, nas interações sociais institucionais ou não. Silva & Rosemberg (2015), dizem, por exemplo, das mídias:

O *silenciamento* das mídias sobre as desigualdades raciais é constante. O silêncio exerce um duplo papel: o de negar os processos de discriminação racial, buscando ocultar a racialização das relações sociais, ao mesmo tempo em que propõe uma homogeneidade cultural ao ‘brasileiro’ (SILVA & ROSEMBERG, 2015, p. 82)

A origem do mito da democracia racial é atribuída à publicação em 1933 da obra *Casa grande & Senzala* de Gilberto Freyre, mas é entendido não apenas como um pensamento acadêmico brasileiro (ainda que essa obra tenha sido de grande relevância para tal), mas como uma tendência ideológica (IANNI, 2004 [1972]) relacionada ao embranquecimento do negro e à sua invisibilização:

Operando reversivamente sobre as condições reais de existência, sobre os padrões de organização das relações entre os homens, esse mito, ao mesmo tempo que nega a desigualdade racial, implicitamente a reafirma, reconhecendo que o *negro* pode tornar-se *branco* [...]. (IANNI, 2004 [1972], p. 332)

Bastide & Fernandes (1955) realizaram pesquisas financiadas pela UNESCO de grande importância para apontar a existência do preconceito de cor no Brasil, desmistificando, assim, a suposta democracia racial: “constatou-se que o brasileiro é altamente preconceituoso” (MOURA, 1988, p. 30), ainda que tenha “preconceito de ter preconceito” (FERNANDES, 1978). Segundo Moura (1988, p. 30):

[O] mito da *democracia racial* era mais um mecanismo de barragem à ascensão da população negra aos postos de liderança ou prestígio quer social, cultural ou econômico. De outra maneira não se poderia explicar a atual situação dessa população, o seu baixo nível de renda, o seu confinamento nos cortiços e favelas, nos pardieiros, alagados e invasões, como é a sua situação no momento. (MOURA, 1988, p. 30)

Para concluir esta seção, resgatamos os principais eixos de representação do racismo apresentados como parte da sócio-história desse fenômeno. Como podemos ver e como afirma Reginaldo (2018), há interpretações distintas sobre o racismo. Com base no

levantamento de algumas dessas interpretações, podemos traçar, em linhas gerais, algumas formas de caracterização sócio-históricas do racismo mais relevantes para a presente tese, considerando que analisamos artigos de opinião contextualizados geográfica e historicamente no Brasil sobre eventos e ações ocorridos na Europa em 2014; portanto, um contexto de interesse transnacional.

Interessa-nos salientar:

- (a) A natureza do racismo: o racismo não é apenas um resquício da escravização colonial, durante a qual a elite racial era também a elite socioeconômica; o racismo emerge no pós-Abolição;
- (b) Os critérios ou eixos de racialização e vítimas do racismo: os negros/africanos/afrodescendentes como vítimas fundamentais e emblemáticas do racismo, tomado como basicamente colorista/pigmentocrático e relacionado à origem ou ascendência africana, ainda que essa ascendência seja mais ou menos longínqua e tenha sido historicamente apagada.

Partindo do entendimento situado sócio-historicamente de que a Cor é um elemento bastante importante do racismo no Brasil (questão relativa ao item [b]), discutimos a seguir quais as principais representações racistas historicamente construídas contra o negro no país. Nesse sentido, procuraremos mostrar centralmente a relevância da representação racista do negro como *menos* ou *não* humano, de interesse central na tese por estar envolvida nos sentidos evocados pela *hashtag* #SomosTodosMacacos.

Vale identificar aqui a discussão teórica sobre o caráter construtivo e performativo da forma como vemos, concebemos e agimos sobre o mundo social e seus elementos. Neste caso, as formas como o Ocidente e/ou a Europa concebe e se relaciona com as pessoas negras/africanas, principalmente por meio das categorias de “raça”, de “racismo”, de “antirracismo” e “negros”. A categorização, a referência e a nomeação a esses fenômenos, processos ou entidades implica processos de estabilização e de instabilização (MONDADA & DUBOIS, 2003 [1995]). Segundo Gould (1991 [1981]), por exemplo, o “equivoco” da “reificação” foi fundamental para o determinismo biológico do século XIX: o estabelecimento de conceitos/termos científicos que correspondem a (supostas) realidades biológicas ou psicossociais sem os quais não se poderia localizá-las em determinadas regiões do cérebro, por exemplo, muito menos quantificá-las.

As categorias de “raça”, “racismo”, “antirracismo” e “negro” e as diferentes formas de descrevê-las ou concebê-las conformam ações ou processos

construtivos/performativos que dão a (re)conhecer (legitimar ou naturalizar) (cf. BOURDIEU, 1997, p. 216) essas categorias como referentes e relações no mundo. No entanto, como os atos textuais/discursivos são formas de ação social que podem entrar em “arenas de disputas” (BAKHTIN, 2011 [1979]), nem todos esses atos possuem a mesma possibilidade de performatividade, quer dizer, de dar a conhecer e fazer reconhecer os sentidos que constroem, evocam ou procuram legitimar. Em parte, porque processos históricos mais amplos de representação do racismo, do antirracismo e do negro estão envolvidos também nessas lutas de representações (BOURDIEU, 1997), que são desiguais.

Vejam, a seguir, como se dão historicamente essas lutas em torno da representação do negro na delimitação histórico-geográfica do Brasil.

2.1. Aspectos históricos nacionais da representação do negro

“O palhaço o que é? É ladrão de mulher./ Olha a negra na janela: Tem cara de panela./ Olha o negro no portão:
Tem cara de tição./ Olha o negro no jardim. Vai comer capim”
Piada de palhaço do pós-Abolição no estado de São Paulo (SILVA, 2001)

Considerando as reflexões de Costa (2006), podemos dizer, ainda que de forma esquemática, para os fins da presente discussão, que os estudos raciais brasileiros podem ser divididos em quatro fases fundamentais:

- De um pouco antes da abolição da escravização (segundo Guimarães [2004]) até os anos 30: “debate ainda caudatário do racismo científico”, em que “[p]redomina a visão de que as características fenotípicas, reunidas em classificações raciais, definem *a priori* as capacidades e possibilidades de desenvolvimento pessoal e social” (COSTA, 2006, p. 153);
- Entre os anos 30 e 60: formula-se o “discurso da mestiçagem” e “[...] a explicação para as hierarquias existentes passa a ser buscada nas relações sociais e não mais na esfera natural”, havendo, assim, a negação da “existência de adscrições derivadas da aparência física também no plano da cultura e da sociedade” (COSTA, 2006, p. 154). Formula-se, nesse período, que a categoria de raça quase não seria operante no Brasil (WAGLEY, 1952);
- Entre os anos 60 e 70: os estudos passam a denunciar o mito da democracia racial e o “discurso da mestiçagem”. Nesses estudos, as características físicas voltam a receber caráter racial. Entende-se que “as classificações culturais, incorporadas pelos atores sociais, favorecem sistematicamente a ascensão social das pessoas de pele clara e

daquilo que entende serem traços físicos europeus, em detrimento dos grupos de pele escura” (COSTA, 2006, p. 154). Os estudos de Bastide & Fernandes (1955) e Fernandes (1976) podem ser considerados como fazendo parte desse período, apontando a existência do “preconceito de cor” no Brasil;

- A partir dos anos 70: os estudos dão continuidade aos anteriores e demonstram cientificamente “que a posição privilegiada dos brancos não é decorrência exclusiva das vantagens (capital, nível escolar etc.) acumuladas no passado escravista”; “os mecanismos de reprodução das desigualdades de oportunidades em favor dos brancos não são apenas mantidos, são intensificados ao longo do tempo” (COSTA, 2006, p. 154). Hasenbalg (2005 [1980]) é um importante sociólogo desse período;
- Mais recentemente: os estudos procuram:

estabelecer um nexó lógico e normativo entre desigualdades estruturais de oportunidades e representações sociais, o qual permite desenhar uma escala evolutiva entre as diferentes formas de identidade cultural existentes: estas serão tão mais desenvolvidas quanto melhor refletirem as hierarquias sociais detectadas pela sociologia (COSTA, 2006, p. 154).

A nosso ver, esse pequeno esquema histórico dos estudos raciais brasileiros indica a relevância da questão da fenotipia/adscção racial e das desigualdades raciais nessas investigações. Na vertente mais recente, esses estudos têm como projeto científico-político a focalização da relação entre o campo acadêmico, as representações sociais e as identidades culturais. Entendemos que este interesse mais recente leva a enfatizar a importância do estudo das práticas antirracistas.

Ainda segundo Costa (2006), esse histórico dos estudos raciais brasileiros também apresenta relações com os seguintes “discursos raciais” historicamente hegemônicos no Brasil:

- Nos processos iniciais de constituição do sentido brasileiro de nação “coetâneos à escravidão de negros e à entrada maciça de imigrantes no país e, mais tarde, à abolição da escravatura e à difusão das teses do racismo científico” (COSTA, 2006, p. 134), prevalecia, para usar a categorização de Munanga (1999), um racismo diferencialista. Coerente com as teses do racismo científico, atribuía-se:

ora aos indígenas, ora aos afro-descendentes, ora àqueles identificados como mestiços uma inferioridade intelectual inata e, portanto, uma incapacidade imutável para fazer parte da nação progressista e moderna que se queria construir. (COSTA, 2006, p. 134)

- Ao longo dos anos 30 até o final dos anos 70, emerge o mito da democracia racial e, portanto, “o discurso da mestiçagem, o qual exaltava as virtudes do tipo humano

produzido pelos ‘cruzamentos interraciais’ e as promessas da nação que favorecia a mistura”; esses discursos são vistos por Munanga (1999) como um racismo igualitarista;

- A partir do final dos anos 70, “a disseminação crescente de grupos diversos voltados para a reconstrução de raízes culturais e étnicas obliteradas pela vigência do discurso homogeneizador da mestiçagem” (COSTA, 2006, p. 134). Esses processos estão mais próximos do que Munanga (1999) vê como antirracismo diferencialista, que culminou, depois da organização dos movimentos negros brasileiros e da sua participação na III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, em Durban, na África do Sul, em 2001, promovida pela ONU, na adoção de ações afirmativas pelo governo brasileiro.

É importante apontar, nesse processo, o chamado “discurso da mestiçagem” e da miscigenação e a relação deste com a construção do que é ser brasileiro no que diz respeito ao seu caráter racial, particularmente a partir da década de 30:

Pensando como racialmente o Brasil foi construído, a miscigenação mais do que um discurso, politicamente motivado, é uma realidade constatável quando lidamos com o imaginário racial presente em nosso país. Não estou discutindo se temos ou não uma alta taxa de miscigenação racial no país, mas o projeto de nação construído em cima dessa ideia. O projeto de diluição das diferenças entre as raças para obter uma unificação nacional e, assim, diluir também o poder político de quem historicamente foi visto e tratado como diferente igual a desigual, deixou de ser uma virtualização e se tornou uma realidade na América Latina no decorrer, principalmente, das últimas décadas. (MUNIZ, 2016, p. 780)

Também é importante apontar, nesses processos, a relevâncias das formas de representação do negro no Brasil na construção da identidade brasileira. Dentre as formas históricas de representação do negro no Brasil, que não é exclusiva desse País, embora guarde especificidades aqui, a principal é, a nosso ver, a do negro como menos ou não humano, próximo a ou propriamente um animal ou “coisa”, mercadoria ou propriedade, estas últimas categorizações relacionadas a sua construção e condição como escravo durante o período escravista brasileiro (MENDES, 2016). A partir da discussão histórica empreendida, podemos dizer que essas representações percorreram a História do negro no Brasil e foram utilizadas em diferentes graus de figuratividade/literalidade (GOULD, 1991 [1981]).

De forma simplificada, identificamos, primeiramente, a representação do negro como *coisa* ou *animal*, justificativa histórica para a sua condição como escravizado, ou seja, alguém tornado propriedade ou mercadoria, bem como para a sua forte exclusão do trabalho

livre. Apontaremos, em seguida, o mito da democracia racial, emergente a partir da década de 30, como ligado à invisibilidade do negro enquanto categoria social relevante no quadro das relações sociais brasileiras.

Como vimos, podemos dizer que o racismo “surge na cena política brasileira como doutrina científica, quando se avizinha à abolição da escravatura e, conseqüentemente [sic], à igualdade política e formal entre todos os brasileiros, e mesmo entre estes e os africanos escravizados” (GUIMARÃES, 2004, p. 11). A libertação do negro escravizado não veio acompanhada da socialização da propriedade, base do sistema escravista (ANDRADE apud MOURA, 1988; SANTOS, 2012) nem pela integração do negro na sociedade de classes emergente (FERNANDES, 1978), tendo se realizado com muita resistência por parte da classe escravista decadente, como relata Santos (2012), gerando um escravismo tardio, em que a escravidão conviveu com o capitalismo emergente no Brasil (MOURA, 1988). No entanto, cada vez menos interessadas na escravidão como forma de produção da riqueza, as classes dominantes procuraram substituí-la pelo trabalho livre. “[O] conservadorismo das classes dominantes na monarquia brasileira adiou, enquanto pôde, sua abolição definitiva com manobras como a Lei do Ventre Livre e dos Sexagenários” (SANTOS, 2012, p. 110) em decorrência da escassez da mão de obra escrava e a manutenção necessária dessa massa para garantir o desenvolvimento econômico do emergente sistema de trabalho livre. Ao mesmo tempo em que “a sociedade nacional ingressa num ciclo de expansão acelerada, entra em colapso o fornecimento de escravos” (IANNI, 2004 [1972], p. 29).

Nessa época, a disputa de representações sobre o povo negro estabeleceu nitidamente uma forte relação dialética com o seu caráter socioeconômica. O planejamento e o incentivo do Estado brasileiro pela imigração de holandeses, alemães, italianos, poloneses e japoneses, como um projeto de embranquecimento (TELLES, 1993; PEREIRA, 2009), formou, além disso, uma massa de trabalhadores assalariados brancos nos principais centros brasileiros, estando os negros reservados a poucos postos de trabalho, a trabalhos precarizados ou ao desemprego (MOURA, 1988). O negro, “nesse processo complexo e ao mesmo tempo contraditório da passagem da escravidão para o trabalho livre” (MOURA, 1988, p. 65), assim, tende a ser menos concebido e representado como aquele que melhor serve ao trabalho, como ocorria na escravidão (“escravo”, “coisa”, “propriedade”). O negro vai sendo mais “apresentado, sistematicamente, como sendo incapaz de trabalhar como assalariado [“preguiçoso”, “incapaz”]. No entanto, durante o escravismo, o negro atuava satisfatória e eficiente [sic] no setor manufatureiro e artesanal” (MOURA, 1988, p. 65). A nosso ver, persiste, no entanto, o sentido de [- humano], agora revestido do sentido de [- trabalhador],

uma vez que o trabalho, porque livre, passa a ter um valor social importante ao qual o negro, supostamente sem *ánima* (não apenas sem alma, mas também sem ânimo), não pode acessar.

A desumanização anterior do negro como não fazendo parte do gênero humano se revela como a desumanização do negro como alguém que poderia não fazer parte da sociedade (brasileira). Esses dois sentidos diferenciados (o negro como coisa e o negro como incapaz) estão, dessa forma, relacionados, embora se trate, durante o trabalho livre, do negro mais como tipo psicológico (preguiçoso, pobre, sujo etc.) (IANNI, 2004 [1972]): “Todo o racismo embutido na campanha abolicionista vem, então, à tona. Já não era mais acabar-se com a escravidão, mas enfatizar-se que os negros eram incapazes ou incapacitados para a nova etapa de desenvolvimento do país” (MOURA, 1988, p. 79). Essa ênfase também significa um alinhamento à concepção do negro como menos ou nada humano, porque é supostamente menos afeito ao trabalho assalariado, agora tomado como expressão fundamental do ser social humano. Nesse sentido, as representações racistas do negro coexistem com a libertação deste, de forma a justificarem o seu “novo” lugar social fora das senzalas, gerando um “pique do pensamento racista” entre 1880 e 1920 (SKIDMORE, 1976), que acompanha uma violenta expansão da economia cafeeira (MOURA, 1988).

As diferentes mudanças nas formas de representação e de categorização do negro são, ao mesmo tempo, acompanhadas de sua invisibilidade, principalmente quando fundamentada no mito da democracia racial, a partir da década de 30. Uma das primeiras formas de invisibilização do negro foi exercida pela intelectualidade branca em torno da sua luta contra a classe escravista. Diz-nos Moura (1988):

O que caracteriza fundamentalmente esse período da nossa história social é a luta do escravo contra esse aparelho de Estado. E é, por um lado, exatamente este eixo contraditório e decisório para a mudança social que é subestimado pela maioria dos sociólogos e historiadores do Brasil, os quais se comprazem em descrever detalhes, em pesquisa minudências, exotismos, encontrar analogias, fugindo, desta forma, à tentativa de se analisarem de maneira abrangente e científica as características, os graus de importância social, econômica, cultural e política das lutas. (MOURA, 1988, p. 22).

Esse quadro estabelece uma relação dialética entre a visibilidade e a sua subjetividade/identidade/identificação social/racial (cf. MUNIZ, 2009). A subjetividade do negro, envolvida nos processos de autoidentificação, é também *locus* do processo histórico do embranquecimento, como vimos anteriormente, que pode ser lido na chave teórica geral de Bourdieu (1997) como um afastamento do estigma e aproximação da identidade tomada como legítima.

Para finalizar esta seção, podemos agora identificar três aspectos principais de invisibilização do negro e do racismo ocorrentes ao longo da história do Brasil e ligadas ao mito da democracia racial:

- (i) A pouca visibilidade/representatividade dos negros nas esferas públicas de comunicação (SILVIA & ROSEMBERG, 2015);
- (ii) A pouca conscientização dos negros de sua condição social de negros (que dificulta a autodeclaração e a chamada “consciência negra”, por exemplo) (MOURA, 1988);
- (iii) O mito de que não existe racismo no Brasil, a partir da década de 30, que gera a não tematização da questão racial brasileira nas esferas privada e pública de relações sociais (um tabu, conforme Giroux (1999 [1997]), ainda que hoje esteja parcialmente superado, segundo Guimarães [2009 (1999)]).

Os três aspectos acima apresentados serão considerados e retomados na análise dos sentidos evocados pela *hashtag* #SomosTodosMacacos no capítulo III mais adiante e nas Considerações Finais acerca dos resultados das análises dos artigos de opinião sobre a *hashtag*, uma vez que a maioria dos textos realiza associações entre aspectos do mito da democracia racial, de cunho igualitarista, e os sentidos evocados pela *hashtag* #SomosTodosMacacos (cf. PIRES & WEBER, 2018).

2.2. Estudos sócio-históricos do anti/não racismo

Martin Luther King Jr: “Bem, Senhor Presidente. Estou aqui para falar especificamente sobre a negação de um direito americano básico ao cidadão negro. O direito de voto. [...]”
 Presidente dos Estados Unidos Lyndon B. Johnson: “Bem... está bem... Mas... na maior parte do Sul ainda há segregação. Vamos vencer a primeira batalha antes de começar outra. E você sabe qual deveria ser a próxima batalha? A erradicação a pobreza. Vou chamar de “Guerra à Pobreza”. É uma questão de prioridades políticas. A pobreza será meu foco doméstico e quero que me ajude nisso. Podemos fazer grandes mudanças para pessoas de todas as cores. E sei que se importa com isso, não é? Essa história de voto terá que esperar”
 Diálogo entre Martin Luther King Jr. e o então presidente dos EUA Lyndon B. Johnson no filme *Selma*

Se, para Munanga (1999), o racismo brasileiro é tendencialmente igualitarista, entendemos que o antirracismo no Brasil tende também a ser igualitarista, sendo atraído pelo discursos da mestiçagem e da identidade nacional. Nesse sentido, seria importante, para Munanga (1999), assumir um antirracismo diferencialista, enfatizando as diferenças e desigualdades raciais e negando o discurso nacionalista brasileiro e o elogio à mestiçagem como ícone desse nacionalismo. Entendemos que é coerente com a teorização de Munanga

(1999) a compreensão de que caberia também ao antirracismo diferencialista identificar e denunciar o racismo e o antirracismo igualitaristas e, igualmente, a tendência igualitarista e perigosamente “sutil” do racismo e de boa parte do chamado antirracismo que se desenvolveu sócio-historicamente no Brasil. Nesse sentido, a nosso ver, as práticas textuais/discursivas reflexivas e performativas (como “identificar” e “denunciar”) têm um lugar central no antirracismo diferencialista.

Segundo muitos autores que estudam o racismo internacionalmente (como MACHADO, 2000; EDWARDS, 2003; BENWELL, 2012; JIWANI & RICHARDSON, 2011), o chamado não racismo conformou-se como uma espécie de normatividade construída histórica e culturalmente após o fim da escravização moderna de africanos e afrodescendentes para as Américas, da segregação racial nos EUA, na Austrália e na África do Sul e/ou do nazismo na II Guerra Mundial em 1945, tendo papel na conformação do racismo contemporâneo. Essa tese guarda relações com a forma de caracterização do racismo brasileiro, caracterizado pelo mito da democracia racial, a partir da década de 30, segundo o qual as relações raciais brasileiras seriam profundamente democráticas, de tal forma que o princípio (democrático) do não racismo e a não tematização ou evocação do racismo estariam introjetados nos indivíduos e atores sociais em suas relações.

É no seio da época contemporânea qualificada como “pós-racial” ou “não racista” que vicejam as teorizações propriamente antirracistas, que, contraditoriamente, postulam justamente a existência e a permanência do racismo na contemporaneidade, ainda que, por vezes, implícito. Em estudos sobre o antirracismo no Brasil, Munanga (1999) e Costa (2006) identificam dois tipos gerais: o igualitarista ou universalista, que defende a igualdade social e que estaria, assim, mais ligado à afirmação/constatação ou defesa de uma democracia racial; e o diferencialista, que defende o reconhecimento da diferença racial em termos de diferenças de cor e de cultura, identificando a democracia racial como um mito historicamente contextualizado. *Grosso modo*, Munanga se posiciona por um antirracismo diferencialista, enquanto Costa (2006) defende uma postura, em parte, igualitarista e, em parte, diferencialista, uma vez que, segundo ele, esses tipos de antirracismo não seriam necessariamente excludentes entre si.

O modelo igualitarista de racismo atuaria principalmente por meio da evocação, pressuposição e defesa de valores sociais supostamente universais, como a igualdade, mas também a liberdade, o fim do preconceito, a justiça, a democracia etc. (MUNANGA, 1999; COSTA, 2006). O modelo diferencialista de racismo, por sua vez, atuaria caracteristicamente por meio da evocação, pressuposição e defesa das diferenças raciais, contemporaneamente

tomadas como sendo de caráter fenotípico e cultural (MUNANGA, 1999), entendendo, ao mesmo tempo, que, por vezes, os valores igualitaristas ou universalistas tendem a ser meramente formais, isto é, mais princípios de práticas discursivas do que de práticas políticas de transformação social, de modo que tendem a diminuir ou escamotear a materialidade social do racismo.

A evocação ou formulação da igualdade social ou da democracia racial são, assim, por vezes, no igualitarismo, práticas textuais/discursivas de formulação de uma normatividade não racista, no sentido de que: o racismo seria ou uma falácia (não existe mais ou não seria tão sistemático como fariam crer os movimentos negros) ou seria um tabu (falar sobre racismo é uma impolidez ou uma racialização das relações sociais; alternativamente, falar sobre racismo é ser racista [cf. VAN DIJK, 2012]). Assim, na linha do igualitarismo, a “normatividade não racista” não seria apenas o cumprimento dos princípios sócio-pragmáticos ou sistêmicos historicamente construídos a favor da população negra, mas, por vezes, um “novo” mecanismo de barragem (para usar a expressão de Moura [1988]) contra o antirracismo mais engajado de 2006, nos níveis micro e/ou macrosociais, isto é, contra a luta, a discussão e o aprofundamento sobre a materialidade social do racismo transnacionalmente.

Um exemplo de texto brasileiro igualitarista é o livro *Não somos racistas*, do jornalista e sociólogo Ali Kamel (2006). Esse livro foi publicado no contexto de um debate nacional sobre a adoção de cotas raciais nas instituições públicas brasileiras. No mesmo ano, um conjunto de intelectuais e artistas (como o antropólogo Peter Fry, o compositor e cantor Caetano Veloso e a antropóloga Yvonne Maggie, que prefaciou o livro de Ali Kamel) também havia publicado um manifesto contra as ações afirmativas para negros⁵⁵. Segundo esses intelectuais e artistas, as ações afirmativas são formas de diferenciação racial e, portanto, de racismo. Podemos notar, assim, que tanto Kamel (2006) quanto esses outros intelectuais e artistas, ainda que a partir de diferentes pontos de vista não racistas, tendem a igualar os processos institucionais ou simbólicos de racialização aos de racismo. Em outros termos, qualquer forma de identificação de raça ou de racismo ou diferenciação racial seriam formas de racismo (cf. VAN DIJK, 2012). Como vimos, esta também é uma questão importante para os estudos textuais/discursivos do (anti)racismo.

Podemos considerar a defesa das políticas de ação afirmativa para pessoas negras, por sua vez, como tendencialmente diferencialistas, por levarem em consideração justamente os processos de racialização realizados pelas sociedades racistas (e não pelas políticas

⁵⁵ Os manifestos contra e a favor de cotas raciais encontram-se disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18773.shtml>. Acesso em 15 jun. 2019.

antirracistas elas mesmas, uma vez que estas podem ajudar a dirimi-las) quer haja ações afirmativas ou não. Assim, a “discriminação” que o modelo diferencialista adota (o reconhecimento das diferenças raciais) é considerada uma “discriminação positiva”, ou, em outros termos, não é discriminação, e sim o reconhecimento da diferença e da desigualdade raciais.

As diferenças entre o antirracismo igualitarista e o antirracismo diferencialista, no entanto, não ocorrem apenas no Brasil, a nosso ver. Bonilla-Silva (2006), por exemplo, postula que, nos Estados Unidos, propaga-se um “racismo cego à cor”, uma vez que o racismo continua existindo nas instituições do Estado, mas não se pode, por exemplo, em algumas instâncias, utilizar ações afirmativas, porque elas promoveriam a diferenciação das pessoas em raça/cor. Assim, lá também se estabelecerá uma relação de equivalência entre a racialização, que pode ser apenas local e estratégica (cf. MUNIZ, 2009) ou de reconhecimento da racialização institucional, por exemplo, e racismo, relação estabelecida por um antirracismo que também podemos chamar de igualitarista e pautado em uma falsa democracia racial. Assim, ao mesmo tempo em que as diferenças raciais são um tabu, essas diferenças fundamentam práticas racistas. Por isso, Bonilla-Silva (2006) intitula sua obra como “Racismo sem racistas” (*Racism without racists*). Processo semelhante ocorre no Brasil, em que há, como vimos, o reconhecimento pelos brasileiros de que o racismo existe no País, mas os mesmos brasileiros não tendem a se ver como racistas.

Como Bonilla-Silva (2006) rotula esses processos relacionados ao igualitarismo como “racismo”, uma questão importante de ser apontada é que eles podem estar mais próximos do racismo do que do antirracismo, enquanto o diferencialismo estaria mais próximo do antirracismo. No entanto, como, a partir de uma normatividade não racista, os processos e posicionamentos igualitaristas não se apresentam como explicitamente racistas (o título do livro de Ali Kamel (2006) é justamente “Não somos racistas”), podemos entendê-los, assim como os posicionamentos diferencialistas, como não racistas, pelo menos para os fins metodológicos desta tese, reconhecendo, assim, que o igualitarismo não se trata de um racismo explícito, mas implícito, velado etc. Por essa razão, Jiwani & Richardson (2011) afirmam que há um *continuum* entre racismo e antirracismo. No entanto, entendemos que o não racismo igualitarista é uma forma de racismo implícito e não uma ponte (a partir da ideia de *continuum*) entre racismo explícito e antirracismo/diferencialismo, por meio da qual se poderia passar de um para o outro.

No Brasil, o debate público sobre as políticas de cotas raciais para pessoas negras, de forte cunho diferencialista, foi um campo importante de disputa entre igualitarismo e

diferencialismo. Assim, a instituição do Estatuto da Igualdade Racial em 2010 (Lei 12.288/2010), a aprovação da constitucionalidade das cotas raciais e a sua transformação na Lei 12.711/2012, conquistas de movimentos negros e de políticos progressistas que as apoiaram, durante um período marcado pelo início de uma crise socioeconômica, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, aponta para a relativização da interdependência entre processos socioeconômicos e políticas socialmente específicas.

Na verdade, os momentos de crise socioeconômica costumam servir de justificativa para a não implementação de políticas antirracistas específicas e, como a crise atinge também os privilégios raciais e socioeconômicos das pessoas brancas, principalmente das de classe média, ela pode fazer emergir a “amargura” dessa camada da população, supostamente ameaçada pela participação de negros na competição por emprego em momentos de desemprego, como quando imigrantes europeus/brancos vieram ao Brasil e se sentiram ameaçados pela competitividade com os trabalhadores negros que aqui já estavam (IANNI, 2004 [1972]), ou como quando os brasileiros geralmente brancos agridem fisicamente imigrantes haitianos atualmente (argumentando o “roubo” dos postos de trabalho). Giroux (1999 [1997]) e outros teóricos chamam de “branquidade” (*whiteness*)⁵⁶ esse processo de reação branca (na forma de “pânico moral”, “ressentimento”, “amargura”, “ansiedade”, “receio”, “revide”) frente à relativa ou suposta perda de privilégios por essa camada em decorrência de crises socioeconômicas e/ou de avanços e conquistas de direitos para a população negra, como por meio de políticas racialmente específicas. Guimarães (2004, p. 11), por exemplo, como vimos, afirma que o racismo “surge na cena política brasileira como doutrina científica, quando se avizinha à abolição da escravatura e, conseqüentemente, à igualdade política e formal entre todos os brasileiros, e mesmo entre estes e os africanos escravizados”. As conquistas negras também têm como reação, nos EUA dos anos 90, uma juventude branca “cada vez mais sensível ao seu *status* como brancos por causa da política racial e da exposição da raça pela mídia em anos recentes” (GIROUX, 1999 [1997], p. 100).

Nesse sentido, o combate ao racismo não deveria se dar, segundo o diferencialismo, apenas por meio de políticas universais contra a pobreza, por exemplo, estritamente defendidas por igualitaristas como Kamel (2006), em parte em reação a propostas de políticas antirracistas diferencialistas, que levam em consideração o “recorte” racial, não apenas o socioeconômico. Em outras palavras, o racismo atinge não apenas os negros pobres,

⁵⁶ O termo *whiteness* também tem sido traduzido como “branquitude”. No Brasil, há quem diferencie os dois termos, “branquitude” e “branquidade” (JESUS, 2012).

uma vez que sua pobreza é também um efeito do racismo e não apenas da má distribuição de renda, por exemplo (HASENBALG, 2005 [1980]).

Momentos importantes na teorização sobre o racismo no Brasil passaram por linhas mais igualitaristas ou diferencialistas. Assim, Fernandes (1978), que fez contribuições fundamentais para a identificação do “preconceito de cor” no Brasil e do mito da democracia racial, acaba postulando inicialmente também que o racismo, que seria um resquício da escravização, teria seu fim com o aprofundamento ou desenvolvimento da sociedade de classes no Brasil⁵⁷, compreensão tendencialmente universalista/igualitarista hoje fortemente abandonada (HASENBALG, 2005 [1980]).

A disputa sócio-histórica entre igualitarismo e diferencialismo não é apenas brasileira. Podemos exemplificar isso com a apresentação de um artigo de opinião (interessante para essa discussão) publicado na página do *Intercept* EUA, de autoria de Briahna Gray⁵⁸ historiadora e jornalista. Intitula-se *As políticas raciais não vão acabar com o preconceito. Mas continuam essenciais*, publicado em 1º de setembro de 2018. Nesse artigo, a autora identifica que há, de um lado, um “reducionismo racial” e, de outro, um “reducionismo de classe” na esquerda estadunidense. O “reducionismo de raça” seria cada vez mais popular na centro-esquerda e se posicionaria contra o “reducionismo de classe”, que acreditaria, segundo o primeiro, que “a igualdade econômica seria uma panaceia universal para os males da sociedade, e que, em razão disso, negligenciariam soluções políticas que procuram remediar disparidades de cunho identitário” (s/p). Na visão da articulista, no entanto, raça e classe “são conceitos tão intimamente ligados que qualquer projeto político que pretenda resolver um desses problemas e ignorar o outro irá necessariamente prestar um desserviço a ambos”.

Assim, embora haja diferenças entre igualitarismo e diferencialismo, é importante apontar que há tentativas de não reproduzir uma dicotomia entre os dois, mas de reconhecer aspectos importantes do igualitarismo (na verdade, a partir de uma perspectiva não igualitarista), mantendo, por exemplo, determinada forma de ver o valor de igualdade social. Trata-se, assim, de uma reflexão semelhante à que empreende Davis (1983), por exemplo, quando escreve que:

⁵⁷ Costa (2017) pondera que essa concepção inicial de Florestan Fernandes não era entendida pelo intelectual como “um processo que ocorreria naturalmente, pois para Florestan Fernandes a eliminação da discriminação racial só seria possível mediante a luta política organizada do povo negro, junto com os aliados conquistados junto à população branca” (COSTA, 2017, p. 13-14)

⁵⁸ A tradução do artigo está disponível em: <https://theintercept.com/2018/09/01/cuidado-reducionismo-racial/>. Acesso em 26 jun. 2019

[...] o trabalho que os [negros dos EUA, quando] escravizados desempenha[va]m por si mesmos e não para enaltecer o seu dono foi realizado em termos da igualdade. Dentro dos limites da sua família e da vida comunitária, o povo negro conseguiu cumprir um magnífico feito. Eles transformaram essa igualdade negativa emanada da opressão paritária que sofriam como escravos numa igualdade positiva: o igualitarismo caracterizava as suas relações sociais. (DAVIS, 1983, p. 20)⁵⁹

Assim, em comum entre esses “tipos” diferenciados de não racismo está o entendimento de que ele corresponde a uma qualidade das práticas sociais que se contrapõem, buscam diminuir ou dar fim à dominação, discriminação e desigualdade sociais e raciais e os demais processos a elas afeitos. Por meio dessa tipologia, portanto, como vimos, Munanga (2003) e Costa (2006) acima acabam por abarcar, pelo menos parcialmente, no campo do que eles chamam de antirracismo igualitarista, aquilo que outros autores identificam como determinado tipo de não racismo: a mera indicialidade de valores supostamente universais, mas que, na verdade, estão relativamente enquadrados por um modelo “democrático”/“republicano” europeu de sociedade, de modo a não necessariamente evocar ou tematizar o negro, a sua situação na sociedade dita democrática e os considerados “pesados” fenômenos do racismo e da racialização.

Podemos compreender as formas particulares da luta das representações do anti/não racismo como uma “luta pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos” (BOURDIEU, 1997, p. 213). Mais do isso, no entanto, seria uma luta entre um antirracismo “de fachada” e um antirracismo efetivamente engajado, transformador, aspecto que será mais discutido no capítulo a seguir.

Entendemos que a distinção apresentada de modelos de anti/não racismo é relevante para a análise que empreendemos no capítulo V, embora esses modelos não apareçam “inteiros” ou “em bloco” nos textos, por conta da heterogeneidade típica da linguagem em uso e das práticas sociais. No entanto, eles consistem em construções sociológicas a partir das quais realizaremos parte importante da discussão dos resultados e relacionaremos os sentidos esperados na menção ou na remissão intertextual ou referencial à *hashtag* #SomosTodosMacacos. Assim, contextualizamos, no capítulo a seguir, a *hashtag* de modo a compreender os sentidos parcialmente (esperados como) evocados por ela relacionados a racismo e a antirracismo.

⁵⁹ Tradução disponível em: <http://www.justificando.com/2019/05/24/em-politicas-publicas-nao-basta-nao-ser-racista-e-necessario-ser-antirracista/>. Acesso em 03 jul. 2019.

Capítulo III – Contextualizações e sentidos da *hashtag* #SomosTodosMacacos

“O que é ser *bluesman*? É ser o inverso do que os outros pensam
 É ser contracorrente, ser a própria força, a sua própria raiz
 É saber que nunca fomos uma reprodução automática da imagem submissa que foi criada por eles
 Foda-se a imagem que vocês criaram
 Não sou legível
 Não sou entendível
 Sou meu próprio Deus, meu próprio santo, meu próprio poeta”
 Canção *BB King* de Baco Exu do Blues

Neste capítulo, contextualizamos os sentidos da *hashtag* #SomosTodosMacacos, que segundo estudos prévios da área da Comunicação Social, reproduzem o racismo e o “discurso da mestiçagem” a ele relacionado (PIRES & WEBER, 2018). Neste capítulo, procuramos também mostrar que esses sentidos estão fundamentalmente vinculados, ainda que de forma indireta e complexa à evocação do sentido de igualdade social e, portanto, a uma “antirracismo” igualitarista, por meio, por exemplo da intertextualidade com o enunciado “Somos todos iguais”. Como vimos, o igualitarismo também se conecta com o discurso histórico da mestiçagem, de embranquecimento, de invisibilização do negro como vítima do racismo e do mito da democracia racial, o que é em parte indicado linguisticamente, como explicaremos a seguir, pelo uso da predicação *ser macaco*, não lançando mão, assim, do nome próprio da vítima (“Somos todos Daniel Alves”, nesse caso) envolvida no contexto dramático motivador, nem da categoria social a que ela pertence (“Somos todos negros”, nesse caso), diferentemente da maioria dos intertextos *Somos Todos N*, sobre os quais discorreremos na seção 3.2 mais adiante. De forma não necessária, o sentido da *hashtag* #SomosTodosMacacos também pode ser vinculado à construção performativa e genérica de solidariedade a vítimas de opressão social e, por conta do uso da categoria “macaco”, à histórica representação científica e racista do negro como macaco.

3.1. O intertexto “Somos todos iguais”

A *hashtag* #SomosTodosMacacos, por ser um hipertexto, é capaz de direcionar o leitor a outros textos de alguma forma a ela ligados por relações temáticas, por exemplo. Além de fazer parte desse hipertexto que é a *hashtag* #SomosTodosMacacos, o enunciado “Somos todos macacos”, particularmente, é uma forma intertextual. Semelhante ao *slogan* e às “palavras de ordem”, pode remeter a outros textos, chamados intertextos, anteriormente produzidos, tomados como conhecidos, compartilhados com os leitores, entendidos, por sua

vez, como alguém que faz parte da mesma esfera sociocultural dos usuários da *hashtag*. Um desses intertextos remetidos pelo enunciado é “Somos todos iguais”, que evoca o sentido de igualdade social. Esse intertexto pode mobilizar os conhecimentos dos interlocutores sobre o igualitarismo, ou em outros termos, evocar um enunciador igualitarista, cuja origem histórica passa pelo Iluminismo do século XVIII europeu.

O igualitarismo é uma das bases ideológicas das revoltas e revoluções republicanas que levaram à formalização jurídica do valor da igualdade perante a lei nas Constituições das nações europeias e colonizadas pelos europeus. Entendida como documento histórico, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, por exemplo, insere, em seu Preâmbulo, a igualdade como “valor supremo de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, com a solução pacífica das controvérsias”:

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte
 CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.
 (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988, Preâmbulo)

A Constituição assegura, também, a igualdade perante a lei:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988, Título II, Capítulo I)

Além de orientar as leis, a igualdade é também um valor que guia, segundo a Constituição, os objetivos da República, que envolvem a erradicação da pobreza e da marginalização e a diminuição da desigualdade social e regional, bem como a promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, de raça e de outras formas de preconceito/discriminação:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:
 I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;
 II - garantir o desenvolvimento nacional;
 III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
 IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988, Título I)

Nesse sentido, a remissão ao intertexto “Somos todos iguais” pode evocar determinados sentidos, como a defesa da igualdade social, incluindo a igualdade racial. Evidentemente, o antirracismo diferencialista, nesse sentido, se posiciona contra o igualitarismo não por ser contra a igualdade racial, mas por ser contra o entendimento de que o intertexto “Somos todos iguais” ou que a formulação da Constituição de que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]” sejam entendidos mais como uma *descrição da realidade* do que uma *normatização* dela, possibilidades sociopragmáticas de interpretação em parte decorrentes dos sentidos veiculáveis pelo uso do verbo *ser*, que nesse caso, pode ser descritivo ou normativo (algo como *devemos ser tratados igualitariamente*). Nas práticas sociais, não “somos todos iguais”, uma vez que existe o racismo.

Há, assim, dois sentidos performativos principais esperados na remissão ao intertexto “Somos todos iguais”, que podem ser alinhados ao intertexto “Somos todos macacos”, do ponto de vista racial, e que correspondem a estratégias textuais/discursivas não racistas:

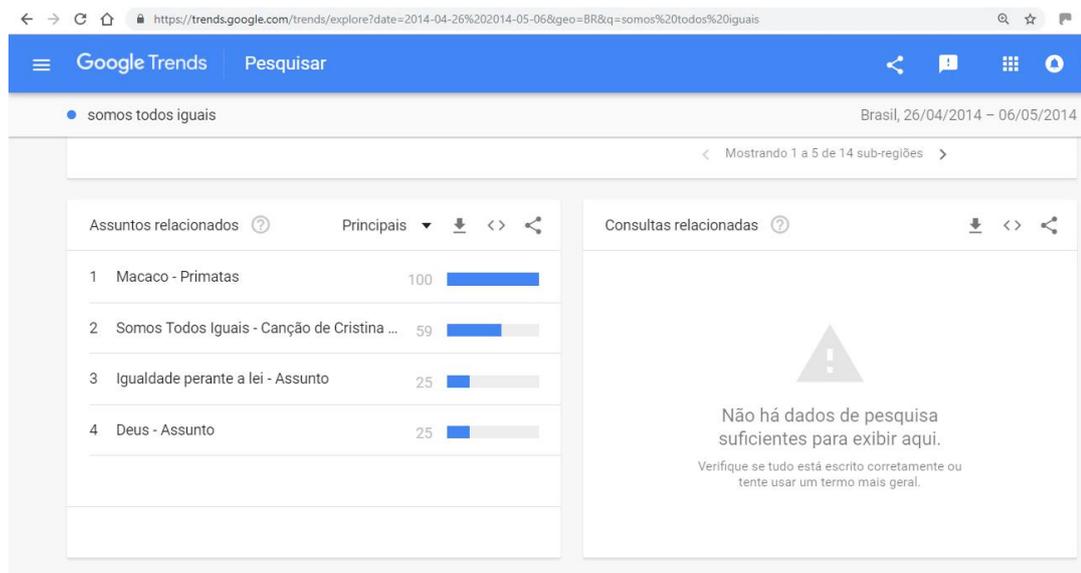
- (i) “Somos todos iguais” como descrição de uma realidade racial contemporânea igualitária/democrática (descrição de um não racismo), mas que, assim, também pode implicar uma normatização: o tabu do tema das diferenças raciais e da desigualdade racial/racismo contemporâneo; por isso, se afilia ao mito da democracia racial e ao igualitarismo;
- (ii) “Somos todos iguais” como normatização da realidade contemporânea (sentido mais próximo da Constituição ou da “igualdade formal”), que, por isso, se afilia mais historicamente ao igualitarismo republicano europeu.

O diferencialismo tende a preservar o segundo sentido, mas não se iguala a ele, pois vê como fundamentais: as práticas sociais de engajamento pela efetivação da igualdade racial, prevista mas não garantida por esse segundo sentido; as práticas de contraposição ao tabu das diferenças, das desigualdades raciais e do racismo contemporâneo previstos no primeiro sentido; a ênfase na descrição dessa realidade de diferença racial e de desigualdade racial/racismo (descrição do racismo). Assim, em comum entre esses sentidos é a normatividade não racista.

A relação intertextual entre o enunciados “Somos todos iguais” e “Somos todos macacos” é linguisticamente indiciada, em parte, pelo compartilhamento da forma de predicação “Somos todos”. Essa relação permite que sejam esperadas interpretações em

relação ao enunciado “Somos todos macacos” relacionadas a interpretações esperadas também para o enunciado “Somos todos iguais”, no sentido de que aquele pode herdar algumas estabilidades de sentido deste. Como veremos nas seções 3.3.1 e 3.5, o sentido de igualitarismo pode estar associado à *hashtag* não apenas pelo compartilhamento da predicação linguística, mas também pela mediação feita pelo sentido de evolucionismo, por exemplo. Efetivamente, os dados do gráfico a seguir, obtidos por meio da ferramenta *online Google Trends* também indicam uma relação entre igualitarismo e uma das formas de enquadrar interpretativamente o enunciado “Somos todos macacos”: o sentido biólogo/evolucionista provocado pelo uso da predicação *ser macaco* (sentido a ser desenvolvido nas seções 3.3.1 e 3.5), no mesmo período de maior debate sobre a *hashtag*:

Figura 3 Principais temáticas relacionadas a "Somos todos iguais" no período entre 26/04/2014 e 06/05/2014 no Brasil (Fonte: Google Trends. Acesso em 14 nov. 2018)



A leitura do gráfico acima indica o uso associado do enunciado “Somos todos iguais” à temática nomeada pela ferramenta *Google Trends* como “Macacos-Primatas”. Essa nomeação encerra a categorização biológica dos “macacos” como “primatas”, um enquadre biológico e provavelmente evolutivo do uso da categoria “macaco”. Porque um uso massivo do enunciado “Somos todos iguais” se deu no mesmo período do uso da *hashtag* #SomosTodosMacacos, podemos entender que houve provavelmente o uso do enunciado “Somos todos iguais” em diversos textos junto com a *hashtag* #SomosTodosMacacos. Essa associação do enunciado “Somos todos iguais” à *hashtag* e à temática “Macacos-Primatas” é um indício da associação dos sentidos igualitaristas do enunciado “Somos todos iguais” e dos

sentidos biologistas/evolucionistas de *hashtag* #SomosTodosMacacos, questão a ser desenvolvida nas seções 3.3.1 e 3.5 mais adiante.

3.2. Os intertextos *Somos Todos N*

É contextualizadora dos usos e sentidos da *hashtag* #SomosTodosMacacos, a relação entre a *hashtag* e um conjunto de enunciados, na língua portuguesa do Brasil, recorrentes caracterizados pela construção *Somos Todos N*, como: “Somos todos Pinheirinho”, em reação à reintegração de posse da comunidade do Pinheirinho em São José dos Campos (SP) em 2012, e “Somos todas Cláudia”, em reação à morte da auxiliar de serviços gerais Cláudia da Silva Ferreira por tiros de policiais, no Rio de Janeiro, em 2014.

Na construção linguística desses enunciados, o nome *N*, de *Somos Todos N*, é, em termos gramaticais, uma expressão (com função) nominal, geralmente um nome próprio. Os enunciados *Somos Todos N* podem consistir em intertextos, uma vez que seus usos anteriores à *hashtag* #SomosTodosMacacos fundamentaram intertextualmente a criação deste enunciado e de outras formas intertextuais posteriores. “Somos todos macacos”, por sua vez, é, ao mesmo tempo, uma forma intertextual que evoca os intertextos *Somos Todos N* anteriores e um intertexto dos enunciados *Somos Todos N* criados/publicados posteriormente, como “Somos todos Mariana”, conforme o quadro 1 mais adiante.

Para discutir os sentidos evocados pelo enunciado “Somos todos macacos”, comentamos o estudo de De Cock & Pizarro Pedraza (2018) e o levantamento dos enunciados *Somos Todos N* criados e publicados entre 2009 e 2016. De Cock & Pizarro Pedraza (2018) realizam um estudo linguístico sistematizado de *hashtags* semelhantes aos intertextos *Somos Todos N*⁶⁰: as *hashtags* #JeSuis a partir de #JeSuisCharlie. A *hashtag* #JeSuisCharlie indica principalmente apoio e solidariedade às vítimas dos ataques contra a sede da revista *Charlie Hebdo* em Paris, França, em 2015 (DE COCK & PIZARRO PEDRAZA, 2018). No entanto, apesar da popularidade dessa *hashtag*, “vozes discordantes” (desalinhamentos) emergiram quase imediatamente à sua publicação por meio da criação de outras *hashtags* que expressavam apoio aos bombardeiros ou homens-bomba, como #JeSuisKouachi (um dos terroristas) e #JeNeSuisPasCharlie (DE COCK & PIZARRO PEDRAZA, 2018, p. 198). Os usos destas *hashtags* indicavam, além da condenação dos ataques, o desacordo com a linha editorial da revista e com o teor das charges publicadas pela revista que tematizavam o

⁶⁰ Há também o trabalho de Pereira (2018) sobre as *hashtags* “Somos todos” em uma abordagem teórica diferente, a Análise do Discurso de linha francesa. As reflexões ali apresentadas são fundamentalmente diferentes das análises presentes, em decorrência da diferença de quadro teórico/epistemológico.

Islamismo, e/ou se opunha à apropriação política dos ataques por indivíduos e partidos que não se identificavam ou cujas ideias não se alinhavam às atribuídas à revista (DE COCK & PIZARRO PEDRAZA, 2018; BADOUARD, 2015).

As autoras identificaram tendências ou sentidos (“conexões semânticas” ou “sentidos pragmáticos específicos”, nas palavras delas) construídos por *hashtags* com a base *#JeSuis* (“Eu sou”), em língua francesa. Essa base teria sofrido uma lexicalização, processo por meio do qual foi passando a se comportar linguisticamente como um item lexical, o que teria ajudado a diversificação dos sentidos observados nos usos dessas *hashtags*. De acordo com De Cock & Pizarro Pedraza (2018), eles, os sentidos identificados, que podem *mutatis mutandis* ser relativamente atribuídos também aos intertextos *Somos Todos-N* (especificamente ou a todos, a depender do caso), consistem principalmente na indicação de luto/condolência ou solidariedade por meio de *hashtags* que:

- a) reagem a ataques terroristas (condolência/luto);
- b) reagem a outros desastres ou mortes violentas (condolência/luto);
- c) reagem a eventos que, de alguma forma, atacam (fisicamente ou não) pessoas, coletividades ou causas sociais que estes representam (eventos entendidos como tristes, sem o envolvimento de mortes, como ataques à liberdade de expressão) (solidariedade).

A própria continuidade da produção de novas *hashtags* com *#jesuis* também colaboraria para o processo de diversificação de sentidos, que, assim, indica uma expansão/ampliação do sentido anterior “para um sentido mais geral de alinhamento, que, eventualmente, também resultaria em usos de desalinhamento” (DE COCK & PIZARRO PEDRAZA, 2018, p. 202) em relação aos sentidos inicialmente evocados pelas *hashtags* *#JeSuis*. O processo gradual de expansão/ampliação do sentido (de condolência ou de solidariedade às vítimas de um ataque terrorista para a expressão de apoio em outros contextos) é sumarizado pelas autoras na figura abaixo:

Figura 4 Esquemática do processo de expansão/ampliação gradual do sentido das *hashtags* #JeSuis (Fonte: DE COCK & PIZARRO PEDRAZA, 2018, p. 205)



Segundo De Cock & Pizarro Pedraza (2018), a variedade de usos de manipulação de formas/sentidos de #JeSuis deve-se também à natureza linguística “satélite” das *hashtags* quando usadas nos *tweets* (no caso, portanto, da rede social *Twitter*) (relativa independência sintática em relação ao enunciado/cotexto que acompanha as *hashtags* nos *tweets* e demais postagens virtuais) e às próprias disposições (*affordances*) comunicativas de adaptação linguística/intertextual das *hashtags*, que cumprem uma variedade de funções comunicativas, não apenas a de marcação temática do *tweet* (DE COCK & PIZARRO PEDRAZA, 2018, p. 202). As ações intertextuais de desalinhamento por meio de *hashtags* responsivas (formas intertextuais) a uma *hashtag* anterior (intertexto) podem apontar para um uso crítico/discordante da *hashtag* (criticidade ao uso de *hashtags* #JeSuis).

Além desses sentidos identificados nas *hashtags* #JeSuis e, *mutatis mutandis*, nos intertextos *Somos Todos N*, há também um sentido mais textual/discursivo e sociopragmático: a construção performativa de uma *persona* ou imagem pública consciente e engajada na causa indicada pelo segundo *slot* (DE COCK & PIZARRO PEDRAZA, 2018), que, nos intertextos *Somos Todos N* é expressa pela expressão nominal *N*. No caso de *hashtags*, essa espécie de “[auto]promoção” de uma imagem pública é possibilitada, em parte, pelo próprio uso delas. Sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos, a reportagem de Brighenti (2014)⁶¹ diz, por exemplo, que “a motivação inicial [contra o racismo] se perdeu e o que ficou foi uma ideia de autopromoção” (BRIGHENTI, 2014, s/p).

Os usuários das *hashtags* também podem observar quais temas estão mais evidentes e podem querer se afiliar a eles (DE COCK & PIZARRO PEDRAZA, 2018). Nesse sentido, as *hashtags* podem ser utilizadas para aumentar a visibilidade de uma causa e/ou a presença de alguém no *Twitter* ou em outras redes sociais (DE COCK & PIZARRO

⁶¹ Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2014/05/pesquisador-criticam-bananizacao-do-preconceito/>. Acesso em 23. abr. 2014.

PEDRAZA, 2018; ZAPPAVIGNA, 2011). Cabe lembrar, nesse caso, que as *hashtags* são marcadores usados em textos da Internet em publicações relacionadas a determinado tema, evento ou contexto (ZAPPAVIGNA, 2015; CHANG, 2010) e são indicadas pelo símbolo “#”. O símbolo # (“*hashtag*”) torna a expressão marcada um hipertexto virtual (CAVALCANTE, 2010) que leva a uma lista de outras publicações também marcadas, facilitando o acesso a outros textos indexados com a *hashtag* em questão, sendo, assim, um recurso de propagação de sentidos mais ou menos estabilizados, nas mídias sociais. As *hashtags* foram inicialmente utilizadas na rede social *Twitter*, passando posteriormente a serem adotadas por outras redes, como *Instagram*, *Tumblr* e, mais recentemente, *Facebook*, além de outras.

De Cock & Pizarro Pedraza (2018) sugerem que “usos criativos subsequentes de frases com *je suis*”⁶² em *tweets* realizadas na França e fora dela teriam ocorrido após a publicação da *#JeSuisCharlie* em 2015, embora o sentido de identificação⁶³, solidariedade, afiliação e orgulho (pelo menos até 2018) por meio da raiz *Eu sou* em diferentes línguas já tenha uma longa tradição, como em *Ich bin ein Berliner* (“Eu sou berlinense”, em alemão), que expressou solidariedade em tempos difíceis na Berlim da Guerra Fria (mais ligado ao sentido de solidariedade e de identificação); *#IamLeicester*, depois da vitória do *Leicester City* na Liga de Futebol Inglês em 2016 (mais ligado ao sentido de comemoração e de orgulho) e *#IAMsterdam*, que faz parte de uma campanha publicitária da cidade de Amsterdã (mais ligado ao sentido de orgulho e de identificação). O uso da raiz *#JeSuis*, em francês, no entanto, além de indicar solidariedade, empatia e apoio a causas sociais, seria único nos termos da diversidade de causas pelas quais tem emergido, indicada pela variação no segundo *slot*, e seria único também nos termos do uso combinado entre o francês e outras línguas (no Brasil, por exemplo, a versão francesa *#JeSuisCharlie* foi muito mais frequente em *tweets* do que a tradução *#EuSouCharlie* [ITO, 2015]).

No entanto, encontramos 18 intertextos brasileiros *Somos Todos N*, relativamente correspondentes à raiz *#JeSuis*, que foram publicados desde, pelo menos, 2009 (quer dizer, antes das *hashtags* *#JeSuis*), conforme quadro a seguir. Esses intertextos, como veremos, têm sido utilizados como reações a determinados eventos sociais dramáticos, indicando solidariedade aos indivíduos ou grupos humanos atingidos, como nos sentidos mais tardios das *hashtags* alinhadas a *#JeSuis*. Poderemos observar a seguir que esses intertextos, assim como as *hashtags* alinhadas a *#JeSuis*, apresentam uma diversidade de causas pelas quais

⁶² “[...] subsequent creative uses of phrases including *je suis* [...]”

⁶³ Não estamos nos referindo, aqui, a identificação ou afiliação ideológica, mas à construção de um tipo de identidade social.

emergem e não apresentam o sentido de mera identificação e de orgulho (que não responderiam a contextos necessários de sofrimento humano, mas que fundamentaram, de certa forma, a *hashtag* #JeSuisCharlie) dos intertextos anteriores acima citados do tipo *Eu sou*. Isso ocorre, em parte, em decorrência do uso do plural e do quantificador “todos”, em *Somos Todos*, que indica e repercute um sentido de pertencimento, união e solidariedade coletivos frente a uma situação dramática particular e dá ênfase à totalidade dessa coletividade.

Como podemos observar no quadro 1, os enunciados *Somos todos N* surgem como *respostas a determinado evento* que chama a atenção negativamente de quem cria o enunciado. Para a realização de um recorte de intertextos com características mais homogêneas em termos de ações intertextuais, foram excluídos desse levantamento do quadro 1 os casos de enunciados utilizados como paródia, como *resposta social a outro enunciado desse tipo* (forma intertextual que evoca o próprio enunciado responsivo ao evento dramático particular). Exemplos: “Somos todos banana” (em resposta a “Somos todos macacos”, que responde ao evento racista contra DA), “Somos todos Samarco” (posterior a “Somos todos Mariana”, que responde ao rompimento da barragem em Mariana-MG em 2015) e “Somos todos a velhinha que foi espancada por Verônica” (posterior a “Somos todos Verônica”). Essas formas intertextuais apresentam caráter mais pontual, embora contemplem a afirmação de Bakhtin (2011 [197], p. 272) de que “[c]ada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”.

Quadro 1 Contextos e ano de emergência dos enunciados *Somos Todos-N*⁶⁴

Enunciados	Contexto	Ano
1. “Somos todos Sem Terra”	Existência da “CPMI ⁶⁵ do MST ⁶⁶ ” desde 2003; Pedido do Ministério Público do Rio Grande do Sul, em relatório, pela dissolução do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; Morte do agricultor Elton Brum da Silva pela Brigada Militar em São Gabriel (RS) durante desocupação da fazenda Southall.	2009
2. “Somos todos Pinheirinho”	Reintegração de posse da comunidade do Pinheirinho em São José dos Campos (SP)	
3. “Somos todos Guarani-Kaiowá”	Publicação de carta da tribo Guarani-Kaiowá em resposta à decisão da Justiça Federal de expulsá-los de sua terra no Mato Grosso do Sul	2012
4. “Somos todos Amarildo”	Desaparecimento do ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza no Rio de Janeiro depois de ser detido por policiais militares	2013
5. “Somos todos macacos”	Uma banana é jogada contra o jogador brasileiro Daniel Alves em um jogo entre Villarreal e Barcelona na Espanha; Daniel Alves pega a banana do chão, descasca e a come.	
6. “Somos todos Neymar”	Saída do jogador Neymar da Copa do Mundo de Futebol em decorrência de lesão em uma das vértebras	2014
7. “Somos todas Cláudia”	Morte da auxiliar de serviços gerais Cláudia da Silva Ferreira por tiros de policiais que, em seguida, arrastaram na rua seu corpo preso a uma viatura no Rio de Janeiro	
8. “Somos todos Charlie”	Atentado à sede do jornal <i>Charlie Hebdo</i> em Paris	
9. “Somos todos Paris(ienses)”	Atentados em Paris pela organização Estado Islâmico	
10. “Somos todos Maju”	Publicação na Internet de mensagens racistas contra a jornalista Maria Júlia Coutinho	
11. “Somos todos Rio Doce”	Rompimento de barragem de rejeitos sobre o Rio Doce operada pela mineradora Samarco em Mariana (MG)	2015
12. “Somos todos Mariana”		
13. “Somos todos Aylan Kurdi”	Afogamento de menino refugiado sírio na tentativa de travessia de barco entre a Turquia e a Grécia	
14. “Somos todos(as) Verônica”	Tortura sofrida pela travesti negra Verônica Bolina pela polícia militar em São Paulo	
15. “Somos todos professores”	Ataque a professores de escola pública pela polícia em Curitiba (PR)	
16. “Somos todos Lula”	Condução coercitiva do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na 24ª fase da Operação Lava-jato para prestar depoimento	
17. “Somos todos Complexo”	Morte do menino Eduardo de Jesus Ferreira baleado pela polícia quando em frente de sua casa no Complexo do Alemão no Rio de Janeiro	2016
18. “Somos Todos Dilma”	Processo de <i>impeachment</i> da então presidente da República Dilma Rousseff	

Excluimos também o enunciado mais recente “Somos todos Sérgio Moro”, porque, diferentemente do que ocorre em termos de contexto em relação aos enunciados apresentados, o então juiz federal de primeira instância da Operação Lava-Jato⁶⁷, Sérgio

⁶⁴ Pereira (2018) apresenta um levantamento semelhante.

⁶⁵ Comissão Parlamento Mista de Inquérito.

⁶⁶ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

⁶⁷ Informações sobre a Operação Lava-Jato do Brasil estão disponíveis, por exemplo, em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Operação_C3%A7%C3%A3o_Lava_Jato. Acesso em 21 jul. 2019.

Moro, não representa alguém que sofreu (em termos de algum tipo de sofrimento coletivo) com o evento-contexto em questão, os crimes de corrupção. Também não incluímos os casos que representam uma resposta a uma questão social mais geral, como “Somos todas putas”, que é bastante produzido atualmente nas redes sociais da Internet principalmente por mulheres (mas não apenas), provavelmente como resultado do avanço de consciência social provocado pelos movimentos feministas contra o machismo, mas não como uma resposta a um evento social particular (“particular” no sentido de ser bem marcado no tempo, ainda que emblemático de práticas recorrentes). Por fim, assim como outros usos da construção *Somos todos N* encontrados, também não incluímos no levantamento acima apresentado os enunciados “Somos todos Brasil” e “Somos todos Olímpicos” (neste caso, a expressão “Olímpicos” também não contempla, além disso, o caráter nominal de N), que, na forma específica de *hashtags*, não atuaram como uma reação a um evento dramática, tratando-se de uma campanha do Governo Federal, no contexto dos Jogos Olímpicos de 2016, que ocorreram no Brasil.

Observando o levantamento realizado de enunciados *Somos todos N* do quadro anterior, podemos fazer constatações gerais, em termos de ocorrências, de tendências contextuais desses enunciados e eventos. Essas constatações ajudam a caracterização contextual e interpretativa da *hashtag* #SomosTodosMacacos. Primeiramente, podemos notar que a maioria dos enunciados *Somos Todos N* emergiu em resposta a alguma ação violenta de forças policiais do Estado:

- a) 8 (oito) consistem em reações sociais a ações policiais violentas (tortura, assassinato, reintegração de posse ou ataque a manifestantes) (“Somos todos Sem Terra”, “Somos todos Pinheirinho”, “Somos todos Guarani-Kaiowá”, “Somos todos Amarildo”, “Somos todas Cláudia”, “Somos todos Verônica”, “Somos todos professores” e “Somos todos Complexo”);
- b) 2 (duas) são reações a ações políticas: o *impeachment* da então presidente da República Dilma Rousseff e a condução coercitiva do ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (ambos em 2016) (“Somos todos Dilma” e “Somos todos Lula”);
- c) 2 (duas) campanhas reagem a ações de civis no contexto do futebol: torcedores jogam bananas em Daniel Alves e Neymar é afastado da seleção brasileira (em 2014) (“Somos todos macacos” e “Somos todos Neymar”);
- d) 2 (duas) são reações a ações político-ideológicas: os atentados contra o jornal *Charlie Hebdo* e contra a capital da França (2015) (“Somos todos Charlie” e “Somos todos Paris(ienses)”);

- e) 2 (duas) estão relacionadas a um evento ambiental: o rompimento de barragem de rejeitos sobre o Rio Doce operada pela mineradora Samarco em Mariana (MG) em 2015 (“Somos todos Rio Doce” e “Somos todos Mariana”);
- f) 1 (uma) responde a uma ação discriminatória: comentários racistas feitos contra uma jornalista da televisão (“Somos todos Maju”);
- g) e 1 (uma) responde ao evento político do afogamento de uma criança síria na tentativa de travessia de barco entre a Turquia e a Grécia (“Somos todos Aylan Kurdi”).

Assim, a resposta à violência, particularmente policial, é o contexto preferido de emergência dos enunciados *Somos todos N* encontrados. Outra característica observável desse levantamento é a presença de casos de racismo, considerando-se a natureza da parte prejudicada pelo evento ou ação “gatilho” (que, como vimos, é em sua maioria uma ação policial):

- a) 7 (sete) dos eventos atingem negros, estrangeiros migrantes e indígenas e, assim, podem ser considerados como casos de questão de etnia, raça ou nacionalidade (racismo, etnofobia e xenofobia);
- b) 3 (três) eventos atingem populações de cidades (Mariana/MG e Paris/França).
- c) 2 (dois) atingem figuras políticas líderes do governo (os ex-presidentes da República Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff);
- d) 2 (dois) eventos envolvem agrupamentos em situação precária de moradia e subsistência (ocupações do Movimento Sem Terra e da comunidade Pinheirinho);
- e) 1 (um) evento envolve a categoria social LGBT (a tortura de Verônica, uma travesti negra);
- f) 1 (um) evento atinge uma figura pública do esporte (NJ);
- g) 1 (um) evento atinge uma categoria de trabalhadores (os professores do Paraná);
- h) 1 (um) evento atinge uma instituição (a jornalística).

A violência policial e o racismo são dois itens socialmente copresentes em pelo menos 5 (cinco) dos 18 (dezoito) casos identificados. O uso dos enunciados *Somos todos N*, assim, evoca uma rede de solidariedade face a uma realidade de opressão. Por isso, podemos dizer que os 18 intertextos *Somos todos N* (de 2009 a 2016) acima têm em comum a evocação de sentidos mais ligados a linhas político-ideológicas tomadas como progressistas, do que a linhas conservadoras do espectro político (por isso, excluimos dessa lista o intertexto também

encontrado “Somos Todos Cunha”⁶⁸). Essa leitura confirma a tendência encontrada nas *hashtags* #JeSuis da construção de uma *persona* engajada politicamente, uma vez que o engajamento político está geralmente ligado mais ao progressismo do que ao conservadorismo.

A leitura dos intertextos *Somos Todos N* como tendencialmente progressistas, além disso, indica que eles chegaram a se conformar como enunciados reivindicatórios, como as “palavras de ordem”. Essa leitura também é coerente com a relação desses intertextos com enunciados bélicos, como as palavras de ordem, mas também, originalmente, os *slogans*, originalmente entendidos como “gritos de guerra” (IASBECK, 2002). Esses enunciados configuram-se como intertextos que funcionam como recursos textuais/discursivos estratégicos do campo militar, político-reivindicatório e mercadológico – a relação entre esses campos sociais pode ser também identificada nos sentidos da categoria “campanha”, utilizada, por exemplo, na expressão “campanha Somos Todos Macacos”⁶⁹. Semelhantes às palavras de ordem e aos *slogans*, os intertextos *Somos Todos N* são criados para circular socialmente e, assim, pressupor e evocar sentidos com poucos elementos linguísticos, na modalidade oral ou escrita, o que lhes confere bastante performatividade, implicitude e estabilidade (embora haja sempre o risco de reinterpretações) textual/discursivas, a partir de determinados contextualizações, enquadramentos interpretativos e conhecimentos tomados como compartilhados.

Assim como as *hashtags* #JeSuis, é possível que os intertextos *Somos todos N* já estejam hoje sofrendo o processo de expansão/ampliação de sentido de que falam De Cock & Pedraza (2018), vide a emergência do intertexto “Somos todos Cunha” e, para além do sentido de solidariedade em geral, outros de desalinhamento *de re* (DE COCK & PEDRAZA, 2018), como “Ninguém é Haiti”⁷⁰ (quando da passagem do furacão Matthew em 2016) ou “Por que não somos todos Somália?”⁷¹ (quando do atentado sofrido na capital Mogadíscio em 2017), que constroem/indicam uma seletividade eurocentrada do uso dos intertextos *Somos*

⁶⁸ Trata-se de uma referência ao ex-deputado federal Eduardo Cunha do então Partido do Movimento Democrático Brasileiro (atual MDB), condenado em 2017 por corrupção passiva, evasão de divisas e lavagem de dinheiro. O apoio a Eduardo Cunha por meio do enunciado “Somos Todos Cunha” indicia, dentre outras coisas, o alinhamento à sua postura pelo *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT) em 2016.

⁶⁹ Sobre as mudanças de significado da categoria “campanha”, conferir as informações disponíveis em: <https://www.nexojornal.com.br/lexico/2018/08/12/A-palavra-que-migrou-do-campo-para-a-publicidade-a-pol%C3%ADtica-e-o-ex%C3%A9rcito>. Acesso em 9 set. 2019. E em: <https://www.melhordizendo.com/campanha/>. Acesso em 9 set. 2019.

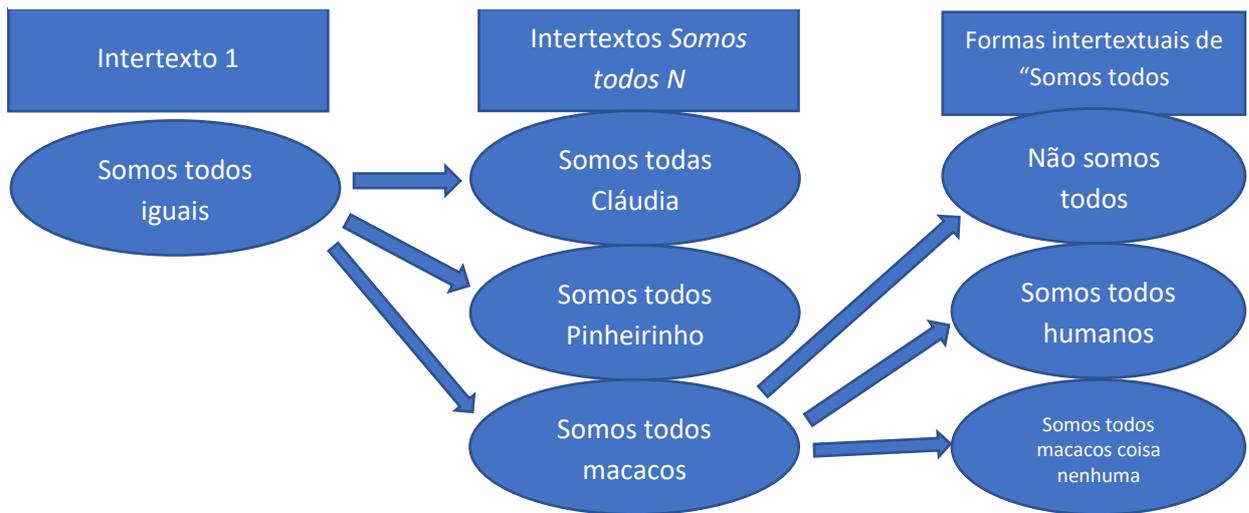
⁷⁰ Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/ninguem-haiti-charge-retrata-falta-de-interesse-por-uma-tragedia-20288323>. Acesso 19. abr. 2019.

⁷¹ Disponível em <http://www.justificando.com/2017/10/17/o-que-extrema-violencia-na-somalia-pode-nos-ensinar-sobre-empatia/>. Acesso em 19 abr. 2019.

todos N e um possível esgotamento desses intertextos como estratégia (inter)textual/discursiva do campo progressista.

Esquematizamos, na figura a seguir, as relações intertextuais entre um Intertexto 1, o enunciado “Somos todos iguais”, os intertextos *Somos todos N* e as formas intertextuais encontradas no *corpus*, a serem exploradas no capítulo VI.

Figura 5 Relações intertextuais entre o intertexto “Somos todos iguais”, “Somos todos N” e as formas intertextuais do *corpus*



Como vimos, o intertexto “Somos todos macacos” participa de um dos casos que envolve a questão do racismo, sendo uma resposta criada por NJ/agência de publicidade Loducca ao evento de a torcida do Villarreal ter jogado uma banana contra o jogador DA e por este ter comido a banana jogada. Os textos que analisamos nesta tese apresentam formas intertextuais que “resgatam” a *hashtag* #SomosTodosMacacos no texto corrente (os artigos de opinião), e formas referenciais que (re)constróem esse intertexto, mobilizando mais ou menos o *frame* Racismo. Nas seções a seguir, investigamos os sentidos esperados mais específicos da *hashtag* #SomosTodosMacacos, para além do sentido de solidariedade coletiva a um evento dramático. Começemos pela reconstrução do contexto (tomado como) dramático ao qual a *hashtag* responde.

3.3. Contextos mais relevantes e publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos

Além do contexto de racismo e de reação ao racismo, a publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos envolveu as seguintes ações e eventos mais relevantes tornados públicos por meio de notícias internacionais:

- Contexto relevante 1: o ato racista de torcedores do Villarreal ao jogarem bananas contra DA na partida de futebol de 27 de abril de 2014 na cidade de Villarreal, na Espanha, quando este jogava pelo Barcelona (discutido na seção 3.3.1).

O ato racista de jogar bananas contra jogadores é uma prática recorrente e racista na Europa. No Brasil, como vimos, a prática racista mais recorrente são os insultos e as imitações de macaco para pessoas negras.

- Contexto relevante 2: a ação de DA de comer uma das bananas jogadas, entendida predominantemente como uma resposta ao ato racista sofrido por ele na mesma partida de futebol (discutido na seção 3.3.1).
- Contexto relevante 3: as postagens de NJ, também jogador pelo Barcelona, na época, por meio das quais publica a *hashtag* #SomosTodosMacacos responsivamente às ações e eventos apontados nos contextos 1 e 2 acima (discutido na seção 3.3.2).

Posteriormente, essas postagens foram fortemente categorizadas como uma campanha idealizada por uma agência de publicidade.

Outros contextos relevantes estão envolvidos na publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos e são atualizados nos textos, mas listamos acima os mais situacionalmente relevantes. Ainda algumas considerações contextuais merecem atenção. Podemos considerar que o enunciado “Somos todos macacos”, como vimos, foi primeiramente publicado por NJ, que pode ser entendido como um agente ocupante de uma posição em um campo social, tendo percorrido uma trajetória nesse campo. Podemos identificar que NJ percorre principalmente o campo esportivo, mais especificamente por meio da atuação originária no futebol do Brasil. Esse campo social, no entanto, é penetrado e penetra em campos dos quais é heterônimo: o campo midiático e o campo econômico (relacionado ao midiático). Isso porque, no caso dos jogadores famosos e dos grandes clubes nacionais e internacionais, entendemos que os agentes podem ganhar visibilidade ou posições importantes no campo por meio das instituições comunicacionais, como a Internet e a TV.

Em relação à sua trajetória, podemos dizer que NJ foi alçado à carreira profissional principalmente por suas habilidades esportivas, mas também pela sua visibilidade atingida no campo midiático. Assim, o jogador passa a realizar uma trajetória também no campo midiático e no campo publicitário, como pode acontecer com os jogadores de futebol famosos: NJ realiza contratos como “garoto propaganda” de marcas grandes de diferentes produtos. Segundo diversas notícias, ele fatura principalmente nos períodos de Copas do

Mundo de Futebol, como quando publicou a *hashtag* #SomosTodosMacacos, quando chega a ter uma posição de destaque como “garoto propaganda”⁷² atualmente. NJ, nesse sentido, possui valor econômico e simbólico nesses campos, valor que pode ser reconhecido pelos que tiveram conhecimento da sua postagem da *hashtag* #SomosTodosMacacos. Em relação à postagem da *hashtag*, pode ser relevante também o valor simbólico que possui NJ não apenas como uma celebridade do esporte, mas também como um futebolista negro. Nesse sentido, esse elemento pode ser considerado contextualizador da postagem da *hashtag* #SomosTodosMacacos e da intertextualidade/referência a ela, sobre as quais passamos a discorrer nas seções a seguir.

3.3.1. A representação do negro como macaco no ato racista contra DA

Encontramos poucos textos científicos ou de divulgação científica (sociológicos, históricos, linguísticos etc.) sobre a representação racista do negro como macaco, ainda que ela seja recorrente, evocada em xingamentos e em outros atos racistas. Valemo-nos aqui, principalmente, dos estudos de Stephen Jay Gould (1991 [1981]) e das reflexões históricas de Bradley (2013) e linguísticas de Mendes (2016). A nosso ver, compreender o caráter racista desse construto exige também compreender sua história.

Gould (1991 [1981]) discute sobre as teorias de determinismo biológico, que utilizaram enviesadamente métodos tomados como científicos para, dentre outras coisas, distinguir biológica e psicologicamente os diferentes grupos humanos: em termos de raça, de sexo, de idade etc. Entre as discussões que o autor faz nessa obra, está aquela sobre os estudos realizados por cientistas homens e europeus do século XIX que busca(va)m “sinais de morfologia simiesca entre os membros dos grupos [humanos] considerados indesejáveis” (GOULD, 1991 [1981], p. 111). A representação do negro como macaco, assim, se pautava *grosso modo*, por exemplo, na hipótese supostamente evolucionista inicialmente desenvolvida por Ernst Haeckel (1834-1919) de que as etapas do desenvolvimento ontogenético dos seres vivos correspondiam (“recapitulavam”) às etapas do desenvolvimento filogenético. Assim, segundo essa postulação, os brancos/europeus possuiriam na infância estruturas físicas e

⁷² Disponível em: <http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/com-a-copa-de-2018-neymar-faturara-r-100-milhoes-so-com-publicidade-15122017/>. Acesso em 06 jul. 2018;

Disponível em: <https://grandesnombresdapropaganda.com.br/tag/neymar-jr/>. Acesso em 06 jul. 2018;

Disponível em: <http://propmark.com.br/anunciantes/neymar-jr-levara-pelo-menos-16-marcas-para-a-copa-na-russia>. Acesso em 06 jul. 2018;

Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/noticia/neymar-e-garoto-propaganda-de-5-marcas-e-aparece-200-vezes-em-comerciais-na-copa-a22217/1>. Acesso em 06 jul. 2018.

Disponível em: <http://chuteirafc.cartacapital.com.br/neymar-surfando-no-marketing-da-copa-e-corre-risco-de-repetir-ronaldinho-de-2006/>. Acesso em 06 jul. 2018.

comportamentais correspondentes aos primeiros hominídeos (africanos), desenvolvendo características aperfeiçoadas na idade adulta. Não tardou para que essa postulação fosse usada para diferenciar os homens brancos/europeus das mulheres, dos negros e de outras populações não europeias (GOULD, 1991 [1981]). Assim, com base nesse tipo de evolucionismo, estes grupos foram entendidos como mais “selvagens” e inferiores, porque mais próximos das espécies símias, a partir de características anatômicas (isto é, do corpo inteiro, não apenas da cabeça).

A questão da responsabilidade pelos traços/estigmas físicos e psicossociais atribuídos a determinados grupos sociais e da intencionalidade na ocorrência de crimes estava envolvida como questão de fundo, por exemplo, no determinismo biológico da Antropologia Criminal. Nesse caso, os problemas sociais e as características psicossociais criminosas de determinados grupos humanos (criminosos natos, como os negros, os ciganos e outros tipos humanos) eram atribuídas a fatores hereditários. Assim, a responsabilidade pelos comportamentos vistos como desviantes era menos da forma como a sociedade contingenciava esses grupos (o “ambiente”) e mais de sua condição de “selvagem”, em decorrência de uma hereditariedade atávica – por isso, também não era de responsabilidade do próprio livre-arbítrio destes indivíduos como seres cognoscentes⁷³.

Mais recentemente (2013), o professor de História da Medicina da Universidade de Melbourne, na Austrália, James Bradley, escreveu o artigo de divulgação científica *The ape insult: a short history of a racist idea* para o portal *The Conversation*⁷⁴. Segundo o historiador, resumidamente, o xingamento de macaco (*ape insult*), do ponto de vista histórico, surgiu quando determinadas teorias evolucionistas se encontraram com a mentalidade eurocêntrica: quando se teorizou sobre a origem da espécie humana no continente africano. Esta teorização sobre a origem evolutiva do ser humano, que podemos identificar já em Jean Baptiste Lamarck (COSTA, 2006), na segunda metade do século XIX, licenciou a concepção do homem africano como biológica, cultural e mentalmente mais próximo dos macacos:

[E]m 1809, o ancestral intelectual de Darwin, Lamarck (Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, Chevalier de Lamarck, 1744-1829) propôs um modelo de evolução que via todos os organismos como descendentes de um único ponto de criação espontânea.
Larvas evoluíram em peixes, peixes em mamíferos e mamíferos em homens.
Isto aconteceu não através da seleção darwinista, mas através de uma força

⁷³ Ironicamente, a Antropologia Criminal acabou colaborando para a efetivação de importantes reformas penais, como nos Estados Unidos, ao chamar a atenção para o “contexto” do crime; nesse caso, o tipo de criminoso (GOULD, 1991 [1981]).

⁷⁴ A tradução do texto de Bradley encontra-se disponível em: <https://negrobelchior.cartacapital.com.br/xingar-de-macaco-uma-pequena-historia-de-uma-ideia-racista/>. Acesso em 05 ago. 2017.

vital interna que levava organismos simples a se tornarem mais complexos, trabalhando em combinação com a influência do meio ambiente.

Deste ponto de vista, humanos não compartilhavam um ancestral comum com macacos; eles eram descendentes diretos deles. E africanos então se tornaram a ligação entre macacos e europeus. A imagem popular comumente associada com a evolução darwinista da transformação de estágios do macaco ao homem deveria ser propriamente chamada de lamarckiana.

O poder do racismo

Cada uma dessas maneiras de pensar o relacionamento entre humanos e macacos reforçou a conexão feita por europeus entre africanos e macacos. E fazendo parecer que pessoas de origem não-europeia eram mais como macacos do que como humanos, estas diferentes teorias foram usadas para justificar a escravidão nas fazendas das Américas e o colonialismo no resto do mundo.

Todas estas diferentes teorias científicas e religiosas trabalharam na mesma direção: para reforçar o direito europeu de controlar grandes porções do mundo. (BRADLEY, 2013, s/p, grifos no original)

Segundo Bradley (2013), a construção histórica da representação racista da pessoa negra como macaco se deu em decorrência de teorias religiosas e científicas historicamente emergentes. Citando Bradley (2013), o estudo linguístico-cognitivo de Mendes (2016, p. 43) explica que, a partir desses pontos de vista, “surge o entendimento racista de que os africanos estariam entre os macacos e os europeus na escala evolutiva”. Nesse sentido, embora comumente apontada como similaridade mais relevante no mapeamento metafórico racista do negro como macaco, a cor da pele “não é sempre o aspecto mais relevante”, do ponto de vista da origem dessa representação: “[a]ntes, a sua inferioridade frente ao homem é que constitui o mapeamento mais sobressalente na conceptualização do negro” (MENDES, 2016, p. 52).

Embora a representação do negro como macaco (evocada por vezes pela utilização simbólica racista da banana: a manipulação da fruta ou a evocação dela) esteja fundamentada em um importante processo histórico de opressão contra os negros, os seus usos locais são também importantes para a caracterização de suas possibilidades interpretativas e para a análise das ações que lhe são responsivas, atualizando ou “se desviando” relativamente dos sentidos historicamente convencionalizados.

Do ponto de vista semiótico e sociocognitivo, a ação racista em questão (contexto 1, conforme seção 3.3) não consistiu em um ato verbal direto, como o de referir o jogador por meio da categorização verbal “macaco”, nem mesmo no ato não verbal de realizar gestos à guisa de imitar esse animal não humano, como aconteceu com vários jogadores de futebol negros, conforme comentamos na Introdução. Nesse caso, a identificação do racismo dessas ações depende fortemente não apenas do conhecimento linguístico da categoria usada, mas também de construtos sociocognitivos complexos implícitos, como enquadramentos figurativos que envolvem e interrelacionam sociocognitivamente bananas, macacos e pessoas

negras. Como esses enquadramentos são, muitas das vezes, implícitos nas práticas semióticas, vale a pena explicitar o seu funcionamento.

Jogar uma banana contra alguém, caso do contexto 1, pode evocar a cena da oferta de um alimento a um macaco, por meio da metonímia BANANA PELO MACACO. Trata-se de uma construção estereotípica porque, embora as bananas possam fazer parte da alimentação de um macaco, ela não é o único alimento desse grupo biológico e nem necessariamente o preferido. Essa construção pode ser pautada pela confluência de práticas de alimentação de animais em zoológicos⁷⁵. O que salientamos é que o ato de jogar uma banana para um animal não humano pode ser tomado como um ato de alimentar esse animal, considerando, por exemplo, o contraste com a construção de que, em nossa cultura e na maioria da população, quando se procura alimentar um ser humano, o alimento é convencionalmente disponibilizado ao alcance fácil das mãos, como acontece com o oferecimento de uma fruta em um recipiente (um prato, por exemplo), sem que possa ser apanhado diretamente do chão, onde pode se contaminar.

Segundo o contexto 1, a torcida do Villarreal não oferece a fruta próximo à (mão de) DA, o que indica, pelo menos em parte, um elemento da construção figurativa do referente em foco (DA) como um animal (não humano) que poderia, figurativamente falando, como um macaco, se dirigir à fruta, apanhá-la e ingeri-la. Essa relação metafórica entre os domínios cognitivos PESSOA NEGRA e MACACO, por ser racista, pode ser considerada como enquadrada pelo *frame* Racismo (descrevemos de forma mais detalhada esse *frame* no capítulo V, assim como os critérios e as justificativas utilizadas para a descrição adotada).

Embora possa ser suficiente para a realização da remissão ao domínio MACACO, não é apenas o uso da banana (a fruta ou a referência/remissão a ela), pelo menos no caso em questão, que realiza essa remissão, segundo esse estereótipo, mas é também, como vimos no caso ocorrido com DA, o próprio ato de jogá-la no chão, próxima a uma entidade tomada figurativamente como espécie animal não humana, como se esta estivesse presa (em um jaula de zoológico, por exemplo), para que se dirija à fruta, apanhe-a e a ingira, ao tomá-la como um alimento. Assim, a construção sociocognitiva de DA como um macaco depende de sua categorização (na ocasião do contexto 1) como pessoa negra. Essa categorização é fundamental para a construção de Daniel Alves como “negro-macaco” por torcedores do

⁷⁵ O seguinte *site* de curiosidades, por exemplo, oferece essa explicação para a construção da banana como alimento preferido ou único do macaco: <https://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/macacos-gostam-mesmo-de-banana.html>. Acesso em 19 jul. 2019.

Villarreal, baseando-se em um processo de atribuição do traço [-humano] ao referente [+humano] focalizado, perspectivado pelo *frame* Racismo.

Do ponto de vista da intencionalidade envolvida na ação racista de xingar uma pessoa negra de “macaco”, os conhecimentos históricos explorados por Bradley (2013), citado acima, sobre as raízes desse xingamento não são explicitamente evocados na ação racista em questão, embora o sentido negativo esteja fortemente presente, como observamos nos casos a que nos referimos, na Introdução, de racismo no futebol em 2014. As justificativas e as explicações, ações mais reflexivas em relação à origem e mesmo à própria organização semiológica dessa representação, realizadas em nossa vida cotidiana sobre a atribuição de racismo a esse xingamento, acabam sendo variadas.

Baseados no estudo linguístico sociocognitivo de Mendes (2016) sobre o xingamento racista de macaco, podemos dizer que uma das principais explicações da relação entre esse xingamento e o racismo é geralmente realizada de forma relativamente a-histórica, segundo a qual a relação se fundamentaria no mapeamento metafórico por similaridade (KÖVECSES, 2010) do suposto compartilhamento entre negros e macacos da cor de pele. A cor da pele negra não é um elemento definidor ou identificador das 665 espécies (segundo o portal da Sociedade Brasileira de Primatologia⁷⁶) que poderiam ser consideradas como “macacos” (os primatas não humanos). A comparação entre negros e macacos é uma construção semiológica/simbólica histórica presente no “discurso racista”, bem como também é uma construção desse tipo o suposto compartilhamento entre negros e macacos como tendo a mesma “cor de pele”. O conhecimento científico de que os macacos, entendidos como sendo os primatas não humanos, não possuem majoritariamente a “cor da pele” escura acusa, em parte, esse caráter de construção histórica e semiológica/simbólica da representação do negro como macaco.

Do ponto de vista morfológico mais amplo, também não há similaridade (KÖVECSES, 2010) mais específica entre primatas não humanos e pessoas negras que poderia fundamentar a comparação, ainda que se possam apontar semelhanças entre aqueles e os seres humanos em geral, na comparação com outros mamíferos: cérebros maiores, visão estereoscópica, unhas no lugar de garras, duas glândulas mamárias etc., que não costumam ser aventadas nas explicações sobre a relação entre o xingamento de macaco e o racismo, e sim entre as semelhanças científicas (evolutivas, por exemplo) entre os primatas não humanos e os grupos taxonômicos a que pertence a espécie humana. No entanto, o mais importante a se

⁷⁶ Disponível em: <http://sbprimatologia.org.br/>. Acesso em 05 ago. 2017.

compreender nessa discussão não é se, de fato, há relações de similaridade (ou de corporificação de experiência, nos termos dos estudos linguístico-cognitivos de construções metafóricas [KÖVECSES, 2010]) entre negros e macacos, e nem se há relações biológicas entre seres humanos e primatas não humanos, mas sim a importância de explicações historicamente contextualizadas da construção sociocognitiva racista do negro como macaco.

Segundo Mendes (2016), nessa construção, pode ser relevante também a relação metonímica entre o domínio cognitivo BANANA e o domínio MACACO, de acordo com a construção estereotípica não necessariamente racista de que os macacos alimentam-se preferencialmente ou unicamente de bananas. Essa metonímia, BANANA PELO MACACO, a nosso ver, quando perspectivada pelo *frame* Racismo⁷⁷, relaciona-se com a metáfora PESSOA NEGRA É MACACO, sendo, assim, racista, se a evocação do domínio BANANA implicar não apenas a evocação do domínio MACACO, mas também PESSOA NEGRA⁷⁸. Segundo Mendes (2016), a metáfora (nesse caso, negativa) HUMANO É ANIMAL⁷⁹ (KÖVECSES, 2010) também é acionada nesse mapeamento de forma mais subjacente. Nesse sentido, a metáfora PESSOA NEGRA É MACACO é tipicamente utilizada de forma pejorativa e negativa para a categorização de uma pessoa negra de forma a desvalorizá-la como ser humano, ao tomar uma categoria humana, PESSOA NEGRA, como inferior. Em relação a formas linguísticas empiricamente encontradas que Mendes (2016) identifica como racistas (não apenas aquelas que mobilizam a metáfora PESSOA NEGRA É MACACO), o sentido construído é prioritariamente o de subalternidade social (pobreza, profissões com baixo *status*, escravidão etc.). No entanto, entre os sentidos mais recorrentes, estão aqueles relacionados ao domínio ANIMAIS (MENDES, 2016), o que reforça a ideia da relevância da construção do negro como menos humano por nós encontrada na discussão sócio-histórica empreendida no capítulo II.

⁷⁷ Não estariam em jogo, portanto, outros mapeamentos que, segundo Mendes (2016), podem não ser utilizados de forma racista não necessariamente pejorativa, como a estrutura física, os trejeitos, a esperteza e/ou a primitividade apontadas nos macacos (MENDES, 2016).

⁷⁸ A autora refere-se a essa metáfora como PESSOA AFRODESCENDENTE É MACACO. Entendemos, no entanto, que essa é uma metáfora diferente de (ainda que relacionada a) PESSOA NEGRA É MACACO, mais acertada em termos analíticos, uma vez que *frames* diferentes (ainda que relacionados) perspectivam os domínios alvos referidos por essas descrições analíticas: de um lado, o *frame* Pessoa_por_ascendência e, de outro, o *frame* Pessoa_por_cor_da_pele. No primeiro *frame*, a referência a “afrodescendentes” pode também contemplar eventualmente pessoas brancas, em termos de cor de pele. É importante salientar que os dados analisados por Mendes (2016) (comentários em redes sociais) consistem em textos produzidos em relação a imagens de rostos de pessoas famosas, de pele negra e de cabelo crespo. Nesse caso, a segunda metáfora PESSOA NEGRA É MACACO parece ser analiticamente mais adequada para esses tipos de dados.

⁷⁹ O domínio ANIMAL, nesse caso, exclui os referentes humanos, uma vez que o ponto de vista são os conhecimentos usuais ou “populares” sobre a categoria, que geralmente não inclui os humanos, e não o ponto de vista legitimamente científico, que inclui a espécie humana como animais (cf. KÖVECSES, 2010).

A alta convencionalização da metáfora PESSOA NEGRA É MACACO (MENDES, 2016) pode levar a que o percurso sociocognitivo que a organiza não seja geralmente muito refletido pelos atores sociais, como acontece também, *mutatis mutandis*, com outras metáforas desumanizantes, como HOMOSSEXUAL É VEADO e MULHER É VACA. Diferenciando uso (racista) e menção (racista ou anti/não racista) de instanciações linguísticas e sociocognitivas da representação do negro como macaco, esta, a menção, por meio de ações reflexivas (no sentido de explicitação verbal do percurso metafórico e/ou da sua origem histórica, por exemplo), acontece sobretudo porque, como nas referidas formas de representação preconceituosas, os (elementos dos) domínios cognitivos envolvidos são mais abstratos (comportamentais, psicológicos ou (supostamente) evolutivos), carentes, assim, de maiores explicações, quando estas são relevantes. As menções por meio de ações reflexivas, como ações de explicação, podem ser menos comuns quando os (elementos dos) domínios envolvidos dizem respeito a aspectos mais físicos, concretos (por similaridade, por exemplo [KÖVECSES, 2010]). Assim, na representação preconceituosa pautada na metáfora PESSOA GORDA É BALEIA, por exemplo, por construções sociocognitivas e culturais de similaridade, a explicitação verbal do percurso metafórico pode ser menos relevante e, por isso, o percurso metafórico verbalmente explicitado dessa representação pode ser menos realizado (exceto, em casos de reações antipreconceituosas, em que o questionamento da representação pode ser feito). Diferentemente, apenas quando a atitude ou o propósito comunicativo é justamente explicitar o percurso sociocognitivo envolvido (e quando uma similaridade [KÖVECSES, 2010] não é construída) é que pode ser mais relevante haver uma atitude explicativa mais elaborada (histórica, por exemplo) da instanciação de representações baseadas em metáforas desumanizantes do tipo PESSOA NEGRA É MACACO, HOMOSSEXUAL É VEADO e MULHER É VACA, mais “abstratas”.

3.3.2. O igualitarismo na reação de NJ

Como vimos, no dia 27 de abril de 2014, o jogador brasileiro de futebol DA enfrentava, com a equipe do Barcelona, o time do Villarreal, no estádio El Madrigal, na Espanha. Durante a partida, torcedores do Villarreal jogaram bananas no campo, próximo a DA. Ao cobrar um escanteio, o jogador reagiu a esse ato racista, abaixando-se, pegando uma banana, descascando-a e comendo-a⁸⁰. No mesmo dia, o jogador também brasileiro NJ⁸¹

⁸⁰ Esse acontecimento foi noticiado, por exemplo, em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/alvo-de-racismo-na-espanha-daniel-alves-come-banana-jogada-por-torcedor/>. Acesso em 04 jul. 2018.

⁸¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/neymarjr/> Acesso em 04 jul. 2018.

postou, na rede social *Instagram*⁸², uma imagem do momento em que DA comeu a banana (postagem I)⁸³:

Figura 6 Postagem I de NJ na rede social Instagram em 27/04/2014



O uso da construção linguística “Somos todos macacos” na forma de *hashtag* na legenda da imagem aponta para o propósito comunicativo de que essa construção seja reproduzida por outros usuários da Internet. Na postagem I, em relação a aspectos enunciativos, o uso da segunda pessoa do plural (“somos”) na predicação indicia a instauração de um enunciador coletivo [nós]. Isso colabora para a construção da intencionalidade: de que esse enunciado seja reproduzido por outros usuários. A predicação “somos todos macacos” confere ao enunciador o atributo *ser macaco* anteriormente conferido a DA por torcedores do Villarreal de forma ofensiva.

O caráter de coletividade do enunciador [“nós”] é reforçado pelo modificador “*todos*”, que aponta para o escopo de totalidade desse referente (“[nós] *todos*”). Considerando que tanto DA quanto NJ são negros, e que a comparação com macacos se dá estereotipicamente com a categoria social das pessoas negras, o enunciador ou referente implícito [nós] tem como escopo referencial e ponto de vista instaurado, na postagem I, o das pessoas negras.

A categorização do enunciador coletivo [“nós”] como “macacos” nesse enunciado é, como vimos, figurativa. Esse caráter figurativo é indicado pela disjunção entre o traço [+humano] do enunciador (pessoas negras) e [-humano] da categorização “macacos”, e pela conhecida rejeição por parte de um enunciador negro em relação ao estigma de ser chamado de macaco.

⁸² Disponível em: <https://www.instagram.com/> Acesso em 04 jul. 2018.

⁸³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/nTvbI8Rth0/> Acesso em 04 jul. 2018.

Como legenda da imagem, NJ escreveu o seguinte texto (em que “@dani2ois” corresponde ao endereço eletrônico de DA na rede social em questão⁸⁴):

(1)

Deeeeitou @danid2ois ... TOMAAAAA BANDO DE RACISTAS ... #SOMOSTODOSMACACOS e daí?

Nessa primeira postagem de NJ (postagem I, mostrada na figura 6), é publicada a *hashtag* #SomosTodosMacacos pela primeira vez.

A *hashtag* foi postada por NJ como uma *legenda* da imagem de DA comendo a banana jogada pela torcida do time adversário (figura 6 acima). Essa postagem de NJ, postagem I, consiste em um texto em apoio ao ocorrido com DA. O texto da postagem I colabora para enquadrar localmente a *hashtag* #SomosTodosMacacos como antirracista e em defesa de Daniel Alves, considerando a legenda: “TOMAAAAA BANDO DE RACISTAS ...”, que, assim, identifica racismo na ação contra DA por meio da categorização dos torcedores do Villarreal.

Assim, nesse contexto 3 (ver seção 3.3), NJ constrói de forma positiva a reação de DA ao dizer que este “deitou”, expressão gíria que indica o êxito de um agente (DA) ao realizar alguma ação (comer a banana em resposta à ação racista). Por meio dessa predicação verbal de DA, NJ se alinha à ação deste, indicando aprovar o ato.

NJ, nessa postagem, escreve ainda “#SOMOSTODOSMACACOS e daí?”. Por meio da predicação “Somos todos macacos” e do marcador discursivo “e daí?”, NJ, assim, recontextualiza a ação de DA como sendo, em determinado nível de compreensão, a de *assunção de ser macaco*, em resposta à ação de torcedores do Villarreal de chamar as pessoas negras de macacos, ao terem jogado a banana contra DA. NJ, assim, reconhece, por meio da predicação *ser todos macacos* na primeira pessoa do plural, que o ato racista não se tratou apenas de uma injúria contra DA (individualmente), mas contra todas as pessoas negras.

Ainda no dia 27 de abril, NJ também publicou um vídeo com a seguinte legenda (postagem II)⁸⁵:

(2)

SOMOS TODOS IGUAIS, SOMOS TODOS MACACOS. RACISMO NÃO!!!!
We are all monkeys, we are all the same. Say no to Racism!! É uma vergonha que em 2014 exista o preconceito.
Tá na hora da gente dizer um chega pra isso! A forma de me expressar para ajudar que um dia isso acabe de uma vez por todas, é fazer como o @danid2ois fez hj !! Se vc pensa assim também, tire uma foto comendo uma banana e vamos usar o que eles tem contra a gente a nosso favor.

⁸⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/danid2ois/>. Acesso em 04 jul. 2018.

⁸⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/nT1mL6xtty/>. Acesso em 28 jun. 2019.

#somostodosmacacos #weareallmonkeys #somostodosmonos #totssommonos

Além da legenda, o vídeo reproduz o seguinte texto escrito:

(3)

No futebol, é comum ver torcedores chamando jogadores de macaco.
Mas a melhor maneira de acabar com o preconceito é tirar seu peso.
Um ofensa só pega quando irrita você.
#SOMOSTODOSMACACOS

Comentaremos esses textos a seguir. No dia seguinte ao jogo do Barcelona e do Villarreal, 28 de abril, NJ realizou uma terceira postagem (postagem III): uma foto do jogador ao lado de seu filho⁸⁶ (figura 7). Na foto, também publicada na rede social *Instagram*, NJ segura uma banana semidescascada e seu filho uma banana de pelúcia. Na legenda, lemos: “#somostodosmacacos #weareallmonkeys #somostodosmonos #totssommonos”, que consiste na *hashtag* em português e em mais três idiomas.

Figura 7 Postagem III de NJ com a *hashtag* “#SomosTodosMacacos” em 28/04/2014 (Foto: El Economista)



As postagens II e III (figura 7) diferem da postagem I por colocar a *hashtag* ao lado de traduções do enunciado. A *hashtag* #SomosTodosMacacos, na postagem III, aparece em português e também é traduzida para outros quatro idiomas, como legenda da imagem de NJ, em uma atitude, portanto, de divulgação, reforçada pela fotografia do jogador, ao lado de seu filho, segurando uma banana semidescascada e olhando para a câmera. Além disso, a relação com a cena de DA reagindo à ação racista da torcida do Villarreal é menos explicitada, em parte por ser tomada como compartilhada.

⁸⁶ Disponível em: <http://www.economistaamerica.com.br/futebol-eAm-br/noticias/5738472/04/14/Somostodosmacacos-Rousseff-arropa-a-Alves-y-dice-que-Brasil-combatira-el-racismo-en-el-Mundial.html> Acesso em 18 de ago. de 2016.

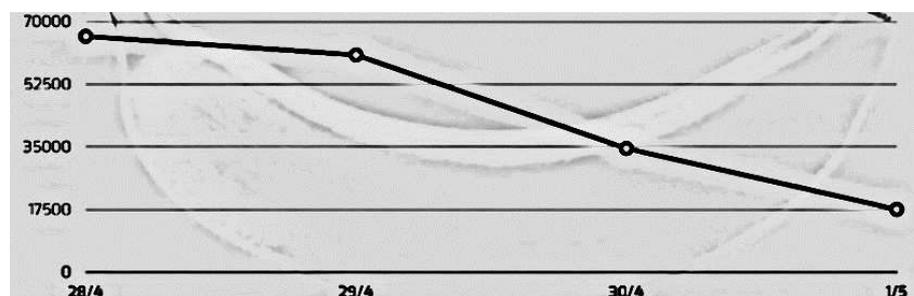
A reprodução do enunciado em outros idiomas e na forma de *hashtag* enquadra tal enunciado como um texto a ser “reenunciado” ou “recontextualizado” (BAUMAN, 2004), particularmente na Internet. Nesse sentido, o escopo do enunciador coletivo da postagem I se expande/amplia na postagem II: o texto é tomado para ser reproduzido por qualquer usuário da Internet. Nesse caso, o enunciador pode tornar-se genérico, não apenas do ponto de vista enunciativo de pessoas negras, mas abrindo um espaço, ainda que potencial, para a desvinculação da *hashtag* do contexto do racismo, possivelmente reforçando a evocação de outros contextos, como o de igualitarismo e evolucionismo.

O uso da imagem da banana reforça a relação colocada entre o enunciador genérico [+humano] negro ou não e a categoria *macacos* [-humano] atribuída inicialmente a DA e às pessoas negras. No entanto, a ação de NJ é construída, nesse caso, como uma reação ao racismo. Segundo as declarações de seu sócio e os textos da postagem II, a *hashtag* utiliza a estratégia simbólica de inverter os valores (BOURDIEU, 1997) do estigma racista do negro como macaco.

No entanto, como o escopo do enunciador coletivo instaurado se amplia nas postagem I e II (podendo não abranger apenas os negros como na postagem I), fica menos evidente (mas não inexistente, devido aos contextos relevantes), nesse caso, a pressuposição do estereótipo racista dos negros como macacos, abrindo margem para a interpretação dos enunciadores genéricos como formados pelos seres humanos em geral, evolutivamente (e figurativamente) engendrados a partir de espécies primatas não humanas. Nesse caso, o *frame* de racismo, embora latente, evidencia-se menos, podendo dar lugar a *frames* mais biológicos, ainda que relacionados com a questão social do racismo e do igualitarismo.

A figura 7 indica que a postagem III já tinha mais de 468 mil “curtidas” (sinalizações utilizadas pelos usuários das redes sociais de que viram e gostaram da postagem) em 15 horas de publicação. Segundo a empresa de comunicação R18, o número de “curtidas” teve ainda 579 mil no dia 01/05, três dias depois. A *hashtag* se tornou o “Assunto do momento” (*Trending topic*) da rede virtual *Twitter*.

Figura 8 Uso da #SomosTodosMacacos na rede social Twitter na semana de seu lançamento segundo a R18 (publicado em 05/05/2014)



O acompanhamento quantitativo do uso da *hashtag* #SomosTodosMacacos à época foi feito apenas pela agência de *marketing* R18, segundo a qual a *hashtag* foi reproduzida em 144 mil fotos no *Instagram*, 178.880 postagens na rede social *Twitter* e 11.763 postagens no *Facebook* nos 4 dias subsequentes. Ainda segundo a agência, tal uso foi decrescendo no *Twitter* de acordo com o que indica também o gráfico acima⁸⁷, tendo tido pico de uso no próprio dia 28/04/2014.

É importante apontar aqui a utilização de diferentes recursos na promoção da *hashtag* #SomosTodosMacacos por NJ. O uso de texto escrito na postagem II, particularmente, indica, a nosso ver, uma preocupação em descrever um arrazoado, desenhar uma linha de argumentação para demarcar o sentido performatizado como antirracista da *hashtag* #SomosTodosMacacos, como por meio da evocação do sentido de igualdade pelo uso da forma intertextual “Somos todos iguais” e da formulação da estratégia de passividade diante de um ato racista (“tirar o peso do racismo”, “não se irritar com a ofensa” etc.). O que também chama a atenção é a ausência da referência explícita às pessoas negras, sendo utilizada a categorização “jogadores” na postagem III. A referência às pessoas negras é implicitada pelos dêiticos “a gente”, “nós” e “você” e pela referência a DA e NJ, alimentados pelas informações contextuais de que DA e NJ são jogadores brasileiros negros. Além disso, embora o racismo seja referido pela expressão “racismo”, ele também é recategorizado genericamente como “vergonha”, “ofensa” e “preconceito” ou encapsulado pelo demonstrativo “isso”, há também outros processos de implicitude que indicam conhecimentos tomados como compartilhados/evocação de elementos contextuais, como “assim”, “como o @danid2ois fez hj”, “o que eles tem contra a gente”.

⁸⁷ A figura 8 apresenta o recorte de um infográfico publicado em: <http://www.tecmundo.com.br/Internet/54249-infografico-hashtag-somostodosmacacos-gerou-178-mil-tweets-4-dias.htm>. Acesso em 04 jul. 2018.

Figura 9 Imagem promocional de venda da camisa da grife UseHuck



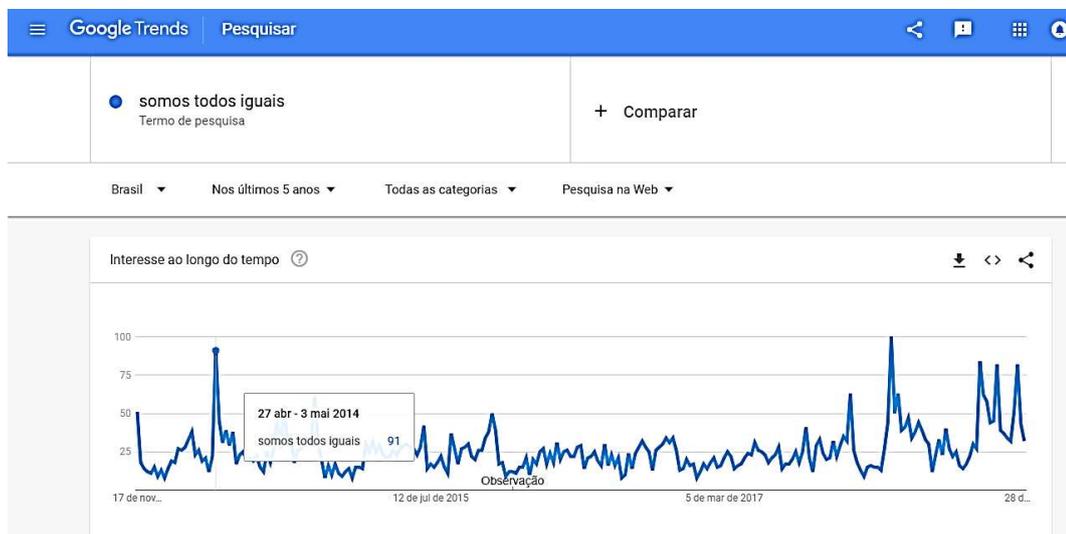
A visibilidade das pessoas negras na tematização do racismo é apenas aludida por um detalhe visual de uma ação não realizada por NJ (pelo menos não diretamente, pelo que sabe): a venda de camisetas pela grife do apresentador Luciano Huck (doravante LH). No mesmo dia em que a postagem III foi publicada na Internet, sendo amplamente visualizada e imitada, LH, por meio de sua loja de roupas *Use Huck*, pôs à venda na Internet camisetas estampadas com o texto da *hashtag*, junto ao qual também aparecia escrito “Respeito” e “Somos iguais” com a imagem de uma banana descascada.

A banana estampada na camiseta foi inspirada na capa do álbum de rock *The Velvet Underground and Nico*, desenhada por Andy Warhol. As primeiras cópias do referido álbum convidavam, por escrito, a “descascá-lo mentalmente e ver”: parte da banana, nessa capa, era um adesivo que, retirado, revelava uma banana cor de carne. A banana descascada da camiseta da *Use Huck* possui cor preta, aludindo à cor da pele negra, o que, a nosso ver, indica que, por dentro de todos nós, haveria uma pessoa negra, e que, portanto, figurativamente, somos todos vítimas do racismo. Essa interpretação leva, portanto, ao sentido de igualdade, de compartilhamento da mesma ascendência (mesmo com a mestiçagem e com a eventual brancura da pele das pessoas) e/ou de solidariedade. Trata-se do mesmo domínio de sentidos da *hashtag* #SomosTodosMacacos, alinhando-se a ela, e ao que entendemos como construção do sentido de embranquecimento presente no “discurso da mestiçagem” e no igualitarismo “antirracista”.

De fato, o primeiro pico de utilização do enunciado “Somos todos iguais” na Internet até o segundo semestre de 2018 (período de 5 [cinco] anos) indica uma relação entre a *hashtag* e o sentido de igualdade social. Esse pico (indicado na figura a seguir pela etiqueta “2 abr – 3 mai 2014”) ocorreu justamente no período de maior menção à *hashtag*

#SomosTodosMacacos, conforme indica o gráfico a seguir gerado na ferramenta online *Google Trends*:

Figura 10 Uso do enunciado “Somos todos iguais” na Internet ao longo dos últimos 5 anos (fonte: *Google Trends*. Acesso em 14 nov. 2018)



A relação entre a *hashtag* e determinado tipo de igualitarismo não é apenas temporal (concomitante), mas também temática, conforme indica o levantamento de temáticas mais relacionadas à menção ao enunciado “Somos todos iguais” no período de maior menção à *hashtag* #SomosTodosMacacos, apresentadas na figura 3 anteriormente mostrada: “Macaco-Primatas”, “Somos todos iguais” e “Igualdade perante a lei”.

3.4. Sentidos da *hashtag* #SomosTodosMacacos

Depois de comentarmos o contexto 3 na última seção, elencamos aqui as propriedades ou características importantes dos sentidos evocados linguístico-textualmente pela *hashtag* #SomosTodosMacacos. Tais características constroem as possibilidades interpretativas do intertexto no *corpus*. O texto da *hashtag* #SomosTodosMacacos possui as duas características linguísticas principais seguintes:

- a) O uso da primeira pessoa do plural, que instaura um ponto de vista coletivo;
- b) O uso do modificador “todos”, que tem como escopo o enunciador coletivo e que, nesse caso, tem a função modalizadora de enfatizar o escopo da coletividade instaurada (todos os membros dessa coletividade) e da predicação a ela atribuída *ser macaco*;
- c) O uso da categoria “macaco”.

A predicação “Somos todos macacos” estabelece uma relação (instaurada pelo uso do verbo SER) entre os elementos da coletividade instaurada, de um lado, que são entidades com traço [+humano] (uma vez que a produção de um enunciado é prototipicamente uma ação humana) e os elementos [-humano] da categoria MACACO instaurada na predicação.

A predicação “Somos todos macacos” consiste, assim como o ato de chamar uma pessoa negra de macaco, em uma construção figurativa, uma vez que os atores sociais em questão [+ humanos] não são (literalmente) macacos. No entanto, essa predicação, não foi necessariamente utilizada por NJ de forma explicitamente alinhada ao racismo dessa representação. Embora utilize e evoque a representação do negro como macaco, o alinhamento construído por NJ, ao evocar essa representação, é explicitada inicialmente do ponto de vista negro, indicado pelo uso da primeira pessoa do plural na postagem I. Trata-se da construção local de um desalinhamento ao racismo, também indicado pelo distanciamento em relação às pessoas racistas, ao endereçar parte do seu texto de forma a se opor aos que categoriza como “bando de racistas”.

De outra forma, essa predicação pode indicar também, como vimos, a descrição figurativa não racista (porque historicamente contextualizada pela normatividade não racista) do enunciador coletivo. Nesse caso, trata-se de uma descrição metonímica, em que *ser macaco* quer dizer *vir dos macacos* (evolutivamente, de primatas não humanos). Essa descrição pode ter implicações normativas herdadas do intertexto “Somos todos iguais”, como vimos, e baseadas nesse sentido de compartilhamento da mesma origem evolutiva e, portanto, da mesma espécie biológica. Nesse caso, em uma perspectiva igualitarista, uma normatividade herdada desses enunciadores é o tabu sobre a tematização ou descrição do racismo e da diferença racial, uma vez que isso possa ser apontado como a construção da não igualdade, ou, em uma perspectiva diferencialista, a implicação é a norma de ser antirracista e lutar pela igualdade racial, que não é, no entanto, derivada automaticamente do “igual” pertencimento à mesma espécie.

Além disso, a *hashtag* pode também ter como sentido mais pragmático ou contextualizado herdado dos intertextos *Somos Todos N*, como vimos, a solidariedade por uma opressão sofrida por uma pessoa ou coletividade, em que o verbo *ser*, nesse caso, indica a empatia entre o locutor do texto corrente e a vítima da opressão expressa pelo nome N. Nesse caso, o igualitarismo pode ser o fundamento dessa empatia, nos casos de desigualdade: deveríamos ser todos iguais, por isso me solidarizo com essa vítima da desigualdade. A colaboração não apenas da estrutura mais gramatical do enunciado, mas também o preenchedor léxico-semântico do nome N (“macaco”), colaboram para a potencial evocação

da representação do negro como macaco e de doutrinas como o evolucionismo, o racismo científico e o darwinismo social.

O sentido do intertexto “Somos todos macacos” não é, portanto, evidente, embora possamos delimitar alguns. Diferentes interpretações desse intertexto, mais ou menos relacionadas a esses sentidos esperados podem levar a determinados usos de formas intertextuais, por exemplo. Assim, as formas intertextuais podem indicar determinados sentidos desse intertexto, mais ou menos ligados ao igualitarismo.

Considerando a predicação verbal *Somos todos N* (reproduzida pelo texto da *hashtag* #SomosTodosMacacos) como compartilhada por uma coletividade negra ou não, temos, como interpretações esperadas do intertexto #SomosTodosMacacos (como ato textual/discursivo de descrição ou normatização de práticas de *sermos todos iguais*) nesses artigos aquelas relacionadas à responsividade ao enunciador Igualdade Social/Racial (quadro 2 a seguir).

O sentido racista não está previsto, uma vez que não há interpretação racista do intertexto “Somos todos iguais”, embora haja atores sociais que apontam o igualitarismo como envelope racista “sutil”. O intertexto “Somos todos macacos”, por sua vez, não apenas pode ser apontado como racista, por evocar o sentido de igualdade social, como também pode aderir ao *frame* Evolucionismo.

Quadro 2 (Des)alinhamentos, atos textuais descritivos e normativos e práticas sociais associadas ao igualitarismo e ao diferencialismo

Não racismo	(Des)alinhamentos à #SomosTodosMacacos	Ato textual/discursivo descritivo	Ato textual/discursivo normativo	Práticas sociais esperadas
Igualitarismo	Alinhamento mais genérico	Não se aplica	Não cometer racismo	Punições ao racista
	Alinhamento menos genérico	Descrição da realidade social contemporânea não racista	Tabu da descrição ou evocação da diferença racial, da desigualdade racial e/ou do racismo; Não ser diferencialista	Contraposições à descrição ou evocação da diferença racial, da desigualdade racial e/ou do racismo
Diferencialismo	Desalinhamento	Descrição da realidade social contemporânea racista; Descrição do racismo	Não cometer racismo; Não ser igualitarista	Punições ao racista; Contraposições ao tabu das diferenças e das desigualdades raciais/racismo contemporâneo previstos no alinhamento 1; Engajamento pela efetivação da igualdade racial, prevista mas não necessariamente e garantida pelo alinhamento 2

Quadro 3 Figuratividade/literalidade dos atos textuais/discursivos descritivos associados a *ser macaco*

Não racismo	Ato textual/discursivo descritivo
Igualitarismo	Descrição figurativa: nós, os seres humanos, viemos dos macacos (metonímia SER MACACO POR EVOLUIR DOS MACACOS) e/ou, por isso, somos <i>como</i> eles, por sermos evolutivamente próximos a eles (metáfora SER HUMANO É MACACO, licenciada pela metonímia anterior)
Diferencialismo	Não se aplica

Considerando a categorização do negro ou do ser humano como macaco realizada pelo texto da *hashtag* #SomosTodosMacacos e considerando também os contextos da publicação da *hashtag* (tomados como) relevantes nos artigos de opinião, temos, como interpretações do intertexto #SomosTodosMacacos (como ato textual/discursivo de descrição de uma realidade – *ser macaco*) esperadas nesses artigos aquelas relacionadas à responsabilidade ao enunciador Evolucionismo (ver quadro 3).

O intertexto “Somos todos macacos” não pode ser plenamente racista se o contextualizamos com o cotexto que o acompanha e/ou a informação de que ele foi publicado por uma pessoa negra, em reação a um ato racista e contra os atores racistas desse ato. No entanto, não fosse essa contextualização, o intertexto poderia ser uma descrição (literal ou figurativa) racista do negro como macaco. A de/recontextualização de “Somos todos macacos”, processo a que se pode submeter por ser um intertexto (BAUMAN, 2004), possibilita, em parte, que ele seja apontado como racista por diferentes atores sociais.

A produção da *hashtag* #SomosTodosMacacos nos remete também à história do uso na veiculação de racismo. A historiadora Silva (2001) comenta o depoimento de um morador de Pindamonhangaba (SP), descendente de africanos escravizados, sobre as piadas feitas em forma de quadrinhas pelos palhaços no circo da cidade, no período posterior à Abolição (“O palhaço o que é? É ladrão de mulher./ Olha a negra na janela: Tem cara de panela./ Olha o negro no portão: Tem cara de tição./ Olha o negro no jardim. Vai comer capim”, “Branco bebe champanha/ -Mulato vinho do porto / -Caboclo bebe pinga / -E o negro?/ -Negro, mijo de porco./ -Branco mora na cidade / -Mulato mora vila / -Caboclo mora no sertão / -E o negro? / Negro, na correção”). Silva (2001) comenta:

[É] possível imaginar que os insultos racistas se tenham tornado ainda mais presentes a partir do momento em que os afro-descendentes alcançaram a igualdade jurídica e puderam competir com a população branca no mercado de trabalho [...].

Aparentemente inocentes, as piadas alimentavam a estigmatização racial, provocando o riso através da ofensa aberta aos negros. Mais do que isso, elas continham um discurso que passava a ter status de ‘verdade’. Para aqueles homens negros aceitar as sátiras e não reagir a elas significava aceitar depreciar-se e concordar com a mensagem que elas veiculavam. As brincadeiras do palhaço Ananias, estavam permeadas por elementos que rompiam os códigos de tolerância de uma convivência pacífica naquela comunidade e constituíam-se em um *evento crítico* ou uma situação limite que requeria uma mudança de comportamento. Visto por este prisma, a reação dos negros de Pindamonhangaba pretendia expressar uma resistência de caráter exemplar contra a violência simbólica que os havia atingido [...].

Assim, entende-se que os versos refletiam uma forma de perpetuação da situação de inferioridade, coincidindo com a ampla difusão dos ideais de branqueamento e higienização que se processo nas cidades brasileiras em geral. (SILVA, 2001, p. 45-46)

A criação e a publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos como reação a um evento racista, do ponto de vista do antirracismo, apresentou, assim, as seguintes características relevantes, de acordo com estudos científicos (PIRES & WEBER, 2018; SANTANA, BONINI & PRADOS, 2017; BRAGA & SANTOS, 2016; PRADO & AQUINO, 2015; MOTA & ALMEIDA, 2015; CAMPOS & MACHADO, 2014; SANTOS, 2014;

MENDONÇA & MAINIERI, 2014) e textos jornalísticos escritos por ou que consultaram especialistas acadêmicos à época (HOLLANDA, 2014; BRIGHENTI, 2014):

- (i) Evocação da representação racista (desumanizante, inferiorizante e biologizante) do negro como macaco e defendê-la como “estratégia antirracista”;
- (ii) Uso em legendas de imagens em que figuras públicas seguravam uma banana dentro de um enquadre humorístico;
- (iii) Mobilização acrítica do sentido de igualdade social, abrindo espaço para um modelo de igualitarismo baseado na igualdade formal e não efetiva, ou na promoção de políticas universalistas contra o racismo, mas não racialmente específicas (MUNANGA, 1999);
- (iv) Não promoção direta de um debate aprofundado sobre o racismo e sobre a realidade do negro brasileiro;
- (v) Envolvimento de uma agência de publicidade que demonstrou a participação forte de interesses financeiros e de autopromoção.

Considerando esses enquadres interpretativos da (re)enunciação de “Somos todos macacos” construídos por NJ em suas postagens, analisaremos como atores sociais envolvidos na produção dos artigos de opinião do *corpus* colaboraram para a (re)construção da *hashtag* (“recontextualização”, nas palavras de Bauman [2004]), por sua vez, por meio de processos textuais, do sentido desse enunciado emergente junto a elementos contextuais e co-textuais.

Vejamos, a seguir, algumas das reações à *hashtag* #SomosTodosMacacos documentadas em textos informativos ou não (com foco em textos escritos), na imprensa e nas mídias. Por meio da apresentação desses textos publicados, aprofundamos a contextualização da publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos ao apresentar formas como ela e os eventos a ela relacionados foram construídos por textos noticiosos, bem como a forma com que alguns atores sociais importantes reagiram a ela.

3.5. Primeiras reações à *hashtag* #SomosTodosMacacos

Nesta seção, apresentamos alguns dos títulos de notícias publicadas em jornais ou revistas de relevância e alguns *tweets* (publicações na rede social *Twitter*) de pessoas famosas que reagiram à publicação da *hashtag*. Nesse sentido, entendemos que os títulos, principalmente no caso do gênero notícia, são macroestratégias textuais (VAN DIJK, 1992)

que, por serem contextualizadores (MARCUSCHI, 1983), orientam fortemente a perspectivação do “fato jornalístico” em questão.

Embora o *corpus* da pesquisa não realize as mesmas focalizações feitas pelos (fragmentos de) textos abaixo apresentados, estes circularam no mesmo período e, assim, circularam também os sentidos neles produzidos sobre a *hashtag*. Esses sentidos também são relativamente resgatados nos artigos de opinião analisados.

Por meio da notícia, a *hashtag* e os eventos relacionados passaram a ser conhecidos publicamente enquanto eventos comunicativos, sendo perspectivados de determinadas formas. Entendemos que, posteriormente às primeiras notícias sobre ela, novos textos noticiosos (ou não noticiosos) foram publicados, não apenas atualizando o conhecimento sobre a *hashtag* na esfera pública, mas também estabelecendo perspectivas mais ou menos convergentes sobre os eventos em torno das quais giraram os pontos de vista assumidos.

Vemos, por meio da observação de alguns desses títulos de notícias, que houve um relativo compartilhamento ou construção de pontos de vista comuns sobre a publicação da *hashtag*, girando em torno do uso da categoria *macaco*, o envolvimento de uma agência de publicidade na elaboração da *hashtag* e, a partir desses focos, do próprio caráter (anti)racista da publicação. Encontramos, por exemplo, datada já do dia 27 de abril, dia da postagem I de NJ, a seguinte notícia publicada na página do *Globo Esporte*⁸⁸. Nesse título, o caráter de *reação a racismo* de NJ emerge, como nas outras notícias encontradas, por meio de categorizações relacionadas a uma disputa ou guerra contra um “ataque” racista sofrido por DA, vítima deste (ver a predicação verbal “Neymar *defende*”):

(4) *Globo Esporte*

Neymar defende Daniel Alves após caso de racismo: “Somos todos macacos”

A página do ESPN⁸⁹ e a coluna de Esporte do portal *iG*⁹⁰ utilizaram títulos semelhantes ao do *Globo Esporte*, no sentido de que, segundo esses títulos, NJ também teria realizado uma série de ações em apoio a DA e contra o racismo (uma “campanha”), retomando o propósito enunciativo da publicação da *hashtag* enquanto uma ação antirracista. Nesse caso, o texto da *hashtag* é categorizado como “apoio” e como “campanha”, ainda que

⁸⁸Disponível em : <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2014/04/neymar-defende-daniel-alves-apos-caso-de-racismo-somos-todos-macacos.html>.

Acesso em 30 de novembro de 2016.

⁸⁹ Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/406612_neymar-manifesta-apoio-a-daniel-alves-e-inicia-campanha-contraracismo-somos-todos-macacos. Acesso em 30 de novembro de 2016.

⁹⁰ Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/futebol/2014-04-27/neymar-manifesta-apoio-a-daniel-alves-somos-todos-macacos.html>. Acesso em 30 de novembro de 2016.

esta última categorização apareça entre aspas, indicando o distanciamento em relação ao uso original da categoria pelo enunciador NJ.

(5) *ESPN*

Neymar manifesta apoio a Daniel Alves e inicia ‘campanha’ contra racismo: “Somos todos macacos”.

(6) *iG*

Neymar manifesta apoio a Daniel Alves: “somos todos macacos”⁹¹.

Nas primeiras horas do dia 28/04, algumas reações às notícias logo apareceram, na forma de gêneros não noticiosos. Diferentemente dos títulos de notícias, os *tweets* são textos em que, assim como os títulos de artigo de opinião, o alinhamento ou desalinhamento em relação à *hashtag* #SomosTodosMacacos apareceram de forma mais saliente. Os *rappers* Emicida e MVBill, assim como outros, se posicionaram na rede virtual *Twitter* contra os sentidos evocados pela *hashtag* #SomosTodosMacacos, tendo como escopo propriamente o uso da categorização “macaco”. Dentre outros *tweets*, Emicida escreveu, logo nas primeiras horas do dia 28:

(7) Emicida, *Twitter*

Eu não sou 1 macaco. As pessoas q são humilhadas no dia a dia por racistas q permanecem impunes na rua achando q isso é simples, tb não.

Assim, Emicida constrói o desalinhamento em relação à *hashtag* #SomosTodosMacacos por meio do uso da negação “eu não sou 1 macaco”, “as pessoas [...] tb não [são macacos]”. MVBill, mais tarde, “tuitou”:

(8) MVBill, *Twitter*

Ser MACACO na Internet eh mole. Dificil eh ser MACACO no Trabalho, na Escola, na Batida Policial, no Shopping... #SomosHumanos⁹².

⁹¹ Na seção de Esporte do *Estadão*, consta a seguinte notícia ainda no dia 27/04: “Neymar festeja atitude de Daniel Alves e diz que ‘somos todos macacos’” (disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,neymar-festeja-atitude-de-daniel-alves-e-diz-que-somos-todos-macacos.1159371>. Acesso em 30 de novembro de 2016.). Outras notícias são: “‘Somos todos macacos’, diz Neymar” (disponível em: <http://veja.abril.com.br/esporte/somos-todos-macacos-diz-neymar/>. Acesso em 30 de novembro de 2016.), “Neymar apoia Dani Alves após lateral comer banana : ‘somos todos macacos’” (disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/04/27/neymar-apoia-dani-alves-apos-lateral-comer-banana-toma-bando-de-racista.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 30 de novembro de 2016.), “Neymar apoia Dani Alves, come banana e lança campanha” (disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2014/04/27/neymar-apoia-dani-alves-come-banana-e-lanca-campanha/>. Acesso em 30 de novembro de 2016.), “Em apoio a Daniel Alves, Neymar posta foto com hashtag contra racismo no Instagram” (disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2014/04/27/em-apoio-a-daniel-alves-neymar-posta-foto-com-hashtag-contra-ra-a-21668619/>. Acesso em 30 de novembro de 2016).

⁹² Disponível em: <http://www.vaiserrimando.com.br/2014/04/28/rappers-criticam-expressao-somos-todos-macacos/> Acesso em 30 de novembro de 2016.

O *tweet* de MVBill constrói seu desalinhamento em relação à *hashtag* #SomosTodosMacacos por meio da contraposição entre, de um lado, se autocategorizar como macaco na Internet e, de outro, se autocategorizar como tal nos espaços sociais em que o racismo se apresenta de forma mais saliente, como no trabalho, na escola, no *shopping* etc. Assim como Emicida, MVBill se desalinha à *hashtag* por meio de formas intertextuais como “ser macaco” e “#SomosHumanos”. A categorização da pessoa negra e periférica, como dos próprios *rappers* em questão, que possuem uma trajetória amplamente conhecida como ocupantes de uma posição de destaque no campo da produção cultural periférica e socialmente crítica, é também o foco desses atores sociais nesses *tweets*⁹³.

O artigo de opinião de autoria do ativista e professor Douglas Belchior, em particular, na revista *CartaCapital* ganhou destaque dentre os textos que se desalinham à *hashtag* #SomosTodosMacacos ao criticar o uso da categorização “macaco” para as pessoas negras⁹⁴. Fazendo parte do *corpus* constituído nesta tese, o texto de Douglas Belchior será analisado no capítulo de análises.

A notícia publicada da página *Meio e Mensagem*⁹⁵, ainda no dia 28, anunciou que a *hashtag* #SomosTodosMacacos foi idealizada por uma agência de publicidade. No dia 28, é publicada a seguinte notícia na página de esporte da R7⁹⁶, apresentando uma focalização nova, o responsável pela criação da *hashtag*. O jornal *Folha de S. Paulo* e a revista *CartaCapital* publicaram também:

(9) R7

Divulgado por Neymar, “Somos todo macacos” é criação de agência de publicidade

(10) *Folha de S. Paulo*

#SomosTodosMacacos foi criado por agência de publicidade de Neymar⁹⁷

(11) *CartaCapital*

#somostodosmacacos foi criado por agência de publicidade

Ao predicar a *hashtag* como tendo sido “divulgado por Neymar” ou “criado por agência de publicidade de Neymar” e, assim, ao categorizar tal texto como “criação de agência de publicidade”, os títulos de notícias acima constroem NJ como sendo apenas o

⁹³ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-04/para-movimento-negro-campanha-somostodosmacacos-reproduz-racismo> Acesso em 30 de novembro de 2016.

⁹⁴ Disponível em: <http://negobelchior.cartacapital.com.br/contra-o-racismo-nada-de-bananas-por-favor/>. Acesso em 17 jul. 2018.

⁹⁵ Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/> Acesso em 30 de novembro de 2016.

⁹⁶ Disponível em: <http://esportes.r7.com/futebol/divulgado-por-neymar-somos-todo-macacos-e-criacao-de-agencia-de-publicidade-28042014> Acesso em 30 de novembro de 2016.

⁹⁷ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/04/1446747-campanha-inciada-por-neymar-contra-o-racismo-foi-criada-por-agencia.shtml> Acesso em 30 de novembro de 2016.

animador (aquele que materializou o texto), mas não o seu autor (aquele que preparou o texto, segundo Goffman [1981]), que seria a agência de publicidade. Com isso, NJ é construído como menos agentivo, no sentido de não ter colaborado (ou ter colaborado pouco) para a idealização da *hashtag* e/ou das suas formas de divulgação, diferentemente de como havia sido construído em títulos de notícia tais como a dos exemplos 9, 10 e 11 acima apresentados, antes da notícia do envolvimento da agência de publicidade.

A revista Forum⁹⁸ publicou o seguinte título, cuja construção textual indica potenciais valorações (como na predicação “foi *arquitetado*”) acerca da notícia de que NJ havia contratado uma agência de publicidade para a criação da *hashtag* #SomosTodosMacacos. A notícia publicada na revista *CartaCapital* também tinha uma lide semelhante ao título da notícia publicada na revista Forum:

(12) *Forum*

‘Somos todos macacos’ foi arquitetado por agência de publicidade.

(13) *CartaCapital*

A atitude de Neymar após ato racista contra Daniel Alves foi arquitetada pela Loducca.

No caso desta última, toda a “atitude” de NJ, enquanto uma reação a um ato racista, é predicada como “arquitetada pela Loducca” e, assim, atribuída à agência de publicidade, o que novamente constrói NJ como menos agentivo não mais apenas na idealização da *hashtag* mas da própria publicação desta (uma vez que a própria “atitude” de NJ é atribuída à agência) e das suas motivações (“após ato racista contra Daniel Alves”). Ao mesmo tempo, vai se tornando cada vez mais usual a categorização “campanha”. A lide do texto da *CartaCapital* foi, por exemplo:

(14) *CartaCapital*

A campanha de Neymar, lançada após o ato racista de Daniel Alves, teve o envolvimento de Loducca, uma das maiores agências do país; até camisetas da campanha já estão disponíveis para venda (grifos nossos).

Um extrato dessa notícia diz:

(15) *CartaCapital*

[...] a agência Loducca confirmou que se uniu ao jogador.

Neste último enunciado, NJ é tomado como um ator social protagonista, ao qual a agência teria se unido secundariamente. Na notícia publicada na revista *CartaCapital*, cujo título reproduzimos acima, as palavras de um sócio da agência são citadas: “‘Tentar

⁹⁸ Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2014/04/28/somos-todos-macacos-foi-arquitetado-por-agencia-de-publicidade/>. Acesso em 30 de novembro de 2016.

desmerecer o movimento pelo fato de ter uma agência por trás é tão preconceituoso quanto o torcedor que joga a banana”. Essa fala do sócio da Loducca aponta para uma certa equivalência entre um “preconceito contra agências de publicidade” e o “preconceito ao jogar uma banana” e a existência da polêmica em torno da atribuição da criação da *hashtag* #SomosTodosMacacos a uma agência de publicidade, uma vez que o sócio se contrapõe ao “desmerecimento” realizado por críticos do “movimento” promovido pela agência.

A página *Extra*, vinculada ao *globo.com*, também noticiou⁹⁹, nesse dia: “Campanha de apoio a Daniel Alves recebe críticas: ‘não somos macacos’”. Essa notícia relata críticas feitas a campanhas por usuários na Internet, que afirmaram: “não somos macacos”.

Nos textos acima observados, conseguimos entrever a focalização na categorização do negro como macaco na *hashtag* (principalmente os textos não noticiosos, mais propriamente antirracistas), além da focalização na sua autoria, se de NJ ou da agência (principalmente os textos noticiosos), em decorrência do novo “fato jornalístico” que emerge posteriormente à publicação da *hashtag*. Esse último sentido não está previsto pela construção linguístico-textual da *hashtag*, porque é proveniente de um novo “fato jornalístico”, um novo elemento contextual. Esse elemento contextual, assim, atribui à *hashtag* #SomosTodosMacacos um sentido de atrelamento a interesses financeiros e serve de “gatilho” para a declaração do sócio da Loducca, que generaliza a categoria “preconceito” (metonimicamente, ele, que é branco, se coloca como uma vítima desse preconceito contra as agências de publicidade). O caráter construtivo e planejado da publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos é, assim, contrastado, pelas reações mais ou menos antirracistas, com a espontaneidade performatizada pela maioria das postagens de NJ, o que reforça a identificação de uma promoção da *persona* de NJ, bem como a interferência da agência, na figura do seu sócio branco, como fonte do antirracismo e até mesmo como vítima de preconceito.

Essa dinâmica de agentividade (quem fez o quê) é reforçada pelos títulos das notícias. O caráter agentivo do suposto antirracismo emergente em decorrência de novos elementos contextuais permite que a questão do protagonismo negro ou a questão da agentividade/responsabilidade/intencionalidade no (anti)racismo seja outro elemento explorado nas reações, inclusive no *corpus*, como veremos, e não apenas sentidos mais ligados à construção linguístico-textual do enunciado “Somos todos macacos”. A categoria de

⁹⁹ Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/brasil/campanha-de-apoio-daniel-alves-recebe-criticas-nao-somos-macacos-12324289.html#ixzz4ccZnAr1c>. Acesso em 05 jul. 2018.

frame colabora bastante para a análise desse aspecto, como veremos. Diferentemente de alguns artigos de opinião a serem analisados, no entanto, as reações tematizadas nesta seção não focalizaram a evocação do sentido de igualdade social, que, como característica do igualitarismo, relacionaremos, no capítulo V, à *hashtag* #SomosTodosMacacos. Uma questão aí envolvida é se a emergência de um “fato jornalístico” novo, um elemento contextual focalizado, teria influenciado também na não evocação do sentido de igualdade social, por dar mais saliência a quem foi o principal agente da “campanha Somos todos macacos”, ainda que possa haver uma relativa saliência, nas reações não noticiosas antirracistas (os *tweets*, nesse caso), da população negra como vítima da representação do negro como macaco, indicando, assim, a necessidade da ênfase na diferença racial, geralmente ligada ao diferencialismo.

Capítulo IV – A abordagem sociocognitivo-interacional do texto: categorias de análise

“Refletindo sobre as palavras de Adrienne Rich [escritora feminista estadunidense], eu sei que não é a língua inglesa que me fere, mas o que os opressores fazem com ela, como eles a moldam para se tornar um território que limita e define, como eles fazem dela uma arma que pode envergonhar, humilhar, colonizar”
(bell hooks, 2008, p. 858)

Como vimos, a presente tese de doutorado investiga as representações do racismo em artigos de opinião sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos, envolvendo a instrumentalização das formas intertextuais, das construções textuais e da noção de *frame* como categorias de análise. As formas intertextuais serão utilizadas como ferramentas de análise da intertextualidade presente no *corpus* em relação à *hashtag* #SomosTodosMacacos, que é tomada, nesse caso, como intertexto, texto efetivamente produzido anteriormente aos textos correntes e às formas intertextuais destes (KOCH, 2004; KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008). Os construtores de referência, também de natureza textual, são tomados teórica e analiticamente a partir da teoria da referenciação (MONDADA & DUBOIS, 2003 [1995]), a qual discutiremos na seção 4.1 a seguir. Ambas as categorias textuais (formas intertextuais e construções textuais) são adotadas aqui a partir da abordagem sociocognitivo-interacional da Linguística Textual (KOCH, 2004; KOCH & CUNHA-LIMA, 2005; MARCUSCHI, 2007b). A noção de *frame*, por sua vez, é adotada a partir da Semântica de *Frames* em uma perspectiva dinâmica e discursiva (FILLMORE, 1982; 1985; FILLMORE & BAKER, 2011; CROFT & CRUSE, 2004; CIENKI, 2007; MIRANDA & BERNARDO, 2013; MORATO, 2010; MORATO & BENTES, 2013; MORATO *et al.*, 2017).

A seguir, apresentaremos os principais fundamentos teóricos dessas abordagens (o sociocognitivismo-interacional na Linguística Textual e a perspectiva dinâmica e discursiva de *frame*) relevantes para esta pesquisa e discutiremos como esses quadros teóricos podem contribuir para a análise do (anti)racismo no *corpus* e lançar luz sobre o problema teórico que aqui enfrentamos em torno de aspectos sociocognitivos do (anti)racismo indicado por ações e construções textuais em artigos de opinião sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos.

Esta pesquisa adota, do campo linguístico, o arcabouço científico da Linguística Textual, fundamentando-se, assim, no estudo da relação entre processos linguísticos-textuais e (socio)cognitivos. Mais especificamente, afiliamo-nos à perspectiva sociocognitivo-interacional do texto (KOCH, 2004; KOCH & CUNHA-LIMA, 2005; MARCUSCHI, 2008; BENTES & REZENDE, 2008), em que o texto é tomado como “evento comunicativo para o

qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais” e “*lugar de interação* entre atores sociais e de construção interacional de sentidos” (KOCH, 2004, p. 44).

Nesse sentido, entendemos que cognição social e texto são domínios fundamentais de representação do racismo (VAN DIJK, 2009), particularmente quando adotamos uma concepção sociointeracionista de cognição e sociocognitiva de linguagem. Em uma concepção sociointeracionista, a cognição é concebida como:

[C]onjunto de processos por meio dos quais somos capazes de organizar o mundo em termos simbólicos e nele atuar de forma semioticamente variada, adquirindo, armazenando, construindo e modificando conhecimentos em meio a práticas sociais situadas e compartilhadas no decurso de nossas mais variadas *inter-ações*. Essa concepção ressalta a natureza sociocultural da nossa vida mental. (MORATO, 2017, p. 400)

Na abordagem sociocognitivo-interacional da Linguística Textual, entende-se que há uma mútua constituição entre texto e cognição social (KOCH, 2004; MORATO, 2017). Essa mútua constituição prevê que as ações verbais sejam sociais, conjuntas e compartilhadas, no sentido de que “não são simples realizações autônomas de sujeitos livres e iguais. São ações que se desenrolam em contextos sociais, com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente” (KOCH, 2004, p. 43). Como postulam Morato & Bentes (2017):

Longe de dissociar a língua de todo tipo de ação performatizada pelos falantes (inclusive as de natureza avaliativa), certos processos linguístico-sociocognitivos, como a categorização, por exemplo, base de nosso sistema conceptual (LAKOFF, 1987), são fundamentais para os modos de emoldurar a nossa compreensão do mundo e as nossas ações sociais. Se concebemos o mundo de maneira altamente motivada, a língua é certamente uma de nossas possibilidades para perspectivar as coisas, compartilhar intenções, estabelecer relações entre elas, presidir interações sociais e reconhecer nossos semelhantes como seres sociocognitivamente iguais a nós (TOMASELLO, 1999, 2014).

Portanto, os processos de significação (explícitos ou implícitos, verbais e não verbais) mobilizados e construídos pela língua são um bom domínio empírico para entender, entre outras coisas, o caráter performativo e sociocognitivo da linguagem, por meio do qual acionamos e compartilhamos conhecimentos de mundo e experiências psicossociais, consolidamos, negociamos, conciliamos e disputamos perspectivas e pontos de vista, identificamos esquemas de ação conjunta, enquadrados conceptualmente contextos sociointeracionais ou estruturas figurativas (como as metáforas, as analogias, as alusões etc.).

[...] [N]ão apenas etiquetamos, concebemos ou significamos as coisas do/no mundo por meio da linguagem; nós também construímos versões públicas do mundo (MONDADA; DUBOIS, 1995). Assim, por meio da linguagem não apenas percebemos o mundo extralinguístico, mas o constituímos e nele atuamos, com o concurso de outras semioses, não verbais, e outras formas de conceptualizar o mundo.

Difícilmente poderíamos pensar em formas de interação humana, ou mesmo em conteúdos cognitivos, social e culturalmente constituídos, sem uma participação direta ou indireta da linguagem – falada e ou escrita. Nesse

sentido, como preconiza a Linguística interessada na análise de práticas discursivas e sociocognitivas centradas no uso real da língua (em contextos reais, com interlocutores reais), *dizer é fazer*. (MORATO & BENTES, 2017, p. 24-25)

O que enfatizamos nesta pesquisa, dentre outros aspectos da relação entre linguagem, cognição social e texto, é que as ações que a linguagem faz são contextualizadas por conhecimentos relativamente compartilhados, relevantes e responsivamente mobilizados, (re)ativados, evocados e/ou (re)construídos pelos participantes da interação social, seja esta mais imediata (face a face), seja mediada por outros artefatos simbólicos ou tecnológicos, como o celular, o computador e a Internet.

4.1. Categorias textuais

4.1.1. Expressões referenciais

A referenciação é a atividade discursivo-cognitiva e interativa de construção de referentes (KOCH, 2002, 2004; MONDADA & DUBOIS, 2003 [1995]; MARCUSCHI, 2007b). Quando discutimos sobre referenciação, estamos discutindo também sobre as formas como a natureza da relação entre a linguagem, por meio do texto/discurso, e o mundo em nossa volta, seja o mundo social, seja o “natural” – se quisermos manter essa diferenciação. Assim, a observação de processos referenciais na progressão textual e na relação entre textos tem sido realizada de modo a se constatar a sua importância para a construção de versões públicas do mundo (MONDADA & DUBOIS, 2003 [1995]) e de sentidos sociais construídos ou atualizados pelo(s) sentido(s) do texto (BENTES & REZENDE, 2017).

Segundo Koch (2004), a referenciação se dá no texto por meio de processos de ativação, reativação e desativação referenciais. No processo de ativação referencial, o referente é introduzido textualmente por meio de uma expressão nominal (KOCH, 2004). Assim, por exemplo, a postagem de Neymar e a *hashtag* #SomosTodosMacacos podem ser introduzidas em um texto enquanto referentes por alguma expressão referencial, como “a postagem de Neymar” ou “a *hashtag*”. No processo de reativação, por sua vez, o referente é reintroduzido pela mesma expressão linguística, de modo que permanece saliente, ou por outra, por meio da qual novos sentidos lhe são agregados por recategorização em que pode ou não haver cossignificação e correferência, como “solidariedade” (possível recategorização da postagem de Neymar) e “frase de efeito” (possível recategorização da *hashtag*

#SomosTodosMacacos). Nesse exemplos, ocorre uma relativa desfocalização/desativação referencial, que:

[...] ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto é retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (*stand by*), podendo voltar à posição focal a qualquer momento; ou seja, ele continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores. Cabe lembrar, porém, que muitos problemas de ambigüidade referencial são devidos a instruções pouco claras sobre com qual dos objetos-de-discurso presentes na memória a relação deverá ser estabelecida. (KOCH, 2004, p. 62)

Como efeitos textuais e sociocognitivos da (re)ativação referencial, segundo Koch (2002), temos que:

Pela repetição constante de tais estratégias, estabiliza-se, por um lado, o modelo textual; por outro lado, porém, este modelo é continuamente reelaborado e modificado por meio de novas referenciações (Schwarz, 2000). Desta maneira, “endereços” ou nódulos cognitivos já existentes podem ser, a todo momento, modificados ou expandidos, de modo que, durante o processo de compreensão, desdobra-se uma unidade de representação extremamente complexa, pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente. (KOCH, 2002, p. 32).

Koch (2004) define a categorização, em termos textuais, como a operação de seleção, por meio de uma expressão nominal, de propriedades “reais, co(n)textualmente determinadas ou intencionalmente atribuídas pelo locutor” de um referente textual, dentre aquelas propriedades que, “em dada situação de interação, são relevantes para os propósitos do locutor” (KOCH, 2004, p. 68). Para Marcuschi (2007b) e Mondada & Dubois (2003 [1995]), as (re)categorizações realizadas pelas expressões referenciais, no texto, implicam pontos de vista ao (re)construírem os referentes textuais guiados por uma orientação argumentativa (KOCH, 2002; 2004). Segundo Koch (2002; 2004), a progressão referencial pode se dar por meio das seguintes estratégias linguísticas:

- a) Uso de pronomes ou elipses (pronomes nulo);
- b) Uso de expressões nominais definidas;
- c) Uso de expressões nominais indefinidas.

Para os fins deste trabalho, como veremos, focalizamos o uso de expressões nominais. Ainda do ponto de vista linguístico, as expressões ou descrições nominais podem ser instauradas por meio das seguintes configurações (KOCH, 2002; 2004):

Det. + Nome

Det. + Modificador(es) + Nome + Modificador(es)

Det. { Artigo definido; Demonstrativo }

Modificador { Adjetivo; Sintagma Preposicionado; Oração Relativa }

A relação entre referência e cognição, assim, pode vislumbrar-se por meio de ações construtoras da referência. “Construtoras” tanto no sentido de que elas colaboram para a construção referencial, “apontando” os referentes por meio de processos textuais e sociocognitivos, quanto no sentido de que processos sociocognitivos podem constituir os referentes construídos textualmente, por meio, por exemplo, de processos de conceptualização e de organização da experiência mundana, como os modelos cognitivos, dentre os quais temos o *frame*. Vale dizer, nesse sentido, que construir um referente, ou um conjunto deles, não é apenas indicar o seu sentido graças a processos gerais de conceptualização e de organização sociocognitiva, mas também um gesto focalizador, atencional, não estensional, entre interactantes planteados em um oceano de motivações interacionais, situacionais, cognitivas, existenciais, sociais e corpóreas mescladas (SALOMÃO, 2010).

4.1.2. Predicações verbais

As predicações verbais são construções linguísticas que, por meio do uso de verbos ligados a referentes textualmente instaurados ou implícitos, agregam a esta informação nova (BASSETO, 2008), atribuindo-lhes características e propriedades e estabelecendo relações entre eles (cf. NEVES, 2000). As predicações verbais, assim, colaboram para a construção da referência (BASSETO, 2008; NEVES, 2006; FERRARI, 2018), porque, de forma semelhante, mas não idêntica às expressões tipicamente referenciais, selecionam propriedades “reais, co(n)textualmente determinadas ou intencionalmente atribuídas pelo locutor” para um referente textual, dentre aquelas propriedades que, “em dada situação de interação, são relevantes para os propósitos do locutor” , conforme diz Koch (2004, p. 68) sobre as expressões referenciais.

Por serem introduzidas por usos verbais, adquirem parte da complexidade categorial, em termos linguísticos, que os verbos possuem, diferente da dos nomes. Nesse sentido, por exemplo, as predicações verbais podem ser introduzidas por orações relativas ou serem, em vez disso, diretamente atribuídas aos referentes; podem vir na forma passiva ou ativa; podem ser usadas de forma mais conjugada ou em uma forma verbal infinitiva (embora, neste caso, não necessariamente sejam consideradas predicações); possuem diferentes tipos de sentidos a depender do verbo utilizado: podem ser compostas por um verbo *dicendi* e, assim, colaborar para a criação de formas intertextuais de citação (cf. MARCUSCHI, 2007); podem consistir no verbo *ser* introdutor de expressões nominais e assim, colaborar para a (re)ativação

referencial bem como para (re)categorizações (predicações nominais, segundo NEVES, 2006).

Baseada na discussão de Neves (2006) sobre os predicados, Basseto (2008) chama de predicações verbais apenas os casos de construções verbais que têm, como núcleo, um verbo que não seja de ligação. Assim, outros tipos de predicações são as nominais e as verbo-nominais, que possuem verbo de ligação. Aquelas, mais claramente ligadas à construção de referentes, têm “como núcleo um nome [ou um adjetivo, ou ainda um pronome], que funciona como predicativo do sujeito” (BASSETO, 2008, p. 39) e nestas “temos a presença de um predicativo, ocupando a posição nuclear em conjunto com um verbo” além do de ligação (BASSETO, 2008, p. 40).

Essa distinção entre predicações (nominais, verbais e verbo-nominais) leva a algumas escolhas metodológicas de identificação dessas construções, como a de Ferrari (2018):

Consideramos importante proceder à distinção entre um e outro processo [predicações nominais e predicações verbais], uma vez que, embora realizados por recursos linguísticos similares – formas verbais conjugadas – o processo textual feito por cada um é um tanto distinto: enquanto as predicações verbais procedem à atribuição de ações aos referentes, as nominais parecem indicar/construir o seu pertencimento a uma nova categoria, realizada pela forma de expressão referencial. Observemos dois exemplos abaixo, extraídos de nosso corpus:

(4) “financiamento por empresas **é um fator de depois tornar... escravo o parlamentar... o executivo**”

(5) “agora... vocês **impediram...** sabe quanto vocês arquivaram/ vocês **arquivaram** [277] **investigações**” (FERRARI, 2018, p. 82-83, grifos no original)

Por conta dessa complexidade linguístico-textual, adotamos alguns critérios metodológicos para a identificação e levantamento das predicações verbais no *corpus*, critérios identificados no capítulo IV de Metodologia.

4.2. Formas intertextuais

A intertextualidade é um processo textual-interativo e sociocognitivo fundamental para discutir as relações entre os textos e as relações entre estes, o mundo e os sentidos sociais (BENTES & REZENDE, 2008; BAUMAN, 2004). A intertextualidade, *lato sensu*, consiste no “diálogo” que constitui qualquer texto em relação a outro. Assim, a intertextualidade *lato sensu* é tomada como um princípio constitutivo do texto, como atestam Beaugrande & Dressler (1981). Nas palavras de Koch, Bentes & Cavalcante (2008), todo texto é:

um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe. (KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008, p. 16).

Por conta desse sentido amplo, segundo Koch (2004), a intertextualidade *lato sensu* se aproxima da noção de polifonia enquanto “coro de vozes”. De forma semelhante, para Dick & Wirtz (2011):

O discurso é inerentemente cronotópico, desdobrando-se em tempo real e circulando pelo espaço, seja ele vibrações efêmeras de som trocadas entre interlocutores na conversação face a face, seja na circulação temporalmente mais duradoura de textos midiáticos de massa. Além disso, o discurso cria enquadres cronotópicos ou de “tempo-espaço” quando explicita ou implicitamente invoca eventos discursivos anteriores ou tipos genéricos de discurso via processos de entextualização e recontextualização que permitem ao discurso aparecer como se fosse uma forma estável movendo-se no tempo e no espaço (Agha 2003; Bauman e Briggs 1990; Silverstein e Urban 1996)¹⁰⁰ (DICK & WIRTZ, 2011, p. E7).

Segundo Koch (2004) e Koch, Bentes & Cavalcante (2008), além de poder ser entendida nessa chave ampla, a intertextualidade também pode ser entendida em um sentido mais restrito, mais propriamente linguístico-textual. A intertextualidade *stricto sensu*, ainda que seja uma forma de manifestação da intertextualidade *lato sensu*, não consiste na mesma coisa que aquela. A intertextualidade *stricto sensu*:

ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (*domínio estendido de referência*, cf. Garrod, 1985) dos interlocutores. Isto é, em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos *efetivamente* produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação. (KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008, p. 17)

Como a intertextualidade *stricto sensu* faz parte da intertextualidade *lato sensu*, ela herda alguns de seus aspectos que, para esta pesquisa, se mostram fundamentais. A intertextualidade, de qualquer escopo (amplo ou estrito), é, segundo Cavalcante (2009), “um fenômeno implicado na experiência humana de construção de sentido” (CAVALCANTE, 2009, p. 13).

Vimos anteriormente como funcionam as relações intertextuais entre o intertexto “Somos todos iguais”, “Somos todos N”, “Somos todos macacos” e as formas intertextuais

¹⁰⁰ “Discourse is inherently chronotopic, unfolding in real time and circulating through space, whether it be the ephemeral sound vibrations exchanged between interlocutors in face-to-face conversation or the more temporally enduring circulation of mass mediated texts. Moreover, discourse creates chronotopic or “space-time” framings when it explicitly or implicitly invokes prior discourse events or generic types of discourse via the processes of entextualization and recontextualization that allow discourse to appear as if it were a stable form moving across space and time”.

deste, indicando que o sentido linguístico pode ser estabilizado e viajar cronotopicamente, para falar como Dick & Wirtz (2011), havendo, sempre, no entanto, instabilidades ou recontextualizações importantes. Assim,

a manifestação concreta da intertextualidade pressupõe a (re)contextualização de um cenário discursivo-enunciativo já construído, que passará a ser “recordado”, “recontado”, “reconstruído” com outra perspectiva, em um novo cenário discursivo, em um cenário discursivo intertextual. (CAVALCANTE, 2009, p. 24).

Entendemos que, na intertextualidade, são relevantes os processos enunciativos que a constituem (CAVALCANTE, 2009): “o processo de encenação discursiva intertextual se institui como forma de manifestação concreta, material, do princípio dialógico da linguagem humana” (CAVALCANTE, 2009, p. 25). Ainda para Cavalcante (2009):

Cenários enunciativos, já vivenciados e compartilhados culturalmente, quando recontados, reconstruídos, tomados em outra perspectiva e reconhecidos pelos interlocutores de uma dada situação interacional, desencadeiam a construção e a compreensão de um cenário discursivo novo, denominado “cenário discursivo intertextual”.

Em termos operacionais, a intertextualidade pode ser compreendida como um processo de encenação discursiva desencadeado por interlocutores que, em um dado contexto comunicativo, recontextualizam, reperspectivam, intencionalmente, aspectos de um cenário discursivo prévio e, dessa forma, criam um cenário discursivo novo, atual. (CAVALCANTE, 2009, p. 54)

Como vimos, uma das características do texto é a de que ele pode ser não apenas citado ou exibido, mas também referido, nomeado e descrito enquanto um objeto ou referente textual (BAUMAN, 2004, p. 4). Assim, alguns processos referenciais (e não apenas as formas intertextuais *per se*) permitem uma relação responsiva/intertextual entre textos (a nosso ver, mais do que a recíproca, se considerarmos o caráter responsivo da linguagem, especialmente no fenômeno da intertextualidade). No entanto, de acordo com o foco deste trabalho na intertextualidade *stricto sensu*, nem toda referência a um texto corresponde a uma “referenciação intertextual” (para empregar o termo usado por Custódio Filho [2015]), a não ser do ponto de vista da intertextualidade *lato sensu* (ver os trabalhos recentes de Menegaldo (2016) e de Xavier (2018), cujos focos são fenômenos referenciais entre textos em *corpora* contextualizados).

Em relação ao procedimento de análise de processos intertextuais, tomamos o entendimento de Frasson (1992):

Para estudar a intertextualidade, é preciso, pois, analisar elementos do co-texto e do contexto. O co-texto refere-se ao contexto linguístico, às marcas linguísticas que assinalam a intertextualidade. O contexto refere-se à situação comunicativa sócio-política, cultural, histórica que faz com que um texto tenha um determinado sentido em um determinado momento. Para

captar a intertextualidade, é preciso ativar o conhecimento de mundo, aquele que está armazenado na memória, pela vivência, como também o conhecimento partilhado, que determina a estrutura informacional, e que, juntos, darão sentido ao texto. (FRASSON, 1992, p. 90).

Como a intertextualidade depende de conhecimentos de diversas ordens, seu caráter sociocognitivo é inegável (KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008; CAVALCANTE, 2009). Nesse sentido, a recuperação do intertexto pelo leitor ou ouvinte diante de uma forma intertextual depende também do grau de explicitude/implicitude da intertextualidade envolvida. Como as formas intertextuais sempre possuem algum grau de implicitude, nem sempre os interlocutores podem recuperar o intertexto envolvido, porque dependem do conhecimento que possuem dele. Para Frasson (1992), além disso, “[t]oda intertextualidade, mesmo aparentando constituir-se numa atividade lúdica, nunca é ideologicamente inocente, revelando sempre uma intenção e revestindo a palavra do outro de novas significações” (FRASSON, 1992, p. 88).

Com esse espírito analítico, explicamos, a seguir, algumas formas linguísticas da intertextualidade *stricto sensu*, que permitem um foco na análise intertextual, tendo em mente que a intertextualidade é utilizada de maneira estratégica pelos usuários da linguagem, de modo a colaborar para a construção da orientação argumentativa e dos pontos de vista de autores e de leitores: “[o] diálogo que se estabelece, através da intertextualidade, indica a presença de vozes, consoantes ou dissonantes, e permite que os locutores e enunciadores falem, façam-se ouvir, revelando pontos de vista acerca do mundo e posicionando-se diante da realidade” (FRASSON, 1992, p. 90).

4.2.1. Citação

A citação consiste em uma forma intertextual que retoma, por meio da transposição total ou parcial do intertexto (citação direta) ou por meio de paráfrase (citação indireta), aquilo que foi dito por um enunciador-fonte, o qual pode ser ou não explicitado. No caso de o enunciador-fonte ser explicitado (intertextualidade explícita):

[...] é feita menção à fonte do intertexto, isto é, quando um outro texto ou um fragmento é citado, é atribuído a outro enunciador; ou seja, quando é reportado como tendo sido dito por outro ou por outros generalizados (“Como diz o povo...”, “segundo os antigos...”). É o caso das citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções; em textos argumentativos, quando se emprega o recurso à autoridade; e, em se tratando de situações de interação face-a-face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo ou mesmo para demonstrar atenção

ou interesse na interação [...]. (KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008, p. 28).

No caso de o enunciador-fonte não ser explicitado, o uso de aspas pode sinalizar que o texto foi anteriormente dito por outro enunciador. Esse uso pode ser lido como uma ação de distanciamento enunciativo do enunciador corrente em relação ao enunciador-fonte.

Uma diferenciação importante é feita por Piègay-Gros (1996) entre as citações que têm função de *autoridade* e as que têm função de *ornamento*. Aquelas têm o efeito de “reforçar o efeito de verdade do discurso”, enquanto estas podem “enriquecer” ou corroborar o sentido construído (KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008, p. 120-121). Além disso, as citações podem ter função de exemplificação de uma ideia ou apenas de atribuição de um ponto de vista a outro locutor, seja para evitar plágio seja para se eximir da responsabilidade por determinado dizer (distanciamento).

Nas conversações, a citação, como dissemos, pode se dar sem, no entanto, haver menção da fonte do intertexto, em decorrência da copresença e do acesso espaço-temporal à fonte. A intertextualidade, nesse caso, pode se dar por retomada intertextual:

(16) Exemplo oferecido por Koch, Bentes & Cavalcante (2008)

– Mãe, o dia está ensolarado!

– O dia está ensolarado? Então podemos fazer o piquenique que tínhamos combinado

Como podemos notar, a explicitação da menção e/ou o próprio acesso espaço-temporal aos intertextos (como no caso das interações face a face) permitem a identificação do processo intertextual e o reconhecimento do intertexto. Se o usuário da língua pressupõe pouco conhecimento compartilhado ou acesso àquele intertexto, entende que os interlocutores necessitam de pistas linguístico-textuais de explicitude para identificar o intertexto.

4.2.2. *Détournement*

O *détournement* (GRÉSILLON & MAINGUENEAU, 1984; KOCH, 2004; KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008), termo em francês que significa “desvio do caminho original”, é uma forma intertextual por meio da qual, assim como outras, o produtor não explicita o enunciador fonte do intertexto (intertextualidade implícita). Koch, Bentes & Cavalcante (2008) propõem uma ampliação do escopo da noção de *détournement* postulada por Grésillon & Maingueneau (1984). Essa ampliação da noção, segundo as autoras, consiste no entendimento de que todo *détournement* opera algum tipo de subversão do intertexto.

O *détournement* é qualquer uso do intertexto por meio de alteração ou “adulteração” da sua forma linguística, implicando a criação de formas intertextuais com outros sentidos linguístico-textuais e/ou pragmáticos, orientando “a construção de novos sentidos pelo interlocutor” (KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008, p. 45) e realizando, na maioria das vezes, desalinhamentos aos sentidos atribuídos ao intertexto. As alterações que são operadas pelo *détournement* consistem em *operações de retextualização* (MARCUSCHI, 2000) formalizadas por substituição (de fonemas, de palavras), acréscimo (de formulação adversativa, por inversão da polaridade afirmação/negação etc.) e supressão ou transposição (a partir de provérbios, frases feitas, títulos de filmes, de textos ou títulos literários, de hinos, de fábulas etc.) (FRASSON, 1992; KOCH, 2004; KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008). São exemplos de *détournement* de desalinhamento, “Não somos todos macacos” (por acréscimo de item linguístico) e “Somos todos bananas” (por substituição), cujo intertexto é “Somos todos macacos”.

4.2.3. Retomada

Koch, Bentes & Cavalcante (2008), como vimos, se referem à retomada como um processo intertextual explícito que ocorre nas conversações, em decorrência do acesso imediato aos enunciadores-fonte. A retomada, no entanto, pode se dar fora de conversações, como em muitos casos de produção textual escrita, em que o intertexto é retomado sem identificação da fonte (como no título “Somos todos macacos” do texto 1 do *corpus*), que retoma e se alinha ao enunciado “Somos todos macacos” anteriormente produzido por NJ em sua postagem no Instagram. Nesse caso, no entanto, trata-se de um processo implícito, pois a fonte do intertexto não é explicitada.

4.2.4. Alusão

No que diz respeito a processos de intertextualidade, a alusão consiste na relação entre o enunciado em foco e um outro, que só é reconhecível “para quem tem conhecimento do texto-fonte” (KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008, p. 123). Uma forma de melhor identificar a alusão é compreender que ela se dá por meio da referência a entidades presentes em determinado intertexto, *sem que*, no entanto, *a presença mesma do referente no texto-fonte*, isto é, a relação entre referente e texto-fonte seja amplamente conhecida, embora o referente possa ser conhecido; exige-se apenas que o intertexto seja, como alertam Koch,

Bentes & Cavalcante (2008, p. 123), fortemente reconhecível “para quem tem conhecimento do texto-fonte”.

As autoras dão o seguinte exemplo. Trata-se de carta do leitor publicada em uma revista jornalística, que faz alusão intertextual a uma reportagem da mesma revista. Essa reportagem foi intitulada *Chávez não é brinquedo*. Na carta, diz-se que “O destino poderia nos brindar neste fim de ano e levar *Fidel, Chávez* e outros para junto de Pinochet. Imagine: o inferno ficaria insuportável”¹⁰¹. Por meio desse trecho da carta, o autor do texto performatiza a rejeição não apenas das figuras políticas como também a própria (relevância da) reportagem.

Para concluir esta seção de categorias de análise mais textuais, podemos dizer que, no ambiente empírico ao qual dedicamos esta investigação, diante do exposto, entendemos, junto com Cavalcante (2009), que:

[a]o compreender o texto como um artefato simbólico criado pelo homem para se comunicar cooperativamente, constatamos que a construção e o uso desse artefato simbólico pressupõem uma estreita relação com a construção e o uso de outros artefatos simbólicos já existentes. (CAVALCANTE, 2009, p. 220)

Embora tal arrazoado seja formulado pela autora para compreender mais particularmente os processos intertextuais, entendemos que ele pode ser considerado no entendimento do funcionamento de processos textuais e sociocognitivos que usamos como ferramentas de análise no âmbito desta pesquisa, a saber, *frames*, construções intertextuais e referenciais.

Essas construções textuais, por terem diferentes naturezas, podem funcionar de maneira conjugada ou não. Dão visibilidade linguística, na análise, às relações entre a enunciação anterior de determinado texto e a produção do texto corrente, tal como explica Cavalcante (2009):

Pelo processo de interação linguística, através do uso do artefato simbólico a que denominamos “textos”, o ser humano cria um complexo jogo de encenação discursiva. Esse jogo se organiza a partir da instauração de vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras. [...] Através desse jogo de encenação polifônico, o ser humano pode evocar, a partir da interação com um texto que passe a ser foco de sua atenção, outros dizeres, outros textos, já ditos, compartilhados, experienciados em contextos comunicativos diferentes do aqui-e-agora do discurso. (CAVALCANTE, 2009, p. 222)

¹⁰¹ Carta de leitor de Joinville (SC) (Veja, 20/12/2006).

Os processos textuais/discursivos em foco – intertextualidade e referencialidade – colaboram, cada um à sua maneira, para a construção argumentativa e reflexiva das perspectivas dos autores (em relação a aspectos linguístico-textuais e sociais/sociocognitivos).

4.3. Categoria sociocognitiva

4.3.1. *Frame*

O *frame*, segundo Fillmore (1982) é “um sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário entender toda a estrutura em que se insere” (FILLMORE, 1982, p. 111)¹⁰². Tais elementos inter-relacionados, que formam esse construto sociocognitivo, têm sido chamados de Elementos de *Frame* (doravante EFs), no campo da Semântica de *Frames*.

A Semântica de *Frames* é uma área importante da Linguística Cognitiva (FERRARI, 2011). Segundo van Dijk, “os avanços teóricos acerca dos *frames* e de outras noções relacionadas nas ciências cognitivas”, como na Linguística Cognitiva, “mal têm sido reconhecidas e usadas nas pesquisas sobre os *frames* dos MS [movimentos sociais]” (VAN DIJK, 2017b, p. 176). A Semântica de *Frames* é, segundo Fillmore & Baker (2011):

[...] o estudo do modo com que, como parte de nosso conhecimento da linguagem, associamos formas linguísticas (palavras, frases fixas, padrões gramaticais) a estruturas cognitivas – os *frames* – que determinam largamente o processo (e o resultado) da interpretação dessas formas. (FILLMORE & BAKER, 2011, p. 134)¹⁰³

Fillmore & Baker (2011) também entendem a Semântica de *Frames* como “o estudo de como as formas linguísticas evocam ou ativam conhecimento de *frame* e como os *frames* então ativados podem ser integrados na compreensão das passagens que contêm essas formas” (FILLMORE & BAKER, 2011, p. 317)¹⁰⁴. Cada *frame* pode ser linguisticamente conectado a outro(s), formando uma rede ou, considerando-se a dinâmica textual, um *entrelace* entre eles (VEREZA, 2013). A dinâmica de ênfases dos *frames* ou de seus elementos mobilizados é realizada pela linguagem em uso, em interação.

¹⁰² “By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits” (FILLMORE, 1982, p. 111, tradução de Vereza [2013])

¹⁰³ “Frame Semantics as the study of how, as a part of our knowledge of the language, we associate linguistic forms (words, fixed phrases, grammatical patterns) with the cognitive structures—the frames—which largely determine the process (and the result) of interpreting those forms”.

¹⁰⁴ “Frame Semantics is the study of how linguistic forms evoke or activate frame knowledge, and how the frames thus activated can be integrated into an understanding of the passages that contain these forms”.

Os *frames* são definidos a partir de um cenário cognitivo, do qual fazem parte os Elementos de *Frames* (EF) que se interrelacionam. Se o tipo de relação existente entre os EFs ou o(s) próprio(s) EF(s) mudar(em), muda também (pelo menos localmente) o *frame* em questão (FILLMORE, 1982). Na linguagem em uso, no entanto, o *frame* emerge a partir de ênfases em determinadas relações e EFs, que são colocados mais em evidência do que outros, a partir de determinada perspectiva (FILLMORE & BAKER, 2011). Como o *frame* é definido como um construto sociocognitivo que organiza a experiência de mundo (FILLMORE, 1982, 1985; CIENKI, 2007; MORATO, 2010), ele é considerado sociocognitivamente estável, sendo alguns mais estáveis do que outros (MORATO *et al.*, 2017). Como os *frames* enquadram e perspectivam textualmente os referentes (MORATO *et al.*, 2017; MARCUSCHI, 2006), eles emergem por meio de mobilizações dinâmicas ao longo do texto.

Fillmore (1982) também entende o *frame* como um termo geral “para se referir ao conjunto de conceitos conhecidos na literatura como: ‘esquema’, ‘*script*’, ‘cenário’, ‘andaime ideacional’, ‘modelo cognitivo’ ou ‘teoria popular’” (FILLMORE, 1982, p. 112, tradução de VEREZA, 2013). Essas diferentes noções não podem ser tomadas como sendo a “mesma” coisa (MORATO, 2010). Fillmore (1982) faz diferença entre os *frames* cognitivos, foco de suas análises, e *frame* sociointeracional *à la* Goffman (1974; 2002 [1979]).

Em uma abordagem sociocognitivo-interacional, Morato (2010), Morato & Bentes (2013) e Morato *et al.* (2017) postulam que os *frames* são “evocados ou elaborados tanto por unidades lexicais, quanto por construções textuais”, como as construções referenciais (MORATO & BENTES, 2013, p. 126). Para as autoras, linguagem e interação, texto e contexto são *loci* de mobilização dos *frames*, entendidos como construtos linguísticos e sociocognitivo-interacionais:

[O]s frames podem ser entendidos de forma relacional, isto é, como enquadres cognitivos que se forjam a partir não apenas dos esquemas de conhecimento ativados e elaborados conjuntamente pelos interactantes, como também a partir do enquadramento social dos participantes da conversação e do contexto interacional local em que estão imersos. (MORATO & BENTES, 2013, p. 128)

Para Morato (2010), a noção de *frame* é um dos modelos ou construtos delineados por um empreendimento epistemológico que procura “dar conta, teórica e empiricamente, da forma pela qual os indivíduos constroem (compartilham, modificam, organizam, regulam, representam, justificam, reconhecem) a experiência de conhecimento de mundo” (MORATO, 2010, p. 94). A autora entende ainda que os *frames* têm sido compreendidos como:

conjuntos ou “blocos” de conhecimentos inter-relacionáveis que, incorporados por meio de práticas sociais nas quais emergem e por meio das

quais se reconstróem, atuam na organização de nossas experiências e são reciprocamente por elas organizados. (MORATO, 2010, p. 98).

É necessário, assim, compreender o *frame* como um construto sociocognitivo organizado em parte *a priori* e, em parte, reorganizado linguístico-textual e interacionalmente. Assim, ele (re)organiza e é (re)organizado por outros processos sociocognitivo-interacionais. São em parte organizados *a priori* por conta de sua natureza convencionalizada e estabilizada, relacionada à esquematização de experiências socializadas (TOMASELLO, 2014).

Há diferentes enfoques no tratamento da noção de *frame*, mas há compreensões em comum. Traduzida como enquadre, moldura ou esquema, a noção, que surgiu na Inteligência Artificial, foi adotada pela Psicologia Cognitiva, inserida por Bateson (2002 [1972]) nas Ciências Sociais, e, posteriormente, desenvolvida por Goffman (1974; 2002 [1979]) em Sociologia, torna-se um conceito-chave para a compreensão de como as mensagens e as interações devem ser interpretadas ou evocadas (cf. RIBEIRO & HOYLE, 2002; OLIVEIRA, 2009). Nos autores citados acima, o *frame*, por ser convencionalizado, é visto como parte do conhecimento sociocultural. Além disso, para Cienki (2007), a principal compreensão comum entre os diferentes “*framings* do termo *frame*” é o de que “esquemas de conhecimento guiam e estruturam nosso uso da linguagem” (CIENKI, 2007, p. 173).

Segundo Morato (2010, p. 99), a concepção de *frame* como “esquemas mentais ou conhecimentos pressupostos, apreendidos pela via da interiorização das experiências sociais, compartilhados ou não pelos indivíduos em interação” e como “esquemas linguístico-conceptuais de conhecimento” é tributária de uma perspectiva que problematiza o *frame* como “conhecimento social”, em que a questão teórica central geralmente é:

[C]omo se mantêm os *frames* para o processamento de atividades significativas? A orientação teórica desta posição procura levar em conta os mecanismos de constituição da noção e das práticas de sedimentação ou legitimidade dos *frames*. (MORATO, 2010, p. 99)

Em Lakoff (2004), por exemplo, a relação entre linguagem, cognição e mudança social é vista de forma bastante entrelaçada. Para o autor, os *frames* são “estruturas mentais que moldam a maneira que vemos o mundo” (LAKOFF, 2004, p. xv) de tal forma que eles formatariam nossas metas, nossos planos, nossos modos de agir, a adequação desses atos. O foco de Lakoff (2004) é principalmente nos *frames* que formatam as políticas e instituições sociais e a relação deles com a linguagem. Mudar o *frame* (*reframing*), nesse sentido, implicaria uma mudança social e, portanto, algum tipo de mudança na linguagem: “*Reframing* é mudar a maneira como o público vê o mundo. É mudar o que conta como senso comum.

Porque a linguagem ativa *frames*, uma nova linguagem é requerida para novos *frames*. Pensar diferentemente requer falar diferentemente”¹⁰⁵ (LAKOFF, 2004, p. xv).

Enquanto que, em Lakoff (2004), as “formas de pensar” estão fortemente entrelaçadas com as “formas de falar ou de escrever” (linguagem em uso), esses dois campos da atividade humana geralmente foram vistos, na verdade, de forma dicotômica. Entendemos que uma abordagem dialética (textual e sociocognitiva) da noção de *frame* pode lançar luz sobre a interação entre aspectos micro e macro da linguagem, da cognição e das relações sociais (ainda que o foco analítico seja micro, como no caso desta tese), uma vez que a análise de *corpus* pode revelar recorrências e, portanto, indiciar processos mais amplos (AGHA, 2007). Assim, a noção de *frame* pode tocar na relação dialética entre, de um lado, ações e práticas linguístico-textuais que evocam ou mobilizam os *frames* como construtos sociocognitivos relativamente estabilizados ou em processo de (des)estabilização e, de outro lado, práticas sociais e conhecimentos sociocognitivamente organizados e socialmente distribuídos, ou em processo de (des)organização e de distribuição. Nesse sentido, é uma ferramenta analítica importante da representação de processos sociais (cf. MIRANDA & BERNARDO, 2013; LIMA, 2014), como o racismo, que envolve tanto ações micro, locais, quanto práticas sociais menos ou mais institucionalizadas, como a segregação, a privação da liberdade, o genocídio, o exílio, o preconceito e a discriminação. Por isso, deve, a nosso ver, ser inserida em contextos interdisciplinares de investigação (ou multidisciplinares, de acordo com van Dijk [2011; 2017]).

Uma característica importante da noção de *frame* desenvolvida no campo de estudos textuais/discursivos é a perspectivação. Nesse sentido, a análise da mobilização textual de *frames* (bem como construções textuais/discursivas) pode colaborar para a identificação de determinadas perspectivações da realidade social (MIRANDA & BERNARDO, 2013). Nas palavras de Lima (2014), que discute, em um contexto social específico, os processos textuais/discursivos de perspectivação social, com base em Graumann & Sommer (1989), Graumann (1993), Sandig (1996), Graumann & Kallmeyer (2002) e ten Thije (2006), ela, a perspectivação, diz respeito ao lugar social de onde o falante ou o autor textualiza, podendo colocar-se também no próprio texto que produz, por meio de marcas de subjetividade e de outras construções recorrentes. Esse “lugar” é constituído pelas experiências sociais relevantes em determinada situação:

¹⁰⁵ “Reframing is changing the way the public sees the world. It is changing what counts as common sense. Because language activates frames, new language is required for new frames. Thinking differently requires speaking differently”.

[A perspectiva social] pode ter forte relação com os fatos da vida coletiva [...]. Assim, a perspectiva social do sujeito está plantada em suas experiências sociais, ou melhor, em experiências que *se fazem sociais* ou que *têm*, ou *passam a ter*, relevância social. (LIMA, 2014, p. 25)

Nesse sentido, podemos também entender o *frame* como ancorado em práticas sociais, dentre as quais estão as práticas textuais/discursivas (BENTES & FERRARI, 2011; MIRANDA & BERNARDO, 2013).

Do ponto de vista mais local, em relação à dinâmica da evocação dos *frames*, Fillmore (1985) descreve processos “metacognitivos” (nas suas palavras), como a “rejeição” e a “aceitação” de *frames*: *frame-rejections* e *frame-acceptions*. O autor analisa esses processos mais especificamente em casos de enunciados negativos. Segundo ele, há enunciados que perspectivizam o sentido por meio da rejeição de um *frame* (*frame-rejection*) e da aceitação de outro (*frame-acception*).

Discutindo a dinamicidade dos *frames* na linguagem em uso e considerando os estudos das Ciências Cognitivas, que viam o *frame* como uma “estrutura de dados organizada hierarquicamente para representar o conhecimento estereotípico”¹⁰⁶ (COULSON, 2001, p. xvii), Coulson (2001) debruça-se sobre a construção *online* do sentido e dos *frames* como “componentes centrais da língua(gem) e do pensamento (*reasoning*)”:

[V]er o *frames* como componentes centrais da linguagem e do pensamento (*reasoning*) apresenta certos problemas. Primeiro, há uma necessidade de reconciliar a natureza simplificada de representações do tipo *frame* com a natureza complexa das tarefas cognitivas para as quais elas são empregadas. Similarmente, há uma tensão entre a natureza estática dos *frames* tradicionais e a flexibilidade que as pessoas demonstram no seu uso da linguagem¹⁰⁷. (COULSON, 2001, p. 28)

Assim, Coulson (2001) reconhece a flexibilidade do uso da linguagem e a natureza sociocognitiva complexa das atividades linguísticas, postulando o processo dinâmico, ativo, criativo e contínuo de construção e conexão entre *frames*, além dos “aspectos em andamento da informação conceptual e perceptual” (COULSON, 2001, p. 29): “O caráter dinâmico da construção *online* do sentido, portanto, emerge (*arises*) porque os usuários da linguagem estão contínua e criativamente construindo e mesclando *frames* mais do que meramente recuperando-os e os instanciando”¹⁰⁸ (COULSON, 2001, p. 30).

¹⁰⁶ “a hierarchically organized data structure for representing stereotypical knowledge”.

¹⁰⁷ “Viewing frames as central components of language and reasoning presents certain problems. First, there is a need to reconcile the simplified nature of frame-type representations with the complex nature of the cognitive tasks for which they are employed. Similarly, there is a tension between the static nature of traditional frames and the flexibility people demonstrate in their use of language”.

¹⁰⁸ “The dynamic character of on-line meaning construction thus arises because language users are continuously and creatively building and blending frames rather than merely retrieving and instantiating them”

Para Coulson (2001), assim, seria necessário “um processo constante de *frame shifting* para viabilizar cognitivamente a produção e a compreensão” (VEREZA, 2013, p. 115) e dar conta da dinâmica da construção *on-line* do sentido. Coulson (2001), bem como Hougaard & Oakley (2008 apud VEREZA, 2013), apresenta uma proposta de *frames on-line*, baseados em mapeamentos entre domínios, mesclagem conceptual e *frame-shiftings*, de forma a “aumentar a adequação explicativa dos sistemas baseados em *frame* tradicionais”¹⁰⁹ (COULSON, 2001, p. 30).

Para Vereza (2013), no entanto, não há “necessariamente uma mudança de *frames* (*frame shifting*), como postula Coulson (2001), mas sim um *entrelace de frames* estáveis [no sentido tradicional de *frame*, segundo Vereza] e episódicos [emergentes], que surgem como resultado dos mapeamentos, sendo, portanto, texto-específicos”. Haveria, assim, para Vereza (2013), uma separação entre dois planos, o estável, onde estariam os *frames off-line*, e o específico, dos *frames on-line*. Na dinâmica do texto, o autor/falante, por exemplo, pode descrever ou explicitar os elementos do *frame* mais estável “para a criação de seu objeto de discurso, para só aí criar o entrelace (*frame* episódico)” (VEREZA, 2013, P. 119), ou ainda pode tomar o *frame off-line* como compartilhado sem desenvolver também o *frame* episódico (*on-line*) textualmente, mas oferecendo “os elementos cognitivos necessários para o acionamento dos elementos do *frame* mais estável [...]” e para a construção do *frame* episódico (VEREZA, 2013, p. 119). Essa dinâmica de *frames* e de ações textuais apresentada por Vereza (2013) mostra que há diferentes graus de compartilhamento de um *frame*, que pode ocasionar a construção “*in situ* colaborativa e largamente inferencial” do *frame* (MORATO & BENTES, 2013, p. 127). Por isso, consideramos, nesta pesquisa, tanto o caráter mais estável de certas mobilizações do *frame*, quanto o seu caráter mais textualmente construtivo.

Em relação à mobilização de *frames* e à relação dos *frames* com a construção referencial em interações conversacionais, vale destacar o que Morato (2001) aponta em relação a alguns processos coparticipantes da construção linguística e sociocognitiva do mundo social pelos participantes de uma interação na qual constroem e negociam sentidos:

O mundo que o sujeito constrói em seu relato depende em grande medida de suas escolhas lexicais, de suas intenções discursivas, do reconhecimento de implícitos culturais, do reconhecimento de elementos temáticos, das posturas metaenunciativas dos interlocutores, do tipo de relação que estabelece com os outros, de coordenadas dêiticas de que lança mão para transformar referentes em objetos de discurso. (MORATO, 2001, p. 59)

¹⁰⁹ “to enhance the explanatory adequacy of traditional frame-based systems”.

Em 2010, Morato também elenca os seguintes processos envolvidos na mobilização de *frames*: metadiscursivos, que se relacionam “com pistas de contextualização (cf. Gumperz, 1982/1998) e com as mudanças de *footing*”, estrutura de participação na conversação (MORATO, 2010, p. 106), dinâmica de turno, o caráter dirigido ou não da conversação, a questão da (as)simetria entre os interlocutores e a evocação de diferentes cenas enunciativas nos gestos interpretativos (como uma sala de espera de consultório, um salão de baile) (MORATO, 2010, p. 105). A análise que efetuamos na tese focaliza não todos esses processos, que participam de forma mais prototípica das interações orais, mas focaliza as categorias de análise textual: as expressões referenciais e as predicções verbais. Trata-se de uma escolha metodológica sobre a qual discutiremos no capítulo a seguir.

Nesse caso, esse foco parte da compreensão de que a dinâmica de *frames*, com alguns EFs mais salientes do que outros em determinado ponto do texto, é capaz de guiar a construção textual da referência, bem como de ser mobilizado por ela. As predicções verbais, nesse sentido, são também fundamentais, porque legitimariam, explicitariam ou construiriam relações de sentido entre os (ou as propriedades atribuídas aos) referentes textuais, indicando linguisticamente também as relações sociocognitivas, na maior parte das vezes textualmente implícitas, que se estabelecem entre os EFs do *frame*. No capítulo seguinte, trataremos da metodologia da pesquisa, incluindo as formas de identificação e de análise das categorias aqui apresentadas neste capítulo.

Capítulo V – Metodologia

Como vimos, o objetivo principal desta tese é identificar e discutir as representações de racismo e de antirracismo em artigos de opinião contextualmente motivados e intertextualmente relacionados à publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos realizada pelo jogador brasileiro de futebol NJ em abril de 2014 nas redes sociais. Realizamos aqui essa discussão baseando-nos na análise das formas intertextuais relacionadas ao texto da *hashtag* e das mobilizações textuais do *frame* Racismo por meio de construções textuais nos artigos de opinião analisados, bem como em estudos sócio-históricos sobre o racismo e o antirracismo.

Como pergunta empírica principal, formulamos a seguinte questão: como o racismo e o antirracismo podem ser representados ou assumidos por determinadas formas intertextuais e mobilizações textuais do *frame* Racismo? A hipótese empírica, como vimos na Introdução, é a de que representações de racismo e de antirracismo são indicadas sociocognitivamente nos textos analisados por meio da identificação de ações textuais realizadas por formas intertextuais que se (des)alinham à *hashtag* e mobilizações textuais do *frame* Racismo e de seus EFs mais recorrentes.

Neste capítulo, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa, na seguinte ordem de apresentação:

- a) Critérios de seleção dos textos do *corpus* (seção 5.1);
- b) Características do *corpus* (seção 5.1.1);
- c) Procedimentos de análise dos textos (seção 5.2);
- d) Descrição e identificação do *frame* Racismo (seção 5.2.1);
- e) Delineamento do *frame* Racismo (seção 5.2.2).

5.1. Critérios de seleção de textos do *corpus*

Procuramos selecionar e reunir um conjunto de artigos de opinião intertextualmente relacionados com a *hashtag* #SomosTodosMacacos. Esses artigos foram publicados em diferentes veículos da imprensa. Portanto, foram reunidos pelo pesquisador para os fins da pesquisa. Esse aspecto é importante para compreender o *corpus* como composto por textos cujas ações textuais teriam tendencialmente como escopo não apenas enunciadores heterogêneos como também um conjunto diversificado de escopos de ações responsivas. No entanto, entendemos que, dentre outras características ou critérios de seleção

dos textos do *corpus*, a intertextualidade com a *hashtag* #SomosTodosMacacos dá possibilidades de as ações textuais se ancorarem em um “porto” sociocognitivo/intertextual relativamente estabilizado. Assim, a seleção de textos para a composição do *corpus* obedece aos seguintes critérios:

- (i) Os textos pertencem ao gênero artigo de opinião;
- (ii) Têm como intertexto principal a *hashtag* #SomosTodosMacacos (intertextualidade temática [KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008]);
- (iii) Foram publicados em jornais, revistas e portais de notícias de relevância nacional (artigos publicados em *blogs* pessoais foram excluídos, por exemplo);
- (iv) Estão escritos em português do Brasil;
- (v) Não foram publicados no mesmo jornal, revista e portal de notícias ou pelo mesmo autor de outro texto do *corpus* (quando houve mais de um artigo do mesmo suporte ou do mesmo autor, optamos por manter o artigo publicado anteriormente).

O estabelecimento desses critérios procurou garantir que se compusesse um *corpus* de artigos de opinião relacionados com o mesmo intertexto e constringidos, pelo evento “gatilho” tematizado e pelo período de tempo abrangido, de modo que tal relação entre os textos pudesse ser textualmente analisada da forma mais consistente possível. São textos pertencentes a um mesmo gênero textual, o artigo de opinião, como dissemos, e produzidos no campo jornalístico durante determinado período de tempo em que o tema recebeu a atenção das mídias.

5.1.1. Características do *corpus*

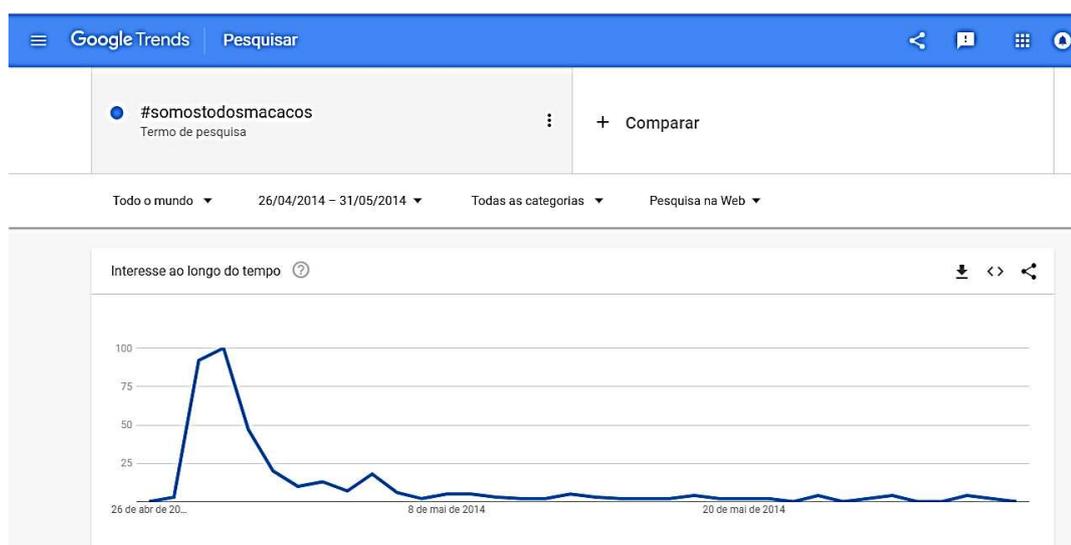
O artigo de opinião, gênero textual ao qual pertencem os textos que constituem o *corpus*, engloba os textos argumentativos escritos de autoria de um especialista, ou seja, um ator social legitimado, com algum tipo de competência social para discutir o tema relevante, geralmente atual, valendo-se textualmente “da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa” (BOFF, KÖCHE & MARINELLO, 2009, p. 3). Selecionamos textos desse gênero porque as ações textuais que ele caracteristicamente mobiliza (análise, posicionamento, construção de ponto de vista e avaliação, por exemplo) exigem processos argumentativos que, a nosso ver, colaboram para a emergência de formas

intertextuais em relação à *hashtag* e de mobilização textual do *frame* Racismo, considerando o contexto de racismo do intertexto. O artigo de opinião pode ser entendido como um gênero tipicamente jornalístico, aparecendo caracteristicamente em colunas de jornais, mas também em revistas e em portais de notícias.

Em termos textuais, esse gênero tem como interesse focal não a “apresentação dos acontecimentos sociais em si [como nos gêneros informativos], mas a sua análise e a posição do autor” (RODRIGUES, 2007, p. 174). No entanto, entendemos que, nesse gênero, não se realiza a construção argumentativa sem a construção dos contextos mais relevantes para aquele determinado ponto de vista. Essa relação é fundamental no ambiente empírico com que trabalhamos, pois, como vimos, a presença da contextualização do posicionamento do autor por meio da intertextualidade com o intertexto “Somos todos macacos” e da (re)construção ou consideração do contexto do racismo pode indicar formas de representação do racismo e do antirracismo. Assim, a argumentação apresentada no texto mobiliza o *frame* Racismo, conforme pressupomos em termos de análise.

A seleção de textos publicados nos dias seguintes à publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos acompanha a maior quantidade de menções da mesma na Internet no período imediatamente posterior à sua publicação, o que corresponde a cerca de 01 semana, conforme mostra o gráfico a seguir gerado na ferramenta *online Google Trends*. O período obtido foi entre 28/04/2014 e 05/05/2014 para as datas de publicações dos textos do *corpus*.

Figura 11 Interesse pela #SomosTodosMacacos na Internet entre 26/04/2014 a 31/05/2014 (fonte: Google Trends. Acesso em 14 nov. 2018)



A nosso ver, esse intervalo temporal deu ao *corpus* um aspecto mais homogêneo do ponto de vista da possível influência que o tempo poderia trazer para os resultados da investigação, uma vez que a ocorrência de ações e eventos novos pode influenciar a forma

como a *hashtag* #SomosTodosMacacos foi textualmente perspectivada no decorrer do tempo, considerando que até hoje ela é utilizada nas redes, ainda que de forma tímida e não necessariamente com os mesmos sentidos, devido ao distanciamento temporal ao intertexto original¹¹⁰. Além disso, o recorte temporal dá ao *corpus* o caráter de reação mais imediata à publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos. Assim, podemos discutir as representações de racismo emergentes no *corpus* de modo a ver como os artigos de opinião responderam à publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos por meio de ações e construções textuais, no “calor” da própria discussão, isto é, durante a semana em que se noticiou e que sucedeu à publicação da *hashtag*.

Seguindo os critérios de seleção do *corpus*, encontramos 10 artigos de opinião que foram publicados nesse período. O critério de seleção de textos em português do Brasil se justifica porque o Brasil foi, de fato, o país onde mais se fez menção a essa *hashtag*, porque ela está em português, mas também porque a sua produção envolveu atores sociais brasileiros. Vale destacar também que outros países pouco produziram artigos de opinião sobre a *hashtag*, comparativamente ao Brasil. Conforme indica a figura a seguir, é interessante comentar que, além do Brasil, Angola e Moçambique, países da África onde se fala português foram os que mais fizeram menção à *hashtag*, seguidos de Portugal e do Paraguai, segundo levantamento feito no *Google Trends*:

Figura 12 Países que mais mencionaram a #SomosTodosMacacos entre 26/04/2014 e 31/05/2014 (fonte: *Google Trends*. Acesso em 14 nov. 2018)



110

Alguns exemplos desse uso estão disponíveis em:

<https://www.instagram.com/p/Bx5nkywHO52/?igshid=1e9yahjv3cvh;>

<https://twitter.com/lucaste00654073/status/1131586952065630208;>

<https://twitter.com/comidadetubarao/status/1133147814530297857;>

https://twitter.com/duduluiz_/status/1134984287659417603;

<https://www.facebook.com/100006585439103/posts/2528087370754086/>. Acessos em 03 jul. 2019.

Seguindo os critérios de seleção, selecionamos textos publicados em revistas, jornais e portais de notícias com circulação e maior visibilidade no País: encontramos artigos de opinião nos portais de notícias *CartaMaior*, *Diário do Centro do Mundo*, *HuffPost Brasil*, *Geledés*, nas revistas *CartaCapital*, *Placar*, *ISTOÉ* e nos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Zero Hora*. Conforme observamos no quadro adiante, os próprios títulos dos artigos conectam fortemente os textos à *hashtag* #SomosTodosMacacos, do ponto de vista intertextual e contextual¹¹¹.

Por serem publicados no campo jornalístico, os jornalistas são os profissionais mais produtivos no *corpus* como autores dos textos, comparativamente às outras profissões. Conforme mostra o quadro 4, os jornalistas identificados são (n=6) Devisom Campos, Marcos Sacramento, Breiller Pires, Mirelle Martins (que também é artista), Artur Xexéo (que é também escritor e tradutor) e Camila Brandalise. Os outros profissionais mais produtivos são os professores (n=3) Emir Sader, Douglas Belchior e Devisom Campos. Hédio Silva Jr. é advogado e Ana Maria Gonçalves é escritora. Ligados, de forma mais direta, aos movimentos negros, são (n=4): Douglas Belchior (membro do cursinho popular Uneafro), Hédio Silva Jr. (advogado dos consulados de Angola em São Paulo e no Rio de Janeiro), Ana Maria Gonçalves (autora de livros, dentre os quais *Um pecado de cor*) e Devisom Campos (da Rede Brasil Afroempreendedor – Reafro – no Estado do Rio Grande do Sul e coordenador “da área científica de Comunicação e Mídia da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN)”¹¹²), os quatro negros.

¹¹¹ Os textos componentes do *corpus* não foram disponibilizados em Anexos nesta tese para a preservação dos direitos autorais dos articulistas ou das empresas jornalísticas para as quais aqueles trabalham. A fonte dos textos está indicada, no entanto, em notas de rodapé.

¹¹² Disponível em : <http://lattes.cnpq.br/8332127774447991>. Acesso em 16 jul. 2019.

Quadro 4 Organização dos artigos de opinião do corpus

Sigla	Título	Autor	Cor	Profissão	Suporte	Identificação do suporte	Data de publicação
T1	<i>Somos todos macacos</i> ¹¹³	Emir Sader	Branco	Cientista político e sociólogo	Portal de notícias	<i>Carta Maior</i>	28/04/2014
T2	<i>#Somos Todos Macacos Coisa Nenhuma</i> ¹¹⁴	Marcos Sacramento	Negro	Jornalista	Portal de notícias	<i>Diário do Centro do Mundo</i>	28/04/2014
T3	<i>Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!</i> ¹¹⁵	Douglas Belchior	Negro	Ativista e professor de História	Revista	<i>CartaCapital</i>	28/04/2014
T4	<i>Não somos macacos</i> ¹¹⁶	Breiller Pires	Branco	Jornalista	Revista	<i>Placar</i>	28/04/2014
T5	<i>#somostodosbananas</i> ¹¹⁷	Mirelle Martins	Negra	Jornalista	Portal de notícias	<i>HuffPost Brasil</i>	28/04/2014
T6	<i>Somos todos humanos</i> ¹¹⁸	Hélio Silva Jr.	Negro	Advogado	Jornal	<i>Folha de S. Paulo</i>	29/04/2014
T7	<i>Somos todos macacos</i> ¹¹⁹	Artur Xexéo	Branco	Jornalista	Jornal	<i>O Globo</i>	30/04/2014
T8	<i>Somos todos macacos?</i> ¹²⁰	Devisom Campos	Negro	Cientista da Comunicação	Jornal	<i>Zero Hora</i>	30/04/2014
T9	<i>A bananização do racismo</i> ¹²¹	Ana Maria Gonçalves	Negra	Escritora	Portal de notícias	<i>Geledés</i>	01/05/2014
T10	<i>Racismo não</i> ¹²²	Camila Brandalise	Branca	Jornalista	Revista	<i>ISTOÉ</i>	03/05/2018

Conforme mostra o quadro 5, a maioria dos autores negra¹²³, havendo principalmente homens: há 04 homens negros (Marcos Sacramento, Douglas Belchior, Hélio Silva Júnior e Devisom Campos), 03 brancos (Emir Sader, Artur Xexéo e Breiller Pires), 02 mulheres negras (Mirelle Martins e Ana Maria Gonçalves) e 01 mulher branca (Camila

¹¹³ Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Blog/Blog-do-Emir/Somos-todos-macacos/2/30806>. Acesso em 1 ago. 2016.

¹¹⁴ Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/somos-todos-macacos-coisa-nenhuma/>. Acesso em 1 ago. 2016.

¹¹⁵ Disponível em: <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/contra-o-racismo-nada-de-bananas-por-favor/>. Acesso em 1 ago. 2016.

¹¹⁶ Disponível em: <https://bololomineires.wordpress.com/2014/04/28/nao-somos-macacos/>. Acesso em 1 ago. 2016.

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/mirelle-martins/somostodosbananas> a 21668655/?ec_carp=4589266521768700598. Acesso em 1 ago. 2016.

¹¹⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/04/1446793-opiniao-somos-todos-humanos.shtml>. Acesso em 1 ago. 2016.

¹¹⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/somos-todos-macacos-12338913>. Acesso em 1 ago. 2016.

¹²⁰ Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2014/04/30/artigo-somos-todos-macacos/>. Acesso em 1 ago. 2016.

¹²¹ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/bananizacao-racismo-por-ana-maria-goncalves/>. Acesso em 1 ago. 2016.

¹²² Disponível em: https://istoe.com.br/360837_RACISMO+NAO/. Acesso em 1 ago. 2016.

¹²³ A identificação racial dos articulistas foi feita pelo autor da tese por meio de heteroidentificação, seguindo o critério fenotípico (cor da pele) (DIAS & JÚNIOR, 2018).

Brandalise). Em relação à cor/raça, o número maior de autores negros pode se dever ao interesse desses agentes na temática do racismo. A predominância de homens pode se dever à prioridade desse gênero nas posições de relevância nos campos sociais do jornalismo e do esporte.

Quadro 5 Composição de sexo/gênero e de raça/cor dos autores dos artigos de opinião do *corpus*

		Raça/Cor		
		Branca	Negra	Total
Sexo/Gênero	Homem	3	4	7
	Mulher	1	2	3
	Total	4	6	

Em relação à identificação dos suportes dos artigos de opinião do *corpus*, temos os seguintes. Segundo as informações apresentadas na aba “Quem somos” da revista *Carta Maior*¹²⁴, esta se define como “O Portal da Esquerda Brasileira e da América Latina” e é gerida pela Agência de notícias Carta Maior. Segundo essas informações, a revista se tornou rapidamente uma referência de informação de qualidade na Internet. Seu conteúdo é fruto de uma “consciência historicamente construída” a partir do qual o leitor pode construir sua própria perspectiva. A revista surgiu da necessidade de divulgar as teses do Fórum Social Mundial de Porto Alegre, a partir de 2001, e teria se especializado em análises críticas no campo da Economia e da Política, incluindo a ação de movimentos sociais e temas relacionados. Teria passado por uma crise financeira em 2006, mas se recuperado em 2007 (BECKER, 2009). A relevância sociopolítica e jornalística da revista pode ser notada nos números obtidos em 2016: “1.803.529 milhões de visitas totais, 1.137.296 milhões de visitantes únicos e 3.681.998 milhões de visualizações de sites, 2.04 páginas abertas por cada visitante e 3.26 minutos de permanência no site” realizada em 179 países¹²⁵. É entendida como parte da “mídia alternativa”, definida como tendo “opção frente ao discurso dominante” (GRINBERG apud BECKER, 2009, p. 285).

O sociólogo, professor e cientista político Emir Sader, que escreve o artigo de opinião do *corpus* para a Carta Maior é um dos fundadores do Fórum Social Mundial. Um evento relevante da trajetória do autor aconteceu em 2006. Naquele ano, o autor foi condenado em 2006 a 01 ano de detenção e ao afastamento da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)¹²⁶, onde trabalha e onde dirige o Laboratório de Políticas Públicas. Isso

¹²⁴ Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/CartaMaior/Quem-Somos/14/>. Acesso em 17 fev. 2019.

¹²⁵ Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/CartaMaior/Quem-Somos/14/>. Acesso em 17 fev. 2019.

¹²⁶ É interessante notar alguns elementos contextuais desse evento: o ano de 2006 foi marcado por uma discussão nacional sobre as ações afirmativas nas instituições educacionais; além disso, a UERJ foi uma das primeiras universidades a adotar, em 2003, cotas raciais para o seu acesso.

porque, no ano anterior, Emir Sader acusou o então senador Jorge Bornhausen do Partido da Frente Liberal (atual Democratas) de Santa Catarina de racismo. A condenação do sociólogo se deu oficialmente pelo crime de calúnia contra o então senador¹²⁷. Em 2005, Bornhausen disse em referência ao Partido dos Trabalhadores (PT): “A gente vai se ver livre desta raça por pelo menos 30 anos”¹²⁸. Em reação a essa declaração, Emir Sader escreveu um artigo na revista *CartaMaior* em que diz que o então senador merecia “processo por discriminação” por se referir “ao povo dessa maneira”, como “negros”, “pobres”, “sujos”, “brutos”, incorrendo em racismo e “ódio ao povo brasileiro”¹²⁹. Em resposta à condenação judicial, o professor e acadêmico Antônio Cândido liderou a circulação de um abaixo assinado contra a sentença, o qual diz que esta “transforma o agressor [Jorge Bornhausen] em vítima e o defensor dos agredidos [Emir Sader] em réu”¹³⁰.

A extinta revista *Placar*, por sua vez, revista especializada em esporte, foi lançada em 1970 pouco antes da Copa do Mundo de Futebol, pela editora Abril, sendo caracterizada como uma revista de textos analíticos dentro da temática do futebol. Comprada pela editora Caras em 2015, foi readquirida pela Abril em 2016. Segundo o verbete da *Wikipédia*¹³¹, a bandeira inicial da *Placar* foi a “estruturação e modernização do comando do futebol brasileiro”, com o apoio à criação de um campeonato “verdadeiramente nacional”, que foi criado em 1971 (o Campeonato Nacional de Clubes, atual Brasileirão, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol) e, dez anos depois, a formulação da Copa União, o nome recebido pela então Copa Brasil em 1987 e 1988, mais tarde Brasileirão. A *Placar* foi uma forte referência como periódico do futebol brasileiro, pelo menos até 1982, depois de publicar reportagem com denúncias contra a Loteria Esportiva, que acabou perdendo credibilidade, o que impactou as vendas da própria revista, porque esta publicava dicas e “bolões” que eram de grande interesse de muitos leitores.

Um pouco depois de 1995, a revista passa a não sustentar a postura crítica em relação aos dirigentes do futebol brasileiro “por medo de complicações nos contratos de transmissão de campeonatos pela TVA, do Grupo Abril”¹³². Em 2013, a revista ganhou os

¹²⁷ Segundo a seguinte notícia, o promotor de justiça chegou a pedir a anulação da sentença contra Emir Sader. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Promotor-de-Justica-pede-anulacao-da-sentenca-contr-Emir-Sader/4/11913>. Acesso em 16 jul. 2019.

¹²⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0702200914.htm>. Acesso em 16 jul. 2019.

¹²⁹ Disponível em: https://web.archive.org/web/20061118022534/http://cartamaior.uol.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=2171. Acesso em 16 jul. 2019.

¹³⁰ Disponível em: http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/6708/oficinas/. Acesso em 16 jul. 2019.

¹³¹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Placar>. Acesso em 17 fev. 2019.

¹³² Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Placar>. Acesso em 17 fev. 2019.

prêmios de Melhor Revista do Ano e de Melhor Matéria da Imprensa Escrita da Aceesp (Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo) pela publicação do dossiê *O lado sombrio da bola* sobre abuso sexual nas categorias de base do futebol brasileiro, de Breiller Pires (autor do texto T4 do *corpus*), texto que levou a “investigações parlamentares nas CPIs [Comissões Parlamentares de Inquérito]¹³³ do Tráfico de pessoas e da Exploração sexual de Crianças e Adolescentes” no Congresso Nacional¹³⁴. Por suas relações com a grande imprensa por meio do Grupo Abril, consideramo-la como parte de uma imprensa mais tradicional. É interessante notar que Breiller Pires, autor do texto publicado na revista *Placar* (T4), como podemos notar, é um jornalista interessado em temas socialmente relevantes no campo do esporte, como a exploração de crianças e adolescentes, o racismo e a homofobia. Um de seus textos, como vimos acima, teve um importante impacto nas investigações da CPIs do Tráfico de pessoas e da Exploração sexual de Crianças e Adolescentes e rendeu à revista uma premiação no campo do jornalismo.

O portal de notícias *Geledés* é mantido pelo Geledés Instituto da Mulher Negra, sediado em São Paulo (SP), que se dedica a projetos sobre as questões de raça e de gênero. O Instituto foi a primeira organização negra feminista de São Paulo e foi fundado em 1988 por um grupo de mulheres negras, que inclui a filósofa, escritora e ativista Sueli Carneiro, atual diretora. Define-se, em seu portal, como uma “organização da sociedade civil que se posiciona na defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira”¹³⁵. O portal de notícias reúne textos de autoria de mulheres sobre racismo e sexismo. Por suas temáticas e linha editorial, consideramo-lo parte de uma mídia alternativa (GRINBERG apud BECKER, 2009).

Ana Maria Gonçalves, autora que publicou o artigo de opinião do *corpus* no portal do *Geledés* é uma conhecida escritora negra que tematiza as questões raciais e participa do movimento negro. É autora de *Ao lado e à margem do que sentes por mim*, de publicação independente, e *Um defeito de cor*, baseado na vida da ex-escravizada no Brasil de origem africana Luiza Mahin, participante de insurreições de escravizados na Bahia no começo do século XIX e mãe do advogado, jornalista e escritor (dentre outras ocupações) abolicionista Luís Gama (segundo os relatos do próprio, que também chegou a ser escravizado).

¹³³ No Brasil, a CPI é uma comissão criada pelo Senado Federal e/ou pela Câmara dos Deputados “para a apuração de fato determinado e por prazo certo, sendo suas conclusões, se for o caso, encaminhadas ao Ministério Público, para que promova a responsabilidade civil ou criminal dos infratores” (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988, parágrafo 3, artigo 58).

¹³⁴ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Breiller_Pires. Acesso em 17 fev. 2019.

¹³⁵ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/>. Acesso em 17 fev. 2019.

O portal de notícias *Brasil Post* consiste na versão brasileira do *The Huffington Post*. É fruto de uma parceria entre *The Huffington Post* e o Grupo Abril. O *Huffington Post* é um agregador de *blogs* estadunidense criado por Arianna Huffington e Kenneth Lerer, lançado em 2005. Agrega notícias e diferentes *blogs* e tem como missão declarada “promover o diálogo”, “celebrar a diversidade”, “informar e entreter”¹³⁶. No portal de notícias brasileiro, as abas temáticas principais são: “Notícias” (“Política”, “Economia”, “Mundo” etc.), “Opinião”, “Mulheres” (“Feminismo”, “Maternidade”, “Elas na Política”, “Lei Maria da Penha”), “LGBT”, “Família”, “Sexo”, “Virais”, “Entretenimento” (“Televisão”, “Cinema”, “Famosos”, “Livros & HQs”) etc. Assim, o portal se interessa principalmente por temas sociais que emergem nas redes virtuais e nas mídias de comunicação a partir da visão de seus colaboradores (jornalistas, especialistas e ativistas). Por suas temáticas, consideramo-lo como parte de uma imprensa alternativa (GRINBERG apud BECKER, 2009). A autora que escreve o texto para o *Brasil Post* é a publicitária e artista negra Mirelle Martins, que é *performer* no espetáculo *Black Velvet: Architectures and Archetypes*, com o *performer* também negro Shamel Pitts¹³⁷. O espetáculo evoca questões de negritude, diáspora africana e afrofuturismo¹³⁸

O jornal *Diário do Centro do Mundo*, de propriedade do jornalista Paulo Nogueira, tem como lema “O que interessa e nada mais”. Declara dar destaque nas notícias que publica aos “fatos mais importantes do dia nas mais diversas áreas de interesse do público – política, economia, esporte, moda, cultura etc.”, publicando “análises e opiniões de nosso time de jornalistas e blogueiros”¹³⁹ e de colaboradores colunistas. Tem sido caracterizado como crítico dos grandes grupos de comunicação do Brasil: *Folha*, *Estado*, *Abril*, *Globo*. O jornal surgiu a partir da coluna do jornalista Paulo Nogueira, então correspondente da revista *Época* em Londres. A coluna se tornou o *blog* do jornalista e, em 2013, tomou a forma atual de portal da mídia alternativa. Obtivemos poucas informações sobre o autor que publicou o artigo de opinião para o jornal *Diário do Centro do Mundo*: Marcos Sacramento é descrito no portal como “[...] capixaba de Vitória, é jornalista. Goleiro mediano no tempo da faculdade, só piorou desde então. Orgulha-se de não saber bater pandeiro nem palmas para programas de

¹³⁶ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/HuffPostBrasil/about/?ref=page_internal. Acesso em 17 fev. 2019.

¹³⁷ Disponível em: https://www.bam.org/blackvelvet?fbclid=IwAR1ApyXGXdSheZ9zWCHfsMtxnoyHCTT3m3u0zvq66-W0Yfa31_tro8A1nMQ. Acesso em: 18 jul. 2019.

¹³⁸ Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/shamel-pitts-conta-como-abandonou-companhias-de-danca-por-ser-unico-negro-em-cena-23717555?fbclid=IwAR3xI0PS2CKT0PD2-Cy_eC6eAywua89Kka-9x_sx-zSDwdshvNOp9nWd5_E. Acesso restrito para assinantes.

¹³⁹ Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/sobre/>. Acesso em 17 fev. 2019.

TV ruins”¹⁴⁰. Seus textos tematizam frequentemente assuntos políticos, incluindo o racismo e outras formas de opressão.

As revistas *CartaCapital* e *ISTOÉ* também têm bastante circulação no País, sendo, no entanto, lidas por diferentes públicos devido, em parte, a diferenças na linha editorial. Consideramos a *CartaCapital* como mais ligada à imprensa alternativa e a *ISTOÉ* como mais ligada à imprensa tradicional, embora ambas as revistas tenham sido fundadas pelo jornalista Mino Carta. A revista *CartaCapital*, publicada pela Editora Confiança, tem como subtítulo “revista de economia, política, negócio e variedades”¹⁴¹. Foi fundada em 1994 e é descrita em sua página como “alternativa ao pensamento único da imprensa brasileira [...] calçada no [...] exercício do espírito crítico e na fiscalização do poder onde quer que se manifeste [...]”, “progressista, respeitadora da diversidade humana [...]”¹⁴².

As informações no portal da *CartaCapital* apontam que as colunas com artigos de opinião colaboram para a articulação de “dezenas de iniciativas de mídias comprometidas com a superação do racismo, do machismo, da homofobia e todas as formas de opressão e preconceitos, bem como pela democratização dos meios de comunicação no Brasil”. O autor do artigo de opinião publicado na *CartaCapital*, Douglas Belchior, conhecido como Negro Belchior, é professor de História e ativista do movimento negro, tendo sido candidato, em 2018, a vereador pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Suas publicações nas redes sociais durante a candidatura formulam críticas à forma como o partido acolheu suas demandas enquanto candidato negro antirracista, informação que é relevante para compreender sua forma de atuação antirracista.

A revista *ISTOÉ*, criada em 1976 e publicada pela Editora Três, é uma revista semanal brasileira de informações gerais, autopredicada como “informativa” ou “de notícias” (GERSZON, 2007, p. 12), estando “entre as mais lidas da classe média brasileira” (PISCITELLI, 1996, p. 14). A autora de um dos artigos de opinião do *corpus* Camila Brandalise é jornalista e tematiza nos textos jornalísticos que produz, dentre outros temas sociais, as vidas e os direitos das mulheres.

O jornal *Zero Hora* é um dos jornais de maior circulação diária no país, sendo editado em Porto Alegre (RS) e considerado um jornal de referência regional e nacional. Pertence ao grupo de comunicação hegemônico no Rio Grande do Sul, a Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS). Segundo Felippi (2006, p. 15), o jornal “tem grande poder na produção

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/author/marcos-sacramento/>. Acesso em 17 fev. 2019.

¹⁴¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital> . Acesso em 17 de fev. 2019

¹⁴² Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital> . Acesso em 17 fev. 2019.

de sentidos sobre a realidade, no agendamento [*sic*] do leitor a partir do que classifica como acontecimentos” (FELIPPI, 2006, p. 21), mais consumido pela classe média e alta (FELIPPI, 2006, p. 144), com grande influência “política, social e jornalística” no Rio Grande do Sul (MORAES, 2007, p. 53), mas também no País. O professor e jornalista Devisom Campos do curso de Comunicação e de Tecnologia em Marketing e coordenador do NEABI (Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas) da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) de Canoas (Rio Grande do Sul) é o autor que publicou no jornal *Zero Hora* sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos. Em 2019, se tornou membro do Conselho Deliberativo da Rede Brasil Afroempreendedor no Estado do Rio Grande do Sul, “instituição autônoma ativa desde 2015 e que visa defender e estimular pautas do empreendedorismo negro”¹⁴³.

O jornal *O Globo*, fundado em 29 de julho de 1925 e sediado no Rio de Janeiro, é um dos jornais diários mais influentes do Brasil, ainda que esteja orientado para o público da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Possui, também, grande circulação nacional, sendo um diário de notícias. Faz parte do Grupo Globo, de propriedade da família Marinho, que inclui também a Rádio Globo e a emissora *Globo* de televisão. Segundo Moreira (2006), dentre os leitores de *O Globo*, “46% são homens e 54% são mulheres. Cerca de 43% têm terceiro grau completo”, 20% “têm renda familiar de até 5 salários mínimos; 15% entre 5 e 10 salários e 10% de 10 a 20 salários. Moreira (2006) aponta que a maioria dos leitores, 47%, pertence à classe B.” (MOREIRA, 2006, p. 71-72). Consideramo-lo parte da imprensa mais tradicional. O autor que publicou o artigo de opinião do *corpus* no jornal *O Globo*, Artur Xexéo, é um jornalista que publica, em sua coluna, textos sobre temas diversos, não sendo conhecido como trabalhando principalmente com temas de opressão social como racismo.

O jornal *Folha de S. Paulo*, por sua vez, “declara fazer um jornalismo moderno, crítico, analítico, especializado, de serviço, plural e apartidário. Os critérios para a escolha das notícias seriam o ineditismo, a improbabilidade, o interesse, o apelo e a empatia” (MOREIRA, 2006, p. 70). De acordo com o Centro de Estudos Judiciários, da Justiça Federal, em pesquisa de 1994, o jornal:

[...] elencou como seus princípios editoriais: 1) jornalismo moderno, crítico (comparando os fatos e veiculando diferentes versões), analítico (explicando os acontecimentos de forma objetiva e didática), especializado e de serviço (buscando atender o leitor); 2) apartidarismo – sem vínculos a grupos, tendências ou partidos políticos. Este princípio rege os critérios que definem a importância da notícia: ineditismo, improbabilidade, interesse, apelo e empatia; 3) pluralismo – abertura de espaço para publicação de posição divergente das do jornal (JUSTIÇA FEDERAL, s/d).

¹⁴³ Disponível em: <http://www.ulbra.br/canoas/imprensa/noticia/27361/coordenador-dos-cursos-de-comunicacao-e-empossado-pelo-reafro-rs>. Acesso em 16. jul. 2019.

O jornal *Folha de S. Paulo*, editado na cidade de São Paulo, é o segundo maior jornal em circulação no Brasil, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), e um dos jornais mais influentes do País (MOTTER, 2008). Consideramo-lo parte da imprensa mais tradicional. O autor do artigo de opinião participante do *corpus* e publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, Hédio Silva Júnior, é advogado dos consulados de Angola em São Paulo e no Rio de Janeiro, “atuando principalmente nos seguintes temas: liberdade de crença, direito internacional, ações afirmativas, racismo, educação igualitária, entre outros”.

5.2. Metodologia de análise

Na análise textual realizada do *corpus*, realizamos:

- (i) O levantamento e a quantificação de formas intertextuais vinculadas ao intertexto “Somos todos macacos” em cada texto e no conjunto do *corpus*;
- (ii) O levantamento e a quantificação de expressões referenciais e de predicções verbais que mobilizam o *frame* Racismo em cada texto e no conjunto do *corpus*;
- (iii) Identificação de construções de sentido esperadas no texto construídas pelas formas intertextuais e construções textuais em cada texto e no conjunto do *corpus*;
- (iv) A organização das expressões referenciais e das predicções verbais encontradas mobilizadoras de Elementos do *frame* Racismo em relação às cadeias referenciais que elas colaboram para desenvolver, aos referentes que as predicções verbais têm como escopo e aos Elementos do *frame* Racismo a que esses referentes estão ligados.
- (v) A associação entre a construção sociocognitiva do racismo realizada pelas mobilizações do *frame* Racismo e a construção textual do alinhamento a determinado antirracismo em cada texto e no conjunto do *corpus*.

Com base nas metodologias adotadas nos trabalhos de Miranda & Bernardo (2013), Ishikawa & Miranda (2017), Vereza (2013) e em estudos do Grupo de Pesquisa COGITES – Cognição, Interação e Significação (MORATO *et al.*, 2017; MORATO & BENTES, 2013; BENTES & FERRARI, 2010; FERRARI, 2018; SIMAN, 2015; MARTINS, 2015; PARINTINS LIMA, 2018; LIMA, 2014), que descrevem, levantam e analisam mobilizações de *frames* em *corpora* linguísticos autênticos, relativos a situações de uso social da linguagem, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos para a análise de *frames*.

Em publicação anterior, baseados em Morato *et al.* (2017) e nos autores acima citados, explicitamos a maneira como lidamos com a adoção da formalização de descrições de *frames* oferecida pelos projetos *FrameNet* do Brasil¹⁴⁴ e dos Estados Unidos¹⁴⁵:

Para a análise textual-iterativa de *frames*, adotamos neste estudo a formalização das descrições de *frames* oferecida pelo projeto *FrameNet Brasil*, que utiliza dados do português do Brasil. Entendemos, assim, que o *frame* pode ser uma “ferramenta singular no suporte à interpretação da realidade perspectivada pelos atores sociais” (MIRANDA & BERNARDO, 2013, p. 83). No entanto, a base de dados do projeto *FrameNet Brasil* não possui uma grande variedade de *frames* disponíveis. Como o projeto original de referência tem sido a *FrameNet* dos EUA, lançamos mão também deste como outra fonte de *frames* descritos, quando não encontramos no *FrameNet Brasil* a descrição de determinado *frame*. A *FrameNet* (EUA) é sediada no ICSI (*International Computer Science Institute*) na Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, e seu correspondente brasileiro, o projeto *FrameNet Brasil*, é sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora. Os *frames* ativados e mobilizados neste estudo, quando não descritos pelos projetos *FrameNet*, foram definidos com base em *frames* já identificados nessa plataforma.

Os referidos projetos constroem bases de dados de *frames* semânticos e gramaticais que enquadram itens lexicais ou construções sintáticas na língua inglesa (EUA) e na língua portuguesa (Brasil), respectivamente. Ambos vêm construindo uma base de dados de *frames* semânticos e unidades léxico-gramaticais relacionadas. (PARINTINS LIMA, 2018, p. 42)

A partir dessas convenções e arrazoados metodológicos, o *frame* Racismo e os outros *frames* aqui descritos foram definidos com base na formalização de *frames* adotada nessa plataforma (MORATO *et al.*, 2017) e descritos principalmente com base em verbetes de dicionário e nos estudos sócio-históricos, antropológicos e textuais/discursivos do racismo. Essa formalização envolve o uso de iniciais maiúsculas na nomeação dos *frames* e dos Elementos dos *frames*, bem como o uso de traços baixos (*underline*) quando o nome do *frame* ou do EF possui mais de um item, como no nome do EF Grupo_racializado¹⁴⁶.

5.2.1. Descrição e identificação da mobilização textual do *frame* Racismo

Realizamos, em cada texto do *corpus*, a análise de construções referenciais e predicções verbais que mobilizam o *frame* Racismo, de modo a discutir as representações de racismo no *corpus*, com a colaboração de estudos sócio-históricos e da análise de formas intertextuais da *hashtag* #SomosTodosMacacos.

¹⁴⁴ Disponível em: <http://www.ufjf.br/framenetbr/>. Acesso em: 28 set. 2017.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>. Acesso em: 28 set. 2017.

¹⁴⁶ O uso de traços baixos se justifica pelo interesse dos projetos *FrameNet* na manipulação dos dados de *frames* no ambiente computacional.

As construções textuais mobilizadoras do *frame* Racismo aqui consideradas são as expressões referenciais e as predicções verbais. As predicções adjetivas foram incluídas nos processos referenciais realizados por expressões referenciais (cf. FERRARI, 2018), como “*a campanha de apoio a Daniel e de denúncia ao racismo, promovida por Neymar*” (texto 3).

Desse modo, esses construtores de referência serviram de unidade de contagem das mobilizações do *frame* Racismo: cada ocorrência de forma textual mobilizadora do *frame* Racismo corresponde na apresentação dos dados, a uma ocorrência de mobilização do *frame* (MORATO *et al.*, 2017).

Foram utilizadas as seguintes convenções na identificação e na apresentação das expressões referenciais e das predicções verbais, para os fins deste trabalho:

- Na apresentação dos quadros de expressões referenciais, as aspas indicam que a expressão é atribuída, no texto, a um enunciador diferente do autor, por meio de citação direta, por exemplo. Nesse caso, o enunciador-fonte é identificado entre parênteses;
- Para os fins desta tese, as predicções nominais em que o verbo de ligação é seguido de adjetivo (como em “A comparação entre negros e macacos *é racista em sua essência*” (T3) foram contabilizadas como predicções verbais por serem introduzidas por verbos, ainda que sejam de ligação;
- As predicções nominais, que introduzem expressões nominais, por meio do uso de verbo de ligação (BASSETO, 2008; FERRARI, 2018) foram excluídas porque suas (re)categorizações foram contadas como expressões referenciais, como em “*É o começo da reação*”;
- As orações relativas foram contadas como predicções verbais (KOCH, 2004);
- Formas verbais infinitivas, embora possam também ser consideradas predicções verbais nominalizadas, foram contabilizadas como expressões referenciais;
- No caso de haver uma oração relativa encaixada em outra, as duas foram contadas como predicções verbais (introduzidas, nesse caso, pela conjunção “que”, por exemplo);
- As categorizações negadas foram excluídas das contabilizações de categorizações, por não serem realizadas pelo enunciador-autor (por serem negadas por este);
- Os quadros do decorrer do texto apresentam apenas as construções textuais principais. O levantamento completo dessas construções pode ser consultado no Apêndice desta tese.

- Duas predicções adjetivas adjuntas foram tomadas como fazendo parte da mesma expressão referencial, como em “o ódio racial, velado ou não” (T10);
- Uma sequência de predicções verbais diretamente unidas por conectivo de adição foi tomada como uma predicção única, como em “[o jogador] *descasca e a enfia na boca*” (T10).

Consta a seguir a descrição adotada do *frame* Racismo, em que apresentamos seus EFs nucleares e não nucleares. O *frame* Racismo pode ser mobilizado por meio de outras semioses, não verbais, como ocorre nas publicações de NJ, em que este aparece segurando uma banana, numa postagem em rede social. Essa imagem, como vimos no capítulo III, ativa o *frame* Racismo porque ativa a associação entre negros e macacos. No entanto, focalizamos aqui apenas as mobilizações do *frame* Racismo realizadas por construtores linguístico-textuais, embora, nas análises, não tenhamos deixado de considerar o papel das imagens que acompanham os textos analisados.

5.2.2. Delineamento do *frame* Racismo

O *frame* ligado à categoria de racismo consiste em um construto sociocognitivo que corresponde aos sentidos de um processo social, o racismo. Assim, ele é amparado em práticas sociais, dentre as quais estão as práticas textuais/discursivas (cf. BENTES & FERRARI, 2011; MIRANDA & BERNARDO, 2013; LIMA, 2014). O histórico das noções de raça e de racismo anteriormente resumido traz, a nosso ver, três elementos representacionais fundamentais para uma definição do *frame* Racismo aqui adotada como ponto de partida para a análise de sua mobilização:

- (i) A racialização de (determinados) grupos humanos com base em características físicas (diferenciação em raças, principalmente a partir da cor da pele);
- (ii) A pressuposição de características sociais (culturais, comportamentais, psicológicas) a partir das características físicas de (determinados) grupos humanos;
- (iii) A dominação e a opressão de grupos raciais desvalorizados baseadas em desigualdade social e discriminação racial, que privilegia os grupos raciais valorizados por não sofrerem esses processos.

Não encontramos o *frame* Racismo ou equivalente nos dados disponíveis nos projetos *FrameNet* e *FrameNet Brasil*. Por isso, descrevemos o *frame* Racismo tendo como pontos de partida as principais formulações de estudos sócio-históricos sobre racismo, bem como estudos dos usos linguísticos da categoria “racismo”, discutidos no capítulo I. Considerando que a categoria “racismo” aqui utilizada é de origem latina, também realizamos, como ponto de partida, a consulta a dicionários em língua portuguesa, inglesa, francesa e espanhola. Também consultamos o dicionário de língua inglesa, por sua relevância ocidental (ver Anexos). O dicionário de língua portuguesa consultado foi o Michaelis¹⁴⁷ *online*, de modo a acessar registros institucionalizados mais atuais dos sentidos atribuídos ao item lexical “racismo”. A consulta a dicionários em línguas europeias certificou-nos de que a maioria deles define o racismo de forma parecida com as definições oferecidas pelo dicionário *online* Michaelis, quais sejam:

racismo
ra·cis·mo
sm
1 Teoria ou crença que estabelece uma hierarquia entre as raças (etnias).
2 Doutrina que fundamenta o direito de uma raça, vista como pura e superior, de dominar outras.
3 Preconceito exagerado contra pessoas pertencentes a uma raça (etnia) diferente, geralmente considerada inferior.
4 Atitude hostil em relação a certas categorias de indivíduos.
ETIMOLOGIA
der de *raça*+*ismo*, como *fr racisme*.¹⁴⁸

De fato, o sentido de dominação, de racialização e de hierarquização está presente em quase todas as acepções do item lexical “racismo” nesse verbete e nos outros de outras línguas ocidentais/europeias (ver Anexos), mas não a relação entre características físicas, bem como o sofrimento sofrido pelas pessoas negras em decorrência do racismo, por exemplo. Entendemos que isso se deve à própria naturalização (DICK & WIRTZ, 2011) das pressuposições, indicialidades e inferenciações culturais envolvidas na observação das características físicas/sociais marcadoras das vítimas do racismo.

A definição adotada do *frame* Racismo precisou prever, por exemplo, em sua definição o EF Grupos_racializados¹⁴⁹ instaurável pela construção referencial de grupos racializados que apresentam, entre si, relações de dominação e de hierarquização e que são produto dos processos sócio-simbólicos de racialização, realizada a partir de algum critério

¹⁴⁷ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 17 fev. 2019.

¹⁴⁸ Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/racismo/>. Acesso em 15 jul. 2017.

¹⁴⁹ Sobre a formalização da nomeação de *frames*, ver o capítulo de Metodologia.

mais ou menos estável. Por essa razão, identificamos, na definição desse *frame*, os EFs de Características físicas atribuídas aos Grupos_racializados.

A leitura dos verbetes (ver Anexo) também aponta os *loci* de expressão do racismo, os quais também discutimos no capítulo I sócio-histórico:

- (i) Nas práticas sociais cotidianas mais locais (como evocadas pelas categorias de “atitude”, “intolerance”, “discrimination”, “persecución”, “comportement”, “hostilité”, “discriminación”, “exacerbación”) que envolvem:
- (ii) Construções simbólicas/sociocognitivas (evocadas pelas categorias “preconceito”, “idea”, por exemplo), que, por sua vez, podem ser legitimadas por:
- (iii) Práticas sociais mais amplas e institucionalizadas (evocadas pelas categorias “doutrina”, “teoria”, “crença”, “hierarquia”, “direito”, “ideologia”, “croyance”, “idéologie”, “hiérarchie”, “belief”, “doctrine”, “policy”, “system”, “doctrina”, por exemplo).

Esses aspectos estão altamente inter-relacionados, uma vez que as práticas sociais, que podem ser consideradas mais amplas ou mais gerais, são inerentemente simbólicas e as práticas simbólicas, que podem ser consideradas mais locais ou mais específicas, são inerentemente sociais. As formas de expressão, localização ou identificação do racismo (expressas por ações ou eventos ou identificadas em processos sociais amplos) são, a nosso ver, os elementos e as propriedades menos estáveis, no sentido de mais variáveis, do *frame* Racismo. Assim, essas formas de expressão não estão previstas na forma de EFs nucleares e sim no rol de EFs não nucleares, conforme podemos observar na descrição no quadro a seguir. Entendemos que esses elementos são menos estáveis porque mudaram historicamente e variam atualmente (como o EF Contexto_racismo, conforme o quadro 6), o que pode ou não ser observado no *corpus* em questão. Trata-se dos EFs de ação e expressão linguística ou identificação do racismo e dos agentes nele envolvidos e dos EFs de identificação simbólica do racismo e de suas vítimas (Construto_racista, Racismo_argumento e Discussão_sobre_o_racismo, por exemplo, conforme o quadro 6).

Na descrição construída a seguir do *frame* Racismo, os EFs nucleares foram estabelecidos na Definição do *frame*, isso porque, segundo Fillmore & Baker (2011), os EFs nucleares são aqueles obrigatoriamente expressos na evocação do *frame*. Os EFs não centrais ou não nucleares são os que não foram estabelecidos pela Definição central do *frame*, sendo

potencialmente emergentes (cf. FILLMORE & BAKER, 2011). No entanto, “em alguns casos conceitos centrais de um *frame* não precisam ser expressos” linguisticamente (FILLMORE & BAKER, 2011, p. 325)¹⁵⁰. Com isso, os autores indicam que, no uso da linguagem, os EFs nucleares podem deixar de sê-lo e outros podem vir a ocupar o seu lugar de centralidade, de forma mais situada e local ou de forma mais ampla.

Vale assinalar que a evocação do *frame*, conforme veremos, não implica necessariamente o alinhamento a ele – o que permite que haja processos como adesão ou rejeição do *frame* evocado, como vimos no capítulo anterior (IV). No entanto, conforme a formalização adotada pelos projetos *FrameNet*, a linguagem da descrição do *frame* é construída a partir do ponto de vista de um enunciador alinhado às construções sociocognitivas (tomadas como) realizadas por esse *frame*, conforme vemos na descrição a seguir adotada do *frame* Racismo:

Quadro 6 Descrição do *frame* Racismo

Frame Racismo	
Definição	Entre os Seres humanos há pelo menos dois Grupos racializados estabelecidos a partir de suas Características Físicas. As Características físicas (morfofenotípicas) determinam Características culturais (comportamento, psique, cultura, linguagem etc.) de forma que há uma dominação do Grupo racial desvalorizado , com características inferiores (negativamente valoradas, rejeitadas), pelo Grupo racial valorizado , com características superiores (positivamente valorizadas, prestigiadas). Este <i>frame</i> tende a ser mais incorporado pelos membros do Grupo racial valorizado .
EFs nucleares	Grupo racializado: grupo humano que compartilha Características físicas e Comportamentais em decorrência das quais são Valorizados ou Desvalorizados e, no caso destes, frequentemente vítimas de violência simbólica, física. Características: aspectos ou Características físicas ou Culturais utilizadas para a classificação da Pessoa em um Grupo racial valorizado ou desvalorizado e sua decorrente violência simbólica, física ou não. Os EFs nucleares, por sua relevância no <i>frame</i> Racismo, podem ser destacados de modo a formar o subframe Diferenciação racial, que se centra mais no sentido de racialização propriamente dito do que de racismo.
EFs não nucleares	Contexto do racismo: Evento, Processo, Ação ou conjunto de Eventos, Processos ou Ações que podem ser evocados para explicar ou contextualizar o Racismo em um de seus aspectos (mental, histórico, social etc.). Na evocação do <i>frame</i> Racismo, quando a questão focalizada são as formas de manifestação, o EF Expressão pode ser evocado: trata-se do Modo de manifestação do Evento Racismo (por meio da linguagem, da estrutura jurídica ou de ações individuais etc.). Construto racista: construção, ação ou evento simbólico qualificado de <i>racista</i> . Exemplo não verbal: uso da imagem da banana como metonímia de macaco e uso da imagem do macaco como metáfora de pessoa negra. Racismo argumento: trata-se das justificativas utilizadas para o Evento ou

¹⁵⁰ “FEs that are obligatorily expressed should belong to the core – but in some cases central concepts of a frame do not need to be expressed”.

qualificação apontada como Racismo. Pode evocar o EF Contexto_do_racismo. Nesse caso, construções causativas, exemplificativas e/ou explicativas podem ser realizadas. Exemplo: “O racismo existe hoje *por causa da escravidão no período colonial*”.

Discussão_sobre_racismo: situação comunicativa em que se discute o racismo, seus contornos históricos e implicações.

- Quando o foco é a manifestação do racismo por meio da linguagem, os EFs seguintes podem ser evocados:

Racismo_entidade: EF preenchido por forma linguística referencial que evoca o *frame* Racismo. A expressão mais esperada é “racismo”; no entanto, outras formas podem ser usadas, como “preconceito [racial]”, “discriminação [racial]”, “injúria racial”, “dominação [racial]”, “superioridade [racial]” etc.

Racismo_entidade_atributo: definição ou qualificação do referente expresso linguisticamente pelo EF Racismo_entidade.

- Quando o foco são as ações individuais ou interpessoais, os EFs são perspectivados pelo *frame* Agir_intencionalmente¹⁵¹:

Agente_do_racismo: Pessoa ou entidade personificada que *exerce* racismo (nesse caso, tomado como uma Ação).

Racismo: Ação, Evento ou prática de um Agente por meio da qual o racismo se realiza.

Vítima_do_racismo: Pessoa ou entidade personificada que sofre o racismo.

Reação_ao_racismo: comportamento ou atitude de uma Pessoa ou entidade personificada frente ao Evento_racista ou Racismo.

Ação_contra_o_racismo: prática, política ou proposta de ação antirracista que, de forma mais direta ou indireta, colabora para a igualdade racial e a diminuição ou o fim do racismo.

Agente e Reagente_ao_racismo: pessoa, coletividade ou instituição que se apresenta em resposta ou pelo fim/diminuição do racismo.

Especificamos a seguir construtores de referências que podem mobilizar esse *frame* em um texto:

- Formas referenciais (nominais). Exemplos: “racismo”, “discriminação”, “macaco” etc.
- Formas verbais nominalizadas. Exemplo: “chamar alguém de ‘preto feio’”.
- Predicações nominais realizadas por adjetivos (exemplo: “pessoa *racista*”) ou por nomes (exemplo: “Meu amigo *é uma pessoa preconceituosa contra os colombianos*”);
- Predicações verbais (exemplo: “O Brasil *mata preto todo dia*”).

Conforme veremos a seguir, será de relevância na análise do *corpus* a emergência de determinada forma do *frame* Racismo. Na verdade, trata-se da saliência de determinados EFs relacionados de tal forma que podemos, para os fins desta tese, identificar como um *subframe* do *frame* Racismo. Vejamos o exemplo a seguir.

Para exemplificar a identificação da mobilização textual de *frames*, observemos o enunciado a seguir:

¹⁵¹ *Frame* descrito pelo projeto FrameNet Brasil: Frame abstrato que trata de Ações realizadas por Seres_conscientes. (<http://webtool.framenetbr.ufjf.br/index.php/fnbr/report/frame/main>)

(17)

Em 2016, policiais mataram 963 pessoas brancas e mais de 3.000 negras.¹⁵²

Temos, nesse caso, a mobilização do *frame* Racismo porque:

- (a) A referência a “pessoas brancas” e a “[pessoas] negras” evoca os EFs centrais Grupos_racializados; até aqui, podemos pensar em um *subframe* de racialização: Diferenciação_racial.
- (b) O uso dos numerais “963” e “mais de 3.000” e a distância quantitativa entre eles indica uma comparação quantitativa de pessoas (mortas por policiais) que evoca uma desigualdade entre Grupos_racializados: um Grupo_racial_valorizado e um Grupo_racial_desvalorizado ou inferiorizado e, portanto, o *frame* Racismo e o enquadramento deste Grupo também como Vítima_do_racismo.

Nesse sentido, o *subframe* Diferenciação_racial consiste na ênfase da construção sociocognitiva de racialização, por meio da focalização da distinção entre Grupos_racializados, conforme definição a seguir. Esse *subframe* será relevante para a discussão dos dados nos próximos capítulos.

<i>Subframe</i> Diferenciação_racial	
Definição	Entre os Seres_humanos há pelo menos dois Grupos_racializados estabelecidos a partir de suas Características_Físicas . As Características_físicas (morfofenotípicas) determinam Características_culturais (comportamento, psique, cultura, linguagem etc.).

Assim, temos que:

- (c) O referente “963 pessoas brancas” preenche o EF Grupo_racial_valorizado;
- (d) O referente “mais de 3.000 negras” preenche os EFs Grupo_racial_desvalorizado e Vítima_do_racismo;
- (e) O referente “policiais” preenche sociocognitivamente o EF Agente_do_racismo;
- (f) A predicação verbal “mataram 963 pessoas brancas e mais de 3.000 negras” estabelece relações entre os referentes e entre os EFs que estes preenchem: o Agente_do_racismo exerce a ação de matar em uma quantidade maior o Grupo_racial_desvalorizado do que o Grupo_racial_valorizado.

¹⁵² Adaptado de enunciado presente em notícia disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/numero-de-negros-mortos-por-policiais-e-o-triplo-do-de-brancos/>. Acesso em 15 jul. 2017.

A predicação agentiva, nesse sentido, não apenas atribui a prática (e, eventualmente, a responsabilidade e a intencionalidade) de matar pessoas ao referente “policiais” como também constrói a comparação (marcada pelo paralelismo de adjetivos “brancas”/ “negras” e pela conjunção “e”) entre a quantidade de pessoas brancas e a quantidade de pessoas negras mortas pela polícia no ano de 2016. Outros *frames* são ativados por essa construção, como o *frame* Matar, bem como conhecimentos mais perspectivados e mais ou menos relevantes sobre as formas de atuação da polícia, mas o interesse desta exemplificação gira em torno da mobilização textual do *frame* Racismo.

Considerando que a análise da mobilização de *frames* no texto é realizada nesta tese tendo como categorias textuais de análise as construções textuais e, considerando também que o texto é, como vimos, construído por ações de progressão e de retroação, as construções referenciais e a dinâmica de *frames* analisada emergem ancoradas em co(n)textos, informações e conhecimentos acessíveis anterior ou posteriormente no texto (KOCH, 2002), entendido como evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, textuais e sociais (BEAUGRANDE, 1997).

Capítulo VI – Construções intertextuais da *hashtag* #SomosTodosMacacos e mobilizações do *frame* Racismo no *corpus*

“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
 Que nem devia tá aqui
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
 Alvos passeando por aí
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
 É roubar o pouco de bom que vivi
 Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir”
 (Letra da canção *AmarElo*, Emicida)

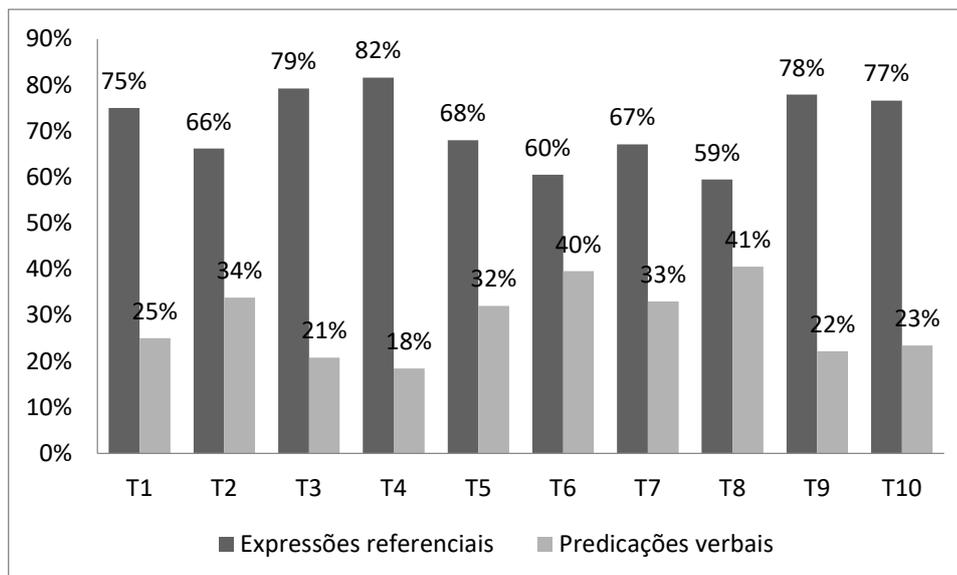
Neste capítulo, apresentamos a análise de cada texto do *corpus*, procurando apresentar a construção de características dos textos que indiciam um antirracismo mais igualitarista ou mais diferencialista. Na análise de cada texto, apresentamos, em uma primeira seção, o papel das formas intertextuais e de construções textuais, e, em uma segunda seção, o papel da mobilização textual do *frame* Racismo na construção do sentido do intertexto “Somos todos macacos” e de características que indiciam textualmente o igualitarismo ou o diferencialismo do texto.

Antes de apresentarmos a análise de cada texto, é necessário adiantar uma característica em comum entre eles. Em termos linguístico-textuais, mostraremos, nas análises de cada texto, que a mobilização do *frame* Racismo no *corpus* converge para a representação do racismo mais por meio de expressões referenciais (que (re)ativam referentes e evocam propriedades e relações entre eles) do que por meio de predicções verbais (que explicitam essas relações e propriedades) (cf. SOUZA & GONÇALVES, 2017; FERRARI, 2018).

Essa tendência de mobilização do *frame* pode ser identificada, conforme o gráfico a seguir, na predominância de expressões referenciais (média de 71% da soma das expressões referenciais e das predicções verbais) comparativamente à presença de predicções verbais nas principais cadeias referenciais (média de 29%) na mobilização do *frame* Racismo¹⁵³:

¹⁵³ Os valores absolutos estão disponíveis no Apêndice.

Figura 13 Índices de expressões referenciais e de predicções verbais em cada texto do *corpus*



Discutiremos melhor esses dados no próximo capítulo, junto com outras generalizações e discussões sobre a análise do *corpus*. Por ora, podemos entender, a partir dos dados acima, que, em cada texto, as informações novas apresentadas na progressão textual tendem a ser realizadas mais por meio da (re)introdução de referentes do que por meio de predicções verbais nas principais cadeias referenciais.

Como vimos, a publicação dos artigos de opinião que compõem o *corpus* foi motivada contextualmente pelas seguintes ações e eventos mais relevantes:

- Contexto 1: o ato racista de torcedores do Villarreal ao jogarem bananas contra DA na partida de futebol de 27 de abril de 2014 na Espanha, quando este jogava pelo Barcelona.
- Contexto 2: a ação de DA de comer uma das bananas jogadas, entendida predominantemente como uma resposta ao ato racista sofrido por ele na mesma partida de futebol.
- Contexto 3: as postagens de NJ, também jogador pelo Barcelona, na época, por meio das quais publica a *hashtag* #SomosTodosMacacos responsivamente às ações e eventos apontados nos contextos 1 e 2 acima.
- Contexto 4: a venda das camisas da grife de LH com a *hashtag* #SomosTodosMacacos.

Por meio da análise das formas intertextuais, teremos indícios textuais de interpretações do intertexto #SomosTodosMacacos. Essas interpretações estão mais ou menos ligadas ao não racismo igualitarista ou diferencialista. Por meio da análise das mobilizações

textuais do *frame* Racismo, por sua vez, poderemos ter indícios da representação sociocognitiva do racismo.

As formas intertextuais esperadas nos artigos de opinião são, a nosso ver, indícios de (des)alinhamentos à *hashtag* #SomosTodosMacacos e ao não racismo. Temos as seguintes correspondências esperadas entre elas, (des)alinhamentos à *hashtag* #SomosTodosMacacos e os tipos de não racismo, pautados na discussão que fizemos no capítulo II sobre os tipos de antirracismo, no capítulo III sobre os sentidos da *hashtag* #SomosTodosMacacos e no capítulo IV sobre as funções textuais das formas intertextuais:

Quadro 7 Relação entre (des)alinhamentos e formas intertextuais associadas ao igualitarismo e ao diferencialismo

Não racismo	(Des)alinhamento à <i>hashtag</i>	Formas intertextuais esperadas	Exemplos
Igualitarista	Alinhamento	Retomada	“Somos todos macacos”
		Citação	“a <i>hashtag</i> #SomosTodosMacacos”
		<i>Détournement</i>	“Somos todos humanos”, “somos todos iguais”
		Alusão	“Diferentes tipos de bananas”
Diferencialista	Desalinhamento	<i>Détournement</i>	“Somos todos macacos coisa nenhuma”
		Citação	“a <i>hashtag</i> #SomosTodosMacacos”
		Alusão	“A banana de dinamite”

A forma intertextual, por si mesma, não indica diretamente um alinhamento ou desalinhamento à *hashtag* #SomosTodosMacacos e determinado tipo de não racismo. Seu sentido depende das outras construções de sentido do texto, principalmente no caso das citações e das alusões. Por isso, essa ponderação será levada em consideração nas análises.

Apenas para efeito de exemplificação do que apresenta o quadro 7, temos que, no caso de alinhamento ao sentido ou ao *frame* de igualdade social (*frame* definido mais adiante), temos que os tipos de formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos” podem assumir a forma de:

- a) Retomada do intertexto (como na forma intertextual “Somos todos macacos”), no caso de incorporar o sentido de igualdade. A evocação do sentido de igualdade, nesse caso, pode ser realizada a partir da mobilização do compartilhamento de uma mesma origem evolutiva dos seres humanos (“todos viemos dos macacos”) (evocação do *frame* de evolucionismo), como vimos, e/ou pela evocação do sentido de solidariedade a vítimas da ofensa racista (*somos todos macacos*, a partir da construção figurativa de que temos empatia por quem sofre com o insulto de macaco);
- b) *Détournement* do intertexto “Somos todos macacos”, incorporando o sentido de igualdade, ainda que, diferentemente da retomada, haja alteração da forma do

intertexto: por exemplo, “Somos todos humanos” ou “Somos todos iguais”. No primeiro caso, o sentido ou *frame* de igualdade é evocado a partir da construção do pertencimento ao gênero humano. Pode ser acompanhado ou não de outras formas de *détournement*, que indicariam de maneira mais explícita o alinhamento ao sentido ou *frame* de igualdade social, como a construção negativa: “*Não somos todos macacos, somos todos humanos*”;

- c) Outros tipos de formas intertextuais (como citação e alusão, conforme o quadro acima) que, com a colaboração de construções contextuais, indicam o alinhamento ao sentido ou *frame* de igualdade social.

Os tipos de usos de formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos” e que se desalinham ao sentido ou *frame* de igualdade social (e possivelmente se alinham ao de diferenciação racial) podem assumir a forma de:

- d) *Détournement* do intertexto “Somos todos macacos”, como em “*Não somos todos macacos*”. Nesse caso, a igualdade social pode ser rejeitada e o sentido ou *frame* de diferenciação racial pode ser incorporado com a colaboração de outras construções textuais.
- e) Outros tipos de formas intertextuais (como citação e alusão, conforme quadro acima) que, com a colaboração de outras construções textuais, indicam o desalinhamento ao sentido ou *frame* de igualdade social.

A pressuposição, no caso das formas intertextuais que indicam desalinhamento ao sentido de igualdade social, seria a de que o intertexto “Somos todos macacos” se alinharia a esse sentido, e, assim, a forma intertextual, que consistiria principalmente no *détournement*, rejeitaria esse intertexto e o sentido ou *frame* de igualdade social a ele atribuído. Assim, determinadas formas intertextuais, como vemos, podem ser indícios de determinadas formas de não racismo no *corpus*.

Organizamos, a seguir, as ações textuais-sociocognitivas (saliência, adesão ou rejeição) em relação (sub)frames e EFs do *frame* Racismo indicadas pelas formas intertextuais, conforme vimos acima.

Quadro 8 Ações textuais-sociocognitivas em relação a EFs do *frame* Racismo e a *frames* associados no *corpus*

Não racismo	Ações textuais possíveis em relação a EFs do <i>frame</i> Racismo	Em relação a <i>frames</i> ou <i>subframe</i>
Igualitarista	<ul style="list-style-type: none"> • Adesão ao EF Reação_ao_racismo; • Saliência do EF Racismo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Adesão ao <i>frame</i> Igualdade_social; • Adesão ao <i>frame</i> Evolucionismo; • Adesão ao <i>frame</i> Piada.
Diferencialista	<ul style="list-style-type: none"> • Saliência dos EFs Racismo, Evento_racista, Agente_do_racismo e Vítima_do_racismo; • Adesão ao EF Ação_contra_o_racismo; • Rejeição ao EF Construto_racista; • Rejeição ao EF Reação_ao_racismo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Adesão ao <i>subframe</i> Diferenciação_racial do <i>frame</i> Racismo.

A seguir, constam as definições breves dos *frames* Igualdade_social, Evolucionismo e Piada:

Quadro 9 Definição de *frames* relevantes no *corpus*

<i>Frames</i>	Definição
Igualdade_social ¹⁵⁴	Grupos_sociais possuem os mesmos Direitos e Deveres perante a Lei e as mesmas Condições_de_aceso a Bens e Serviços da sociedade em que vivem, não sofrendo nenhum tipo de Discriminação.
Evolucionismo ¹⁵⁵	Espécies_ancestrais geram outras Espécies por meio das Leis_da_evolução no decorrer de um Período_de_tempo.
Piada ¹⁵⁶	Determinada Cena, Situação ou Entidade provoca Riso.

Na análise dos textos nas seções a seguir, primeiramente, apresentamos um resumo do texto em questão, seguido da análise das formas intertextuais ligadas ao intertexto

¹⁵⁴ Definição adaptada do verbete de dicionário:

“i·gual·da·de

sf

[...]

5 Identidade de condições entre os membros da mesma sociedade.

6 Qualidade que consiste em estar em conformidade com o que é justo e correto; equidade, justiça”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/igualdade/>. Acesso em 03 jul. 2019.

¹⁵⁵ Definição adaptada do verbete de dicionário:

“e·vo·lu·ci·o·nis·mo

sm

[...]

2 BIOL Teoria da evolução dos seres vivos no decorrer do tempo; transformismo.

3 FILOS Pensamento filosófico do século XIX que explica as transformações e evoluções da natureza, com todos os seres vivos e inanimados, através de uma ordem imanente, previsível e inevitável, que provoca o desenvolvimento em direção a estágios mais avançados e aperfeiçoados”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/evolucionismo/>. Acesso em 03 jul. 2019.

¹⁵⁶ Definição adaptada do *frame* Stimulus_focus (“Definition: In this frame either a Stimulus brings about a particular emotion or experience in the Experiencer or saliently fails to bring about a particular experience”). Disponível em: <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/luIndex>. Acesso em 03 jul, 2019.

#SomosTodosMacacos. Isso porque entendemos que a representação do racismo em cada texto, identificada por meio da análise das mobilizações textuais do *frame* Racismo, está ligada à forma como o texto se relaciona com o intertexto motivador #SomosTodosMacacos por meio das formas intertextuais. Embora as formas intertextuais sejam apenas o expediente mais linguisticamente marcado da relação intertextual entre os textos e o intertexto, a produtividade delas no *corpus*, geralmente no título do texto, indica a relevância delas como ações e práticas textuais/discursivas.

6.1. Texto 1: *Somos todos macacos*

No texto 1, intitulado *Somos todos macacos*, de autoria do sociólogo e cientista político Emir Sader, publicado no dia 28 de abril de 2014, no portal *Carta Maior*, o autor, após tematizar brevemente o evento de Daniel Alves comer a banana em resposta ao ato racista por ele sofrido e de Neymar publicar a *hashtag* #SomosTodosMacacos, tematiza também o histórico da colonização de povos africanos pelos europeus e da opressão sobre os imigrantes até os dias de hoje também por europeus. O autor argumenta que as ações de Daniel Alves e de Neymar são a expressão da reação contra a história de colonização e de racismo que existiram mesmo quando os países europeus viveram o chamado Estado de bem-estar social.

6.1.1. Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 1

Nesta seção, analisamos as formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos”. Assim, identificamos, no texto, uma adesão ao *frame* Igualdade_social, o que o aproxima do modelo igualitarista de anti/não racismo. No texto 1, encontramos 3 (três) formas intertextuais relacionadas ao intertexto “Somos todos macacos”, conforme o quadro 10:

Quadro 10 Formas intertextuais de “Somos todos macacos” do texto 1

Tipo de forma intertextual	Ocorrências	Total
Retomada	(1) “Somos todos macacos” (2) “[...] assumindo que ‘somos todos macacos’”	2
Citação	(3) “Neymar declarou: Somos todos macacos”	1

A adesão ao *frame* Igualdade_social, no texto 1, pode ser mais diretamente indiciado por 2 (duas) retomadas intertextuais (“Somos todos macacos” e “[...] assumindo que

‘somos todos macacos’”) do intertexto “Somos todos macacos”. Pela retomada intertextual e por meio de outras construções textuais a serem apontadas adiante, o texto se alinha ao sentido de igualdade social do intertexto “Somos todos macacos”.

Há também uma citação (“Neymar declarou: Somos todos macacos”) que, embora não indique por si mesma o alinhamento/adesão ao *frame* Igualdade_social pelo texto (principalmente porque atribui o enunciado a Neymar), também colabora com esse alinhamento, por meio de construções textuais de sentido, conforme explicaremos adiante.

Vejamos, em primeiro lugar, o caso de duas das ocorrências de formas intertextuais, que emergem próximas: a ocorrência 1 (conforme o quadro 10), que é uma retomada intertextual no título do artigo, e a ocorrência 3, a citação, que aparece na lide e no primeiro parágrafo. A forma intertextual que compõe o título do texto indica o alinhamento ao *frame* Igualdade_social por retomar o intertexto “Somos todos macacos”, que pode remeter, como vimos, ao intertexto “Somos todos iguais”. No entanto, vejamos como isso se expressa por meio da colaboração de outras construções textuais¹⁵⁷.

(18)

Título	<u>Somos todos macacos</u>
Lide	Depois da <u>enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa</u> , Daniel Alves resolveu comer a banana e <u>Neymar declarou: “Somos todos macacos”</u> .
Imagem	
§1/7	Depois da <u>enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa</u> , Daniel Alves resolveu comer a banana e <u>Neymar declarou: “Somos todos macacos”</u> . É o <u>começo da reação, que os próprios europeus parecem incapazes de fazer, contra a discriminação nos campos de futebol</u> , que é apenas a extensão da vida cotidiana em países que se consideram “brancos e civilizados”.

A citação encontrada na lide e no primeiro parágrafo (ocorrência 3 do quadro 10) e outras construções textuais indicam o alinhamento ao *frame* Igualdade_social. A “declaração” de Neymar é categorizada como parte de uma ação contra o racismo (como na nominalização “o começo da reação, que os próprios europeus parecem incapazes de fazer,

¹⁵⁷ Nos exemplos, utilizaremos as numerações dos parágrafos por meio do sinal §. Assim, no extrato 18, a notação §1/7 indica que o trecho daquela linha corresponde ao 1º do total de 7 parágrafos do texto em questão.

contra a discriminação no campo de futebol”). Nesse sentido, o texto se alinha ao sentido da *hashtag* #SomosTodosMacacos, que se liga ao *frame* Igualdade_social, como uma forma de reação ao racismo.

No exemplo a seguir, por sua vez, o *frame* Igualdade_social é mobilizado pela construção textual da distribuição realizada pelo Brasil das riquezas ou da produção nacional (referidas figurativamente pela expressão “bananas”), para além do atendimento nacional interno.

(19)

§5/7	[Os europeus] desenvolvem <u>uma campanha discriminatória contra o Brasil</u> , desenhando um país de “cobras, tigres, macacos”, além de ser, segundo o absurdo e estúpido informe do Ministério de Relações Exteriores da Alemanha, “um país de alto risco”. [...]
§6/7	Fazem por isso [<i>sic</i>] porque <u>o Brasil de hoje incomoda os adeptos do neoliberalismo, que leva a Europa a um desastre social</u> , enquanto nós – e vários outros países da América Latina – <u>crecemos e diminuimos a desigualdade e a miséria</u> . <u>Nós os incomodamos</u> porque estamos fora do Consenso de Washington, que eles tentaram impor-nos, nos causaram muitos danos, mas de que soubemos recuperar-nos e somos a região do mundo que se contrapõe aos descaminhos que a Europa assume.
§7/7	<u>Vamos recebê-los com a maior cordialidade no Mundial de Futebol. Comendo e oferecendo bananas a todos eles, assumindo que: “Somos todos macacos”.</u>

Essa construção da distribuição das riquezas brasileiras é realizada com a contribuição da retomada referencial “bananas”, que figurativamente refere as riquezas e conquistas brasileiras. A construção dessa distribuição de riquezas é indicada também pelas predicções verbais “[Nós, brasileiros] Vamos recebê-los com a maior cordialidade no Mundial de Futebol [de 2014]”, “Comendo [bananas]”, “oferecendo bananas a todos eles [os europeus]” e “assumindo que: ‘somos todos macacos’”.

Nesse sentido, a última predicção verbal, que se configura também como uma retomada do intertexto “Somos todos macacos”, recontextualiza, no sentido baumaniano de recontextualização (BAUMAN, 2004), esse intertexto por meio da assunção de que tanto os brasileiros historicamente colonizados pelos europeus quanto os próprios europeus podem usufruir das riquezas, ou melhor, do desenvolvimento socioeconômico atingido por aqueles durante a época (ano de 2014) indiciada pelo dêitico “hoje” (na recategorização “*o Brasil de hoje*” [§6/7]).

6.1.2. Mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais no texto 1

No texto 1, identificamos 60 mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais. As construções textuais identificadas (expressões referenciais e

predicações verbais) colaboram para a mobilização dos contextos mais amplos e, assim, para a contextualização das ações de DA e de NJ no decurso da construção dos referentes.

Vejam, primeiramente, o caso das expressões referenciais. No texto 1, predomina a cadeia referencial orientada e construtora do EF *Vítima_do_racismo*, seguida das cadeias orientadas e construtoras dos EFs *Agente_do_racismo* e *Racismo*, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 11 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 1 orientadas e construtoras de EFs do *frame Racismo*¹⁵⁸

Elementos do <i>frame Racismo</i>	Vítima do racismo	Agente do racismo	Racismo
Expressões referenciais:	jogadores negros	a Europa	enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa
	Daniel Alves	os próprios europeus	a discriminação nos campos de futebol
	Neymar	países que se consideram “brancos e civilizados”	a extensão da vida cotidiana em países que se consideram “brancos e civilizados”
	negros	A Europa “civilizada”	a escravidão
	“bárbaros”	a Europa “civilizada”	seu corolário [da escravidão]
	Animais	A França “emancipada” por sua revolução	dominação colonial
	Escravos	a Europa “civilizada”	a escravidão que essa mesma Europa praticava
	os imigrantes	Europa “civilizada”	abandono
	o Brasil	Ministério de Relações Exteriores da Alemanha	O racismo
	um país de “cobras, tigres, macacos”	os adeptos do neoliberalismo	O racismo
	“um país de alto risco”	a Europa	uma campanha discriminatória contra o Brasil
Total	17	14	14
		45	

Vale lembrar que, embora as expressões que compõem uma cadeia referencial adotem determinado ponto de vista e colaborem para a construção da orientação argumentativa do texto (KOCH, 2004), elas exigem do leitor estratégias inferenciais que o guiem na construção dos referentes por meio da mobilização do *frame Racismo* por essas expressões. Assim, as expressões referenciais tendem a implicitar as relações sociocognitivas (cf. SOUZA & GONÇALVES, 2017) organizadas na forma de *frames*, por exemplo, que

¹⁵⁸ Para ver a totalidade das expressões referenciais concernentes ao texto 1 e aos outros textos, conferir o Apêndice desta tese.

subjazem a essas expressões referenciais. Essas relações, nas cadeias acima apresentadas, são as relações entre os EFs inter-relacionados pelo *frame* Racismo.

O desenvolvimento mais produtivo das cadeias referenciais apresentadas ligadas a determinados EFs do *frame* Racismo indicam as relações sociocognitivas que se estabelecem entre essas cadeias referenciais. Nesse sentido, a saliência desses EFs (n=17) indica a construção predominante do racismo por meio da ênfase dada às vítimas deste. Ao mesmo tempo, as expressões referenciais que preenchem esse EF indicam o contexto do futebol (“jogadores negros”, “Neymar”) e outros contextos, como o colonialista (“as populações nativas”, “Africanos”, “Animais”, “Escravos”), o da imigração para a Europa (“milhões de pessoas”, “os imigrantes”) e o imperialismo (“o Brasil”, “um país de ‘cobras, tigres, macacos””, “um país de alto risco””, “o Brasil”, “vários outros países da América Latina”, “a região do mundo que se contrapõe aos descaminhos que a Europa assume”).

Enfim, as expressões referenciais que são orientadas e que constroem/preenchem o EF Vítima_do_racismo no texto 1 indicam relações sociopolíticas historicamente forjadas que reverberam em ações mais situadas. O racismo, nesse sentido, teria como *locus* não apenas as ações mais situadas (ato de ofensa racista no futebol, por exemplo) como também relações sociopolíticas históricas mais amplas. Além disso, é importante notar a variedade de categorias humanas que preenchem o EF Vítima_do_racismo. No texto 1, 9 entre as 17 expressões referenciais evocadoras/orientadas pelo EF Vítima_do_racismo são utilizadas no texto em relação a referentes humanos negros/africanos, o que indica que o texto tende a conceber o racismo como também voltado para a categoria dos estrangeiros (xenofobia) ou dos países pobres, em desenvolvimento ou historicamente colonizados, sendo assim, uma desigualdade socioeconômica entre as nações, não propriamente racial, o que está em acordo com os sentidos evocados pelas expressões referenciais acima mencionados de relações sociopolíticas historicamente forjadas, que reverberam interações mais situadas (as propriamente racistas), como as que ocorreram entre a torcida espanhola e DA em 27 de abril de 2014.

Em relação às predicções verbais presentes no texto 1, elas atribuem propriedades, ações, atitudes e/ou pontos de vista aos referentes e categorizações, colaborando fortemente com a construção do sentido desses referentes predicados, como em “A Europa ‘civilizada’ *se enriqueceu às custas da escravidão* [...]”, e para a própria orientação argumentativa do texto. As predicções verbais identificadas em relação às principais cadeias referenciais ligadas a EFs do *frame* Racismo são as seguintes:

Quadro 12 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do *frame* Racismo no texto 1

Elemento de <i>frame</i> relativo ao referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal	Ocorrências
Agente do racismo	-	jogaram bananas contra jogadores negros na Europa	9
	Os próprios europeus	parecem incapazes de fazer (uma reação contra a discriminação nos campos de futebol)	
	Países	se consideram “brancos e civilizados”	
	A Europa “civilizada”	se enriqueceu às custas da escravidão e do seu corolário – a discriminação e a redução dos negros a “bárbaros”	
	[A Europa “civilizada”]	Vieram com a cruz e a espada a “civilizar-nos”, isto é, destruir as populações nativas e submete-las ao jugo da dominação colonial	
	[A Europa “civilizada”]	Tiraram milhões de africanos do seu mundo para trazê-los como animais a trabalhar como escravos para explorar as riquezas daqui e enviá-las para enriquecer a Europa “civilizada”	
	essa mesma Europa	Praticava [a escravidão]	
Racismo	o racismo	mostra toda sua força	3
	o racismo	aparece nos também nos campos de futebol	
	[o racismo]	sem que gere indignação na Europa “civilizada”	
Vítima do racismo	Daniel Alves	resolveu comer a banana	3
	Neymar	declarou: Somos todos macacos	
	os imigrantes	foram trabalhar em condições degradantes quando suas economias os necessitavam	
Total:			15

Como podemos notar, embora a cadeia referencial mais desenvolvida por expressões referenciais, como vimos no quadro 11, seja a que corresponde ao EF *Vítima_do_racismo*, as predicções verbais são realizadas principalmente em relação à cadeia correspondente ao EF *Agente_do_racismo* (conforme podemos ver no quadro acima), o que indica uma maior recorrência de construção textual de informações (tomadas como) novas relacionadas a esses agentes do racismo, os racistas.

O que observamos é que algumas predicções verbais, como “Daniel Alves resolveu comer a banana” e “Neymar declarou: *Somos todos macacos*”, que predicam referentes ligados ao EF *Vítima_do_racismo*, indicam o sentido de reação ao racismo, o que evoca o EF *Reação_a_racismo*. Assim, embora os referentes predicados, Daniel Alves e Neymar, correspondam ao EF *Vítima_do_racismo*, eles são apresentados como reagentes a ele, o racismo, por meio das predicções verbais.

No exemplo a seguir, notamos também, por meio da mobilização do *frame* *Racismo*, a construção de uma relação entre racismo e outras desigualdades sociais:

(20)

§1/7 Depois da enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa, Daniel Alves resolveu comer a banana e Neymar declarou: “Somos todos macacos”. É o começo da reação, que os próprios europeus parecem incapazes de fazer, contra a discriminação nos campos de futebol, que é apenas a extensão da vida cotidiana em países que se consideram “brancos e civilizados”.

§2/7 A Europa “civilizada” se enriqueceu às custas da escravidão e do seu corolário – a discriminação e a redução dos negros a “bárbaros”. [...]

[...]

§4/7 Séculos depois, quando a Europa “civilizada” termina com seu Estado de bem estar social e joga no abandono a milhões de pessoas – antes de tudo os imigrantes, que foram trabalhar em condições degradantes quando suas economias os necessitavam -, o racismo mostra toda sua força. Os partidos de extrema direita são os que mais se fortalecem, ao mesmo tempo que o racismo aparece nos [sic] também nos campos de futebol, sem que gere indignação na Europa “civilizada”.

As construções textuais do exemplo acima constroem o racismo como proporcional ao aumento da desigualdade social, como nas predicções verbais “o racismo mostra toda a sua força” e “aparece também nos campos de futebol”, que expressam processos que ocorrem diante do aumento de indicadores de desigualdade social (fim do Estado de bem estar social, “abandono a milhões de pessoas – antes de tudo os imigrantes”, com condições de trabalho precárias etc.).

As predicções verbais colaboram, assim, para a contextualização do racismo, indicando a tomada dele como fortemente relacionado às situações de desigualdade social.

Essa construção do racismo colabora para entender a categoria dos povos historicamente colonizados e dos imigrantes (enfim, de não europeus) como parte do EF *Vítima_do_racismo*. As predicções verbais no extrato acima indicam também o escopo de ação do racismo: as relações desiguais e hierarquizadas entre povos historicamente colonizadores, de um lado, e historicamente colonizados ou não europeus, de outro, como nas seguintes predicções verbais de referentes ligados à cadeia referencial construtora e guiada pelo EF *Agente_do_racismo*: “A Europa ‘civilizada’ *se enriqueceu às custas da escravidão e do seu corolário – a discriminação e a redução dos negros a ‘bárbaros’*” e “joga no abandono a milhões de pessoas – antes de tudo os imigrantes [...]”.

6.2. Texto 2: #Somos Todos Macacos Coisa Nenhuma

No texto 2 (T2), do jornalista Marcos Sacramento, intitulado *#Somos todos macacos coisa nenhuma*, publicado no portal *Diário do Centro do Mundo* no dia 28 de abril de 2014, após tematizar a ação da torcida contra DA, a ação deste e a postagem de NJ, o autor se posiciona criticamente à *hashtag* #SomosTodosMacacos. Para o autor, o ato de DA foi espontâneo e irreverente, enquanto que a postagem de NJ foi superficial, por não se aprofundar em uma discussão sobre o racismo.

6.2.1. Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 2

No texto 2, há a construção textual da rejeição ao *frame* *Igualdade_social* e da adesão a um construto sociocognitivo de diferenciação racial, formado pela mobilização do *frame* *Racismo*, mas particularmente a relação entre *Grupos_racializados*. Entendemos que se trata do *subframe* *Diferenciação_racial* do *frame* *Racismo*, definido anteriormente. Identificamos também a rejeição ao EF *Construto_racista*. Essas características do texto o aproximam do antirracismo diferencialista. Identificamos esses elementos no texto 2 por meio da análise das formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos” e de outras construções textuais. No texto 2, encontramos 5 (cinco) formas intertextuais relacionadas ao intertexto “Somos todos macacos” (*détournements* e citações):

Quadro 13 Formas intertextuais de “Somos todos macacos” do texto 2

Forma intertextual	Ocorrências	Total
<i>Détournement</i>	(1) “#Somos Todos Macacos Coisa Nenhuma”	2
Citação	(2) “[...] nós, negros e pardos, não somos e nem gostamos de ser chamados de macacos” (3) “a hashtag ‘somostodosmacacos’” (4) “Admitir que ‘somos todos macacos’” (5) “como eles dizem, ‘somos todos macacos’”	3

O alinhamento ao *subframe* Diferenciação_racial no texto 2 é indicado pela presença de ocorrências de *détournements*, conforme notamos no quadro acima (que indicam também a rejeição da utilização de construtos racistas em reações ao racismo), e por citações que, embora não indiquem *per se* o desalinhamento ao sentido de igualdade social, são acompanhadas de construções que o fazem colaborativamente, como veremos mais adiante.

Vejamos primeiramente a identificação da rejeição ao EF Construto_racista por meio da construção textual da rejeição à utilização de construtos simbólicos racistas em reações ao racismo. Essa rejeição pode ser apontada na primeira ocorrência. Trata-se de um *détournement* que cumpre a função de título do texto. Essa forma intertextual indica o desalinhamento ao intertexto “Somos todos macacos” com a colaboração de uma locução adverbial de negação, que indica forte rejeição (“[...] coisa nenhuma”) ao sentido do intertexto, sendo o escopo mais específico dessa rejeição indicado no decorrer do texto.

A seguir, apresentamos o título do texto e o primeiro parágrafo, em que também está a 3ª (terceira) ocorrência (de acordo com a numeração no quadro 13) de forma intertextual, “a hashtag ‘somostodosmacacos’”:

(21)

Título	#Somos Todos Macacos Coisa Nenhuma
Imagem	
§1/10	A reação foi rápida. Horas depois de Daniel Alves reagir com maestria a uma provocação racista, Neymar postou no Instagram uma foto segurando uma banana com a hashtag “somostodosmacacos”. O protesto viralizou e ganhou a adesão de famosos: Luciano Huck e Angélica, Ivete Sangalo, Alexandre Pires e até Inri Cristo posaram com a banana.
§2/10	Seria tudo lindo e altruísta não fossem duas coisas.

A rejeição do texto à utilização de construtos simbólicos racistas nas reações ao racismo é indicada por construções textuais e formas intertextuais que realizam o desalinhamento ao intertexto “Somos todos macacos”. Esse desalinhamento é mais especificamente marcado pela forma intertextual realizada no título, pelas construções textuais que dizem respeito, no primeiro parágrafo, às reações de DA e de NJ à ação racista contra aquele (“[...] Daniel Alves reagir com maestria a uma provocação racista”, “Neymar postou no Instagram uma foto segurando uma banana com a hashtag ‘somostodosmacacos’”) e pela construção contrajuntiva no segundo parágrafo (“Seria tudo lindo e altruísta, não fossem duas coisas”).

Nesse exemplo, a reação de DA é tomada como propriamente uma reação ao racismo, diferentemente da ação de NJ, que evocaria os construtos simbólicos racistas *banana* e *macaco*. A primeira é construída referencialmente com a colaboração da predicação verbal “[Daniel Alves] *reagir com maestria a uma provocação racista*”, enquanto a reação de NJ é referencialmente construída com a colaboração da predicação verbal “[Neymar] *postou no Instagram uma foto segurando uma banana com a hashtag ‘somos todos macacos’*”. Enquanto na predicação verbal de DA o estatuto de reação ao racismo é mais explícito, esse estatuto, na predicação verbal de NJ, é menos explicitado pela predicação verbal em si. Além disso, é atribuída a NJ a evocação dos construtos racistas *banana* e *macaco*.

A rejeição à utilização de construtos simbólicos racistas também pode ser apontada na 2ª (segunda) ocorrência de *détournement*, presente no terceiro parágrafo, que salienta, por meio do *détournement* “[nós, negros e pardos] não somos e nem gostamos de ser chamados de macacos”, o estigma racista que envolve a representação do negro como macaco.

(22)

§2/10	[A postagem de NJ e a adesão dos famosos] Seria tudo lindo e altruísta não fossem duas coisas.
§3/10	A primeira é que nós, negros e pardos, não somos e nem gostamos de ser chamados de macacos. Chamar uma pessoa de cor de macaco é um dos xingamentos mais comuns e cruéis. Coloca o negro em uma posição subalterna em relação ao branco, ao aludir a um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva. É pesado e cheio de subtextos, diferente de “tição”, por exemplo, que alude só ao tom da pele.

Como vemos, temos no texto 2 a evocação do estigma racista que envolve o construto simbólico do negro como macaco. Essa evocação emerge como forma de rejeitar a utilização desse construto em reações contra o racismo, desalinhando-se, assim, ao intertexto “Somos todos macacos”, tomado como ato incorporador e situado dessa estigmatização. As construções textuais de referentes presentes nesse exemplo também colaboram para essa evocação. Assim, temos:

- A nominalização das predicções verbais “[Neymar] *segurando uma banana com a hashtag ‘somostodosmacacos’*” e “[Luciano Huck e Angélica, Ivete Sangalo, Alexandre Pires e até Inri Cristo] *posaram com a banana*” (exemplo 21) por “Chamar uma pessoa de cor de macaco” (exemplo 22);
- A recategorização do referente “Chamar uma pessoa de cor de macaco” como “um dos xingamentos mais comuns e cruéis”;
- As predicções verbais “Coloca o negro em uma posição subalterna em relação ao branco”, “[ao] aludir a um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva”, “É pesado e cheio de subtextos”, “diferente de ‘tição’, por exemplo, que alude só ao tom da pele”.

A recategorização “um dos xingamentos mais comuns e cruéis” mobiliza mais explicitamente o caráter ofensivo e estigmatizante da representação do negro como macaco. As predicções verbais, por sua vez, procuram explorar os fundamentos simbólicos desse estigma. Para isso, atribuem evolucionismo e complexidade sociocognitiva (que dificultaria reações sociais) a esse construto, como por meio da predicação verbal “[ao] aludir a um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva” e “É pesado e cheio de subtextos”.

Como forma de rejeitar a utilização da representação do negro como macaco em reações ao racismo, o intertexto “Somos todos macacos” é, na 4^a (quarta) ocorrência de forma intertextual apresentada no quadro 13, atribuído a outro enunciador, por meio do uso de aspas, e sua enunciação é categorizada como uma *admissão* e recategorizada como “uma defesa equivocada e perigosa”, indicando um forte desalinhamento em relação ao intertexto quanto à eficácia do sentido por ele mobilizado (o dos negros como macacos) na defesa contra a ofensa racista.

(23)

§4/10 Admitir que “somos todos macacos” é uma defesa equivocada e perigosa. Equivocada porque nenhum racista questiona que os humanos são primatas. Perigosa porque traz o significado implícito de que somos todos iguais, mas para combater o racismo de frente é melhor destacar as diferenças.

Em relação à rejeição ao *frame* Igualdade_social por meio do desalinhamento ao sentido de igualdade social, podemos identificá-la no extrato acima em sua relação textualmente construída com o alinhamento ao sentido de diferença racial contra o racismo por meio da adesão ao *subframe* Diferenciação_racial. Assim, no texto, não seria possível

incorporar, no mesmo “discurso”, o sentido de igualdade social e o de diferença racial: o primeiro é rejeitado e o segundo é assumido no texto 2.

Podemos apontar a rejeição ao sentido de igualdade social na atribuição de determinados sentidos ao intertexto “Somos todos macacos”, na introdução e na predicação verbal do referente “nenhum racista” (“nenhum racista *questiona que os humanos são primatas*”). Essa predicação verbal atribui ao intertexto, rejeitando-o, a mobilização da classificação biológica da espécie humana, por meio da qual seria possível evocar o compartilhamento de uma classificação biológica comum e, assim, mobilizar, por extensão, a igualdade social entre todos os seres humanos, negros e brancos. Também podemos apontar isso na predicação verbal “[Admitir que ‘somos todos macacos’] *traz o significado implícito de que somos todos iguais*”, que atribui, também rejeitando-a, a incorporação do sentido de igualdade social ao intertexto “Somos todos macacos”.

A incorporação do sentido de diferença racial, por sua vez, pode ser apontada, por exemplo, na construção de finalidade “*para combater o racismo de frente é melhor destacar as diferenças*”, que incorpora o sentido de diferença racial, cuja eficácia simbólica seria maior contra o racismo do que o da igualdade social, segundo o texto. Assim, como o intertexto “Somos todos macacos” mobilizaria o sentido de igualdade social, que se contraporiria ao sentido de diferença racial, ele seria um valor “equivocado” e “perigoso”, ineficaz contra o racismo.

A rejeição do sentido de igualdade social também é identificada na 5ª (quinta) forma intertextual encontrada no último parágrafo: “como eles dizem, ‘somos todos macacos’”:

(24)

§8/10	[A reação de Daniel Alves] Foi notícia no mundo inteiro e o problema do racismo voltou para a agenda de discussão sem a necessidade de hashtags artificiais e famosos forçando semblante indignado no Instagram.
§9/10	Aí vem a tal campanha e na cola dela uma camisetinha bem oportunista, sem buscar questionamentos mais elaborados sobre a questão racial. Tudo bem superficial, na velocidade das redes sociais, sem se prender a questões mais profundas como defender cotas raciais ou questionar porque morrem mais negros do que brancos por causas violentas.
§10/10	Talvez porque, como eles dizem, “somos todos macacos”, ou seja, iguais, e racismo é uma coisa de idiotas que estão lá do outro lado do mundo.

A rejeição ao sentido de igualdade social é, nesse caso, pressuposto, uma vez que o intertexto “Somos todos macacos”, por mobilizar formas “superficiais” de antirracismo, é citado para explicar a *superficialidade* da *hashtag*, dos famosos, da produção da camisa da grife *UseHuck* e das redes sociais no que diz respeito à “discussão” sobre o racismo. A atribuição de superficialidade ao intertexto é indicada também por meio da construção

explicativa “ou seja, [somos todos] iguais”, em que o intertexto incorporaria o sentido de igualdade social: a mobilização desse sentido, o de igualdade social, pode ser vista, segundo o texto 2, como uma característica do não “aprofundamento” na “discussão” do racismo, tomado, então, como um tema de debate, a ser mais compreendido coletivamente.

Além da mobilização do sentido de igualdade social e do baixo conhecimento sobre o racismo (indiciado pela construção textual de uma discussão “superficial” sobre o racismo e da recategorização do racismo como “uma coisa de idiotas que estão do outro lado do mundo” cotextualmente à forma intertextual “ou seja, [somos todos] iguais”), é atribuída também ao intertexto “Somos todos macacos” a construção do distanciamento (“do outro lado do mundo”) da realidade do racismo em relação aos autores da *hashtag*. Assim, a rejeição dos sentidos ligados ao *frame* de igualdade social tem como *background* a seguinte conceptualização do racismo: ele é cotidiano (não está “do outro lado do mundo”), é realizado por indivíduos comuns (não é “uma coisa de idiotas”), e não é “óbvio”, no sentido de que precisa ser discutido em longo prazo, por meio do aprofundamento e de uma agenda de discussão. Nesse sentido, não adiantaria a incorporação do sentido de igualdade social (perante a lei, por exemplo), uma vez que o racismo estaria entranhado na própria cultura cotidiana das pessoas, ainda que estas compartilhem do sentido de igualdade social. Assim, os atores sociais precisariam aprofundar mais seu conhecimento sobre o racismo, ainda que sejam todos, de uma forma geral, contra ele.

6.2.2. Mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais no texto 2

No texto 2, identificamos 68 mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais: 44 expressões referenciais e 23 predicções verbais. As principais construções textuais encontradas (expressões referenciais e predicções verbais) acompanham as ações de contextualização. As expressões referenciais e as predicções verbais também colaboram para a mobilização dos contextos mais amplos e, assim, para a contextualização das ações de DA e de NJ no decurso da construção dos referentes.

Vejam os casos das expressões referenciais, primeiramente. Como podemos notar no quadro a seguir, a principal cadeia referencial encontrada é a que está ligada (é guiada e constrói) o EF *Reação_ao_racismo*, seguida das cadeias ligadas aos EFs *Racismo* e *Vítima_do_racismo*.

Quadro 14 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 2 orientadas e construtoras de EFs do *frame* Racismo

Elementos de <i>frame</i>	Reação ao racismo	Racismo	Vítima do racismo
Expressões referenciais:	A reação	uma provocação racista	<i>Daniel Alves</i>
	uma foto segurando uma banana com a hashtag “somostodosmacacos”	uma banana	<i>Neymar</i>
	O protesto	[somostodos] macacos	<i>negros</i>
	a adesão de famosos	[ser chamados de] macacos	<i>pardos</i>
	Chamar uma pessoa de cor de macaco	Chamar uma pessoa de cor de macaco	<i>uma pessoa de cor</i>
	um dos xingamentos mais comuns e cruéis	um dos xingamentos mais comuns e cruéis	<i>o negro</i>
	aludir a um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva	um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva	[os] humanos
	Admitir que “somos todos macacos”	Primatas	os humanos
	uma defesa equivocada e perigosa	o racismo	<i>Negros</i>
	o movimento “Somos todos macacos”	as ofensas	-
	A sacada de Neymar	o racismo no futebol	-
	uma resposta pronta	o racismo	-
	[a] campanha	a ofensa	-
	A imagem promocional	o problema do racismo	-
	dar de ombros para o racismo	a questão racial	-
	achar que a melhor saída é ignorar a ofensa	Racismo	-
	hashtags artificiais	uma coisa de idiotas que estão lá do outro lado do mundo	-
	famosos forçando semblante indignado no Instagram	-	-
	a tal campanha	-	-
Total	19	17	9
		45	

O desenvolvimento mais produtivo dessas cadeias referenciais indica a saliência de determinados EFs do *frame* Racismo, de acordo com a observação das relações

sociocognitivas que se estabelecem entre essas cadeias. Assim, o desenvolvimento predominante das cadeias referenciais ligadas ao EF *Reação_ao_racismo* chama a atenção para as formas como se dá essa reação, desalinhando-se delas, no caso do texto. Nesse sentido, a saliência desses EFs indica a construção simbólica do racismo, por meio da construção textual das reações ao racismo contextualmente relevantes na produção do texto em questão, as reações de NJ e de DA.

Em relação às predicções verbais, encontramos as seguintes:

Quadro 15 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do *frame* *Racismo no texto 2*

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicações verbais	Ocorrências
Reação ao racismo:	O protesto	viralizou e ganhou a adesão de famosos	9
	Luciano Huck e Angélica, Ivete Sangalo, Alexandre Pires e até Inri Cristo	posaram com a banana	
	o movimento “Somos todos macacos”	não foi tão espontâneo	
	A sacada de Neymar	na verdade já estava planejada por uma agência de publicidade	
	A imagem promocional [da venda da camiseta da grife de LH]	mostra um casal de modelos brancos	
	Seu ato [de Daniel Alves]	já pode ser considerado um marco na luta contra o racismo no futebol	
	[O ato de Daniel Alves ser considerado um marco na luta contra o racismo]	não significa que devemos dar de ombros para o racismo e achar que a melhor saída é ignorar a ofensa	
	A tal campanha e na cola dela uma camisetinha bem oportunista	Vem [...] sem buscar questionamentos mais elaborados sobre a questão racial [...] sem se prender a questões mais profundas como defender cotas raciais ou questionar porque morrem mais negros do que brancos por causas violentas.	
Racismo	[Chamar uma pessoa de cor de macaco]	Coloca o negro em uma posição subalterna em relação ao branco	8

	[Chamar uma pessoa de cor de macaco]	aludir a um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva	
	[Chamar uma pessoa de cor de macaco]	É pesado e cheio de subtextos, diferente de “tição”, por exemplo	
	“tição”	alude só ao tom da pele	
	nenhum racista	questiona que os humanos são primatas	
	[Admitir que “somos todos macacos”]	traz o significado implícito de que somos todos iguais	
	as ofensas	são tão corriqueiras que não surpreende deixar uma resposta pronta	
Vítima do racismo	Daniel Alves	reagir com maestria a uma provocação racista	
	Neymar	postou no Instagram uma foto segurando uma banana com a hashtag “somostodosmacacos”	
	negros e pardos	não somos e nem gostamos de ser chamados de macacos	6
	Daniel Alves	protestou com espontaneidade e irreverência	
	[Daniel Alves]	fez o melhor que possível naquele momento, em pleno campo e antes de cobrar um escanteio	
	[Daniel Alves]	Foi notícia no mundo inteiro	
Total:			23

O referente DA é predicado verbalmente por “protestou com espontaneidade e irreverência”, “fez o melhor que possível naquele momento, em pleno campo e antes de cobrar um escanteio” e “Foi notícia no mundo inteiro”. O referente relacionado a Reação de DA é predicado sob o mesmo ponto de vista legitimador de DA: “já pode ser considerado como um marco na luta contra o racismo no futebol” e “não significa que devemos dar de ombros para o racismo e achar que a melhor saída é ignorar a ofensa”. Assim, o texto constrói a reação de DA como espontânea e a melhor possível naquele momento e a reação de NJ como não espontânea. As construções da reação de NJ e de outros atores sociais inseridos no campo midiático colaboram para a construção textual local da deslegitimação dessas ações enquanto formas de ação contra o racismo. Já a construção referencial da ação de DA contra o ato racista sofrido colabora para a construção da legitimação dessa ação.

No texto 2, há a representação do racismo como um inimigo a ser vencido (por meio de uma luta ou enfrentamento direto) e como um objeto de conhecimento. Assim, teríamos que “combater o racismo de frente” por meio da estratégia de “destacar as diferenças” em vez de “dar de ombro para o racismo”; o racismo teria voltado, como tema, para a “agenda de discussão”, que pode envolver “questionamentos mais elaborados”, “questões mais profundas”. Desse modo, conhecer e debater o racismo seriam formas importantes de reação a ele, além do destaque das diferenças, em vez da igualdade entre as raças.

As predicções verbais, assim, salientam conjuntamente as formas de ação contra o racismo, o sentido do intertexto “Somos todos macacos” e o *subframe* Diferenciação_racial, como no extrato 25 a seguir. Nesse extrato, identificamos a focalização sobre as estratégias de ação antirracista. Nesse sentido, o texto salienta o sentido igualitário do intertexto “Somos todos macacos”, bem como as características do sentido construído por este, mas sem se alinhar a ele, pois salienta também o sentido diferencialista que seria necessário no antirracismo.

(25)

§3/10 [...] Chamar uma pessoa de cor de macaco é um dos xingamentos mais comuns e cruéis. Coloca o negro em uma posição subalterna em relação ao branco, ao aludir a um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva. É pesado e cheio de subtextos, diferente de “tição”, por exemplo, que alude só ao tom da pele.

A reconstrução e o desalinhamento ao intertexto, também realizados por meio da mobilização do *frame* Racismo, envolvem aspectos relacionados à rejeição à mobilização de construtos racistas que evocam certas teorias do evolucionismo (como na predicação verbal “Coloca o negro em uma posição subalterna ao aludir a um animal que [...] está alguns andares abaixo na escala evolutiva”), o estigma do insulto de macaco (como na recategorização “um dos xingamentos mais comuns e cruéis”) e a “perversidade” simbólica da complexidade sociocognitiva que esse insulto envolve (como na predicação “É pesado e cheio de subtextos”).

6.3. Texto 3: *Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!*

No texto 3, intitulado *Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!*, publicado no dia 28 de abril de 2014 pelo professor e ativista Douglas Belchior na revista *CartaCapital*, o autor primeiramente apresenta duas imagens: a da postagem de NJ com seu filho e a do “pigmeu” Ota Benga em um zoológico de Nova Iorque em 1906. A primeira foto, segundo o autor, ficou bastante conhecida na época da publicação do artigo, sendo publicada por NJ em repulsa ao racismo no mundo do futebol. Já a segunda foto remete à história de Ota Benga, que foi levado do Congo para Nova Iorque como um exemplo de raça evolucionária inferior ao ser humano. Em seguida, o autor se posiciona contra a comparação entre negros e macacos, desenvolvendo esse posicionamento no texto.

6.3.1. Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 3

No texto 3, as formas intertextuais do intertexto “Somos todos macacos” e as construções textuais indicam alinhamentos do texto ao *frame* Igualdade_social e a construção textual da rejeição ao EF Construto_racista do *frame* Racismo, isto é, à utilização de construtos simbólicos racistas quando usados em reação ao racismo.

Vimos que as formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos” poderiam assumir a forma de *détournement*, como em “Não somos todos macacos”. Nesse caso, a forma intertextual pode indicar a rejeição do sentido de igualdade social, no texto 3. A depender de outras construções textuais presentes, essa forma intertextual pode ser também indício, como vimos, da incorporação pelo texto do sentido de diferença racial.

No texto 3, as formas intertextuais e as construções textuais indicam a pressuposição de que o intertexto “Somos todos macacos” assumiria o *frame* Igualdade_social. As formas intertextuais (*détournements* e alusões) também indicam, em determinados pontos do texto, o alinhamento a esse sentido, bem como a construção textual da rejeição ao uso de construções simbólicas baseadas em representações racistas do negro, em ações contra o racismo

No texto 3, encontramos 5 (cinco) formas intertextuais relacionadas ao intertexto “Somos todos macacos”:

Quadro 16 Formas intertextuais de "Somos todos macacos" do texto 3

Forma intertextual	Ocorrências	Total
<i>Détournement</i>	(1) “Não somos todos macacos” (2) “#SomosTodosNegros” (3) “#SomosTodosdeÁfrica”	3
Alusão	(4) “Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!” (5) “[...] nada de bananas, nada de macacos, por favor!”	2

A construção textual da rejeição à utilização de construtos racistas, mesmo quando realizada em reações ao racismo, como no caso da produção da *hashtag* #SomosTodosMacacos, é indicada, segundo o texto, pela ocorrência de 3 (três) *détournements* e de 2 (duas) alusões intertextuais. A alusão presente no título (ocorrência 4 do quadro apresentado acima) colabora para a indicação dessa rejeição, realizada por meio da introdução dos referentes “bananas” e “macacos” em construção negativa (“*nada de...*”), que indica a rejeição ao uso dessas construções simbólicas racistas em ações contra o racismo; a evocação desses construtos também colabora para a alusão ao desalinhamento às postagens da *hashtag* #SomosTodosMacacos.

(26)

Título	Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!	
Imagem		
§1/21	A foto da esquerda todo mundo viu. É o craque Neymar com seu filho no colo e duas bananas, em apoio a Daniel Alves e em repulsa ao racismo no mundo do futebol.	
§2/21	Já a foto à direita, é do pigmeu Ota Benga, que ficou em exibição junto a macacos no zoológico do Bronx, Nova York, em 1906. Ota foi levado do Congo para Nova York e sua exibição em um zoológico americano serviu como um exemplo do que os cientistas da época proclamaram ser uma raça evolucionária inferior ao ser humano. A história de Ota serviu para inflamar crenças sobre a supremacia racial ariana defendida por Hitler. Sua história é contada no documentário “The Human Zoo”.	
§3/21	A comparação entre negros e macacos é racista em sua essência. No entanto muitos não compreendem a gravidade da utilização da figura do macaco como uma ofensa, um insulto aos negros.	

As construções textuais realizadas nos primeiros parágrafos do texto acima apresentados colaboram para a construção da rejeição à utilização de construtos racistas por

meio da referência a “bananas” e “macacos” no contexto do racismo. Elementos linguísticos e não linguísticos, como a apresentação de duas imagens comparadas e a introdução de referentes também apresentados na forma de imagem (“a foto da esquerda”, “o craque Neymar com seu filho [...]”, “a foto da direita”, “o pigmeu Ota Benga” etc.) colaboram entre si para a construção do sentido de rejeição. Por exemplo, no terceiro parágrafo, as imagens e referentes textuais introduzidos anteriormente são recategorizados pelo referente “A comparação entre negros e macacos”, que é predicada por “é racista em sua essência”, tendo ambas as construções textuais o referente “a história de Ota” como escopo.

As outras formas intertextuais encontradas indicam desalinhamento em relação ao intertexto “Somos todos macacos” e consistem em *détournements*, por meio de construção negativa ou substituição de termos, cujo escopo é o intertexto “Somos todos macacos”. A forma intertextual “Não somos todos macacos” emerge no 5º (quinto) parágrafo, como parte da inserção do autor no texto, enquanto enunciador que se dirige ao enunciador NJ: “Não, querido Neymar”. A problematização do uso de construções simbólicas racistas (particularmente a do negro como macaco) em reações ao racismo é formulada em seguida (“Ao menos não para efeito de fazer uso dessa expressão ou ideia [dos negros como macacos] como ferramenta de combate ao racismo” [extrato a seguir]), como forma de construir o desalinhamento ao intertexto “Somos todos macacos” indicada pelas formas intertextuais, dentre elas o título e a citação do artigo do pesquisador James Bradley¹⁵⁹.

(27)

§4/21 Encontrei essa forte história [a de Ota Benga] num artigo sensacional que li dia desses, e que também trazia reflexões de James Bradley, professor de História da Medicina na Universidade de Melbourne, na Austrália. Ele escreveu um texto com o título “O macaco como insulto: uma curta história de uma ideia racista”. Termina o artigo dizendo que “O sistema educacional não faz o suficiente para nos educar sobre a ciência ou a história do ser humano, porque se o fizesse, nós viveríamos o desaparecimento do uso do macaco como insulto.”

§5/21 Não, querido Neymar. Não somos todos macacos. Ao menos não para efeito de fazer uso dessa expressão ou ideia como ferramenta de combate ao racismo.

No extrato a seguir, o uso de formas intertextuais indica a adesão ao *frame* Igualdade_social por meio da construção de uma relação entre o atributo de negritude, a afrodescendência de todos os seres humanos e o compartilhamento da origem evolutiva, na emergência dos 2 (dois) outros *détournements* identificados no texto (ocorrências 2 e 3 mostradas no quadro 16). Assim, as formas intertextuais “#SomosTodosNegros” e “#SomosTodosDeÁfrica” emergem dentro de uma ação retórica por meio da qual lhes é

¹⁵⁹ Vale lembrar que essa citação não tem como escopo mais direto o intertexto “Somos todos macacos”. Por isso, não consta no quadro de formas intertextuais apresentados.

relacionado o sentido do compartilhamento da origem evolutiva: “Mas se é para associar a origens, por que não dizer que #SomosTodosNegros ? Porque não dizer #SomosTodosDeÁfrica ? Porque [sic] não lembrar que é de África que viemos, todos e de todas as cores? ”.

A mobilização do *frame* Igualdade_social como implicação do compartilhamento da origem evolutiva colabora para o entendimento da rejeição ao uso de construções simbólicas racistas em reações ao racismo por dizerem respeito ao estigma de insultos racistas, porque estes estariam ligados à desumanização e à animalização das pessoas negras, conforme também indica a intertextualidade com a letra do *rap* *Diário de um detento*, do grupo Racionais MC's (parágrafo 20) no extrato a seguir: “Mas não. E seguem vocês, ‘olhando pra cá, curiosos, é lógico. Não, não é não, não é o zoológico’”. Por meio dessa citação, o texto (e a letra do *rap*) evoca uma metáfora racista sobre a população presidiária, cuja maioria é de homens negros (domínio alvo), como animais presos em jaulas de zoológico (domínio fonte).

(28)

§19/21	Eu adoro banana. Aqui em casa nunca falta. E acho os macacos bichos incríveis, inteligentes e fortes. Adoro o filme Planeta dos Macacos e sempre que assisto, especialmente o primeiro, imagino o quanto os seres humanos merecem castigo parecido. Viemos deles e a história da evolução da espécie é linda. Mas se é para associar a origens, por que não dizer que #SomosTodosNegros ? Porque não dizer #SomosTodosDeÁfrica ? Porque não lembrar que é de África que viemos, todos e de todas as cores? E que por isso o racismo, em todas as suas formas, é uma estupidez incompatível com a própria evolução humana? E, se somos, por que nos tratamos assim?
§20/21	Mas não. E seguem vocês, “olhando pra cá, curiosos, é lógico. Não, não é não, não é o zoológico”.
§21/21	Portanto, nada de bananas, nada de macacos, por favor!

De acordo com as construções de sentido realizadas pelo texto, a realidade do racismo, por meio do qual se realizaria a hierarquização entre raças, contradiria o compartilhamento de uma mesma origem evolutiva por todos e sentidos ligados ao *frame* Igualdade_social evocado por esse compartilhamento. O racismo seria, assim, um processo baseado na ignorância/falta de conhecimento sobre esse compartilhamento, conforme a recategorização do racismo como “*uma estupidez incompatível com a própria evolução humana*”. Por isso, o texto realiza a seguinte indagação retórica: “E, se somos [todos da mesma origem evolutiva], por que nos tratamos assim? [de forma desigual]”. Por meio dessa ação, o texto indica novamente a incorporação do *frame* Igualdade_social, enquanto tratamento social igualitário.

O *frame* Igualdade_social mobilizado é também acompanhado, no texto 3, pela evocação de contextos mais amplos do que o da ofensa racista sofrida por DA e pelas reações

deste e de NJ: a história de um “pigmeu” que foi exibido em um zoológico nos EUA em 1906, a utilização da figura do macaco como um insulto aos negros, a evolução humana, o racismo e as relações raciais e de classe no Brasil, conectando esses contextos com as ações de DA e NJ. Com a ajuda dessas conexões de sentido, a ação de DA é construída como uma postura de “ignorar e rir” do racismo e a ação de NJ é construída modalizadamente, na forma de uma indagação retórica, como “uma jogada de marketing” ou “boa vontade [?]”.

6.3.2. Mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais no texto 3

No texto 3, identificamos 202 mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais. As expressões referenciais e as predicções verbais, principalmente, colaboram para a mobilização dos contextos mais amplos e, assim, para a contextualização das ações de DA e de NJ no decurso da construção dos referentes.

As expressões referenciais e as predicções verbais, enquanto expedientes textuais que agregam informatividade na progressão textual, colaboram fortemente para a mobilização dos contextos mais amplos (as condições socioeconômicas dos jogadores de futebol negros e o racismo, por exemplo) e, assim, para a contextualização das ações de DA e de NJ no decurso da construção desses e de outros referentes concernentes a eles.

O desenvolvimento mais produtivo de determinadas cadeias referenciais indica a saliência de determinados EFs do *frame* Racismo, de acordo com a observação das relações sociocognitivas que se estabelecem entre essas cadeias. A referência a bananas e a macacos, por exemplo, são guiadas e constroem o EF *Reação_ao_racismo*, como forma de construir a rejeição a esses referentes e a cadeia referencial ligada ao EF Racismo colabora para a construção da materialidade do racismo como uma entidade social.

Vejamos as expressões referenciais encontradas no texto 3:

Quadro 17 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 3 orientadas e construtoras de EFs do *frame* Racismo

Elementos do <i>frame</i> Racismo	Racismo	Reação ao racismo	Vítima do racismo
Expressões referenciais	[contra] o racismo	Bananas	Neymar
	bananas	Macacos	Daniel Alves
	macacos	foto de Neymar em apoio a Daniel Alves	Ota Benga
	Zoológico do Bronx	o craque Neymar com seu filho no colo e duas bananas	o craque Neymar com seu filho no colo
	duas bananas	apoio a Daniel Alves	Daniel Alves
	[a]o racismo	repulsa ao racismo no mundo do futebol	[d]o pigmeu Ota Benga
	exibição [do pigmeu Ota Benga] junto a macacos no zoológico do Bronx, Nova York, em 1906	a reação de Daniel Alves ao comer a banana jogada ao campo	Ota
	sua exibição em um zoológico americano	A comparação entre negros e macacos	sua exibição em um zoológico americano
	um exemplo do que os cientistas da época proclamaram ser uma raça evolucionária inferior ao ser humano	[d]a utilização da figura do macaco como uma ofensa	um exemplo do que os cientistas da época proclamaram ser uma raça evolucionária inferior ao ser humano
	A história de Ota	um insulto aos negros	[A história de] Ota
	crenças sobre a supremacia racial ariana defendida por Hitler	“O macaco como insulto [...]” (James Bradley)	negros
	A comparação entre negros e macacos	“[...] uma ideia racista” (James Bradley)	[a]os negros
	a gravidade da utilização da figura do macaco como uma ofensa	“[...] [d]o uso do macaco como insulto” (James Bradley)	essa forte história ¹⁶⁰
	um insulto aos negros	uso dessa expressão ou ideia como ferramenta de combate ao racismo	querido Neymar
	essa forte história	a reação de Daniel Alves ao comer a banana jogada ao campo	Daniel Alves
	“O macaco como insulto” (James	outra coisa	Daniel

¹⁶⁰ A inclusão dessa expressão nessa coluna se justifica pela sua contribuição na progressão referencial ligada ao referente “Ota Benga”.

	Bradley)		
	“uma curta história de uma ideia racista” (James Bradley)	a campanha de apoio a Daniel e de denúncia ao racismo, promovida por Neymar	Neymar
	“o desaparecimento do uso do macaco como insulto” (James Bradley)	Ironia?	a maioria dos que atingem grande sucesso
	macacos	Forma de protesto?	Os “fora de série”
	“[d]essa expressão ou ideia” (James Bradley)	Inteligência?	estrelas
	a banana jogada ao campo	“mudar” [DA]	aqueles que conseguem combinar genialidade esportiva e alguma coisa na cabeça
	evidente e corriqueiro ato racista por parte da torcida	“rir desses retardados” [DA]	Daniel
	[a]o racismo	uma postura	Daniel
Total	62	51	47
		160	

Como podemos notar, a principal cadeia referencial desenvolvida no texto 3 está ligada ao EF Racismo, seguida das cadeias ligadas aos EFs Reação_ao_racismo e Vítima_do_racismo. Nesse sentido, há a ênfase no racismo como um processo ou fenômeno social, em que as reações e as vítimas do racismo também são salientadas. A formulação de que a condição de negro de NJ o submeteria ao racismo, por exemplo, constrói o racismo como independente da condição socioeconômica do indivíduo, ainda que esta “suavize o efeito do racismo”. Explicitamente, esse sentido é formulado principalmente por meio de predicacões verbais da seguinte forma: “O elemento econômico *suaviza o efeito do racismo, mas não o anula*. Nesse sentido, os racistas e as bananas *prestam um serviço: Lembram a esses meninos que eles são negros* e que o dinheiro e a fama *não os tornam brancos!*”.

Em relação ao EF Reação_ao_racismo, a reação de DA construída como pouco eficaz contra o racismo é relacionada a sua condição socioeconômica como jogador rico, que lhe conferiria uma perspectiva de privilégios sociais por meio da qual ele não necessitaria se comprometer fortemente com o antirracismo, segundo o texto. Essa perspectiva social é referida textualmente como “a janela de sua casa” (no intertexto de um provérbio africano, conforme exemplo 29) e “o lugar de onde Daniel fala”, ambos referentes recategorizados e especificados como “o estrelato esportivo”, “[o lugar] dos ganhos milionários”, “da vida feita

na Europa” etc. A perspectiva social de DA referencialmente construída no texto é formulada também pela citação evocada e atribuída enunciativamente a ele: “Vamos fazer piada! Vamos olhar para esses idiotas racistas e dizer: sou rico, seu babaca! [...]”.

Há também a construção textual do racismo como um problema propriamente de raça (ou seja, com características próprias, não apenas um problema de classe socioeconômica, de acordo com o enunciador de “enriqueceu, tá resolvido”, que indica uma perspectiva universalista do racismo) e do racismo como um problema sociocognitivo (por meio da mobilização dos sentidos de conscientização e de conhecimento, como vimos), um objeto social mais complexo de se compreender do que poderia parecer inicialmente e que não admite a utilização do humor.

Vejam, agora, as predicções verbais encontradas, os referentes que elas predicam e as cadeias referenciais que esses referentes ajudam a desenvolver:

Quadro 18 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do *frame* Racismo no texto 3

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicações verbais	Ocorrências
Vítima do racismo	[O pigmeu Ota Benga]	ficou em exibição junto a macacos no zoológico do Bronx, Nova York, em 1906	33
	Ota	foi levado do Congo para Nova York	
	sua exibição [de Ota Benga] em um zoológico americano	serviu como um exemplo do que os cientistas da época proclamaram ser uma raça evolucionária inferior ao ser humano	
	A história de Ota	serviu para inflamar crenças sobre a supremacia racial ariana defendida por Hitler	
	Sua história	é contada no documentário “The Human Zoo”	
	[Daniel Alves]	comer a banana jogada ao campo	
	[Jogadores de futebol, na maioria negros]	buscarem o sonho de vencer na carreira desde cedo	
	[Jogadores de futebol, na maioria negros, por buscarem o sonho de vencer na carreira desde cedo]	pouco estudam.	
	Os “fora de série” [Jogadores de futebol,	são descobertos cada vez mais cedo	

	na maioria negros, que pouco estudam]		
	[Os “fora de série”] [Jogadores de futebol, na maioria negros, que pouco estudam]	depois de alçados à condição de estrelas, <i>vivem um mundo à parte, numa bolha.</i>	
	Poucos [jogadores de futebol, na maioria negros]	foram ou são aqueles que conseguem combinar genialidade esportiva e alguma coisa na cabeça	
	Daniel	comeu a banana!	
	[Nós] [os negros]	“Não vamos mudar [o racismo nos campos de futebol]” (DA)	
	[Daniel Alves]	“Há 11 anos <i>convivo com a mesma coisa na Espanha</i> ” (DA)	
	[Nós] [os negros]	“Temos que rir desses retardados.” (DA)	
	Ele [DA]	elaborou uma reação objetiva ao racismo	
	[Nós] [os negros]	Vamos ignorar e rir!	
	[Nós] [os negros]	Vamos fazer piada!	
Racismo	A comparação entre negros e macacos	é racista em sua essência	
	O racismo	os incomoda	
	[O racismo]	os atinge	
	[o racismo]	“[...] tá resolvido [se se enriqueceu]”	7
	“problema [...]”	“[...] é de classe”	
	O racismo	não os atinge dessa maneira	
	[o racismo]	<i>Mas os atinge</i>	
Reação ao racismo	sua reação	é proporcional	
	[comer a banana de dinamite, ou chupar as balas dos fuzis, ou descascar a bainha das facas]	Não será possível para nós, negras e negros brasileiros e de todo o mundo, que não tivemos o talento (ou sorte?) para o estrelato [...]	2
Total:			42

Podemos notar que os referentes ligados à cadeia referencial relacionada ao EF *Vítima_do_racismo* recebem mais predicções verbais, o que indica uma face importante da construção do *frame* Racismo por meio dessas predicções, tomadas aqui como veiculadoras de informações novas sobre o referente. Assim, essas predicções verbais colaboram para a focalização das vítimas do racismo e para a sua qualificação. Nesse sentido, o texto procura

construir as ações e processos sofridos pelas vítimas do racismo por meio de predicções verbais, como em “[Ota Benga] ficou em exibição junto a macacos no zoológico do Bronx, Nova York, em 1906”.

Um aspecto importante do texto é também a relação construída entre racismo e desigualdade socioeconômica. No exemplo a seguir, apontamos o desalinhamento em relação a um enunciador igualitarista, segundo o qual o racismo pode acabar por meio do enriquecimento individual ou coletivo: “E há quem diga que *‘enriqueceu, tá resolvido’* ou que *‘problema é de classe’!* O elemento econômico suaviza o efeito do racismo, mas não o anula”. Isso se dá com a colaboração da mobilização do sentido de igualdade social, a partir do qual se evoca o sentido de distinção socioeconômica, como nas recategorizações “[d]os ganhos milionários” e “vida feita na Europa” e das predicções verbais “sou rico!”, “Tenho 5 Ferraris!”, “são ricos!” etc.

(29)

§11/21 Há um provérbio africano que diz: “Cada um vê o sol do meio dia a partir da janela de sua casa”. Do lugar de onde Daniel fala, do estrelato esportivo, dos ganhos milionários, da vida feita na Europa, da titularidade na seleção brasileira de futebol, para ele, isso é o melhor – e mais confortável, a se fazer: ignorar e rir. Vamos fazer piada! Vamos olhar para esses idiotas racistas e dizer: sou rico, seu babaca! Sou famoso! Tenho 5 Ferraris, idiota! Pode jogar bananas à vontade!

§12/21 O racismo os incomoda. E os atinge. Mas de que maneira? Afinal, são ricos! E há quem diga que “enriqueceu, tá resolvido” ou que “problema é de classe”! O elemento econômico suaviza o efeito do racismo, mas não o anula. Nesse sentido, os racistas e as bananas prestam um serviço: Lembram a esses meninos que eles são negros e que o dinheiro e a fama não os tornam brancos!

Nesse extrato, o texto relaciona características raciais e socioeconômicos dos jogadores de futebol ricos e negros com: a introdução anterior do referente “a maioria dos jogadores de futebol” (7º parágrafo), por meio da predicação verbal “poucos conseguem combinar genialidade esportiva e alguma coisa na cabeça” e da reintrodução do referente “Daniel Alves”. A construção dessa relação entre raça e classe socioeconômica dos jogadores negros contextualiza a reação de DA como uma reação de ignorar e rir do racismo, baseada no intertexto do próprio DA em entrevista anterior. Nesse sentido, em termos argumentativos, a genialidade esportiva seria inversamente proporcional à genialidade intelectual dos jogadores, o que levaria a atitudes como simplesmente “ignorar e rir do racismo”.

Particularmente em relação à construção do referente *racismo*, outros sentidos emergem por meio de expressões referenciais e de predicções verbais, que, por isso, e pela sua produtividade na mobilização do *frame* Racismo, são muito importantes no texto para a mobilização desse *frame*. Esses sentidos são o de seriedade (como por meio da predicação verbal o uso da banana: “humoriza o debate sobre o racismo”) e o de conhecimento (como

nas predicacões verbais dos racistas como “idiotas” e “retardados” e de Neymar como um jogador que “superacumula inteligência nos pés”, e na recategorização do racismo como “uma estupidez” etc.). Esses sentidos evocados indicam o escopo de ação do antirracismo: a igualdade social, mas também a conscientização, o conhecimento e a seriedade da tematização do racismo.

6.4. Texto 4: *Não somos macacos*

No texto 4, intitulado *Não somos macacos*, de autoria do jornalista Breiller Pires, publicado no dia 28 de abril de 2014, na revista *Placar*, o autor defende que há uma distorção na campanha “Somos todos macacos”, que consistiria em não levar os atos de racismo a sério, tratando o tema com humor. Além disso, também teria faltado um discurso antirracista mais forte e contundente de Daniel Alves.

6.4.1. Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 4

O texto 4 tem como importante elemento a construção textual da rejeição ao EF Construto_racista por meio da construção da rejeição à utilização de construtos simbólicos racistas, mesmo quando usados em reação ao racismo e ao *frame* Piada, como no uso de humor em ações contra o racismo. Essas características aproximam o texto do modelo diferencialista de antirracismo. Nesta seção, analisamos esses elementos no texto por meio da análise das formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos”.

No texto 4, em termos de formas intertextuais, a rejeição à utilização de construtos simbólicos racistas é construída textualmente com a colaboração de *détournement* e de citação do intertexto “Somos todos macacos”. A pressuposição nos processos intertextuais aí envolvidos é a de que o intertexto “Somos todos macacos” evocaria construtos racistas. No texto 4, encontramos e tipificamos 06 formas intertextuais relacionadas ao intertexto “Somos todos macacos”:

Quadro 19 Formas intertextuais de "Somos todos macacos" encontradas no texto 4

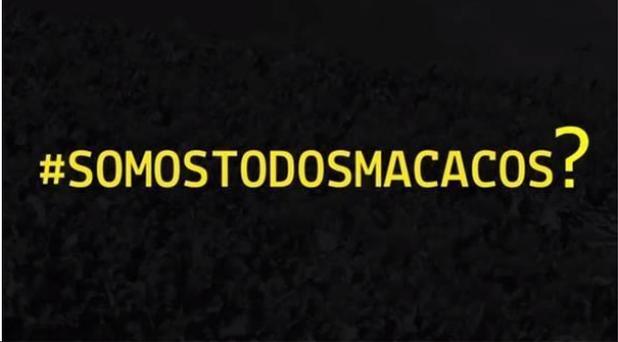
Tipo de forma intertextual	Ocorrências	Total
<i>Détournement</i>	(1) “Não somos macacos”	5
	(2) “Eu não sou macaco”	
	(3) “Nós não somos macacos”	
	(4) “Ninguém merece ser chamado de macaco sob o estigma da segregação racial”	
	(5) “[...] não somos macacos”	
Citação	(6) “#SomosTodosMacacos”	1

A rejeição à utilização de construções simbólicas racistas, mesmo quando usados em reações ao racismo, como seria o caso da produção da *hashtag* #SomosTodosMacacos, é indicada na colaboração de 5 (cinco) *détournements* e de 1 (uma) citação no texto 4. A rejeição pode ser apontada, por exemplo, no *détournement* presente no título (ver a ocorrência 1 no quadro acima e o extrato 30 a seguir), por meio da construção negativa “Não...”. Com a colaboração da imagem apresentada, que, por meio da interrogação “Somos todos macacos?” (extrato 30), remete ao intertexto, o título indica a rejeição ao sentido pressuposto como construído pelo intertexto “Somos todos macacos”. Essa rejeição também pode ser identificada na citação (ocorrência 6 no quadro acima, reproduzida no parágrafo 4, no extrato 30, a seguir), que colabora, junto com o *détournement*, a imagem e contextualizações (principalmente no parágrafo 5 seguinte), para a construção do sentido de rejeição ao humor pressuposto no intertexto como ação simbólica contra o racismo, conforme explicamos a seguir.

Assim, a construção do sentido de rejeição ao uso do humor nas ações contra o racismo, além de ser indicada com a colaboração da citação, é também identificada por construções de contexto, principalmente no parágrafo 5 (extrato 30), como as predicções verbais do referente “atitude de Daniel Alves” por “*foi sanguíneo, sarcástico, mas precisa de um discurso forte e incisivo para complementá-lo*”. Por meio dessas predicções, a ação de DA é enquadrada como fortemente passional (“sanguínea”, “sarcástica”, menos racional). Esse enquadramento é relacionado a uma banalização do racismo, como indicam as recategorizações do referente “distorção na campanha lançada por Neymar” por “não levar atos de racismo tão a sério”, “brincar com o preconceito até que o agressor se canse das ofensas” e “banalizar a discriminação racial”:

(30)

Imagem



Título Não somos macacos

§1/7 Sagaz a atitude de Daniel Alves ao comer a banana atirada por torcedores racistas na Espanha. Admirável também o apoio de seu companheiro Neymar.

§2/7 Dois jogadores da expressão de Daniel Alves e Neymar, admirados tanto na seleção quanto no Barcelona, manifestando-se publicamente contra o racismo, têm um peso enorme.

§3/7 O Brasil e o esporte carecem de um ídolo negro que tome partido, que não seja apenas espectador da realidade que o cerca e o oprime por causa de sua cor.

§4/7 Mas há uma distorção na campanha lançada por Neymar, com fotos e vídeo nas redes sociais: #SomosTodosMacacos

§5/7 Não se deve, em nenhuma hipótese, banalizar a discriminação racial. O troco de Daniel Alves foi sanguíneo, sarcástico, mas precisa de um discurso forte e incisivo para complementá-lo.

A citação da *hashtag* #SomosTodosMacacos tem o papel de introduzir no texto o intertexto. Uma vez introduzido, este é referido cataforicamente como “campanha lançada por Neymar” e “fotos e vídeo nas redes sociais”, contextualizando-o quanto às suas formas de publicação e indicando a sua amplitude no que diz respeito ao alcance que teve. Tal construção referencial chama a atenção para o próprio processo de *banalização do racismo* atribuído à campanha de NJ ao tomar as redes sociais.

A construção textual da rejeição ao uso/evocação de construções simbólicas racistas é indicada pela colaboração das formas intertextuais 2 (“Eu não sou macaco”), 3 (“Nós não somos macacos”) e 4 (“Ninguém merece ser chamado de macaco sob o estigma da segregação racial”), por meio das quais essa rejeição é contextualizada como um elemento da segregação racial. Essas ocorrências consistem em formas intertextuais textualmente contíguas, que constroem uma sequenciação a partir, inicialmente, da predicação verbal do autor como não sendo macaco e, posteriormente, da ideia de que “ninguém merece ser chamado de macaco sob o estigma da segregação racial”.

(31)

§7/7 Eu não sou macaco. Nós não somos macacos. Ninguém merece ser chamado de macaco sob o estigma da segregação racial. Isso é grave e nunca pode ser relativizado.

Tal conjunto de formas intertextuais contextualiza o insulto racista do negro como macaco enquanto um elemento da segregação racial, dentro da qual ser chamado de macaco pode ser predicado como “grave” e “nunca pode ser relativizado”.

6.4.2. Mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais no texto 4

Identificamos, no texto 4, 76 mobilizações textuais do *frame* Racismo, por meio de expressões referenciais e predicções verbais. As principais formas textuais construtoras de referência encontradas, que mobilizam o *frame* Racismo, colaboram com as ações textuais de contextualização. Vejamos o caso das expressões referenciais encontradas.

Quadro 20 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 4 orientadas e construtoras de EFs do *frame* Racismo

Elemento do <i>frame</i> Racismo	Racismo	Reação ao racismo	Vítima do racismo
Expressões referenciais:	Macacos	Sagaz a atitude de Daniel Alves ao comer a banana atirada por torcedores racistas na Espanha	Daniel Alves
	o racismo	Admirável também o apoio de seu companheiro Neymar	seu companheiro Neymar
	[d]a realidade que o cerca e o oprime por causa de sua cor	[n]a campanha lançada por Neymar, com fotos e vídeo nas redes sociais	Dois jogadores da expressão de Daniel Alves e Neymar, admirados tanto na seleção quanto no Barcelona
	Macacos	O mote [da campanha]	um ídolo negro que tome partido
	atos de racismo	não levar atos de racismo tão a sério	Tinga, do Cruzeiro
	banalizar a discriminação racial	brincar com o preconceito até que o agressor se canse das ofensas	o árbitro Márcio Chagas
	macaco	banalizar a discriminação racial	vítima de racismo no Rio Grande do Sul [o árbitro Márcio Chagas]
	macacos	O troco de Daniel Alves	Neymar
	ser chamado de macaco	um discurso forte e	Daniel Alves

		incisivo para complementá-lo [o ato de DA]	
	o estigma da segregação racial	protestar, sim, contra o racismo, a segregação, a discriminação racial	Tinga
	aos grunhidos racistas que seguiram seus passos no Peru	Gritar com todas as vozes e instrumentos diante de atos asquerosos como os sofridos recentemente por Neymar, Daniel Alves, Tinga, Arouca e Márcio Chagas	Arouca
	racismo	sanções severas a quem enxerga o negro como um estranho, um bicho, não como ser humano	Márcio Chagas
	[d]o episódio	a ironia	o negro como um estranho, um bicho, não como ser humano
Total:	27	19	16
		62	

Considerando que o principal EF do *frame* Racismo desenvolvido no texto 4 por cadeia referencial é Racismo, seguido de Reação_ao_racismo e Vítima_do_racismo, notamos que o racismo é construído como um processo social, com a relevância das reações a ele e, posteriormente, das suas vítimas. Assim, a mobilização do *frame* Racismo colabora para a evocação de contextos mais amplos, além do contexto mais situado da ofensa racista sofrida por DA e pelas reações deste e de NJ: a realidade social de racismo, o estigma da segregação racial e a necessidade de combater o racismo de forma mais engajada. Esses contextos mais amplos são textualmente conectados aos mais situados, as ações de DA e NJ, de modo que estes são perfilados por aqueles. Assim, as ações dos jogadores são contextualizadas a partir da perspectiva da realidade social do racismo em seus variados aspectos (sócio-históricos e interpessoais), particularmente no que diz respeito à forma como são representadas as pessoas negras.

Em relação às predicções verbais, temos as seguintes:

Quadro 21 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do *frame* Racismo no texto 4

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicações verbais
Vítima do racismo	Dois jogadores da expressão de Daniel Alves e Neymar, admirados tanto na seleção quanto no Barcelona	manifestando-se publicamente contra o racismo
	Dois jogadores da expressão de Daniel Alves e Neymar, admirados tanto na seleção quanto no Barcelona	têm um peso enorme
	um ídolo negro que tome partido	[que] não seja apenas espectador da realidade que o cerca e o oprime por causa de sua cor
	Ninguém	merece ser chamado de macaco sob o estigma da segregação racial
	Neymar	disse, em começo de carreira, que não se enxerga como negro
Reação ao racismo	O mote [da campanha]	é não levar atos de racismo tão a sério, brincar com o preconceito até que o agressor se canse das ofensas
	O troco de Daniel Alves	foi sanguíneo, sarcástico
	[O troco de Daniel Alves]	[mas] precisa de um discurso forte e incisivo para complementá-lo
	a luta contra mais de um século de menosprezo	vai muito além
	Ignorar o preconceito ou debochar da estupidez do torcedor que atira uma banana ao gramado	é dar as costas ao racismo
Racismo	Isso [ser chamado de macaco]	é grave e nunca pode ser relativizado.
	nosso passado de escravidão	que ainda se reflete em cores vivas no futebol, nas escolas, nas ruas, em nosso presente
	Talvez por isso a discriminação que [Neymar] sofre em alguns campos da Europa	o faça preferir tratar o assunto com desdém ao agressor, em vez de assumir seu papel social como craque, adotar uma postura combativa – de fato – ao racismo e reivindicar

	punição às autoridades do futebol
[Nós] [as pessoas em geral – referente genérico]	não somos macacos
Total	14

Como podemos notar, embora as expressões referenciais colaborem mais para o desenvolvimento da cadeia referencial ligada ao EF Racismo, as predicções verbais, no texto 4, colaboram mais para o desenvolvimento da cadeia referencial ligada ao EF Vítima_do_racismo, o que indica um aspecto construtivo na estabilização do *frame* Racismo no texto em relação a esse EF: construção sociocognitiva de um “racismo com vítimas”.

4 (quatro) referentes são desenvolvidos de forma importante no texto 4: *racismo*, *reações de DA e de NJ*, *insulto de macaco* e *ações contra o racismo*. A construção do referente *Racismo* e *Insulto de macaco* salienta e é orientada pelo EF Racismo; a construção dos referentes *As reações de DA e de NJ* e *Ações contra o racismo* salienta e é orientada pelo EF Reação_ao_racismo. Nesse sentido, a saliência desses EFs indica a construção do racismo por meio da construção textual das reações ao racismo contextualmente relevantes na produção do texto em questão, as reações de DA e de NJ e outras reações ao racismo, a que o texto se alinha.

No extrato a seguir, apresentamos a forma como o referente *racismo* se desenvolve, construindo as formas, que são diversificadas, no texto 4, de como o racismo é construído referencialmente:

(32)

§7/9	Eu não sou macaco. Nós não somos macacos. Ninguém merece ser chamado de macaco sob o estigma da segregação racial. Isso é grave e nunca pode ser relativizado.
§8/9	Será que Tinga, do Cruzeiro, deveria ter dado de ombros aos grunhidos racistas que seguiram seus passos no Peru e deixado pra lá? Ou que o árbitro Márcio Chagas, vítima de racismo no Rio Grande do Sul, não teria sido radical ao abandonar a carreira depois do episódio?
§9/9	No mundo ideal, quanto menos falarmos sobre racismo, mais teríamos avançado como sociedade. Porém, definitivamente, estamos muito longe desse mundo ideal.

A representação do racismo no texto 4 é indicada no exemplo acima por meio da construção referencial de racismo. Essa construção é indicada pelas recategorizações “o estigma da segregação racial”, “os grunhidos racistas que seguiram seus passos no Peru”, “racismo no Rio Grande do Sul”, “episódio”, “racismo” e pelas predicções verbais referencialmente relacionadas “não sou macaco”, “não somos macacos”, “ser chamado de macaco”, “é grave”, “nunca pode ser relativizado”, “estamos longe desse mundo ideal”, dentre outras ocorrências em outras porções do texto. A observação do extrato acima

exemplifica a forma como o texto 4 representa o racismo, principalmente por meio de (re)categorizações, como um processo social complexo, que possui diferentes formas de manifestação:

- (a) Como preconceito (como em “o preconceito”) (EF Racismo);
- (b) Como ação simbólica local (como em “atos de racismo”, “as ofensas”, “a discriminação racial”, “os grunhidos racistas”, “o episódio”, “a discriminação racial”, “atos asquerosos”, “a estupidez do torcedor que atira uma banana ao gramado” e “a discriminação que [NJ] sofre em alguns campos da Europa”) (EF Construto_racista);
- (c) Como um processo social (como em “a realidade que o cerca e o oprime por causa de sua cor”, “o estigma da segregação racial”, “racismo no Rio Grande do Sul” e “a segregação”) (EF Racismo);
- (d) Como questão histórica (“mais de um século de menosprezo” e “o nosso passado de escravidão”) (EF Contexto_do_racismo);
- (e) E como uma realidade: um mundo sem racismo estaria apenas no campo das ideias (EF Expressão).

Segundo o item (e), neste mundo, como não haveria racismo, não se falaria sobre ele. Assim, não falar sobre o racismo (estratégia atribuída ao sentido da *hashtag* #SomosTodosMacacos) não colaboraria para o fim dele, é antes uma consequência do seu fim (“No mundo ideal, quanto menos falarmos sobre racismo, mais teríamos avançado como sociedade. Porém, definitivamente, estamos muito longe desse mundo ideal”).

As reações ao racismo são construídas no texto 4 por meio de predicções verbais e expressões referenciais constituídas por expressões verbais, muitas nominalizadas, que se relacionam principalmente com a cadeia referencial *As reações de DA e de NJ* ou as que se relacionam com a cadeia referencial *Ações contra o racismo*. Por meio desses construtores de referência, o texto indica a deslegitimação de certas ações, nomeadamente as de DA e de NJ, e a legitimação de outras, por meio da construção da cadeia *Ações contra o racismo*.

Assim, mobilizando o EF *Reação ao racismo*, rejeitando a banalização e a indiferença, de um lado, e assumindo o sentido de combate, de protesto, de reivindicação e de cobrança, de outro, as predicções verbais indicam ações atribuídas às:

- (a) Ações de DA e NJ: “não levar atos de racismo tão a sério”, “brincar com o preconceito até que o agressor se canse das ofensas”, “banalizar a discriminação racial”, “quanto menos falarmos sobre racismo”, “Ignorar o preconceito”, “debochar da estupidez do torcedor que atira uma banana ao gramado”, “dar as costas ao nosso passado de

- escravidão, que ainda se reflete em cores vivas no futebol, nas escolas, nas ruas, em nosso presente”, “tratar o assunto com desdém ao agressor” (EF Reação_ao_racismo);
- (b) Ações ou práticas que devem fazer parte do antirracismo: “protestar, sim, contra o racismo, a segregação, a discriminação racial”, “Gritar com todas as vozes e instrumentos diante de atos asquerosos como os sofridos recentemente por Neymar, Daniel Alves, Tinga, Arouca e Márcio Chagas”, “assumir seu papel social como craque”, “adotar uma postura combativa – de fato – ao racismo”, “reivindicar punição às autoridades do futebol”, “tiramos ‘o peso’ do racismo”, “combatemos com vigor”, “admitimos que não alcançamos a era da democracia racial”, “cobramos sanções severas a quem enxerga o negro como um estranho, um bicho, não como ser humano”) (EF Reação_ao_racismo).

O eixo de distinção entre esses dois modelos indicados (um deslegitimado [item a] e outro legitimado [item b]) de reação ao racismo (não racismo) envolve a assunção, no modelo assumido, do campo da luta social, em contraposição à “superficialidade” das ações simbólicas situadas de “reconstrução” das representações raciais.

Assim, essas (re)categorizações e predicções verbais indicam os sentidos por meio dos quais o texto constrói as ações contra o racismo (antirracismo). Na construção das ações de DA e de NJ, trata-se de sentidos mais amplos (seriedade, consciência social, tolerância), enquanto na construção das ações contra o racismo, trata-se de sentidos de agentividade (justiça, reconhecimento da realidade, combatividade, responsabilidade social e eficácia). No primeiro caso, a seriedade (“não levar atos de racismo tão a sério”, “brincar com o preconceito até que o agressor se canse das ofensas”, “debochar da estupidez do torcedor que atira uma banana ao gramado”), a consciência social (“banalizar a discriminação racial”, “Ignorar o preconceito”, “quanto menos falarmos sobre racismo”), a tolerância (“debochar da estupidez do torcedor que atira uma banana ao gramado”, “dar as costas ao nosso passado de escravidão”, “tratar o assunto com desdém ao agressor”). No segundo caso, no campo do antirracismo construído pelo texto, justiça (“reivindicar punição às autoridades do futebol”, “cobramos sanções severas a quem enxerga o negro como um estranho, um bicho, não como ser humano”), reconhecimento da realidade (“admitimos que não alcançamos a era da democracia racial”), combatividade (“protestar, sim, contra o racismo, a segregação, a discriminação racial”, “adotar uma postura combativa – de fato – ao racismo, combatemos com vigor”), responsabilidade social (“assumir seu papel social como craque”) e eficácia (“tiramos ‘o peso’ do racismo”).

6.5. Texto 5: *#somostodosbananas*

No texto 5, intitulado *#somostodosbananas*, de autoria da artista, redatora, pesquisadora e professora Mirelle Martins, publicado no dia 28 de abril de 2014, no portal *HuffPost Brasil*, a autora defende que as manifestações virtuais contra o racismo, como as que giraram em torno da *hashtag* *#SomosTodosMacacos* funcionam como formas de aliviar o sentimento de culpa dos atores em relação ao seu racismo cotidiano. Além disso, desenvolve a ideia que o racismo sofrido por negros que alcançaram um bom nível financeiro não é do mesmo grau do sofrido por negros de baixa renda e/ou que moram nas periferias das cidades.

6.5.1. Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 5

O texto 5 tem como importantes elementos a rejeição ao EF *Reação_ao_racismo*, por meio da construção textual de ações antirracistas estritamente virtuais, e a construção do *frame* *Racismo* por meio da evocação da realidade social do racismo e das pessoas negras socialmente menos favorecidas (EF *Vítima_do_racismo*), o que alinha o texto a um antirracismo mais diferencialista (ver quadro 8). Analisamos nesta seção a indicação dessa rejeição no texto 5 por meio da análise das formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos”.

No texto 5, em termos de formas intertextuais, a rejeição a ações antirracistas restritas ao ambiente virtual é realizada com a colaboração de *détournement* e de citação do intertexto “Somos todos macacos”. Essas formas intertextuais indicam a pressuposição no texto 5 de que o intertexto “Somos todos macacos” não seria uma ação antirracista materialmente engajada no antirracismo e que evocaria construtos racistas. No texto 5, encontramos e tipificamos 8 (oito) formas intertextuais relacionadas ao intertexto “Somos todos macacos”:

Quadro 22 Formas intertextuais de “Somos todos macacos” encontradas no texto 5

Tipo de forma intertextual	Ocorrências	Total
<i>Détournement</i>	(1) “#somostodosbananas” (2) “Eu não sou macaco não” (3) “#somostodoshumanos?” (4) “#somostodoshaitianos” (5) “#somostodosdg” (6) “#somostodosdançarinodoesquenta”	6
Citação	(7) “#somostodosmacacos” (8) “#somostodosmacacos”	2

A rejeição das ações antirracistas estritamente virtuais é indicada, por exemplo, por *détournements*. Essa rejeição pode ser apontada no uso do *détournement* presente no título (ocorrência 1 acima), que introduz o referente “bananas”, com efeito parodístico, em substituição intertextual a “macacos” presente no intertexto, evocando um sentido diferente desse intertexto e construindo um desalinhamento *de re* (DE COCK & PIZARRO PEDRAZA, 2018), que tem como escopo o próprio uso de *hashtags* do tipo “Somos todos”, conforme as demais construções de sentido do texto no exemplo a seguir.

(33)

Título	#somostodosbananas
Lide	Ao mesmo tempo em que breves, essas manifestações virtuais têm outro ponto importante e perigoso: o terapêutico. Elas livram a nossa consciência de qualquer culpa e, assim como a confissão católica, nos deixam livres para os próximos pecadinhos.
Imagem	

A rejeição a ações antirracistas estritamente virtuais é indicada pelo uso do *détournement*, mas também da apresentação da imagem de muitos cachos de banana uns em cima dos outros, como em uma banca de feira, remetendo à prática comercial da venda dessa fruta em feiras e mercados. Essa imagem, assim, evoca o sentido, atribuído ao referente “essas manifestações”, de aquisição de um produto disponível, por exemplo. A rejeição também é indicada pela introdução e construção textual do referente “manifestações virtuais” presente na lide, por meio das predicções verbais “breves”, “têm outro ponto importante e perigoso: o terapêutico”, “livram a nossa consciência de qualquer culpa” e “nos deixam livres para os próximos pecadinhos”. Nesse sentido, o intertexto “Somos todos macacos” é categorizado como uma dessas “manifestações virtuais” que não seriam antirracistas em um sentido forte, apenas um meio de tranquilizar as mentes culpadas pelos atos racistas cotidianos, remetidos textualmente pelo referente metafórico “pecadinhos”. Por isso, *ser banana*, conforme predica o *détournement* do título, pode ter o sentido, assim, de fraqueza, de indecisão, de não

engajamento ou de covardia¹⁶¹, valores negativos, principalmente no campo da luta antirracista.

A rejeição a ações antirracistas meramente virtuais também é indicada no extrato abaixo por meio da introdução e das predicções verbais do referente “macaco” em “macaco que é macaco *reconhece a sua espécie sem precisar de hashtag*”.

(34)

§1/12	Ah é, o Daniel Alves foi mais uma vez ofendido nos campos na Europa. Jogaram bananas, o jeito mais europeu de se ofender um negro. Aí agora #somostodosmacacos. Jura? Eu não. Eu não sou macaco não. Infelizmente, porque macaco que é macaco reconhece a sua espécie sem precisar de hashtag.
§2/12	#somostodoshumanos?

Essa predicção verbal (“[macaco que é macaco] *reconhece a sua espécie sem precisar de hashtag*”) contextualiza o *détournement* “Eu não. Eu não sou macaco não” (ocorrência 2), indicando que o desalinhamento em relação ao intertexto “Somos todos macacos” (indicado pelo *détournement*) se deve ao uso bastante pontual da *hashtag* em um dos vários casos de racismo na Europa contra jogadores negros (“[...] *mais uma vez* ofendido [...] *o jeito mais europeu* de se ofender um negro. *Aí agora #somostodosmacacos*”), em vez de se construir de forma mais sistemática a empatia pelo outro (“macaco que é macaco reconhece a sua espécie [...]”). O referente também metafórico “macaco”, nesse caso, remete aos próprios atores sociais. Por isso, o texto produz, no parágrafo seguinte, o *détournement* na forma de ação retórica interrogativa, “#somostodoshumanos?”, que põe em questão determinado tipo de humanidade dos atores sociais envolvidos em determinadas ações antirracistas.

(35)

§11/12	O que realmente [<i>sic</i>] me espanta é que ainda não vi nenhuma hashtag do tipo #somostodoshaitianos. Vocês, que gostam de defender os fracos e as minorias (aqueles seres distantes da sua realidade) estão vendo o que está acontecendo com eles, aqui no nosso país hospitaleiro? Também não vi nada sobre #somostodosdg ou #somostodosdançarinodoesquenta porque ele, como várias outras vítimas negras da violência urbana, nem nome tem. O DG não teve tempo de dar resposta. Ele não foi o negro de raça que responde a ofensa e marca o gol. Ele, figurante de global ainda sem estrela morreu, como milhares de outros jovens negros morrem todos os dias vítimas da violência e, em especial, da violência policial. Policiais também negros, na sua maioria. E aí, cadê o racismo? Cadê hashtag? Como resolver isso? Quem fica indignado com isso? O que você faz diariamente sobre isso? Complexo, né?
--------	---

¹⁶¹ Dentre os significados registrados no dicionário online Michaelis, a categorização metafórica de “banana”, quando aplicada a seres humanos, pode ser entendida como “Pessoa sem energia; mole, palerma: É um banana, completamente sem iniciativa” e “Pessoa sem coragem; bananzola, banazola, covarde: Nunca reage às provocações; é um banana”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/banana/>. Acesso em 01 jul. 2010.

A rejeição a ações antirracistas meramente virtuais também pode ser indicada na colaboração entre os usos dos *détournements* “#somostodoshaitianos”, “#somostodosdg” e “#somostodosdançarinodoesquenta”¹⁶². Essas formas intertextuais são introduzidas no texto como ações antirracistas virtuais que não foram publicadas por nenhum ator social relevante, mas que remeteriam de forma socialmente mais complexa do que o ato racista sofrido por DA, a contextos sociais em que pessoas negras são ou foram vítimas de racismo, como a ação policial e a imigração.

Determinados enunciadores são evocados no texto por meio de construções dêiticas e predicções verbais: “*Vocês, que gostam de defender os fracos e as minorias (aqueles seres distantes da sua realidade) estão vendo o que está acontecendo com eles, aqui no nosso país hospitaleiro?*”. Esses interlocutores evocados seriam aqueles que dificilmente sofreriam racismo e/ou que viveriam em condições sociais menos desfavorecidas.

Assim, a rejeição a *hashtags* momentâneas ou passageiras também é indicada pela construção simbólica de diferentes “níveis” de racismo. DG é construído textualmente por recategorizações e predicções verbais, como uma das “vítimas negras da violência urbana”, “nem nome tem”, “não teve tempo de dar resposta”, “não foi o negro de raça que responde a ofensa e marca o gol” (alusão à resposta que DA deu ao comer a banana), “figurante de global ainda sem estrela morreu”, como um dos muitos “jovens negros” que “morrem todos os dias”, “vítimas da violência e, em especial, da violência policial”. A morte de DG, apesar do alto “nível” de racismo envolvido, teria sido um evento, de acordo com o texto, que não causou comoções na forma de *hashtags*. Assim, o texto indica a importância de agir cotidianamente contra o racismo, e não apenas em determinados eventos: “Cadê hashtag? Como resolver isso? Quem fica indignado com isso? O que você faz diariamente sobre isso?”.

(36)

§4/12 As *hashtags* que unem pessoas em posts e tuitaços deixam de lado qualquer espaço de reflexão genuína. #somostodosguaranikaiowa #somostodosclaudia #somostodosmacacos. Em 140 caracteres só dá tempo de exclamar "Que absurdo!" e já correr para o próximo post de "mais amor por favor".

A rejeição de ações antirracistas meramente virtuais também é indicada pela citação de *hashtags*. Assim, a segunda citação da *hashtag* #SomosTodosMacacos, de #somostodosguaranikaiowa e de #somostodosclaudia é realizada de modo que elas são

¹⁶² DG, Douglas Rafael da Silva Pereira, que era dançarino no programa de TV *Esquenta* da rede Globo, foi morto durante uma ação policial contra traficantes na favela Pavão-Pavãozinho (Rio de Janeiro-RJ), no dia 22 de abril de 2014 (uma semana antes da publicação do artigo aqui analisado), sem que houvesse envolvimento de Douglas no tráfico de drogas. Segundo amigos e familiares, o rapaz havia ido à comunidade visitar a filha.

categorizadas cataforicamente como “hashtags que unem pessoas e tuitaços”, referente predicado por “deixam de lado qualquer espaço de reflexão genuína”. Em questão, assim, estão as próprias práticas de produção textual envolvidas no uso das *hashtags* do tipo *Somos Todos-N*, principalmente na rede social *Twitter*, aludida pela referência ao limite de 140 caracteres para cada publicação, um indício da velocidade da produção de textos de empatia social e do decorrente baixo nível de reflexão sobre essa produção e suas motivações: “Em 140 caracteres só dá tempo de exclamar ‘Que absurdo!’ e já correr para o próximo post de ‘mais amor por favor’”.

6.5.2. Mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais no texto 5

No texto 5, identificamos 128 mobilizações do *frame* Racismo, por meio de expressões referenciais e predicções verbais. As mobilizações do *frame* Racismo colaboram para a evocação de contextos socialmente mais amplos, além do contexto mais situado da ofensa racista sofrida por DA e pelas reações deste: esse contexto envolve principalmente a evocação da realidade social do racismo e das pessoas negras socialmente desfavorecidas. Esses contextos são textualmente conectados aos mais situados, as ações de DA e de NJ, de modo que estes, os mais situados, são perfilados por aqueles, os mais amplos. Assim, as ações dos jogadores são contextualizadas a partir da perspectiva da realidade social do racismo, particularmente no que diz respeito à forma como são socialmente tratadas as pessoas negras.

Há no texto 5, a evocação de contextos mais amplos do que o contexto mais situado da ofensa racista sofrida por DA e pelas reações deste e de NJ: a produção de *hashtags* do tipo *Somos Todos-N* e a baixa reflexividade social nessa produção sobre a violência contra grupos sociais oprimidos em diferentes “níveis” de racismo: os insultos, de um lado, e as outras formas de violência racista cotidiana, de outro, como a que ocorre no Brasil exemplificada pela imigração de haitianos e pela morte do dançarino DG. As formas textuais construtoras de referência encontradas, as predicções verbais e as expressões referenciais, que mobilizam o *frame* Racismo, colaboram com essas ações textuais de contextualização. Vejamos o caso das expressões referenciais:

Quadro 23 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 5 orientadas e construtoras de EFs do *frame* Racismo

Elemento de <i>Frame</i> :	Racismo	Vítima do racismo	Reação ao racismo
Expressões referenciais:	bananas	o Daniel Alves	essas manifestações virtuais
	os próximos pecadinhos	um negro	hashtag
	bananas	[d]o Daniel Alves	as hashtags
	o jeito mais europeu de se ofender um negro	guaranikaiowa	As hashtags que unem pessoas em posts e tuitaços
	macacos	claudia	o próximo post de "mais amor por favor"
	macaco	índios e negros	essa onda de solidariedade em cápsula
	macaco que é macaco	empregada	a prova que agora atingimos o ponto ideal de evolução humana capaz de aceitarmos uns aos outros
	a sua espécie	amigos que...	essas manifestações virtuais
	humanos	netos sarará	esse meme todo
	esse lance de banana	pretos	a solidariedade virtual
	macacos	um negro	espetáculo para o grande público
	um paralelismo bem ruim entre esses três casos	[a]os jogadores	a hashtag
	Violências contra a mulher, contra índios e negros	o ofendido	o direito de se ofender com tudo isso também
	Os próximos pecadinhos	o preto	a discussão
	[d]o racismo	O Daniel Alves	frases de efeito
	um crime	[d]a ínfima minoria em que o racismo, que infelizmente existe, não fere, não exclui, não mata	unha branca pintada pela paz
	Macaco	haitianos	hashtag
	um animal tão fofo	os fracos e as minorias	-
	Quarto de empregada	aqueles seres distantes da sua realidade	-
	racismo	odançarinodoesquenta	-
	racismo	vítimas negras da violência urbana	-
	o racismo no esporte	O DG	-
	absurdos	o negro de raça que	-

		responde a ofensa e marca o gol	
	[n]as atitudes racistas embutidas na sua conduta diária	figurante de global ainda sem estrela	-
	afirmações/atitudes assim	milhares de outros jovens negros	-
	As provocações aos jogadores em campos europeus	vítimas da violência	-
	um espectro [de racismo] muito diferente da vida real	Policiais também negros, na sua maioria	-
	a sua arma	as pessoas	-
	a banana	-	-
	um vale tudo da barbárie	-	-
	aquela paixão cega	-	-
	o racismo	-	-
	O racismo de opinião	-	-
	[O racismo] de ofensa	-	-
	racismo	-	-
	sua realidade	-	-
	o que está acontecendo com eles [os haitianos], aqui no nosso país hospitaleiro	-	-
Total	42	28	17
		87	

O desenvolvimento mais produtivo de determinadas cadeias referenciais indica a saliência de EFs do *frame* Racismo, de acordo com a observação das relações sociocognitivas que se estabelecem entre essas cadeias. Conforme mostra o quadro, são mais produtivas no texto 5 as expressões referenciais que desenvolvem a cadeia referencial ligada ao EF Racismo do *frame* Racismo, seguida das cadeias ligadas aos EFs Vítima_do_racismo e Reação_ao_racismo. Assim, no texto 5, salienta-se o racismo como processo ou fenômeno social no qual são fundamentais as suas vítimas e a reação a ele. O racismo, segundo veremos adiante, também teria diferentes níveis de ação a depender da vulnerabilidade social da camada da população negra envolvida.

Vejamos o caso das predicções verbais no texto 5:

Quadro 24 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do *frame* Racismo no texto 5

Elemento de <i>frame</i> relativo ao referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal	Ocorrências
Reação ao racismo	essas manifestações virtuais	têm outro ponto importante e perigoso: o terapêutico	18
	Elas [essas manifestações virtuais]	livram a nossa consciência de qualquer culpa	
	[Elas] [essas manifestações virtuais]	nos deixam livres para os próximos pecadinhos	
	as hashtags	Depois começaram [...]	
	As hashtags que unem pessoas em posts e tuitaços	deixam de lado qualquer espaço de reflexão genuína	
	essa onda de solidariedade em cápsula	Então de onde vem [...] ?	
	[essa onda de solidariedade em cápsula]	Será a prova que agora atingimos o ponto ideal de evolução humana capaz de aceitarmos uns aos outros?	
Vítima o racismo	o Daniel Alves	foi mais uma vez ofendido nos campos na Europa	15
	[Nós] [as pessoas negras]	#somostodosmacacos	
	Eu [enunciador-autor] [pessoa negra]	não sou macaco não	
	ele [Daniel Alves]	comeu	
	[Eu] [enunciador-autor]	áí já vi a pá virando pro lado do capeta da ignorância	
	pretos	mas [...] não são confiáveis	
	o ofendido	revidou	
Racismo	O Daniel Alves	tem todo o direito de se sentir ofendido	8
	Violências contra a mulher, contra índios e negros	estão longe de ser uma novidade em nosso país	
	[Violências contra a mulher, contra índios e negros]	praticamente fazem parte da nossa identidade nacional	
	Macaco, um animal tão fofo	ofende alguém?	
	Quarto de empregada	é racismo?	
As provocações aos	são sim racistas		

	jogadores em campos europeus	
	[As provocações aos jogadores em campos europeus]	e fazem parte de um contexto local dos campos
	[As provocações aos jogadores em campos europeus]	estão dentro de um espectro muito diferente da vida real
Total		41

Notamos que, no caso do uso de predicções verbais, os referentes mais predicados são os concernentes ao EF Reação_ao_racismo, e não ao EF Racismo, como ocorre no caso das expressões referenciais. Assim, as predicções verbais indicam um trabalho de construção textual e sociocognitiva (argumentativa, inclusive) de estabilização do *frame* Racismo de formas de reação ao racismo.

A construção dos referentes mais relevantes e a saliência de EFs estão relacionadas a contextos mais amplos e mais situados. É o caso dos referentes *manifestações virtuais, atos racistas contra jogadores e vítimas da violência*. A rejeição a ações antirracistas meramente virtuais e a evocação da realidade social do racismo e das pessoas negras são indicadas pela construção dos referentes *Manifestações virtuais* e *Pessoas não racistas*, mas também *Atos racistas contra jogadores* e *Vítimas da violência* no texto. A construção do referente *Manifestações virtuais* salienta o EF Reação_ao_racismo; a construção de *Atos racistas contra jogadores* salienta o EF Racismo; e a construção do referente *Vítimas da violência* salienta o EF Vítima_do_racismo.

Em relação à construção do primeiro referente, o texto constrói a deslegitimação dele, isto é, a deslegitimação das manifestações virtuais como a *hashtag* #SomosTodosMacacos, enquanto ações antirracistas, por meio, por exemplo, da atribuição da possibilidade de “absolvição” por algum racismo cometido anteriormente (para usar a metáfora da confissão católica instaurada na lide) e não da atribuição de uma legitimidade a essa atitude de reação ao racismo.

A cadeia referencial *Atos racistas contra jogadores* é construída de modo a enquadrar esses atos como racistas, atribuir a sua expressão ao estado de animosidade das torcidas e ao caráter de espetáculo do futebol televisionado (exemplo 37). Esse referente colabora para circunscrever o racismo expresso por esses atos, diferenciando-o, assim, de outros tipos de processos de racismo no Brasil. A cadeia referencial de *Atos racistas contra jogadores* é introduzida textualmente por meio da nominalização “o jeito mais europeu de se

ofender um negro”, cujo escopo é a predicação verbal anterior “[Europeus] *jogaram bananas*”. Posteriormente, dentre outras predicações verbais e recategorizações, essa cadeia referencial se desenvolve com a colaboração da recategorização “As provocações aos jogadores em campos europeus”, que são predicadas como “são sim racistas”, “fazem parte de um contexto local dos campos”, “estão dentro de um espectro muito diferente da vida real” e, posteriormente, recategorizadas como “O racismo de opinião, de ofensa” que, por sua vez, é predicado por “não me preocupa”, indicando a menor relevância social atribuída a esse tipo de racismo no texto.

(37)

§1/12	Ah é, o Daniel Alves foi mais uma vez ofendido nos campos na Europa. <u>Jogaram bananas, o jeito mais europeu de se ofender um negro.</u> Aí agora #somostodosmacacos. Jura? Eu não. Eu não sou macaco não. Infelizmente, porque macaco que é macaco reconhece a sua espécie sem precisar de hashtag.
[...]	[...]
§9/12	<u>As provocações aos jogadores em campos europeus são sim racistas e fazem parte de um contexto local dos campos.</u> Porém, <u>estão dentro de um espectro muito diferente da vida real.</u> Lá, a torcida que queria ofender não fez questão de se esconder, mostrou no campo a sua arma, a banana, o ofendido revidou e as TV mundiais transmitiram tudo. Tipo um vale tudo da barbárie, naquela paixão cega que é o futebol, se vale xingar a mãe de puta não vale xingar o preto de preto? (pausa para reflexão).
§10/12	O Daniel Alves, que tem todo o direito de se sentir ofendido, faz parte da ínfima minoria em que o racismo, que infelizmente existe, não fere, não exclui, não mata. <u>O racismo de opinião, de ofensa, desculpe-me, esse não me preocupa.</u> [...]

Considerando as principais cadeias referenciais, a construção textual e sociocognitiva do racismo o texto 5 é realizada também pelo desenvolvimento da cadeia referencial *Vítimas da violência* ligada ao EF *Vítima_do_racismo*. Essa cadeia referencial colabora para o entendimento de que as manifestações virtuais se relacionam com um tipo específico de racismo. Essa cadeia está ancorada linguisticamente na referência anterior à violência não restrita aos campos de futebol, a violência sistemática na vida cotidiana, que não se restringe aos insultos: “Violências contra a mulher, contra índios e negros” (5º parágrafo, exemplo 38).

Essa violência é construída textualmente com a colaboração do desenvolvimento dessa cadeia referencial, como pela recategorização “os fracos e as minorias” dos referentes anteriormente introduzidos, “a mulher”, “índios”, “negros”, “haitianos”, “aqueles seres distantes da sua realidade”, “vítimas negras da violência urbana”, “jovens negros”, “vítimas da violência” (exemplo 35). Relacionada a esses referentes, a construção referencial de DG é realizada principalmente por recategorizações e predicações verbais. Ele é recategorizado como “odançarinodoesquenta” e como “figurante de global ainda sem estrela”, e predicado

como “Nem nome tem”, “não teve tempo de dar resposta”, “não foi o negro de raça, que responde a ofensa”, “marca o gol”, “Morreu”.

As predicções verbais são muito importantes para a mobilização do *frame* Racismo no texto 5 e para a construção do contexto da realidade social do racismo. Nesse caso, elas emergem, por exemplo, nesse texto na seguinte construção interrogativa que questiona o conhecimento sobre o próprio sentido de ser *não racista* da parte dos que se autocategorizam/autopredicam dessa forma (“Será que alguém que se diz ‘não racista’ sabe responder por quê?”) e sobre a identificação do racismo por essas pessoas, por meio das outras construções interrogativas, que evocam o *frame* Racismo: “O que faz do racismo um crime? Chamar alguém de negro é ser racista? Macaco, um animal tão fofo, ofende alguém? Quarto de empregada é racismo? E se ela usar uniforme, é racismo? Brigar contra o racismo no esporte significa o quê?”.

6.6. Texto 6: *Somos todos humanos*

No texto 6, intitulado *Somos todos humanos*, de autoria do advogado Hédio Silva Jr., publicado no dia 29 de abril de 2014, na *Folha de S. Paulo*, o autor defende que a melhor forma de combater o racismo é por meio de ações preventivas e não apenas punitivas. Além disso, defende que a campanha “Somos todos macacos” acaba legitimando a desumanização dos negros ao compará-los com animais.

6.6.1. Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 6

O texto 6 tem como importante elemento a rejeição ao EF Construto_racista do *frame* Racismo, à utilização de construtos simbólicos racistas, mesmo quando usados estrategicamente em reação ao racismo, o que o aproxima do antirracismo diferencialista. Identificamos esse elemento no texto por meio, por exemplo, da análise das formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos”.

No texto 6, em termos de formas intertextuais, essa rejeição é realizada com a colaboração de *détournement* e de citação do intertexto “Somos todos macacos”. Essas formas intertextuais indicam a pressuposição no texto 6 de que o intertexto “Somos todos macacos” evoca representações racistas. No texto 6, encontramos 3 (três) formas intertextuais relacionadas ao intertexto “Somos todos macacos”:

Quadro 25 Formas intertextuais de "Somos todos macacos" encontradas no texto 6

Tipo de forma intertextual	Ocorrências	Total
<i>Détournement</i>	(1) “Somos todos humanos”	2
Citação	(2) “Somos todos seres humanos” (3) “Somos todos macacos”	1

A rejeição à evocação de representações racistas é indicada pela ocorrência das formas intertextuais encontradas, principalmente os *détournements*. Essa rejeição pode ser apontada no *détournement* presente no título (ocorrência 1 no quadro acima), que introduz o referente “humanos” em substituição intertextual a “macacos”, presente no intertexto, recontextualizando o intertexto original “Somos todos macacos”.

O sentido dessa forma intertextual é coconstruído de forma mais explícita no 5º (quinto) parágrafo do texto, principalmente por meio da recategorização “campanhas supostamente direcionadas contra o racismo” e da predicação verbal “terminam por legitimar, ainda que de modo irreverente, a ideia de que seres humanos podem ser equiparados a animais”, depois das contextualizações presentes dos primeiros parágrafos.

(38)

Título	Somos todos humanos
§1/11	A reação do jogador Daniel Alves, do Barcelona, ao comer uma banana arremessada por um torcedor do Villarreal durante partida do Campeonato Espanhol no último domingo, provocou uma comoção internacional e deflagrou reações as mais diversas da imprensa, de autoridades, das redes sociais.
[...]	[...]
§3/11	O jogador Neymar, que há algumas semanas foi vítima de ato racista semelhante, solidarizou-se com seu colega de time, publicou fotografia dele próprio saboreando uma banana e, segundo consta, teria lançado uma campanha contra o racismo intitulada "Somos Todos Macacos".
[...]	[...]
§5/11	Tenho dúvidas, entretanto, sobre a eficácia de campanhas supostamente direcionadas contra o racismo mas que <u>terminam por legitimar, ainda que de modo irreverente, a ideia de que seres humanos podem ser equiparados a animais.</u>

A 2ª (segunda) ocorrência de forma intertextual “Somos todos seres humanos” identificada no texto é categorizada como “nossa resposta ao racismo”, no último parágrafo (extrato a seguir). Nesse caso, o *détournement* não representa apenas uma forma de rejeição ao intertexto enquanto evocador de representações racistas, mas também uma forma de enfatizar o sentido de humanização que a forma intertextual “Somos todos seres humanos” constrói. No extrato a seguir, as construções referenciais indicam uma importante associação, de veio diferencialista, entre humanidade e diferença, conforme explicamos a seguir.

(39)

§9/11	Episódios como o insulto ao lateral Daniel Alves devem servir, tal como previsto no Estatuto do Torcedor, para mobilizar governos, confederações, federações, ligas, clubes, entidades esportivas, torcedores, sociedade e indivíduos em torno de uma agenda positiva, capaz de assegurar a prevenção e não apenas a repressão da violência nos esportes.
§10/11	Ação preventiva requer atuação cotidiana, permanente, norteadada para as causas do racismo e não apenas para seus efeitos. Um exemplo simples mas emblemático cabe perfeitamente nesta quadra: até hoje nossas crianças não aprendem nas escolas a razão pela qual <u>negros e brancos têm diferentes tipos de pele, de cabelo, de formato de nariz, etc.</u> Trata-se de conhecimento que a genética disponibiliza há séculos mas que ainda não aportou no currículo escolar. <u>Enquanto diferença for associada à inferioridade</u> , o racismo vai continuar se manifestando nos estádios e no dia a dia dos brasileiros.
§11/11	<u>Somos todos seres humanos: essa deve ser nossa resposta ao racismo!</u>

Considerando os dois primeiros parágrafos apresentados, o sentido de humanidade como diversidade é também construído por meio da evocação das diferenças entre negros e brancos: “negros e brancos *têm diferentes tipos de pele, de cabelo, de formato de nariz, etc.*”. Ao concluir o texto com o *détournement* “Somos todos seres humanos”, o autor se alinha, assim, a um tipo de igualdade social diferente da do igualitarismo: a igualdade efetiva, que não ignora as diferenças raciais. Nesse sentido, para ser socialmente igual, não é necessário também ser racialmente igual, segundo determinado sentido atribuído ao intertexto “Somos todos macacos”.

As razões para as diferenças raciais, segundo o texto, deveriam ser ensinadas na escola, segundo o que indica a predicação verbal do referente “nossas crianças” por “não aprendem nas escolas a razão pela qual negros e brancos têm diferentes tipos de pele [...]” e de “conhecimento” por “ainda não aportou no currículo escolar”. O pressuposto construído, portanto, é o de que a diminuição do racismo, baseado, segundo o texto, na associação entre diferença e inferioridade, é proporcional à aquisição do conhecimento sobre a explicação da diferença racial. Assim, o referente “Episódios como o insulto ao lateral Daniel Alves” é predicado como “devem servir para [...] mobilizar governos” como parte da construção do sentido de prevenção do racismo por meio da educação, a partir das instituições sociais, como governos, organizações esportivas e outros atores sociais.

6.6.2. Mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais no texto 6

No texto 6, identificamos 43 mobilizações do *frame* Racismo, por meio de expressões referenciais e de predicações verbais. As mobilizações do *frame* Racismo colaboram para a evocação de outros contextos de escopos diferentes do contexto mais

situado da ofensa racista sofrida por DA e pelas reações deste: envolvem principalmente a evocação da realidade social de racismo e das pessoas negras socialmente desfavorecidas, mas também a punição do Villarreal ao torcedor autor do ato racista contra DA, as medidas preventivas e repressivas previstas no Estatuto do Torcedor e na Lei Geral da Copa, os episódios de insultos racistas nos estádios de futebol brasileiros etc.

Os contextos mais amplos são textualmente conectados aos mais situados, as ações de DA e NJ, de modo que estes são perfiladas por aqueles. Assim, as ações dos jogadores e o racismo que sofrem são perspectivadas pela realidade social do racismo, particularmente no que diz respeito à forma como são materialmente tratadas as pessoas negras pobres. As construções textuais encontradas, expressões referenciais e predicções verbais, que mobilizam o *frame* Racismo (ver quadro a seguir), colaboram com essas ações de contextualização.

Quadro 26 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 6 orientadas e construtoras de EFs do *frame* Racismo

Elementos do <i>frame</i> Racismo:	Racismo	Ação contra o racismo	Vítima do racismo
Expressões referenciais:	uma manifestação racista	uma agenda positiva, capaz de assegurar a prevenção e não apenas a repressão da violência nos esportes	[d]o jogador Daniel Alves, do Barcelona
	[d]o ocorrido	Ação preventiva	Daniel Alves
	os episódios de insultos racistas nos estádios de futebol	atuação cotidiana	O jogador Neymar
	A propaganda nazista	[atuação] permanente	vítima de ato racista semelhante
	A violência verbal	[atuação] norteada para as causas do racismo e não apenas para seus efeitos	os africanos escravizados
	[A violência] simbólica	Um exemplo simples mas emblemático	judeus
	a redução do outro à condição animal	nossa resposta ao racismo!	-
	a violência física	-	-
	[a violência] sanguinária	-	-
	[a violência] genocida	-	-
O núcleo duro da ideologia	-	-	

	racista		
	[n]a falácia da hierarquização entre seres humanos	-	-
	Episódios como o insulto ao lateral Daniel Alves	-	-
Total	13	7	6
		26	

Como podemos notar, a maioria das expressões referenciais mobilizadoras do *frame* Racismo no texto 6 colabora para o desenvolvimento da cadeia referencial ligada ao EF Racismo desse *frame*, seguida das cadeias ligadas aos EFs Ação_contra_o_racismo e Vítima_do_racismo, o que indica a saliência do racismo como processo ou fenômeno social cuja evocação considera principalmente as reações ao racismo e as vítimas deste.

As mobilizações do *frame* Racismo colaboram, mais particularmente, para a construção referencial do racismo e das ações de DA e de NJ. A evocação da realidade social do racismo e das pessoas negras é indicada pelas cadeias referenciais *Racismo* (ligada ao EF Racismo), *Prevenção ao racismo* (ligada ao EF Ação contra o Racismo), *Villarreal* (ligada ao EF Ação contra o Racismo) e *NJ* (ligada ao EF Ação contra o Vítima do racismo). A primeira cadeia referencial indica a evocação relevante da realidade do racismo. A cadeia referencial *Prevenção ao racismo* indica a construção de formas de ação que atinjam as causas do racismo, e não apenas seus efeitos. As outras duas cadeias referenciais apontam a contextualização realizada no texto em relação a atores sociais envolvidos nas ações de DA e de NJ: o time Villarreal, cujo torcedor realizou o ato racista contra DA, e o jogador NJ, que reagiu a esse ato racista.

A saliência do EF Racismo envolve a construção textual do racismo, principalmente nos campos de futebol, com a colaboração do desenvolvimento das cadeias referenciais ligadas aos contextos mais situados da produção textual em questão: *Villarreal* e *NJ*. O desenvolvimento da cadeia referencial *Villarreal* colabora para a construção textual do antirracismo, uma vez que as punições efetuadas contra o time em decorrência do ato racista de seus torcedores são usadas como modelo de medidas repressivas contra o racismo. No entanto, é o desenvolvimento da cadeia referencial *Prevenção ao racismo* que constrói os sentidos relacionados à construção textual do antirracismo como prevenção.

As predicções verbais no texto 6, por sua vez, colaboram principalmente, como as expressões referenciais, para a construção da cadeia referencial ligada ao EF Racismo. Assim, tanto no nível da (re)introdução de referentes ligados ao *frame* Racismo quanto no nível da atribuição de ações a esses referentes na direção da construção de outros elementos

de estabilização do *frame* Racismo, há a tendência de centração nessa cadeia referencial do racismo enquanto um processo ou fenômeno social, com a ênfase, como vimos, também nas vítimas desse processo e nas ações antirracistas. Vejamos as predicções verbais encontradas no texto 6:

Quadro 27 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do *frame* Racismo no texto 6

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal	Ocorrências
Racismo	os episódios de insultos racistas nos estádios de futebol	crecem a olho nu	8
	O Código Comercial brasileiro, instituído em 1850 e parcialmente revogado em 2002	qualificava os africanos escravizados como semoventes, como animais	
	A propaganda nazista	equiparava judeus a ratos	
	A violência verbal, simbólica, a redução do outro à condição animal	não se limita ao plano discursivo, ao xingamento, à palavra aparentemente inofensiva	
	Ela [a violência verbal, simbólica, a redução do outro à condição animal]	serve como justificativa e autorização para a violência física, sanguinária, genocida	
	O núcleo duro da ideologia racista	assenta-se exatamente na falácia da hierarquização entre seres humanos	
	Episódios como o insulto ao lateral Daniel Alves	devem servir, tal como previsto no Estatuto do Torcedor, para mobilizar governos, confederações, federações, ligas, clubes, entidades esportivas, torcedores, sociedade e indivíduos em torno de uma agenda positiva, capaz de assegurar a prevenção e não apenas a repressão da violência nos esportes	
Vítima de racismo	Daniel Alves	expressou sua indignação diante de uma manifestação racista que, segundo revelou, o persegue desde que mudou-se para a Europa	5
	O jogador Neymar, que há algumas semanas foi vítima de ato racista semelhante	solidarizou-se com seu colega de time	
	[O jogador Neymar]	publicou fotografia dele próprio saboreando uma banana	
	[O jogador Neymar]	e, segundo consta, teria lançado uma campanha contra o racismo	

		intitulada "Somos Todos Macacos"	
	Neymar	fotografia dele próprio saboreando uma banana	
Ação contra o racismo	A ação exemplar do Villarreal ao reprimir severamente o torcedor	deve servir de modelo para nosso país	
	Ação preventiva	requer atuação cotidiana, permanente, norteadada para as causas do racismo e não apenas para seus efeitos	4
	Um exemplo simples mas emblemático	cabe perfeitamente nesta quadra	
	nossa resposta ao racismo	deve ser [Somos todos seres humanos]	
Total:			17

Nesse sentido, como podemos ver no quadro acima, as predicções verbais colaboram para a construção do racismo como um processo agentivo (animado ou personificado), como podemos observar na predicação verbal dos referentes ligados a ele contextual e historicamente: “[os episódios de insultos racistas nos estádios de futebol] *crecem a olho nu*” (como se os episódios fossem um organismo vivo, que nasce, cresce, reproduz-se e morre) e “[O Código Comercial brasileiro, instituído em 1850 e parcialmente revogado em 2002] *qualificava os africanos escravizados como semoventes, como animais*”.

A construção da cadeia referencial *Racismo* envolve também a construção referencial da ação racista sofrida por DA. Assim, essa cadeia referencial é iniciada pela instauração de referentes que descrevem ou evocam o contexto mais situado do racismo sofrido pelo jogador (como na introdução do referente “uma banana arremessada por um torcedor do Villarreal durante partida do Campeonato Espanhol no último domingo” [extrato 38 apresentado anteriormente] posteriormente recategorizado como “uma manifestação racista [sofrida por DA]”) e, progressivamente, é desenvolvida por meio de referentes mais genéricos que evocam contextos mais amplos, como nas recategorizações “os episódios de insultos racistas nos estádios de futebol” (extrato 40 a seguir), “A violência verbal, simbólica”, “a redução do outro à condição animal”, “o racismo” etc., que assim, vão construindo o caráter racista desse ato:

(40)

§2/11	Com bom humor e irreverência, Daniel Alves expressou sua indignação diante de <u>uma manifestação racista que, segundo revelou, o persegue desde que mudou-se para a Europa</u> . Horas depois do ocorrido o Villarreal informava ter identificado e punido o autor do <u>ato racista</u> , cassando seu carnê de sócio e proibindo seu acesso ao estádio El Madrigal em caráter definitivo.
[...]	[...]
§4/11	<u>A ação exemplar do Villarreal</u> ao reprimir severamente o torcedor deve servir de <u>modelo para nosso país</u> : a despeito das <u>medidas preventivas e repressivas</u> previstas no Estatuto do Torcedor e na Lei Geral da Copa, também por aqui <u>os episódios de insultos racistas nos estádios de futebol crescem a olho nu</u> .
[...]	[...]
§9/11	<u>Episódios como o insulto ao lateral Daniel Alves</u> devem servir, tal como previsto no Estatuto do Torcedor, para mobilizar governos, confederações, federações, ligas, clubes, entidades esportivas, torcedores, sociedade e indivíduos em torno de uma agenda positiva, capaz de assegurar a prevenção e não apenas a repressão da <u>violência nos esportes</u> .

O desenvolvimento da cadeia referencial *Prevenção ao racismo* envolve a construção do sentido de que as ações contra o racismo, na prática, são geralmente apenas de punição, após os atos racistas já terem acontecido, ainda que medidas preventivas também estejam, no âmbito do futebol, previstas no Estatuto do Torcedor e na Lei Geral da Copa, por exemplo. Assim, o desenvolvimento dessa cadeia referencial se realiza de forma a identificar algumas formas de prevenção do racismo. Introduzidos pelas expressões referenciais sublinhadas no extrato acima (“medidas preventivas” e “prevenção”), os referentes inicialmente introduzidos são recategorizados e predicados (e deativados) de forma a evocar a principal forma de antirracismo assumido (ações preventivas cotidianas e permanentes) e, assim, colaborar para a indicação da construção textual e sociocognitiva do racismo no texto 6 (racismo como déficit na formação escolar) por meio da evocação do principal ponto de desenvolvimento do racismo (a educação), como na recategorização “atuação cotidiana, permanente, norteadas para as causas do racismo e não apenas para seus efeitos” e na predicação verbal do referente introduzido “nossas crianças” por “[até hoje] não aprendem nas escolas a razão pela qual negros e brancos têm diferentes tipos de pele, de cabelo, de formato de nariz, etc.” (ver extrato 39 anteriormente apresentado).

O desenvolvimento da cadeia referencial *Villarreal* cumpre a função de construir esse referente e suas ações como “modelo para nosso país” contra o racismo, conforme é recategorizado textualmente, no âmbito particular das punições contra o racismo. Assim, há uma relação argumentativa entre o desenvolvimento dessa cadeia referencial e o da cadeia anterior, *Prevenção contra o racismo*, como parte da indicação de determinada forma de antirracismo; nesse caso, tanto preventiva quanto punitiva. Em uma palavra, educativa. Assim, essa cadeia é iniciada pela referência ao time do Villarreal no primeiro parágrafo

(exemplo 38), como parte da contextualização do texto em relação ao ato racista sofrido por DA, e, posteriormente, a esse referente são atribuídas ações que consistem em respostas punitivas ao racismo sofrido pelo jogador. Assim, o referente “Villarreal” é predicado por “informava ter identificado e punido o autor do ato racista”, “cassando seu carnê de sócio” e “proibindo seu acesso ao estádio El Madrigal em caráter definitivo”. Essas predicções verbais são, assim, posteriormente, encapsuladas pela expressão “A ação exemplar do Villarreal ao reprimir severamente o torcedor” (extrato 40). Evocando o sentido de conduta moral, as atitudes antirracistas deveriam, assim, ser exemplares, modelares.

O desenvolvimento da cadeia referencial NJ tem uma função de contextualização do texto, conforme indicam os construtores de referência que a compõem. Assim, NJ é referencialmente introduzido pela expressão “*o jogador Neymar*” e posteriormente recategorizado como “*vítima de ato racista semelhante*” e predicado por “*solidarizou-se com seu colega de time*”, “*publicou fotografia dele próprio saboreando uma banana*” e “*teria lançado uma campanha contra o racismo* intitulada ‘Somos Todos Macacos’”. Vale notar que as formas linguísticas em itálico indicam que as ações de NJ se pautam na empatia a DA vinculada ao compartilhamento de experiências comuns entre os dois: o reconhecimento de NJ de que experimenta o racismo sofrido por DA o teria levado a se solidarizar e a lançar uma campanha antirracista.

(41)

§3/11 O jogador Neymar, que há algumas semanas foi vítima de ato racista semelhante, solidarizou-se com seu colega de time, publicou fotografia dele próprio saboreando uma banana e, segundo consta, teria lançado uma campanha contra o racismo intitulada "Somos Todos Macacos".

[...] [...]

§5/11 Tenho dúvidas, entretanto, sobre a eficácia de campanhas supostamente direcionadas contra o racismo mas que terminam por legitimar, ainda que de modo irreverente, a ideia de que seres humanos podem ser equiparados a animais.

Essa construção de NJ, no entanto, é modulada pela construção referencial dessa campanha, que, posteriormente, é recategorizada como “campanhas supostamente direcionadas contra o racismo” e predicada por “terminam por legitimar, ainda que de modo irreverente, a ideia de que seres humanos podem ser equiparados a animais”. Nesse sentido, o antirracismo seria mais do que um sentimento de empatia ligado a experiências compartilhadas, mas, por exemplo, a não reprodução da animalização de negros e a ação educativa, como vimos.

6.7. Texto 7: *Somos todos macacos*

No texto 7, intitulado *Somos todos macacos*, de autoria do jornalista Artur Xexéo, publicado no dia 30 de abril de 2014, no jornal *O Globo*, o autor defende que qualquer manifestação que diminua o impacto do racismo deve ser incentivada e que, por isso, apoia a campanha “Somos todos macacos”, ainda que, segundo declara, inicialmente tenha desconfiado da manifestação do jogador Neymar em reação ao racismo sofrido por seu colega Daniel Alves.

6.7.1. Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indicados por formas intertextuais e construções textuais no texto 7

O texto 7 tem como importantes elementos de antirracismo a construção textual da adesão ao EF Reação_ao_racismo do *frame* Racismo, por meio do alinhamento a qualquer forma de ação antirracista, da construção do antirracismo como uma ação sobre os efeitos ou consequências do racismo e do antirracismo, como uma ação baseada em criatividade e humor, e da mobilização do *frame* Racismo, por meio da construção textual do racismo como uma prática social. Nesta seção, apresentamos a identificação desses elementos no texto por meio da análise das formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos”.

No texto 7, em termos de formas intertextuais, o alinhamento genérico ao antirracismo (adesão ao EF Reação_ao_racismo) é realizado com a colaboração de retomada e de citação do intertexto “Somos todos macacos”, além de outras construções textuais. Essas formas intertextuais indiciam a pressuposição de que o intertexto “Somos todos macacos” consiste em uma ação antirracista. No texto 7, encontramos 3 (três) formas intertextuais relacionadas ao intertexto “Somos todos macacos”:

Quadro 28 Formas intertextuais de “Somos todos macacos” encontradas no texto 7

Tipo de forma intertextual	Ocorrências	Total
Retomada	(1) “Somos todos macacos” (2) “Somos todos macacos”	2
Citação	(3) “Somos todos macacos”	1

O alinhamento a qualquer tipo de ação antirracista pode ser apontado no texto 7, por exemplo, por meio da observação das retomadas intertextuais realizadas no título (forma intertextual 1 do quadro acima, “Somos todos macacos”) e no penúltimo parágrafo do texto (forma intertextual 2), que indicam o alinhamento ao intertexto. A natureza desse alinhamento

é formulada logo em seguida ao título, na lide. Por meio dessa formulação (“Qualquer manifestação que diminua o impacto de atitudes racistas deve ser incentivada. Conte comigo, Neymar”), o intertexto é categorizado como “manifestação que diminui o impacto de atitudes racistas” e predicado por “deve ser incentivada”. Assim, o alinhamento ao intertexto se pauta na categorização do intertexto como uma manifestação antirracista (no sentido de que ela diminui o impacto de atitudes racistas) e o antirracismo é representado, por meio dessas construções de sentido, principalmente como ação sobre os efeitos ou consequências (categorizados como “impactos”) dos atos racistas:

(42)

Título	Somos todos macacos
Lide	Qualquer manifestação que diminua o impacto de <u>atitudes racistas</u> deve ser incentivada. Conte comigo, Neymar

Uma vez introduzida como intertexto por meio da citação, o enunciado “Somos todos macacos” é categorizado também como “a resposta do jogador mais famoso do Brasil às atitudes racistas [...]” (extrato abaixo). A forma com que NJ é referencialmente construído como grande jogador vítima de racismo (por meio da categorização “o jogador mais famoso do Brasil” e da predicação verbal “têm sofrido [atitudes racistas] em estádios pelo mundo afora”) colabora para a indicação do alinhamento à ação desse ator social, NJ.

(43)

§1/6	Num primeiro momento, <u>não tive muita certeza se tinha gostado ou não da campanha lançada por Neymar e que tomou conta da internet no último domingo</u> . “Somos todos macacos” foi a resposta do jogador mais famoso do Brasil às atitudes racistas que ele mesmo e muitos outros atletas têm sofrido em estádios pelo mundo afora. A campanha de agora foi motivada pela <u>banana atirada em Daniel Alves quando ele se preparava para bater um escanteio no jogo entre Villareal e Barcelona</u> .
§2/6	Comecei a desconfiar da campanha logo que a foto de Neymar, segurando uma banana descascada, ao lado de seu filho, Davi Lucca, segurando um bananão de pelúcia, chegou ao meu computador. Foi tudo rápido demais, a foto era bonita demais, espontaneidade zero. Parecia coisa de agência de publicidade. E era. Neymar e a agência aguardavam apenas o momento oportuno de lançar a campanha. O inesperado comportamento de Daniel Alves comendo a banana que lhe foi jogada acionou Neymar & Cia.

Predicações verbais e (re)categorizações do referente introduzido como “campanha lançada por Neymar” e do próprio autor do texto, evocado textualmente pelo uso verbal de 1ª pessoa do singular e da formulação de um relato das percepções do autor sobre a campanha, contribuem para a indicação de que o antirracismo no texto 7 é conceptualizado ele mesmo como um valor central no alinhamento ou não a uma reação ao racismo.

Na predicação verbal do autor evocado em 1ª pessoa do singular (“não tive certeza se tinha gostado ou não [...]” e “Comecei a desconfiar [...]”), nas recategorizações e nas predicações verbais realizadas da campanha e do referente *foto de Neymar* a ela relacionado

(“[a foto] era bonita demais”, “espontaneidade zero”, “Parecia coisa de agência de publicidade”), os aspectos da campanha introduzidos são tomados, no texto, como menos relevantes do que o próprio sentido antirracista dela. Nesse sentido, o sentido antirracista da ação seria mais relevante do que as formas sócio-simbólicas com que ela se daria.

No extrato a seguir, a campanha é construída como abrangendo as publicações na Internet de fotos por celebridades que expressaram adesão à campanha ao reproduzirem a imagem de NJ segurando uma banana. O artigo constrói textualmente uma analogia entre, de um lado, a diversidade de formatos e de formas de segurar as bananas exibidas nas fotos das celebridades (salientando, inclusive, a sua dimensão fálica, como nas predicções qualificativas “erótica”, “nanica”, “explícita”) e, de outro, a diversidade das formas de preconceito. Essa analogia é indicada por recategorizações de *banana*, pela sequenciação de referentes “A sugestão levemente erótica da banana de Luciano Huck e Angélica [apresentadores de TV]”, “a banana nanica de Luan Santana [cantor]”, “a banana explícita de Fred [jogador de futebol]...” e a recategorização que sumariza esses referentes: “os tipos de bananas”. Por meio da construção da analogia, o texto atribui um caráter de antirracismo à representação do preconceito como diversificado:

(44)

§5/6 Só perdi toda a minha resistência à campanha do Neymar quando vi ontem a primeira página aqui do GLOBO. Todas aquelas fotos das celebridades que aderiram à campanha antirracista expondo-se de forma, às vezes, ridícula ao lado de uma banana diziam que o assunto é mais sério do que uma simples pose gaiata na internet pode indicar. A sugestão levemente erótica da banana de Luciano Huck e Angélica, a banana nanica de Luan Santana, a banana explícita de Fred... são muitos os tipos de banana e muitas as formas de preconceito. Qualquer manifestação que diminua o impacto de atitudes racistas deve ser incentivada. Conte comigo, Neymar. Somos todos macacos.

A predicação verbal do referente “aquelas fotos das celebridades que aderiram à campanha antirracista expondo-se de forma, às vezes, ridícula ao lado de uma banana” por “diziam que o assunto é mais sério do que uma simples pose gaiata na internet pode indicar” constrói no texto o processo pessoal de atribuição pelo autor de um comprometimento antirracista dos atores sociais ao se “expor ao ridículo”. Assim, aqui está em questão a incorporação do sentido de antirracismo por esses atores sociais.

6.7.2. Mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais no texto 7

No texto 7, identificamos 76 mobilizações do *frame* Racismo por meio de expressões referenciais e predicções verbais. As construções textuais mobilizadoras do *frame* Racismo colaboram também com a evocação de contextos relacionados ao ato racista sofrido

por DA e às reações deste e de NJ. Esses contextos são conectados, assim, às ações de DA e de NJ. Nesse sentido, as principais formas textuais construtoras de referência encontradas colaboram com essas contextualizações realizadas por predicções verbais e expressões referenciais no texto 7. Vejamos primeiramente o caso das expressões referenciais. Elas colaboram para o desenvolvimento de cadeias referenciais guiadas ou construtoras, por sua vez, de EFs do *frame* Racismo, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro 29 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 7 orientadas e construtoras de EFs do *frame* Racismo

Elemento do <i>frame</i> Racismo	Vítima do racismo	Reação ao racismo	Racismo
Expressões referenciais:	Neymar	Qualquer manifestação que diminua o impacto de atitudes racistas	o impacto de atitudes racistas
	Neymar	[d]a campanha lançada por Neymar	às atitudes racistas
	ele mesmo	a resposta do jogador mais famoso do Brasil às atitudes racistas que ele mesmo e muitos outros atletas têm sofrido em estádios pelo mundo afora	a banana atirada em Daniel Alves quando ele se preparava para bater um escanteio no jogo entre Villareal e Barcelona
	muitos outros atletas	A campanha de agora	a banana que lhe foi jogada
	Daniel Alves	[d]a campanha	da banana jogada
	Neymar	a foto de Neymar	a fruta
	seu filho	Coisa de agência de publicidade	atitudes preconceituosas por parte do público do futebol
	Davi Lucca	a foto	a mesma coisa na Espanha
	Neymar	a foto	uma atitude que infelizmente tem se tornado comum nos estádios uma atitude
	Daniel Alves	movimento	-
	Neymar	a campanha do Neymar	-
	Jogadores agredidos por atos de racismo	a campanha Somos Todos Macacos	-
	Daniel Alves	à campanha do Neymar	-
	Daniel Alves	à campanha antirracista	-
	“Neymar” (Dilma Rousseff)	o assunto	-

	“Daniel Alves”	uma simples pose gaiata na internet	-
	Daniel Alves	A sugestão levemente erótica da banana de Luciano Huck e Angélica, a banana nanica de Luan Santana, a banana explícita de Fred	-
	Neymar	os tipos de banana	-
	Fred	Qualquer manifestação que diminua o impacto de atitudes racistas	-
	Neymar	-	-
Total	20	19	9
		48	

Segundo o que podemos ver no quadro acima, a cadeia referencial mais desenvolvida no texto 7 diz respeito predominantemente ao EF *Vítima_do_racismo*, seguida das cadeias relacionadas aos EFs *Reação_ao_racismo* e *Racismo*. Isso indica a saliência das vítimas do racismo (principalmente DA e NJ) e das reações a ele (de DA e de NJ). As mobilizações do *frame* *Racismo* colaboram para a construção referencial do racismo e das reações de DA e de NJ. Assim, as ações dos jogadores são contextualizadas a partir da perspectiva do autor em relação às reações ao racismo, conforme os comentários que fazemos a seguir na exemplificação.

Vejam, agora, as predicações verbais encontradas:

Quadro 30 Exemplos das principais predicações verbais de referentes ligados a EFs do *frame* *Racismo* no texto 7

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal
Vítimas do racismo	Neymar	Conte comigo
	ele mesmo [NJ] e muitos outros atletas	têm sofrido [atitudes racistas] em estádios pelo mundo afora
	[DA]	se preparava para bater um escanteio no jogo entre Villareal e Barcelona
	Neymar	segurando uma banana descascada, ao lado de seu filho, Davi Lucca
	Neymar e a agência	aguardavam apenas o momento oportuno de lançar a campanha
	Daniel Alves	comendo a banana que lhe foi jogada
	Jogadores agredidos por atos de racismo	costumam ter dois tipos de comportamento

	Daniel Alves	inaugurou um terceiro tipo: o bom humor
	[DA]	pegou a fruta, descascou e comeu
	Daniel Alves	declarações que <i>deu após o jogo</i>
	[DA]	não tinha intenção de iniciar movimento algum
	[DA]	Só queria rir dos racistas.
	[DA]	“Tem que ser assim. Não vamos mudar”, disse ele
	[DA]	“Há 11 anos convivo com a mesma coisa na Espanha. Temos que rir desses retardados.” (DA)
	Neymar	“lançou a campanha Somos Todos Macacos para mostrar que temos todos a mesma origem” (Dilma Rousseff)
	Daniel Alves	“teve atitude” (Dilma Rousseff)
Reação ao racismo	Qualquer manifestação que diminua o impacto de atitudes racistas	deve ser incentivada
	[d]a campanha lançada por Neymar	e que tomou conta da internet no último domingo
	“Somos todos macacos”	foi a resposta do jogador mais famoso do Brasil às atitudes racistas que ele mesmo e muitos outros atletas têm sofrido em estádios pelo mundo afora
	A campanha de agora	foi motivada pela banana atirada em Daniel Alves quando ele se preparava para bater um escanteio no jogo entre Villareal e Barcelona
	A foto de Neymar	chegou ao meu computador
	tudo	Foi rápido demais
	a foto	era bonita demais
	[a foto]	Parecia coisa de agência de publicidade
	Todas aquelas fotos das celebridades que aderiram à campanha antirracista expondo-se de forma, às vezes, ridícula ao lado de uma banana	diziam que o assunto é mais sério do que uma simples pose gaiata na internet pode indicar são muitos os tipos de banana e muitas as formas de preconceito
Total		28

Como podemos notar, os EFs que guiam ou são por predicções verbais são *Vítimas_do_Racismo* e *Reação_ao_racismo*. Nesse sentido, não apenas a cadeia referencial a eles ligadas é desenvolvida por expressões referenciais como também os referentes (re)introduzidos por essas expressões são predicados e a eles são atribuídas características, de modo a legitimar as reações de DA e de NJ e da campanha “Somos todos macacos” como reações antirracistas e a construir as vítimas do racismo. Vejamos, por exemplo, o extrato a seguir:

(45)

§3/6 A atitude de Daniel Alves é a novidade dessa história. Jogadores agredidos por atos de racismo costumam ter dois tipos de comportamento. O primeiro é uma fingida indiferença seguida de um desabafo choroso. O segundo é o revide agressivo. Daniel Alves inaugurou um terceiro tipo: o bom humor. Diante da banana jogada, ele pegou a fruta, descascou e comeu. O comportamento de Daniel Alves ganha mais força quando se percebe, pelas declarações que deu após o jogo, que ele não tinha intenção de iniciar movimento algum. Só queria rir dos racistas. “Tem que ser assim. Não vamos mudar”, disse ele, sem esperança de qualquer transformação nas frequentes atitudes preconceituosas por parte do público do futebol. “Há 11 anos convivo com a mesma coisa na Espanha. Temos que rir desses retardados.”

A observação das expressões referenciais e predicções verbais nesse extrato oferece indícios de que, no texto 7, o racismo é representado principalmente como uma *prática*, um conjunto de ações recorrentes e contextualizadas, conforme indicam as construções referenciais da cadeia referencial *Atitudes racistas*, que mobilizam o *frame* Racismo: pelas expressões referenciais recategorizadoras “[a]s *atitudes racistas* que ele mesmo [Neymar] e muitos outros atletas *têm sofrido em estádios pelo mundo afora*”, “*atos de racismo*”, “*frequentes atitudes preconceituosas por parte do público do futebol*” e pelas predicções verbais dos atores DA e NJ, como “[Neymar] *têm sofrido* [*atitudes racistas*] *em estádios pelo mundo afora*”, “banana atirada em Daniel Alves quando ele *se preparava para bater um escanteio no jogo entre Villareal e Barcelona*”. Por meio dessas expressões referenciais recategorizadoras e predicções verbais exemplificadas, o texto também contextualiza o racismo quanto a seus agentes e práticas ligadas ao campo do futebol.

O alinhamento ao sentido de antirracismo é indicado também pela predominância das cadeias referenciais *Ações antirracistas*, *Músicas brasileiras sobre banana*, *Ato de DA* e *Atitudes racistas*. Assim, o alinhamento ao sentido de antirracismo colabora para o desenvolvimento maior da cadeia referencial *Ações antirracistas*, que se relaciona com as outras cadeias referenciais, conforme indicamos adiante.

A construção da cadeia referencial *Ações antirracistas* colabora para a construção do contexto concernente ao ato de DA, que é, assim, também desenvolvido como cadeia

referencial. Essa cadeia referencial é iniciada por meio da introdução do referente “Qualquer manifestação que diminua o impacto de atitudes racistas”, que é predicada por “deve ser incentivada” e que também categoriza o referente posteriormente introduzido “campanha lançada por Neymar”. Este referente é, por sua vez, recategorizado como “a resposta do jogador mais famoso do Brasil às atitudes racistas que ele mesmo e muitos outros atletas têm sofrido em estádios pelo mundo afora”. Assim, o desenvolvimento da cadeia *Ações antirracistas* também constrói as conexões entre o contexto da campanha lançada por NJ e o alinhamento ao antirracismo que lhe é atribuído.

É importante notar que o desenvolvimento da cadeia *Músicas brasileiras sobre banana*, por sua vez, indicia que o antirracismo pode ser realizado por meio da evocação da *banana* menos como um referente racista do que como um referente regional do Brasil ou das regiões tropicais em geral. Isso pode ser apontado na evocação de canções (marchinhas de carnaval e samba) que tematizam a banana como metonímia para a tropicalidade de determinadas regiões, como Jamaica (pela canção *Banana boat song*) e Bahia (evocada pela referência a baianas na canção citada *O que é que a baiana tem?* de Dorival Caymmi).

A intertextualidade com o filme *Banana da terra* evoca um paraíso tropical e festivo-musical, o Brasil, que representa figurativamente um paraíso de democracia racial, onde negros e indígenas nativos conviveriam com os turistas brancos. Nesse sentido, podemos dizer que o antirracismo é aqui representado como “docilidade” ou “cordialidade” por meio da mobilização do sentido de civilidade/civilização (não racismo).

(46)

§6/6 Para quem quiser acompanhar a polêmica da banana com boa música, não faltam exemplos no cancioneiro popular brasileiro. Se bem que a primeira vez em que ouvi banana numa canção foi na voz de Harry Belafonte. Lá por 1956 ou 1957 — eu sei que faz tempo, mas eu era praticamente um bebê —, era só ligar o rádio que, fatalmente, estava tocando “Banana boat song”, o que a gente considerava um calipso. Na verdade, a música é jamaicana e parece que é ou era cantada pelos colhedores de bananas locais. Mas estava no disco de calipso do Belafonte, então... “Come, Mister Tally Man, tally me banana”, cantava o Belafonte, e a gente repetia em forma de paródia: “Eu não sou macaco, mas eu gosto de banana”. Só depois eu descobri que a banana era praticamente uma obsessão de Braguinha, que a cantou em grandes sucessos, como “Yes, nós temos banana” (“banana, menina, tem vitamina”) e “Chiquita Bacana” (aquela que se vestia “com uma casca de banana nanica”), e em canções mais obscuras, como “Sem banana macaco se arranja”. Como as outras, essa é uma parceria com Alberto Ribeiro, feita para o filme “Banana da terra”, de 1939. Foi cantada por Carlos Galhardo, mas totalmente eclipsada por uma canção de Dorival Caymmi lançada no mesmo filme, “O que é que a baiana tem?”, na voz de Carmen Miranda.

O desenvolvimento da cadeia referencial *Ato de DA* (concernente ao seu ato de comer uma banana das que lhe foram jogadas), qualificado ou categorizado como “*inesperado*”, “*novidade*”, “*terceiro tipo* [de comportamento em reação a atos de racismo no

futebol]”, colabora para construir esse ato como criativo ou inovador e baseado em humor, na reação a atos de racismo. Colabora também para a construção de uma conexão entre a tematização do racismo e o contexto concernente à reação de DA. Dentre os construtores de referência que fazem parte dessa cadeia referencial, algumas recategorizações e predicções verbais são particularmente importantes para a mobilização do *frame* Racismo no texto 7.

Esse referente, a reação de DA, é textualmente introduzido como “O inesperado comportamento de Daniel Alves comendo a banana que lhe foi jogada” e, posteriormente, é recategorizado como “A atitude de Daniel Alves”, “a novidade dessa história”, “comportamento”, “um terceiro tipo [de comportamento em reação a atos de racismo no futebol]”, “o bom humor”, “rir dos racistas”, “rir desses retardados”. Assim, o texto se alinha a um antirracismo baseado no sentido de humor e de criatividade.

A observação do desenvolvimento da cadeia referencial *Atitudes racistas*, por sua vez, indica a representação do racismo como uma atitude sobre os efeitos/consequências (“impactos”) nos quais o antirracismo interviria. Assim, essa cadeia referencial é iniciada por meio da introdução do referente “atitudes racistas”, como vimos, e de recategorizações como “frequentes atitudes preconceituosas por parte do público do futebol”.

6.8. Texto 8: *Somos todos macacos?*

No texto 8, intitulado *Somos todos macacos?*, de autoria do jornalista e professor de Jornalismo Deivison Campos, publicado no dia 30 de abril de 2014, no jornal *Zero Hora*, o autor defende que a campanha “Somos todos macacos” reproduz um discurso de desumanização do negro.

6.8.1. Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indicados por formas intertextuais e construções textuais no texto 8

O texto 8 tem como elementos importantes a rejeição ao EF Construto_racista do *frame* Racismo, à utilização de construções simbólicas racistas em reações ao racismo e a representação do antirracismo a partir do sentido de humanidade, o que aproxima o texto do modelo diferencialista de antirracismo. Identificamos esse elemento de antirracismo no texto 8 por meio da análise das formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos”. O sentido de rejeição a construções racistas é indicado progressivamente,

com a colaboração entre formas intertextuais e outras construções textuais (como construtores de referência e de contexto).

No texto 8, em termos de formas intertextuais, a rejeição citada é realizada com a colaboração de *détournements* e de citações do intertexto “Somos todos macacos”. Essas formas intertextuais indicam a pressuposição no texto 8 de que o intertexto “Somos todos macacos” evoca construtos simbólicos racistas. No texto, encontramos 11 (onze) formas intertextuais relacionadas ao intertexto “somos todos macacos”:

Quadro 31 Formas intertextuais encontradas no texto 8

Tipo de forma intertextual	Ocorrências	Total
<i>Détournement</i>	(1) “Somos todos macacos?”	8
	(2) “Não somos macacos”	
	(3) “Somos humanos”	
	(4) “Não somos macacos”	
	(5) “Ninguém é [macaco]”	
	(6) “Somos humanos, mesmo sem todos os direitos”	
	(7) “Não. Não somos macacos”	
	(8) “Somos humanos”	
Citação	(9) “Assumir [que somos macacos] [...]”	3
	(10) “assumir que somos todos macacos [...]”	
	(11) “Assumir [que somos todos macacos] [...]”	

A rejeição à utilização de construções racistas em reações ao racismo é indicada pela ocorrência das formas intertextuais encontradas, principalmente os *détournements*. A primeira forma intertextual apresentada no quadro acima, a ocorrência 1, que ocupa o lugar de título do texto (ver extrato adiante), recontextualiza (cf. Bauman, 2004) o intertexto “Somos todos macacos” ao transformá-lo em um questionamento (“Somos todos macacos?”) e, assim, apresenta o sentido do intertexto como uma questão a ser tematizada e não simplesmente como um sentido com o qual se deve necessariamente afiliar.

O texto constrói implicitamente uma resposta a esse questionamento por meio da colaboração entre formas intertextuais e outras construções textuais. Assim, o intertexto aludido no título é categorizado na epígrafe pela expressão “Assumir [que somos todos macacos]” (que implicitamente introduz uma citação ao intertexto “Somos todos macacos”) e recategorizado como “congelar essa imagem”, em que o referente “essa imagem” remete à representação racista do negro como macaco. “Congelar”, nesse caso, é uma expressão metafórica que remete à manutenção ou reprodução de determinadas construções simbólicas no decorrer do tempo. Com a colaboração dessas construções textuais, o texto produz 2 (dois) *détournements* (ocorrências 2 e 3 no quadro anterior) que respondem ao questionamento

apresentado no próprio título do texto, com a formulação da rejeição à representação do negro como macaco: “Não somos macacos./ Somos humanos” (ver extrato a seguir):

(47)

Título	<u>Somos todos macacos?</u>
Epígrafe	<u>Assumir é congelar essa imagem. Não. Não somos macacos. Somos humanos.</u>
§1/5	Não. O ato de Daniel Alves no jogo contra o Villarreal pode ser considerado um enfrentamento ao racismo. Ao juntar a banana e comê-la, desconstruiu ao vivo o ato racista frente a milhões de pessoas que assistiam ao jogo. Concluiu lembrando através das redes sociais que o alimento lhe deu energia para o jogo, considerando ser um alimento utilizado por atletas. Quem não lembra, por exemplo, das paradas estratégicas de Guga Kuerten. No entanto, <u>assumir que somos todos macacos autoriza que as iniciativas de jogar bananas no gramado e imitar o som de animais prossigam. Não somos macacos. Ninguém é. Somos humanos, mesmo sem todos os direitos.</u>

Podemos dizer que o uso de formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos”, no texto 8, colabora para a formulação da rejeição ao uso da representação do negro como macaco nas reações ao racismo, conforme indica o uso de 02 *détournements* contíguos (“Não somos macacos” e “Somos humanos”) e de 01 citação implícita “Assumir [que somos todos macacos]” na formulação “Assumir é congelar/ essa imagem. Não./ Não somos macacos./ Somos humanos” (ocorrências 9, 2 e 3, respectivamente, retomada no próprio texto no fim do último parágrafo [nas ocorrências 11, 7 e 8]). Participa também o conjunto de 03 *détournements* também contíguos “Não somos macacos. Ninguém é. Somos humanos, mesmo sem todos os direitos” (ocorrências 4, 5 e 6, respectivamente).

Essas formas intertextuais também colaboram para a construção de um antirracismo em que o sentido de *humanidade* (o atributo de ser humano) é relevante. Assim, particularmente o último *détournement*, “Somos humanos”, na epígrafe (ocorrência 3), e o *détournement* no fim do primeiro parágrafo, “Somos todos humanos, mesmo sem todos os direitos” (ocorrência 6), colaboram para a formulação de que o escopo da rejeição ao uso de construções racistas consiste na desumanização/animalização simbólica local do negro por meio da representação deste como macaco, sentido atribuído ao intertexto “Somos todos macacos”. Nessa direção, a função argumentativa da locução “mesmo (que)” revela um sentido de concessão importante para a representação de antirracismo em jogo. Vale apontar que o *détournement* “Somos todos humanos, mesmo sem todos os direitos” incorpora também, por meio da evocação do sentido de humanidade, a categoria de igualdade ao afirmar o compartilhamento da humanidade por todos e ao assumir a existência da desigualdade social, na forma da inexistência de todos direitos para todos. A igualdade evocada, nesse

sentido, como dissemos, é social, igualdade de direitos, havendo, assim, a mobilização do *frame* Igualdade_social.

O sentido de humanidade é também indicado na evocação de um processo (o de que as ações racistas continuam) contrário ao pretendido pelo antirracismo (que é o de que as ações racistas diminuem ou que cessem). Esse processo, que seria um efeito decorrente da evocação de uma construção racista pelo intertexto, é atribuído à ação de assumir que “somos todos macacos”, por meio da predicação verbal do referente “assumir que somos todos macacos” por “autoriza que as iniciativas de jogar bananas no gramado e imitar o som de animais prossigam” (extrato apresentado acima). Nesse sentido, é rejeitada a construção simbólica de desumanização/animalização do negro que seria legitimada pela ação de se assumir como macaco.

6.8.2. Mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais no texto 8

No texto 8, identificamos 37 mobilizações do *frame* Racismo por meio de expressões referenciais e de predicções verbais. O texto 8 tem como principais características a rejeição à utilização de construções racistas em reações ao racismo e a representação do racismo como não humanidade. Essas características podem ser apontadas no texto 8 por meio da análise de construções textuais mobilizadoras do *frame* Racismo. Vejamos primeiramente o caso das expressões referenciais mobilizadoras desse *frame*, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 32 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 8 orientadas e construtoras de EFs do *frame* Racismo

Elemento de <i>Frame</i> :	Reação ao racismo	Racismo	Vítima de racismo
Expressões referenciais:	Assumir	[a]o racismo	Daniel Alves
	O ato de Daniel Alves no jogo contra o Villarreal	o ato racista	Neymar
	um enfrentamento ao racismo	as iniciativas de jogar bananas no gramado e imitar o som de animais	os negros
	[d]as paradas estratégicas de Guga Kuerten	o evolucionismo natural e depois social	os negros
	assumir que somos todos macacos	a escala de superioridade de civilizações, em função da cor da pele	-
	O argumento utilizado pela campanha lançada por Neymar, proposto por	Essas lógicas	-

	uma agência de publicidade		
	manutenção de um discurso de desumanização do negro, iniciado há quase 600 anos por pressupostos evolucionistas	Comparar ao macaco, em cantos, bananas jogadas ou onomatopeias	-
	uma estratégia que mantém os negros como desumanizados, ou seja, incapazes de atender às demandas da chamada civilização ocidental principalmente no atual desenvolvimento do capitalismo que exclui essa relação de saber-poder	-	-
	Assumir	-	-
Total	11	7	4
		22	

Como podemos notar por meio da leitura do quadro acima, a principal cadeia referencial desenvolvida no texto 8 está ligada ao EF *Reação_ao_racismo* do *frame* Racismo, seguida de cadeias ligadas aos EFs Racismo e *Vítima_de_racismo*. Isso indica que, no texto, o racismo é representado fortemente como processo social ou fenômeno social com ênfase na reação a ele e nas suas vítimas.

As expressões referenciais e as predicções verbais também possuem um papel importante na evocação dos contextos relevantes no texto 8, como: o ato racista sofrido por DA, a reação deste e de NJ a esse ato, o racismo (no futebol), as práticas esportivas (como em “[DA] Concluiu lembrando através das redes sociais que o alimento [a banana] lhe deu energia para o jogo, considerando ser um alimento utilizado por atletas. Quem não lembra, por exemplo, das paradas estratégicas de Guga Kuerten [tenista brasileiro]”), a construção simbólica e histórica do negro como menos ou não dotados de humanidade (“discurso de desumanização do negro, iniciado há quase 600 anos por pressupostos evolucionistas”), o evolucionismo (“pressupostos evolucionistas”), o escravismo moderno (“tráfico escravista”).

As predicções verbais no texto 8, por sua vez, colaboram principalmente para a atribuição de características à ação de “assumir ser macaco” que colaboram, por sua vez, para a deslegitimação da *hashtag* #SomosTodosMacacos e da campanha “Somos todos macacos”.

Vejam, agora, o caso das predicções verbais mobilizadoras do *frame* Racismo ligadas às principais cadeias referenciais do texto 8:

Quadro 33 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do *frame* Racismo no texto 8

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal	Ocorrências
Racismo	Assumir	é congelar essa imagem	9
	assumir que somos todos macacos	autoriza que as iniciativas de jogar bananas no gramado e imitar o som de animais prossigam	
	No entanto, a imagem do macaco	não tem como ser positivada, mesmo que assumida, pois o símio nunca será humano	
	Comparar ao macaco, em cantos, bananas jogadas ou onomatopeias	não se trata somente de uma comparação em função da cor da pele, ou mesmo pela origem continental	
	uma estratégia	que mantém os negros como desumanizados, ou seja, incapazes de atender às demandas da chamada civilização ocidental principalmente no atual desenvolvimento do capitalismo que exclui	
	essa relação de saber-poder	mantém os privilégios de poucos	
Vítima do racismo	[Daniel Alves]	Ao juntar a banana e comê-la, desconstruiu ao vivo o ato racista frente a milhões de pessoas que assistiam ao jogo	4
	[Daniel Alves]	Concluiu lembrando através das redes sociais que o alimento lhe deu energia para o jogo, considerando ser um alimento utilizado por atletas	
	os negros	Grosso modo, inicialmente, os negros foram apontados pela Igreja como sem alma e os índios como crianças que precisavam ser civilizadas	
	os negros	Depois, os negros foram mantidos como bens móveis, assim como os animais de fazenda	

Reação ao racismo	O ato de Daniel Alves no jogo contra o Villarreal	pode ser considerado um enfrentamento ao racismo	2
	A luta pelo direito à cidadania	passa efetivamente pela derrubada desses estereótipos e não pelo seu reforço	
Total			15

As predicções verbais também ajudam na construção das reações ao racismo como elementos mais ou menos novos no *frame* Racismo, de modo que elas são construídas como elementos relativamente instáveis desse *frame*, ao colocar as construções simbólicas que as envolvem em evidência e mesmo em rejeição a elas.

A rejeição a construções simbólicas racistas a partir da evocação do sentido de humanidade pode ser apontada, por exemplo, na mobilização do *frame* Racismo por meio da recategorização do referente “um apelido”, concernente à categorização do negro como macaco, como “[a] manutenção de um discurso de desumanização do negro, iniciado há quase 600 anos por pressupostos evolucionistas”, por meio da qual a rejeição da utilização de construções racistas em reações ao racismo e a representação do racismo a partir do sentido de humanidade são formuladas no texto. A representação do negro como macaco consistiria também em uma construção simbólica histórica. Nesse caso, pautada no “evolucionismo natural e depois social”, conforme a recategorização do texto:

(48)

§2/5 O argumento utilizado pela campanha lançada por Neymar, proposto por uma agência de publicidade, e que teve grande repercussão nas redes não é suficiente, pois, neste caso, não se trata de um apelido que pode “pegar ou não”. Trata-se da manutenção de um discurso de desumanização do negro, iniciado há quase 600 anos por pressupostos evolucionistas.

§3/5 Apesar de o evolucionismo natural e depois social ter sido sistematizado como conhecimento científico na segunda metade do século 19, por Darwin e Spencer, sucessivamente, a escala de superioridade de civilizações, em função da cor da pele, principalmente, sustentou todo o tráfico escravista. Grosso modo, inicialmente, os negros foram apontados pela Igreja como sem alma e os índios como crianças que precisavam ser civilizadas. Depois, os negros foram mantidos como bens móveis, assim como os animais de fazenda. Nesse processo, os europeus colocaram-se acima dos outros povos, encontrando discursivamente argumento para sobrepujá-los cultural e fisicamente.

A rejeição de construtos racistas a partir do sentido de humanidade é indicada pela evocação da representação do negro como animais e como mercadorias (indicada pela predicação verbal dos “negros” por “foram apontados pela Igreja como sem alma” e “foram mantidos como bens móveis, assim como os animais de fazenda”) como um meio simbólico de possibilitar a manutenção do tráfico escravista e o domínio político-cultural dos negros pelos europeus.

A rejeição de construtos racistas a partir do sentido de humanidade é indicada também pelas seguintes cadeias referenciais no texto: *Negros, Macacos, Assumir que somos todos macacos* e *Construções simbólicas racistas*. A primeira está relacionada ao EF Vítima_do_racismo e as outras ao EF Racismo, relativamente à ação simbólica de evocar a representação do negro como macaco.

Concernente à cadeia referencial *Negros*, há no texto 8 predicções verbais do referente implícito *nós, negros* como *seres humanos* e não como *macacos*. Assim, temos predicções verbais como “Somos todos macacos?” (título), “Não somos macacos” (epígrafe), “Somos humanos” (epígrafe) etc. De forma explícita, o referente “os negros” é introduzido quando o texto contextualiza historicamente a representação do negro como macaco em relação ao tráfico escravista e à dominação político-cultural dos europeus brancos sobre os negros como forma de construir textualmente essa representação racista como parte importante do processo de colonização europeia. Nesse caso, as predicções verbais também aparecem de forma importante: os negros “foram apontados pela Igreja como sem alma” e “foram mantidos como bens móveis, assim como os animais de fazenda”.

(49)

§4/5 Essas lógicas foram assumidas na constituição do Brasil como nação e, apesar de nos definirmos como o país das três raças e exemplo de democracia racial, mantidas na estrutura social até nossos dias. Todos os índices socioeconômicos comprovam essa afirmação. A luta pelo direito à cidadania passa efetivamente pela derrubada desses estereótipos e não pelo seu reforço. Sabe-se que historicamente o deslizamento de sentidos de expressões, como “negro”, funcionou como estratégia de positivar um discurso negativo. No entanto, a imagem do macaco não tem como ser positivada, mesmo que assumida, pois o símio nunca será humano.

§5/5 Comparar ao macaco, em cantos, bananas jogadas ou onomatopeias, não se trata somente de uma comparação em função da cor da pele, ou mesmo pela origem continental, trata-se de uma estratégia que mantém os negros como desumanizados, ou seja, incapazes de atender às demandas da chamada civilização ocidental principalmente no atual desenvolvimento do capitalismo que exclui. Apesar de não dito, essa relação de saber-poder, mantém os privilégios de poucos. Assumir é congelar essa imagem. Não. Não somos macacos. Somos humanos.

A cadeia referencial *Macacos* é desenvolvida de forma a construir referencialmente (de um ponto de vista antirracista) a representação do negro como macaco. Assim, a categoria *macaco* remete metonimicamente a essa representação. Isso pode ser indicado, por exemplo, nas recategorizações “essa imagem”, “a manutenção de um discurso de desumanização do negro, iniciado há quase 600 anos por pressupostos evolucionistas”, “um discurso negativo” e “a imagem do macaco”, e nas predicções verbais “não se trata de um apelido que pode ‘pegar ou não’” e “[a imagem do macaco] não tem como ser positivada, mesmo que assumida”. A referência literalizada ao *macaco* (como animal) é realizada

localmente de modo a indicar a rejeição ao uso racista desse referente, como na recategorização “animais” e “o símio” e na predicação verbal “[o símio] nunca será humano”.

O desenvolvimento da cadeia referencial *Assumir que somos todos macacos* contribui para a indicação da rejeição ao uso da construção do negro como macaco, ao categorizar o intertexto como uma *assunção* de que *nós, negros, somos todos macacos*, como na recategorização “assumir que somos todos macacos”, e ao atribuir a essa assunção o efeito de fortalecimento da estabilização social da representação do negro, como indica a recategorização “congelar essa imagem” e a predicação verbal “autoriza que as iniciativas de jogar bananas no gramado e imitar o som de animais prossigam”.

(50)

§4/5 [...] o deslizamento de sentidos de expressões, como “negro”, funcionou como estratégia de positivar um discurso negativo. No entanto, a imagem do macaco não tem como ser positivada, mesmo que assumida, pois o símio nunca será humano.

O desenvolvimento da cadeia referencial *Construções simbólicas racistas* colabora para a construção da contextualização histórica da representação do negro como animal. Assim, essa representação é entendida como parte de um modo de funcionamento sócio-histórico do racismo no Brasil, como indica o encapsulamento “Essas lógicas”, que encapsula a informação de que os negros foram tomados como sem alma e como bens móveis e os índios como crianças que precisavam ser civilizadas, a informação da hierarquia simbólica, política e cultural dos europeus em relação a outros povos e a predicação verbal “foram assumidas na constituição do Brasil como nação [...]”.

A relevância social da representação do negro como animal se daria não apenas no plano simbólico ou local, de acordo com a predicação verbal do referente “não se trata somente de uma comparação em função da cor da pele, ou mesmo pela origem continental”. Dar-se-ia também no plano de uma dominação social/racial, como indica a recategorização “uma estratégia que mantém os negros como desumanizados, ou seja, incapazes de atender às demandas da chamada civilização ocidental principalmente no atual desenvolvimento do capitalismo que exclui”. O sentido de humanidade é, assim, formulado a partir do sentido de civilização: haveria uma menor civilidade/civilização entre os negros, segundo a construção histórica deles como animais.

6.9. Texto 9: A bananização do racismo

No texto 9, intitulado *A bananização do racismo*, de autoria da escritora Ana Maria Gonçalves, publicado no dia 1º de maio de 2014, no portal do Instituto *Geledés*, a autora defende que a campanha “Somos todos macacos” ignora completamente todo o histórico de luta e de reivindicações dos movimentos negros brasileiros ao propor, sem nenhum diálogo com estes, que o racismo é mais bem combatido apenas se as ofensas racistas forem tratadas com indiferença e com humor. A partir dessa premissa, a autora identifica a necessidade de uma luta mais engajada contra o racismo, inclusive da parte da classe política.

6.9.1. Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 9

O texto 9 tem como elemento importante a rejeição ao EF Construto_racista do *frame* Racismo, por meio da construção textual da rejeição à utilização de construções simbólicas racistas em reações ao racismo. Identificamos esse elemento no texto por meio da análise das formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos”. Nesse caso, a intertextualidade a “Somos todos macacos” é realizada junto com a intertextualidade a outros textos envolvidos pela categoria “campanha Somos todos macacos”.

No texto 9, em termos de formas intertextuais cujo escopo seja o intertexto “Somos todos macacos”, a rejeição à utilização de construtos simbólicos racistas é indicada por alusões ao intertexto “Somos todos macacos”. Essas formas intertextuais indicam a pressuposição de que o intertexto “Somos todos macacos” evoca construções simbólicas racistas. No texto 9, encontramos 10 (dez) formas intertextuais relacionadas ao intertexto “somos todos macacos”:

Quadro 34 Formas intertextuais de “Somos todos macacos” encontradas no texto 9

Tipo de forma intertextual	Ocorrências	Total
Alusão	(1) “A bananização do racismo” (2) “engolir mais racismo” (3) “E haja garganta e estômago!” (4) “[propriedades antirracistas da] banana” (5) “[...] [uma campanha que] [...] incentive o consumo de bananas” (6) “fazendas de bananas pelo país inteiro” (7) “[...] o trabalho de plantar, colher, recolher e comer [bananas]” (8) “uma banana justiceira” (9) “[estão tentando nos empurrar essa campanha] garganta abaixo” (10) “‘engolir’ a humilhação”	10

A rejeição à evocação de construções simbólicas racistas em reações ao racismo pode ser indicada, por exemplo, pela análise da ocorrência 1 de formas intertextuais apresentadas no quadro acima, “A bananização do racismo”, que alude ao intertexto “Somos todos macacos” e à evocação do referente *banana* na postagem de NJ e nas imagens das celebridades que aderiram a esta. A alusão realizada pela instauração do referente “A bananização do racismo” no título se pauta em uma mescla conceptual entre os domínios BANANA e BANALIZAÇÃO perspectivada pelo *frame* Racismo. Essa mescla conceptual consiste, em termos morfológicos intertextualmente relevantes, em uma categorização baseada em criação lexical local (“bananização”), que utiliza os itens lexicais *banana* e *banalização*, acrescentando àquele (que se assemelha morfológicamente a este) o sufixo *-ização*¹⁶³, que indica processo crescente.

Essa categorização da campanha e da *hashtag* #SomosTodosMacacos indica o sentido de rejeição à utilização de construções simbólicas racistas em reações ao racismo, herdando o significado lexical de *banalizar*, qual seja o de trivializar, mediocrizar, vulgarizar etc.¹⁶⁴, um assunto importante, ou seja, no caso aqui em tela, o de tratar ou transformar

¹⁶³ Uma possível produtividade dessa categorização *bananização* é indicada por outra ocorrência dela, dessa vez pelo historiador Flavio de Campos, marcando o seu sentido de rejeição à utilização de construções simbólicas racistas em reações ao racismo: “De acordo com Flávio de Campos, coordenador do Ludens, o jogador [Daniel Alves] teve uma reação de resistência ao racismo, porém uma situação de violência como essa merecia uma postura mais séria. ‘Eu não acho que seja interessante a gente ficar com essa brincadeira de ‘somos todos macacos’, todo mundo comendo banana, e toda essa ‘bananização’ do preconceito. Eu adoraria que o Daniel Alves, em vez de ter comido a banana, tivesse a colocado na marca de escanteio, chutado a bola e ido embora do estádio”’. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2014/05/pesquisador-criticam-bananizacao-do-preconceito/>. Acesso em 23 abr. 2019.

¹⁶⁴ O dicionário online Michaelis define o verbo *banalizar* das seguintes formas: “vtd e vpr Tornar(-se) banal; mediocrizar(-se), vulgarizar(-se).”

“valores caros” em algo comum e com pouca importância. Assim, os realizadores da campanha e da *hashtag*, ao utilizarem a construção simbólica racista do negro como macaco, por meio da manipulação e da referência às bananas, em reação a um ato identificado como racista (que mobilizou ele mesmo essa representação), estariam trivializando ou vulgarizando o importante tema social do racismo.

No texto em questão, sentidos mais ou menos relevantes associados ao item lexical *banana* (fruta tropical bastante nutritiva, de fácil ingestão; que apresenta forma fálica; gesto ofensivo feito com os braços; pessoa sem energia ou covarde)¹⁶⁵ bem como o contexto de racismo, evocado pela instauração do construto *banana* e pelo referente “*racismo*”, também colaboram para possibilitar a categorização *bananização* por meio de introdução referencial (“*bananização do racismo*”). Esse referente, ao remeter ao conjunto de ações e eventos inicialmente categorizados pelo texto como “campanha envolvendo Neymar” (1º parágrafo do extrato a seguir), colabora para a atribuição de um processo de banalização do racismo a essa campanha, isto é, o efeito de colaborar para a representação do racismo como um processo social tão cotidiano e comum que poderia ser acompanhado de indiferença e de passividade pelas pessoas em geral, sentidos esses também associados ao item *banana* de uma forma geral. A imagem da banana seria, assim, utilizada contra o uso racista dela (ou contra determinado uso “antirracista”).

Por ocupar a posição de título do texto e pela relação que o referente introduzido “*bananização do racismo*” estabelece com a categorização da campanha de NJ como um *negócio* (conforme veremos a seguir), esse referente também se constitui como uma nominalização catafórica, que categoriza as informações textuais construídas em seguida em

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Antôn: desbanalizar.

ETIMOLOGIA

der de banal+izar, como fr banaliser.”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/banalizar/>. Acesso em 08 fev. 2019.

¹⁶⁵ A palavra *banana* é assim definida pelo dicionário online Michaelis:

“sf

1 Fruto da bananeira, geralmente de forma oblonga, recurvado, de casca espessa, verde, que se torna amarela à medida que o fruto fica maduro, de polpa mole, em geral amarelada, bastante nutritiva.

2 Bot V bananeira.

3 coloq V pênis, acepção 1.

4 coloq, fig Gesto considerado ofensivo que se faz com a mão fechada e o braço dobrado, mantendo-se o pulso erguido; manguito: Depois das vaias, deu uma banana para os torcedores.

5 coloq Pessoa sem energia; mole, palerma: É um banana, completamente sem iniciativa.

6 coloq Pessoa sem coragem; bananzola, banazola, covarde: Nunca reage às provocações; é um banana.

EXPRESSÕES

Banana de dinamite: cartucho explosivo, cilíndrico e fino, que contém dinamite.

ETIMOLOGIA

desc.”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/banana/>. Acesso em 07 fev. 2019.

relação ao referente *campanha de Neymar*, conforme indica a leitura do extrato a seguir. Está em jogo aí a deslegitimação da campanha de NJ por esta promover, segundo a alusão no título do texto, uma banalização do racismo.

(51)

Título	<u>A banalização do racismo</u>
§1/26	[...] Por enquanto, o que se sabe é que a ideia partiu do <u>pai do Neymar</u> , que me parece ser também <u>quem gerencia seus negócios</u> : “O pai do Neymar nos telefonou e pediu que criássemos alguma coisa. Surgiu essa ideia de que a melhor maneira de acabar com o preconceito é usar isso”, disse <u>Guga Ketzer, sócio e vice-presidente de criação da agência Loducca</u> , que é responsável por essa campanha envolvendo Neymar e <u>auxilia o jogador em relação à publicidade</u> . Campanha que, aliás, Guga Ketzer <u>tenta revestir de outro nome, mais palatável, chamando-a de “movimento”</u> .
§2/26	<u>Talvez, inclusive, para pegar carona na ideia de movimento negro</u> . Segundo ele, a campanha criada pela agência, junto com o staff de Neymar, não tem teor publicitário, pois não estão vendendo nada. Ora, mas é exatamente esse <u>o princípio das agências de publicidade</u> , que conheci bem trabalhando na área por mais de 13 anos: <u>vender alguma coisa enquanto fingem que estão prestando um favor</u> . É claro que <u>estão vendendo a imagem de seu cliente como o garoto propaganda do antirracismo na Copa</u> , já que tem sido amplamente divulgado que esse seria o mote, “Copa Contra o Racismo e Pela Paz”. [...] o que se viu foi <u>um case de grande alcance</u> , e com <u>um resultado extremamente danoso para quem leva a luta à sério e não apenas na época em que dá visibilidade</u> .

A análise desse extrato permite também apontar uma face importante do elemento de rejeição à representação racista do negro como macaco (aludida pela evocação do referente *banana*) e à banalização do racismo associada à campanha de NJ: a categorização dessa campanha como um *negócio*, uma transação comercial. Ainda nesse extrato, recategorizações e predicções verbais colaboram para a construção referencial dos atores sociais envolvidos na produção do intertexto da postagem de NJ e do intertexto “Somos todos macacos”: “O pai do Neymar”, “Neymar”, “Guga Ketzer” e “[a] agência Loducca”. A forma como esses referentes são recategorizados e predicados verbalmente (estabelecendo, assim, por exemplo, determinadas relações agentivas) colabora para a categorização da campanha de NJ como *negócio*, conforme indica também, de forma mais explícita a introdução do referente “seus negócios [de Neymar]” no 1º parágrafo, bem como outras expressões, como referentes introduzidos (por anáfora indireta ou não), e recategorizações e predicções verbais perspectivadas por essa categorização textualmente construída: “[O pai do Neymar] gerencia seus negócios”, “agência [de publicidade]”, “campanha”, “publicidade”, “vender alguma coisa” etc.

A rejeição ao uso de construções simbólicas racistas em reações ao racismo é indicada também pela 2ª (segunda) e 3ª (terceira) alusões intertextuais à campanha de NJ e ao intertexto “Somos todos macacos” identificadas (ocorrências 2 e 3): “engolir mais racismo” e “haja garganta e estômago!”:

(52)

-
- §4/26 Pois é. E é essa atitude despolitizada da agência de propaganda de Neymar, comprada por milhares de pessoas a quem o racismo diz muito pouco, porque não os fere diretamente, que gera “conceitos” e certezas assim, ditas por seu sócio e vice-presidente de criação: “Descobrimos que a melhor forma de combater o racismo seria ridicularizar os racistas”. Ou seja: esse bando de negros incompetentes, há séculos tentando achar daqui e dali uma maneira de combater o racismo, ainda não havia descoberto a moderníssima técnica de ridicularização da qual são vítimas quase que diariamente. Ou ainda: “É uma maneira brasileira de lidar com isso. Tem um problema? Então me dá aqui que eu vou comer. (...) É uma coisa bonita”. É lindo mesmo ver mais um branco dizendo quem é brasileiro e quem não é, porque muitos movimentos negros, nos quais atuam brasileiros, querem mesmo é não ter que engolir mais racismo. Mas esse, de acordo com Guga Ketzer, é mesmo o nosso destino: “Como quando somos crianças e sofremos com um apelido. Se você se incomodar muito ele com certeza vai pegar. Por isso a nossa ideia era de não fugir da briga, de encarar a polêmica e engolir o problema.”
-
- §5/26 [...] Pode ser paranoia minha, claro, mas esse discurso de engolir parecia já estar pronto... E haja garganta e estômago! [...].
-

A alusão “haja garganta e estômago!” é construída com a colaboração de anáforas indiretas, “garganta” e “estômago”, que se ancoram nos referentes anteriormente instaurados “comer [um problema]”, “engolir mais racismo”, “engolir o problema” e o encapsulamento deles por “esse discurso de engolir”. Essas alusões, bem como as correspondentes às ocorrências 9 e 10 no quadro acima (extrato 52), recontextualizam (no sentido de Bauman [2004]) o intertexto da postagem de NJ e de “Somos todos macacos” ao lhes atribuírem o sentido de *admissão/naturalização/aceitabilidade social do racismo* por meio do reconhecimento no texto da evocação metafórica da cena de deglutição de uma banana realizada pela própria campanha (metáfora ENGOLIR É ACEITAR À CONTRAGOSTO)¹⁶⁶. Identificamos essa recontextualização do intertexto considerando que essa perspectivação (deglutição como aceitação) não é o sentido declarado como pretendido pelos intertextos da campanha e de “Somos todos macacos” enquanto reações ao racismo. Essa recontextualização também colabora para a deslegitimação da campanha e do intertexto “Somos todos macacos” como promotores do sentido de naturalização/aceitabilidade social do racismo ao evocarem a representação do negro como macaco.

¹⁶⁶ Está questão aqui a atribuição à construção léxico-gramatical do português brasileiro *engolir* + N de um dos seus sentidos metafóricos: o de *aceitação à contragosto*, conforme registra o dicionário online Michaelis (grifo nosso):

“vtd

4 fig Acreditar na veracidade de; *aceitar*, crer: Engolia qualquer lorota.

vtd

5 fig Não fazer caso de; *aguentar*, *sofrer*, *suportar*: Engoliu afrontas e injustiças.

[...]

vtd

[...]”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/engolir/>. Acesso em 7 fev. 2019.

No extrato a seguir, as alusões correspondentes às ocorrências 9 e 10, “empurrá-la [a campanha] garganta abaixo” e “‘engolir’ a humilhação”, também instauram a construção figurativa ENGOLIR UMA BANANA É NATURALIZAR/ACEITAR O RACISMO. A ação de induzir a aceitação do racismo (em vez da punição desse crime) é atribuída também à campanha por meio, por exemplo, da predicação verbal que constitui a primeira alusão em questão, “estão tentando nos empurrá-la garganta abaixo”.

(53)

§22/26 Da mesma maneira que qualquer coisa dita depois de “eu não sou racista, mas...” é racista, essa campanha também é, e estão tentando nos empurrá-la [sic] garganta abaixo, dizendo que não. [...] uma das coisas que daria para perceber é a dificuldade de se esvaziar a simbologia impregnada em um ícone racista. A banana é um ícone racista, usado por racistas para xingar negros de macacos. [...] Numa comparação bem baixa e um pouco falha, eu sei, mas necessária porque é preciso colocar as coisas em perspectiva [...] queria ver também outro chefe de nação dizendo a seus cidadãos judeus que tenham sido vítimas de um “Heil Hitler” com seu gesto característico e com a intenção de ofender e humilhar, que é ousada e forte a atitude de, em vez de exigir punição, brincar de “engolir” a humilhação?

Nesse extrato, também é construído o sentido de negação do racismo atribuída à campanha, acompanhada, no entanto, da incorporação de construções simbólicas racistas (“simbologia impregnada em um ícone racista”, “xingar negros de macacos”, “‘Heil Hitler’ com seu gesto característico”). Dizer que a campanha não é racista seria também “empurrá-la garganta abaixo”, isto é, promover a naturalização/aceitação social do racismo.

A rejeição ao uso de construções simbólicas racistas é indicada também pela 4ª (quarta) alusão intertextual identificada (ocorrência 4), “as recém-descobertas propriedades antirracistas da banana”, que realiza a construção referencial do uso verbal ou não verbal da *banana* como não tendo aceitabilidade da parte da autora do texto, em termos de construções simbólicas, para fazer parte de ações antirracistas. Essa alusão se realiza por meio da introdução do referente “as recém-descobertas propriedades antirracistas da banana” (que alude intertextualmente à postagem de NJ – extrato a seguir), as imagens publicadas pelas celebridades e o intertexto “Somos todos macacos”, que consistem em um conjunto de ações/eventos categorizados no texto como campanha [publicitária]. Trata-se de uma expressão referencial irônica: essa expressão “propriedades antirracistas da banana” constrói a rejeição ao uso (verbal ou não verbal) da *banana* como despido de propriedades antirracistas – ao contrário do que se poderia afirmar caso a expressão fosse entendida literalmente (isto é, não como um referente metonímico do negro como macaco, mas estritamente como uma fruta):

(54)

-
- §17/26 – A presidenta Dilma, de quem gostaríamos de ver muito mais empenho em causas importantes para a população negra, como as descritas no texto do Douglas Belchior, apoia essa campanha da Loduca e ainda escreve um tuíte que perigosamente resvala na retomada da ideia de democracia racial: “Vamos mostrar q nossa força, no futebol e na vida, vem da nossa diversidade étnica e dela nos orgulhamos. #CopaSemRacismo”
-
- §18/26 Não, a Copa não será sem racismo. A não ser que nos surpreendamos todos com as recém-descobertas propriedades antirracistas da banana. [...] É muito sintomático da impunidade desse crime, perigoso e inaceitável – frise-se: inaceitável – que uma chefe de nação apoie uma campanha que, em vez de pedir punição para um crime do qual muitos brasileiros são alvo todos os dias, incentive o consumo de bananas. A digníssima presidenta tem noção do que ela fez? [...] Anos e anos de luta dos movimentos negros para que racismo seja considerado crime, em um país que aos trancos e barrancos vem relutando em se admitir racista, vão por água abaixo quando uma presidenta acha que está tudo bem “punir” criminosos – frise-se: criminosos – com a “resposta ousada e forte” (palavras dela no Twitter) de se comer banana! Que ela desmonte os sistemas judiciário e penal e instale fazendas de bananas pelo país inteiro, oras; de preferência com uns pretos realizando o trabalho de plantar, colher, recolher e comer. [...]
-

A análise do extrato acima também permite apontar a construção textual da manutenção do racismo, conforme formula a predicação verbal da Copa por “não será sem racismo” responsivamente ao intertexto citado “#CopaSemRacismo”. A manutenção do racismo (na verdade, não apenas na/durante a Copa, mas depois dela também) é indicada, além disso, pelo apoio à “campanha da Loduca” e por uma relativa evocação do mito da democracia racial pela então presidente da República ao atribuir a “força, no futebol e na vida” brasileira à diversidade étnico-racial brasileira. A referência textual da presidenta pela autora constitui em estratégia na construção textual da manutenção do racismo realizada localmente pelo texto se consideramos que o cargo de presidente, como alvo argumentativo local, evoca um ator socialmente relevante do ponto de vista do seu papel na existência, na elaboração e na execução de políticas antirracistas, relevância sociopolítica indicada pela (re)categorização da presidenta como “a presidenta”, “uma chefe de nação”, “a digníssima presidenta”, “presidenta” e “uma presidenta”, e pela predicação verbal (que remete à presidente) de um enunciador genérico: “de quem gostaríamos de ver muito mais empenho em causas importantes para a população negra”.

A rejeição à utilização de construções simbólicas racistas em reações ao racismo também pode ser apontado na deslegitimação da campanha por meio da sua recontextualização (BAUMAN, 2004) ao lhe atribuir ações ou efeitos, como o “consumo de bananas” na alusão “[uma campanha que] incentive o consumo de bananas”. Notamos um processo estratégico de literalização como forma de realizar essa recontextualização, ainda que para realizar localmente outra construção figurativa nas formas intertextuais 2, 3, 9 e 10

(metonímia da *deglutição da banana* como *aceitação do racismo* “no lugar” das construções figurativas *negro como macaco* e *banana pelo macaco*).

A literalização, no caso das alusões “[uma campanha que] *incentive o consumo de bananas*”, “[Que a presidenta desmonte os sistemas judiciário e penal e instale] *fazendas de bananas*” e “[uns pretos realizando o trabalho de] *plantar, colher, recolher e comer* [as bananas]”, consiste em estratégia textual de tomar a *banana* como uma fruta, que pode ser consumida, plantada, colhida, recolhida e comida e apenas indiretamente como uma construção simbólica racista. Vale notar que a literalização local da *banana* se ancora e atua responsivamente na evocação da banana como parte da representação racista do negro como macaco. Vale salientar também que é mais ou menos evidente, do ponto de vista da análise, que essa literalização da *banana* é estratégica, por incidir na recontextualização da campanha como não sendo (efetivamente) antirracista e na deslegitimação de *tweets* da então presidente Dilma Rousseff de apoiar a campanha.

A alusão “uma banana justiceira”, que se baseia em uma recategorização e personificação irônica do referente *banana*, também indica a rejeição à utilização de construções racistas por meio da deslegitimação da campanha aludida por essa forma intertextual. Por meio da ironia, essa recategorização associa à campanha a autoatribuição de um valor social amplamente aceito, o valor da execução da justiça, não efetivamente realizada pela campanha, segundo essa construção textual. A ironia é indicada por meio da “incompatibilidade” entre a evocação literalizada do referente *banana* e da sua categorização figurativa como *arma*:

(55)

§20/26	– Luciano Huck [...] apropriou-se do mote da campanha publicitária e vestiu dois modelos brancos para tripudiar da nossa causa e vender camisetas a R\$ 69,00. Esse site avisa que a camiseta está sendo vendida em uma seção chamada “Camisetas do Bem”.
§21/26	Eu me arrepio toda quando vejo o termo “do bem” associado a qualquer coisa relacionada ao racismo, porque, se vocês não sabem, “Cidadão do Bem” era o nome do principal jornal publicado pela Ku Klux Klan. Eles que, debaixo dos seus capuzes, se consideravam cidadãos do bem. Luciano Huck, bem provavelmente, assim como boa parte dos que aderiram a <u>essa campanha que incentiva a impunidade de um crime, deve se considerar um cidadão do bem. Na luta contra o racismo, armados com uma banana justiceira.</u>

A associação à campanha da autoatribuição de um valor social amplamente aceito (justiça) é realizada também em relação aos sentidos de *cidadania* e *bem* por meio da categorização “cidadão do bem”, cuja história evocada remete à utilização dessa categorização pelos membros do grupo branco supremacista estadunidense Ku Klux Klan. Nesse sentido, a evocação de construções racistas e de um grupo supremacista e a construção simbólica da *impunidade do racismo* são atribuídas à campanha e a “Somos todos macacos”,

como na recategorização “essa campanha que incentiva a impunidade de um crime”, ainda que sentidos republicanos amplamente aceitos, como *justiça* (ao contrário da *impunidade*, por exemplo), *cidadania* e *bem* sejam autoatribuídos por atores sociais envolvidos na campanha.

6.9.2. Mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais no texto 9

As construções textuais do texto 9 possuem um papel importante na evocação dos contextos relevantes e na mobilização do *frame* Racismo. Em relação ao primeiro aspecto, temos os seguintes contextos evocados por essas construções textuais:

- A reação de DA ao ato racista sofrido pelo jogador de futebol na Espanha (“fico aqui me perguntando se já tinha sido combinado antes que o próximo jogador que fosse vítima de uma bananas iria comê-la, porque me parece tudo muito orquestrado”, “O que aconteceu em campo, com o Daniel Alves (a quem presto toda a minha solidariedade)”
- As relações entre o pai de NJ, o sócio e vice-presidente da agência de publicidade na criação da “campanha Somos todos macacos” (“a ideia partiu do pai do Neymar, que me parece ser também quem gerencia seus negócios: ‘O pai do Neymar nos telefonou e pediu que criássemos alguma coisa. Surgiu essa ideia de que a melhor maneira de acabar com o preconceito é usar isso’, disse Guga Ketzer, sócio e vice-presidente de criação da agência Loducca, que é responsável por essa campanha envolvendo Neymar e auxilia o jogador em relação à publicidade. Campanha que, aliás, Guga Ketzer tenta revestir de outro nome, mais palatável, chamando-a de ‘movimento”
- A campanha contra o racismo na Copa do Mundo de Futebol (“antirracismo na Copa”, “já que tem sido amplamente divulgado que esse seria o mote, ‘Copa Contra o Racismo e Pela Paz”
- A reunião com ativistas negros convocada pela então presidente da República (“Recentemente participei de uma reunião com a presidente Dilma. Fomos convocados praticamente de um dia para o outro, através da SEPPIR, sem saber muito bem o motivo. O que nos foi passado é que a presidenta estava convocando uma reunião com ativistas dos movimentos negros. Apenas isso”
- Os atores sociais envolvidos na campanha governamental contra o racismo na Copa e na “campanha Somos todos macacos” (“algumas das figuras que temos em campo”

- O protesto dos jogadores do time de basquetebol *Los Angeles Clippers* contra declarações racistas do dono do time (“a atitude (essa sim) dos jogadores de basquete do Los Angeles Clippers. Os caras protestaram contra declarações racistas do dono do time – sim, do dono, não de um torcedor – reunindo-se antes de uma partida, no centro da quadra, retirando seus uniformes e usando as camisas de aquecimento do lado do avesso, escondendo o logo do time”),
- A declaração do então presidente dos EUA Barack Obama sobre esse caso de racismo (“atitude (essa sim) de Obama, que foi a público condenar a atitude incrivelmente ofensiva e racista”).

O *frame* Racismo, conforme indica o gráfico anterior, é, no texto 9, mobilizado, em termos de construtores de referência, principalmente por expressões referenciais e predicções verbais. Vejamos primeiramente o caso das expressões referenciais.

Quadro 35 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 9 orientadas e construtoras de EFs do *frame* Racismo

Elementos do <i>frame</i> Racismo	Reação ao racismo	Racismo	Vítima do racismo
	[n]o calor do momento	“o racismo”	O Neymar
	O caso	[d]o racismo	Neymar
	[d]essa história	bananas em campo de futebol	Neymar
	a ideia	o genocídio negro	Seu cliente
	alguma coisa	“o problema” (Guga Ketzer)	O garoto propaganda
	essa ideia de que a melhor maneira de acabar com o preconceito	uma banana	o jogador
	Essa campanha	o racismo	esse filho
	Campanha que, aliás, Guga Ketzer tenta revestir de outro nome, mais palatável, chamando-a de “movimento”	racismo	preto
Cadeias referenciais:	a campanha criada pela agência	racismo	Neymar
	“Esse tipo de postura e reação despolitizadas de esportistas, artistas, formadores de opinião e governantes” (ativista Douglas Belchior)	um problema?	Neymar
	o mote	[pel]o assunto	o Neymar
	“Copa contra o Racismo e pela Paz”	racismo	um jogador de futebol
	a atitude de Neymar e de seu pai	o racismo	movimento negro

	[pel]a campanha	o racismo	esse bando de negros incompetentes
	um case de grande alcance	assunto para o qual me sinto melhor informada	vítimas quase que diariamente
	essa atitude despolitizada da agência de propaganda de Neymar comprada por milhares de pessoas a quem o racismo diz muito pouco, porque não os fere diretamente	presença de racismo	muitos movimentos negros
	“conceitos”	O que denunciávamos ali	brasileiros
	certezas assim, ditas por seu sócio e vice-presidente de criação	“uma Ku Klux Klan no Brasil” (Monteiro Lobato)	seus funcionários negros
	a moderníssima técnica de ridicularização da qual são [os negros] vítimas quase que diariamente	“uma Kux Klan” (Monteiro Lobato)	“amigos negros” [enunciador genérico]
	uma maneira brasileira de lidar com isso	“[a]o Kux Klan” (Monteiro Lobato)	população negra
	“uma coisa bonita” (empresário Guga Ketzer)	“uma defesa dessa ordem [Ku Klux Klan]” (Monteiro Lobato)	boa parte dos movimentos negros
	“a nossa ideia” (Guga Ketzer)	o racismo presente em Tia Nastácia ser chamada de macaca de carvão	a população negra
	esse discurso de engolir essa campanha	racismo os ataques racistas	Douglas Belchior muitos brasileiros
	“a melhor maneira de acabar com o preconceito” (Guga Ketzer)	[n]a retomada da ideia de democracia racial	alvo [de racismo] todos os dias
	“a ideia de criar um ícone para expressar isso” (Guga Ketzer)	O nosso bom e velho racismo	os movimentos negros
	[d]esse conceito	racismo	uns pretos realizando o trabalho de plantar, colher, recolher e comer. Fiscalizados, é claro, pelo Ministério da Agricultura
	o caso	crime	os movimentos negros
	a ideia de que estão fazendo alguma coisa relevante e decisiva para a causa antirracista exibindo suas fotos comendo banana	[d]esse crime, perigoso e inaceitável	negros
Total	76	57	34
		167	

Por meio da observação do quadro acima, podemos notar que a cadeia referencial mais desenvolvida está ligada ao EF *Reação_ao_racismo*, seguida daquelas ligadas aos EFs *Racismo* e *Vítima_do_Racismo*. Isso indica, a nosso ver, que, no texto 8, o racismo é representado principalmente como fenômeno ou processo social ao qual há reações não racistas mais gerais e ações propriamente antirracistas, havendo, assim, uma diferenciação entre estas duas, com a deslegitimação daquelas e a legitimação destas.

Vejamos, ainda, as ocorrências de predicções verbais de referentes ligados a essas cadeias referenciais no texto 9.

Quadro 36 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do *frame* Racismo no texto 9

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal
Vítimas do racismo	[de] Neymar e [de] seu pai	[se, em vez de] procurarem uma agência de publicidade
	[Neymar e seu pai]	[será que] pagaram pela campanha, receberam [...]?
	[Neymar e seu pai]	procurassem instituições ou pessoas que entendem de luta antirracista
	[Neymar e seu pai]	usassem o prestígio do jogador para colocar a agência a serviço dessas instituições
	O ativista Douglas Belchior	explica: “O racismo é algo muito sério[...]”
	esse bando de negros incompetentes	há séculos <i>tentando achar daqui e dali</i> uma maneira de combater o racismo [sócio da Loducca]
	esse bando de negros incompetentes	ainda não havia descoberto a moderníssima técnica de ridicularização da qual são vítimas quase que diariamente [sócio da Loducca]
	muitos movimentos negros	nos quais atuam brasileiros, querem mesmo é não ter que engolir mais racismo
	o próximo jogador	[que] fosse vítima de uma bananas iria comê-la
Reação ao racismo	o caso	passou dos limites
	[d]essa história	não é tão simples como parece
	a ideia	partiu do pai do Neymar
	essa campanha	envolvendo Neymar

	“Esse tipo de postura e reação despolitizadas e alienantes de esportistas, artistas, formadores de opinião e governantes”	“tem um objetivo certo: o: escamotear seu real significado do racismo que gera desde bananas em campo de futebol até o genocídio negro que continua em todo o mundo.” (ativista Douglas Belchior)
	essa atitude despolitizada da agência de propaganda de Neymar, comprada por milhares de pessoas a quem o racismo diz muito pouco, porque não os fere diretamente	gera “conceitos” e certezas assim, ditas por seu sócio e vice-presidente de criação: “Descobrimos que a melhor forma de combater o racismo seria ridicularizar os racistas”
Racismo	“O racismo”	“é algo muito sério” (Douglas Belchior)
	“[d]o racismo”	“que gera desde bananas em campo até o genocídio negro” (Douglas Belchior)
	“o genocídio negro”	“que continua em todo o mundo” (Douglas Belchior)
	“uma defesa dessa ordem [da ordem da Ku Klux Klan]”	“mantém o negro no seu lugar” (Monteiro Lobato)
	os ataques racistas contra ele [Neymar]	já acontecem há algum tempo
Ação contra o racismo	muitos movimentos negros	querem mesmo é não ter que engolir mais racismo
	boa parte dos movimentos negros	estava combatendo a presença de racismo em Caçadas de Pedrinho
	Anos de luta dos movimentos negros para que racismo seja considerado crime	vão por água abaixo quando uma presidenta acha que está tudo bem “punir criminosos” [...] com a “resposta ousada e forte” (palavras dela no Twitter) de se comer banana!
Total		54

Como podemos notar, as principais predicacões verbais do texto 9 colaboram para a construção de referentes ligados principalmente a cadeias referenciais relacionadas ao EF *Vítimas_do_racismo*, como no caso das expressões referenciais, o que indica, a nosso ver, que as vítimas do racismo, de forma geral, são não apenas foco mais estável da mobilização do *frame* Racismo no texto 9 como também foco mais instável, a partir do qual se podem construir novas formas de organização desse *frame*. Também as mobilizações do EF *Reação_ao_racismo* podem colaborar para essas novas formas, como, por exemplo, por meio da saliência, ainda que menor, de ações consideradas propriamente antirracistas, como as

ações históricas que vêm sendo realizadas pelos movimentos negros, conforme indicam as predicções “[muitos movimentos negros] *querem mesmo é não ter que engolir mais racismo*”, “[boa parte dos movimentos negros] *estava combatendo a presença de racismo em Caçadas de Pedrinho*”, “[Anos de luta dos movimentos negros para que racismo seja considerado crime] *vão por água abaixo quando uma presidenta acha que está tudo bem ‘punir criminosos’ [...] com a ‘resposta ousada e forte’ (palavras dela no Twitter) de se comer banana!*”.

(56)

[...] mais um branco dizendo quem é brasileiro e quem não é, porque muitos movimentos negros, nos quais atuam brasileiros, querem mesmo é não ter que engolir mais racismo. Mas esse, de acordo com Guga Ketzer, é mesmo o nosso destino: “Como quando somos crianças e sofremos com um apelido. Se você se incomodar muito ele com certeza vai pegar. Por isso a nossa ideia era de não fugir da briga, de encarar a polêmica e engolir o problema”

Em relação às reações ao racismo, as realizadas pelos jogadores são contextualizadas a partir da perspectiva da materialidade do racismo textualmente enfatizada. A rejeição a ações antirracistas meramente virtuais e a evocação da realidade social do racismo e das pessoas negras são indicadas também pela predominância das cadeias referenciais apresentadas no gráfico a seguir: *Atores envolvidos na campanha, Campanha Somos Todos Macacos, Racismo e Luta antirracista negra*.

Em relação às duas primeiras cadeias referenciais, o texto constrói a deslegitimação desses referentes. A terceira cadeia referencial é importante para a construção do referente *Racismo* atribuído aos referentes desenvolvidos nas duas primeiras cadeias. A quarta cadeia referencial, menos desenvolvida dentre essas quatro, colabora para a construção da legitimação de determinado referente.

6.10. Texto 10: *Racismo não*

No texto 10, intitulado *Racismo não*, de autoria da jornalista Camila Brandalise, publicado no dia 3 de maio de 2014, na revista *ISTOÉ*, a autora defende que a Copa do Mundo e a campanha “Somos todos macacos” representam oportunidades muito importantes de realizar uma mobilização internacional contra o racismo. Além disso, citando especialistas, a autora indica que a educação é um meio fundamental de enfrentamento do racismo.

6.10.1. Os sentidos do intertexto “Somos todos macacos” indiciados por formas intertextuais e construções textuais no texto 10

O texto 10 tem como importante característica a adesão ao EF Reação_ao_racismo do *frame* Racismo, por meio da construção textual do alinhamento genérico ao antirracismo, adesão, também ao EF Ação_contra_o_racismo, por meio da construção textual da internacionalização da ação antirracista, e de rejeição do EF Construção_racista, por meio da construção da rejeição à utilização de construções simbólicas racistas em reação ao racismo. Identificamos esse elemento no texto por meio da análise das formas intertextuais que têm como escopo o intertexto “Somos todos macacos” e da colaboração de construções textuais do texto, incluindo a mobilização do *frame* Racismo (a ser discutida na próxima seção).

No texto 10, em termos de formas intertextuais, essa rejeição é realizada com a colaboração de citação do intertexto “Somos todos macacos”. Essas formas intertextuais indicam a pressuposição no texto 10 de que o intertexto “Somos todos macacos” evoca construtos simbólicos racistas. No texto 10, encontramos apenas 01 forma intertextual em relação ao intertexto “Somos todos macacos”, o que, a nosso ver, indica que a construção do sentido de rejeição de construtos racistas depende mais de outras construções textuais do que da forma intertextual em questão. No entanto, essa ocorrência representa um indício intertextual importante da construção dessa rejeição:

Quadro 37 Formas intertextuais de “Somos todos macacos” encontradas no texto 10

Tipo de forma intertextual	Ocorrências	Total
Citação	(1) “[a] hashtag ‘Somos todos macacos’”	1

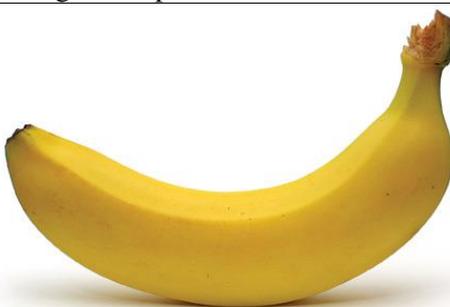
No texto 10, o alinhamento genérico ao antirracismo pode ser apontado na citação presente no título, que introduz o referente “[a] hashtag ‘Somos todos macacos’”, e nos construtores de referência que o acompanham. O sentido dessa forma intertextual é

coconstruído no 1º (primeiro) parágrafo do texto, principalmente por meio das recategorizações “[revelada] uma campanha de uma agência de publicidade”, “detalhe que pouco importa”, “ideia original e oportuna”. Desse modo, o intertexto é construído referencialmente como tendo sido deslegitimado por outros atores sociais (“revelada” [por outros atores sociais como sendo uma campanha de publicidade]) por estar relacionado a uma agência, mas que isso não é o mais relevante (categorização como “detalhe”) comparado ao sentido de antirracismo ao qual se alinharia a *hashtag*/campanha e o próprio texto, conforme indica a formulação “o que deve ser combatido é o gesto de intolerância, não uma ideia original e oportuna”:

(57)

Título	Racismo não
Lide	Ao comer uma banana jogada por um torcedor espanhol, o jogador brasileiro Daniel Alves desencadeou uma campanha global contra o preconceito racial, mas esse movimento antirracista não pode se restringir ao esporte

Imagem 1



§1/9 Estádio El Madrigal, 35ª. rodada do Campeonato Espanhol, domingo 27 de abril. Trinta minutos do segundo tempo de Villarreal e Barcelona. De repente, cai uma banana na área de escanteio, em direção ao lateral do time catalão, Daniel Alves. Infelizmente, uma cena corriqueira nos estádios europeus. Mas o jogador brasileiro resolve mudar o curso da história e, de vítima, passa a protagonista. Prestes a chutar a bola, ele para, olha, corre para a frente, pega a fruta, descasca e a enfia na boca, de uma vez só. A cena dura apenas seis segundos, mas foi o suficiente. Com esse ato simbólico, o atleta conseguiu criar uma rede de mobilização contra o racismo, iniciada no próprio domingo com Neymar, seu colega de clube, que postou uma foto reproduzindo o gesto no Instagram. A partir daí, pulularam nas redes sociais imagens de personalidades do Brasil e do mundo segurando ou comendo uma banana acompanhadas da hashtag “somos todos macacos”, mais tarde revelada uma campanha de uma agência de publicidade – detalhe que pouco importa, uma vez que o que deve ser combatido é o gesto de intolerância, não uma ideia original e oportuna. Agora, os esforços antirracistas já estão concentrados na Copa do Mundo. [...] Mas essa mobilização não pode ficar restrita às arenas esportivas, até porque o ódio racial, velado ou não, está assentado nas mais diferentes camadas da sociedade. É uma ótima oportunidade de se iniciar um movimento global contra a intolerância.

O alinhamento genérico ao sentido de antirracismo e ao intertexto “Somos todos macacos” não é indicado apenas pela colaboração entre a forma intertextual e a construção referencial do intertexto, mas também por outras construções textuais, como aquela que constitui o título (“Racismo não”), a predicação verbal agentiva de DA (“Ao comer uma banana jogada por um torcedor espanhol, o jogador brasileiro Daniel Alves *desencadeou uma*

campanha global contra o preconceito racial, mas esse movimento antirracista não pode se restringir ao esporte”) e recategorização das reações que a ação de DA (remetida intertextualmente também pela imagem) teria desencadeado (“uma campanha global contra o preconceito racial”) e da “campanha” (“esse movimento antirracista”) etc. Ainda no mesmo extrato, a construção textual do sentido de antirracismo pode ser identificada nas predicções verbais “[esse movimento antirracista] *não pode se restringir ao esporte*”, “[essa mobilização] *não pode ficar restrita às arenas esportivas*” e a predicção verbal do referente “o ódio racial, velado ou não” por “está assentado nas mais diferentes camadas da sociedade” e a recategorização do referente “mobilização” por “uma ótima oportunidade de se iniciar um movimento global contra a intolerância”.

6.10.2. Mobilizações do *frame* Racismo por meio de construções textuais no texto 10

O texto 10 apresenta a evocação de contextos relacionados ao ato racista sofrido por DA e pelas reações deste e de NJ, como a punição do Villarreal ao torcedor autor do ato, as medidas preventivas e repressivas previstas no Estatuto do Torcedor e na Lei Geral da Copa, os episódios de insultos racistas nos estádios de futebol brasileiros etc. Esses contextos são conectados, assim, às ações de DA e NJ, enquadrando-as como ações antirracistas. Nesse sentido, as principais construções textuais encontradas acompanham essas ações textuais de contextualização, marcadas por predicções verbais e expressões referenciais. Focalizamos aqui as construções textuais mobilizadoras do *frame* Racismo. No gráfico a seguir, consta a comparação entre a ocorrência de expressões referenciais e de predicções verbais mobilizadores do *frame* Racismo no texto 10.

Vejamos, a seguir, exemplos das expressões referenciais mobilizadoras do *frame* Racismo.

Quadro 38 Exemplos das principais expressões e cadeias referenciais no texto 10 orientadas e construtoras de EFs do *frame* Racismo

Elementos do <i>frame</i> Racismo:	Racismo	Ação contra o racismo	Vítima do racismo
Expressões referenciais:	Racismo	esse movimento antirracista	o jogador brasileiro Daniel Alves
	uma banana jogada por um torcedor espanhol	a cena	[a]o lateral do time Catalão
	o preconceito racial	esse ato simbólico	Daniel Alves
	uma banana	uma rede de mobilização contra o racismo, iniciada no próprio domingo com Neymar	o jogador brasileiro
	um cena corriqueira nos estádios europeus	uma foto	vítima
	o gesto de intolerância	o gesto	protagonista
	o preconceito	imagens de personalidades do Brasil e do mundo	o atleta
	o problema	[d]a hashtag ‘somos todos macacos’	Neymar
	o racismo	uma campanha de uma agência de publicidade	seu colega de clube
	preconceito	detalhe que pouco importa	jogadores negros brasileiros
	o ódio racial, velado ou não	uma ideia original e oportuna	Daniel Alves
	a intolerância	os esforços antirracistas	Neymar
	violações contra os direitos humanos	uma campanha contra o preconceito	os estrangeiros
	essas ações de intolerância	uma carta contra o racismo	os negros
	O racismo	tolerância zero contra o menos sinal de preconceito	Daniel Alves
	ofensa	essa mobilização	“um negro” (secretário-executivo da SEPPIR Giovanni Harvey)
	fruto de um discurso de intolerância que estão acostumados a ouvir fora de campo	um movimento global contra a intolerância	“picolé de asfalto” (enunciador racista)
Total	55	44	32
		131	

Como podemos observar, as expressões referenciais colaboram para o desenvolvimento principal da cadeia referencial relacionada ao EF Racismo, seguida da cadeia ligada ao EF Ação_contra_o_racismo e Vítima_do_racismo. Isso indica a construção textual-sociocognitiva do racismo como um processo ou fenômeno social em relação ao qual o mais importante é a ação antirracista contra ele e o apontamento de suas vítimas.

Vejamos o caso das predicções verbais.

Quadro 39 Exemplos das principais predicções verbais de referentes ligados a EFs do *frame* Racismo no texto 10

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal	Ocorrências
Vítima do racismo	o jogador brasileiro Daniel Alves	desencadeou um campanha global contra o preconceito racial	22
	o jogador brasileiro [o jogador brasileiro]	resolve mudar o curso da história de vítima, passa a protagonista	
	ele [o jogador brasileiro]	para, olha, corre para a frente, pega a fruta, descasca e a enfia na boca	
	o atleta	conseguiu criar uma rede de mobilização contra o racismo, iniciada no próprio domingo com Neymar	
	Neymar	postou uma foto reproduzindo o gesto no Instagram	
	jogadores negros brasileiros	relatam ser alvo de racismo há muitos anos	
	os estrangeiros	entrarem ilegalmente na Europa	
	os negros	brilham e se sobressaem, em diferentes modalidades [de esporte]	
	“um negro”	“provavelmente está sofrendo algum tipo de preconceito [enquanto esta reportagem estiver sendo lida]” (Joel Rufino dos Santos)	
	“Um negro”	“pode ser seu vizinho”	
	“o jovem com cor de pele mais escura”	“não vai poder namorar sua filha branca” (Giovanni Harvey)	
	a população negra	é maioria	
	[muitos jogadores negros]	quando conseguem atingir posições mais altas [em cargos de representatividade no futebol] acabam sendo humilhados por causa da cor da pele	
	“treinadores negros”	“ouviam dos presidentes dos clubes que seriam demitidos por sua cor” (Marcel Tonini)	
	[d]o árbitro Márcio	foi chamado de macaco enquanto	

	Chagas	apitava um jogo entre Esportivo e Veranópolis, no Campeonato Gaúcho	
	Chagas	decidiu apitar até o fim do campeonato e pelo quarto ano consecutivo foi eleito o melhor árbitro	
	ele [Chagas]	deixou os campos	
	o negro Barack Obama	se manifestou	
Ação contra o racismo	esse movimento antirracista	não pode se restringir ao esporte	
	a cena	dura apenas seis segundos	
	[a cena de seis segundos]	foi o suficiente	
	imagens de personalidades do Brasil e do mundo segurando ou comendo uma banana acompanhadas da hashtag ‘somos todos macacos’	pulularam nas redes sociais	
	os esforços antirracistas	já estão concentrados na Copa do Mundo	
	essa mobilização	não pode ficar restrita às arenas esportivas	13
	as reações contrárias	mostram um desejo genuíno em favor da democracia racial	
	Ações como as cotas para negros [...] louváveis	visam a compensar a desigualdade, não a diminuir o preconceito	
	a punição contra o Esportivo	foi muito branda (para Chagas)	
	sua postura [da Fifa]	segue o que está escrito no Artigo 3 do estatuto da organização	
a educação	tem um papel essencial para caminharmos rumo ao fim do racismo		
Racismo	uma banana	cai [...] na área de escanteio, em direção ao lateral do time catação, Daniel Alves	
	essas ações de intolerância	precisam ser banidas	
	o racismo	se escancara no universo dos esportes	5
	Atos racistas	costumam provocar espanto em parte dos brasileiros	
	os casos de intolerância	são muito mais numerosos do que as estatísticas reproduzem	
Total		40	

Como podemos notar no quadro acima, as vítimas do racismo e as ações antirracistas são aspectos enfatizados quando da construção textual local da estabilização de elementos tomados como menos estáveis no *frame* Racismo, não tomando o racismo, assim, como um processo social sem vítimas ou para o qual não há contra-ataques.

O alinhamento ao não racismo e o sentido de internacionalização da ação antirracista é indicada pela predominância de cadeias referenciais específicas: *Racismo*, *Especialistas*, *Pessoas negras* e *Antirracismo*.

O alinhamento ao não racismo pode ser apontado no texto 10 nas predicções verbais e recategorizações presentes no desenvolvimento da cadeia referencial *Racismo*, que colaboram fortemente para a mobilização textual do *frame* Racismo, como as recategorizações do racismo como um “problema” e como uma “chaga” (nesse sentido, a sociedade é tomada metaforicamente como um corpo a ser tratado medicamente) e a predicação verbal “[Todas essas ações de intolerância] *precisam ser banidas*”.

A construção textual do racismo pode ser apontado em algumas características do desenvolvimento da cadeia referencial *Racismo*. Essa cadeia mobiliza fortemente o *frame* Racismo. O racismo é construído, dentre outras maneiras, por meio da construção textual da categorização desse referente, de forma relevante, como *intolerância*, como indicam as recategorizações textuais “a intolerância”, “o gesto de intolerância”, “ações de intolerância”, “um discurso de intolerância que [os jogadores negros] estão acostumados a ouvir fora de campo”, “os casos de intolerância” e “as manifestações de intolerância”. Essas recategorizações, ao mesmo tempo, pressupõem o conhecimento linguístico do sentido de “intolerância”, que não é explicitado, apenas indicado mais genericamente por núcleos nominais como “ações de”, “gesto de”, “discurso de”, “caso de”, “manifestações de” etc. e a oração relativa “[um discurso de intolerância] *que os jogadores negros estão acostumados a ouvir fora de campo*”.

Nesse sentido, essas expressões referenciais indicam que o racismo é tomado como uma prática que se exerce no campo da interação entre atores sociais (como indicam as recategorizações “O preconceito racial”, “preconceito”) e em direção a uma categoria social (racial) tomada como diferenciada: os negros e/ou os imigrantes não europeus, como indicam também as recategorizações “manifestações racistas e xenófobas” e “manifestações contra imigrantes”.

(58)

§2/9 Na Europa, onde jogadores negros brasileiros, como Daniel Alves e Neymar, relatam ser alvo de racismo há muitos anos, é comum acontecer manifestações racistas e xenófobas. Na França, há grupos de extrema direita que frequentemente realizam manifestações contra imigrantes. O mesmo ocorre na Itália. A ilha de Lampedusa é considerada porta de entrada para estrangeiros entrarem ilegalmente na Europa, e no local já há denúncias de violações contra os direitos humanos. Com o crescimento da imigração também na Espanha, o País está hoje entre os mais racistas e xenófobos do continente. Todas essas ações de intolerância precisam ser banidas.

A construção da categorização do racismo como intolerância relaciona-se, ademais, com um caráter psicossocial do racismo, como indicam também as expressões referenciais que utilizam a categoria “preconceito” como núcleo nominal (principalmente) ou em sintagma preposicionado (“O preconceito racial”, “o preconceito”, “preconceito”, “uma situação de preconceito generalizado”, “o preconceito”, “o preconceito”) e outras, como “o ódio racial”, “comportamento”, “situações humilhantes” e “extrapolar as regras sociais”. Este último caso consiste em uma forma verbal nominalizada que recategoriza o racismo como um comportamento de descontrole, conforme indicam também as seguintes construções da causa do racismo no futebol: “*Motivados pela competição*, torcidas adversárias usam a cor da pele como ofensa [...]. [N]o meio da torcida, o indivíduo *se liberta* de algumas *amarras* e resolve *extrapolar* as regras sociais”.

As expressões referenciais e as predicções verbais do racismo também colaboram para a construção deste como amplamente disseminado na sociedade, localizado em quadros sociais mais amplos, emergindo em novos campos sociais e/ou crescente, em termos quantitativos, como indicam as recategorizações e predicções verbais “a situação dos pretos e pardos no País”, “a desigualdade”, “uma situação de preconceito naturalizado”, “[o ódio racial, velado ou não] *está assentado nas mais diferentes camadas da sociedade*”, “[acontecer manifestações racistas e xenófobas] *é comum*”, “[o mesmo – manifestações contra imigrantes –] *ocorre na Itália*”, “[O racismo] *se escancara no universo dos esportes*”, “[os casos de intolerância] *são muito mais numerosos do que as estatísticas reproduzem*”, “[os jogadores negros] *estão acostumados a ouvir* [o discurso de intolerância] *fora de campo*” e na introdução do referente “*um aumento no número de denúncias* [de casos de intolerância] *no Brasil ano após ano*”.

A construção da representação do racismo como institucionalizado também é indicada pelo desenvolvimento da cadeia referencial *Especialistas*, atores legitimados a falar sobre racismo, que colabora para a mobilização do *frame* Racismo. Essa cadeia constrói a argumentação do texto ao introduzir citações, em sua maioria diretas, de declarações de

pesquisadores e de outras autoridades e, portanto, legitimar os sentidos construídos pelo texto em relação ao racismo. Por meio das citações diretas realizadas, o texto constrói o alinhamento aos intertextos inseridos por elas.

O antirracismo, no texto, é tomado como uma ação mais social material e institucional, mais do que uma ação mais simbólica, como indica a predicação verbal intertextualmente inserida dos referentes “Fifa, Uefa e CBF” por “podem fazer muito mais do que levar uma faixa para o campo onde se lê ‘diga não ao racismo’”. O antirracismo também é tomado, como vimos, como uma questão de educação e, portanto, de formação. O texto formula isso por meio da predicação verbal “Acredito mais no poder do professor do que no do papa”, entendendo a educação como um campo onde podem se dar práticas educacionais antirracistas efetivas e não apenas de construções meramente simbólicas (“conteudismo”), o que é indicado pela rotulação da declaração do Papa como “só discurso” e pela predicação verbal “Precisamos ter ações práticas”.

O racismo, como vimos, é tomado como disseminado na sociedade. Assim, ele não existe apenas nos campos de futebol, conforme indica a construção referencial do futebol como por “é representação da cultura coletiva” e do referente “desejos e valores compartilhados socialmente” por “estão [nos estádios]” e a recategorização deste como “[entre eles] o preconceito”, atribuídas ao sociólogo Maurício Murad.

A análise da cadeia referencial *Pessoas negras* também indica que as formas como o racismo é representado no texto dizem respeito a diferentes naturezas desse processo. Observam-se, também na análise dessa cadeia, a construção do racismo como uma prática de natureza psicossocial, como amplamente disseminado na sociedade, localizado em quadros sociais mais amplos, emergindo em novos campos sociais e/ou crescente, em termos quantitativos (natureza institucionalizada do racismo), também é indicado por características do desenvolvimento da cadeia *Pessoas negras*. Identificamos que, relacionado ao racismo enquanto um processo institucionalizado, ele também é tomado como uma desigualdade de condições, conforme explicamos a seguir.

A natureza psicossocial do racismo é indicada, por exemplo, na colaboração entre a construção referencial do referente “negros” pelas predicações verbais na construção de que a causa pela qual o racismo ocorre no esporte relaciona-se com o desempenho dos negros nesse campo: “O racismo se escancara no universo dos esportes porque é um ambiente onde os negros *brilham e se sobressaem, em diferentes modalidades – caso do futebol, do atletismo e do basquete, por exemplo*”. A representação do racismo como institucionalizado pode ser identificada na predicação verbal “[jogadores negros brasileiros, como DA e NJ] relatam ser

alvo de racismo *há muitos anos* [na Europa]”, em que o texto cita DA e NJ indiretamente (citação indireta) e constrói o sentido de disseminação do racismo nos campos de futebol na Europa no decorrer do tempo.

(59)

§3/9 O racismo se escancara no universo dos esportes porque é um ambiente onde os negros brilham e se sobressaem, em diferentes modalidades – caso do futebol, do atletismo e do basquete, por exemplo. Motivados pela competição, torcidas adversárias usam a cor da pele como ofensa, fruto de um discurso de intolerância que estão acostumados a ouvir fora de campo. “Futebol é representação da cultura coletiva. Nos estádios estão os mesmos desejos e valores compartilhados socialmente. Entre eles, o preconceito”, afirma o sociólogo Maurício Murad, autor do livro “Para Entender: A Violência no Futebol” (Ed. Saraiva). A diferença é que, no meio da torcida, o indivíduo se liberta de algumas amarras e resolve extrapolar as regras sociais. “A multidão propicia esses excessos porque as pessoas se sentem escondidas, o que suscita o lado mais bárbaro e não civilizado.” [...]

Outro aspecto do racismo construído pelo texto é o de que ele se basearia em uma desigualdade de condições entre negros e não negros. Isso é indicado por meio da construção do sentido de que os negros no Brasil possuem um “déficit” de vantagens. A dominância quantitativa dos negros no Brasil (indicada pela predicação verbal da “população negra” por “é maioria” e “representando 51% dos habitantes e com projeção de chegar a 60% nos próximos anos”) entraria em contradição com a dominância das pessoas não negras em termos de condições e oportunidades, referida como “desvantagem”. Esse aspecto do racismo seria diferente do preconceito, que poderia continuar existindo mesmo com a compensação da desigualdade de condições, conforme indica a predicação verbal do referente “Ações como as cotas para negros [louváveis]” por “visam a compensar a desigualdade, não a diminuir o preconceito”:

(60)

§4/9 [...] Num país em que a população negra é maioria, representando 51% dos habitantes e com projeção de chegar a 60% nos próximos anos, o termo certo para caracterizar a situação dos pretos e pardos no País é: desvantagem. Ações como as cotas para negros, por exemplo, louváveis, visam a compensar a desigualdade, não a diminuir o preconceito.

No texto, o antirracismo é representado principalmente como um conjunto de práticas sociais que se dão principalmente no campo da escola e da formação moral. Essa representação do antirracismo é indicado pelo desenvolvimento da cadeia referencial *Antirracismo*. Assim, o referente “a educação”, por exemplo, é predicado por “tem um papel essencial para caminharmos rumo ao fim do racismo” e “Estabelecer o diálogo cedo” por “permitirá que ela desenvolva um olhar que valoriza a diversidade” (citação direta da formulação da pesquisadora em Educação Eliane Cavalleiro) (ver extrato a seguir). Essa forma de construir o antirracismo está relacionada à representação do racismo como

institucionalizado, inclusive com motivações históricas, como uma questão de educação e de moral, por exemplo. A dimensão histórica do racismo pode ser indicada na predicação verbal do referente “O processo histórico de formação do País” por “tem o componente étnico como elemento estruturante”.

(61)

§9/9 De fato, a educação tem um papel essencial para caminharmos rumo ao fim do racismo. A mudança de mentalidade fora de campo naturalmente vai se manifestar durante os jogos, e quem sabe esportistas ou não, os negros passarão por menos situações humilhantes. [...] O Ministério da Educação disponibiliza desde 2005 material didático voltado para o combate ao preconceito racial em sala de aula. Mas, segundo Eliane, o primeiro passo é o professor pensar em suas próprias atitudes: “Não adianta ter o discurso contra o preconceito só dentro da classe.” Para o professor de direito da Universidade de Washington Jeremi Duru, que está no Brasil levantando dados para a pesquisa “A Inclusão Social de Negros pelo Esporte”, o esforço de tentar solucionar a chaga do racismo também pode ser pensado de dentro para fora. [...].

A cadeia referencial *Antirracismo* envolve a construção referencial da campanha de NJ e a construção de iniciativas antirracistas para além dessa campanha e para outros campos sociais, como o da educação, não apenas do esporte, conforme indica a recategorização do referente “educação” como “mudança de mentalidade fora de campo” e a predicação verbal do referente “as boas práticas de respeito” por “podem se repetir além das quatro linhas”. Esse referente relaciona-se, por sua vez, com a dimensão moral do racismo, assim como na predicação verbal de “o esforço de tentar solucionar a chaga do racismo” por “também pode ser pensado de dentro para fora”.

Neste capítulo (VI), analisamos cada um dos 10 artigos de opinião componentes do *corpus* da pesquisa, observando a sua complexa dinâmica intertextual e referencial, bem como a mobilização textual do *frame* Racismo. A partir dessas análises, observamos algumas convergências entre as construções e as ações textuais e sociocognitivas identificadas, sobre as quais discutiremos no capítulo VII a seguir, apontando seu caráter de práticas textuais/discursivas e sua relação com representações textuais e sociocognitivas de racismo e de antirracismo.

Capítulo VII – Discussão de resultados: a dimensão textual/discursiva e sociocognitiva do racismo e do antirracismo no *corpus*

“É preto favelado, então tava de pistola”
Rap *Delação Premiada* de MC Carol

Neste capítulo, apontamos e discutimos generalizações dos resultados da pesquisa, desenvolvendo, a partir das análises empreendidas, a ideia de que as ações textuais/discursivas identificadas no *corpus* fazem parte de um conjunto de práticas de atualização de uma “normatividade” não/anti racista, de (des)legitimação da *hashtag* #SomosTodosMacacos e de seus contextos (ações, eventos e processos relacionados a ela), incluindo o racismo, tal como ele é construído textual e sociocognitivamente nos textos do *corpus*.

Na seção 7.1 deste capítulo, discutimos a mobilização do *frame* Racismo por meio de expressões referenciais e predicacões verbais. Na seção 7.2, desenvolvemos a ideia de que as ações textuais/discursivas identificadas e recorrentes no *corpus* (incluindo as formas intertextuais e outras construções textuais) constituem práticas de atualização de uma normatividade não/anti racista, de (des)legitimação da *hashtag* #SomosTodosMacacos, do racismo e de determinado modelo de antirracismo que ela evoca, segundo os textos.

7.1. A representação do racismo no *corpus*

A representação do racismo por meio de construções textuais pode ser indicada primeiramente na comparação entre a ocorrência de expressões referenciais e de predicacões verbais na mobilização textual do *frame* Racismo no *corpus*, conforme mostra a figura 13 apresentado no início do capítulo anterior. Em termos linguístico-textuais, como vimos em cada texto, a mobilização do *frame* Racismo tende a representar o racismo mais por meio da apresentação, por meio dessas expressões referenciais, de um conjunto de referentes sociocognitivamente inter-relacionados, que, assim, evocam propriedades e relações mais ou menos implícitas entre os referentes das principais cadeias referenciais, do que pela atribuição de propriedades veiculadas por predicacões verbais desses referentes enquadrados pelo *frame* Racismo, que relacionam mais explicitamente, quando emergem, as relações e as propriedades desses referentes.

As mobilizações do *frame* Racismo por meio de expressões referenciais que (re)introduzem referentes e/ou os (re)categorizam indicam que a construção textual da

perspectiva não racista ou antirracista do texto é realizada principalmente por meio da construção progressiva de determinados referentes em foco (como “atitudes racistas”, “discriminação”, “países que se consideram ‘brancos e civilizados’”, “bananas”, “a banana”, “jogadores negros” etc.), enquanto as mobilizações por meio de predicções verbais indicam essa perspectiva anti/não racista por meio da atribuição de ações ou eventos realizados ou sofridos por referentes (explícitos ou implícitos) humanos, personificados ou animados: “[torcedores europeus] *jogaram* bananas contra jogadores negros na Europa”, “os próprios europeus *parecem incapazes de fazer* [a reação], contra a discriminação nos campos de futebol”, “países *que se consideram ‘brancos e civilizados’*”, “ele mesmo [NJ] e muitos outros atletas *têm sofrido* [atitudes racistas] *em estádios pelo mundo afora*” etc..

No *corpus*, há a presença maior da saliência de EFs em torno do EF Racismo (EFs Racismo, Agente_do_racismo e Vítima_do_Racismo) em 8 dos 10 textos do *corpus* (T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7 e T10), por meio de expressões referenciais, e há a presença menor de EFs em torno do EF Reação_ao_racismo (EFs Reação_ao_racismo, Ação_contra_o_racismo e Reagente_ao_racismo), que predominam em 2 dos 10 textos do *corpus* (T8 e T9), também considerando as expressões referenciais, conforme mostra a figura 14, a seguir¹⁶⁷. A figura 15, também a seguir, que considera o uso de predicções verbais, mostra que a maior saliência de EFs em torno do EF Racismo (T1, T2, T3, T4, T6, T7, T8, T10) do que de EFs em torno do EF Reação_ao_racismo (T5 e T9) também pode ser observada na mobilização do *frame* Racismo por meio dessas predicções.

¹⁶⁷ Os números indicam as médias de mobilização de cada EF no *corpus* considerando o percentual da mobilização desses EFs em relação ao total de mobilizações dos EFs encontrados em cada texto.

Figura 14 Índice de mobilizações de EFs em torno dos EFs Racismo e Reação_ao_racismo em cada texto do *corpus* por meio de expressões referenciais

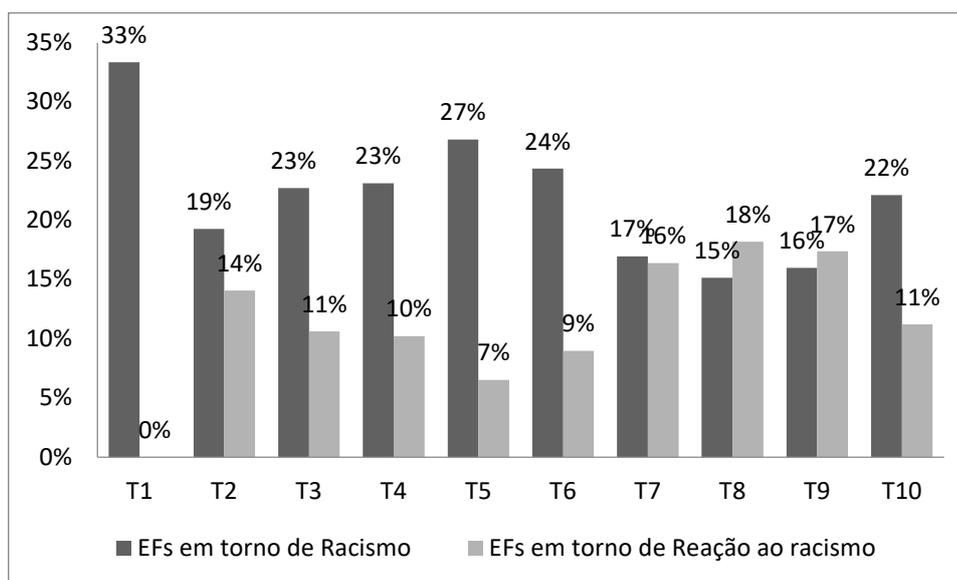
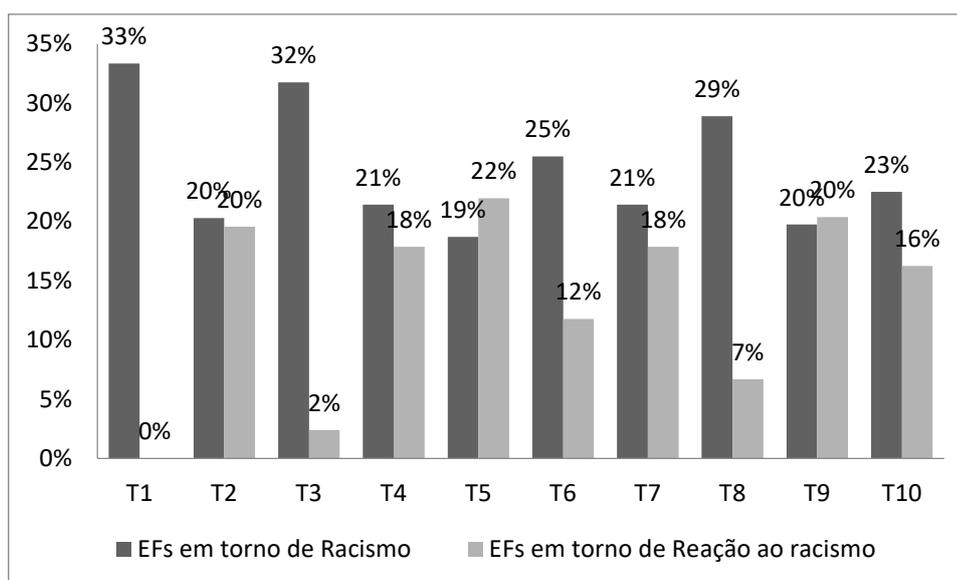


Figura 15 Índice de mobilizações de EFs em torno dos EFs Racismo e Reação_ao_racismo em cada texto do *corpus* por meio de predicções verbais



Como dissemos, no *corpus*, as cenas relativas a racismo são evocadas pelas mobilizações (não necessariamente racistas) do *frame* Racismo principalmente por meio da (re)introdução ou (re)categorização de referentes textuais em foco interligados sociocognitiva e textualmente ao *frame* Racismo por eles mobilizado. O uso de expressões referenciais tende à pressuposição do compartilhamento de determinadas entidades, como no exemplo a seguir, dentre os quais estão os referentes ligados a agentes e a ações de racismo. Estes agentes e ações do racismo não são salientados ou explicitados pela expressão referencial em si (como “a discriminação nos campos de futebol” no exemplo a seguir, que indica um processo e não

um agente desse processo), mas pelas predicacões verbais dos referentes que ela indicia (“[os prprios europeus] *parecem incapazes de fazer* [uma reaçao contra a discriminacão nos campos de futebol]”):

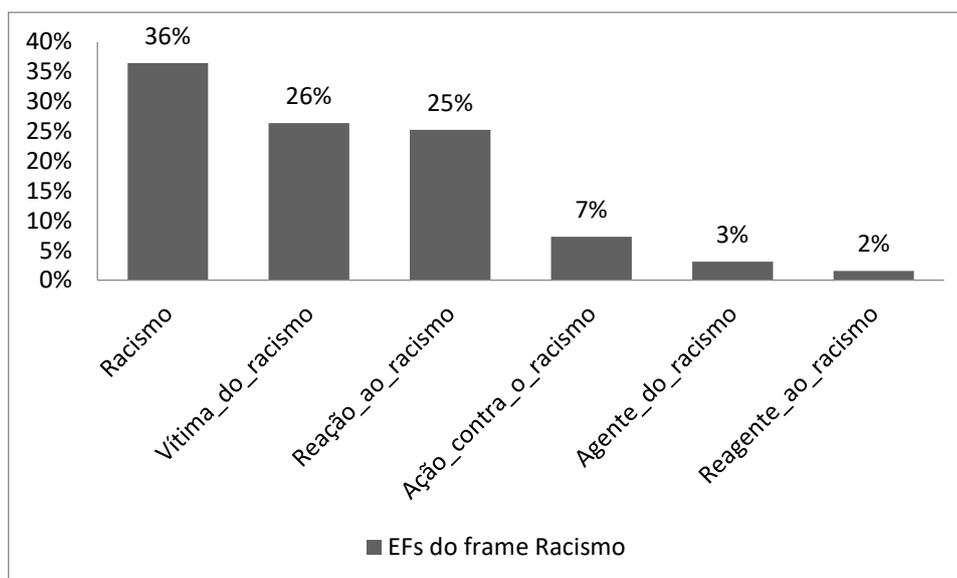
(62) T1, *Somos todos macacos*, Emir Sader, *Diário do Centro do Mundo*

§1/7 Depois da enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa, Daniel Alves resolveu comer a banana e Neymar declarou: “Somos todos macacos”. É o começo da reaçao, que os prprios europeus parecem incapazes de fazer, contra a discriminacão nos campos de futebol, que é apenas a extensao da vida cotidiana em países que se consideram “brancos e civilizados”.

No exemplo acima, aos europeus são atribuídas modalizadamente propriedades por meio de predicacões verbais, como “parecem incapazes de fazer [uma reaçao contra a discriminacão nos campos de futebol]”. Assim, por não serem caracterizados como *reagentes* à discriminacão, são tomados implicitamente como *agentes* da “discriminacão nos campos de futebol”. Há, é claro, exceçoes, como a atribuicão mais direta de determinadas açoes ou práticas racistas aos (países) europeus, (que viveriam em) uma região onde a vida cotidiana compreende a discriminacão nos campos de futebol, conforme descreve o exemplo de T1 acima, escrito por Emir Sader.

Paralelamente, notamos, conforme mostramos a seguir, que, na observacão dos EFs mais mobilizados do *frame* Racismo, há também uma tendência de dar mais ênfase às vítimas do racismo e às suas agruras, como forma de apontar, denunciar e descrever o racismo, do que a seus provocadores ou agentes, que poderia ser uma forma antirracista de apontar, denunciar e descrever os atores sociais racistas. Notamos essa tendência de representacão do racismo, por exemplo, na observacão do seguinte gráfico, que mostra a mobilizacão de EFs do *frame* Racismo por meio de expressões referenciais:

Figura 16 Índice de mobilização de EFs do *frame* Racismo no *corpus* por meio de expressões referenciais



Por meio da observação desse gráfico, notamos que, no *corpus*, há a predominância da mobilização do EF Racismo do *frame* Racismo, seguido de Vítima_do_racismo, Reação_ao_racismo, Ação_contra_o_racismo, Agente_do_racismo e Reagente_ao_racismo, por meio de expressões referenciais. A partir desses dados, podemos apontar que, no uso de expressões referenciais mobilizadoras do *frame* Racismo:

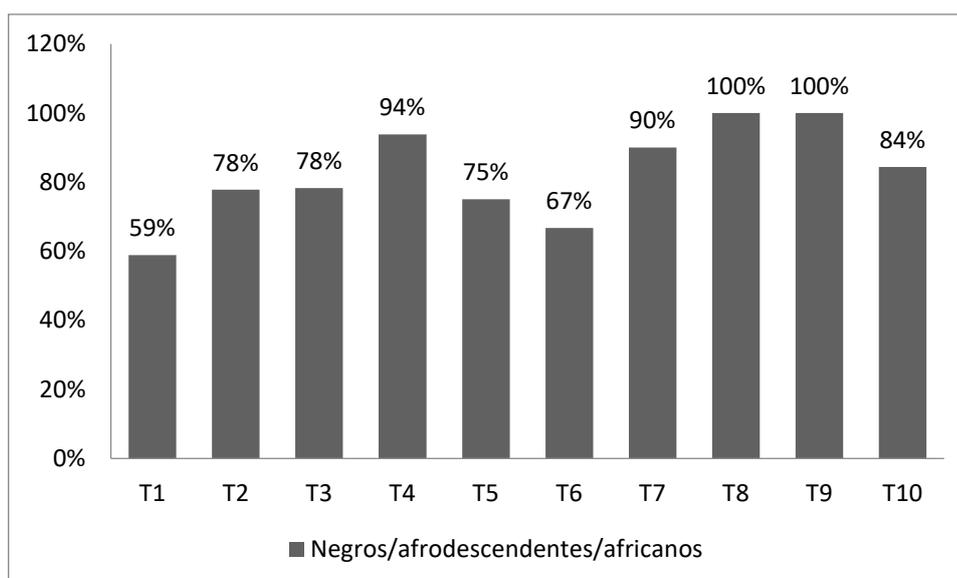
- (i) A predominância do EF Racismo pode se dever ao próprio contexto/tema relevante do racismo no *corpus*, considerando os contextos mais imediatos e também relevantes da ação racista contra DA, da reação deste e da reação de NJ;
- (ii) A forte mobilização do EF Vítima_do_racismo no *corpus* indica, a nosso ver, o foco nas vítimas do racismo, mais do que nos seus agentes, o que colabora com o delineamento de uma realidade que é caracterizada pelo impacto social nas pessoas negras;
- (iii) A saliência do EF Reação_ao_racismo pode estar ligada à relevância dos contextos mais imediatos da reação deste a esse ato e da reação de NJ;
- (iv) A baixa presença do EF Ação_contra_o_racismo aponta para a maior construção da entidade racismo, no texto, do que propriamente de ações ou de propostas de ações contra ele;
- (v) A baixa presença de mobilizações do EF Agente_do_racismo indica que o racismo construído, como vimos, é mais visto como um processo ou fenômeno social com pouca ênfase nos atores sociais que o provocam;

(vi) A baixa quantidade de mobilizações do EF *Reagente_ao_racismo* corrobora a baixa presença de mobilizações do EF *Ação_contra_o_racismo* ao dar menos ênfase a reagentes, a ações ou a propostas de ações antirracistas.

Embora os apontamentos (i) e (ii) estejam mais ligados a contextualizações mais ou menos esperadas no *corpus*, eles também nos permitem apontar a generalização de que o racismo construído textual e sociocognitivamente no *corpus* indicia, a princípio, uma espécie de “racismo de vítimas” (mais do que um “racismo de racistas”, por exemplo), além das poucas expressões referenciais e EFs que constroem (re)agentes, ações ou propostas antirracistas. Assim, as ações textual-sociocognitivas no *corpus* convergem para a tendência de representação do racismo como processo ou conjunto de práticas sociais caracterizadas pelo seu efeito negativo contra a população negra, mais do que pela identificação, pela responsabilidade, pela intencionalidade ou pelo efeito positivo para os seus agentes (os racistas ou seus vetores), por exemplo. O racismo, assim, seria uma “força” que age na sociedade contra determinados grupos.

Esses grupos, vítimas do racismo, são, no *corpus*, principalmente de pessoas negras, conforme indica a figura a seguir¹⁶⁸, que considera as expressões referenciais utilizadas para o EF *Vítima_do_racismo* relacionadas a *negros*, *afrodescendentes* ou *africanos* (média percentual de 82%).

Figura 17 Índices de expressões referenciais ligadas a *negros/afrodescendentes/africanos* no *corpus*

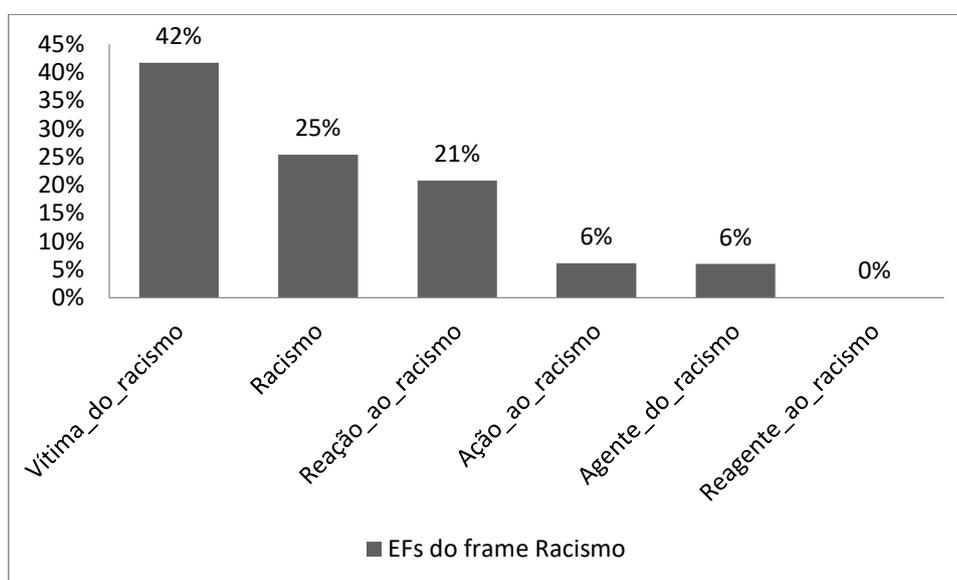


¹⁶⁸ As expressões referenciais em questão são identificadas no Apêndice.

A evocação das vítimas do racismo como sendo relacionadas às pessoas negras/afrodescendentes/africanas dá ênfase à concepção de racismo como voltado contra a cor da pele associadamente à origem africana, no *corpus*. No T1, por exemplo, em que o índice dessas expressões é o menor (59%), temos as expressões “negros”, “Africanos” e “Escravos”. A associação dessas expressões à categoria *negros/afrodescendentes/africanos* se dá por meio da relação textual e sociocognitiva entre elas na progressão referencial e das contextualizações dessas expressões, como no caso de “Escravos”, que sofre uma contextualização histórica pautada no processo de escravização dos africanos. A não ocorrência de expressões referenciais voltadas para essa categoria racial, negros/afrodescendentes/africanos, se deve, em parte, a recategorizações textuais, mas também a outras formas de concepção de racismo. Assim, no T5, com alta frequência de expressões relacionadas a negros/afrodescendentes/africanos (75%), conforme indica a figura, é utilizado também o nome próprio de um grupo/comunidade indígena, “guaranikaiowá”, como preenchedor do EF Vítima_do_racismo.

Por meio das predicações verbais, por sua vez, que colaboram para a construção do *frame* Racismo, também podemos notar a predominância dos EFs Vítima_do_racismo, Racismo e Reação_ao_racismo, conforme notamos no gráfico a seguir. O que indica, a nosso ver, que mesmo em construções textuais por meio das quais se pode (re)construir ainda que localmente o *frame* Racismo (as predicações verbais), possivelmente mostrando novos elementos de *frame* em estabilização (MORATO *et al.*, 2017), o racismo também é representado predominantemente como “de vítimas”.

Figura 18 Índice de mobilização de EFs do *frame* Racismo no *corpus* por meio de predicações verbais



Os sentidos evocados pelas expressões referenciais e pelas predicções verbais colaboram, no entanto, para a (re)construção das vítimas do racismo, que ganham, assim, sentidos mais agentivos, como no exemplo a seguir:

(63) T2, # *Somos todos macacos coisa nenhuma*, Marcos Sacramento, *Diário do Centro do Mundo*

§1/10	A reação foi rápida. Horas depois de Daniel Alves <u>reagir com maestria a uma provocação racista</u> , Neymar <u>postou no Instagram uma foto segurando uma banana com a hashtag “somostodosmacacos”</u> . O protesto viralizou e ganhou a adesão de famosos: Luciano Huck e Angélica, Ivete Sangalo, Alexandre Pires e até Inri Cristo posaram com a banana.
§2/10	Seria tudo lindo e altruísta não fossem duas coisas.

No exemplo acima, os referentes “Daniel Alves” e “Neymar”, o primeiro vítima direta do ato racista na Espanha, e o segundo uma vítima indireta, por se colocar no lugar de DA colega de equipe e/ou como jogador brasileiro/negro, são predicados por meio de usos verbais agentivos (“*reagir com maestria a uma provocação racista*” e “*postou no Instagram uma foto segurando uma banana com a hashtag ‘somostodosmacacos’*”) que constituem informações textuais escopos da nominalização catafórica “A reação” e da recategorização “O protesto”.

Nesse sentido, essas predicções verbais podem ser um indício ou um precedente (considerando a relevância social do *corpus* como escritos por figuras públicas legitimadas em seu campo) para fazer emergir de forma relevante futuramente, ou em outros contextos em que o racismo seja um tema relevante, os preenchedores sociocognitivos das vítimas do racismo enquanto EF (Vítima_do_racismo) como (re)agentes a este (Agentes ou Reagentes_contra_o_racismo), em práticas textuais/discursivas. Além disso, a tendência predominante de representação do racismo como processo social sem ênfase predominante em seus agentes, ainda que reverbere um não racismo igualitarista, pode estar ligada ao pressuposto, que a maioria dos autores pode ter identificado, da necessidade de apontar e descrever o racismo e suas vítimas, a construção textual e sociocognitiva da própria materialidade do racismo e da sensibilização dos leitores frente ao contexto e ao intertexto da campanha “Somos todos macacos”. Isso sugere que os autores, em abril de 2014, nesse *corpus*, entendiam que a “mentalidade” dos seus leitores ainda estaria aquém da necessidade de construção textual de práticas antirracistas e que mesmo o *não racismo* precisaria ser mais bem estabilizado textual/discursiva e social/sociocognitivamente.

Nesse sentido, o apontamento e o aprofundamento do que o racismo é, de quem são suas vítimas e do que estas sofrem em decorrência do racismo parece ser uma prática

predominante, pelo menos no *corpus*, de apontar a existência do racismo e de suas vítimas de modo a sensibilizar os potenciais leitores, constatada uma instabilidade do antirracismo, em termos sociocognitivos, ainda existente. A construção textual/discursiva de práticas e de propostas de ação antirracistas, como a identificação dos racistas, poderia ter mais sentido, assim, com a estabilização dessa representação do racismo como um processo social amplo desumanizador das pessoas negras em diferentes níveis.

7.2. A (des)legitimação da *hashtag* #SomosTodosMacacos no *corpus*

Considerando as análises realizadas no capítulo anterior, podemos entender que as formas intertextuais e outras construções textuais analisadas indicam ações textuais e sociocognitivas (intertextuais e referenciais mobilizadoras de *frames*) que, por serem recorrentes no *corpus*, são candidatas a práticas textuais/discursivas, nesse caso, de (des)legitimação da *hashtag* #SomosTodosMacacos e de (des)alinhamentos a contextos a ela relacionados, principalmente as formas de representação de racismo.

As práticas de (des)legitimação consistem naquelas que:

[...] reconhecem, validam, legalizam e qualificam um ato qualquer, um processo social, uma dada forma de compreender a realidade, um dado sistema de crença ou ideologia – de modo a torná-los legítimos e consensuais (BOBBIO, 2004), para uma (dada) comunidade ou parcela da população. (MORATO, 2018, p. 160)

Essas práticas textuais/discursivas de (des)legitimação podem ser apontadas nos seguintes processos presentes no *corpus*, de natureza mais empírica ou mais teórica:

- (i) Representações do racismo por meio da saliência textual e sociocognitiva de determinados EFs do *frame* Racismo, de tal modo que podemos falar de tipos de práticas textuais/discursivas enquadradas por uma “normatividade” anti/não racista presente no *corpus* (conforme veremos na seção 7.2.1) (aspecto da mobilização textual do *frame* Racismo);
- (ii) Disputa simbólica mostrada nos diferentes (des)alinhamentos em relação ao racismo da *hashtag* #SomosTodosMacacos: os alinhamentos podem ser considerados ações textuais de legitimação e os desalinhamentos ações de deslegitimação da *hashtag* e dos contextos a ela relacionados, principalmente as formas de racismo identificadas (item desenvolvido na seção 7.2.2) (aspecto do uso de formas intertextuais do intertexto “Somos todos macacos”);

- (iii) Relações sociocognitivas entre a propalada “normatividade” anti/não racista e o caráter reflexivo das práticas textuais/discursivas identificadas e enquadradas por essa normatividade (item desenvolvido na seção 7.2.3).

7.2.1. Normatividade não racista e práticas textuais/discursivas de (des)legitimação

Por meio da análise dos artigos de opinião, confirmamos a hipótese de que o *corpus* se enquadra em uma “normatividade” anti/não racista (cf. MACHADO, 2000; EDWARDS, 2003; BENWELL, 2012; JIWANI & RICHARDSON, 2011). Esse caráter anti/não racista dos artigos de opinião em foco é identificado por meio das formas com que o *frame* Racismo é mobilizado por construções textuais.

A perspectivização realizada pelas construções textuais por meio da qual o *frame* Racismo é mobilizado é fundamental para a indicação do não racismo ou do antirracismo do texto, como indica o exemplo a seguir do T1, de autoria de Emir Sader, analisado no capítulo anterior, em que, como vimos: (a) o EF Racismo do *frame* Racismo é mobilizado por meio da introdução do referente “enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa” e (b) esse referente e as informações que o seguem são encapsuladas por “o começo da reação, que os próprios europeus parecem incapazes de fazer, contra a discriminação nos campos de futebol”, mobilizando o EF Reação_ao_racismo. As mobilizações do *frame* Racismo podem ter, assim, como podemos ver no exemplo abaixo, a função de salientar a perspectivização não racista ou antirracista do texto.

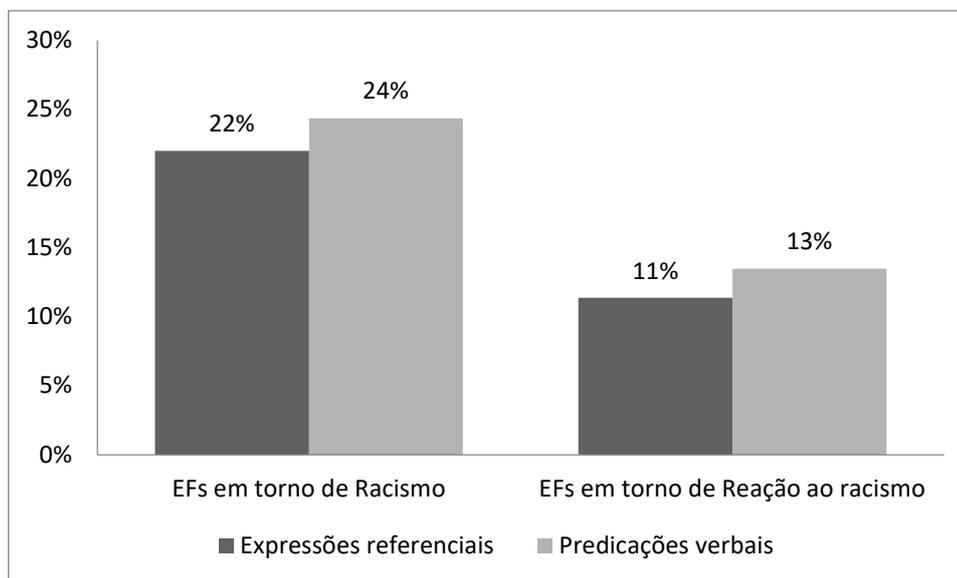
(64) *Somos todos Macacos*, Emir Sader, Carta Maior (T1)

§1/7 Depois da enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa, Daniel Alves resolveu comer a banana e Neymar declarou: “Somos todos macacos”. É o começo da reação, que os próprios europeus parecem incapazes de fazer, contra a discriminação nos campos de futebol, que é apenas a extensão da vida cotidiana em países que se consideram “brancos e civilizados”.

Considerando, assim, as mobilizações dos EFs em torno do EF Racismo (Racismo, Agente_do_racismo e Vítima_do_racismo) e dos EFs em torno de Reação_ao_racismo (Reação_ao_racismo, Ação_contra_o_racismo e Reagente_ao_racismo), podemos notar que, no *corpus*, não há muita diferença, na mobilização dos primeiros (EFs em torno do EF Racismo) e dos segundos (EFs em torno do EF Reação_ao_racismo), entre o uso de expressões referenciais e de predicções verbais, conforme mostra o gráfico a seguir. O pequeno predomínio de predicções verbais, a nosso ver, fortalece a possibilidade de as predicções verbais (mais do que as expressões referenciais) serem candidatas a práticas

textuais/discursivas de novas estabilizações do *frame* Racismo voltadas para a construção textual de reações ao racismo nesse *frame*.

Figura 19 Índice de mobilizações de EFs do *frame* Racismo por meio de expressões referenciais e de predicções verbais



Como predomina no *corpus* o uso de expressões referenciais e a mobilização dos EFs em torno do EF Racismo, podemos entender que o racismo tende a emergir textualmente mais como tema a ser desenvolvido, referido, apontado, o que pressupõe o abarcamento de outros referentes e informações textuais anteriores ou posteriores (como, por exemplo, a recategorização de “a enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa” por “a discriminação nos campos de futebol” e por “a extensão da vida cotidiana em países que se consideram ‘brancos e civilizados’”, no exemplo 64 acima), enquanto, no caso do uso das predicções verbais, as (re)ações e atributos dos referentes animados/personificados tendem a emergir textualmente mais como algo a ser estrategicamente (re)construído (cf. FERRARI, 2018), descrito, relatado, tendo como propósito o reforço da empatia ao expressar experiências de racismo e salientando a positividade e a presteza das ações não racistas ou antirracistas, como no exemplo 63, em que a expressão catafórica “A reação” categoriza informações textuais expressas com a colaboração de predicções verbais posteriores: “Daniel Alves reagir com maestria a uma provocação racista”, “Neymar postou no Instagram uma foto segurando uma banana com a hashtag ‘somostodosmacacos’”, “O protesto viralizou e ganhou a adesão de famosos”, “Luciano Huck e Angélica, Ivete Sangalo, Alexandre Pires e até Inri Cristo posaram com a banana”.

7.2.2. Antirracismo e (des)alinhamentos à *hashtag* #SomosTodosMacacos

O (des)alinhamento consiste em um processo (inter)textual/responsivo que indica, no *corpus*, a disputa de sentidos configurada pelos diferentes posicionamentos dos autores nos textos. Assim, os textos, no *corpus*, apresentam mais posicionamentos de desalinhamento (n=7: T2, T3, T4, T5, T6, T8 e T9) do que de alinhamento (n=3: T1, T7 e T10) aos sentidos atribuídos à *hashtag* #SomosTodosMacacos, conforme indica a figura 20.

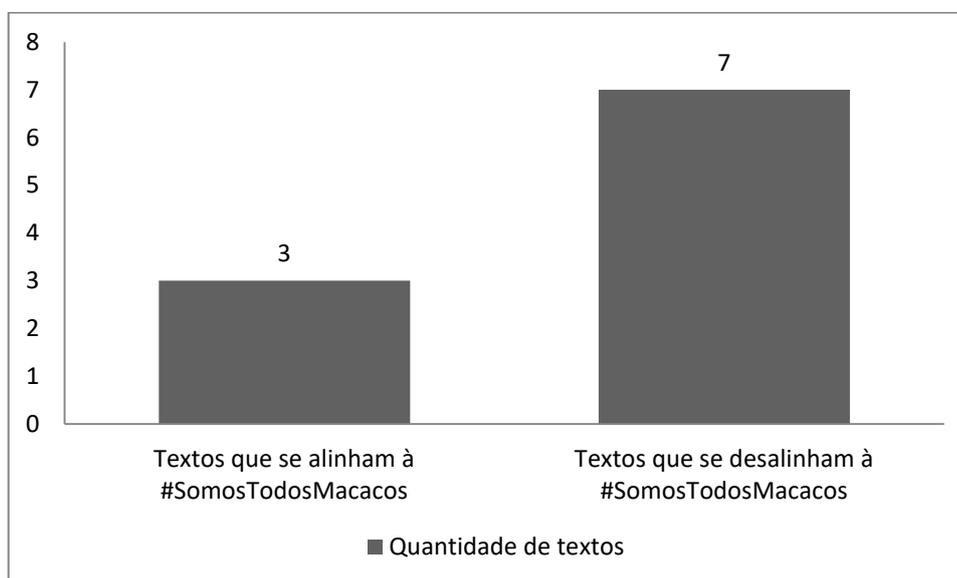
No entanto, esse predomínio de desalinhamentos se deve, a nosso ver, não apenas aos sentidos atribuídos à *hashtag* #SomosTodosMacacos como intertexto, mas também aos contextos da criação, da publicação e promoção da *hashtag*, nomeadas como “campanha”, como reação a um evento racista que pode ser entendida como problemática, do ponto de vista do antirracismo (PIRES & WEBER, 2018; SANTANA, BONINI & PRADOS, 2017; BRAGA & SANTOS, 2016; PRADO & AQUINO, 2015; MOTA & ALMEIDA, 2015; CAMPOS & MACHADO, 2014; SANTOS, 2014; MENDONÇA & MAINIERI, 2014; HOLLANDA, 2014; BRIGHENTI, 2014). Assim, retomando a análise dessa “campanha” feita no capítulo III, retomamos que a *hashtag* é predominantemente escopo de desalinhamentos:

- (i) Por evocar a representação racista (desumanizante, inferiorizante e biologizante) do negro como macaco e defendê-la como “estratégia antirracista”;
- (ii) Pelo seu uso em legendas de imagens em que figuras públicas seguravam uma banana dentro de um enquadre humorístico;
- (iii) Por mobilizar acriticamente o sentido de igualdade, abrindo espaço para um modelo de igualitarismo baseado na igualdade formal e não efetiva, ou na promoção de políticas universalistas contra o racismo, mas não racialmente específicas (cf. MUNANGA, 1999);
- (iv) Por não promover diretamente um debate aprofundado sobre o racismo e sobre a realidade do negro brasileiro;
- (v) Por envolver uma agência de publicidade, o que demonstrou a participação forte de interesses financeiros e de autopromoção.

Desse modo, a construção textual do desalinhamento e do alinhamento ao intertexto “Somos todos macacos”, que focalizamos nesta seção por meio dos usos de formas intertextuais, se vale não apenas dos sentidos atribuídos à *hashtag* enquanto texto, como também das contextualizações que delineiam esses sentidos.

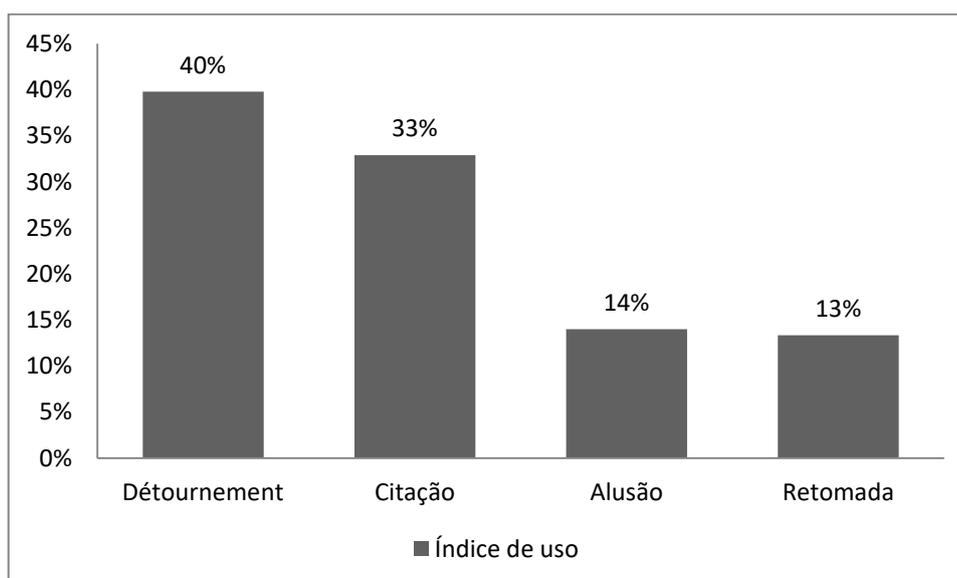
Na figura 20 a seguir, podemos notar tanto o número de texto de alinhamentos quanto o de desalinhamentos a esse intertexto:

Figura 20 (Des)alinhamentos à #SomosTodosMacacos no corpus



A maior presença de textos que indicam desalinhamento pode ser apontada nessa figura e também por meio da comparação entre os índices de usos de determinadas formas intertextuais em relação à *hashtag* #SomosTodosMacacos, conforme nos mostra o gráfico a seguir:

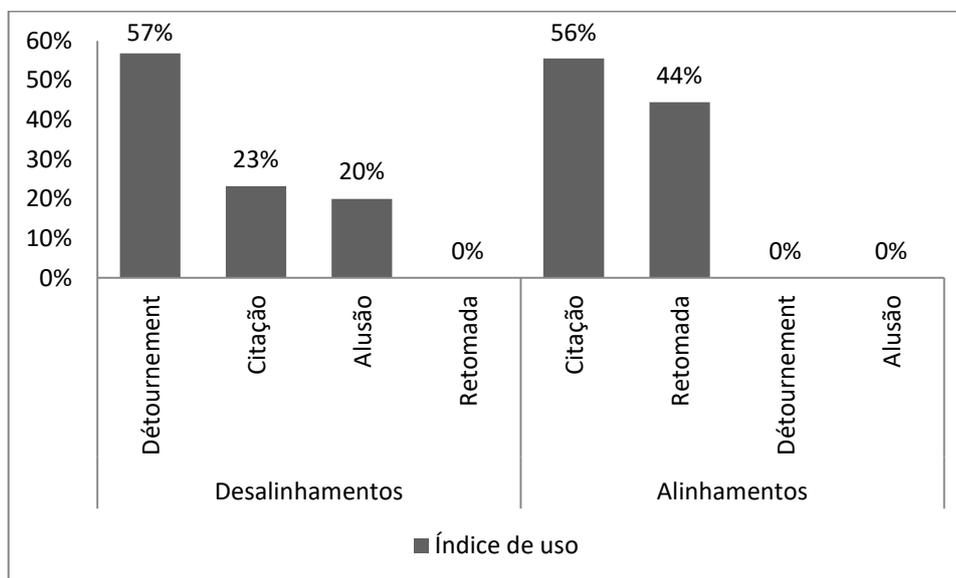
Figura 21 Formas intertextuais à #SomosTodosMacacos no corpus



Conforme observamos no gráfico, de fato, o *détournement*, que tende a realizar desalinhamentos (como a alusão, no *corpus*), é a forma intertextual mais utilizada. No entanto, a citação e a retomada, importantes recursos intertextuais de alinhamento (e não de

desalinhamento, como o *détournement* e a alusão, no *corpus*), também estão fortemente presentes. Observemos a seguir como as formas intertextuais se distribuem entre alinhamentos e desalinhamentos no *corpus*¹⁶⁹:

Figura 22 Relação entre formas intertextuais e (des)alinhamentos no *corpus*



Observando os dados acima, notamos que o *détournement* (57%), a citação (23%) e a alusão (20%) colaboram para a indicação de desalinhamentos (a retomada não colabora [0%]), enquanto a citação (56%) e a retomada (44%) colaboram para a indicação de alinhamentos (o *détournement* e a alusão não colaboram [0%]). Como vemos, a citação é a forma intertextual que pode colaborar para ambos os processos, embora seja o principal recurso intertextual de alinhamento à *hashtag* #SomosTodosMacacos. O *détournement*, embora pudesse ser usado como alinhamento (como “Somos todos macacos” => “Somos todos iguais” ou “Somos todos macacos” => “Somos todos seres humanos”), ele é usado apenas como desalinhamento (como em “como eles dizem, “somos todos macacos, isto é, iguais”), o que parece indicar determinadas práticas textuais-discursivas: a de usar a citação e a retomada no alinhamento e a de usar o *détournement* no desalinhamento à *hashtag* #SomosTodosMacacos.

A nosso ver, a presença de alinhamentos e de desalinhamentos indica a configuração de uma disputa em relação ao(s) sentido(s) atribuídos à *hashtag* #SomosTodosMacacos, um mais ligado ao igualitarismo e outro mais ligado ao

¹⁶⁹ Uma observação em relação a esses números é importante de se ter em conta para a leitura do gráfico: por haver número diferente entre textos que se alinham e textos que se desalinham à *hashtag* #SomosTodosMacacos, os índices de um desses grupos de textos (os que se desalinham, por corresponder a um número maior de textos) é mais confiável do que os do outro (o dos que se alinham, por corresponder a um número menor de textos).

diferencialismo, principalmente, em relação (a) ao racismo a que a *hashtag* se desalinhará ou (b) ao racismo a que ela acabaria se alinhando, de acordo com os extratos a seguir, que consideram, apenas à título de exemplo, o mesmo tipo de forma intertextual, a citação:

- a) Igualitarismo: alinhamento à *hashtag* #SomosTodosMacacos (indicado por citação e por encapsulamento sublinhados), com desalinhamento ao racismo (indicado por encapsulamento) no exemplo a seguir:

(65) *Somos todos Macacos*, Emir Sader, Carta Maior (T1)

§1/7 Depois da enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa, Daniel Alves resolveu comer a banana e Neymar declarou: “Somos todos macacos”. É o começo da reação, que os próprios europeus parecem incapazes de fazer, contra a discriminação nos campos de futebol, que é apenas a extensão da vida cotidiana em países que se consideram “brancos e civilizados”.

- b) Diferencialismo: desalinhamento à *hashtag* #SomosTodosMacacos (introduzida pela citação “a *hashtag* ‘somostodosmacacos’”) e desalinhamento ao racismo a ela atribuído (indicado por meio das predicções verbais “[A reação/o protesto] *Seria tudo lindo e altruísta não fossem duas coisas*”, “[Chamar uma pessoa de cor de macaco] *Coloca o negro em uma posição subalterna em relação ao branco*” e “É pesado e cheio de subtextos”, que são predicções das nominalizações “Chamar uma pessoa de cor de macaco” e das recategorizações “xingamentos mais comuns e cruéis”):

(66) *#Somos todos macacos coisa nenhuma*, Marcos Sacramento, Diário do Centro do Mundo (T3)

§1/10 A reação foi rápida. Horas depois de Daniel Alves reagir com maestria a uma provocação racista, Neymar postou no Instagram uma foto segurando uma banana com a *hashtag* “somostodosmacacos”. O protesto viralizou e ganhou a adesão de famosos: Luciano Huck e Angélica, Ivete Sangalo, Alexandre Pires e até Inri Cristo posaram com a banana.

§2/10 *Seria tudo lindo e altruísta não fossem duas coisas.*

§3/10 A primeira é que nós, negros e pardos, não somos e nem gostamos de *ser chamados de macacos. Chamar uma pessoa de cor de macaco é um dos xingamentos mais comuns e cruéis. Coloca o negro em uma posição subalterna em relação ao branco*, ao aludir a um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva. *É* pesado e cheio de subtextos, diferente de “*tição*”, por exemplo, que alude só ao tom da pele.

Nesse sentido, o alinhamento ou o desalinhamento não ocorre propriamente em relação a um sentido altamente estável da *hashtag* #SomosTodosMacacos ligados ao

igualitarismo, embora prevaleça o desalinhamento a ela e ao (tipo de anti) racismo que lhe é atribuído.

É necessário entender, a partir disso, que a “normatividade antirracista” em que pode ser enquadrado o *corpus* tem a característica mais específica de tender para o desalinhamento ao (anti/não) racismo atribuído à *hashtag* #SomosTodosMacacos. Assim, a prática de identificação do (anti) racismo como uma ação social, como o exercido por meio da publicação ou da criação da *hashtag* #SomosTodosMacacos, caracteriza, em parte, esse diferencialismo antirracista, predominante no texto, ainda que os autores não explicitem a afiliação a esse modelo de antirracismo. O alinhamento à *hashtag*, em alguns textos, consiste, por sua vez, no alinhamento a um não racismo igualitarista, ainda que os autores realizem construções textuais antirracistas, como Emir Sader (T1) e Camila Brandalise (T10), uma vez que não necessariamente compartilham os sentidos (não) racistas implicitamente em jogo na *hashtag* #SomosTodosMacacos. Por isso, a implicitude dos sentidos racistas da *hashtag* #SomosTodosMacacos como texto, como forma linguística de ação social/sociocognitiva, abre a possibilidade da legitimação deles. Decorre daí a importância da reflexividade e da análise textual da *hashtag* e, por extensão, dos textos em que o contexto do racismo deve ser identificado como relevante, e a importância mesmo do conhecimento sobre as formas implícitas de “reprodução” do (não) racismo (igualitarista).

7.2.3. Antirracismo e caráter reflexivo das práticas textuais/discursivas

Nesta subseção, desenvolvemos a ideia anunciada no começo deste capítulo de que as ações textuais/discursivas identificadas no *corpus* conformam práticas de (des)legitimação da *hashtag* #SomosTodosMacacos e de contextos (ações, eventos e processos que lhe são textual e sociocognitivamente relacionados), como as tendências de racismo ou de não/antirracismo atribuídas à *hashtag* por essas ações textuais/discursivas. Essa ideia pode ser desenvolvida por meio da identificação do caráter reflexivo e de relações sociocognitivas entre a construção de uma normatividade antirracista e essas práticas de (des)legitimação (cf. MORATO & BENTES, 2017; KOIKE & BENTES, 2017).

Em relação ao caráter reflexivo do antirracismo nos textos, podemos considerar dois tipos, um mais ligado ao igualitarismo e outro mais ligado ao diferencialismo. Parte das ações textuais identificadas no *corpus* podem ser tomadas como um anti/não racismo genérico e igualitarista (como no exemplo 67 a seguir, em que é instaurado um referente genérico), por meio do qual há desalinhamento ao racismo sofrido por DA, enquanto outra parte expressa

mais reflexividade sobre o antirracismo da *hashtag* (como no exemplo 68, em que o autor pondera em relação ao caráter da reação de DA como “enfrentamento ao racismo”).

(67) *Somos todos macacos*, Artur Xexéo, O Globo (T7)

Título	Somos todos macacos
Lide	<u>Qualquer manifestação que diminua o impacto de atitudes racistas</u> deve ser incentivada. Conte comigo, Neymar

(68) *Somos todos macacos?*, Devisom Campo, Zero Hora (T8)

Título	<u>Somos todos macacos?</u>
[...]	[...]
§1/5	Não. O ato de Daniel Alves no jogo contra o Villarreal <u>pode ser considerado um enfrentamento ao racismo</u> . [...]. <u>No entanto, assumir que somos todos macacos autoriza que as iniciativas de jogar bananas no gramado e imitar o som de animais prossigam</u> . [...]

Este último tipo de ações textuais do *corpus* possui caráter, a nosso ver, “mais reflexivo” ao chamar a atenção, por meio de determinadas ações de explicação, para a relação entre a “propagação” do racismo e a evocação da representação do negro como macaco atribuída à *hashtag* #SomosTodosMacacos (exemplo 68) por meio da evocação dos *frames* Igualdade_social e Evolucionismo, por exemplo – portanto, não apenas por meio da atribuição comum de uma suposta similaridade [KÖVECSES, 2010] entre negros e macacos). Essas ações textuais de caráter mais reflexivo tem importância para identificarmos a relevância do antirracismo dos autores dos textos em questão, se consideramos, como Agha (2007), que a história social de uma comunidade “inclui formas de atividade reflexiva que configuram as condições de formas de atividade reflexiva subsequentes” (AGHA, 2007, p. 64). Nesse sentido, considerando essas ações textuais menos ou mais reflexivas, discutimos a dimensão simbólica/sociocognitiva desses não racismos em torno da categorização do negro como macaco e o caráter reflexivo das práticas textuais/discursivas antirracistas.

A *hashtag* #SomosTodosMacacos foi criticada por muitos atores sociais relevantes no *corpus*, a nosso ver, a partir de uma perspectiva diferencialista. Esse questionamento se deve, em parte, ao reconhecimento da posição ocupada por NJ em determinados campos sociais (principalmente o midiático, que possui relações fortes com o campo econômico), entendendo que “a posição, central ou local, no espaço de jogo” é bastante importante para a visão do próprio jogo (BOURDIEU, 1997, p. 132). Esse desalinhamento e questionamento da *hashtag* #SomosTodosMacacos, ademais, se deve também, a nosso ver, com base nas discussões realizadas pelo trabalho até aqui:

- a) À forma como as representações de grupos oprimidos (mulheres, negros, LGBTTs, velhos etc.) por meio de categorizações figurativas de animalização/desumanização (como a representação do negro como macaco, focalizada recorrentemente pelos artigos de opinião do *corpus*) costumam sofrer processos de estigmatização, questionamento ou adoção estratégica pelos grupos estigmatizados;
- b) Às práticas de (des)legitimação antirracistas predominantes no *corpus* exercidas pelos atores sociais no quadro político-reivindicatório brasileiro, que pode ser caracterizado pela sua reflexividade¹⁷⁰ (KOIKE & BENTES, 2018) em torno de categorizações e enquadramentos sociais.

Em relação ao primeiro item, podemos notar que há reconstruções históricas, no Brasil e fora dele, de determinadas categorizações dirigidas a grupos raciais oprimidos, tais como “negro”, “africano”, “preto” etc. (ou “*nigger*”, “*black*”, “*African*”, em língua inglesa, por exemplo etc.), a depender das situações de uso, da legitimidade do falante, dessas categorizações e das próprias categorizações sociais dos interlocutores envolvidos nessas situações, bem como a emergência de novas categorias, como “afrodescendente”, “afrobrasileiros”, “afroamericanos” etc. Ainda explorando esses exemplos ligados a raça, lembramos que as categorizações “negro”, “preto” e “africano”, particularmente, são hoje reivindicadas e legitimadas pelos movimentos antirracistas, ainda que de forma variada (por vezes, mais “preto” do que “negro”, por exemplo, ou *vice versa*) de forma também a rejeitar, em vários momentos, categorias tais como “moreno”.

Outras categorizações sociais, mesmo que tenham tido originalmente sentidos estigmatizantes de animalidade ou sub-humanidade, são adotadas estrategicamente pelo próprio *in-group*, como as categorizações de “bicha” e de “viado”, que são assumidas por certos círculos sociais LGBTTs. Em jogo, nesse processo, está, a nosso ver, uma luta de representações (BOURDIEU, 1997), que depende, em parte, da competência e legitimidade do ator que incorpora ou faz emergir determinada categorização de “fazer reconhecer à sua palavra o poder que ela se arroga” (BOURDIEU, 1997, p. 216), seja de forma provisória (situada, local, emergente) ou definitiva (mais permanente, estabilizada, incorporada). Embora não seja foco do presente trabalho, a questão da performatividade e das posições dos atores em determinado campo social é, assim, fundamental nesse jogo social (HANKS, 2008; BOURDIEU, 1997), uma vez que “[a] eficácia do discurso performativo que pretende fazer

¹⁷⁰ A reflexividade na linguagem é discutida por Morato (2005; 2012) e, em uma interface entre Linguística e Ciências Sociais, por Koike & Bentes (2018).

sobrevir o que ele enuncia no próprio acto de o enunciar é proporcional à autoridade daquele que o enuncia” (BOURDIEU, 1997, p. 216-217).

Essa discussão é aqui relevante porque não haveria, assim, ato simbólico que, por si mesmo e de forma não socialmente legitimada pela sua autoridade enunciativa (que é também construída sócio-historicamente) e pela grau de estigmatização da categorização sócio-historicamente constituído, faça propriamente valer o que diz fazer, tornando funcional ou social e sociocognitivamente estável determinada categorização, como, por exemplo, a categorização *macaco* para a possível identificação politicamente estratégica da pessoa negra, conforme dizia tencionar Guga Ketzer, sócio da agência responsável pela criação da *hashtag* #SomosTodosMacacos. Não se poderia abolir o estigma de macaco “magicamente”, sem a destruição sócio-histórica:

[...] dos próprios fundamentos do jogo que, ao produzir o estigma, gera a procura de uma reabilitação baseada na auto-afirmação exclusiva que está na própria origem do estigma, e que se façam desaparecer os mecanismos por meio dos quais se exerce a dominação simbólica e, ao mesmo tempo, os fundamentos subjectivos e objectivos da reivindicação da diferença por ela gerados. (BOURDIEU, 1997, p. 127).

Assim, tanto a dominação do negro (por meio, por exemplo, da representação racista deste como sub ou não humano, focalizada recorrentemente pelos artigos de opinião), quanto a luta contra ela se faz, em parte, por meio de práticas textuais/discursivas (HANKS, 2008) em torno das categorizações sociais e da (des)legitimação de processos sociais, como o racismo e o antirracismo, além de outras práticas sociopolíticas.

Considerando as reflexões de Morato & Bentes (2017), que discutem o fenômeno do chamado “politicamente correto” na linguagem, e a partir das análises aqui realizadas, também entendemos que as práticas textuais/discursivas antirracistas podem ser vistas, nos textos do *corpus*, a partir dos seguintes sentidos (cf. MORATO & BENTES, 2017) que indicam a dimensão sociocognitiva do antirracismo na linguagem e na discussão sobre as ações e práticas antirracistas:

- (i) Em um sentido mais fraco, como um conjunto de recursos textuais/discursivos e sociocognitivos “fundamentalmente associado[s] à tentativa de promover um alto grau de reflexividade dos atores sociais em relação à produção de determinadas categorizações e/ou enunciados” (MORATO & BENTES, 2017, p. 15), como a categorização do negro como macaco no (inter)texto “Somos todos macacos” (como no exemplo 68: “assumir que somos todos macacos autoriza que as iniciativas de jogar bananas no gramado e imitar o som de animais prossigam”).

Nesse caso, destacam-se os textos que se desalinham à *hashtag*: T2, T3, T4, T5, T6, T8 e T9.

- (ii) Em um sentido mais forte, como parte da estabilização ou construção da relativa estabilidade social/sociocognitiva de uma normatividade ou propriamente de um “sistema normativo, capaz de assinalar regimes simbólicos desejáveis da vida em sociedade” (o antirracismo), ou ainda como um “norteador de situações a serem superadas, como a desigualdade social, a injustiça, o preconceito, a discriminação, a violência” (MORATO & BENTES, 2017, p. 15) de cunho racial/racista (como no exemplo 61: “[a educação] tem um papel essencial para caminharmos rumo ao fim do racismo”, “A mudança de mentalidade fora de campo”, “o esforço de tentar solucionar a chaga do racismo” etc.). Nesse caso, destacam-se os textos que se desalinham à *hashtag* e aqueles que, alinhando-se à *hashtag*, também focalizam textualmente a construção do racismo e salientam de certo antirracismo de forma mais salientada, T1, T2, T3, T4, T5, T6, T8, T9 e T10.

Assim, podemos entender que as práticas textuais/discursivas aqui identificadas podem ser consideradas práticas reflexivas de (des)legitimação (KOIKE & BENTES, 2018) do racismo e do antirracismo atribuídos à *hashtag* #SomosTodosMacacos. Com isso, enfatizamos o papel construtivo dessa (des)legitimação que, assim, depende não apenas das práticas textuais/discursivas *per se*, mas dos fatores sócio-históricos que a sustentam, como a construção de autoridades enunciativas representadas, no *corpus*, pelos autores legitimados em seus campos e críticos à *hashtag* #SomosTodosMacacos, amparados pela ineficácia sociossimbólica do uso da categoria “macaco” como estratégia antirracista, uma vez que se configura como estigma racista.

Complementarmente a esse arrazoado, é necessário compreender, assim, que o aspecto sócio-histórico dessa ineficácia sociossimbólica se pauta também no conhecimento socialmente organizado e acumulado pelos movimentos e acadêmicos negros, representados pela maioria dos autores dos textos do *corpus*, que dá materialidade à autoridade enunciativa de que fala Bourdieu (1997) baseado nos estudos da performatividade da linguagem. Assim, podemos dizer que os autores diferencialistas do *corpus*, a maioria negros, apresentam também convergência de ações textuais/sociocognitivas e de perspectivas sociais. Perspectivação social, nesse sentido, entendida como uma organização de experiências relevantes – nesse caso, racializadas – na forma de determinados processos sociocognitivos, como a estabilização de *frames*, que são mobilizados, assim, de maneira mais ou menos

particular (GRAUMANN & SOMMER, 1989; GRAUMANN, 1993; SANDIG, 1996; GRAUMANN & KALLMEYER, 2002; TEN THIJE, 2006; LIMA, 2014).

A referida autoridade enunciativa e as perspectivas sociais diferencialistas/negras foram historicamente construídas no seio de disputas locais ou mais amplas pelos movimentos negros, com colaboração de outros movimentos sociais, o que reforça a relevância de uma arbitragem interdisciplinar no estudo linguístico das práticas textuais/discursivas ligadas a temas socialmente relevantes, principalmente por envolver práticas não necessariamente linguístico-textuais. A historicidade (não eurocêntrica) é, assim, fundamental para entender não apenas a natureza da referida autoridade enunciativa, como também a propagação dos modelos igualitaristas e diferencialistas e o relativo insucesso da “campanha Somos todos macacos”. Esse insucesso é, em parte, decorrente da evocação da representação do negro como macaco como estigma historicamente construído (“marca”, “cicatriz”, “trauma” recorrentemente atualizado); em parte, é decorrente também da ênfase na identificação desse estigma e da construção textual da materialidade sócio-histórica do racismo, no campo do antirracismo diferencialista, na maioria dos textos.

Considerações finais

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”
Angela Davis (1983)

Nesta tese de doutorado, tivemos como objetivo principal identificar e discutir as representações de racismo e de antirracismo construídas textual e sociocognitivamente em artigos de opinião contextualmente motivados e intertextualmente relacionados à *hashtag* #SomosTodosMacacos. Realizamos essa discussão baseando-nos na análise da construção textual de (des)alinhamentos à *hashtag* #SomosTodosMacacos indicada pelo uso de formas intertextuais relacionadas a essa *hashtag* em colaboração com outras construções textuais nos artigos de opinião analisados. A construção textual-sociocognitiva do racismo nos textos também foi identificada pela análise das mobilizações do *frame* Racismo no texto, da dinâmica textual-sociocognitiva do *frame*, por meio de expressões referenciais e de predicções verbais observadas localmente e em seu conjunto em cada texto. Assim, analisamos a emergência de EFs do *frame* Racismo por meio de construções textuais, incluindo o conjunto de referentes instaurados e predicados nos textos.

A principal pergunta da tese, relacionada ao objetivo principal, foi: o que a análise textual e sociocognitiva de artigos de opinião sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos pode indicar sobre as representações do racismo e do antirracismo construídas ou adotadas por atores socialmente relevantes no Brasil em abril de 2014? Por meio das análises empreendidas, identificamos que o racismo e o antirracismo são textual e sociocognitivamente construídos, na maior parte do *corpus*, a partir da convergência a um ponto de vista diferencialista. O racismo é textual e sociocognitivamente construído principalmente como um processo social que opera contra as pessoas negras enquanto vítimas sociais. Ele é, assim, uma força que age/funciona na sociedade contra esses grupos raciais.

A relevância da cor da pele e da origem africana na categorização das vítimas do racismo é indicada no *corpus* pelo uso predominante de expressões referenciais relacionadas à categoria *negros/afrodescendentes/africanos* (ver figura 17). Assim, a concepção de racismo salientada no *corpus* está, a nosso ver, mais relacionada a pigmentocracia/colorismo do que a xenofobia ou etnocentrismo, por exemplo. Isso indica contextualizações relacionadas à *hashtag* #SomosTodosMacacos em funcionamento na construção sociocognitiva dessas vítimas, como, possivelmente, a relevância da cor da pele e da afroascendência de DA e, assim, a sua categorização como negro/afrodescendente (mais do que brasileiro ou latinoamericano, por exemplo). Considerando aspectos histórico-geográficos, essas

contextualizações podem envolver também uma concepção predominante no Brasil de racismo como voltado contra as pessoas negras, apesar de esta concepção coexistir com outras, conforme vimos no capítulo II.

Associadamente a essa forma de construção sociocognitiva do racismo, o antirracismo é textual e sociocognitivamente construído ou assumido como um conjunto de práticas de construção textual/discursiva do racismo e de suas vítimas, principalmente negras. Conforme retomaremos mais adiante, as formas de construção textual do racismo no *corpus* funcionam, assim, em seu conjunto, como um modelo de atuação textual/discursiva antirracista em uma realidade na qual predomina uma forma igualitarista de racismo e, associado a ele, de anti/não racismo.

Podemos dizer que o antirracismo observado nos textos é, em sua maioria, do tipo diferencialista, porque 07 dos 10 artigos de opinião (T2, T3, T4, T5, T6, T8 e T9) constroem desalinhamentos aos sentidos atribuídos à *hashtag* #SomosTodosMacacos, considerando que esses sentidos potencialmente reverberam um (anti)racismo igualitarista, conforme discutimos no capítulo III. Os desalinhamentos à *hashtag* #SomosTodosMacacos são indiciados por formas intertextuais, dentre as quais se destacam os *détournements*, como “Somos todos macacos coisa nenhuma” (T2) e “Não somos todos macacos” (T3), e por meio de construções textuais que colaboram com esses desalinhamentos. Um exemplo dessas construções textuais é a pregação realizada por Douglas Belchior (T3): “A comparação entre negros e macacos é racista em sua essência”, em que o autor predica o referente “A comparação entre negros e macacos”, que, por sua vez, é uma recategorização da *hashtag* #SomosTodosMacacos, no texto 3.

O diferencialismo reverberado na maioria dos textos do *corpus* é indicado não apenas pela convergência das contraposições a um intertexto igualitarista, a *hashtag*, mas também pela construção textual/discursiva desse desalinhamento. Marcos Sacramento (T2), por exemplo, escreve que “[Admitir que ‘somos todos macacos’] traz o significado implícito de que somos todos iguais, mas *para combater o racismo de frente é melhor destacar as diferenças*”. O uso de formas verbais nominalizadas, como “destacar [as diferenças]”, é uma ação linguístico-textual que muitas vezes indicia no *corpus* a afiliação ao diferencialismo como modelo de “combate ao racismo”, evidenciando o modelo diferencialista de ações ou práticas antirracistas pautado, nesse exemplo, no “destaque às diferenças [raciais]”, em contraposição a outro, principalmente igualitarista.

Ainda em relação à predominância de desalinhamentos à *hashtag* #SomosTodosMacacos, vale notar alguns aspectos relacionados a categorizações sociais dos

autores. A atuação dos autores dos textos no campo educacional e no jornalístico, por exemplo, pode ter sido relevante para a construção de desalinhamentos aos sentidos atribuídos pelos autores à *hashtag* #SomosTodosMacacos (retomaremos esses sentidos mais adiante). Assim, dos 07 (de 10) autores que se desalinham à *hashtag*, temos Marcos Sacramento (T2), Douglas Belchior (T3), Breiller Pires (T4), Mirelle Martins (T5), Hédio Silva Júnior (T6), Devisom Campos (T8) e Ana Maria Gonçalves (T9). Dentre esses autores, que podem possuir mais de uma ocupação/profissão, há:

- a) Professores (Douglas Belchior [T3], Hédio Silva Jr. [T6] e Devisom Campos [T8]),
- b) Jornalistas (Marcos Sacramento [T2], Breiller Pires [T4] e Devisom Campos [T8]),
- c) Artistas (Mirelle Martins [T5] e Ana Maria Gonçalves [T9])
- d) Publicitária (Mirelle Martins [T5]);
- e) Advogado (Hédio Silva Jr. [T6]).

Segundo as informações coletadas pela pesquisa, os 07 autores trabalham com temas socialmente relevantes ou realizam trabalhos que tangenciam a temática racial, além de terem publicado os artigos de opinião do *corpus*, conforme retomamos a seguir:

- a) Marcos Sacramento tematiza frequentemente o racismo (ações racistas ou antirracistas) em seus textos jornalísticos;
- b) Douglas Belchior é integrante de movimento negro;
- c) Breiller Pires tematiza em seu trabalho como jornalista o racismo, a homofobia e a exploração sexual no esporte;
- d) Hédio Silva Jr. trabalha com Direito e relações raciais;
- e) Mirelle Martins participa e produz o espetáculo *Black Velvet: Architectures and Archetypes*, com outro *performer* negro (Shamel Pitts), que evoca questões de negritude, diáspora africana e afrofuturismo;
- f) Devisom Campos trabalha com Comunicação e relações raciais;
- g) Ana Maria Gonçalves trabalha com cultura negra/africana/afrobrasileira e é ativista negra.

A presença de autores negros também é, a nosso ver, bastante relevante para o desalinhamento à *hashtag* #SomosTodosMacacos: os 06 autores negros de textos do *corpus* fazem parte do grupo citado de autores que se desalinham à *hashtag* #SomosTodosMacacos:

Marcos Sacramento (T2), Douglas Belchior (T3), Mirelle Martins (T5), Hédio Silva Júnior (T6), Devisom Campos (T8) e Ana Maria Gonçalves (T9).

Entre os 03 textos que, por sua vez, se alinham textualmente à *hashtag* #SomosTodosMacacos, 02 são de jornalistas (Artur Xexéo [T7] e Camila Brandalise [T10]), 01 é de um escritor e tradutor (Artur Xexéo [T7]) e 01 é de um professor, sociólogo e cientista político (Emir Sader [T1]). 02 dos 03 autores de textos de alinhamento à *hashtag* trabalham de forma mais frequente com temas socialmente relevantes: Emir Sader (T1), que não apenas leciona e pesquisa sobre temas sociológicos e políticos como também tem atuação política reconhecida nesse campo, e Camila Brandalise (T10), que tematiza frequentemente, dentre outras questões, os direitos sociais das mulheres. É possível que essas características dos autores tenham influenciado o tipo de responsividade em relação à *hashtag*, sendo necessário, portanto, qualificar ou mesmo ponderar em relação a textos não racistas que se alinham a intertextos igualitaristas.

Em relação à sua categorização racial, os autores do *corpus* que podem ser considerados brancos, com exceção de 01 deles (Breiller Pires [T4]), são os que publicaram os 03 textos de alinhamento à *hashtag* #SomosTodosMacacos. No entanto, alinhando-se à *hashtag* #SomosTodosMacacos, 02 deles se alinham a um antirracismo importante: tanto Emir Sader (T1) quanto Camila Brandalise (T10) chamam a atenção para o caráter internacional, histórico e sociopolítico do racismo e do antirracismo.

Uma das passagens mais emblemáticas do texto de Emir Sader, por exemplo, é quando ele realiza (re)categorizações que chamam a atenção para um agente histórico do racismo, os europeus: “a enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa”, “a discriminação nos campos de futebol”, “a extensão da vida cotidiana em países que se consideram ‘brancos e civilizados’”. Camila Brandalise, por sua vez, insere importantes citações diretas e indiretas para dar voz a especialistas, políticos e ativistas brancos e negros que chamam a atenção para o funcionamento sócio-histórico do racismo e para ações internacionais e educacionais contra ele no futebol e em outras esferas; como na seguinte citação direta “‘Desde que nasce, a criança convive com ideologias racistas e práticas discriminatórias. Estabelecer o diálogo cedo permitirá que ela desenvolva um olhar que valoriza a diversidade’, afirma a educadora Eliane Cavalleiro, autora do livro ‘Racismo e Antirracismo na Educação (Ed. Selo Negro)’”.

É interessante lembrar que, no caso desses 02 textos, os sentidos implicitamente atribuídos à *hashtag* #SomosTodosMacacos não são aqueles que potencialmente estão ligados a um (anti)racismo igualitarista (os quais retomaremos a seguir), com exceção do sentido

tendencialmente igualitarista genérico de ação antirracista. Emir Sader, por exemplo, além de chamar a atenção para o caráter da *hashtag* de “começo da reação”, por meio dessa nominalização genérica, realiza uma recontextualização estratégica da *hashtag* #SomosTodosMacacos ao reconstruir localmente a ação de “assumir que ‘somos todos macacos’” como um compartilhamento das riquezas brasileiras. Nesse caso, a expressão “banana” é metaforicamente introduzida para referir essas riquezas nacionais (conferir forma intertextual 2 do quadro 10 e exemplo 19), e não para remeter diretamente a um enunciado genérico categorizado como macaco.

Já a jornalista Camila Brandalise (re)categoriza a *hashtag* como “uma ideia original e oportuna” e início de “uma rede de mobilização contra o racismo” e de “esforços antirracistas” e não chama a atenção para os construtos simbólicos mais linguístico-textuais e históricos envolvidos no sentido da *hashtag* (como fazem os textos de desalinhamento) e sim para o seu caráter mais socialmente estratégico. Assim, ela recategoriza a *hashtag* (referida também mais genericamente como “uma campanha de uma agência de publicidade”) como “detalhe que pouco importa”. Nesse sentido, como vimos, a referência à *hashtag* funciona, no texto, instrumentalmente como uma contextualização da construção textual que a autora realiza de futuras ações políticas contra o racismo nesse e a partir desse evento no futebol: “o que deve ser combatido é o gesto de intolerância, não uma ideia original e oportuna. Agora, os esforços antirracistas [...]”.

É importante notar e salientar que se destacam, dentre os autores dos textos, os 06 articulistas negros, vítimas sociais do racismo, que ocupam posições importantes em seu campo, além de 01 autor branco do T4: tomaram conhecimento da *hashtag*, interessaram-se por seu contexto de racismo e de antirracismo e têm/tinham um espaço disponível de comunicação para a formulação pública de seus posicionamentos. Esses autores identificaram no racismo sofrido por DA e na reação de NJ (um) contexto(s) importante(s) ao qual(is) foram textualmente responsivos, desalinhando-se à *hashtag* #SomosTodosMacacos. Tais desalinhamentos são perceptíveis pelos indícios intertextuais produzidos no decorrer dos textos e pelas formas intertextuais dos títulos dos 07 artigos de opinião (de 06 autores negros e de 01 autor branco) já citados que se desalinham à *hashtag*. Retomamos esses títulos a seguir:

- a) T2: “#Somos todos macacos coisa nenhuma”;
- b) T3: “Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!”;
- c) T4: “Não somos macacos”;

- d) T5: “#somostodosbananas”;
- e) T6: “Somos todos humanos”;
- f) T8: “Somos todos macacos?”;
- g) T9: “A bananização do racismo”.

Também retomamos abaixo os objetivos específicos assumidos na tese, em torno dos quais teceremos outras considerações importantes, a partir dos resultados da pesquisa:

- i. Discutir os aspectos contextuais envolvidos da publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos;
- ii. Analisar as construções linguístico-textuais dos sentidos envolvidos no uso dessa *hashtag* por NJ em sua relação com o contexto de racismo;
- iii. Identificar e discutir tendências de representação do racismo e de não racismo nos artigos de opinião analisados por meio de determinadas construções textuais, considerando aspectos contextuais desses textos, principalmente os atores e os campos sociais em que atuam;
- iv. Discutir o papel de determinadas construções textuais na indicação do não racismo e na representação de racismo nos textos;
- v. Discutir as principais questões envolvidas na investigação da relação entre linguagem, raça e racismo nos estudos do texto/discurso relacionadas com os resultados empíricos da presente pesquisa de doutorado.

Em relação aos dois primeiros objetivos (discutir os aspectos contextuais envolvidos da publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos e analisar as construções linguístico-textuais dos sentidos envolvidos no uso dessa *hashtag* por NJ em sua relação com o contexto de racismo), salientamos o caráter responsivo/intertextual da *hashtag* #SomosTodosMacacos em relação a eventos e ações anteriores (o ato racista contra DA, por exemplo), bem como as posições sociais ocupadas pelos principais atores nela envolvidos: DA e NJ como figuras públicas do campo do esporte e, principalmente no caso de NJ, também no campo da publicidade.

Na análise do *corpus*, identificamos diferentes interpretações sobre o sentido do enunciado “Somos todos macacos”, as quais retomaremos a seguir, ao tratar dos objetivos específicos (i) e (ii) acima rerepresentados. Em relação à análise de sentidos construídos pela publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos em sua relação com intertextos anteriores,

identificamos principalmente sentidos associados ao (anti)racismo igualitarista (MUNANGA, 1999; COSTA, 2006). Assim, encontramos dois sentidos principais:

- a) O sentido de empatia ou solidariedade a DA ou a vítimas do racismo, sentido este identificado com a colaboração da intertextualidade com os enunciados *Somos Todos N*, nos quais predomina também um sentido de empatia/solidariedade;
- b) O sentido de igualdade social identificado na intertextualidade com o enunciado “Somos todos iguais” e/ou na evocação do compartilhamento evolutivo da mesma origem primata pelos seres humanos, evocação esta realizada, por sua vez, pelo uso da categoria “macaco” no contexto do racismo.

Como vimos, o primeiro sentido se associa ao antirracismo igualitarista por poder ser associado à construção textual/discursiva local de uma *persona* politicamente progressista, engajada nas redes sociais na causa antirracista, espécie de “envelope” sociopragmático que NJ veste e com o qual reveste seu enunciado performativamente, por meio de recursos linguísticos implícitos (o dêitico verbal “somos” e o referente implicitado por ele e contextualmente dependente: [nós] negros ou [nós] seres humanos”) ou mais explícitos, como a categorização “BANDO DE RACISTAS” feita por NJ em sua postagem. Considerando o trabalho de De Cock & Pizarro Pedraza (2018), que analisa as *hashtags* #JeSuis, em língua francesa, entendemos que os intertextos *Somos todos N*, incluindo a *hashtag* #SomosTodosMacacos, teriam, com elas, um estatuto emblemático (AGHA, 2007) de um tipo particular de identidade social ao atribuir aos seus usuários (principalmente a NJ, mas também aos outros usuários desses intertextos) uma *persona* politicamente engajada e antirracista nas redes sociais, havendo ou não correspondência entre essa performatividade de engajamento político e as outras práticas políticas na vida cotidiana desses usuários.

É a associação entre os sentidos (a) e (b) que colabora para a interpretação da *hashtag* como igualitarista, uma vez que ela, a *hashtag* #SomosTodosMacacos, além da sua construção performativa como antirracista (sentido [a]), constrói textualmente, a partir do uso da categoria “macaco” no contexto de racismo, o antirracismo pautado na evocação da representação racista do negro como macaco (sentido [b]). Essa construção de sentido pressupõe a diminuição ou o apagamento de qualquer diferença racial entre os grupos humanos, (re)interpretando essa similitude/igualdade racial como similitude/igualdade social. Assim, o caráter igualitarista do racismo ou do antirracismo da *hashtag* estaria vinculado ao

seu revestimento de ação antirracista realizado pelos sentidos dos itens (a) e (b) anteriores ligados ao antirracismo igualitarista.

A implicitude presente na publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos por NJ consiste na dependência de contextualizações por meio dos conhecimentos tomados como compartilhados sobre esse intertexto pelos leitores usuários da Internet. Vemos essa implicitude no uso de construções dêiticas, como “somos”, “a gente”, “você”, que podem referir ou predicar pessoas negras ou outro referente humano generalizado, e a relação intertextual entre o enunciado “Somos todos macacos”, os intertextos “Somos todos iguais” e *Somos todos N*, bem com um enunciador evolucionista/biologista.

A questão da explicitude/implicitude social, simbólica ou linguístico-textual do (anti)racismo aparece em nossa discussão principalmente em relação às formas estabelecidas das representações do racismo e do antirracismo nos campos teórico e político e, em termos empíricos, na análise dos sentidos da *hashtag* #SomosTodosMacacos. Por isso, podemos comentar que em relação a esse aspecto, este trabalho aponta para os seguintes arrazoados.

Tendo focalizado neste trabalho dados de linguagem em uso, podemos apontar que a questão da explicitude/implicitude do racismo, do “racismo implícito/explicito”, pelo menos em relação ao texto e à linguagem em uso, diz respeito fortemente a essa dimensão da vida social (à linguagem em uso, aos textos em circulação). Processos sociais e sociocognitivos racistas (como a representação do negro como macaco e o “discurso” de embranquecimento ou de mestiçagem) e ações antirracistas (mais igualitaristas/universalistas ou diferencialistas) podem entrar em funcionamento por meio de (textos dos quais fazem parte) construções textuais explícitas e implícitas. Podemos dizer, nesse sentido, que práticas linguístico-textuais racistas ou antirracistas se “propagam” parcialmente em decorrência da própria natureza flexível e estratégica da linguagem e da cognição. Isso aponta, a nosso ver, para a identificação de uma forma importante de enfrentar esses processos racistas, observada nos artigos de opinião estudados: as práticas de reflexividade social e a focalização dos agentes e das formas de funcionamento desses processos textuais/discursivos e sociocognitivos.

A explicitude/implicitude *do racismo na linguagem*, no entanto, a nosso ver, não coincide com a explicitude/implicitude *da linguagem* (cf. KOCH, 2002; MARCUSCHI, 2007b; HANKS, 2008), como podem pressupor alguns estudos textuais/discursivos do “novo racismo”, como vimos: o que se chama de racismo “explícito” ou “implícito” pode ter muito de implicitude linguístico-sociocognitiva, como é o caso da relação entre expressões referenciais como “racismo”, “macaco”, “banana” e/ou “negros” (ver dados no início da seção

7.1 do capítulo VII sobre o papel das expressões referenciais e os comentários sobre o exemplo 62 nessa seção), em que pode ser apontada, na verdade, não a explicitude linguística do racismo, mas a estabilidade de construtos linguísticos, textuais/discursivos, sociocognitivos, históricos observada no uso inter-relacionado de expressões referenciais (por exemplo) possibilitado, por sua vez, pela mobilização do *frame* Racismo, por exemplo.

Não discernir os usos textuais/discursivos das predicções “explícito”/“implícito” do racismo daquelas usadas na teorização sobre a linguagem pode fortalecer os argumentos de atores sociais que, por exemplo, ao se defenderem de uma acusação de racismo envolvendo o referente *banana*, supostamente “explicitam” o seu não racismo pautados na literalização das bananas como meras frutas. Aí está um dos aspectos da relevância teórica e empírica da abordagem sociocognitiva do texto para o estudos textuais/discursivos do racismo: apontar a implicitude (portanto, a complexidade) linguístico-sociocognitiva de eventos e ações textuais/discursivas “explicitamente” racistas, como a sofrida por DA. Essa implicitude permite que determinados atores sociais elaborem construções linguístico-sociocognitivas como a de que uma banana é “apenas uma fruta”¹⁷¹.

Outro objetivo específico assumido neste trabalho foi o de (iii) identificar e discutir tendências de representação do racismo e de não racismo nos artigos de opinião analisados por meio de determinadas construções textuais, considerando aspectos contextuais desses textos, principalmente os atores e os campos sociais em que atuam. Em relação a esse objetivo específico, que toca na questão principal do trabalho, já relativamente comentada acima (a representação do racismo e do antirracismo no *corpus*), importa notar que, embora a publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos esteja fortemente ligada ao campo do esporte, as representações do racismo e do antirracismo indiciadas ou construídas textual e sociocognitivamente nos textos tendem a convergir para uma contextualização desses processos ou práticas dentro do(s) racismo(s) e do(s) antirracismo(s) brasileiro e internacional e não apenas no contexto do futebol.

Além disso, como vimos acima, identificamos que 07 dos 10 textos convergem de forma mais forte na direção do alinhamento a um antirracismo diferencialista. Como vimos, esse antirracismo pressupõe que o racismo (brasileiro) é igualitarista, isto é, não é explicitamente diferenciador e hierarquizador, em termos raciais, da população. Como o

¹⁷¹ Como aconteceu em um caso de racismo no aeroporto de Confins (Minas Gerais, Brasil), em que uma pessoa ofereceu uma banana para a atendente do aeroporto, negra (Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/advogado-presno-no-aeroporto-de-confins-apos-entregar-banana-a-atendente-paga-fianca-e-e-liberado.ghtml>. Acesso em 15 ago. 2019). Outras formulações, de ordens relativamente diferentes, são as de que a pessoa acusada *não é racista* ou *foi levada pela emoção do momento*, como no caso dos agentes do racismo contra o jogador Aranha e do próprio Daniel Alves.

racismo seria igualitarista, ele e suas vítimas precisariam ser descritos, apontados, referidos, focalizados ou salientados textualmente como forma de se fazer (re)conhecer sua realidade (cf. BOURDIEU, 1997). Essas ações textuais também pressupõem que haveria ainda pouca empatia em relação a essas vítimas. Daí, a necessidade da construção textual/discursiva do sentido sofrimento social e, conseqüentemente, dessa empatia.

Assim, por exemplo, no texto de Breiller Pires (T4) é recorrente, como vimos, o uso de expressões nominais relacionadas ao racismo e às suas vítimas, como “a realidade que o cerca e o oprime [DA ou NJ] por causa de sua cor”, “a discriminação racial”, “o estigma da segregação racial” etc. Mirelle Martins (T5), por sua vez, refere textualmente “os fracos e as minorias”, “vítimas negras da violência urbana” e “vítimas da violência”. Embora, no caso do T4 de Breiller Pires, as expressões sejam definidas e, assim, sejam em parte tomadas como conhecidas, elas salientam, mais do que apenas descrevem ou constata, por meio de predicções nominais e verbais, as propriedades do referente (expresso pelo núcleo nominal). Nesse sentido, a própria reiteração da expressão “o racismo” no *corpus* pode não apenas reverberar o contexto de racismo como também ser uma prática de manutenção da temática em foco.

No *corpus*, para as construções textuais convergentes do racismo como processo social que engendra sofrimentos a suas vítimas, é fundamental também a diferenciação da sociedade em grupos racializados como construção e ação textual estratégica, do ponto de vista simbólico; por isso e por conta do contexto social de racismo relevante, essa construção e ação textual/discursiva pode ser tomada como tendo caráter político. Essa racialização representada pode ser considerada não apenas como uma diferenciação racial mais “estática” (no sentido de categorizadora, classificadora, tipificadora ou distintiva), mas também socialmente dinâmica, porque implica uma “tensão” decorrente da correlação desigual de forças; atinge determinados grupos e não outros de forma negativa.

Essa negatividade, por sua vez, é geralmente salientada como material e simbolicamente violenta no *corpus*, como indicam as ações e propriedades em jogo exemplificadas pelas predicções verbais do T6, de Hédio Silva Júnior, por exemplo: “qualificava os africanos escravizados como semoventes, como animais” (predicação verbal de “O Código Comercial brasileiro, instituído em 1850 e parcialmente revogado em 2002”), “equiparava judeus a ratos” (predicação de “A propaganda nazista”), “não se limita ao plano discursivo, ao xingamento, à palavra aparentemente inofensiva” (predicação de “A violência verbal, simbólica, a redução do outro à condição animal”). Essas predicções dão também sentido de personificação dos referentes que, assim, exemplificam os casos de construção

textual do EF *Agente_do_racismo*, ainda que em menor ocorrência que os casos de construção dos EFs *Racismo* e *Vítima_do_racismo*.

O quarto objetivo específico assumido nesta tese, por sua vez, foi o de (iv) discutir o papel de determinadas construções textuais na indicação do não racismo e na representação de racismo nos textos. Em relação a esse objetivo, podemos apontar o papel das formas intertextuais, das construções textuais e da mobilização textual do *frame* *Racismo* na indicação da representação do racismo e do antirracismo nos textos. Confirmamos nossa hipótese de que as formas intertextuais podem ser consideradas como indícios das relações do texto corrente com o intertexto *#SomosTodosMacacos*, sinalizando (re)construções do sentido da *hashtag*. São indícios também da conexão linguística e sociocognitiva entre os contextos (tomados como) relevantes do intertexto e as ações de textualização realizadas pelas construções textuais internamente ao texto corrente, os artigos de opinião.

Assim, por exemplo, os 03 usos de retomada intertextual do enunciado “somos todos macacos” no T7 por Artur Xexéo indicia o seu alinhamento ao intertexto “Somos todos macacos”. De fato, o autor constrói textualmente esse alinhamento ao instaurar, por exemplo, o referente “Qualquer manifestação que diminua o impacto de atitudes racistas” e predicá-lo por “deve ser incentivada”. Essas construções textuais são exemplos da atitude responsiva do autor não apenas ao intertexto “Somos todos macacos” (ao qual se alinha) e a um enunciador racista (ao qual se desalinha), mas também a um enunciador antirracista (ao qual também se alinha) que questiona o antirracismo do intertexto “Somos todos macacos”. Trata-se do exemplo mais emblemático de construções que indiciam o alinhamento ao antirracismo igualitarista, para o qual o desalinhamento ao racismo é suficiente como atitude em relação à realidade racista.

Assim, os usos de formas intertextuais são, no *corpus*, como vimos, estratégias textuais/discursivas que indiciam ou evocam textualmente determinados (des)alinhamentos ao intertexto *#SomosTodosMacacos* e aos sentidos que lhe são atribuídos. A análise de formas intertextuais abrangeu a identificação desses sentidos atribuídos ao intertexto associados a racismo e a antirracismo em cada artigo de opinião e a identificação do (des)alinhamento a eles. Dois (des)alinhamentos em relação a sentidos e contextos da *hashtag* *#SomosTodosMacacos* são recorrentes no *corpus*:

- a) o desalinhamento ao racismo e também ao antirracismo igualitarista expresso ou performatizado por NJ e pela agência de publicidade por meio da publicação da *hashtag* *#SomosTodosMacacos*;

- b) o alinhamento a um antirracismo diferencialista indiciado pelas formas intertextuais e construído textualmente com a colaboração de construções referenciais.

Nesse sentido, as construções referenciais, além de mobilização do *frame* Racismo, têm o papel, no *corpus*, de construção textual de (des)alinhamentos, o que chama a atenção para seu caráter responsivo a pressuposições em torno dos sentidos da *hashtag* #SomosTodosMacacos e aos contextos desta. As diferentes interpretações da *hashtag* #SomosTodosMacacos no *corpus* indicam, a nosso ver, a configuração de uma disputa localizada de sentidos entre o campo da publicidade, ligado especialmente ao campo econômico, e o campo de reivindicação política, uma vez que parte dos autores envolve-se em movimentos sociais. O campo econômico da publicidade se relaciona, no entanto, não apenas com esse campo político, mas com outros, como o campo midiático, o jornalístico, o jurídico, o educacional, o acadêmico etc. (cf. XAVIER, 2018).

Essas disputas abrangem, como vimos no capítulo VII, a construção textual de alinhamentos ou desalinhamentos aos sentidos atribuídos à *hashtag* #SomosTodosMacacos, contextualizações e construção da (des)legitimação desses sentidos (anti)racistas. A nosso ver, as ações textuais/discursivas analisadas funcionam, assim, como práticas antirracistas com diferentes graus de reflexividade, fazendo parte, assim, da construção de uma normatividade antirracista predominantemente diferencialista.

Um das principais focalizações realizadas pelos autores dos textos do *corpus* foi a identificação da representação do negro como macaco na *hashtag* #SomosTodosMacacos. Essa focalização também está relacionada com determinada forma de prática textual/discursiva antirracista, a focalização de construções simbólicas (tomadas como) racistas (PAIVA, 1998; PUENTE, 2014; VEREZA & PUENTE, 2017; MENDES, 2016) e com um aspecto histórico importante do racismo: a representação do negro como um animal e, particularmente, como um macaco, bem como a permanência e a convencionalização dessa representação como um estigma racista (cf. GOULD, 1991 [1981]). Essa rejeição recorrente no *corpus* da representação do negro como macaco/animal pode ser um indício de que os antirracistas diferencialistas salientam não apenas a questão da igualdade ou da diferença racial ou social, mas também aspectos da dimensão simbólica ou representacional do racismo.

Como vimos, a representação do negro como animal evoca os processos de escravização de africanos para as Américas entre os séculos XV e XIX, e, particularmente, as postulações científicas evolucionistas no século XIX (GOULD, 1991 [1981]; COSTA, 2006), que construíam os negros/africanos (e outros indesejados sociais) como animais, embora essa

relação histórica não seja necessariamente apontada nos atos explicativos do sentido racista atual daquela representação. Essas representações são historicamente provenientes de um tipo de concepção predominante na escravização de africanos pelos europeus e do evolucionismo que se baseavam em diferenciações e instauraram classificações raciais por meio das quais foram distinguidos grupos taxonômicos em que se distribuiriam os seres considerados humanos (que corresponderiam às pessoas brancas europeias, por exemplo) e os grupos primatas não humanos (macacos, que corresponderiam, ora por analogia, ora por identificação, à população africana ou afrodiáspórica e a outros grupos humanos inferiorizados pela visão de mundo eurocentrada).

Essa hierarquia social e biológica utilizada para representar brancos e negros utiliza-se da hierarquia sociocognitiva entre humanidade e animalidade, isto é, entre os seres racionais (os humanos) e os irracionais (os animais não humanos) (cf. KÖVECSES, 2010), que, no caso dessa representação racista, são os macacos. Do ponto de vista histórico, essas hierarquias se amparam no processo por meio do qual a elite econômica e científica europeia hierarquizou europeus e não europeus, além de homens e mulheres, adultos e crianças etc. (GOULD, 1991 [1981]), a partir de um ponto de vista evolucionista, utilizando também, desse modo, a ideia/valor da racionalidade como conjunto de possibilidades cognitivas que os animais não humanos não possuem. Essas hierarquizações, a partir da colonização das Américas e da escravização de africanos e, posteriormente, com o racismo científico do século XIX, constituíram as diferenciações raciais forjadas ou fortalecidas nesses períodos, que tomaram as possibilidades sociocognitivas como sendo as do Homem (de que o europeu branco seria o melhor ou único modelo) como critérios históricos de diferenciação social, e *vice versa*.

A mobilização textual do *frame* Racismo, por sua vez, como “um complexo domínio de experiências emoldurado” nas práticas dos atores sociais, podendo indicar determinadas perspectivações sociais (MIRANDA & BERNARDO, 2013, p. 83), possui também, como as construções textuais, um caráter responsivo. A mobilização textual do *frame* teve principalmente o papel de chamar a atenção para determinados elementos do racismo. Assim, os EFs mais salientes no *corpus* foram Racismo (EF mais salientado pelas expressões referenciais) e Vítima_do_racismo (EF mais salientado pelos referentes verbalmente predicados). A nosso ver, isso indica a construção sociocognitiva do racismo propriamente como objeto social descrito, referido, apontado etc., que afeta negativamente determinadas categorias sociais, suas vítimas.

Por serem recorrentes, essas ações textuais de construção textual do racismo e de suas vítimas podem ser tomadas como estratégias e práticas textuais/discursivas antirracistas por meio das quais os atores sociais reagem à avaliação de uma realidade social igualitarista pautada pelo mito da democracia racial, que escamoteia sistematicamente o racismo no Brasil/no mundo, bem como a condição social de suas vítimas.

Sobre a emergência dos EFs e a categorização racial dos autores, notamos que, entre os 04 autores brancos, o EF Racismo é o mais salientado pelas expressões referenciais, em comparação com os outros EFs (o que corresponde a 02 dos 04 textos desses autores: T4 [Breiller Pires] e T10 [Camila Brandalise]), enquanto o EF Vítima_do_racismo também é o mais produtivo, em comparação com os outros EFs, no caso de serem mobilizados por predicções verbais, em 02 dos 04 textos (em T4 e em T10).

Entre os 06 autores negros, o EF Racismo (em 03 dos 06 textos de autores negros: T3 [Douglas Belchior], T5 [Mirelle Martins] e T6 [Hédio Silva Júnior]) divide com o EF Reação_ao_racismo (também em 03 dos 06 textos: T2 [Marcos Sacramento], T8 [Devisom Campos], T9 [Ana Maria Gonçalves]) o posto de EFs mais mobilizados por expressões referenciais. Enquanto isso, ainda entre os autores negros, o EF Reação_ao_racismo é o mais produtivo dos EFs mobilizados por predicções verbais, em 03 dos 06 textos de autores negros: T2 (Marcos Sacramento), T5 (Mirelle Martins) e T9 (Ana Maria Gonçalves).

Em termos de convergência de ações textuais e sociocognitivas, podemos dizer, nesse sentido, que tanto os autores negros quanto os brancos colaboram, em termos de mobilização de EFs do *frame* Racismo, para a construção sociocognitiva do racismo encontrada no *corpus*, por meio da ênfase na construção textual dos EFs Racismo (principalmente por expressões referenciais), Vítima_do_racismo (principalmente por predicções verbais) e Reação_ao_racismo (por expressões referenciais e predicções verbais). Uma ligeira diferença existe em relação ao EF mais mobilizado por predicções verbais. Se entendemos que as predicções tendem a ser vetores importantes de reconstrução local de um *frame* (MORATO *et al.*, 2017; FERRARI, 2018), podemos dizer que os autores brancos tendem a construir, por meio das predicções verbais, o *frame* Racismo com foco em suas vítimas, e os autores negros, o *frame* Racismo como foco na reação a este. No entanto, a mobilização do EF Vítima_do_racismo por expressões referenciais, tanto por autores negros quanto por brancos, permite que este seja o segundo EF mais relevante no *corpus*, depois do EF Racismo, sendo assim, mais relevante que a diferença observada em relação aos EFs mobilizados nos usos de predicções verbais.

Em termos de divergência de ações textuais e sociocognitivas, observamos uma diferença de “atuação textual” entre os autores negros e brancos no *corpus*, como vimos, não na mobilização textual do *frame* Racismo, que, assim, é mais compartilhado entre os autores, mas sim no alinhamento ou no desalinhamento à *hashtag*, conforme vimos acima. A diferença de atuação textual relacionada aos (des)alinhamentos provavelmente ocorre porque a *hashtag* é o contexto mais situado dos textos, permitindo, assim, reações mais variadas (por exigir reflexividade), ainda que haja uma convergência nas representações do racismo. Essas reações, como vimos, em termos de (des)alinhamento à *hashtag*, são guiadas, a nosso ver, pela categorização e pelas experiências racializadas dos autores dos textos, como o envolvimento destes em temas socialmente relevantes, dentre os quais se destacam os temas raciais.

Em relação à organização sociocognitiva do *frame* Racismo, consideramos os EFs Racismo e Vítima_do_Racismo no capítulo V, de Metodologia, como EFs não nucleares, para os quais (por serem não centrais) esperávamos uma saliência menor, sendo menos estabilizados no *frame* Racismo. No entanto, no *corpus*, esses EFs tendem a receber mais centralidade. A sua estabilização no *corpus* indica, a nosso ver, uma conceptualização particular do racismo, centrado menos na racialização, na interação intergrupar racializada (como em Vala Brito & Lopes [1999], na Psicologia Social, e em van Dijk [2012], nos Estudos do Discurso, por exemplo) ou na hierarquização de grupos racializados (que seriam indicadas pelos EFs nucleares Grupo_racial_valorizado e Grupo_social_desvalorizado) do que na atuação de um processo social que aflige material e simbolicamente determinados grupos humanos tomados como vítimas, ou seja, submetidos a sofrimentos sociais.

Na descrição por nós realizada do *frame* Racismo no capítulo V, descrevemos a encenação sociocognitiva de um alinhamento a um enunciador diferencialista, no sentido racista da expressão (MUNANGA, 1999). Essa descrição foi feita como uma opção metodológica de chegar a uma descrição de estabilidade sociocognitiva do construto de racismo e foi empreendida seguindo as convenções de formalização da descrição de *frame* adotada pelos projetos *FrameNet*, como vimos. Assim, focalizamos a construção sociocognitiva da racialização e da hierarquização dos grupos raciais em decorrência desse alinhamento ao diferencialismo racista para descrever o *frame* Racismo.

No entanto, as construções textuais e sociocognitivas em torno do racismo em direção a um diferencialismo antirracista no *corpus* não apenas pressupõem uma perspectiva antirracista (em vez de racista) e um desalinhamento à racialização e à hierarquização racistas como também uma construção textual e sociocognitiva particular do *frame* Racismo, de

acordo com a representação predominante que a maioria dos textos do *corpus* constrói. Como vimos, o racismo, no *corpus*, é tomado de forma mais dinâmica, no sentido de ser construído como um conjunto de práticas sociais ou um processo que age socialmente, o que também explica as ocorrências de personificação linguístico-sociocognitiva do racismo no *corpus* como uma força social violenta. Essa personificação do racismo pode ser exemplificada no comentário anterior que fizemos do T6, de Hédio Silva Júnior, no qual identificamos um papel importante das predicções verbais. Estas, como vimos, também se mostram importantes para a indicação do sentido de reação ao racismo (ver figura 20), da explicitação de relações entre referentes textuais e da construção textual e sociocognitiva do racismo como força social violenta (seção 7.1 do capítulo VII).

Embora estejamos focalizando um estudo de caso, esse resultado pode ser um indício, verificável em outros estudos, de uma mudança ocorrida no *frame* Racismo, não mais completamente compatível com a conceituação que o item lexical recebe nos dicionários de línguas ocidentais, por exemplo. Nestes, ele é fortemente categorizado como “doutrina”, “teoria” e “ideologia” etc., em parte em decorrência de uma “memória histórica” de suas formas mais emblemáticas na cultura ocidental. Alinhada a um antirracismo diferencialista, a focalização, nos textos citados do *corpus*, do racismo como uma “força social” e do grupo humano que ele aflige pode ser também, no entanto, uma forma não apenas de agir estratégica e simbolicamente em um mundo racista, mas também uma prática simbólica de suas vítimas, a partir do ponto de vista e das experiências destas, ou uma prática daqueles que, não sendo vítimas, constroem representações desse sofrimento social e, por isso, colocam-se simbolicamente no seu lugar, reconhecendo as formas hodiernas de representação/funcionamento do racismo.

É interessante notar que quase os mesmos pressupostos teórico-políticos dos estudos textuais/discursivos do “novo racismo” arrolados no início do Capítulo I são também válidos para essa forma de diferencialismo assumida pela maioria dos autores. Retomamos esses pressupostos a seguir:

- (i) O racismo impõe sofrimento a indivíduos, coletividades e/ou povos negros;
- (ii) Esse sofrimento incomoda não apenas as vítimas do racismo, mas também os que se colocam empaticamente no lugar dessas vítimas, ainda que de formas, níveis ou intensidades diferentes delas;
- (iii) Para as vítimas do racismo e para os que são empáticos com elas, o racismo deve diminuir ou acabar, em decorrência dos aspectos apontados nos itens acima;

- (iv) Esse sofrimento persiste, embora de forma mitigada.

Podemos, acrescentar, assim, aos pressupostos das principais construções textuais do *corpus*, o de que (v) ainda há pouca empatia pelo sofrimento racial de pessoas negras, vítimas do racismo, conforme comentamos anteriormente. Dissemos, no início do capítulo I, que se o racismo é tomado como sutil na contemporaneidade, pressupõe-se que ele é capaz de permanecer socialmente sem supostamente causar o mesmo incômodo histórico. Nesse sentido, ele precisaria ser apontado, descrito, referido etc., pelos antirracistas e a empatia pelas pessoas negras precisaria ser localmente construída.

Ainda em relação a aspectos textuais/sociocognitivos, chegamos ao entendimento de que, por meio da análise de processos textuais de associações entre os *frames* Racismo e Evolucionismo, particularmente, a conceptualização do negro como macaco está associada a uma dimensão textual/discursiva complexa, na qual metáforas que podem ser consideradas como “mortas” (cf. KÖVECSES, 2006), tal como PESSOA NEGRA É MACACO, se tornam um fator relevante a partir do uso da categoria “macaco”. A categorização do negro como macaco é, como vimos, preferida no campo do racismo, tendo-se tornado um estigma (GOFFMAN, 1963) historicamente construído e mantido; baseando-se em uma categorização de animalização, retira, no ambiente textual e sociocognitivo (além de no ambiente social), os atributos de racionalidade e de humanidade desse grupo racial, os negros.

Vimos, a propósito, no capítulo II, que as categorias “raça”, “racismo” e “negro” ganharam historicamente diferentes formas de representação principalmente a partir da visão de mundo eurocentrada; processo para o qual a produção textual/discursiva e histórica dessas categorias (que implicam, constroem ou performatizam diferenciações epistêmicas raciais importantes) também colaboraram. A focalização nos textos e a construção textual do desalinhamento à *hashtag* #SomosTodosMacacos pelo desalinhamento à categorização do negro como macaco indicam que questões antigas em torno do racismo ainda permanecem, ainda que com novos ares e olhares (GOULD, 1991 [1981]), por meio da (relativa) estabilidade de categorias, de enquadres e de construções sociocognitivas e sócio-históricas. Relacionado com esse arrazoado está a constatação de Gould (1991 [1981], p. 144) de que “[v]ivemos num século mais sutil, mas os argumentos básicos parecem não mudar” – ou, de forma menos modalizada: “os velhos argumentos nunca morrem” (GOULD, 1991 [1981], p. 120). A recorrência da associação ao *frame* Evolucionismo é um indício dessa relativa estabilidade, relacionada com a “força” de processos sócio-históricos e de construções textuais/discursivas e sociocognitivas nela envolvidas.

Os resultados desta pesquisa acima retomados indicam, a nosso ver, a produtividade de arbitragens interdisciplinares dentro do campo da Linguística e entre a Linguística e outras disciplinas. No primeiro caso, a arbitragem entre Linguística Textual e Semântica de *Frames*, ao salientar a natureza textual da mobilização linguística de *frames*, estabelece fortes relações entre linguagem, texto e cognição e, portanto, determinada arbitragem interdisciplinar entre Linguística Textual e outras “linguísticas cognitivas”, isto é, *grosso modo*, abordagens linguísticas que se interessam pela cognição (MORATO, 2016).

No caso deste trabalho, trata-se de empreender análises que incorporem uma visão não dicotômica das atividades humanas, um desafio epistemológico importante, considerando as clássicas separações, no campo das ciências, entre corpo e mente, linguagem e pensamento, linguagem/pensamento e realidade, natureza e cultura etc. (MORATO, 2012). Trata-se também de não adotar uma abordagem que hierarquiza, sem fortes justificativas teórico-metodológicas, uma dessas esferas humanas sobre a outra, como a explicação estritamente mentalista ou a estritamente biológica das relações sociais, que impregnou a compreensão ocidental das relações raciais, por exemplo (como vimos ao nos referirmos ao trabalho de Gould [1991 (1981)], de Stepan [2005 (1991)] e de Costa [2006]) e impregna justificativas biologistas da defesa da igualdade social, presente mesmo em argumentos antirracistas.

Um questão importante do determinismo biológico, na forma da Antropologia Criminal, apenas para citar um exemplo, era a atribuição dos problemas sociais ou das características psicossociais criminosas de determinados grupos humanos a fatores biológicos. A responsabilidade pelos comportamentos vistos como desviantes era atribuída menos à forma como a sociedade contingenciava esses grupos (o “ambiente” e, por vezes, o próprio livre-arbítrio destes como seres cognoscentes) e mais de sua condição de “selvagem” atávico. A questão da responsabilidade pelo preconceito e pelos traços/estigmas físicos e psicossociais (inclusive concernentes a usos linguísticos, como as gírias, segundo Gould [1991 (1981)]) atribuídos a determinados grupos sociais era e segue sendo fundamental na construção sociocognitiva e histórica do racismo. É interessante notar, nesse ínterim, que, a nosso ver, a representação identificada no *corpus* do racismo como uma força social, embora possa ensejar concepções reificadoras desse conjunto de processos e de práticas sociais, retirando a eventual responsabilidade/intencionalidade dos atores sociais que o operam ou o combatem, é, no caso em tela, uma prática textual/discursiva e sociocognitiva estratégica de identificá-lo, a partir de pressuposições sobre as representações igualitaristas dos potenciais leitores dos artigos de opinião analisados.

Nosso principal desafio epistemológico, que entendemos ter enfrentado de forma relevante, no campo da Linguística, é o de fazer valer empiricamente a interdependência entre diferentes esferas sociais, particularmente entre *Conceptualização & Interação* e *Texto & Cognição* (MORATO, 2017), bem como a relação destes com processos sócio-históricos dos quais não estão e não podem ser desgarrados.

Na arbitragem entre o campo da Linguística e outras disciplinas das ciências humanas, principalmente o campo da História, adotamos uma visão dialética de linguagem, texto, cognição e interação e traçamos caminhos na direção da investigação do caráter sócio-histórico de construções, ações e práticas linguístico-textuais e sociocognitivas, particularmente quando o interesse científico se volta para além de como essas construções funcionam nas atividades humanas, mas também para como o estudo delas pode colaborar para a compreensão de questões sociais historicamente contextualizadas.

Os resultados da pesquisa corroboram, no *corpus*, importantes teses sociais historicamente construídas no campo teórico, mas também no campo de outras práticas políticas, sobre o racismo e o antirracismo no Brasil e em outras regiões: principalmente a percepção de um racismo e de um antirracismo igualitaristas e as práticas de construção de um antirracismo diferencialista (MUNANGA, 1999; COSTA, 2006). O que chama a atenção, particularmente, é que os textos do *corpus*, embora não tenham sido escritos de forma conjuntamente planejada, principalmente porque partem de atores sociais com trajetórias bastante diversificadas atuantes em veículos comunicativos ideologicamente heterogêneos, representam, em sua maioria, uma importante reação imediata, conjunta (no sentido de Clark [1996]) e não centralizada a um intertexto igualitarista (“individualmente e em estado de dispersão”, nas palavras de Bourdieu [1997, p. 234]). Assim, os textos indicam uma possibilidade de ações conjuntas de contenção social e textual/discursiva distribuídas entre diferentes atores sociais, não vinculada diretamente a uma instituição social particular (um partido, um movimento ou um coletivo político, por exemplo).

Apenas para citar um exemplo do efeito ou impacto dessa reação, podemos citar um título de reportagem publicada no Portal EBC: “Para movimento negro, campanha #somostodosmacacos reproduz racismo”¹⁷². Como vimos, os autores do texto que questionaram a *hashtag* #SomosTodosmacacos participam de diferentes atividades sociais relevantes. Assim, identificamos que nem todos fazem diretamente parte de algum movimento negro, como diz esse título, o que é uma indicação importante de que a visibilidade do debate

¹⁷² Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/04/para-movimento-negro-campanha-somostodosmacacos-reproduz-racismo>. Acesso em 18 jul. 2019.

antirracista, embora protagonizado pelas organizações negras, encontra-se relativamente espalhada em postos importantes de observação e de atuação. Por conta do impacto de textos como os aqui analisados sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos, que colaboraram para a construção da deslegitimação desse intertexto, podemos dizer que os autores dos artigos de opinião que se desalinham à *hashtag* atuaram como “autoridades enunciativas/performativas” do antirracismo brasileiro.

Quanto a isso, podemos ainda considerar que os atores sociais contemplados possuem diferentes trajetórias, experiências sociais e categorizações raciais (ainda que a maioria seja negra) perpassadas pela organização e construção sociocognitiva individual e coletiva de determinadas formas de ver a realidade social, o racismo, o antirracismo e as pessoas negras no Brasil e em outras regiões do mundo. Esses conhecimentos organizados relevantes no *corpus* consistem, a nosso ver, em construções sociocognitivas do racismo e do antirracismo pautadas historicamente no campo acadêmico e no campo político-reivindicatório por atores sociais, principalmente negros, que protagoniza(ra)m a construção histórica de práticas de contenção do racismo e de determinadas formas do antirracismo. Podemos dizer, nesse sentido, que os resultados corroboram a importância dos textos como lugares de ação social onde podemos construir “versões públicas do mundo” (MONDADA & DUBOIS, 2003 [1995]) nas batalhas contra o racismo e contra determinadas formas de antirracismo, apontando a relação entre formas de ação: formas de produzir textos e formas de pensar, que, por sua vez, podem se irmanar a formas de ação racistas ou antirracistas, individuais ou coletivas.

A análise linguístico-textual indica processos intertextuais e sociocognitivos mais implícitos ou explícitos por meio dos quais pudemos apontar a tendência à construção sociocognitiva local e estratégica do racismo e do não racismo igualitaristas, não no sentido de alinhamento a eles, mas de construção textual do seu desalinhamento e do alinhamento a um antirracismo diferencialista no *corpus*. Determinadas compreensões do racismo e determinados modelos de antirracismo estão em jogo no campo das escolhas textuais locais dos autores (e dos editores dos suportes comunicativos) dos textos por determinadas formas linguísticas na construção textual. Essas escolhas são fundamentais, portanto, para a construção textual/discursiva dessas compreensões e desses modelos indicados pela análise de *frames*, que podem ter impactos e efeitos sociais duradouros (AGHA, 2007) mais simbólicos ou mais materiais.

Por fim, resta discutir o último objetivo específico assumido no trabalho: (v) discutir as principais questões envolvidas na investigação da relação entre linguagem, raça e

racismo nos estudos do texto/discurso relacionadas com os resultados empíricos da presente pesquisa de doutorado. A importante contribuição de van Dijk para os estudos sociocognitivos do discurso racista tem se fundamentado, como vimos, na relação triangular entre os (sub)sistemas social, cognitivo e discursivo do racismo. Conforme reconhece Whitehead (2018), o estudo do antirracismo, por sua vez, deve ser mais bem explorado pela agenda do campo textual/discursivo. Tanto no caso dos estudos de textos racistas quanto no de textos antirracistas, a abordagem sociocognitivo-interacional do texto, particularmente, pode nos apontar a relevância dos aspectos sociocognitivos do estudo do texto e dos aspectos textuais/discursivos do estudo da cognição social (MORATO, 2017). Além disso, a consideração dos aspectos sócio-históricos da cognição social (MARCUSCHI, 2007b) (abordagem relativamente recente e feita com foco em fenômenos semânticos e cognitivos por linguistas como Geeraertz & Groendelaers [1995] e Sharifian [2011]) e do estudo do texto também aponta para a importância dos aspectos textuais/discursivos e sociocognitivos dos eventos e ações que possuem maior ou menor relevância para a constituição de processos e fenômenos sócio-históricos como o racismo e o antirracismo.

A importância, para a agenda do estudo do racismo e do antirracismo, dos estudos textuais/discursivos a partir de uma abordagem sociocognitivo-interacional da Linguística de Texto se deve, portanto, primeiramente e em parte, à vocação interdisciplinar desse campo de estudo (KOCH, 2004; MORATO, 2017), por considerar não apenas a convergência de ações linguísticas, cognitivas e sociais na direção do texto como evento comunicativo (BEAUGRANDE, 1997), mas também a análise dessas ações e do próprio caráter do texto como evento comunicativo. O entendimento do racismo como fenômeno complexo fundamenta a sua inscrição em um campo de estudos interdisciplinar, tal como o campo das relações raciais (COSTA, 2006). Nesse sentido, o escrutínio das diferentes atividades sociais propriamente humanas de interesse desse campo, dentre as quais se encontram a linguagem e as práticas de produção/compreensão de texto, é imprescindível para o aprofundamento da compreensão dos processos racistas, como a discriminação, o preconceito, o genocídio etc.

Vimos, sobre os estudos textuais/discursivos das relações entre Linguagem & Racismo, que o tema já clássico nesse campo são os textos/discursos racistas, cujo principal representante é, sem dúvida, o estudioso do discurso Teun van Dijk. Vimos, também, no entanto, que há também um grande interesse no estudo textual/discursivo do “novo racismo” / racismo implícito, do anti/não racismo e das ações e processos de racialização (WHITEHEAD, 2018). Nos estudos que discutimos, os principais temas linguístico-textuais são a intertextualidade e a performatividade (DICK & WITZ, 2011; WHITEHEAD, 2018).

Não entendemos que a linguagem e o texto têm um papel *central* no racismo, como postulam Alim, Ball & Rickford (2016), do recente campo da Raciolinguística, que, a nosso ver, reverbera uma tendência recente dos estudos textuais/discursivos do (novo) racismo de (i) caracterizar este como implícito e (ii) entender que o *locus* da “implicitude” ou “sutileza” do processo social do racismo é quase que essencialmente a linguagem. Sobre a interação entre práticas textuais/discursivas e outras práticas sociais, observamos que, embora não tenha sido foco da tese analisar outras práticas sociais e semióticas dos autores dos textos para além de sua produção textual em um suporte jornalístico, como a questão dos modos de produção e de edição de artigos de opinião, com base em nosso pressuposto de que as práticas textuais/discursivas não se desgarram de outras práticas sociais dos atores sociais, entendemos que aquelas podem ser tomadas como atividades sociais e semióticas altamente relevantes, junto com outros processos sócio-históricos, de tal modo que seus sentidos podem ser tomados como indícios textuais/discursivos de efeitos e de quadros sociais mais amplos (AGHA, 2007; HANKS, 2008).

Embora não assumamos todas as postulações dos estudos textuais/discursivos do racismo, esta tese se insere em sua agenda, sendo de interesse para a discussão dos temas citados nesse campo ao, por exemplo, complexificar o “antirracismo” dos textos, como a *hashtag* #SomosTodosMacacos e os artigos de opinião sobre ela, e ao apontar suas “sutilezas” em termos de sentidos de antirracismo, de racismo e de racialização que estes constroem ou implicam.

Podemos dizer que a questão da implicitude do (anti)racismo está presente em todos os textos do *corpus*, de alguma forma, se consideramos sua natureza linguístico-textual, como nas construções intertextuais e dos processos de construção referencial, uma vez que, conforme uma das hipóteses assumidas, embora construam, explicitem ou performatizem seu desalinhamento ao racismo e (intertextualmente) à *hashtag* #SomosTodosMacacos, as características do seu (anti/não) racismo e a sua categorização como mais igualitarista ou mais diferencialista não se apresentam necessariamente de forma declarada/explicitada, sendo necessária a inspeção analítica linguístico-textual e a consideração da historicidade dos sentidos que os textos constroem ou evocam.

Nesse sentido, a noção de texto e as ferramentas de análise da Linguística Textual nos estudos nos estudos de Linguagem & Racismo mostram-se bastante eficazes para essa inspeção do funcionamento textual/discursivo não apenas dos textos/discursos racistas, tema bastante produtivo nos estudos textuais/discursivos, como também dos textos “antirracistas”. Assim, os textos que se apresentam como antirracistas podem fazer apontar ou questionar o

antirracismo de outros textos, bem como podem apresentar elementos textuais racistas. Nesse sentido, como vimos, a análise do funcionamento textual/discursivo e sociocognitivo, em colaboração com a discussão sócio-histórica do racismo e do antirracismo, pode dar relevo às construções textuais de sentido envolvidas mais neste ou mais naquele.

Em relação à dimensão sociocognitiva das práticas textuais/discursivas e sociocognitivas não racistas e antirracistas analisadas e discutidas na presente tese de doutorado, podemos dizer que as seguintes postulações realizadas por Morato (2018) e Morato & Bentes (2017) são válidas também para os dados aqui analisados:

- a) As práticas linguísticas podem ser “lugares de (des)legitimação social da linguagem e processos afeitos a ela, como têm demonstrado tantos estudiosos da área (van DIJK, 2010; FALCONE, 2011; BAGNO, 2003; MORATO; BENTES, 2002, dentre muitos outros)” (MORATO, 2018, p. 161);
- b) “[...] [A] linguagem desempenha um papel importante na questão da dominação e da inequidade social e cognitiva [...]” (MORATO, 2018, p. 175).

Assim, “[...] tanto a interpretação quanto a sanção social aplicadas” ao (inter)texto produzido ou reconstruído por NJ, pelo (publicitário da) agência de publicidade e por LH “são licenciadas por vários processos que interatuam na construção da relação entre categorias linguísticas e sociais” por eles mobilizadas (MORATO & BENTES, 2017, p. 14). Dentre esses processos, estão alguns apontados por Morato & Bentes (2017, p. 14), válidos também para os dados em tela:

- a) O sistema linguístico e seu modo de funcionamento (MORATO & BENTES, 2017, p. 14);
- b) O conhecimento social relativamente compartilhado (sobre a figura de NJ, de DA, das relações interraciais, das agências de publicidade, dos jogadores de futebol, da comunidade negra ofendida, das *hashtags* e de seu uso, dos intertextos *Somos todos+N* etc.);
- c) O reconhecimento de “um conjunto de conhecimentos compartilhados e coletivizados em torno do racismo brasileiro e de suas formas de manifestação e contenção, mesmo que esses conhecimentos sejam distribuídos de forma desigual e estejam, atualmente, no centro das disputas político-ideológicas” (MORATO & BENTES, 2017, p. 14);

- d) Os contextos, de diferentes escopos (do (inter)texto “Somos todos macacos” e a reação pública a este, principalmente dos ativistas e acadêmicos negros, autores de 06 dos 10 textos [T2, T3, T5, T6, T8 e T9]).

O tema do antirracismo, embora seja também objeto de interesse científico recente na Linguística, ainda precisa considerar aspectos que, a nosso ver, são fundamentais, dentre os quais podemos apontar:

- a) A historicidade dos sentidos variados, mas relativamente estabilizados de processos intertextuais e sociocognitivos, em torno do racismo e a relação entre essa historicidade e a produção social de textos;
- b) A visão da racialização não apenas como prática racista, mas também como estratégia local e prática textual/discursiva antirracista (MUNIZ, 2009);
- c) A problematização do antirracismo e das disputas textuais/discursivas em torno dos seus sentidos;
- d) A problematização da hipótese do novo racismo, do racismo sutil, implícito, “velado” etc. (WHITEHEAD, 2018; LEACH, 2005);
- e) A construção de pesquisas internacionais e interdisciplinares em torno das relações entre Linguagem & Racismo;
- f) A inserção da Linguística brasileira nesse campo de estudos;
- g) As relações intertextuais na construção de sentidos sociais relacionados a racismo e a antirracismo;
- h) O estudo da cognição social e de construtos sociocognitivos, como os *frames*, enquanto aspectos relevantes para a compreensão da relação entre práticas sociais e práticas de representação textual e sociocognitiva de racismo, de antirracismo ou de raça.

Como vimos, os resultados desta pesquisa também podem sugerir a importante existência de uma organização social não institucionalmente centralizada de atores socialmente relevantes. Dentre esses atores, podem estar pessoas brancas e, principalmente, negras sociopoliticamente legitimadas para se engajarem na contenção ou controle institucional do racismo como ação ou evento infligido contra indivíduos e coletividades negras, principalmente quando exercido contra ou por figuras com visibilidade social, ainda que em campos sociais que não sejam de decisão política direta, como os relacionados ao

esporte e à mídia, mas que colaboram indiretamente para a sua constituição e para a formação de opiniões em torno de decisões e políticas racistas ou antirracistas.

Entendemos que a legitimidade sociopolítica desses atores é realizada pelo (re)conhecimento de suas trajetórias e de suas posições no campo acadêmico e no campo político e nas instituições jornalísticas de onde produzem textos públicos. Essa legitimidade também é realizada pelos conhecimentos institucionalizados pelos movimentos sociais, principalmente negros, e pela academia. Os atores sociais em questão, assim, chamam a atenção para a importância de práticas reflexivas em torno de aspectos mais micro do racismo, como os textuais/discursivos, e de aspectos mais macro, como o processo ou o fenômeno sócio-histórico.

A partir da reflexão em torno da pesquisa aqui realizada, ancorada nos resultados de nossas análises e em autores que tematizam a agenda dos estudos sobre o racismo e o antirracismo (como COSTA, 2006; BARRETO *et al.*, 2017, entre outros), aventamos ao final as contribuições e desafios teórico-metodológicos mais importantes do estudo textual/discursivo do racismo e do antirracismo:

- a) A organização de *corpora* de textos escritos ou orais, que podem constituir um conjunto de dados linguísticos ou multimodais efetivamente produzidos, contextualmente relacionados a racismo e/ou a antirracismo, que estejam delimitados ou que cruzem diferentes delimitações histórico-geográficas;
- b) O aprofundamento da compreensão das relações, interações e distinções simbólicas em funcionamento nas diferentes atividades humanas relevantes para o estudo do racismo;
- c) O estudo textual/discursivo e sociocognitivo das categorizações sociais envolvidas na construção das representações racistas em torno de determinados grupos humanos e das implicações materiais e simbólicas dessas representações, colaborando para a compreensão científica dos processos sócio-simbólicos nelas atuantes;
- d) O empreendimento teórico em estudos mais amplos ou de caso que possam contribuir para o aprofundamento da compreensão e para a complexificação da relação entre os aspectos micro e macrosociais do racismo e do antirracismo fundamentais para o mapeamento da dinâmica de forças entre atores e práticas sociais racistas e antirracistas e para a formulação de políticas públicas;
- e) o estudo das definições de racismo e de antirracismo (sistema de dominação, práticas e ações sociais interpessoais ou institucionais, normatividade etc.);

- f) o estudo dos aspectos sócio-históricos das representações de racismo e de modelos de antirracismo;
- g) o estudo dos elementos linguístico-textuais e sociocognitivos do racismo e do antirracismo;
- h) o estudo das diferenças e das semelhanças culturais e epistemológicas em relação à raça nos estudos provenientes de diferentes países ou regiões;
- i) as metodologias de investigação linguística do racismo e do antirracismo.

Entendemos que, por meio desta pesquisa, salientamos a positividade e a contingência sócio-histórica do estado da arte do racismo e do antirracismo brasileiro. Essa positividade consiste na predominância de um ponto de vista diferencialista textualmente indicado no reconhecimento do racismo e do antirracismo no Brasil como fundamentalmente igualitaristas, ao se construir predominantemente o racismo como um processo social que atinge as pessoas negras, suas vítimas. Assim, os resultados convergem mais para as ideias de Munanga (1999) do que de Costa (2006), ainda que possamos ponderar sobre essa convergência. Para Munanga (1999), é o antirracismo diferencialista, como vimos, que poderia fazer frente ao racismo e ao antirracismo igualitarista/universalista predominante no Brasil, cuja principal característica é a evocação do valor de igualdade social e racial e de identidade nacional. A identificação do racismo e a construção textual da sua materialidade colaboram, assim, para não encarar a sociedade brasileira como racialmente igual ou democrática. O racismo igualitarista brasileiro seria também implícito (portanto, precisa ser explicitado, descrito, apontado etc.) e dá ênfase aos processos efetuados pelo “discurso da mestiçagem” e pelo mito da democracia racial, apontados principalmente pelos estudos brasileiros das relações raciais dos anos 60 e 70 (COSTA, 2006).

Uma formulação importante do trabalho de Costa (2006), por sua vez, que dialoga com esses resultados, é a da dialética existente entre diferencialismo e universalismo/igualitarismo antirracistas. Assim, o diferencialismo não nega ou não pode rejeitar o valor de igualdade social, uma vez que, mesmo se alinhando predominantemente a práticas textuais/discursivas reflexivas sobre as representações do negro (portanto, diferencialistas), os autores dos textos não deixam de evocar estrategicamente esse valor de igualdade, como vimos. Essa dialética ajuda inclusive a reconhecer a relevância histórica de grandes nomes do antirracismo internacional, como o de Martin Luther King Jr., que defendia e evocava, em seus discursos, os valores de identidade americana e convivência pacífica entre as raças.

A positividade identificada nos resultados da pesquisa, além disso, consiste na possibilidade demonstrada na reação antirracista crítica a eventos racistas e a textos que possuem “problemas” no seu antirracismo. A contingência sócio-histórica dessa positividade consiste na identificação da organização (politicamente centralizada ou não) da sociedade contra o racismo como herdeira da luta e da discussão teórico-políticas realizadas principalmente por aqueles que sofrem racismo sobre a situação dos africanos e de seus descendentes negros na História da humanidade, bem como sobre a situação de outros povos; e no (re)conhecimento das estruturas e dos atores sociais que institucionalizam e praticam o racismo e se contrapõem às lutas antirracistas no decorrer da História, agregando complexidades à contingência histórica dessas lutas.

O legado da luta e da discussão teórico-políticas antirracistas para as formas legitimadas de reação atuais contra o racismo pode ser identificada, por exemplo, na reverberação da tese do racismo igualitarista contemporâneo nas formas de representação do racismo pelos autores dos artigos de opinião. Entendemos que as contingências históricas acima apontadas constituem complexidades das discussões teóricas e políticas contemporâneas sobre o racismo e na luta contra ele, conformando um campo em que atuam forças antagonistas. Embora desiguais, essas forças antagonistas dão dinamicidade a esse campo. A dinamicidade é importante (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]), a nosso ver, para qualquer tipo de mudança contra o racismo. Nessa dinamicidade, é importante salientar, tem sido fundamental a agentividade de indivíduos e de grupos sociopolíticos (dentre os quais se destaca uma vanguarda negra) que constroem organização coletiva e exercem práticas reflexivas antirracistas, como as empreendidas pelas ações textuais nos dados aqui discutidos. Assim, a emergência de reações sociais antirracistas textuais e sociais legitimadas e fundamentadas particularmente pelo diferencialismo, é fundamental para dar continuidade à historicidade desse antirracismo.

Nesta tese, tocamos, a nosso ver, em uma das questões que entendemos ser fundamentais do estudo do racismo e do antirracismo, a presença do igualitarismo e do diferencialismo, dentre aquelas que seguem sendo objeto de reflexão nesse campo e com ela possuem relação, como a questão da identidade/identificação racial (MUNIZ, 2009) e a associação entre racismo e outras formas de opressão sócio-histórica, como a opressão de sexo/gênero, de sexualidade e de classe social. Procuramos mostrar que o estudo das perspectivas igualitaristas e diferencialistas é um dos mais centrais para a compreensão do racismo e do antirracismo no Brasil e provavelmente em outros espaços geográficos.

Os arrazoados levantados acima nos levam a delinear a ideia de que a vantagem explicativa da análise linguístico-textual das mobilizações do *frame* de racismo consiste também na possibilidade de colaborar para a indicação de caminhos de compreensão das práticas sócio-historicamente situadas do racismo e do antirracismo. Esses arrazoados corroboram em parte o que discute Whitehead (2018) ao postular que as abordagens textuais/discursivas, como vimos, facilitam:

[...] formas de dissolução das dicotomias tradicionais “macro *versus* micro”, promovendo recursos para a consideração das maneiras com que as estruturas “macro” tornam-se observáveis em e são reproduzidas ou resistem através de usos da linguagem no nível “micro”. Assim, quando aplicadas ao exame da raça e do racismo, as abordagens discursivas têm oferecido *insights* sobre o uso da linguagem na construção, manutenção ou legitimação, bem como subversão ou resistência a ideologias e estruturas sociais raciais e/ou racistas. (WHITEHEAD, 2018, p. 1).

A discussão aqui realizada leva-nos também à discussão de que os atores do campo acadêmico e do campo político reivindicatório podem contribuir para produzir simbolicamente o que descrevem ou designam (BOURDIEU, 1997, p. 112). Entendemos, como Costa (2006), que os modelos teóricos historicamente construídos do racismo e do antirracismo penetram e são penetrados de forma dinâmica e particular no debate (também historicamente construído) do ativismo dos movimentos negros e antirracistas, nos veículos midiáticos mais alternativos, por exemplo, que, assim, conformam atores sociais no campo político reivindicatório.

Podemos dizer que as redes sociais, os jornais, as revistas e os portais de notícias, suportes presentes nos campos midiático e jornalístico, constituem espaços de atuação da intertextualidade realizada pelos atores sociais, espaços nos quais os processos e ações intertextuais são importantes na construção de representações de objetos textuais, como a *hashtag*, e processos e fenômenos sociais, como o racismo e o antirracismo, dando-lhes visibilidade linguístico-textual para o analista.

Entendemos que pesquisas empíricas na área da Linguística e de outras áreas podem lançar luz sobre questões às quais se dedicam emblematicamente os estudiosos do racismo e do antirracismo nas Ciências Sociais (cf. BARRETO *et al.*, 2017), que podem, assim, considerar mais a complexidade sociocognitiva e linguístico-textual das práticas racistas e antirracistas. Entendemos também que pesquisas como esta podem colaborar para (o estudo da) identificação e caracterização do racismo e dos racistas, por parte dos atores políticos reivindicatórios, bem como a delimitação do tipo de “campo de batalha” antirracista a ser ocupado por meio dos textos antirracistas e o estabelecimento de melhores estratégias

textuais/discursivas por meio das quais aqueles que lutam contra o racismo travam sua guerra sócio-política e, por isso, também textual/discursiva e sociocognitiva.

Para concluir este trabalho, vale retomar a postulação de Morato (2018) sobre linguagem e mudança epistêmica e social, quando a autora discute os modelos explicativos das doenças:

[O] conhecimento sobre processos a que a linguagem faz referência ou ajuda a construir e a desconstruir, como os modelos explicativos de doenças [discutidos pela autora nesse texto de 2018], abre espaço para mudanças epistêmicas e para uma composição de forças mais dinâmica do jogo social. (MORATO, 2018, p. 175)

Se para os estudos textuais/discursivos discutidos por Whitehead (2018), a linguagem é um “veículo das ações e práticas sociais” e “elemento constitutivo das ações, eventos e situações que elas descrevem, mais do que meramente um meio de transferir informação” (WHITEHEAD, 2018, p. 1), a presente pesquisa, a nosso ver, além de se inserir na agenda desses estudos textuais/discursivos, por se interessar pelo “uso da linguagem em formas particulares, em contextos particulares”, em instâncias reais do seu uso, com alternativas metodológicas “qualitativas, contingentes e sensíveis a contexto” (WHITEHEAD, 2018, p. 1), pode abrir um espaço de reflexão e de mudanças epistêmicas e sociais importantes, como diz Morato (2018) na citação acima, na direção do aprofundamento do conhecimento e da superação do racismo, que os processos linguísticos podem fazer muito mais do que expressar ou refletir: podem indicar, indiciar, evocar, construir, referir, descrever etc.

Referências

- AGHA, A. (2007) *Language and social relations*. Cambridge, Cambridge University Press.
- ALIM, H. S.; RICKFORD, J. R.; BALL, A. F. (2016) *Raciolinguistics: how language shapes our ideas about race*. Oxford ; New York : Oxford University Press.
- _____; SMITHERMAN, G. (2012). *Articulate while Black: Barack Obama, language, and race in the U.S.* Oxford: Oxford University Press.
- ALMEIDA, S. de. Marxismo e questão racial. *Margem Esquerda*, 27, 2016.
- ARAÚJO, T. de. *Retrospectiva 2014: Conheça 14 casos que provam que ainda existe racismo no Brasil*. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/retrospectiva-2014-conheca-14-casos-que-provam-que-ainda-existe-racismo-no-brasil/amp/>. Acesso em 04 abr. 2019.
- BAGNO, M. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BADOUARD, R. (2015). ‘Je ne suis pas Charlie’ : Pluralité des prises de parole sur le web et les réseaux sociaux. In Pierre Lefébure & Claire Sécail (eds.), *Le défi Charlie : Les médias à l'épreuve des attentats*, 187–220. Paris : Lemieux.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 [1979].
- BANDEIRA, G. A. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. *Revista Brasileira de Educação*, 15(44), maio/ago. 2010.
- BARKER, M. (1981). *The new racism*. London, England: Junction.
- BARRETO, P. *et al.* Entre a dispersão e o isolamento: a temática racial nos estudos sociológicos no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia*, 5(11), set/dez. 2017.
- BASSETO, L. M. T. *O processo de construção referencial nas crônicas de temas políticos escritas por Carlos Heitor Cony*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2008.
- BASTIDE, R. & FERNANDES, F. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo, Anhembi, 1955.
- BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1972].
- BAUMAN, R. (2004). *A World of Others' Words: Cross-Cultural Perspectives on Intertextuality*. Oxford: Blackwell Publishing.
- _____; BRIGGS, C. L. (1990) Poetics and Performance as Critical Perspectives on Language and Social Life. *Annual Review of Anthropology*, 19: 59-88.

- BEAUGRANDE, R. de. (1997) *New foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood, New Jersey: Alex.
- _____; DRESSLER, W. U. (1981) *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer.
- BECK, U. (1992) *Risk Society*. London, Sage.
- BECKER, M. L. Mídia alternativa: antiempresarial, anti-industrial, anticapitalista? In: WOITOWIKZ, K. J. (Org.). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009.
- BENTES, A. C.; REZENDE, R. Texto: conceitos, questões e fronteiras [com]textuais. In: BENTES, A. C.; SIGNORINI, I. *[Re]discutir: texto, gênero e discurso*. Parábola, 2008.
- _____; FERRARI, N. L. “E agora o assunto é trabalho”: organização da experiência social, categorização e produção de sentidos no programa Manos e Minas. *Diadorim*, 10: 75-93, 2011.
- _____; REZENDE, R. Linguística Textual e Sociolinguística. In: SOUZA, E. R. F.; PENHAVE, E.; CINTRA, M. R. *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez, 2017.
- _____; MARIANO, R. D.; ACCETTURI, A. C. Temas e estratégias eferenciais em Conexão: Analisando Processos de Estabilização e de Mudança em um Programa Televisivo. *ReVEL*, 13(25): 316-354, 2015.
- _____; FERREIRA-SILVA, B.; ACCETTURI, A. C. Texto, contexto e construção da referência: programas televisivos brasileiros em foco. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 59(1): 175-196, 2017.
- BENWELL, B. (2012) Common-sense anti-racism in book group talk: The role of reported speech. *Discourse & Society*, 23.
- BETHENCOURT, F. *Racismos: das cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018 [2016].
- BLAUT, J. M. The theory of cultural racism. *Antipode* 24(4): 289-299, 1992.
- BOAS, F. (1940) *Race, language, and culture*. The Macmillan Company.
- BOBBIO, N. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora UnB, 2004.
- BOFF, O. M. B.; KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. *ReVEL*, 7(13), 2009.
- BONILLA-SILVA, E. (2006) *Racism without racists: color-blind racism and the persistence of racial inequality in the United States*. Oxford, Rowman & Littlefield Publishers.

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 1989.
- _____; WACQUANT, L. *An Invitation to Reflexive Sociology*. Cambridge, Polity Press, 1992.
- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996 [1994].
- _____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997 [1996].
- BRADLEY, J. (2013) The ape insult: a short history of a racist idea. *The Conversation*. 30 mai. 2013. Disponível em: <http://theconversation.com/the-ape-insult-a-short-history-of-a-racist-idea-14808>. Acesso em 20 jul. 2019.
- BRAGA, L. M. da S.; SANTOS, F. C. S. Descasque e veja: a Campanha #somostodosmacacos e o Racismo. *Anagrama*, 10:1, jan-jun. 2016.
- BRIGHENTI, A. B. *Pesquisadores pesquisam “banananização” do preconceito*. *Jornal do Campus*, 16 mai. 2014. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2014/05/pesquisador-criticam-bananizacao-do-preconceito/>. Acesso em 23 abr. 2014.
- BUCHOLTZ, M. White affects and sociolinguistic activism. *Language in Society* 47(3): 350-354.
- CALIVER, A. (1933) *A Background Study of Negro College Students*. Washington, D.C.: Government Printing Office.
- CAMPOS, M. S.; MACHADO, P. M. *Como o uso das hashtags na publicidade pode contribuir para a viralização de campanhas: um estudo de caso sobre a campanha #SomosTodosMacacos*. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- CARMO, E. F. B. M. do. *História da África nos anos iniciais do ensino fundamental: os Adinkra*. Salvador: Artegraf, 2016.
- CARVALHO, M. M. O negro no futebol brasileiro: inserção e racismo. *Yahoo! Esportes*, 22 mai. 2018. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/o-negro-no-futebol-brasileiro-insercao-e-racismo-170018678.html>. Acesso em 05 jul. 2019.
- CAVALCANTE, M. C. B. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CAVALCANTE, S. *O fenômeno da intertextualidade em uma perspectiva cognitiva*. Tese (doutorado), Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2009.

- CHANG, H. C. A new perspective on Twitter hashtag use: Diffusion of innovation theory. *Proceedings of the Association for Information Science and Technology*. 2010.
- CIENKI, A. (2007). Frames, idealized cognitive models and domains. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York/Oxford University Press.
- CLARK, H. (1996). *Using language*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 21 jul. 2019.
- COSTA, D. V. de A. Florestan Fernandes: luta de raças e de classes. In: FERNANDES, F. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2017.
- COSTA, S. Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- COULSON, S. (2001) *Semantic leaps: frame-shifting and conceptual blending in meaning construction*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CRAIG, M. L. (2002) *Ain't I a Beauty Queen: Black Women, Beauty and the Politics of Race*. New York: Oxford University Press.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. (2004) *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CUSTÓDIO FILHO, V. Referenciação intertextual: análise da construção de objetos de discurso em narrativas com episódios. *ReVEL*, 13: 25, 2015.
- DAVIS, A. *Woman, race and class*. Londres: The Women's Press, 1983.
- DE COCK, B.; PIZARRO PEDRAZA, A. (2018) From expressing solidarity to mocking on Twitter: pragmatic functions of hashtags starting with #jesuis across languages. *Language in Society*, 47(2): 197-217.
- DIAS, G. R.; JÚNIOR, P. R. F. T. (Org.). *Heteroidentificação e cotas raciais: dúvidas, metodologias e procedimentos*. Canoas: IFRS campus Canoas, 2018.
- DICK, H. P.; WIRTZ, C. (2011). *Racializing discourses: A special issue of the Journal of Linguistic Anthropology*. *Journal of Linguistic Anthropology*, 21(1).
- EDWARDS, D. (2003) Analyzing racial discourse: the discursive psychology of mind-world relationships. In VAN DEN BERG, Harry; WETHERELL, Margaret; HOUTKOOP-

- STEENSTRA, Hanneke (ed.). *Analyzing Race Talk: Multidisciplinary Perspectives on the Research Interview*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ENNSER-KANANEN, J., JÄNTTI, S.; LEPPÄNEN, S. (2017). Does Finland Need Raciolinguistics?. *Journal of Applied Language Studies*, 11 (4), 101-111.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001 [1992].
- FALCONE, K. *(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social*. Tese de doutorado. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.
- _____. A legitimação e o processo de categorização social. *Veredas*, 1: 16-31, 2011.
- FARIA, E. L. Jogo de corpo, corpo do jogo: futebol e masculinidade. *Cadernos de Campo*, São Paulo, 18: 1-352, 2009.
- FEAGIN, J. R. (2006). *Systemic racism: a theory of oppression*. New York, Routledge/Taylor & Francis Group.
- FELIPPI, A. C. T. *Jornalismo e identidade cultural: construção da identidade gaúcha em Zero Hora*. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Porto Alegre, 2006.
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. 2 vols. São Paulo, Ática, 1978.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERRARI, N. L. *A conceptualização da corrupção no discurso político: construção referencial e mobilização de frames nos debates presidenciais brasileiros de 2014*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2018.
- FERREIRA, A. S. S. *Xingamento ou preconceito? Um estudo sobre o preconceito racial no futebol brasileiro*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- FILLMORE, C. J. (1982) Frame Semantics. In: The Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin.
- _____. (1985) Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, 6(2): 222-254.
- _____; BAKER, C. (2011) A frames approach to semantic analysis. In Bernd Heine and Heiko Narrog. *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford University Press.

- FLORES, N.; ROSA, J. (2015) Undoing Appropriateness: Raciolinguistic Ideologies and Language Diversity in Education. *Harvard Educational Review*, 85(2).
- FONTOURA, M. C. L. Tirando a vovó e o vovô do armário. In: DIAS, G. R. M.; JUNIOR, P. R. F. T. *Heteroidentificação e cotas raciais: dúvidas, metodologias e procedimentos*. Canoas: IFRS Campus Canoas, 2018.
- FRASSON, R. M. D. *A intertextualidade como recurso de argumentação*. Letras, jul./dez. 1992.
- FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, Maia e Schmidt Ltda., 1933.
- GARAY, A.; ÍÑIGUEZ, L.; MARTINEZ, L. M. La Perspectiva Discursiva en Psicología Social. In: *Subjetividad y Procesos Cognitivos*. Uces, 2005.
- GEERAERTZ, D.; GRONDELAERS, S. (1995). Looking back at anger. Cultural traditions and metaphorical patterns. In John Taylor & Robert E. MacLaury (eds.), *Language and the Construal of the World* 153-180. Berlin: Mouton de Gruyter.
- GERSZON, V. R. S. *A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal: os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e IstoÉ*. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. Porto Alegre, RS, 2007.
- GIROUX, H. A. Por uma pedagogia e política da branquidade. *Cadernos de Pesquisa*, 107:97-134, jul./1999 [1997].
- GLENN, E. N. (Ed.) *Shades of Difference: Why Skin Color Matters*. California: Stanford University Press, 2009.
- GOFFMAN, E. (1963). *Stigma: notes on the management of spoiled identity*. Prentice-Hall, Inc. Englewood Cliffs, N.J.
- _____. (1974). *Frame analysis*. New York: Harper & Row.
- _____. (1981). *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1979].
- GOODMAN, S. (2014) Developing an understanding of race talk. *Social and Personality Psychology Compass* 8 (4), 147-155.
- GOULD, S. J. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991 [1981].
- GRAUMANN, Carl Friedrich. Perspektivität In Kognition und Sprache, in: *SPIEL*, 12, 4.2: 156-157, 1993.

- _____; SOMMER, C. M. (1989) Perspective structure in language production and comprehension. In: GRAUMANN, C.; HERRMANN, T. *Speakers: the role of the listener*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 1989.
- _____; KALLMEYER, W. (Eds.). (2002). *Perspectivity and perspectivation in Discourse*. Amsterdam: Benjamins.
- GRÉSILLON, A. ; MAINGUENEAU, D. (1984) Polyphonic, proverbe et détournement. *Languages*, 73:112-125.
- GUIMARÃES, A. S. A. *Racismo e antirracismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: 34, 2009 [1999].
- _____. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: 34, 2002.
- _____. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, 47(1), 2004.
- _____. Entre o medo de fraudes e o fantasma das raças. *Horiz. antropol.*, 11(23), Porto Alegre, jan./jun. 2005.
- HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.
- HARRIS, J. E. A diáspora africana no Antigo e no Novo Mundo. In: OGOT, B. A. *História Geral da África*. África do século XVI ao XVIII, Vol. V. Brasília: UNESCO, 2010.
- HASENBALG, C. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. 2. ed. Humanitas, 2005 [1980].
- HOLLANDA, B. B. Macaco, o totem do Brasil? *Folha de S. Paulo*, 3 mai. 2014. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,macaco-o-totem-do-brasil,1161862>. Acesso em 23 abr. 2014.
- hooks, b. Linguagem: ensinar novas paisagens/ novas linguagens. *Estudos Feministas*, 16(3):424.
- HOUGAARD, A.; OAKLEY, T. (2008). *Mental Spaces in Discourse and Interaction*. Amsterdam: John Benjamins.
- IANNI, O. *Raças e classes sociais no Brasil*. 3. ed. rev. e amp. São Paulo: Brasiliense, 2004 [1972].
- IASBECK, L. C. A. *A arte dos slogans: as técnicas de construção das frases de efeito do texto publicitário*. São Paulo: AnnaBlume; Brasília: Upis, 2002.
- IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2011.

- INIKORI, J. E. A África na história do mundo: o tráfico de escravos a partir da África e a emergência de uma ordem econômica no Atlântico. In: OGOT, B. A. *História Geral da África*. África do século XVI ao XVIII, Vol. V. Brasília: UNESCO, 2010.
- ISHIKAWA, C. M. L.; MIRANDA, N. S. M. Construindo um Pacto Social em sala de aula de Língua Portuguesa. *Letras & Letras*, 3(1): 70-92, jan./jul. 2017.
- ITO, L. de L. Charlie Hebdo: A repercussão ampliada em memes e hashtags. In ROMANCINI, R.; LOPES, M. I. V. de (Org.). *Anais do XIV congresso Ibero-Americano de comunicação IBERCOM 2015: Comunicação, cultura e mídias sociais*. São Paulo: ECA-USP, 3321-3331, 2015.
- JAMES, W.; HARRIS, C. (1993) *Inside Babylon: The Caribbean Diaspora in Britain*. London; New York: Verso.
- JESUS, C. M. de. Branquitude x branquidade: uma análise conceitual do ser branco. *III Encontro Baiano de Estudos em Cultura*, Cachoeira (BA), 2012. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/05/Branquitude-x-branquidade-uma-ana-%C3%83%C3%85lise-conceitual-do-ser-branco-.pdf>. Acesso em 26 jun. 2019.
- JIWANI, Y. (2006) *Discourses of denial: mediations of race, gender and violence*. Vancouver/Toronto, UBC Press.
- _____; RICHARDSON, J. E. (2011). Discourse, ethnicity and racism. In VAN DIJK, T. A. (ed.). *Discourse studies: a multidisciplinary introduction*. 2. ed. Sage.
- JUSTIÇA FEDERAL. *A imagem da Justiça Federal na imagem escrita*. Disponível em: <http://www.cjp.gov.br/revista/seriepesq02.htm>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- KAMEL, A. *Não somos racistas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- KOCH, I. V. Linguagem e Cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas*, 6(1): 29-42, jan/jun, 2002.
- _____. *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo, Cortez, 2002.
- _____. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____, MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. (orgs.). *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (orgs.). *Introdução à Linguística*, vol. II. São Paulo: Cortez, 2005.

- KÖVECSES, Z. (2006) *Language, Mind, and Culture: A Practical Introduction*. Oxford and New York: Oxford University Press.
- _____. (2010) *Metaphor: a practical introduction*. Oxford, Oxford University Press.
- KOIKE, D.; BENTES, A. C. *Tweetstorms* e processos de (des)legitimação social na administração Trump. *Cad. Cedes*, Campinas, 38(105):139-158, 2018.
- LAKOFF, G. (2004) *Don't Think of an Elephant!:* know your values and frame the debate. Vermont: Chelsea Green Publishing.
- LARA, S. H. *Fragmentos Setecentistas*. Escravidão, cultura e poder na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LEACH, C. W. (2005). Against the notion of a "new racism". *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 15, 432-445.
- LIMA, R. J. P. *Perspectivação social no Centro de Convivência e Afásicos do IEL-UNICAMP*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2014.
- LOBÃO, A. Maioria dos casos de racismo no futebol brasileiro ainda fica impune. *Brasil de Fato*. Rio de Janeiro (RJ), 31 ago. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/08/31/maioria-dos-casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro-ainda-fica-impune/>.
- MACHADO, F. L. Os novos nomes do racismo: especificação ou inflação conceptual? *Sociologia, Problemas e Práticas*, 33, 2000.
- MAINIERI, T.; MENDONÇA, R. A Internet como espaço de mobilização: a marca Use Huck e a apropriação da campanha “Somos Todos Macacos”. *Comunicação & Informação*, 17(2), 2014.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de Texto: o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Série Debates 1, 1983.
- _____; KOCH, I. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, Â. C. S. (Org.). *Gramática do português falado: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 8: 31-56, 2002.
- _____. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, 48(1): 7-22, 2006.
- _____. A ação dos verbos introdutórios de opinião. In: MARCUSCHI, L. A. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- _____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b.

- _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARTINS, E. F. M. *Frames neoliberais na retórica neopentecostal: aspectos referenciais e sociocognitivos*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2015.
- MATTOS, H. Prefácio. In: COOPER, F., SCOTT, R. e HOLT, T. *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- MENDES, L. D. da S. *O macaco, a banana e o preconceito racial: um estudo sobre a metáfora no discurso*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, 2016.
- MENEGALDO, K. Progressão referencial entre textos na cobertura jornalística contínua. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2016.
- MIRANDA, N. S.; BERNARDO, F. Frames, discurso e valores. *Caderno de Estudos Linguísticos*, 59(1), 2013.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 [1995].
- MOORE, C. *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- MORAES, C. A. *Edição de fotografia no jornal Zero Hora: entre a produção, a recepção e o produto*. Dissertação (mestrado). Ciências da Comunicação. UNISINOS, 2007.
- MORATO, E. M. *Linguagem e cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. Campinas: Plexus, 1996.
- _____. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, (41): 55-74, Jul./Dez. 2001.
- _____ et al. *Sobre as afasias e os afásicos: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (Universidade Estadual de Campinas)*. Campinas: Unicamp, 2002.
- _____; BENTES, A.C. Das intervenções de Bourdieu no campo da linguística: reflexões sobre competência e língua legítima. *Horizontes*, 20: 31-48, 2002.

- _____. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. Aportes do ponto de vista sociocognitivo às ações terapêuticas: a experiência do Centro de Convivência de Afásicos (CCA-Unicamp). In: SANTANA, A. P.; BERBERIAN, A. P.; GUARINELLO, A. C.; MASSI, G. (orgs.). *Abordagens grupais em Fonoaudiologia: contextos e aplicações*. São Paulo: Plexus, 2007.
- _____. A noção de *frame* no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê: Letras e cognição, 41: 93-113, 2010.
- _____. Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 47(1): 45-54, jan./mar. 2012.
- _____ *et al.* Processos implícitos, contextuais e multimodais na construção referencial em conversações entre afásicos e não afásicos: relato de pesquisa. *Linguagem em Discurso*, 12(3): 711-742, 2012.
- _____; BENTES, A. C. *Frames* em jogo na construção discursiva e interativa da referência. *Caderno de Estudos Linguísticos*, 55(1), 2013.
- _____. O papel dos *frames* na construção referencial e no desenvolvimento do tópico discursivo. *62º Seminário do GEL*. Campinas, Unicamp, 2014.
- _____. Das relações entre linguagem, cognição e interação - algumas implicações para o campo da saúde. *Linguagem em (Dis)curso*, 16(3): 575-590, 2016.
- _____ *et al.* O papel dos *frames* na organização do tópico discursivo e na coesividade comunicacional na interação entre afásicos e não afásicos. *Caderno de Estudos Linguísticos*, 59(1), 2017.
- _____. Linguística Textual e Cognição. In: SOUZA, E. R. F.; PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez, 2017.
- _____; BENTES, A. C. “O mundo tá chato”: algumas notas sobre a dimensão sociocognitiva do politicamente correto na linguagem. *Revista da USP*, 115: 11-28, out./nov./dez. 2017.
- _____. Processos de (des)legitimação linguístico-cognitiva: notas sobre o campo das patologias. *Cad. CEDES* [online], 38(105):159-178, 2018.
- MOREIRA, F. B. *Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das ‘características substantivas’ das notícias nos jornais Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo e O Globo*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006.

- MOTA, C. M. L.; ALMEIDA, P. H. S. de. Redes sociais e identidade nacional: a força de um gesto. *Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 1(28), 2015.
- MOTTER, P. *The role of the media in educational policy formulation and legitimation in Brazil: 1995-2008*. Universidade do Wisconsin-Madison, 2008.
- MOURA, C. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.
- MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo Identidade e Etnia. 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ. 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em 01 nov. 2016.
- _____. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. *REVISTA USP*, São Paulo, 68:46-57, dez./fev., 2006.
- MUNIZ, K. *Linguagem e identificação: uma contribuição para o debate sobre ações afirmativas para negros no Brasil*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2009.
- _____. Ainda sobre a possibilidade de uma linguística “crítica”: performatividade, política e identificação racial no Brasil. *D.E.L.T.A.*, 32(3): 767-786, 2016.
- NASCIMENTO, G. X. da C. Os perigos dos Negros Brancos: cultura mulata, classe e beleza eugênica no pós-emancipação (EUA, 1900-1920). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 35(69): 155-176, 2015.
- NEHER, C. Futebol, racismo e o mito da "democracia racial". *Deutsche Welle*, 02 set. 2014. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/futebol-racismo-e-o-mito-da-democracia-racial/a-17895600>. Acesso em 04 jul. 2018.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- _____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- OLIVEIRA, T. “Aí paramos na minha afta, né?": enquadres interacionais e gerenciamento de tópicos na conversa cotidiana/institucional. *ReVEL*, 7(13), 2009.
- PARINTINS LIMA, R. J. Frames em interação e indicialidade social de gênero em entrevistas com Laerte Coutinho. *Veredas*, 22(2): 37-57, 2018.
- PAIVA, V. M. Metáforas Negras. In: PAIVA, V. M. (Org.). *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: UFMG, 105-119, 1998.

- PEREIRA, C. Relações raciais no Brasil contemporâneo. In: PEREIRA, C.; VIANA, N. (orgs.). *Capitalismo e questão racial*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2009.
- PEREIRA, D. D. da S. *Funcionamento discursivo das hashtags: um olhar para a #somostodos*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2018.
- PERRINO, S. (2017) Recontextualizing racialized stories on YouTube. *Narrative Inquiry* 27(2): 261-285.
- PIRES, B. No futebol, a face mais explícita do racismo que “faz parte do jogo”. *El País*. 20 nov. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/16/deportes/1510857476_990270.html.
- PIRES, F. B.; WEBER, M. H. Somos Todos Macacos e todos mestiços: visibilidade e naturalização do racismo. *ECO-Pós*, dossiê Racismo, 21(3), 2018.
- PISCITELLI, A. “Sexo tropical”: comentários sobre gênero e “raça” em alguns textos da mídia brasileira. *Cadernos Pagu* (6/7), Campinas-SP, Núcleo de Estudos do Gênero - Pagu/Unicamp, 9-34, 1996.
- POLLOCK, M. (2004). *Colormute: race talk dilemmas in an American school*. Princeton, Princeton University Press.
- PRADO, L. F.; AQUINO, R. #Somos Todos Macacos: olhares sobre socialidades e engajamentos nas redes sociais. *COMUNICON 2015*, Congresso Internacional Comunicação e Consumo, 2015.
- PUENTE, R. L. *As Metáforas Negras na Bíblia*. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
- REGINALDO, L. Racismo e naturalização das desigualdades: uma perspectiva histórica. *Jornal da Unicamp*. 21 nov. 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/racismo-e-naturalizacao-das-desigualdades-uma-perspectiva-historica>. Acesso em: 22 nov. 2018.
- REUTER, E. B. (1918) *The Mulatto in the United States*. Boston: R. G. Badger.
- RIBEIRO, B. T.; HOYLE, S. M. Frame analysis. In: PEREIRA, M. das G. D. (org.). *Interação e discurso: estudos na perspectiva da Sociolinguística Interacional/áreas de interface*. *Palavra*, 8, 2002.
- RICHARDSON, J.E.; WODAK, R. (2009) The impact of visual racism: visual arguments in political leaflets of Austrian and British far-right parties. *Controversia*, 6(2).

- RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: abordagem de Bakthin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; ROTH, D. M. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- RODRIGUES, S. *Racismo, a palavra, nasceu no século 20*. 2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/curiosidades-etimologicas/racismo-a-palavra-nasceu-no-seculo-20/>. Acesso em: 05 de agosto de 2017.
- ROSA, J. (2016) Racializing language, regimenting Latinas/os: Chronotope, social tense, and American raciolinguistic futures. *Language & Communication*, 46:106–117.
- _____; FLORES, N. (2017) Unsettling race and language: Toward a raciolinguistic perspective. *Language and Society*, 46(5):621-647.
- SALOMÃO, M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas: revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, 3(1): 61-79, 1999.
- _____. Razão, Realismo e Verdade: o que nos Ensina o Estudo Sociocognitivo da Referência. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. Entrevista com Margarida Salomão. LEITE, J.E.R.; FALCONE, K. *Revista Investigações*, 23(2): 193-203, 2010.
- SANDIG, B. Sprachliche Perspektivierung und perspektivierende Stile. *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, 102:36-63, 1996.
- SANTANA, G. C.; BONINI, L. M. M.; PRADOS, R. M. N. Somos todos macacos ou bananas? Análise semiótica do discurso étnico-racial contemporâneo. *REGIT*, Fatec-Itaquaquecetuba, SP, 7(1): 39-55, 2017.
- SANTOS, J. S. *Questão social: particularidades no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2012.
- SANTOS, T. C. A Campanha #somostodosmacacos de Neymar: uma reflexão sobre o racismo no futebol. *COMUNICON 2014*, Congresso Internacional Comunicação e Consumo, 2014.
- SHARIFIAN, F. *Cultural conceptualisations and language : theoretical framework and applications*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.
- SILVA, L. H. O. *Construindo uma nova vida: migrantes paulistas afro-descendentes na cidade do Rio de Janeiro (1888-1926)*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.
- SILVA, C. A. F.; VOTRE, S. J. *Racismo no futebol*. Rio de Janeiro: HP Comunicações, 2006.
- _____; VOTRE, S. J. Futebol, imaginário e mídia: as metáforas da discriminação no futebol brasileiro. *Educação MultiRio*, 2007.

- SILVA, P. V. B. da; ROSEMBERG, F. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: VAN DIJK, T. A. *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2015.
- SIMAN, J. H. *Os frames de Doença de Alzheimer*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2015.
- SMITHERMAN, G. (1977) *Talkin & Testifyin: The Language of Black America*. Detroit: Wayne State University Press. Republished: Boston: Houghton Mifflin, 1986.
- _____. (1994) *Black Talk: Words and Phrases from the Hood to the Amen Corner*. Boston/New York: Houghton Mifflin. Republished in 2000.
- STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005 [1991].
- SOUZA, E. R. F.; GONÇALVES, C. A. Linguística Textual e Morfologia. In: SOUZA, E. R. F.; PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez, 2017.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- SWEET, James H. (1997) The Iberian Roots of American Racist Thought. *William and Mary Quarterly*. 54:, 143-166, jan. 1997.
- TAJFEL, H. (1974) Social identity and intergroup behavior. *Soc. Sci. Inf.*, 13:65-93, 1974.
- _____. (1981) *Human Groups and Social Categories*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1982) Social Psychology of intergroup relations. *An. Rev. Psychol.*, 33:1-39.
- TELLES, E. E. Cor da Pele e Segregação Residencial no Brasil. *Estudos AfroAsiáticos*, Rio de Janeiro, (24): 5-22, 1993.
- TEN THIJE, J. D. (2006) Notions of perspective and perspectivising in intercultural communication research. In: K. Bührig / J.D. ten Thije (Eds.) *Beyond Misunderstanding. The linguistic analysis of intercultural communication*. Amsterdam: Benjamins, 97-153.
- TOMASELLO, M. (2014) *A natural history of human thinking*. Harvard University Press.
- VALA, J.; BRITO, R.; LOPES, D. *Expressões dos Racismos em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1999.
- VAN DEN BERG, H. et al. (2003) *Analyzing race talk: multidisciplinary perspectives on research interview*. New York, University Cambridge Press.
- VAN DIJK, T. A. (1988) *News Analysis. Case studies of international and national news in the press*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.

- _____. (1989) Mediating racism: the role of the media in the reproduction of racism. In WODAK, Ruth (ed.). *Language, Power and Ideology: studies in political discourse*. University of Amsterdam.
- _____. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. (2009) Critical Discourse Studies: a sociocognitive approach. In *Methods for Critical Discourse Analysis*, ed. by Ruth Wodak & Michael Meyer, 62-86, London: Sage.
- _____. (2011) *Discourse studies: a multidisciplinary introduction*. 2. ed. Sage, 2011.
- _____. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012 (2008).
- _____. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. (2014) Discourse-Cognition-Society: current state and prospects of the socio-cognitive approach to discourse. In Christopher Hart & Piotr Cap (Eds). *Contemporary Studies in Critical Discourse Analysis*, pp. 121-146. London; Bloomsbury.
- _____. (org.) *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2015.
- _____. (2015b) Critical Discourse Analysis. The Handbook of Discourse Analysis, Second Edition. Edited by Deborah Tannen, Heidi E. Hamilton, and Deborah Schiffrin, John Wiley & Sons, Inc.
- _____. Ideologia. *Letras de Hoje*, 50, n. esp. (supl.): 53-61, dez. 2015c.
- _____. Estudos multidisciplinares do discurso. In: SOUZA, E. R. F.; PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez, 2017.
- _____. Movimentos sociais, frames e cognição: uma revisão crítica. *Investigação*, 30(2): 174-219, 2017b.
- VEREZA, S. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 55(1), 2013.
- _____; PUENTE, Raquel. Embodied cognition in ‘black metaphors’: the BAD IS DARK metaphor in biblical texts. *Signo*, 42(75), 2017.
- WAGLEY, C. (Ed.) (1952) *Race and class in rural Brazil*. Paris: Unesco.
- WALKER, A. (1982) *In search of our mothers’ garden*. Harcourt Brace Jovanovich.
- WALSH, K. C. (2007). *Talking about Race: Community Dialogues and the Politics of Difference*. Chicago and London, University of Chicago Press.

- WHITEHEAD, K. A. (2018). Discursive approaches to race and racism. In H. Giles, & J. Harwood (Eds.) *The Oxford Encyclopedia of Intergroup Communication* (pp. 324-339). New York: Oxford University Press. Disponível em: <https://escholarship.org/content/qt09n8d4v8/qt09n8d4v8.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2019.
- WILDER, J. (2008) *Everyday colorism in the lives of young black women: revisiting the continuing significance of an old phenomenon in a new generation*. Dissertation, Graduate school, Doctor of Philosophy, University of Florida.
- WOODSON, C. G. (1934) *The Negro Professional Man and the Community*. Washington, D.C.: Association for the Study of Negro Life and History, Inc.
- WRIGHT, K. E. "The Reflection and Reification of Racialized Language in Popular Media" (2017). *Theses and Dissertations--Linguistics*. 18. Disponível em: https://uknowledge.uky.edu/lt_etds/18. Acesso em 20 jul. 2019.
- _____. (2018) Covert Segregation Dialect Discrimination in the Housing Market. *National Council for Black Studies*, Atlanta, 2018. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/9b0118_37d33c820fcf43238eace316e930a7b8.pdf. Acesso em 20 jul. 2019.
- _____. (2018b) Eye-Tracking for Change: Investigating Institutionalized Racism through the Semantic Enregisterment of Racialized Adjectives. *Linguistic Society of America Annual Meeting 2018*. Disponível em: <https://kellywright5.wixsite.com/raciolinguistics/recent-publications>. Acesso em 20 jul. 2019.
- XAVIER, F. L. A. *Jornadas referenciais: a construção de um objeto de discurso em editoriais da Folha de S. Paulo durante as manifestações de junho de 2013*. 149 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. 2018.
- ZAPPAVIGNA, M. (2011). Ambient affiliation: A linguistic perspective on Twitter. *New Media & Society* 13(5):788–806.
- _____. (2015) Searchable talk: the linguistic functions of hashtags. *Social Semiotics*, 25(3):1-18.
- ZUÑIGA, J.-P. (1999) La voix du sang. Du métis à l'idée de métissage en Amérique espagnole. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 54(2): 425-452.

Apêndice

1. Expressões referenciais encontradas no *corpus*

Observação: em itálico, destacamos as expressões referenciais consideradas como ligadas textual e sociocognitivamente à categoria *negros/afrodescendentes/africanos*.

1.1. T1

Elementos do <i>frame</i> Racismo	Vítima do racismo	Agente do racismo	Racismo
Expressões referenciais:	<i>jogadores negros</i>	a Europa	enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa
	<i>Daniel Alves</i>	os próprios europeus	a discriminação nos campos de futebol
	<i>Neymar</i>	países que se consideram “brancos e civilizados”	a extensão da vida cotidiana em países que se consideram “brancos e civilizados”
	<i>negros</i>	A Europa “civilizada”	a escravidão
	<i>“bárbaros”</i>	a Europa “civilizada”	seu corolário
	<i>as populações nativas</i>	servos da gleba europeus	a discriminação
	<i>Africanos</i>	o solitário Hegel	a redução dos negros a “bárbaros”
	<i>Animais</i>	A França “emancipada” por sua revolução	dominação colonial
	<i>Escravos</i>	a Europa “civilizada”	a escravidão que essa mesma Europa praticava
	<i>milhões de pessoas</i>	seu Estado de bem estar sócia	a dominação da França “emancipada” por sua revolução
	os imigrantes	Europa “civilizada”	abandono
	o Brasil	Ministério de Relações Exteriores da Alemanha	O racismo
	um país de “cobras, tigres, macacos”	os adeptos do neoliberalismo	O racismo
	“um país de alto risco”	a Europa	uma campanha discriminatória contra o Brasil
	o Brasil	-	-
	vários outros países da América Latina	-	-
	a região do mundo que se contrapõe aos descaminhos que a Europa assume	-	-
Total	17	14	14
		45	

1.2. T2

Elementos de <i>frame</i>	Reação ao racismo	Racismo	Vítima do racismo
Expressões referenciais:	A reação	uma provocação racista	<i>Daniel Alves</i>
	uma foto segurando uma banana com a hashtag “somostodosmacacos”	uma banana	<i>Neymar</i>
	O protesto	[somostodos] macacos	<i>negros</i>
	a adesão de famosos	[ser chamados de] macacos	<i>pardos</i>
	Chamar uma pessoa de cor de macaco	Chamar uma pessoa de cor de macaco	<i>uma pessoa de cor</i>
	um dos xingamentos mais comuns e cruéis	um dos xingamentos mais comuns e cruéis	<i>o negro</i>
	aludir a um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva	um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva	[os] humanos
	Admitir que “somos todos macacos”	Primatas	os humanos
	uma defesa equivocada e perigosa	o racismo	<i>Negros</i>
	o movimento “Somos todos macacos”	as ofensas	-
	A sacada de Neymar	o racismo no futebol	-
	uma resposta pronta	o racismo	-
	[a] campanha	a ofensa	-
	A imagem promocional	o problema do racismo	-
	dar de ombros para o racismo	a questão racial	-
	achar que a melhor saída é ignorar a ofensa	Racismo	-
	hashtags artificiais	uma coisa de idiotas que estão lá do outro lado do mundo	-
	famosos forçando semblante indignado no Instagram	-	-
	a tal campanha	-	-
	Total	19	17
		45	

1.3.T3

Elementos do <i>frame</i> Racismo	Racismo	Reação ao racismo	Vítima do racismo
Expressões referenciais	[contra] o racismo	Bananas	<i>Neymar</i>
	bananas	Macacos	<i>Daniel Alves</i>
	macacos	foto de Neymar em apoio a Daniel Alves	<i>Ota Benga</i>
	Zoológico do Bronx	o craque Neymar com seu filho no colo e duas bananas	<i>o craque Neymar com seu filho no colo</i>
	duas bananas	apoio a Daniel Alves	<i>Daniel Alves</i>
	[a]o racismo	repulsa ao racismo no mundo do futebol	<i>[d]o pigmeu Ota Benga</i>
	exibição [do pigmeu Ota Benga] junto a macacos no zoológico do Bronx, Nova York, em 1906	a reação de Daniel Alves ao comer a banana jogada ao campo	<i>Ota</i>
	sua exibição em um zoológico americano	A comparação entre negros e macacos	sua exibição em um zoológico americano
	um exemplo do que os cientistas da época proclamaram ser uma raça evolucionária inferior ao ser humano	[d]a utilização da figura do macaco como uma ofensa	<i>um exemplo do que os cientistas da época proclamaram ser uma raça evolucionária inferior ao ser humano</i>
	A história de Ota	um insulto aos negros	<i>[A história de] Ota</i>
	crenças sobre a supremacia racial ariana defendida por Hitler	“O macaco como insulto [...]” (James Bradley)	<i>negros</i>
	A comparação entre negros e macacos	“[...] uma ideia racista” (James Bradley)	<i>[a]os negros</i>
	a gravidade da utilização da figura do macaco como uma ofensa	“[...] [d]o uso do macaco como insulto” (James Bradley)	essa forte história ¹⁷³
	um insulto aos negros	uso dessa expressão ou ideia como ferramenta de combate ao racismo	<i>querido Neymar</i>
	essa forte história	a reação de Daniel Alves ao comer a banana jogada ao campo	<i>Daniel Alves</i>
	“O macaco como insulto” (James	outra coisa	<i>Daniel</i>

¹⁷³ A inclusão dessa expressão nessa coluna se justifica pela sua contribuição na progressão referencial ligada ao referente “Ota Benga”.

Bradley)		
“uma curta história de uma ideia racista” (James Bradley)	a campanha de apoio a Daniel e de denúncia ao racismo, promovida por Neymar	<i>Neymar</i>
“o desaparecimento do uso do macaco como insulto” (James Bradley)	Ironia?	a maioria dos que atingem grande sucesso
macacos	Forma de protesto?	Os “fora de série”
“[d]essa expressão ou ideia” (James Bradley)	Inteligência?	estrelas
a banana jogada ao campo	“mudar” [DA]	aqueles que conseguem combinar genialidade esportiva e alguma coisa na cabeça
evidente e corriqueiro ato racista por parte da torcida	“rir desses retardados” [DA]	<i>Daniel</i>
[a]o racismo	uma postura	<i>Daniel</i>
racismo	uma reação objetiva ao racismo	<i>esses meninos</i>
a mesma coisa na Espanha	ignorar e rir	<i>negros</i>
[a]o racismo	o melhor – e mais confortável, a se fazer	<i>Daniel Alves, Neymar, Dante, Balotelli</i>
jogar bananas à vontade	ignorar e rir	outros tantos jogadores de alto nível e salários
O racismo	fazer piada	[d]o ator Vinícius
“problema”	olhar para esses idiotas racistas e dizer: sou rico, seu babaca! Sou famoso! Tenho 5 Ferraris, idiota! Pode jogar bananas à vontade!	<i>Amarildo</i>
o efeito do racismo	sua reação	<i>seus corpos</i>
as bananas	sua reação	<i>Cláudia</i>
[d]as bananas	comer a banana de dinamite	<i>corpos jogados</i>
a banana de dinamite	chupar as balas dos fuzis	<i>refugiados em algum país cordial</i>
as balas dos fuzis	descascar a bainha das facas	<i>Haitianos</i>
a bainha das facas	parafrasear Daniel, na invertida: “Não tem que ser assim! Nós	sua reação

	precisamos mudar! Convivemos há 500 anos com a mesma coisa no Brasil. Temos que acabar com esses racistas retardados, especialmente os de farda e gravata”.	
[n]um cacho de bananas	sua maneira de rechaçar o racismo	sua reação
macaco	uma jogada de marketing [?]	<i>nós, negras e negros brasileiros e de todo o mundo</i>
o racismo	apenas boa vontade?	<i>Neymar</i>
a violência	devorar da banana	<i>gênio da bola</i>
a pobreza	fotos empunhando a saborosa fruta	<i>da maior parte da população</i>
pressupostos para a vida da maior parte da população	a comparação de uma pessoa negra a um macaco	<i>negra</i>
o “devorar da banana”	a comparação de uma pessoa negra a um macaco	<i>Querido Neymar</i>
a comparação de uma pessoa negra a um macaco	Banana	<i>uma pessoa negra</i>
algo culturalmente ofensivo	Esse tipo de postura e reação despolitizadas e alienantes de esportistas, artistas, formadores de opinião e governantes	<i>negro</i>
Banana	escamotear seu real significado do racismo	<i>o alvo</i>
o racismo	banana	<i>o genocídio negro</i>
o alvo	os macacos	<i>Negros</i>
um macaco	associar a origens	-
racismo no Brasil e no mundo	dizer que #SomosTodosNegros	-
O racismo	dizer #SomosTodosDeÁfrica	-
uma escalada assombrosa da violência racista	lembrar que é de África que viemos, todos e de todas as cores	-
[d]o racismo	-	-
bananas em campo de	-	-

	futebol		
	o genocídio negro	-	-
	banana	-	-
	os macacos	-	-
	[d]os Macacos	-	-
	o racismo	-	-
	todas as suas formas	-	-
	uma estupidez incompatível com a própria evolução humana	-	-
	“o zoológico” (Racionais MC’s)	-	-
	bananas	-	-
	macacos	-	-
Total	62	51	47
		160	

1.4. T4

Elemento do <i>frame</i> Racismo	Racismo	Reação ao racismo	Vítima do racismo
Expressões referenciais:	Macacos	Sagaz a atitude de Daniel Alves ao comer a banana atirada por torcedores racistas na Espanha	<i>Daniel Alves</i>
	o racismo	Admirável também o apoio de seu companheiro Neymar	<i>seu companheiro Neymar</i>
	[d]a realidade que o cerca e o oprime por causa de sua cor	[n]a campanha lançada por Neymar, com fotos e vídeo nas redes sociais	<i>Dois jogadores da expressão de Daniel Alves e Neymar, admirados tanto na seleção quanto no Barcelona</i>
	Macacos	O mote [da campanha]	<i>um ídolo negro que tome partido</i>
	atos de racismo	não levar atos de racismo tão a sério	<i>Tinga, do Cruzeiro</i>
	banalizar a discriminação racial	brincar com o preconceito até que o agressor se canse das ofensas	<i>o árbitro Márcio Chagas</i>
	macaco	banalizar a discriminação racial	<i>vítima de racismo no Rio Grande do Sul [o</i>

		<i>árbitro Márcio Chagas]</i>
macacos	O troco de Daniel Alves	<i>Neymar</i>
ser chamado de macaco	um discurso forte e incisivo para complementá-lo [o ato de DA]	<i>Daniel Alves</i>
o estigma da segregação racial	protestar, sim, contra o racismo, a segregação, a discriminação racial	<i>Tinga</i>
aos grunhidos racistas que seguiram seus passos no Peru	Gritar com todas as vozes e instrumentos diante de atos asquerosos como os sofridos recentemente por Neymar, Daniel Alves, Tinga, Arouca e Márcio Chagas	<i>Arouca</i>
racismo	sanções severas a quem enxerga o negro como um estranho, um bicho, não como ser humano	<i>Márcio Chagas</i>
[d]o episódio	a ironia	<i>o negro como um estranho, um bicho, não como ser humano</i>
racismo	a luta contra mais de um século de menosprezo	<i>Neymar</i>
a segregação	Ignorar o preconceito	<i>craque</i>
o racismo	debochar da estupidez do torcedor que atira uma banana ao gramado	<i>Neymar</i>
a segregação	dar as costas ao nosso passado de escravidão	-
a discriminação racial	adotar uma postura combativa – de fato – ao racismo	-
atos asquerosos como os sofridos recentemente por Neymar, Daniel Alves, Tinga, Arouca e Márcio Chagas	reivindicar punição às autoridades do futebol	-
“o peso” do racismo	-	-
mais de um século de menosprezo	-	-
o preconceito	-	-
[d]a estupidez do	-	-

	torcedor que atira uma banana ao gramado		
	[a]o nosso passado de escravidão	-	-
	a discriminação que sofre em alguns campos da Europa	-	-
	o assunto	-	-
	[a]o racismo	-	-
Total:	27	19	16
		62	

1.5. T5

Elemento de <i>Frame</i>:	Racismo	Vítima do racismo	Reação ao racismo
Expressões referenciais:	bananas	<i>o Daniel Alves</i>	essas manifestações virtuais
	os próximos pecadinhos	<i>um negro</i>	hashtag
	bananas	<i>[d]o Daniel Alves</i>	as hashtags
	o jeito mais europeu de se ofender um negro	guaranikaiowa	As hashtags que unem pessoas em posts e tuitaços
	macacos	<i>claudia</i>	o próximo post de "mais amor por favor"
	macaco	<i>índios e negros</i>	essa onda de solidariedade em cápsula
	macaco que é macaco	<i>empregada</i>	a prova que agora atingimos o ponto ideal de evolução humana capaz de aceitarmos uns aos outros
	a sua espécie	amigos que...	essas manifestações virtuais
	humanos	<i>netos sarará</i>	esse meme todo
	esse lance de banana	<i>pretos</i>	a solidariedade virtual
	macacos	<i>um negro</i>	espetáculo para o grande público
	um paralelismo bem ruim entre esses três casos	[a]os jogadores	a hashtag
	Violências contra a mulher, contra índios e negros	<i>o ofendido</i>	o direito de se ofender com tudo isso também
	Os próximos pecadinhos	<i>o preto</i>	a discussão
	[d]o racismo	<i>O Daniel Alves</i>	frases de efeito
um crime	<i>[d]a ínfima minoria em</i>	umha branca pintada pela	

	<i>que o racismo, que infelizmente existe, não fere, não exclui, não mata</i>	paz
Macaco	<i>haitianos</i>	hashtag
um animal tão fofo	os fracos e as minorias	-
Quarto de empregada	aqueles seres distantes da sua realidade	-
racismo	<i>odançarinodoesquenta</i>	-
racismo	<i>vítimas negras da violência urbana</i>	-
o racismo no esporte	<i>O DG</i>	-
absurdos	<i>o negro de raça que responde a ofensa e marca o gol</i>	-
[n]as atitudes racistas embutidas na sua conduta diária	<i>figurante de global ainda sem estrela</i>	-
afirmações/atitudes assim	<i>milhares de outros jovens negros</i>	-
As provocações aos jogadores em campos europeus	vítimas da violência	-
um espectro [de racismo] muito diferente da vida real	<i>Policiais também negros, na sua maioria</i>	-
a sua arma	as pessoas	-
a banana	-	-
um vale tudo da barbárie	-	-
aquela paixão cega	-	-
o racismo	-	-
O racismo de opinião	-	-
[O racismo] de ofensa	-	-
racismo	-	-
sua realidade	-	-
o que está acontecendo com eles [os haitianos], aqui no nosso país hospitaleiro	-	-
[d]a violência urbana	-	-
a ofensa	-	-
[d]a violência	-	-
[d]a violência policial	-	-
o racismo	-	-
Total	42	17
	87	

1.6.T6

Elementos do frame Racismo:	Racismo	Ação contra o racismo	Vítima do racismo
Expressões referenciais:	uma manifestação racista	uma agenda positiva, capaz de assegurar a prevenção e não apenas a repressão da violência nos esportes	<i>do jogador Daniel Alves, do Barcelona</i>
	do ocorrido	Ação preventiva	<i>Daniel Alves</i>
	os episódios de insultos racistas nos estádios de futebol	atuação cotidiana	<i>O jogador Neymar</i>
	A propaganda nazista	[atuação] permanente	vítima de ato racista semelhante
	A violência verbal	[atuação] norteada para as causas do racismo e não apenas para seus efeitos	<i>os africanos escravizados</i>
	[A violência] simbólica	Um exemplo simples mas emblemático	judeus
	a redução do outro à condição animal	nossa resposta ao racismo!	-
	a violência física	-	-
	[a violência] sanguinária	-	-
	[a violência] genocida	-	-
	O núcleo duro da ideologia racista	-	-
	na falácia da hierarquização entre seres humanos	-	-
	Episódios como o insulto ao lateral Daniel Alves	-	-
Total	13	7	6
		26	

1.7.T7

Elemento do frame Racismo	Vítima do racismo	Reação ao racismo	Racismo
Expressões referenciais:	<i>Neymar</i>	Qualquer manifestação que diminua o impacto de atitudes racistas	o impacto de atitudes racistas
	<i>Neymar</i>	[d]a campanha lançada por Neymar	às atitudes racistas
	<i>ele mesmo</i>	a resposta do jogador mais famoso do Brasil às atitudes racistas que ele mesmo e muitos outros atletas têm sofrido em estádios pelo mundo afora	a banana atirada em Daniel Alves quando ele se preparava para bater um escanteio no jogo entre Villareal e Barcelona
	<i>muitos outros atletas</i>	A campanha de agora	a banana que lhe foi jogada
	<i>Daniel Alves</i>	[d]a campanha	da banana jogada
	<i>Neymar</i>	a foto de Neymar	a fruta
	seu filho	Coisa de agência de publicidade	atitudes preconceituosas por parte do público do futebol
	Davi Lucca	a foto	a mesma coisa na Espanha
	<i>Neymar</i>	a foto	uma atitude que infelizmente tem se tornado comum nos estádios uma atitude
	<i>Daniel Alves</i>	movimento	-
	<i>Neymar</i>	a campanha do Neymar	-
	<i>Jogadores agredidos por atos de racismo</i>	a campanha Somos Todos Macacos	-
	<i>Daniel Alves</i>	à campanha do Neymar	-
	<i>Daniel Alves</i>	à campanha antirracista	-
	<i>“Neymar” (Dilma Rousseff)</i>	o assunto	-
	<i>“Daniel Alves”</i>	uma simples pose gaiata na internet	-
	<i>Daniel Alves</i>	A sugestão levemente erótica da banana de Luciano Huck e Angélica, a banana nanica de Luan Santana, a banana explícita de Fred	-
	<i>Neymar</i>	os tipos de banana	-
	<i>Fred</i>	Qualquer manifestação que	-

	diminua o impacto de atitudes racistas		
	<i>Neymar</i>	-	-
Total	20	19	9
		48	

1.8.T8

Elemento de <i>Frame</i> :	Reação ao racismo	Racismo	Vítima de racismo
	Assumir	ao racismo	<i>Daniel Alves</i>
	O ato de Daniel Alves no jogo contra o Villarreal	o ato racista	<i>Neymar</i>
	um enfrentamento ao racismo	as iniciativas de jogar bananas no gramado e imitar o som de animais	<i>os negros</i>
	das paradas estratégicas de Guga Kuerten	o evolucionismo natural e depois social	<i>os negros</i>
	assumir que somos todos macacos	a escala de superioridade de civilizações, em função da cor da pele	-
	O argumento utilizado pela campanha lançada por Neymar, proposto por uma agência de publicidade	Essas lógicas	-
Expressões referenciais:	manutenção de um discurso de desumanização do negro, iniciado há quase 600 anos por pressupostos evolucionistas	-	-
	Comparar ao macaco, em cantos, bananas jogadas ou onomatopeias	-	-
	uma estratégia que mantém os negros como desumanizados, ou seja, incapazes de atender às demandas da chamada civilização ocidental principalmente no atual desenvolvimento do capitalismo que exclui essa relação de saber-poder	-	-
	Assumir	-	-

	A luta pelo direito à cidadania	-	-
Total	12	6	4
		22	

1.9.T9

Elementos do frame Racismo	Reação ao racismo	Racismo	Vítima do racismo
	[n]o calor do momento	“o racismo”	<i>O Neymar</i>
	O caso	[d]o racismo	<i>Neymar</i>
	[d]essa história	bananas em campo de futebol	<i>Neymar</i>
	a ideia	o genocídio negro	<i>Seu cliente</i>
	alguma coisa	“o problema” (Guga Ketzer)	<i>O garoto propaganda</i>
	essa ideia de que a melhor maneira de acabar com o preconceito	uma banana	<i>o jogador</i>
	Essa campanha	o racismo	<i>esse filho</i>
	Campanha que, aliás, Guga Ketzer tenta revestir de outro nome, mais palatável, chamando-a de “movimento”	racismo	<i>preto</i>
	a campanha criada pela agência	racismo	<i>Neymar</i>
Cadeias referenciais:	“Esse tipo de postura e reação despolitizadas de esportistas, artistas, formadores de opinião e governantes” (ativista Douglas Belchior)	um problema?	<i>Neymar</i>
	o mote	[pel]o assunto	<i>o Neymar</i>
	“Copa contra o Racismo e pela Paz”	racismo	<i>um jogador de futebol</i>
	a atitude de Neymar e de seu pai	o racismo	<i>movimento negro</i>
	[pel]a campanha	o racismo	<i>esse bando de negros incompetentes</i>
	um case de grande alcance	assunto para o qual me sinto melhor informada	<i>vítimas quase que diariamente</i>
	essa atitude despolitizada da agência de propaganda de Neymar comprada por milhares de pessoas a quem o racismo diz muito pouco, porque não os fere diretamente	presença de racismo	<i>muitos movimentos negros</i>
	“conceitos”	O que denunciávamos ali	<i>brasileiros</i>
	certezas assim, ditas por	“uma Ku Klux Klan no	<i>seus funcionários</i>

seu sócio e vice-presidente de criação	Brasil” (Monteiro Lobato)	<i>negros</i>
a moderníssima técnica de ridicularização da qual são [os negros] vítimas quase que diariamente	“uma Kux Klan” (Monteiro Lobato)	<i>“amigos negros” [enunciador genérico]</i>
uma maneira brasileira de lidar com isso	“[a]o Kux Klan” (Monteiro Lobato)	<i>população negra</i>
“uma coisa bonita” (empresário Guga Ketzer)	“uma defesa dessa ordem [Ku Klux Klan]” (Monteiro Lobato)	<i>boa parte dos movimentos negros</i>
“a nossa ideia” (Guga Ketzer)	o racismo presente em Tia Nastácia ser chamada de macaca de carvão	<i>a população negra</i>
esse discurso de engolir essa campanha	racismo os ataques racistas	<i>Douglas Belchior muitos brasileiros</i>
“a melhor maneira de acabar com o preconceito” (Guga Ketzer)	[n]a retomada da ideia de democracia racial	<i>alvo [de racismo] todos os dias</i>
“a ideia de criar um ícone para expressar isso” (Guga Ketzer)	O nosso bom e velho racismo	<i>os movimentos negros</i>
[d]esse conceito	racismo	<i>uns pretos realizando o trabalho de plantar, colher, recolher e comer. Fiscalizados, é claro, pelo Ministério da Agricultura</i>
o caso	crime	<i>os movimentos negros</i>
a ideia de que estão fazendo alguma coisa relevante e decisiva para a causa antirracista exibindo suas fotos comendo banana	[d]esse crime, perigoso e inaceitável	<i>negros</i>
uma atitude do patrão branco	um crime do qual muitos brasileiros são alvo todos os dias	<i>dos jogadores de basquete do Los Angeles Clippers</i>
[d]a ideia	Racismo no Brasil	<i>os jogadores de basquete do Los Angeles Clippers</i>
um trabalho interessante contra o racismo	crime (Inafiançável. Imprescritível.)	<i>os caras</i>
a campanha que estava sendo gestada	racismo	<i>Obama</i>
Ideias...	Crime!	<i>Obama</i>
essa campanha do Neymar, apoiada pela Dilma	[a]o racismo	-
“Copa contra o racismo” (Governo Federal)	Ku Klux Klan	-
[d]a campanha	o assunto	-

	um ícone racista	-
[n]essa jogada mercadológica da presidência e do Ministério dos Esportes	um ícone racista, usado por racistas para xingar negros de macacos	-
campanha	bananas atiradas em campo	-
A ideia que ouvimos nessa reunião, da presidenta Dilma	guinchos	-
o slogan da adotado será “Copa contra o racismo e pela paz”	trejeitos imitando macacos	-
a ideia de combater o racismo e proclamar a paz, através de vídeos com personalidades brasileiras e estrangeiras que seriam exibidos nos estádios, antes dos jogos	uma maneira de combater o racismo	-
a ideia de colocar jogadores em campo, carregando flâmulas e faixas contra o racismo e pela paz	camisetas estampadas com a suástica	-
A ideia de fazer algo contra o racismo durante a copa	símbolo impregnado de nazismo/racismo	-
Interesse [de Aldo Rebelo em fazer algo contra o racismo na Copa]	biscoitinhos em forma de suástica	-
ações contra o racismo	racismo contra judeus	-
a campanha	o racismo	-
oportunismo	a humilhação	-
birra	O que aconteceu em campo, com o Daniel Alves (a quem presto toda a minha solidariedade)	-
outro caso polêmico envolvendo Neymar e Alexandre Pires, no clip dos macacos	declarações racistas do dono do time [Los Angeles Clippers]	-
as recém-descobertas propriedades antirracistas das bananas	a atitude incrivelmente ofensiva e racista	-
uma campanha que, em vez de pedir punição para um crime do qual muitos brasileiros são alvo todos os dias, incentive o consumo de bananas	“o legado da escravidão e da segregação” (Barack Obama)	-
“resposta ousada e forte” (palavras dela no Twitter)	“os vestígios da discriminação” (Barack	-

	de se comer banana!	Obama)	
	essa estratégia	racismo	-
	a tecnologia inovadora	causas que nos são caras	-
	grande oportunidade de investimento!	o problema	-
	[d]essa campanha	-	-
	a camiseta	-	-
	a campanha	-	-
	[d]a campanha publicitária	-	-
	camisetas	-	-
	a camiseta	-	-
	“Camisetas do Bem”	-	-
	essa campanha que incentiva a impunidade de um crime	-	-
	uma banana justiceira	-	-
	essa campanha	-	-
	Essa campanha	-	-
	[n]um passe de mágica	-	-
	Esse pensamento mágico	-	-
	a melhor maneira de ressignificar esse símbolo e transformá-lo em seu contrário, apagando sua história e acabando com o racismo contra judeus? (Guga Ketzer)	-	-
	a atitude de, em vez de exigir punição, brincar de “engolir” a humilhação	-	-
	essa campanha infeliz	-	-
	um discurso um pouco mais consciente e consistente	-	-
	“as manifestações racistas que salientam nossa diversidade como uma força” (Barack Obama)	-	-
	essa campanha	-	-
Total	76	57	34
		167	

1.10. T10

Elementos do <i>frame</i> Racismo:	Racismo	Ação contra o racismo	Vítima do racismo
	Racismo	esse movimento antirracista	<i>o jogador brasileiro Daniel Alves</i>
	uma banana jogada por um torcedor espanhol	a cena	<i>[a]o lateral do time Catalão</i>
	o preconceito racial	esse ato simbólico	<i>Daniel Alves</i>
	uma banana	uma rede de mobilização contra o racismo, iniciada no próprio domingo com Neymar	o jogador brasileiro
	um cena corriqueira nos estádios europeus	uma foto	vítima
	o gesto de intolerância	o gesto	protagonista
	o preconceito	imagens de personalidades do Brasil e do mundo	<i>o atleta</i>
	o problema	[d]a hashtag ‘somos todos macacos’	<i>Neymar</i>
	o racismo	uma campanha de uma agência de publicidade	<i>seu colega de clube</i>
	preconceito	detalhe que pouco importa	<i>jogadores negros brasileiros</i>
	o ódio racial, velado ou não	uma ideia original e oportuna	<i>Daniel Alves</i>
	a intolerância	os esforços antirracistas	<i>Neymar</i>
	violações contra os direitos humanos	uma campanha contra o preconceito	os estrangeiros
	essas ações de intolerância	uma carta contra o racismo	<i>os negros</i>
	O racismo	tolerância zero contra o menos sinal de preconceito	<i>Daniel Alves</i>
	ofensa	essa mobilização	<i>“um negro” (secretário-executivo da SEPPIR Giovanni Harvey)</i>
	fruto de um discurso de intolerância que estão acostumados a ouvir fora de campo	um movimento global contra a intolerância	<i>“picolé de asfalto” (enunciador racista)</i>
	“desejos e valores compartilhados socialmente” (sociólogo	manifestações racistas e xenófobas	<i>“Um negro” (Giovanni Harvey)</i>

Expressões referenciais:

Maurício Murad)		
“A violência no futebol” (Maurício Murad)	as reações contrárias	“o jovem com cor de pele mais escura”
“esses excessos” (Maurício Murad)	Ações como as cotas para negros [...] louváveis	a população negra
“o lado mais bárbaro e não civilizado” (Maurício Murad)	a punição contra o Esportivo	muitos jogadores negros
o comportamento	multa de R\$30 mil	“treinadores negros” (historiador Marcel Tonini)
Atos racistas	sanções mais duras e padronizadas	[d]o negro
“A escravidão no Brasil” (historiador Joel Rufino dos Santos)	“atitude”	[d]o árbitro Márcio Chagas
“preconceito” (Joel Rufino dos Santos)	“uma faixa para o campo onde se lê ‘diga não ao racismo’” (Marcel Tonini)	Chagas
um aumento no número de denúncias no Brasil ano após ano	o exemplo da NBA	negros
os casos de intolerância	[a]s punições	o negro Barack Obama
uma situação de preconceito naturalizado	sua postura [da Fifa]	presidente dos Estados Unidos [o negro Barack Obama]
piada	suspensão ou expulsão	o líder do governo norteamericano
brincadeira	valores de multa	Daniel Alves
racismo cordial	“luta contra a discriminação” (Estatuto da Fifa)	os negros
a situação dos pretos e pardos no País	o texto do papa Francisco	a criança
desvantagem	“impacto real” (Joel Rufino dos Santos)	-
a desigualdade	“ações práticas” (Joel Rufino dos Santos)	-
o preconceito	“o poder do professor” (Joel Rufino dos Santos)	-
[d]a mais longa escravidão das Américas	a educação	-
“espoliação”	“o diálogo” (Eliane	-

(aboliconista Joaquim Nabuco)	Cavalleiro)	
o baixíssimo número de negros e pardos que atingem cargos de grande representatividade até os dias de hoje	“Antirracismo” (Eliane Cavalleiro)	-
“relatos de treinadores negros” (Marcel Tonini)	material didático voltado para o combate ao preconceito racial em sala de aula	-
Um dos relatos mais recentes	o primeiro passo	-
ofensas que [o árbitro] Chagas ouviu na partida	“o discurso contra o preconceito” (Eliane Cavalleiro)	-
situações parecidas	o esforço de tentar solucionar a chaga do racismo	-
as bananas	as boas práticas de respeito (Jeremi Duru)	-
“[a]o racismo” (Marcel Tonini)	esse bom combate	-
uma conversa com a namorada em que ele [o dono do time Los Angeles Clippers] pede para não divulgar fotos ao lado de negros	-	-
Uma situação tão grave que o negro Barack Obama, presidente dos Estados Unidos, se manifestou	-	-
“a sua ignorância” [do ignorante] (Barack Obama)	-	-
um ato como o de Campayo Lleo	-	-
[d]o racismo	-	-
situações humilhantes	-	-
“ideologias racistas” (educadora Eliane Cavalleiro)	-	-
“práticas	-	-

	discriminatórias” (Eliane Cavalleiro)		
	“Racismo” (Eliane Cavalleiro)	-	-
	as manifestações de intolerância	-	-
	o racismo	-	-
Total	55	44	32
		131	

2. Predicações verbais encontradas no *corpus*

2.1.T1

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal
Agente do racismo	-	jogaram bananas contra jogadores negros na Europa
	Os próprios europeus	Parecem incapazes de fazer (uma reação contra a discriminação nos campos de futebol)
	Países	se consideram “brancos e civilizados”
	A Europa “civilizada”	se enriqueceu às custas da escravidão e do seu corolário – a discriminação e a redução dos negros a “bárbaros”
	[A Europa “civilizada”]	Vieram com a cruz e a espada a “civilizar-nos”, isto é, destruir as populações nativas e submete-las ao jugo da dominação colonial
	[A Europa “civilizada”]	Tiraram milhões de africanos do seu mundo para trazê-los como animais a trabalhar como escravos para explorar as riquezas daqui e enviá-las para enriquecer a Europa “civilizada”
	essa mesma Europa	Praticava [a escravidão]
	Ninguém/ [salvo] o solitário Hegel	tomou conhecimento da Revolução Haitiana contra a dominação da França “emancipada” por sua revolução
	a Europa “civilizada”	joga no abandono a milhões de

		peças – antes de tudo os imigrantes
Racismo	o racismo	mostra toda sua força
	o racismo	aparece nos também nos campos de futebol
	[o racismo]	sem que gere indignação na Europa “civilizada”
Vítima do racismo	Daniel Alves	resolveu comer a banana
	Neymar	declarou: Somos todos macacos
	os imigrantes	foram trabalhar em condições degradantes quando suas economias os necessitavam
Total:		15

2.2.T2

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicações verbais
Reação ao racismo:	O protesto	viralizou e ganhou a adesão de famosos
	Luciano Huck e Angélica, Ivete Sangalo, Alexandre Pires e até Inri Cristo	posaram com a banana
	o movimento “Somos todos macacos”	não foi tão espontâneo
	A sacada de Neymar	na verdade já estava planejada por uma agência de publicidade
	A imagem promocional [da venda da camiseta da grife de LH]	mostra um casal de modelos brancos
	Seu ato [de Daniel Alves]	já pode ser considerado um marco na luta contra o racismo no futebol
	[O ato de Daniel Alves ser considerado um marco na luta contra o racismo]	não significa que devemos dar de ombros para o racismo e achar que a melhor saída é ignorar a ofensa
	A tal campanha e na cola dela uma camisetinha bem oportunista	Vem [...] sem buscar questionamentos mais elaborados sobre a questão racial [...] sem se prender a questões mais profundas como defender cotas raciais ou questionar porque morrem mais negros do que brancos por causas violentas.
	[os criadores da	Dizem [“somos todos

	#SomosTodosMacacos]	macacos”, ou seja, iguais e o racismo é uma coisa de idiotas que estão lá do outro lado do mundo]
Racismo	[Chamar uma pessoa de cor de macaco]	Coloca o negro em uma posição subalterna em relação ao branco
	[Chamar uma pessoa de cor de macaco]	aludir a um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva
	[Chamar uma pessoa de cor de macaco]	É pesado e cheio de subtextos, diferente de “tição”, por exemplo
	“tição”	alude só ao tom da pele
	nenhum racista	questiona que os humanos são primatas
	[Admitir que “somos todos macacos”]	traz o significado implícito de que somos todos iguais
	as ofensas	são tão corriqueiras que não surpreende deixar uma resposta pronta
	o problema do racismo	voltou para a agenda de discussão sem a necessidade de hashtags artificiais e famosos forçando semblante indignado no Instagram
Vítima do racismo	Daniel Alves	reagir com maestria a uma provocação racista
	Neymar	postou no Instagram uma foto segurando uma banana com a hashtag “somostodosmacacos”
	negros e pardos	não somos e nem gostamos de ser chamados de macacos
	Daniel Alves	protestou com espontaneidade e irreverência
	[Daniel Alves]	fez o melhor que possível naquele momento, em pleno campo e antes de cobrar um escanteio
	[Daniel Alves]	Foi notícia no mundo inteiro
Total:		23

2.3.T3

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicações verbais
Vítima do racismo	[O pigmeu Ota Benga]	ficou em exibição junto a macacos no zoológico do Bronx, Nova York, em 1906
	Ota	foi levado do Congo para Nova York
	sua exibição [de Ota Benga] em um zoológico americano	serviu como um exemplo do que os cientistas da época proclamaram ser uma raça evolucionária inferior ao ser humano
	A história de Ota	serviu para inflamar crenças sobre a supremacia racial ariana defendida por Hitler
	Sua história	é contada no documentário “The Human Zoo”
	[Daniel Alves]	comer a banana jogada ao campo
	[Jogadores de futebol, na maioria negros]	buscarem o sonho de vencer na carreira desde cedo
	[Jogadores de futebol, na maioria negros, por buscarem o sonho de vencer na carreira desde cedo]	pouco estudam.
	Os “fora de série” [Jogadores de futebol, na maioria negros, que pouco estudam]	são descobertos cada vez mais cedo
	[Os “fora de série”] [Jogadores de futebol, na maioria negros, que pouco estudam]	depois de alçados à condição de estrelas, <i>vivem um mundo à parte, numa bolha.</i>
	Poucos [jogadores de futebol, na maioria negros]	foram ou são aqueles que conseguem combinar genialidade esportiva e alguma coisa na cabeça
	Daniel	comeu a banana!
	[Nós] [os negros]	“Não vamos mudar [o racismo nos campos de futebol]” (DA)
	[Daniel Alves]	“Há 11 anos <i>convivo com a mesma coisa na Espanha</i> ” (DA)
	[Nós] [os negros]	“Temos que rir desses retardados.” (DA)
	Ele [DA]	elaborou uma reação objetiva ao racismo
[Nós] [os negros]	Vamos ignorar e rir!	

[Nós] [os negros]	Vamos fazer piada!
[Nós] [os negros]	Vamos olhar para esses idiotas racistas e dizer: sou rico, seu babaca! Sou famoso! Tenho 5 Ferraris, idiota! Pode jogar bananas à vontade!
Daniel Alves, Neymar, Dante, Balotelli e outros tantos jogadores de alto nível e salários	pouca chance terão de ser confundidos com um assaltante e de ficar presos alguns dias como no caso do ator Vinícius;
[Daniel Alves, Neymar, Dante, Balotelli e outros tantos jogadores de alto nível e salários]	pouco provavelmente serão desaparecidos, depois de torturados e mortos, como foi Amarildo;
[Daniel Alves, Neymar, Dante, Balotelli e outros tantos jogadores de alto nível e salários]	possam ter seus corpos arrastados por um carro da polícia como foi Cláudia
[Daniel Alves, Neymar, Dante, Balotelli e outros tantos jogadores de alto nível e salários]	não terão que correr da polícia e acabar sem vida com seus corpos jogados em uma creche qualquer
[Daniel Alves, Neymar, Dante, Balotelli e outros tantos jogadores de alto nível e salários]	<i>Apesar das bananas, dificilmente serão tratados como animais, ao buscarem vida digna como refugiados em algum país cordial, de franca democracia racial, assim como as centenas de Haitianos o fazem no Acre e em São Paulo.</i>
[Nós] [os negros]	dizer que sua reação não nos serve!
[Nós] [os negros]	parafrasear Daniel, na invertida [...]
[Nós] [os negros]	Nós precisamos mudar!
[Nós] [os negros]	Convivemos há 500 anos com a mesma coisa no Brasil
[Nós] [os negros]	Temos que acabar com esses racistas retardados, especialmente os de farda e gravata”
[Enunciador-autor]	Eu adoro banana
[Enunciador-autor]	E acho os macacos bichos incríveis, inteligentes e fortes
[Enunciador-autor]	Adoro o filme Planeta dos Macacos

	[Enunciador-autor]	imagino o quanto os seres humanos merecem castigo parecido [ao que recebem os seres humanos do filme Planeta dos Macacos] [sempre que assisto [ao filme], especialmente o primeiro
Racismo	A comparação entre negros e macacos	é racista em sua essência
	O racismo	os incomoda
	[O racismo]	os atinge
	[o racismo]	“[...] tá resolvido [se se enriqueceu]”
	“problema [...]”	“[...] é de classe”
	O racismo	não os atinge dessa maneira
	[o racismo]	Mas <i>os atinge</i>
Reação ao racismo	sua reação	é proporcional
	[comer a banana de dinamite, ou chupar as balas dos fuzis, ou descascar a bala das facas]	Não será possível para nós, negras e negros brasileiros e de todo o mundo, que não tivemos o talento (ou sorte?) para o estrelato [...]
Total:		42

2.4.T4

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicações verbais
Vítima do racismo	Dois jogadores da expressão de Daniel Alves e Neymar, admirados tanto na seleção quanto no Barcelona	manifestando-se publicamente contra o racismo
	Dois jogadores da expressão de Daniel Alves e Neymar, admirados tanto na seleção quanto no Barcelona	têm um peso enorme
	um ídolo negro que tome partido	[que] não seja apenas espectador da realidade que o cerca e o oprime por causa de sua cor
	Ninguém	merece ser chamado de macaco sob o estigma da segregação racial
	Neymar	disse, em começo de carreira, que não se enxerga como negro
Reação ao racismo	O mote [da campanha]	é não levar atos de racismo tão

		a sério, brincar com o preconceito até que o agressor se canse das ofensas
	O troco de Daniel Alves	foi sanguíneo, sarcástico
	[O troco de Daniel Alves]	[mas] precisa de um discurso forte e incisivo para complementá-lo
	a luta contra mais de um século de menosprezo	vai muito além
	Ignorar o preconceito ou debochar da estupidez do torcedor que atira uma banana ao gramado	é dar as costas ao
Racismo	Isso [ser chamado de macaco]	é grave e nunca pode ser relativizado.
	nosso passado de escravidão	que ainda se reflete em cores vivas no futebol, nas escolas, nas ruas, em nosso presente
	Talvez por isso a discriminação que [Neymar] sofre em alguns campos da Europa	o faça preferir tratar o assunto com desdém ao agressor, em vez de assumir seu papel social como craque, adotar uma postura combativa – de fato – ao racismo e reivindicar punição às autoridades do futebol
	[Nós] [as pessoas em geral – referente genérico]	não somos macacos
Total		14

2.5.T5

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal
	essas manifestações virtuais	têm outro ponto importante e perigoso: o terapêutico
Reação ao racismo	Elas [essas manifestações virtuais]	livram a nossa consciência de qualquer culpa
	[Elas] [essas manifestações virtuais]	nos deixam livres para os próximos pecadinhos
	as hashtags	Depois começaram [...]
	As hashtags que unem pessoas em posts e tuitaços	deixam de lado qualquer espaço de reflexão genuína
	essa onda de solidariedade em cápsula	Então de onde vem [...] ?

	[essa onda de solidariedade em cápsula]	Será a prova que agora atingimos o ponto ideal de evolução humana capaz de aceitarmos uns aos outros?
	essas manifestações virtuais	têm outro ponto importante e perigoso: o terapêutico
	Elas [essas manifestações virtuais]	livram a nossa consciência de qualquer culpa
	[Elas] [essas manifestações virtuais]	nos deixam livres para os próximos pecadinhos
	Opiniões partidárias	solidificam posições éticas como leis de conduta
	[Opiniões partidárias]	e deixam de lado a escolha pessoal e o raciocínio
	Brigar contra o racismo no esporte	significa o quê?
	a solidariedade virtual	não viria [...] Se não tivesse reagido, como as muitas vezes anteriores [...] ?
	[Daniel Alves não ter reagido]	Seria menos racismo ou menos espetáculo para o grande público?
	frases de efeito	[é] O que a gente menos precisa nestes casos
	a hashtag	seja ela generosa com quem for, me incomoda muito
	ocasiões para você provar, na prática, que não é racista e nem nenhum outro "_ista" do mal	não vão faltar
Vítima do racismo	o Daniel Alves	foi mais uma vez ofendido nos campos na Europa
	[Nós] [as pessoas negras]	#somostodosmacacos
	Eu [enunciador-autor] [pessoa negra]	não sou macaco não
	ele [Daniel Alves]	comeu
	[Eu] [enunciador-autor]	ái já vi a pá virando pro lado do capeta da ignorância
	pretos	mas [...] não são confiáveis
	o ofendido	revidou
	O Daniel Alves	tem todo o direito de se sentir ofendido
	[Daniel Alves]	faz parte da ínfima minoria em que o racismo, que infelizmente existe, não fere, não exclui, não mata
	E eu [enunciador-autor]	pessoalmente, acredito que só virou uma comoção, esse meme

		todo, porque ele reagiu.
	ele [DG]	como várias outras vítimas negras da violência urbana, nem nome tem
	O DG	não teve tempo de dar resposta
	Ele [DG]	não foi o negro de raça que responde a ofensa e marca o gol
	Ele, figurante de global ainda sem estrela [DG]	morreu, como milhares de outros jovens negros morrem todos os dias vítimas da violência e, em especial, da violência policial
	as pessoas	morrem e se machucam de verdade [na vida real]
Racismo	Violências contra a mulher, contra índios e negros	estão longe de ser uma novidade em nosso país
	[Violências contra a mulher, contra índios e negros]	praticamente fazem parte da nossa identidade nacional
	Macaco, um animal tão fofo	ofende alguém?
	Quarto de empregada	é racismo?
	As provocações aos jogadores em campos europeus	são sim racistas
	[As provocações aos jogadores em campos europeus]	e fazem parte de um contexto local dos campos
	[As provocações aos jogadores em campos europeus]	estão dentro de um espectro muito diferente da vida real
	O racismo de opinião, de ofensa,	desculpe-me, esse não me preocupa.
Total		41

2.6.T6

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal
	os episódios de insultos racistas nos estádios de futebol	crecem a olho nu
	O Código Comercial brasileiro, instituído em 1850 e parcialmente revogado em 2002	qualificava os africanos escravizados como semoventes, como animais
	A propaganda nazista	equiparava judeus a ratos
Racismo	A violência verbal, simbólica, a redução do outro à condição animal	não se limita ao plano discursivo, ao xingamento, à palavra aparentemente inofensiva
	Ela [a violência verbal, simbólica, a redução do outro à condição animal]	serve como justificativa e autorização para a violência física, sanguinária, genocida
	O núcleo duro da ideologia racista	assenta-se exatamente na falácia da hierarquização entre seres

		humanos
	Episódios como o insulto ao lateral Daniel Alves	devem servir, tal como previsto no Estatuto do Torcedor, para mobilizar governos, confederações, federações, ligas, clubes, entidades esportivas, torcedores, sociedade e indivíduos em torno de uma agenda positiva, capaz de assegurar a prevenção e não apenas a repressão da violência nos esportes
	o racismo	Enquanto diferença for associada à inferioridade, o racismo <i>vai continuar se manifestando nos estádios e no dia a dia dos brasileiros</i>
Vítima de racismo	Daniel Alves	expressou sua indignação diante de uma manifestação racista que, segundo revelou, o persegue desde que mudou-se para a Europa
	O jogador Neymar, que há algumas semanas foi vítima de ato racista semelhante	solidarizou-se com seu colega de time
	[O jogador Neymar]	publicou fotografia dele próprio saboreando uma banana
	[O jogador Neymar]	e, segundo consta, teria lançado uma campanha contra o racismo intitulada "Somos Todos Macacos"
	Neymar	fotografia dele próprio saboreando uma banana
Ação contra o racismo	A ação exemplar do Villarreal ao reprimir severamente o torcedor	deve servir de modelo para nosso país
	Ação preventiva	requer atuação cotidiana, permanente, norteada para as causas do racismo e não apenas para seus efeitos
	Um exemplo simples mas emblemático	cabe perfeitamente nesta quadra
	nossa resposta ao racismo	deve ser [Somos todos seres humanos]
Total:		17

2.7.T7

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal
Vítimas do racismo	Neymar	Conte comigo
	ele mesmo [NJ] e muitos outros atletas	têm sofrido [atitudes racistas] em estádios pelo mundo afora
	[DA]	se preparava para bater um escanteio no jogo entre Villareal e Barcelona
	Neymar	segurando uma banana descascada, ao lado de seu filho, Davi Lucca
	Neymar e a agência	aguardavam apenas o momento oportuno de lançar a campanha
	Daniel Alves	comendo a banana que lhe foi jogada
	Jogadores agredidos por atos de racismo	costumam ter dois tipos de comportamento
	Daniel Alves	inaugurou um terceiro tipo: o bom humor
	[DA]	pegou a fruta, descascou e comeu
	Daniel Alves	declarações que <i>deu após o jogo</i>
	[DA]	não tinha intenção de iniciar movimento algum
	[DA]	Só queria rir dos racistas.
	[DA]	“Tem que ser assim. Não vamos mudar”, disse ele
	[DA]	“Há 11 anos convivo com a mesma coisa na Espanha. Temos que rir desses retardados.” (DA)
	Neymar	“lançou a campanha Somos Todos Macacos para mostrar que temos todos a mesma origem” (Dilma Rousseff)
	Daniel Alves	“teve atitude” (Dilva Rousseff)
	Daniel Alves	teve atitude diante de uma atitude?
	Neymar	Conte comigo
Reação ao racismo	Qualquer manifestação que diminua o impacto de atitudes racistas	deve ser incentivada
	[d]a campanha lançada por Neymar	e que tomou conta da internet no último domingo
	“Somos todos macacos”	foi a resposta do jogador mais famoso do Brasil às atitudes racistas que ele mesmo e muitos

	outros atletas têm sofrido em estádios pelo mundo afora
A campanha de agora	foi motivada pela banana atirada em Daniel Alves quando ele se preparava para bater um escanteio no jogo entre Villareal e Barcelona
A foto de Neymar	chegou ao meu computador
tudo	Foi rápido demais
a foto	era bonita demais
[a foto]	Parecia coisa de agência de publicidade
Todas aquelas fotos das celebridades que aderiram à campanha antirracista expondo-se de forma, às vezes, ridícula ao lado de uma banana	diziam que o assunto é mais sério do que uma simples pose gaiata na internet pode indicar são muitos os tipos de banana e muitas as formas de preconceito
Qualquer manifestação que diminua o impacto de atitudes racistas	deve ser incentivada
Total	28

2.8.T8

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal
	Assumir	é congelar essa imagem
	assumir que somos todos macacos	autoriza que as iniciativas de jogar bananas no gramado e imitar o som de animais prossigam
	No entanto, a imagem do macaco	não tem como ser positivada, mesmo que assumida, pois o símio nunca será humano
Racismo	Comparar ao macaco, em cantos, bananas jogadas ou onomatopeias	não se trata somente de uma comparação em função da cor da pele, ou mesmo pela origem continental
	uma estratégia	que mantém os negros como desumanizados, ou seja, incapazes de atender às demandas da chamada civilização ocidental principalmente no atual desenvolvimento do capitalismo que exclui

	essa relação de saber-poder	mantém os privilégios de poucos
	Assumir	é congelar essa imagem
	Apesar de o evolucionismo natural e depois social	ter sido sistematizado como conhecimento científico na segunda metade do século 19, por Darwin e Spencer a escala de superioridade de civilizações, em função da cor da pele, principalmente, sustentou todo o tráfico escravista
	Essas lógicas	foram assumidas na constituição do Brasil como nação
Vítima do racismo	[Daniel Alves]	Ao juntar a banana e comê-la, desconstruiu ao vivo o ato racista frente a milhões de pessoas que assistiam ao jogo
	[Daniel Alves]	Concluiu lembrando através das redes sociais que o alimento lhe deu energia para o jogo, considerando ser um alimento utilizado por atletas
	os negros	Grosso modo, inicialmente, os negros foram apontados pela Igreja como sem alma e os índios como crianças que precisavam ser civilizadas
	os negros	Depois, os negros foram mantidos como bens móveis, assim como os animais de fazenda
Reação ao racismo	O ato de Daniel Alves no jogo contra o Villarreal	pode ser considerado um enfrentamento ao racismo
	A luta pelo direito à cidadania	passa efetivamente pela derrubada desses estereótipos e não pelo seu reforço
Total		15

2.9.T9

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal
Vítimas do racismo	[de] Neymar e [de] seu pai	[se, em vez de] procurarem uma agência de publicidade
	[Neymar e seu pai]	[será que] pagaram pela campanha, receberam [...]?
	[Neymar e seu pai]	procurassem instituições ou pessoas que entendem de luta antirracista
	[Neymar e seu pai]	usassem o prestígio do jogador para colocar a agência a serviço

	dessas instituições
O ativista Douglas Belchior	explica: “O racismo é algo muito sério[...]”
esse bando de negros incompetentes	há séculos <i>tentando achar daqui e dali</i> uma maneira de combater o racismo [sócio da Loduca]
esse bando de negros incompetentes	ainda não havia descoberto a moderníssima técnica de ridicularização da qual são vítimas quase que diariamente [sócio da Loduca]
muitos movimentos negros	nos quais atuam brasileiros, querem mesmo é não ter que engolir mais racismo
o próximo jogador	[que] fosse vítima de uma bananas iria comê-la
seus funcionários negros	(sim, eles sempre são chamados para validar uma atitude do patrão branco, numa versão corporativa do “tenho amigos negros”) o que eles achavam da ideia
boa parte dos movimentos negros	estava combatendo a presença de racismo em Caçadas de Pedrinho, livro infanto-juvenil distribuído pelo governo
Tia Anastácia	ser chamada de macaca
mulatinho	fazendo o jogo do galego [escritor Monteiro Lobato]
a mestiçagem do negro	destroem (sic) a capacidade construtiva [escritor Monteiro Lobato]
o filho [NJ]	ser alvo de racismo
esse filho	não se vê como preto
uns pretos	realizando o trabalho de plantar, colher, recolher e comer
os movimentos	negros estão, há décadas, tentando estabelecer [diálogo]
a gente [o movimento negro]	tivesse conseguido ter esse diálogo
A gente	sabe que não funciona [o pensamento mágico como o da democracia racial]
[d]a maioria dos nossos atletas	[ao] lidar com o racismo
Os caras [os jogadores de Basquete do Los Angeles Clippers]	protestaram contra declarações racistas do dono do time
[os jogadores de Basquete do	reunindo-se antes de uma partida,

	Los Angeles Clippers]	no centro da quadra, retirando seus uniformes e usando as camisas de aquecimento do lado do avesso, escondendo o logo do time
	Obama	foi a público condenar a atitude incrivelmente ofensiva e racista
Reação ao racismo	o caso	passou dos limites
	[d]essa história	não é tão simples como parece
	a ideia	partiu do pai do Neymar
	essa campanha	envolvendo Neymar
	“Esse tipo de postura e reação despolitizadas e alienantes de esportistas, artistas, formadores de opinião e governantes”	“tem um objetivo certo: o: escamotear seu real significado do racismo que gera desde bananas em campo de futebol até o genocídio negro que continua em todo o mundo.” (ativista Douglas Belchior)
	essa atitude despolitizada da agência de propaganda de Neymar, comprada por milhares de pessoas a quem o racismo diz muito pouco, porque não os fere diretamente	gera “conceitos” e certezas assim, ditas por seu sócio e vice-presidente de criação: “Descobrimos que a melhor forma de combater o racismo seria ridicularizar os racistas”
	tudo [a campanha]	me parece tudo muito orquestrado
	esse discurso de engolir	parecia já estar pronto
	o caso	é grave
	essa campanha do Neymar, apoiada pela Dilma	me fez decidir de vez que, se tem “Copa contra o racismo”, estou na oposição
	a ideia de combater o racismo e proclamar a paz	foi dele [de Aldo Rebelo]
	a ideia de colocar jogadores em campo, carregando flâmulas e faixas contra o racismo e pela paz	Seria dele também [de Aldo Rebelo]
	a ideia de fazer algo contra o racismo durante a Copa	Tinha sido dele [de Aldo Rebelo]
	interesse [de Aldo Rebelo]	que soa, no mínimo, contraditório com sua trajetória em relação aos interesses da população negra. Ou em completo acordo com a sua atitude de não nos ouvir
	a camiseta	já estava pronta também [...] ?
	[a camiseta]	apenas esperando uma “oportunidade”?

	[a camiseta]	está sendo vendida em uma seção chamada “Camisetas do Bem”
	essa campanha	também é [racista]
	Essa campanha	é vazia, burra, rasa, oportunista, leviana, desrespeitosa, criminosa
Racismo	“O racismo”	“é algo muito sério” (Douglas Belchior)
	“[d]o racismo”	“que gera desde bananas em campo até o genocídio negro” (Douglas Belchior)
	“o genocídio negro”	“que continua em todo o mundo” (Douglas Belchior)
	“uma defesa dessa ordem [da ordem da Ku Klux Klan]”	“mantém o negro no seu lugar” (Monteiro Lobato)
	os ataques racistas contra ele [Neymar]	já acontecem há algum tempo
	O nosso bom e velho racismo	continuará durante e depois da Copa
	[O nosso bom e velho racismo]	talvez apenas não se manifeste durante os jogos
	bananas atiradas em campo, guinchos e trejeitos imitando macacos	ainda estão aí para provar [que a democracia racial não funciona]. Não para negar
Ação contra o racismo	muitos movimentos negros	querem mesmo é não ter que engolir mais racismo
	boa parte dos movimentos negros	estava combatendo a presença de racismo em Caçadas de Pedrinho
	Anos de luta dos movimentos negros para que racismo seja considerado crime	vão por água abaixo quando uma presidenta acha que está tudo bem “punir criminosos” [...] com a “resposta ousada e forte” (palavras dela no Twitter) de se comer banana!
Total		54

2.10. T10

Elemento de <i>frame</i> relativo à cadeia do referente predicado	Referente predicado	Predicação verbal
Vítima do racismo	o jogador brasileiro Daniel Alves	desencadeou um campanha global contra o preconceito racial
	o jogador brasileiro [o jogador brasileiro]	resolve mudar o curso da história de vítima, passa a protagonista
	ele [o jogador brasileiro]	para, olha, corre para a frente, pega a fruta, descasca e a enfia na boca
	o atleta	conseguiu criar uma rede de mobilização contra o racismo, iniciada no próprio domingo com Neymar
	Neymar	postou uma foto reproduzindo o gesto no Instagram
	jogadores negros brasileiros	relatam ser alvo de racismo há muitos anos
	os estrangeiros	entrarem ilegalmente na Europa
	os negros	brilham e se sobressaem, em diferentes modalidades [de esporte]
	“um negro”	“provavelmente está sofrendo algum tipo de preconceito [enquanto esta reportagem estiver sendo lida]” (Joel Rufino dos Santos)
	“Um negro”	“pode ser seu vizinho”
	“o jovem com cor de pele mais escura”	“não vai poder namorar sua filha branca” (Giovanni Harvey)
	a população negra	é maioria
	[muitos jogadores negros]	quando conseguem atingir posições mais altas [em cargos de representatividade no futebol] acabam sendo humilhados por causa da cor da pele
	“treinadores negros”	“ouviam dos presidentes dos clubes que seriam demitidos por sua cor” (Marcel Tonini)
	[d]o árbitro Márcio Chagas	foi chamado de macaco enquanto apitava um jogo entre Esportivo e Veranópolis, no Campeonato Gaúcho
	Chagas	decidiu apitar até o fim do campeonato e pelo quarto ano consecutivo foi eleito o melhor árbitro
	ele [Chagas]	deixou os campos
	o negro Barack Obama	se manifestou
	o líder do governo	afirmou [...]

	norteamericano	
	os negros	passarão por menos situações humilhantes
	a criança	convive com ideologias racistas e práticas discriminatórias
Ação contra o racismo	esse movimento antirracista	não pode se restringir ao esporte
	a cena	dura apenas seis segundos
	[a cena de seis segundos]	foi o suficiente
	imagens de personalidades do Brasil e do mundo segurando ou comendo uma banana acompanhadas da hashtag 'somos todos macacos'	pulularam nas redes sociais
	os esforços antirracistas	já estão concentrados na Copa do Mundo
	essa mobilização	não pode ficar restrita às arenas esportivas
	as reações contrárias	mostram um desejo genuíno em favor da democracia racial
	Ações como as cotas para negros [...] louváveis	visam a compensar a desigualdade, não a diminuir o preconceito
	a punição contra o Esportivo	foi muito branda (para Chagas)
	sua postura [da Fifa]	segue o que está escrito no Artigo 3 do estatuto da organização
	a educação	tem um papel essencial para caminhar rumo ao fim do racismo
	o esforço de tentar solucionar a chaga do racismo	também pode ser pensado de dentro para fora (professor de direito da Universidade de Washington Jeremi Duru)
	as boas práticas de respeito	podem se repetir além das quatro linhas (Jeremi Duru)
	Racismo	uma banana
essas ações de intolerância		precisam ser banidas
o racismo		se escancara no universo dos esportes
Atos racistas		costumam provocar espanto em parte dos brasileiros
os casos de intolerância		são muito mais numerosos do que as estatísticas reproduzem
Total		40

Anexos

I. Definições de racismo em dicionários

Língua espanhola: Diccionario de la lengua española

1. m. Exacerbación del sentido racial de un grupo étnico que suele motivar la discriminación o persecución de otro u otros con los que convive.
 2. m. Ideología o doctrina política basada en el racismo.
- (Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em 03 jun. 2019)

Língua francesa: Larousse

nom masculin

DÉFINITIONS

1. Idéologie fondée sur la croyance qu'il existe une hiérarchie entre les groupes humains, les « races » ; comportement inspiré par cette idéologie.
2. Attitude d'hostilité systématique à l'égard d'une catégorie déterminée de personnes : Racisme antijeunes.

(Disponível em : <https://www.larousse.fr/>. Acesso em 03 jun. 2019)

Língua inglesa: Dictionary.com

noun

3. a belief or doctrine that inherent differences among the various human racial groups determine cultural or individual achievement, usually involving the idea that one's own race is superior and has the right to dominate others or that a particular racial group is inferior to the others.
4. a policy, system of government, etc., based upon or fostering such a doctrine; discrimination.
3. hatred or intolerance of another race or other races.

(Disponível em: <https://www.dictionary.com/>. Acesso em 03 jun. 2019)